

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS ESTRANGEIRAS E
TRADUÇÃO

JAQUELINE PRESTES DE SOUZA

Tradução e relações de poder no relato de um viajante sobre o Brasil: aspectos políticos e sociais do Estado Novo em duas traduções de *Through the Brazilian wilderness*, de Theodore Roosevelt

Versão corrigida

São Paulo

2024

JAQUELINE PRESTES DE SOUZA

Tradução e relações de poder no relato de um viajante sobre o Brasil: aspectos políticos e sociais do Estado Novo em duas traduções de *Through the Brazilian wilderness*, de Theodore Roosevelt

Versão corrigida

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Lenita Maria Rimoli Pisetta

São Paulo
2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

SS729t Souza, Jaqueline Prestes de
t Tradução e relações de poder no relato de um viajante sobre o Brasil: aspectos políticos e sociais do Estado Novo em duas traduções de *Through the Brazilian wilderness*, de Theodore Roosevelt / Jaqueline Prestes de Souza; orientadora Lenita Maria Rimoli Pisetta - São Paulo, 2024.
300 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Letras Modernas. Área de concentração: Estudos da Tradução.

1. Tradução. 2. Estado Novo. 3. Expedições científicas. 4. Diplomacia cultural. I. Pisetta, Lenita Maria Rimoli, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Anuência do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Jaqueline Prestes de Souza

Data da defesa: 14/12/2023

Nome do Prof. (a) orientador (a): Prof^a. Dr^a. Lenita Maria Rimoli Pisetta

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 02/02/2024

Lenita Maria Rimoli Pisetta

(Assinatura do (a) orientador (a))

SOUZA, Jaqueline Prestes de. **Tradução e relações de poder no relato de um viajante sobre o Brasil:** aspectos políticos e sociais do Estado Novo em duas traduções de *Through the Brazilian wilderness*, de Theodore Roosevelt. Tese (Doutorado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Letras.

Aprovado em: 14/12/2023

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Lenita Maria Rimoli Pisetta Instituição: Universidade de São Paulo
Julgamento _____ Assinatura _____

Prof^a. Dr^a. Eliza Mitiyo Morinaka Instituição: Universidade Federal da Bahia
Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. Miguel Nenevé Instituição: Universidade Federal de Rondônia
Julgamento _____ Assinatura _____

Prof^a. Dr^a. Marly D’Amaro Blasques Tooge Instituição: Universidade de São Paulo
Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. John Milton Instituição: Universidade de São Paulo
Julgamento _____ Assinatura _____

Dedico este trabalho especialmente à minha mãe, pela força que sempre representou na minha vida e, principalmente, pelo incentivo aos estudos e à busca pelo sucesso acadêmico. A senhora sempre me influenciou a constantemente procurar conhecimento, e agradeço muito por isso!

À minha irmã, que inicia sua jornada acadêmica agora, espero poder partilhar muitas de suas próprias conquistas num futuro próximo. Você vai longe!

Aos meus amores, marido e filhas, que amo tanto, tanto: essa vitória também é de vocês! Obrigada infinitamente pelo apoio, pelos abraços, carinhos e sorrisos de ânimo, e perdão pelas ausências também. Foi um longo caminho, e agora podemos ver que valeu muito a pena! Minhas meninas tão amadas: quero ser também uma inspiração na vida de vocês, para sempre estudarem e procurarem o melhor caminho, através do conhecimento! Ao meu amado: obrigada pelo apoio incondicional e também por não medir esforços para que esse sonho se concretizasse!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pela vida e pela família que me cerca e me deu apoio nesta conquista. Peço perdão pelas ausências frequentes na convivência cotidiana, mas foi por uma boa causa. À minha afilhada, nascida em meio a uma pandemia, sua chegada nos trouxe muita alegria e espero que eu possa de alguma forma te ajudar a trilhar seus caminhos de conhecimento, dedico esse trabalho para você também! Às pessoas amadas que perdemos durante esse período (Virgínia e Regina), a saudade ainda é grande e também presto aqui minha homenagem e agradecimentos, a força vinda de vocês foi inspiradora! À minha madrinha tão querida, Helena, assim como sua mãe, Raimunda (segunda mãe para mim), grata pela torcida de vocês, carinho e palavras de fé e força!

Aos meus amigos de longa data, alguns que tenho desde a infância: Babi, Diego, Narinha, Nessa e Elza, sei que vocês estão vibrando junto comigo com essa conquista, amo vocês!

Agradecimento especial à minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Lenita Maria Rimoli Pisetta, pela luz com que me guiou através desta caminhada acadêmica. Foi uma jornada e tanto poder aprender com você, e sou grata por ter partilhado comigo seu vasto conhecimento nos Estudos da Tradução!

Às instituições: Universidade Federal de Rondônia, agradeço a oportunidade concedida para me dedicar aos estudos. À FFLCH/USP e ao PPG-LETRA pela formação e pelos conhecimentos adquiridos.

O caminho percorrido até tornar este trabalho possível foi cheio de histórias e pessoas. As histórias nem sempre foram boas, mas as pessoas boas que passaram por mim foram essenciais para que as coisas ficassem mais leves... Desde antes da minha entrada no PPG-LETRA, tive a companhia de quem torceu muito por mim e pelo meu sucesso, e jamais poderia esquecer de vocês!

À querida Dona Bete, minha vizinha em SP, que muito mais que uma anfitriã, foi companheira, com uma palavra doce de conforto, de sabedoria, pois acompanhou uma parte de um ano muito turbulento na minha vida. Seus conselhos e ânimo ficarão para sempre na minha memória, você foi e sempre será especial para minha família! As amigas Giovana Marchese e Juliana Hass, que também conheci nessa mesma época, me apoiaram e incentivaram a entrar no doutorado: obrigada pela partilha dos conhecimentos, aprendi e me inspirei muito em vocês! Também desse período tenho muito a agradecer ao prof. John Milton e sua família, pois além do apoio e conversas acadêmicas, os momentos de convivência das crianças também foram

especiais, obrigada pela amizade contínua e por tudo! Também agradeço aos professores das disciplinas que cursei como aluna especial: Wille Bolle e Karen Lisboa, pela ampliação do olhar Pós-Colonial sobre o viajante estrangeiro, e Paulo Oliveira, que me possibilitou os primeiros conhecimentos sobre a Sociologia da Tradução e leituras acerca da Tradução e relações de poder. Professores e amigos da UNIR, Miguel Nenevé e Marília Pimentel, que apoiaram minha entrada no doutorado: minha gratidão também!

Já como aluna do doutorado, também pude contar com as trocas de experiências e ideias com pessoas que, direta ou indiretamente, posso dizer que contribuíram para a escrita deste trabalho. Aos professores das disciplinas cursadas: Álvaro Faleiros, John Milton, Lenita Pisetta e Thiago Mattos: meu muito obrigada! Muito do que aprendi com vocês está consolidado ao longo destas páginas, que não encerram minha curiosidade e questionamentos sobre a pesquisa, ainda! Agradeço também aos membros da banca de qualificação, pelas tantas contribuições valiosas que trouxeram a este trabalho.

Taís Diniz Martins e Silvio D’Onofrio, que me ajudaram com os questionamentos sobre Monteiro Lobato: a pulguinha atrás da minha orelha ainda não saiu, se foi ele ou não quem terminou a tradução da CEN! Quem sabe um dia ainda descubro? Daniel Garcia, pelas ideias trocadas e pela importante ajuda na Florestan Fernandes, obrigada! Carolina da Cunha Rocha, que me enviou contribuições que ajudaram a elucidar muitos pontos sobre a tradução feita pelo Ministério da Agricultura, e Thiago Mourelle, do Arquivo Nacional, pelos auxílios com as pesquisas sobre o período do Estado Novo: venho aprendendo ainda muito com vocês nas discussões sobre Getúlio Vargas, muito grata!

Aos que, mesmo a uma longa distância, lá da *Library of Congress*, torceram por mim e pelo meu sucesso: Suzanne Schadl e Henry Granville Widener, da Hispanic Room (que também se preocupou em conseguir material e digitalizar para a pesquisa), gratidão a vocês! Quem também me auxiliou à distância, ao gentilmente fotografar e me enviar fontes valiosas de pesquisa, foi Erik Johnson, arquivista e coordenador da Biblioteca Digital do Theodore Roosevelt Center (thanks a lot!).

Precisei recorrer às redes sociais para encontrar os parentes que me auxiliassem com dados para a biografia do tradutor Conrado Erichsen. Agradeço aos seus descendentes, diretos ou colaterais, que atenderam ao meu pedido de informações: Luzita Erichsen e Izabel Cristina Vidigal Erichsen (que me proporcionou uma fotografia do avô, e pude finalmente ver o rosto do homem que traduziu meu objeto de estudo). Também agradeço a Juliana Erichsen por ter me colocado em contato com a pesquisadora Elizabeth Setti, autora de uma obra sobre Emília Erichsen, fundadora do primeiro jardim de infância do Brasil e que era esposa de Conrado

Erichsen, dinamarquês que se estabeleceu no Brasil no início do século XIX e geraram juntos uma grande parte da família Erichsen estabelecida no Paraná. Setti me ajudou a entrar em contato com parentes do tradutor que pesquisei, os quais me forneceram informações importantes para traçar sua biografia: João Alberto Guimarães Erichsen e Eduardo Erichsen, suas contribuições elucidaram muitos pontos sobre Conrado Erichsen, e agradeço a vocês por isso! Também importante foi o contato com Nilceia Maria Zens, da Casa de Cultura Emília Erichsen, de Castro/PR, que me ajudou, através da leitura da Genealogia Paranaense, a entender os parentescos entre tantos nomes parecidos dentro da mesma família.

À Estagiária e Monitores do Centro de Memória e Pesquisa Histórica (CMPH), da Unifesp/Guarulhos: Ana Luíza Afonso Dias de Freitas, Bárbara Caroline Silva da Costa e Peterson Mendes Paulino, a ajuda de vocês para localizar documentação relativa à Companhia Editora Nacional foi imprescindível para preencher algumas lacunas da pesquisa e, por isso, tenho muito a agradecer a vocês!

Aos profissionais da saúde que atuaram com seriedade nos anos extremamente turbulentos de pandemia, e que cuidaram da vida e da saúde coletiva de todos nós que sobrevivemos à COVID-19 (apesar de tudo, e de tanto): expresso meu respeito e admiração por vocês. Minha gratidão especial vai para os que cuidaram da minha saúde nesse período. Seria injusto tentar escrever todos os nomes aqui, pois tenho medo de esquecer algum... Mas, se estive sob seus cuidados nos últimos 4/5 anos, sinta-se homenageado também, pois seu profissionalismo me ajudou a continuar de pé em tempos tão desafiadores para a saúde física e especialmente mental, que atravessei nesse período. Deixo a vocês o meu muito obrigada!

SOUZA, Jaqueline Prestes de. **Tradução e relações de poder no relato de um viajante sobre o Brasil**: aspectos políticos e sociais do Estado Novo em duas traduções de *Through the Brazilian wilderness*, de Theodore Roosevelt. 2023. 300 fls. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

RESUMO

A presente pesquisa apresenta a obra *Through the Brazilian wilderness*, de Theodore Roosevelt, escrita em 1914, após sua viagem de caráter científico-naturalista ao interior da selva amazônica, e as duas traduções brasileiras: *Nas selvas do Brasil* (1943), editada pelo Ministério da Agricultura e traduzida por Luís Guimarães Júnior, e *Através do sertão do Brasil* (1944), publicada pela editora comercial Companhia Editora Nacional e traduzida por Conrado Erichsen. Foi possível observar que o caráter de propaganda do Brasil foi fortemente incentivado pelos governos de cada época, tanto na ocasião da publicação do relato (1914) quanto especialmente na recepção das duas traduções no Brasil (1943-44), de modo a conjugar políticas de Estado com o conteúdo presente no livro e, assim, atender a diferentes motivações na projeção do país, no exterior ou internamente. As traduções chegaram ao Brasil no contexto da II Guerra Mundial, época do Estado Novo de Getúlio Vargas, quando havia censura e interferência do governo em vários setores da sociedade, incluindo manifestações culturais. No mesmo período, Os Estados Unidos apoiavam os países Aliados na II Guerra, e queriam evitar que os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) pudessem captar apoio dos países latino-americanos. Para tanto, houve uma estreita aproximação do governo dos EUA junto aos países do hemisfério, no sentido de estabelecer cooperação continental para fortalecer a chamada Política da Boa Vizinhança. A iniciativa visava, em várias esferas (ideológicas, culturais, econômicas, políticas) exercer a hegemonia dos americanos junto aos países vizinhos, através de estratégias de *soft power*. Partindo do pressuposto de que a tradução é um ato político, onde dificilmente se pode manter a neutralidade, entende-se que a Sociologia da Tradução é o arcabouço teórico que permite a identificação dos fatores políticos e sociais do Estado Novo e da Política da Boa Vizinhança presentes na chegada do texto de Theodore Roosevelt traduzido no Brasil.

Palavras-chave: Sociologia da Tradução – Estado Novo – Política da Boa Vizinhança – Theodore Roosevelt – agenciamento na tradução

SOUZA, Jaqueline Prestes de. **Translation and power relations in a traveler's account about Brazil: Social and Political Aspects of Getúlio Vargas's Estado Novo in two translations of *Through the Brazilian wilderness*, by Theodore Roosevelt. 2023. 300 fls. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.**

ABSTRACT

This research presents the book *Through the Brazilian wilderness*, by Theodore Roosevelt, written in 1914, after his scientific-naturalist trip to the interior of the Amazon Forest, and its two Brazilian translations: *Nas selvas do Brasil* (1943), published by the Ministry of Agriculture and translated by Luís Guimarães Júnior, and *Através do sertão do Brasil* (1944), published by the commercial publisher Companhia Editora Nacional, translated by Conrado Erichsen. It was observed that the propaganda of Brazil was strongly encouraged by the governments of each period, both at the time when Roosevelt's book was published (1914) and especially at the reception of the two translations in Brazil (1943-44), in order to combine State interests with the content presented in the book and, thus, meet different motivations in the projection of the country, abroad or internally. The translations arrived in Brazil in the context of World War II, at the time of Getúlio Vargas' Estado Novo, when there was censorship and government interference in various sectors of society, including cultural manifestations. In the same period, the United States supported the Allied countries in World War II, and wanted to prevent the Axis countries (Germany, Italy and Japan) from gaining support from Latin American countries. For this purpose, there was a close approach between the US government and countries in the hemisphere, with the aim of establishing continental cooperation to strengthen the so-called Good Neighbor Policy. The initiative aimed, in various spheres (ideological, cultural, economic, political) to exercise American hegemony over neighboring countries, through soft power strategies. Starting from the assumption that translation is a political act, in which neutrality can hardly be maintained, it is understood that the Sociology of Translation is the theoretical framework that allows the identification of the political and social factors of the Estado Novo and the Good Neighbor Policy present in the reception of Theodore Roosevelt's text translated in Brazil.

Keywords: Sociology of Translation – Estado Novo – Good Neighbor Policy – Theodore Roosevelt – translation agency

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - The world's constable (o policial do mundo), cartoon de 1905 que mostra TR com o grande porrete, onde se lê "a nova diplomacia", alusão à sua política do <i>big stick</i>	22
Figura 2 - No <i>cartoon</i> intitulado "A primeira pá" (The first spadeful), TR é representado "cavando" o caminho do Canal do Panamá e jogando a terra sobre Bogotá, capital da Colômbia.	23
Figura 3 - Theodore Roosevelt (no centro da foto) foi o primeiro presidente americano a realizar viagem ao exterior durante o mandato, em 1906, ao inspecionar pessoalmente o andamento das obras do Canal do Panamá.....	24
Figura 4 - TR e os gigantes magnatas capitalistas dos trustes americanos, em luta na Wall Street, representados em <i>cartoon</i> como na luta bíblica de Davi e Golias.....	25
Figura 5 - Domador de leões" (the lion-tamer)	26
Figura 6 - Kermit na canoa, ao centro, na descida do Rio da Dúvida	46
Figura 7 - Mapa pessoal de Roosevelt - Expedição.....	49
Figura 8 - Mapa interativo São Paulo - Belém do Pará	50
Figura 9 - Fotografia de Theodore Roosevelt escrevendo seu relato de viagem para a revista Scribner's ..	53
Figura 10 - Entrevista de Landor em Paris sobre a viagem Roosevelt-Rondon	56
Figura 11 - Café da manhã à beira da cachoeira do Salto Belo	61
Figura 12 - Fluxo para tradução - organograma interno	94
Figura 13 - Ofício de Rondon ao Ministro da Agricultura Fernando Costa	95
Figura 14 - Carta de Edith Roosevelt para Rondon.....	96
Figura 15 - Theodore Roosevelt, Jr para Rondon	97
Figura 16 - Carta de William M. Cruikshank para o Coronel Amilcar A. Botelho de Magalhães	98
Figura 17 - Assinatura de tratado entre Brasil e Estados Unidos no Palácio Itamaraty, Rio de Janeiro, RJ - 03/09/1942	99
Figura 18 - Presidente Getúlio Dornelles Vargas recebe em audiência comissão de técnicos norte-americanos, Palácio Rio Negro, Petrópolis, RJ - 04/09/1942.....	101
Figura 19 - Marcha para o oeste	107
Figura 20 - Uma das primeiras casas de seringueiros avistadas pelos membros da Expedição	110
Figura 21 - Chamamento do SEMTA para motivar os homens a atuarem com patriotismo e trabalharem nos seringais na Amazônia	112
Figura 22 - Chamamento do SEMTA para mobilizar soldados da borracha para a Amazônia	112

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Livros publicados através do projeto “Assistance to Latin American Publishers” pelo serviço de informação agrícola.....	103
Quadro 2 - Livros publicados através do projeto “Assistance to Latin American Publishers” pela companhia Editora Nacional.....	115
Quadro 3 - CIRCULAÇÃO DE THROUGH THE BRAZILIAN WILDERNESS E SUAS TRADUÇÕES	133
Quadro 4 - Linguagem rebuscada	151
Quadro 5 - Miscigenação da população.....	153
Quadro 6 - Integração dos indígenas na sociedade	155
Quadro 7 - Colonização do interior do Brasil	157
Quadro 8 - Sobre os seringueiros.....	159
Quadro 9 – <i>breakfast</i> vertido como almoço	161
Quadro 10 - Trechos com ideais vinculados ao governo Vargas	162

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	JUSTIFICATIVA	14
1.2	OBJETIVOS.....	16
1.2.1	Objetivo Geral	16
1.2.2	Objetivos Específicos	16
1.3	PROBLEMA DE PESQUISA	17
1.4	HIPÓTESE DE TRABALHO	17
1.5	METODOLOGIA	18
2	BREVE PERFIL DO AUTOR DO RELATO: THEODORE ROOSEVELT	22
3	O CONTEXTO DA EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA ROOSEVELT-RONDON	35
3.1	ATRAVÉS DO INTERIOR DO MATO GROSSO	43
3.2	SELVA ADENTRO.....	45
3.3	A CONSTRUÇÃO DO RELATO E SUA RECEPÇÃO NOS EUA.....	51
3.4	A REPERCUSSÃO DA VIAGEM NO BRASIL DE 1914-15.....	55
4	CONTEXTO POLÍTICO E SOCIAL DO BRASIL QUE RECEPCIONOU AS TRADUÇÕES DE <i>THROUGH THE BRAZILIAN WILDERNESS</i>	64
4.1	O ESTADO NOVO DE GETÚLIO VARGAS (1937-1945)	64
4.2	O <i>NEW DEAL</i> AMERICANO E O GOVERNO DE FRANKLIN D. ROOSEVELT	66
4.3	ANOS ANTERIORES À II GUERRA: CENÁRIOS NOS EUA E BRASIL	68
4.4	BRASIL: O TRAMPOLIM DA VITÓRIA	74
4.5	O “ <i>OFFICE</i> ”	75
4.6	INFLUÊNCIAS DO OCIAA NA CULTURA	79
5	TRADUTORES E TRADUÇÕES: O BRASIL QUE RECEPCIONOU AS TRADUÇÕES DE <i>THROUGH THE BRAZILIAN WILDERNESS</i>	86
5.1	BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A ERA DE OURO DA TRADUÇÃO NO BRASIL.....	86
5.2	O CRESCIMENTO DA ATIVIDADE TRADUTÓRIA E DAS EDITORAS NA ERA VARGAS	88
5.3	OS AGENTES E OS INTERESSES NA TRADUÇÃO E RECEPÇÃO DE <i>THROUGH THE BRAZILIAN WILDERNESS</i> NO BRASIL.....	91

5.4 OS TRADUTORES E AS TRADUÇÕES: COMO FOI RECEBIDA A OBRA <i>THROUGH THE BRAZILIAN WILDERNESS</i> ?	116
5.5 O TRADUTOR: LUÍS GUIMARÃES JÚNIOR	116
5.6 A TRADUÇÃO: NAS SELVAS DO BRASIL	118
5.7 O TRADUTOR: CONRADO ERICHSEN	125
5.8 A TRADUÇÃO: ATRAVÉS DO SERTÃO DO BRASIL	128
5.9 A CIRCULAÇÃO ATUAL DE <i>THROUGH THE BRAZILIAN WILDERNESS</i> E SUAS TRADUÇÕES	131
6 O OLHAR SOCIOLÓGICO SOBRE A TRADUÇÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	135
6.1 ASPECTOS SOCIOLÓGICOS NAS TRADUÇÕES DE <i>THROUGH THE BRAZILIAN WILDERNESS</i>	144
6.2 RESULTADOS E ALGUNS ASPECTOS CONSTANTES OBSERVADOS NO COTEJO	148
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	164
7.1 DESDOBRAMENTOS E FUTURAS PESQUISAS	165
REFERÊNCIAS	168
APÊNDICE A – COTEJO	174
ANEXO I - PREFÁCIO DA 1ª EDIÇÃO	274
ANEXO II – APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO <i>NAS SELVAS DO BRASIL DE 1976</i>	278
ANEXO III - CRÍTICA À TRADUÇÃO DE <i>NAS SELVAS DO BRASIL</i> , PUBLICADA NO DIÁRIO DE NOTÍCIAS DE 07/10/1945	280
ANEXO IV – RESPOSTA DE AMILCAR MAGALHÃES A ERNESTO VASCONCELLOS	283
ANEXO V – PROPAGANDA DO SEMTA COMPLETA	285
ANEXO VI – CORRESPONDÊNCIA ENTRE COMPANHIA EDITORA NACIONAL E CHARLES SCRIBNER'S SONS	292
ANEXO VII – Mapa do Rio da Dúvida na Edição da Revista SCRIBNER'S de 1914	300

1 INTRODUÇÃO

O interesse pela obra central desta pesquisa surgiu durante a realização do meu Mestrado em Letras pela Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). O fato de ser filha de Rondônia, estado que foi batizado em homenagem ao militar Cândido Mariano da Silva Rondon, e de voltar o olhar de pesquisadora para a região, principalmente para falar de uma viagem que ganhou notoriedade internacional, dado seu visitante ilustre, foram decisivos para a escolha do tema. Naquela ocasião, o enfoque dado ao relato de viagem concentrava-se em lançar um olhar Pós-Colonial às falas de Theodore Roosevelt, o 26º presidente dos Estados Unidos, principalmente suas manifestações em relação aos brasileiros e à sua forma de encarar, com uma visão de estrangeiro, o modo de vida, as dificuldades ocorridas durante a viagem, e seus comentários sobre o que foi visto, coletado e vivido por ele e os membros da Expedição Científica Roosevelt-Rondon. Esta viagem, empreendida juntamente com Rondon, famoso sertanista e indigenista brasileiro, ocorreu entre fins de 1913 e começo de 1914. Foi denominada como de caráter científico e objetivava coletar espécies da fauna brasileira para o Museu Americano de História Natural, patrocinador de Roosevelt na jornada.

Como parte da pesquisa de mestrado, empreendi viagem de coleta de informações em bibliotecas universitárias nos Estados Unidos, bem como a lugares relacionados ao legado de Theodore Roosevelt. Pude conhecer um acervo de referência especialmente dedicado a ele, localizado na Houghton Library, em Harvard. Conheci também o Museu Americano de História Natural, em Nova Iorque, destino de todos os espécimes coletados nessa expedição de Roosevelt no Brasil, embora o setor específico que abrigava a coleção estivesse fechado para reforma no momento da visita. A visita a Sagamore Hill, a “Casa Branca” de verão da família Roosevelt, foi bastante significativa. Itens históricos, como o famoso *Big Stick* que ele ganhou numa viagem à África, o qual também denominou sua política externa enquanto presidente, era um dos itens expostos, além de muitos detalhes do seu estilo de vida e de sua família.

Naquele momento, baseando-me em autores das Teorias Pós-Coloniais, busquei contrastar tais ideias de desconstrução do discurso colonizador com as observações feitas a partir do olhar de um estrangeiro na Amazônia, e registradas no relato de viagem, cujo público-alvo era o americano. O que despertou a atenção para aspectos possivelmente relacionados à tradução foi a falta de um apêndice completo ao final do livro, na tradução utilizada naquela pesquisa. A edição brasileira com a qual trabalhei, *Nas Selvas do Brasil*, foi a de 1976, publicada pela Itatiaia/USP, a qual fez parte da Coleção Reconquista do Brasil. Então, verificando alguns trechos entre o texto de partida e a tradução apresentada ao público

brasileiro, ficou a pergunta: se um apêndice completo faltou nessa tradução, o que mais poderia ter acontecido na obra que chegou aos nossos leitores?

Outro fato que chamou atenção: na edição de 1976 havia um prefácio assinado por Apolônio Sales, ministro da Agricultura durante o governo de Getúlio Vargas.

Ocorre que o referido prefácio não trazia informações mais consolidadas e que pudessem situar e informar o leitor que a tradução teria chegado ao Brasil durante o Estado Novo. O diretor da coleção da Itatiaia, Mário Guimarães Ferri, detém-se apenas a dizer que “A 1ª edição brasileira conta com prefácio de Apolônio Sales, então Ministro da Agricultura.” (ROOSEVELT, 1976, p. 11).

No citado prefácio, fica evidente que havia interesses governamentais na publicação da tradução, tamanha a simpatia com que Sales elogia as figuras de Theodore e Franklin Delano Roosevelt, este último presidente dos EUA na mesma época em que Vargas era presidente do Brasil. O período da Segunda Guerra Mundial marcou a chamada Política da Boa Vizinhança, liderada pelos Estados Unidos e que, nas palavras de Tota (2020)

[...] respeitaria a autonomia dos vizinhos do sul. Isso era uma reversão da política de intervenções que vinha, como vimos, desde a guerra com o México já na primeira metade do século XIX. “Bons vizinhos devem cumprir acordos e respeitar tratados”, era a mensagem de FDR [Franklin Delano Roosevelt, presidente dos EUA]. [...] Assim, os americanos estavam cumprindo os desígnios de transferir a seus vizinhos os valores americanos. Os valores do americanismo composto pela ideia de democracia, de progresso, de uma sociedade mais justa. Em outras palavras, os americanos queria persuadir, de qualquer maneira, a América Latina a cerrar fileiras com a “grande democracia” na luta contra a Alemanha. (TOTA, 2020, p. 160)

Os americanos tinham interesses sólidos em exercer, sob as mais diversas frentes, sua hegemonia sobre os países de todas as Américas, de modo a manter sua influência e afastar os perigos nazistas/fascistas representados pelos membros do Eixo neste lado do hemisfério. Então, a partir das palavras iniciais encontradas no livro, também procurei marcas que relacionassem a tradução com alguma espécie de motivação extraeditorial (política?) na publicação da obra.

Após alguns anos de finalização do mestrado, realizei estudos independentes buscando informações que pudessem esclarecer os questionamentos surgidos a respeito da tradução do livro. Foi quando iniciei como aluna especial na USP, no ano de 2018, com a trajetória narrada acima.

A releitura de *Through the Brazilian wilderness*, bem como suas duas traduções, frutos do trabalho de Luís Guimarães Júnior (Nas selvas do Brasil) e de Conrado Erichsen (Através do Sertão do Brasil), me proporcionou lançar um olhar não mais voltado apenas para as questões pós-coloniais tratadas durante o mestrado. O relato do viajante Roosevelt, suas impressões

sobre tudo o que ele observou, especialmente quando narra os elementos humanos, ganhou outras conotações quando passei a cotejar a obra com as duas traduções. Há uma presença constante de menções de Roosevelt a questões raciais, de miscigenação da população com a qual ele teve contato. Isso, aliado às hipóteses de influências ou interferências dos agentes da tradução que atuaram nos textos que chegaram ao público brasileiro, gerou muitas inquietações por ocasião dessas releituras. Foi tarefa difícil retirar o olhar pós-colonial ao interpretar os trechos, pois ele foi a base de minha formação desde a iniciação científica, na graduação, principalmente ao ter contato com as biografias dos envolvidos, em outros textos que subsidiaram o presente trabalho. O objetivo, aqui, é expandir a visão para agregar o campo dos Estudos da Tradução na elaboração desta tese.

Para tanto, as leituras de autores como André Lefevere, Michaela Wolf, Itamar Even-Zohar, entre outros, foram primordiais para adquirir os conceitos-chave da Sociologia da Tradução. Os textos que informam sobre o período histórico das traduções também colaboraram muito para situar o original e suas traduções na historiografia da tradução no Brasil, na época que Wyler (2003) chamou de “Período de Ouro”.

1.1 JUSTIFICATIVA

As obras trabalhadas na pesquisa são *Through the Brazilian Wilderness*, publicada pela Charles Scriber’s Sons em 1914, nos Estados Unidos, e suas duas traduções brasileiras: *Nas selvas do Brasil*, publicada pelo Serviço de Informação do Ministério da Agricultura em 1943, e *Através do Sertão do Brasil*, publicada por uma editora comercial, a Companhia Editora Nacional, em 1944.

Trata-se de um relato de Theodore Roosevelt, ex-presidente dos Estados Unidos, sobre a ocasião em que viajou, em outubro de 1913, à América do Sul, para cumprir agenda de palestras no Brasil, Argentina e Chile, e posterior coleta de espécimes da nossa fauna para a coleção do Museu Americano de História Natural, patrocinador principal da viagem. Houve uma alteração nos planos iniciais, que configuravam uma viagem de caráter científico-naturalista pelo interior do Brasil e pelo trecho já conhecido do rio Tapajós, pois Roosevelt, assim que chegou ao Brasil, em outubro, foi convidado pelo governo brasileiro a escolher, entre algumas opções, um novo percurso, pelo qual seria guiado pelo militar e sertanista brasileiro Cândido Mariano da Silva Rondon. Sempre afeiçoado a aventuras, Roosevelt se decidiu por atravessar um rio completamente desconhecido até aquele ano de 1913. A nova viagem ocorreu, então, entre dezembro de 1913 até início de maio de 1914.

A obra original recebeu muito destaque no ano de seu lançamento, no final de 1914. Em pesquisa realizada em arquivos digitais de jornais da época, verificou-se que a recepção da obra pelo grande público foi muito boa, inclusive, com repercussão em outros países de língua inglesa. Já no Brasil não houve divulgação do lançamento, e o livro ficou desconhecido dos brasileiros até a publicação de suas traduções. Um relato que apresenta uma visão de um eminente estadista, como Roosevelt, sobre o Brasil, com suas indicações do potencial de exploração do interior do país, ficou por um longo tempo muito mais conhecido no exterior do que entre os que foram retratados na obra.

O livro levou 30 anos para chegar ao conhecimento do público brasileiro. As traduções foram lançadas no Brasil nos anos 1940, período da Política da Boa Vizinhança, época de incentivos financeiros do governo americano para que houvesse uma maior integração entre os EUA e os países da América Latina, com divulgação das culturas dos latinos nos EUA e vice-versa, bem como da censura em diversos veículos de comunicação promovida pelo governo de Vargas, entre outros acontecimentos que serão mais detalhados adiante.

Assim, a pesquisa busca compreender: a) as circunstâncias políticas e sociais sob as quais os textos traduzidos foram recepcionados, bem como o nível das influências ou interferências dos agentes literários envolvidos; b) elementos nos textos que evidenciam o contexto histórico das obras, e possíveis interesses na publicação das traduções, vinculadas com fatores externos à obra, mas pertencentes ao momento histórico que o Brasil atravessava; e c) analisar conceitos da Sociologia da Tradução presentes nas edições brasileiras, a partir de conceitos como normas (Toury) e patronagem (Lefevere), não se limitando a estes autores.

No cotejo das obras, observou-se, em muitos momentos, na edição da Companhia Nacional, uma busca persistente do sentido literal das palavras expressas por Roosevelt, tanto de um modo geral como nas suas observações (às vezes bem incisivas, produto de seu tempo e sociedade) sobre a miscigenação racial no Brasil. Sobre o mesmo aspecto, observou-se a atenuação nas palavras utilizadas na versão do Ministério da Agricultura, que instigou esta pesquisa a observar, durante o cotejo, se tal ação constituiu o caminho utilizado durante todo o texto das traduções, e ainda, quais outros elementos poderiam ser observados, principalmente quando o relato narra a difícil travessia da Expedição Roosevelt-Rondon através da selva amazônica.

Buscou-se, também, identificar as razões de aquele determinado momento ter sido o escolhido pelos agentes responsáveis por trazer as traduções para o Brasil, aquilo que Berman (2013) denomina de *Kairós*, o momento favorável para a obra adentrar no nosso sistema literário. As escolhas editoriais e/ou tradutórias sempre são revestidas de fundamentos,

intenções, posicionamentos, como os estudiosos da Sociologia da Tradução observam: as motivações podem ser as mais variadas possíveis, de ordem cultural, ideológica, política, econômica. Buscou-se averiguar se houve elos, tanto na escolha do momento da chegada da obra específica de Roosevelt naquele contexto do Estado Novo e Política da Boa Vizinhança, quanto a presença de aspectos que serviriam para enfatizar valores e ideologias que vigoravam no Brasil que recebeu as traduções.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

A presente proposta de pesquisa tem por objetivo investigar e compreender o processo de tradução do relato da viagem de caráter científico-naturalista pelo interior do Brasil, realizado por Theodore Roosevelt, tendo como referência o livro *Through the Brazilian Wilderness* (1914) e suas duas traduções brasileiras: *Nas selvas do Brasil* (1943) e *Através do Sertão do Brasil* (1944).

Foi feita uma análise das obras traduzidas a partir da perspectiva conceitual da Sociologia da Tradução, a qual permite identificar de quais modos as relações de poder, os agentes envolvidos nas traduções e os contextos político e social, tanto do Estado Novo como da Política da Boa Vizinhança, manifestaram-se na atividade tradutória, bem como suas influências na composição final das obras traduzidas.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Analisar as escolhas dos tradutores brasileiros da obra *Through the Brazilian wilderness*, para identificar conceitos da Sociologia da Tradução, a exemplo de normas, censura, engajamento na tradução, agenciamento, manipulação, patronagem, sem excluir outros que possam ser relacionados;
- Situar o período histórico das traduções nos contextos político e social do Brasil que as recepcionou;
- Observar no cotejo entre as obras se há, nas traduções, a atenuação de elementos que façam referências à miscigenação da população brasileira e/ou outros temas;
- Investigar no cotejo as ocorrências nas quais os tradutores de *Through the Brazilian wilderness* no Brasil omitiram, atenuaram ou censuraram certos

elementos sensíveis; se existentes, quais elementos; e se estas alterações seguem algum tipo de padrão;

- A partir de conceitos-chave dos estudiosos da Sociologia da Tradução, investigar o ato tradutório como ato político, bem como o cenário em que as traduções ocorreram e os possíveis motivos para as escolhas dos agentes envolvidos na tradução da obra de Roosevelt no Brasil.

1.3 PROBLEMA DE PESQUISA

Uma característica comumente encontrada nos relatos de viagem de estrangeiros no Brasil, especialmente os situados até o século XIX, é a referência à miscigenação do povo brasileiro e quanto isso chega a impressionar os viajantes, a tal ponto de ser destacado em seus escritos.

As traduções cotejadas neste trabalho foram publicadas por duas editoras, com focos e áreas de atuação distintas: uma comercial (Companhia Editora Nacional), outra governamental (Serviço de Informação Agrícola/Ministério da Agricultura). Pressupõe-se que editores e tradutores, ao selecionar uma obra para ser levada ao conhecimento do público, ponderam todo um conjunto de fatores. A depender das circunstâncias, as decisões podem, de algum modo, alterar temas sensíveis ou convenientes presentes na obra original, ao observar o *politicamente correto* e a aceitação do leitor ou do contexto. Diante da análise do cotejo entre original e as traduções, considerando possíveis direcionamentos produzidos pelo mercado editorial ou instituições de governo, pôde-se estabelecer o problema de pesquisa:

Qual é a incidência, nas duas traduções brasileiras de *Through the Brazilian wilderness*, de fatores relacionados ao contexto político-social dos anos 1940 que podem ser identificados nos textos, bem como suas possíveis conexões com o tipo de editora que promoveu cada tradução?

1.4 HIPÓTESE DE TRABALHO

A composição final das obras traduzidas traz a possibilidade de representar, no texto de chegada, valores diferentes daqueles vigentes no momento histórico e social em que o texto foi elaborado, quando se consideram fatores extratextuais, como o político e o social, envoltos no processo na atividade de tradução. Diante disso, a presente pesquisa possui como hipóteses:

- O Brasil que recepcionou as traduções da obra de Roosevelt vivia um período de ditadura e controle do conteúdo produzido, com órgãos de governo que exerciam algum tipo de regulamentação ou filtro do material até sua apresentação ao

público. Nos anos 1930-1940, certos assuntos passaram a ser evitados ou censurados/autocensurados na produção artística nacional, assim como outros passaram a ser mais evidenciados, por serem condizentes com a ideologia estatal, o que poderia ter acontecido também em traduções comerciais, ou ainda nas independentes, dado o controle exercido pelo Estado sobre a produção intelectual da época.

- Nas traduções do relato de viagem de Roosevelt foram observadas atenuações de sentido, quando as observações do autor se referiam a questões de miscigenação da sociedade brasileira. Estas interferências podem constar no decorrer do texto de chegada, ou ainda, incidir sobre outros possíveis elementos sensíveis.
- A partir dos pressupostos acerca das normas, agenciamento e manipulação, entre outros, seria possível observar uma padronização nas escolhas dos tradutores de cada obra, ou uma adequação aos sentidos que se interligassem aos propósitos da imagem da sociedade brasileira que o governo queria representar.
- A Sociologia da Tradução permite analisar, do texto de partida ao contexto de chegada das obras, agentes e/ou elementos extratextuais desempenhando possíveis influências ou interferências no processo de tradução, assim como as prováveis motivações na seleção dos textos que adentrarão um sistema literário.
- A tradução *Nas selvas do Brasil* publicada em 1943 pelo Ministério da Agricultura pode ter recebido influências da Política da Boa Vizinhança, bem como partilhar das crenças vigentes estabelecidas durante o governo de Getúlio Vargas.

1.5 METODOLOGIA

Esta pesquisa é de cunho qualitativo. Envolve pesquisas bibliográficas, documentais e cotejos entre obras traduzidas nos idiomas inglês-português, além de pesquisa em autores dos Estudos da Tradução, especialmente os que abordem a Sociologia da/na Tradução e suas relações de poder, que possam fundamentar os pressupostos aqui nomeados. Também nos interessou traçar as relações extratextuais na seleção do texto de Roosevelt e seus desdobramentos, tanto na sociedade que recebeu a obra em 1914 (americana e brasileira, ainda que a obra tenha tardado 30 anos para ser conhecida por nós), quanto a que primeiramente conheceu o relato traduzido, na época do Estado-Novo de Vargas.

Foi feita extensa busca nos arquivos digitais da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional¹, bem como nos arquivos de jornais estrangeiros, principalmente americanos e britânicos, através do *Chronicling America*², da Biblioteca do Congresso (*Library of Congress* – LOC/EUA). Dois sites também muito pesquisados foram o *Theodore Roosevelt Center*³ e o da própria LOC⁴. Os resultados trouxeram vários elementos para enriquecer a pesquisa, como as informações sobre a recepção do original de Roosevelt no ano de lançamento, bem como a ausência de menções a tal fato no Brasil, e a recepção e menções sobre suas duas traduções no Brasil, com muita ênfase dada à edição publicada pelo Ministério da Agricultura. Também foi possível encontrar em jornais dos anos 1930-40 muitas menções aos políticos e agentes envolvidos na tradução, sem necessariamente relacioná-los com a publicação, de modo a compreender seus papéis veiculados na mídia da época. Para as traduções, foram pesquisadas as palavras-chave relacionadas às obras nas décadas de 1940 até 1980. Já para os tradutores, foi efetuada busca no período de 1920 a 1960, utilizando como critérios seus respectivos nomes e possíveis grafias.

Outras bases de dados foram consultadas, de forma a buscar resultados relacionados aos agentes americanos e brasileiros envolvidos no panorama político e social da época da recepção das traduções de *Through the Brazilian wilderness* no nosso país, bem como documentos ou outras evidências que pudessem esclarecer como se deu a chegada da obra no contexto estadonovista. A complexa rede de influências e personagens, entre tantas organizações dos governos dos EUA e Brasil, ou parceiras destes, possibilitou chegar aos resultados apresentados do decorrer desta pesquisa.

Pesquisas foram feitas, *in loco*, no acervo dedicado ao autor Monteiro Lobato, na biblioteca pública que leva seu nome em São Paulo. O objetivo era descobrir documentações relacionadas à tradução promovida pela Companhia Editora Nacional, dada a relevância de Monteiro Lobato dentro da editora, especialmente seu trabalho como tradutor. Embora estudiosos do mesmo afirmem que, além de ele traduzir diversas obras, também revisou ou finalizou várias outras, sem que seu nome constasse nos créditos finais, não foram encontrados nos seus arquivos originais, sob a guarda da referida biblioteca, algo relacionado a seu envolvimento com a tradução não finalizada por Conrado Erichsen (Através do sertão do Brasil).

¹ Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

² Disponível em <https://chroniclingamerica.loc.gov/>

³ Disponível em <https://www.theodorerooseveltcenter.org/>

⁴ Disponível em <https://www.loc.gov/>

Outra busca foi realizada junto ao Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP), de modo a procurar documentações referentes aos contratos, documentos e congêneres relativos à Companhia Editora Nacional. Neste órgão, obtivemos a informação de que uma grande parte estava sob a guarda do Centro de Memória e Pesquisa Histórica (CMPH), da Universidade Federal de São Paulo, Unifesp/Campus de Guarulhos. De fato, um grande acervo relativo à editora encontra-se sob a guarda do CMPH, parte ainda em tratamento, dos quais obtivemos resultados referentes à permissão da editora americana para tradução do livro de Roosevelt, pela Companhia.

Devido às influências da Política da Boa Vizinhança nas relações culturais com os países latino-americanos, buscou-se também verificar, em arquivos digitais, relações entre o *Office* de Rockefeller (mais detalhado adiante), sem excluir outros órgãos, pessoas e instituições possivelmente relacionados, tanto com a editora que promoveu a tradução governamental de 1943 (Ministério da Agricultura) quanto com a Companhia Editora Nacional, que publicou outra tradução quase concomitantemente (1944).

Para tanto, foram feitas também buscas em bases de dados, tais como:

- a) os relatórios anuais da Rockefeller Foundation⁵;
- b) o projeto⁶ *Opening the Archives: US Brazil relations 1910-1963*, parceria da Universidade Estadual de Maringá com a Brown University (que digitalizou e publicou diversos arquivos produzidos pela diplomacia americana no e sobre o Brasil);
- c) arquivos do NARA⁷ (*National Archives and Records Administration*) dos EUA, o qual, a depender da área, digitalizou apenas uma ínfima parte de seus arquivos físicos dos documentos produzidos por órgãos de Estado americanos (em constante atualização);
- d) Arquivo Nacional⁸, o qual disponibiliza parte da documentação produzida pelo Estado brasileiro;
- e) Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil⁹, da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), no intuito de encontrar documentação relativa ao Estado Novo.

Outras bases além das citadas também foram pesquisadas. Alguns acervos digitais restaram infrutíferos no que toca especificamente ao nosso objeto de estudo, porém, observou-

⁵ Disponível em <https://www.rockefellerfoundation.org/annual-reports/>

⁶ O projeto também conta com a parceria do NARA – National Archives/EUA e Arquivo Nacional/Brasil, disponível em <http://www.comcap.uem.br/cdo/index.html>

⁷ Disponível em <https://www.archives.gov/>

⁸ Disponível em <https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/login.asp>

⁹ Disponível em <https://cpdoc.fgv.br/>

se riqueza de material relacionado ao contexto da Política da Boa Vizinhança & Estado Novo, dando margem para futuros estudos que se dediquem a traçar a Historiografia da Tradução no Brasil, área que merece ampliação das pesquisas.

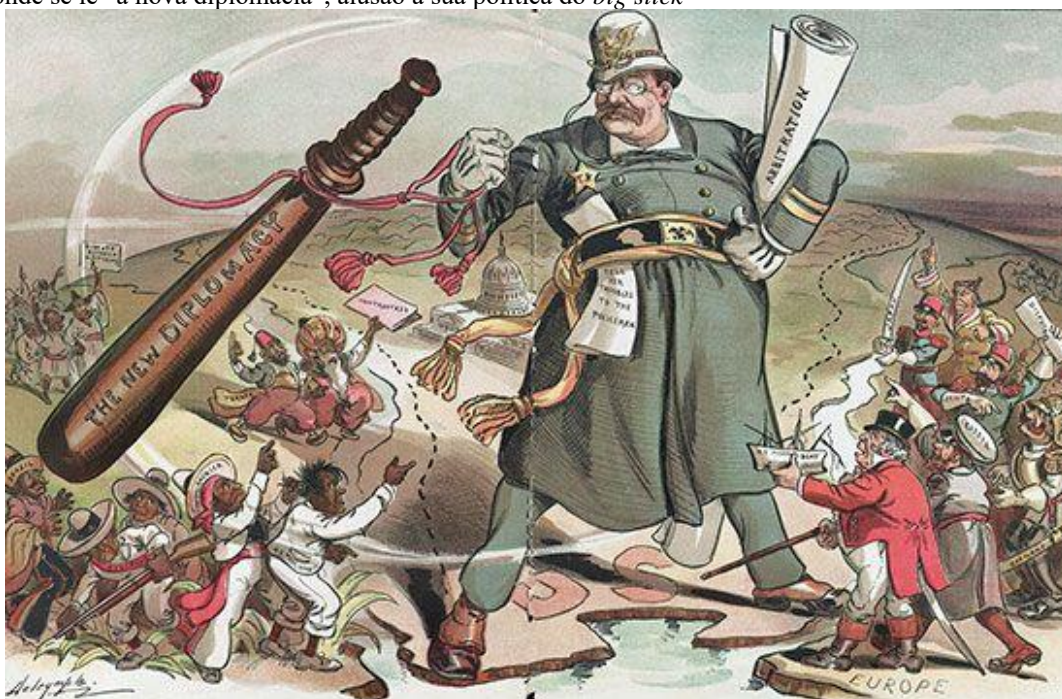
Muito ainda há de se explorar nas buscas, dado que grande parte da documentação está em processo de contínua atualização, de forma que não se encontra ainda integralmente digitalizada e disponível aos pesquisadores de forma virtual. Os caminhos percorridos não estão esgotados, e este trabalho não pretende ser uma conclusão definitiva sobre o estudo dos aspectos sociais e políticos da sociedade que influenciou e recepcionou o texto de Theodore Roosevelt, tido como um relato bastante positivo sobre o Brasil, dada a posição de seu autor no cenário mundial de sua época (e reverberações posteriores).

2 BREVE PERFIL DO AUTOR DO RELATO: THEODORE ROOSEVELT

Theodore Roosevelt foi o 26º presidente dos Estados Unidos (1901-1909)¹⁰, e seu governo marcou o início das investidas em políticas externas americanas mais incisivas, voltadas aos outros países das Américas. Passaremos a referenciá-lo como TR, como é comumente feito em citações a seu respeito. Uma de suas mais conhecidas políticas levou o nome de Corolário Roosevelt, derivada da Doutrina Monroe (América para os americanos, afastando interesses europeus sobre as nações de todas as Américas), na qual os EUA prometiam suporte frente às investidas de outros países no continente. Em outras palavras, o domínio das Américas passaria a ser executado pelos americanos.

Uma outra política aplicada em seu governo ficou conhecida como *Big Stick*¹¹ (Grande Porrete), na qual a diplomacia estadunidense garantiria sua hegemonia de poder entre os países das Américas e, em caso de insurgências, o poderio militar ou econômico daquele país poderia ser aplicado para manter a lei e a ordem no continente.

Figura 1 - The world's constable (o policial do mundo), cartoon de 1905 que mostra TR com o grande porrete, onde se lê “a nova diplomacia”, alusão à sua política do *big stick*



Fonte¹²: Biblioteca do Congresso

¹⁰ As informações aqui oferecidas baseiam-se nas obras de Millard (2007), Morris (2002), Ricard (2011) e Ward (2014) – consultar referências ao final do trabalho.

¹¹ Baseado no provérbio africano “*Speak softly and carry a big stick, you will go far*” (fale suave a carregue um grande porrete, e irá longe), foi a forma pela qual a diplomacia baseada na força e exercida durante o governo de TR ficou mais conhecida (*big stick*)

¹² Disponível em: <https://www.loc.gov/pictures/item/2014645367/>

E assim, dentre uma série de ações tomadas para alcançar tais objetivos, o governo de Roosevelt foi responsável pela construção do Canal do Panamá. Para isso, exerceu sua influência na população local para a organização de movimentos separatistas (do istmo que hoje forma o Panamá) da Colômbia. TR sempre criticou o que ele chamava de “mania de revolução” dos países latino-americanos e, inclusive, fez comentários a respeito desse assunto no seu relato de viagem. Mas quando foi necessário atingir seus próprios objetivos, não hesitou em movimentar os políticos e os locais para se desvincularem da Colômbia. Após a construção, os EUA garantiram sua parte na exploração econômica do Canal por mais de um século, compondo uma importante via de acesso navegável e economicamente rentável para todos os países interessados em diminuir suas rotas comerciais entre os oceanos Atlântico e o Pacífico.

Figura 2 - No *cartoon* intitulado “A primeira pá” (The first spadeful), TR é representado “cavando” o caminho do Canal do Panamá e jogando a terra sobre Bogotá, capital da Colômbia.



Fonte: Biblioteca do Congresso Americano¹³

¹³ Disponível em: <https://www.loc.gov/resource/cph.3c23074/>

Figura 3 - Theodore Roosevelt (no centro da foto) foi o primeiro presidente americano a realizar viagem ao exterior durante o mandato, em 1906, ao inspecionar pessoalmente o andamento das obras do Canal do Panamá



Theodore Roosevelt Collection, Harvard College Library

Fonte: Houghton Library, Harvard University¹⁴.

Internamente, seu mandato ficou conhecido pela criação de diversos parques nacionais para a preservação da fauna e meio ambiente. Roosevelt, por ter tido uma infância com um contato intenso com a natureza, acreditava que era obrigação dos governos manter a salvo a vida selvagem e os locais que serviam de *habitat* à fauna do país, de modo a preservá-los para as gerações futuras, como informa Morris (2002): “[a] lição de que o governo pode tanto servir quanto conservar, e que as gerações futuras têm tanto direito aos recursos naturais quanto as contemporâneas - permaneceu na mente de Roosevelt enquanto ele viajava pelo coração da América”¹⁵ (MORRIS, 2002, p. 223, tradução nossa¹⁶)

Roosevelt também atuou como combatente ferrenho dos trustes formados por grandes corporações econômicas de seu país, conglomerados de empresários como J.P. Morgan, John D. Rockefeller e outros, responsáveis por grandes monopólios como os dos bancos e o do petróleo, para citar alguns exemplos. Mais à frente, veremos que o neto de John D. Rockefeller,

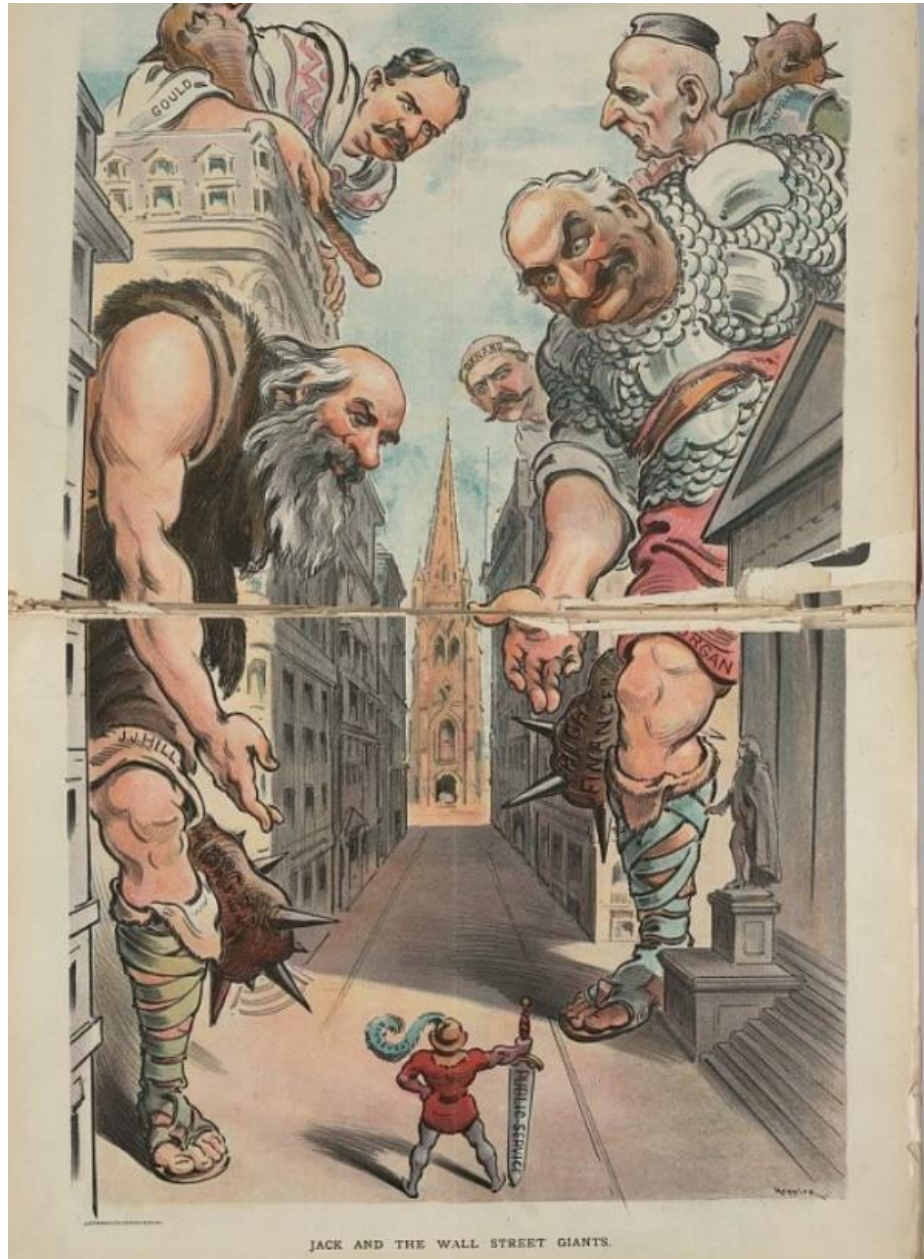
¹⁴ Disponível em: [https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/ids:18753284\\$1i](https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/ids:18753284$1i)

¹⁵ Texto original: [the] lesson that government can both serve and conserve, and that future generations had as much right to natural resources as contemporaries—remained on Roosevelt’s mind as he journeyed through America’s heartland.

¹⁶ Esta e todas as outras traduções a partir daqui são de minha autoria, salvo quando indicado nas referências

Nelson, veio a se juntar, no contexto da II Guerra Mundial, exatamente com outro membro da família Roosevelt que chegou à presidência, desta vez, Franklin Delano Roosevelt (primo distante de TR).

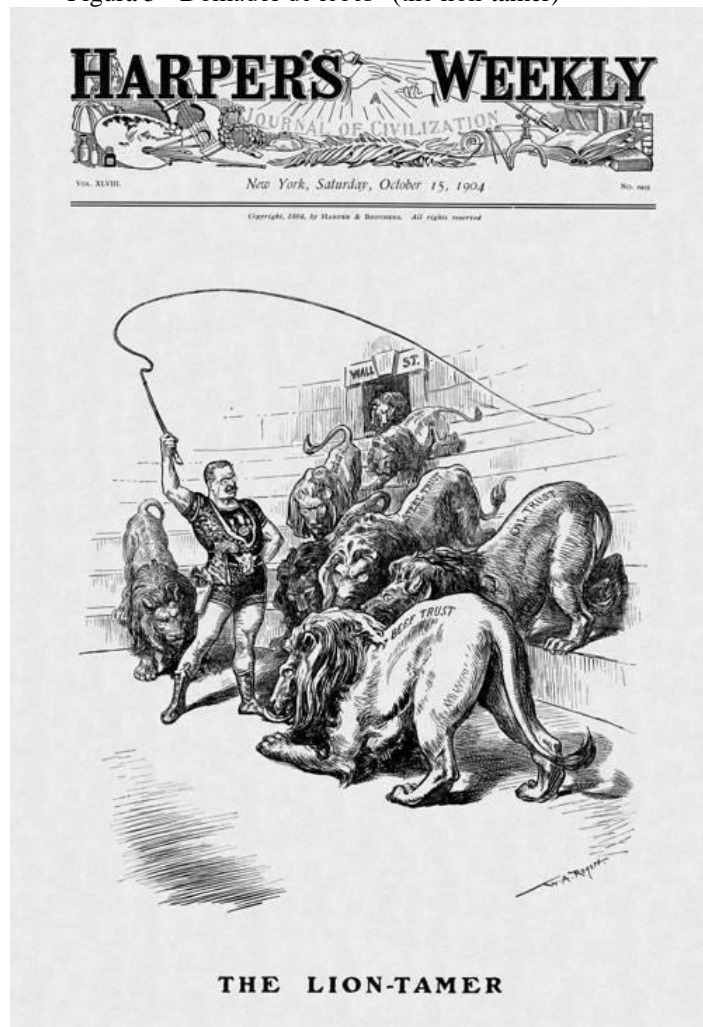
Figura 4 - TR e os gigantes magnatas capitalistas dos trustes americanos, em luta na Wall Street, representados em *cartoon* como na luta bíblica de Davi e Golias



Fonte: Revista Pluck, 13/01/1904¹⁷

¹⁷ Disponível em <https://www.loc.gov/item/2010652337/> acesso em 13.nov. 2021

Figura 5 - Domador de leões” (the lion-tamer)



Legenda: Ilustração mostra Roosevelt como o “domador de leões” (the lion-tamer); os leões representam as trustes que ele combateu com suas políticas internas
 Fonte: Revista Harper’s Weekly¹⁸, de 15/10/1904

Para compreender um pouco o estilo de vida de TR e, conseqüentemente, como suas vivências influenciaram tanto suas políticas quanto sua escrita, já que ele foi um prolífico intelectual e autor, é preciso tecer considerações sobre suas origens.

Nascido em 27 de outubro de 1858, foi o segundo filho de Theodore Roosevelt, Sr. e de Martha Bulloch. O pai de TR era de origem holandesa, e ensinou seus filhos desde cedo a praticar a filantropia, bem como a adorar uma vida ligada ao ar livre. O nome de Theodore Roosevelt, Sr. está ligado aos fundadores do Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque, bem como ao Museu Americano de História Natural. Martha Bulloch tinha origem no sul dos EUA, com forte influência do pensamento escravista no qual havia sido criada, e que também reproduzia na criação dos filhos. Segundo Burns (2011), “embora o jovem Roosevelt nunca

¹⁸ Disponível em: <https://elections.harpweek.com/1904/cartoon-1904-medium.asp?UniqueID=47&Year=1904>

tivesse desenvolvido simpatia pelas opiniões de sua mãe sobre a Confederação ou escravidão, a influência dela incutiu nele ideias sobre uma raça superior e políticas centradas em diferenças raciais”¹⁹ (BURNS, 2011, p. 198).

Alguns pesquisadores afirmam que a Guerra Civil Americana causou, inclusive, uma divisão interna na família: o pai de TR era favorável à União (seus antepassados também sempre habitaram a costa leste americana e apoiavam os ideais dos estados do norte), enquanto a mãe e toda sua família apoiavam os Confederados. A Guerra Civil se impôs, de fato, como uma discórdia entre a família de TR: “essa influência sulista se infiltrou na casa do jovem *Teedie*, e sua Nova York transbordava de sentimentos antinegros durante a Guerra Civil [...] a guerra se insinuava a ‘cada esquina de sua infância’”²⁰ (BURNS, 2011, p. 198). De forma a não causar rupturas ainda maiores na família, o pai de TR pagou para que um soldado lutasse em seu lugar durante a Guerra Civil, o que causou um mal-estar permanente nas lembranças de TR, que encarou o fato como uma fraqueza pessoal do pai:

Quando a Guerra Civil irrompeu em 1861, Theodore, Sr., prometeu a [sua esposa] Mittie, cujos irmãos haviam se juntado ao lado Confederado, que ele não se alistaria. Em vez disso, pagou Abraham Graf para ir em seu lugar, uma decisão que assombrou Theodore, Jr., até que ele mesmo conseguisse apagar essa mancha de covardia²¹. (BRUDVIG, 2011, p. 238)

O acontecimento se tornou um fato incômodo na sua biografia, sendo encarado como um desvio de caráter. TR decidiu nunca se render ou se furtar a uma situação, tal qual seu pai fizera, por mais difícil que fosse.

Teedie era o apelido familiar de TR usado apenas quando ele era criança, e é assim referenciado por vários autores quando escrevem sobre sua infância. Já o apelido *Teddy* surgiu em 1902 quando, durante uma caçada no Mississippi, TR saiu em busca de ursos selvagens, mas não teve sorte. Alguém decidiu prender um para que ele atirasse no animal, mas TR se recusou, pois não se tratava de uma caça autêntica. A história ficou famosa, dando origem ao ursinho de pelúcia até hoje conhecido em inglês como *Teddy Bear*²².

¹⁹ Texto original: Although the young Roosevelt never developed a close sympathy with his mother’s views on the Confederacy or slavery, her influence did acclimatize him to the idea of a master race and politics centered on racial difference.

²⁰ Texto original: this southern influence was pervasive in the young Teedie’s home, and that his native New York was brimming with anti-black sentiment during the Civil War [...] the war insinuated itself “in every corner of his childhood” (Dalton 2004, 34)

²¹ Texto original: When the Civil War erupted in 1861 Theodore, Sr., promised Mittie, whose brothers joined the Confederate cause, that he would not enlist. Instead, he paid Abraham Graf to take his place, a decision that haunted Theodore, Jr., until the stain of perceived cowardice could be erased by his own service

²² O episódio é contado com mais detalhes em

<https://www.nps.gov/thrb/learn/historyculture/storyofteddybear.htm>

Ainda criança, TR foi diagnosticado com problemas respiratórios e uma asma severa. Para manter a educação formal do filho, a família o submeteu a aulas particulares em casa, e TR foi privado por muito tempo do convívio escolar devido à doença. De forma a superar as adversidades que lhe acometeriam no futuro, o pai de TR aconselhava-o a cultivar a mente e, principalmente, o corpo: já que sua saúde era considerada frágil, ele deveria se dedicar às mais variadas práticas possíveis para alcançar um físico robusto e forte que lhe garantisse sua própria sobrevivência:

Theodore Pai sentou-se com o filho e disse que este tinha o poder de mudar o próprio destino, mas para isso teria de trabalhar duro. ‘Theodore, você tem a mente, mas não tem o corpo [...] e sem a ajuda do corpo a mente não consegue ir tão longe quanto deveria. Você precisa fortalecer seu corpo. É um sacrifício enfadonho, mas eu sei que você vai conseguir.’ **Teddie**, então com onze anos de idade, rutilou²³ seus famosos dentes e, aceitando o desafio, gritou: ‘Vou fortalecer o meu corpo’. (MILLARD, 2007, p. 25, grifo nosso)

O menino franzino da prestigiada família nova-iorquina dos Roosevelts era descrito assim nas memórias de sua irmã preferida, Corinne:

O impulso de desafiar as privações tornou-se uma parte fundamental do caráter de Roosevelt, afiada desde a mais remota infância. Frágil e enfermo quando criança, e atacado por uma asma ameaçadora, Roosevelt impôs a si próprio um regime de severos exercícios físicos, num esforço para subjugar sua fraqueza. Corinne lembrava-se do irmão como ‘um sofredor frágil e paciente [...] às voltas com o esforço de respirar’ na creche que eles frequentavam [...] Mas antes de atingir a adolescência Theodore já estava decidido a libertar-se da invalidez e da debilidade. Mediante o que Corinne descreveu como ‘movimento regular e monótono’ - pendurando-se em barras horizontais, debatendo-se com halteres pesados e difíceis de manejar - **Teddie**, como a família o chamava, aos poucos alargou o tórax, fortaleceu os braços e se transformou num rapaz cujo corpo era tão vigoroso e firme quanto a mente. (MILLARD, 2007, p. 25, grifo nosso)

Theodore Roosevelt, Sr., chegou, inclusive, a montar uma academia em casa, de modo que seu filho pudesse alcançar seus objetivos de fortalecer o próprio corpo: “Para encorajá-lo a aumentar sua força física e resistência, Theodore, Sr., comprou halteres e outros equipamentos de exercícios e converteu a parte de cima da casa em um ginásio particular”²⁴ (COLLINS, 2011, p. 10). Considerado também como de extrema importância para um desenvolvimento saudável dos filhos, o pai de TR incutia neles o prazer pela vida ao ar livre, tanto que, através dessas experiências, o jovem Roosevelt já sabia distinguir os cantos de vários pássaros: “Com muita atenção, com uma curiosidade inata e um olhar aguçado para os detalhes, ele aprendeu a

²³ Frase extraída da tradução brasileira. No original, Millard (2005) escreve “Teedie, then only about eleven years old, flashed his famous teeth, and, accepting the challenge, cried, ‘I’ll make my body’” (p. 16). **O tradutor brasileiro da obra de Millard escreveu o apelido de infância de TR como “Teddie”**

²⁴ Texto original: to encourage him to increase his physical strength and stamina, Theodore, Sr. purchased barbells and other exercise equipment and converted the roof of the home into a private gymnasium.

identificar literalmente centenas de espécies diferentes de pássaros apenas por seus movimentos de voo, suas plumagens diferentes, e os sons de seus cantos”²⁵ (COLLINS, 2011, p. 10). Essa convivência com a vida ao ar livre inspirou-o a montar seu próprio “Museu Roosevelt” doméstico, repleto de animais coletados em suas incursões ao próprio quintal²⁶.

Sua convivência com os animais fez dele uma criança dedicada às ciências naturais antes mesmo de entrar na escola, quando já tinha suas preferências e se destacava em Ciências, História e Geografia, mas não era exatamente um aluno aplicado em Grego e Latim e Matemática.²⁷ (ROOSEVELT, 1913, p. 12)

TR fazia os mais variados experimentos com os bichos, dissecando-os, e até mesmo criando várias espécies vivas em seu lar, o que fez dele um aluno com experiências prévias em história natural antes de entrar na Universidade: “Junto com meus estudos preparatórios para a faculdade, continuei os estudos práticos sobre história natural”²⁸ (ROOSEVELT, 1913, p. 12, . Ele foi contemporâneo à ampla disseminação das ideias darwinistas desde muito cedo, testemunhando a chamada “A Era de Darwin” (COLLINS, 2011, p. 8).

Ele inculuiu o gosto pela natureza em seus seis filhos posteriormente, e tinha em casa tantos animais quanto fosse possível; inclusive, há referências de que os bichos eram presença constante até mesmo entre os visitantes na Casa Branca. Sagamore Hill, a casa onde criou seus filhos, contava, inclusive, com um cemitério específico para os animais de estimação²⁹. Segundo Brudvig (2011), poder criar os filhos em uma propriedade repleta de natureza em seu entorno e a apenas poucos quilômetros de Manhattan, em Sagamore Hill, proporcionou a TR

a oportunidade de satisfazer o amor de seus filhos por animais de estimação. O “Zoológico da Família Roosevelt” incluía uma coleção diversificada de animais, vários dos quais acompanharam a família à capital do país em 1901. O zoológico incluía: cães, uma arara azul chamada Eli Yale (um animal de estimação que Alice [filha mais velha de TR] gostava de carregar no braço e apresentar para chefes de estado visitantes), ratos-canguru, coelhos, pôneis, gatos, uma cabra, galinhas, porquinhos-da-índia, tartarugas, um pequeno crocodilo, Bill, o lagarto, Emily Spinach

²⁵ Texto original: Intently, with an innate curiosity and a keen eye for detail, he learned to identify literally hundreds of different species of birds simply by their movements in flight, their distinct plumage, and their identifiable songs.

²⁶ “Happy to be home [after a trip to Europe with his family, at the age of ten], Theodore returned to the activities he enjoyed most—reading books of history and science and adventure and running what he grandly called the “Roosevelt Museum,” a constantly expanding collection of “curiosities and living things.” He kept live mice in his shirt drawer and dead ones in the icebox, tied turtles to the laundry tubs, and took lessons in taxidermy, a noisome hobby that made family maids reluctant to enter his bedroom.” (BURNS, 2011, p. 41)

²⁷ “In science and history and geography and in unexpected parts of German and French I was strong, but lamentably weak in Latin and Greek and mathematics.”

²⁸ Texto original: “Along with my college preparatory studies I carried on the work of a practical student of natural history.”

²⁹ No mapa de Sagamore Hill há indicação do *Pet Cemetery*, disponível em <https://www.nps.gov/sahi/planyourvisit/maps.htm>

(a cobra de estimação de Alice em homenagem a sua tia Emily) e a variedade de cobras de Quentin [o filho caçula de TR].³⁰ (BRUDVIG, 2011, p. 244)

Tais vivências com a natureza o marcariam por toda sua vida adulta, com seu intenso apego a experiências que envolvessem a vida selvagem. Foi assim, por exemplo, quando ele perdeu a primeira esposa, Alice, mãe da primeira filha de TR (de mesmo nome) no mesmo dia e na mesma casa em que sua mãe também faleceu. Ele partiu para sua fazenda nas *Badlands* de Dakota do Norte, em meio à natureza bravia, para curar suas dores. Da mesma forma, ao deixar a Casa Branca, em 1909, também procurou um safári na África para ocupar a mente. Quando perdeu a eleição para um terceiro mandato, em 1912, encontrou na viagem à América do Sul a ocasião perfeita para entrar em contato com a verdadeira selva, em mais uma oportunidade de enfrentar desafios e esquecer as derrotas pessoais.

Quando atingido por tristezas ou revezes cuja superação estava além de suas forças, Roosevelt buscava instintivamente proações ainda maiores, perdendo-se no autoflagelo e no perigo - experiências que acabaram por moldar sua personalidade e animar suas mais impressionantes realizações. (MILLARD, 2007, p. 24-25)

No momento apropriado, TR passou a uma educação em ambiente formal de aprendizagem. Escolheu Harvard para cursar o ensino superior. Sua intensa vivência junto à natureza e vida selvagem era tão significativa que chegou a cogitar seguir a carreira de naturalista, pois julgava que em Harvard teria apenas a formação de um cientista para trabalhar em laboratório³¹:

Eu pretendia ganhar a vida fazendo ciência. Não o fiz, pela simples razão que à época, em Harvard, e acredito que em outras faculdades também, ignoravam-se totalmente as possibilidades de trabalho como o do naturalista de fauna, o naturalista do ar livre e observador da natureza. Eles tratavam a Biologia como uma ciência puramente de laboratório e microscópio, e quem aderisse a essa ciência passaria seu tempo estudando formas minúsculas de vida marinha, ou fazendo dissecação ou no estudo dos tecidos de organismos maiores ao microscópio. (ROOSEVELT, 1913, p. 130)

Sua passagem pela universidade no final do século XIX coincidiu com um período em que teorias acerca de racismo científico estavam em alta: ideias de autores como Le Bon eram

³⁰ Texto original: Sagamore Hill's grounds also afforded TR the opportunity to indulge his children's love of pets. The "Roosevelt Family Zoo" included a diverse collection of animals, several of whom accompanied the family to the nation's capital in 1901. The menagerie included: dogs, a blue macaw named Eli Yale (a pet Alice liked to carry on her arm and introduce to visiting heads of state), kangaroo rats, rabbits, ponies, cats, a goat, hens, guinea pigs, turtles, a small alligator, Bill the Lizard, Emily Spinach (Alice's pet garter snake named after her Aunt Emily), and Quentin's ever-changing assortment of snakes.

³¹ Texto original: I fully intended to make science my life-work. I did not, for the simple reason that at that time Harvard, and I suppose our other colleges, utterly ignored the possibilities of the faunal naturalist, the outdoor naturalist and observer of nature. They treated biology as purely a science of the laboratory and the microscope, a science whose adherents were to spend their time in the study of minute forms of marine life, or else in section-cutting and the study of the tissues of the higher organisms under the microscope.

amplamente disseminadas, e derivações da Teoria da Evolução de Darwin justificavam o pensamento de raças superiores, como a branca, que supostamente seriam mais evoluídas que povos cuja própria natureza, aliada ao meio ambiente, não permitiram que se desenvolvessem intelectualmente, a exemplo dos negros e indígenas. Tais ideias ofereceram subterfúgios para, a partir do rigor da ciência, pautar pensamentos racistas e, o pior, validá-los através de uma *razão* apresentada como legítima.

O estudo recente de Joshua Hawley aponta para o fato de que TR leu sobre *A origem das espécies* aos 14 anos, o que permitiu que ele formasse a ideia de que “uma raça se distinguiu de modo especial sobre todas as outras”. Hawley fala sobre o “Darwinismo cristianizado” de TR, o qual era “uma celebração à evolução, luta e esforços que deram origem ao caráter moral e à unidade nacional” (Hawley, 2008, 27, 173). Além de Darwin, muitos historiadores apontam para a influência do pensamento de Lamarck na visão de TR acerca das raças. Dyer sugere que TR se tornou um “discípulo” do naturalista francês Jean Lamarck enquanto esteve em Harvard ao final da década de 1870 (Dyer 1980, 6). As teorias de Lamarck sugeriam que características adquiridas eram hereditárias. Para muitos de seus seguidores, tal ideia sugeria a possibilidade de desenvolvimento e avanço racial, o que permitia movimentos para além das características raciais originais de um determinado grupo. Edmund Morris considera que TR aderiu a essa teoria, argumentando que ele, ao contrário da maioria dos americanos de sua época, acreditava que a ideia então amplamente aceita da inferioridade dos negros era de fato uma condição temporária, e que os afro-americanos eram simplesmente uma raça adolescente, rumo à idade adulta.³² (BURNS, 2011, p. 202)

Um dos autores citados, Gustave Le Bon, fez parte de um grupo bastante popular por divulgar ideias do chamado racismo científico no final do século XIX. Segundo Salim (2013), ele publicou mais de 30 trabalhos em diversas áreas das Ciências Sociais, que se tornaram *best sellers* traduzidos para vários idiomas. Ainda de acordo com a autora,

Le Bon foi uma figura bem estabelecida e altamente respeitada no meio intelectual e científico da Paris da virada de século. Editou uma série importante de monografias (na qual publicou o filósofo Henri Bergson, entre outros), e, segundo Claude Liauzu, “foi lido e citado por todos que contavam”, entre os quais estudiosos contemporâneos como Durkheim e Freud, e políticos como Theodore Roosevelt e Benito Mussolini. (LIAZU, 1992, p. 90) (SALIM, 2013, p. 262-263)

A influência de Le Bon no pensamento de TR é evidenciada através de uma carta trocada em 1896 com um amigo próximo, Henry Cabot Lodge, o qual parece responder a Roosevelt

³² Joshua Hawley’s recent study points to the fact that TR read *On the Origin of Species* aged only 14, allowing him to form an idea that “one race especially had distinguished itself above all others.” Hawley talks of TR’s “Christianized Darwinism” which was a “celebration of evolution, struggle, and effort giving birth to moral character and national unity” (Hawley 2008, 27, 173). Aside from Darwin, many historians also point to the influence of Lamarckism on TR’s racial outlook. Dyer suggests that TR became a “disciple” of French naturalist Jean Lamarck during his time at Harvard in the late 1870s (Dyer 1980, 6). Lamarck’s theories suggested that acquired characteristics were inheritable. To many of his followers, this idea suggested the possibility of racial development and advancement allowing for movement beyond the original racial characteristics of a particular group. Edmund Morris sees TR as adhering to this theory, arguing that he, unlike most Americans of his time, believed that the then widely-accepted idea of black inferiority was in fact a temporary condition and that African Americans were simply an adolescent race on the road to eventual adulthood (Morris 2002, 53).

sobre algum livro lido por ambos ³³: “Fico feliz que goste do Le Bon. É um homem forte [...] Claro que o que mais gosto em Le Bon é quando ele fala a respeito das raças, pareceu-me a melhor explicação do assunto que eu já tenha visto.”. O autor ainda inspiraria TR muitos anos depois, em 1908, em outra carta pessoal, e desta vez TR escreve ao amigo e artista Francis David Millet³⁴: “Embora eu já tenha lido o livro de Le Bon antes, fiquei muito feliz em o ter e lê-lo de novo. É um livro muito interessante”.

A escrita de Le Bon parecia ter sido feita sob medida para justificar os fatos econômicos, sociais e todas as políticas envolvidas no expansionismo imperialista praticado pelos países europeus (e posteriormente os EUA) frente aos *outros*, considerados atrasados e carentes de civilização aos moldes colonialistas, durante o “longo século XIX”, palco do surgimento de diversas teorias e ideias (Malthus, Darwin, Spencer) que buscavam pautar o pensamento imperialista sob todas as suas formas, a exemplo da eugenia e da sobrevivência dos mais fortes a partir da racionalização das leis naturais (Salim, 2013). E foi justamente nesse período fértil para o surgimento de teorias que justificassem as contradições daquela época, sob o manto da *ciência*, que Roosevelt viveu e foi educado, e onde buscou inspiração para seu percurso acadêmico e intelectual. Ainda segundo Salim (2013),

As ciências do século XIX foram mobilizadas para legitimar a hierarquia natural das raças, da qual a colonização europeia dependia. A engenhosa contribuição de Le Bon seria elaborar uma teoria de raças e de civilização voltadas simultaneamente contra as populações coloniais e “as classes perigosas” da Europa, num gesto político único e integrado. (SALIM, 2013, p. 264)

Le Bon discorre acerca do que considera uma espécie de hierarquia das raças, correspondendo a uma tendência de *degeneração* mental entre as mais baixas. Raça é uma palavra bastante frequente no texto de TR e que se reflete em suas ações e textos. Salim (2013) resume assim os conceitos de Le Bon:

Le Bon apresenta quatro níveis de raça que correspondem mais ou menos às categorias mais antigas baseadas na cor da pele: vermelha, preta, amarela e branca. As raças primitivas (tais como os habitantes aborígenes da Austrália e das Ilhas Fiji) são desprovidas de cultura e continuam presas numa pré-história de bestialidade. As raças inferiores (os negros) são capazes de rudimentos de civilização, mas não mais que

³³ Texto original: “I am glad you like Le Bon. He is a strong man [...] Of course what I like best about Le Bon was what he said in regarding to races, it seemed to me the best exposition of the thing I have come across anywhere.” *Letter from Henry Cabot Lodge to Theodore Roosevelt*. Theodore Roosevelt Papers. Library of Congress Manuscript Division. Disponível em <https://www.theodorerooseveltcenter.org/Research/Digital-Library/Record?libID=o25670> acesso em 13 nov.2021

³⁴ Texto original: “While I had read Le Bon’s book before, I was really glad to have it and read it again. It is a very interesting book.” *Letter from Theodore Roosevelt to Francis Davis Millet*. Theodore Roosevelt Papers. Library of Congress Manuscript Division. Disponível em <https://www.theodorerooseveltcenter.org/Research/Digital-Library/Record?libID=o204243> acesso em 13 nov. 2021.

isso. As raças médias (Chineses, Mongóis e Semitas) criaram formas elevadas de civilização que os Europeus inevitavelmente superariam e tornariam obsoletas. As raças superiores (os Indo-europeus) são as únicas que provaram serem capazes das grandes invenções da modernidade nas artes, nas ciências e na indústria. As classes inferiores são caracterizadas pela sua incapacidade de raciocínio e de invenção, pela sua dependência da imitação, pela sua falta de vontade e de moralidade. As raças superiores são caracterizadas por sua energia inabalável, pela iniciativa e independência desenvolvidas e pelo seu autocontrole absoluto. (SALIM, 2013, p. 268-269)

O mesmo autor, em um de seus textos, tece elogios à forma como os Estados Unidos tratam seus indígenas, negros e imigrantes:

Em nenhum outro país do mundo a seleção natural exerceu sua mão de ferro tão duramente. Ela se manifesta sem piedade, mas é por causa dessa falta de piedade que a raça que ela ajudou a formar preservou seu vigor e a sua energia. Não há lugar para os fracos, os medíocres e os preguiçosos no solo dos Estados Unidos. Só pelo indício de sua inferioridade, indivíduos isolados e raças inteiras estão fadados a perecerem lá. Uma vez que perderam sua utilidade, os índios pele-vermelha foram exterminados a tiros ou condenados a morrer de fome [...] Já em relação aos negros que serviram de pretexto para a Guerra da Secessão – uma guerra entre aqueles que possuíam escravos e aqueles que, por não os poderem adquirir, queriam privar os outros de tê-los – eles são de certa forma tolerados porque permanecem confinados a funções subalternas que nenhum cidadão americano se dignaria a aceitar. Teoricamente os negros gozam de muitos direitos, mas na prática são tratados como animais mais ou menos úteis, descartados tão logo se tornem perigosos. Os procedimentos sumários das leis de linchamento (Lynching Laws) são reconhecidos universalmente como sendo um método eficiente de se tratar com eles: ao primeiro deslize de conduta são executados ou enforcados. (LE BON *apud* SALIM, 2013, p. 271)

Edward Said (2007) apresenta, através de suas ideias sobre a construção de um *Orientalismo* que classifica, julga, categoriza e justifica os atos das potências ocidentais e colonialistas frente aos países que dominaram ou buscaram subjugar sob os mais variados pretextos, e definiu assim as ideias que surgiram durante o século XIX no qual TR viveu:

No início do século XIX, as teses do atraso, degeneração e desigualdade orientais em relação ao Ocidente associavam-se muito facilmente a ideias sobre as bases biológicas da desigualdade racial. As classificações raciais encontradas em *Le règne animal*, de Cuvier, *Essai sur l'inégalité des races humaines*, de Gobineau, e *The dark races of man*, de Robert Knox, encontravam um parceiro solícito no Orientalismo latente. A essas ideias era acrescentado um darwinismo de segunda categoria, que parecia acentuar a validade “científica” da divisão de raças em adiantadas e atrasadas, ou europeias-arianas e orientais-africanas. (SAID, 2007, p. 280)

Said (2007) discorre ainda a respeito da visão eurocêntrica pautada em ideais baseados nas ciências sociais e naturais e na construção da imagem deste *outro* sujeito não europeu, classificando-o sob diversos rótulos e através de uma *razão* justificável:

Junto com todos os outros povos designados, de forma variada, como atrasados, degenerados, incivilizados e retardados, os orientais eram vistos numa estrutura construída a partir do determinismo biológico e da censura moral-política. O oriental era, portanto, associado a elementos na sociedade ocidental (os delinquentes, os

insanos, as mulheres, os pobres) que tinham em comum uma identidade mais bem descrita como lamentavelmente estrangeira. [...] Como o oriental era membro de uma raça subjugada, ele tinha de ser subjugado: era assim simples. O *locus classicus* para esse julgamento e ação deve ser encontrado em *Les lois psychologiques de l'évolution des peuples* (1894), de Gustave Le Bon. (SAID, 2007, p. 281)

O mesmo autor observa ainda como escritores refletem os valores de seu tempo, atrelados ao pensamento vigente à época em que viveram:

Não creio que os escritores sejam mecanicamente determinados pela ideologia, pela classe ou pela história econômica, mas acho que estão profundamente ligados à história de suas sociedades, moldando e moldados por essa história e suas experiências sociais em diferentes graus. (SAID, 2011, p. 24)

Considerando que o relato de Theodore Roosevelt pode deixar transparecer sua própria vivência na sociedade americana do século XIX e início do XX, passaremos à contextualização da viagem que ele fez à América do Sul, entre outubro de 1913 e maio de 1914.

3 O CONTEXTO DA EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA ROOSEVELT-RONDON

No final do ano de 1912, após ocupar a cadeira como presidente dos Estados Unidos entre 1901 e 1909, Theodore Roosevelt, contrariando as expectativas de seus antigos aliados, lançou sua candidatura a um terceiro mandato. Não apenas quebrou sua promessa ao partido Republicano, como também criou uma terceira via, o Partido Progressista.

Durante os momentos finais da campanha, discursou a uma plateia cheia na cidade de Milwaukee, Wisconsin, logo após sofrer um atentado à bala de um imigrante que imaginava que seu novo mandato instituiria a monarquia nos EUA. Embora tenha sido praticamente salvo pelos itens que carregava em seu bolso, estava ainda com as balas alojadas em seu peito, a camisa ensanguentada; não se sabe se pelo gosto de ser dramático ou pela vontade de não desistir da tarefa, o episódio ficou marcado na imprensa e na memória do país. Apesar das expectativas de que deixasse tudo de lado e buscasse atendimento médico, fez um “discurso inflamado para que todos pudessem ver os dois buracos sinistros feitos pelas balas do agressor, [e] Roosevelt bradara: ‘É preciso mais que isso para matar um alce macho!’”. (MILLARD, 2007, p. 20). Seu novo partido também era conhecido como *Bull Moose Party*, pelo fato de Roosevelt sempre dizer que era “durão” como um alce macho. Em outro momento da mesma campanha, diante de um público que lotou o Madison Square Garden, em Nova Iorque, TR já percebia que não venceria daquela vez:

Para as pessoas no auditório, e para milhões de americanos, Roosevelt era um herói, um líder, um ícone. Mas, mesmo quando estava ali em pé no palanque no Madison Square Garden, ele sabia que dali a seis dias iria perder não apenas a eleição, mas também aquela luz brilhante e contínua dos holofotes. Seria insultado por muitos e depois ignorado por todos, e isso representava a pior morte que era capaz de imaginar. (MILLARD, 2007, p. 21)

Todas as suas tentativas de alavancar a candidatura não foram suficientes. Sofreu amarga derrota, foi distanciado dos holofotes e condenado ao ostracismo pela política de seu país.

O evento marcou intensamente sua carreira pública, bem como seu íntimo, de acordo com os relatos e cartas de pessoas de seu convívio. “Roosevelt passou aquele inverno recolhido em Sagamore Hill. [...] O telefone, que antes costumava tocar como sinetas de trenó durante todo o dia e metade da noite, estava mudo” (MILLARD, 2007, p. 23). Logo ele, figura sempre tão prestigiada e de grande influência, ficou abatido de uma forma que, tal qual em outros períodos de provações em sua vida, buscava algo no que se refugiar para consolar suas amarguras. Queria uma última chance de ser exaltado: “Ele não descansaria até encontrar

alguma aventura fisicamente exaustiva que o levasse para longe de casa e o expusesse, para o temor de Edith [sua esposa], a grande perigo” (MILLARD, 2007, p. 28).

Uma oportunidade surgiu três meses depois da derrota nas eleições: um convite para discursar no recém-inaugurado Museo Social argentino. Seu presidente, Emilio Frers, estava convencido de que a presença de Roosevelt era imprescindível em sua

“elevada meta de reunir homens e ideias”. [...] Com instinto de um diplomata experimentado, Frers foi direto ao calcanhar-de-aquiles de Roosevelt, sua vaidade, deixando claro que o ex-presidente poderia definir todas as condições da visita, se aceitasse o convite. ‘Sua presença neste país será imensamente estimada por nossos compatriotas, que muito ouviram a seu respeito, a respeito de sua carreira pública e dos altos ideais que defende’, escreveu. As palavras de Frers devem ter sido um bálsamo para o orgulho ferido de Roosevelt, mas os argentinos não pararam por aí. Ofereciam ao ex-presidente um pagamento de mais de 13 mil dólares (250 mil dólares em valores de hoje) por três conferências. (MILLARD, 2007, p. 29-30)

Era a chance que Roosevelt esperava para escapar da amargura da derrota. A partir do convite, TR começou então a vislumbrar uma viagem de caráter exploratório-científico à América do Sul, algo com o qual ele sempre se identificara: estar em contato com a natureza. Buscou então apoio do Museu Americano de História Natural (AMNH), de Nova York, para a expedição, cuja ideia naquele momento ainda era embrionária. Tal feito poderia projetar muito mais o nome do prestigiado museu diante das sociedades de geografia da época, com as anotações científicas e o incremento de espécimes da fauna dos países a serem visitados.

Para sua surpresa, na mesma ocasião em que almoçou com os diretores do AMNH para definir os detalhes da viagem, encontrou-se com um amigo de longa data: o Padre Zahm que, coincidentemente, estava no local com o mesmo objetivo.

Conjugadas as vontades e objetivos, o caminho a ser percorrido, inicialmente, era já conhecido: Zahm estivera pelos rios amazônicos não havia muito tempo, e então sugeriu que, após a passagem de Roosevelt pela Argentina, Brasil e Chile (os dois últimos foram adicionados posteriormente ao roteiro), subisse, através do interior do Paraguai e do Brasil, pelos rios até a embocadura do Amazonas, e então retornasse aos Estados Unidos: “Embora não imaginasse nada difícil ou perigoso demais, a mera escala das maravilhas naturais do continente prometia uma aventura rica e absorvente, coroada pela chance de ter um contato em primeira mão com as maravilhas do Amazonas.” (MILLARD, 2007, p. 34)

O patrocínio do Museu incluiu todos os materiais necessários e dois de seus melhores naturalistas, a fim de integrarem a expedição: George Cherrie, explorador e ornitólogo experiente na América do Sul, de 48 anos, e Leo Miller, de 26, um dos mais respeitados especialistas em mamíferos do Museu.

TR tratou de elaborar suas conferências e confiou os pormenores e detalhes logísticos ao Padre Zahm. Este encarregou Anthony Fiala e Jacob Sigg das compras necessárias para a viagem, porém, “nenhum dos homens envolvidos no planejamento da viagem já estivera na América do Sul ou tinha qualquer conhecimento acerca de seus rios” (MILLARD, 2007, p. 42).

O grande volume de itens carregados pelos membros americanos da expedição logo mostrou-se excessivamente problemático: a Anthony Fiala, que deveria separar tudo o que fosse necessário à sobrevivência dos integrantes, faltava conhecimento sobre as condições que os aguardavam numa viagem como aquela. Ele havia sido um explorador do Ártico alguns anos antes, e a partir de sua experiência e da responsabilidade em garantir conforto ao ex-presidente durante a extensa jornada pelo interior do Brasil, selecionou itens de luxo, muito além dos essenciais, que acabaram abandonados ao longo de todo o caminho. Caixas e mais caixas de bebidas, temperos, comidas como “farinha de panqueca, bacon fatiado, batatas desidratadas, [...] latas de mostarda moída, sal de aipo, páprica, canela, geleia de laranja e de *grapefruit*, molho tabasco [...]”, (MILLARD, 2007, p. 43), além de cachimbo, leite maltado, chás, apenas para citar alguns, se tornaram totalmente inúteis e difíceis de transportar à medida que avançavam sertão e selva adentro. Ainda no interior do Mato Grosso, diversas caixas foram abandonadas para aliviar a carga dos bois, que morriam de exaustão com o excesso de peso.

Além disso, as provisões que Fiala escolhera e empacotara com tanto cuidado eram mais um fardo que uma bênção aos olhos dos outros membros da expedição. Quando o grupo de Roosevelt chegou a Buenos Aires, o mero volume de bagagem descarregada do [vapor] Vandyck atraiu uma multidão de curiosos. Havia montanhas de engradados: armas e munição, cadeiras e mesas, barracas e camas de armar, equipamentos de captura e preservação de espécimes, de inspeção do rio e de cozinha. Depois que um dos carregadores, encharcado de suor, transportou o último item do vapor para o cais, um funcionário da alfândega perguntou-lhe se aquilo era tudo. Enxugando a testa com a mão, o estivador respondeu: “Só falta o piano!”, e a multidão explodiu numa gargalhada. (MILLARD, 2007, p. 69)

A falta de planejamento adequado resultou em excessivas provisões levadas pelos americanos, obrigando Rondon, inclusive, a desembolsar uma quantia muito maior para adquirir animais de carga e trabalhadores para conduzir selva adentro tanta bagagem: “O lado brasileiro tinha 37 contêineres [...] por outro lado, o contingente americano, muito menor, tinha 99 contêineres, pesando cerca de cinco toneladas, ‘quase todos eles eram constituídos de substâncias alimentícias’” (ROHTER, 2019, p. 223).

A viagem passaria por ao menos 3 países da América do Sul, a mesma que havia experimentado o poderio econômico e político do governo de Roosevelt enquanto esteve na presidência. Sob seu comando, as nações das Américas livraram-se do jugo europeu após a independência de todas as nações do continente, para entrar na mira e influência do imperialismo estadunidense no hemisfério: Roosevelt estabeleceu seu próprio Corolário, aliado

à Doutrina Monroe de 1823. Juntas, as duas políticas fundavam os mandamentos de que nenhum país do continente americano seria controlado por nação europeia, e passariam ao controle e hegemonia dos Estados Unidos, que seriam uma espécie de polícia das Américas. Aqueles que tentassem ultrapassar as linhas delimitadas por suas políticas sofreriam as consequências e sanções:

“Se uma nação mostra que sabe como agir com razoável eficiência e decência em assuntos sociais e políticos, se ela mantém a ordem e cumpre suas obrigações, não tem por que temer uma interferência dos Estados Unidos”, declarou Roosevelt ao definir seu corolário ao Congresso em 6 de dezembro de 1904. (MILLARD, 2007, p. 47)

Algumas das mesmas nações que experimentaram o *protetorado* estadunidense, através da política que continuava em plena expansão mesmo após o governo de Roosevelt, agora recebiam-no de braços abertos em plateias lotadas para ouvir suas palestras sobre como governar as jovens democracias do continente.

Roosevelt era agraciado de várias formas através dos convites: além de ser acolhido com honras de chefe de estado do mais alto prestígio, tinha praticamente suas despesas todas pagas, além de receber cachês bastante consideráveis tanto para escrever para a imprensa norte-americana sobre os acontecimentos durante a viagem, quanto pelas conferências propriamente ditas que ele professava. Ornig (1994) afirma que, embora a maioria das pessoas nos EUA acreditasse que TR e sua família eram ricos, tal fato não correspondia à realidade: ele perdera a maior parte de sua fortuna em uma nevasca histórica do ano de 1888, onde seu gado morrera em sua fazenda em Dakota do Sul. A partir daí, ele vivia apenas de seu salário, dos livros que escrevia - e que só viraram *bestsellers* após sua eleição - e de trabalhos para a imprensa. O grande destaque era a revista de assuntos políticos *The Outlook*, a qual lhe pagava um expressivo salário anual de 12 mil dólares³⁵. Convertido para valores de 2023, seria algo em torno de 370 mil dólares.

O governo brasileiro tinha especial interesse na projeção da imagem do país no exterior, dados os efeitos decorrentes da visita de TR e suas posteriores publicações na imprensa internacional. Através do embaixador brasileiro nos EUA na época, fez-se o convite a Roosevelt

³⁵ Contrary to popular belief, Roosevelt was not a wealthy man. He had lost most of his inheritance from his father when the great blizzard of 1888 wiped out his cattle herd and those of other ranchers in the Dakota Badlands. Before becoming president, his meager civil servant's salary had been barely enough for Edith to raise six children and maintain the household and staff at Sagamore. He wrote histories and biographies to supplement his income, but not until he moved into the White House did his books sell well. After leaving office, Roosevelt earned his living as a lecturer and journalist, mainly as contributing editor to *The Outlook*, an influential public affairs magazine, for which he was paid \$12,000 a year. This money was “very important for me to have”, he wrote to Ted, Jr., “as long as the family are being brought up and four of them have to be supported entirely by me”. (ORNIG, 1994, p. 11)

para estender sua visita à América do Sul, conhecendo o interior do Brasil, e não foram poupados esforços e nem recursos para isso. O plano inicial de TR, tal qual o Padre Zahm estabelecera e aprovado pelo AMNH era

[...] começar em Buenos Aires, Argentina, partindo de barco em direção ao norte por toda a extensão do continente ao longo de rios navegáveis e conhecidos até o Amazonas, dando a Roosevelt a oportunidade de observar com relativo conforto uma ampla gama de paisagens e de vida animal, [...] [um roteiro que] não seria particularmente estafante ou perigoso, e estava limitado a rios bem mapeados que supostamente ofereciam aventura sem risco. (MILLARD, 2007, p. 41-42)

Porém, tal rota batida, apesar de confortavelmente constar nos planos, de fato, não condizia com o espírito aventureiro de Roosevelt. Como sua trajetória de vida demonstrou, ele se agradava muito mais com experiências fora do comum, como uma espécie de válvula de escape. Definia assim o viajante que percorria o caminho habitual:

“O viajante comum, que nunca sai da rota mais batida e que nessa rota é conduzido pelos outros, sem fazer nem arriscar nada por conta própria, não precisa mostrar mais iniciativa e inteligência que uma encomenda postal”, escarnecia Roosevelt. “Ele não faz nada; os outros fazem todo o trabalho, planejam tudo, correm todos os riscos - e merecem todo o crédito. Ele e sua mala são carregados praticamente do mesmo modo; e para ambos a realização fica mais ou menos no mesmo plano” (MILLARD, 2007, p. 63)

Antes da chegada de Roosevelt ao Rio de Janeiro, os representantes do governo brasileiro traçaram estratégias para projetar, via expedição, a imagem do país no cenário internacional, desvinculando-o do mercado puramente cafeeiro e despertando olhares para a possibilidade de colonização e exploração do seu interior, e revestir de caráter científico-naturalista a viagem que antes seria algo meramente trivial. Para isso, Lauro Müller, então Ministro das Relações Exteriores, convocou uma personalidade que, à época, estava há quase um quarto de século desbravando o interior do Brasil: o militar Cândido Mariano da Silva Rondon.

Para o governo, Rondon seria a figura perfeita para acompanhar TR na expedição. Porém, ele recusava-se a largar seu trabalho pioneiro junto ao Serviço de Proteção ao Índio, bem como o legado de sua vida, a Comissão Telegráfica, para ser um mero cicerone. Ele descreveu, no relato de suas memórias à sua biógrafa, Esther de Viveiros, o que o motivou a participar da viagem, bem como o momento em que ela passou a se chamar Expedição Roosevelt-Rondon:

Como já disse, aceitara eu o convite para acompanhar o Sr. Roosevelt, ponderando fazer isso certo de não se tratar de excursão esportiva mais ou menos perigosa e de que o Governo ligaria aos intuitos do Sr. Roosevelt objetivos científicos de utilidade para nossa pátria. Na Expedição Roosevelt, colocada nesse pé, viu além de tudo o Dr. Lauro Müller, ministro do Exterior do Brasil, um meio de tornar nosso país conhecido no exterior. Ofereceu, pois, ao ex-presidente dos Estados Unidos a cooperação do Brasil. Aceitou ele pressuroso, pois sua expedição teria, com o apoio oficial,

verdadeiro valor científico, sob o ponto de vista do Museu de Nova York; traria ao mesmo tempo importante contribuição à geografia de uma das zonas menos conhecidas da América do Sul. E a expedição passou assim a se chamar “Expedição Científica Roosevelt-Rondon”. (VIVEIROS, 2010, p. 362)

Rondon havia sido chamado a Manaus de forma que pudesse pausar os trabalhos da Comissão Telegráfica e organizar tudo que fosse necessário para o bom sucesso da viagem de Roosevelt no Brasil. Coube ao sertanista brasileiro estabelecer, via telegrama e ainda a caminho daquela cidade, possíveis roteiros para que TR pudesse escolher, na chegada ao Brasil, o que mais lhe agradasse. Em outubro de 1913, ao aportar na capital federal, TR foi surpreendido com a mudança de planos, comunicada por Lauro Müller, pois quando havia saído dos EUA, tinha ainda em mente a viagem planejada pelo Padre Zahm, pelo interior do país e na navegação de trechos conhecidos do rio Tapajós. Soube dos roteiros propostos por Rondon, que continuava na organização da viagem e não pôde conhecer o ilustre visitante durante sua breve estadia pelo Rio de Janeiro – os dois só se encontrariam pela primeira vez dali a cerca de dois meses.

Os discursos de Rondon para uma plateia interessada em saber a respeito de seu trabalho na Expedição Científica Roosevelt-Rondon ocorreram entre os dias 5, 7 e 9 de outubro de 1915, a convite da *Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro* (grafia do nome na época), resultando no livro *Conferências*. Nele estão registrados os dizeres de Rondon, em detalhes, desde o recebimento do telegrama do ministro Lauro Müller (informando que ele seria o responsável por acompanhar Roosevelt nessa viagem ao interior do Brasil), bem como sobre os acontecimentos que se deram durante a expedição, além de falar do seu trabalho de desbravamento do interior do Brasil, para a instalação das linhas telegráficas.

Rondon (1916) narrou, na ocasião das *Conferências*, os planos iniciais da comitiva americana, seus preparativos para a expedição e como se sucedeu a escolha de Roosevelt a respeito de qual caminho seguiriam, a partir da resposta às sugestões enviadas por Rondon, via telegrama, ao ministro Lauro Müller:

Durante a minha viagem para Manáos, recebi comunicação de que **o projecto do Sr. Roosevelt era entrar no Amazonas pelo Tapajoz e neste pelo Arinos; Mas, evidentemente, tal percurso, de novo, pouco poderia proporcionar a uma expedição que visava desvendar aspectos ainda desconhecidos dos nossos sertões.** Decidi, pois, submeter á apreciação do nosso illustre hospede outros itinerários, que poderiam com mais vantagem ser seguidos pela sua comitiva, [...] indicando os seguintes percursos:

- a) De S. Luiz do Caceres ou de Cuyabá, seguir pela estrada da Commissão das Linhas Telegraphicas até á estação Barão de Melgaço”, e ahi embarcar em batelões para descer os rios Commemoração de Floriano, Gy-Paraná e Madeira;
- b) Seguir e mesmo itinerário até a estação “José Bonifacio”, anterior á de “Barão de Melgaço”, e dahi, ganhando o passo da Linha sobre o Duvida, descer e explorar este rio, que provavelmente levaria a comitiva ao Madeira;**
- c) Ganhar o Tapajoz, descendo o Juruena, e não o Arinos, que é caminho conhecido ha mais de um século, a ponto de ter servido por largo tempo de via commercial entre Pará e Matto Grosso;

d) De S. Luiz de Cáceres passar para o valle do Guaporé; descer em lancha, a partir da Cidade de Matto Grosso, este rio e o Mamoré, até a cachoeira de Guajará Mirim; tomar ahi a estrada de ferro Madeira-Mamoré, para chegar á cidade de Santo Antonio do Madeira;

e) Finalmente, alcançar, pela estrada da Linha Telegraphica, o rio Papagaio, na estação de Utiarity, e por elle entrar no Tapajoz.

Destas cinco propostas, **a que encerrava maiores dificuldades e imprevistos, era a relativa ao rio da Duvida; foi a escolhida pelo Sr. Roosevelt.** (RONDON, 1916, p. 15-17, grifos nossos, grafado como no original)

A alteração dos planos foi prontamente aceita por Roosevelt, incapaz de ser conduzido pelos caminhos comuns ou pelas rotas conhecidas, que nada ofereceriam de desafios; ele se interessava, principalmente, por oportunidades que valessem todo o esforço do desbravamento do novo e da chance de alcançar feitos memoráveis durante a viagem, visando reconhecimento das Sociedades Geográficas após sua conclusão. A opção escolhida por ele foi aquela que, como bem descreveu Rondon, reunia as maiores dificuldades possíveis, ao descer um rio em terreno totalmente desconhecido e inexplorado até então. O sertanista, por sua vez, além de atender a ordens superiores, viu na expedição uma chance de dar visibilidade, no exterior, a seu trabalho na Comissão Telegráfica, bem como o mapeamento detalhado de um rio que até aquele momento não havia sido explorado por sua equipe.

De acordo com Ornig (1994), o governo brasileiro despendeu cerca de US\$80,000³⁶ para custear a visita de Roosevelt. O ex-presidente sentiu-se tão bem recebido que chegou a comentar que “se gentileza matasse, ele mal teria sobrevivido a tanta hospitalidade”, e recebeu de Lauro Müller a missão de “descobrir o interior do Brasil para os brasileiros”³⁷.

Havia muitos interesses envolvidos na promoção e divulgação da imagem do Brasil após a expedição. A viagem havia sido concebida pelo governo brasileiro sempre sob o viés da propaganda: elevar e vender uma outra visão do Brasil no exterior. Os frutos que seriam colhidos a partir da divulgação do relato de TR geravam expectativas de alterar a representação do Brasil como país essencialmente agrícola e ligado à monocultura do café. Roosevelt, influente escritor e figura ativa na esfera política em seu país, era uma peça-chave que carregaria uma oportunidade de “vender o potencial do Brasil para investidores e colonos estrangeiros, e os artigos de Roosevelt para a revista *Scribner's*, bem como o livro que se seguiu, *Through the Brazilian Wilderness*, um *best-seller* internacional, cumpriram amplamente esse papel.” (ROHTER, 2019, p. 322-323).

³⁶ The Brazilians lived up to their reputation for lavish hospitality, reportedly spending \$80,000 to entertain Roosevelt. (ORNIG, 1994, p. 53)

³⁷ “If kindness could kill” he told the large crowd gathered at the station, he could hardly have survived their hospitality. “I will remember the Brazilian people all my life.” Lauro Müller, who was standing nearby, thought of the expedition Roosevelt was soon to lead as he said good-bye to Father Zahm. “Your party is going to discover the interior of Brazil for us Brazilians” (ORNIG, 1994, p. 55)

Embora prontamente aceita por TR, a notícia da alteração do roteiro foi recebida, segundo Ornig (1994), com total reprovação pelo AMNH. O diretor, em Nova York, ao ser comunicado de que Roosevelt se embrenharia selva adentro, através de um rio totalmente desconhecido, com a possibilidade de ataques de indígenas e toda sorte de adversidades possíveis numa viagem tão perigosa como a que se desenhava, declarou que retiraria de imediato o patrocínio do museu à expedição, “se Roosevelt insistisse em ir ‘a essa região específica’ e não assumiria qualquer responsabilidade pelo que “pudesse acontecer caso ele não retornasse vivo” para os EUA. TR respondeu, bem a seu estilo dramático, que, de sua parte, “já havia desfrutado muito da vida e, caso fosse necessário, deixaria meus ossos na América do Sul”³⁸, mas cumpriria até o fim aquela missão.

Roosevelt passou muito perto disso, quando insistiu para ser abandonado ao ficar severamente doente durante a viagem de descida pelo rio da Dúvida. Segundo Rondon, o comandante americano da expedição chegou a delirar de febre (por conta da grave infecção em sua perna), e pediu-lhe: “‘A expedição não se pode deter. Por outro lado, não me é possível prosseguir. Partam e deixem-me!’. Agitava-se, irritado com a resistência que eu lhe opunha. Encontrei afinal um argumento: - Permita-me que pondere que a expedição se chama Roosevelt-Rondon e que não é por isso possível nos separarmos”. (VIVEIROS, 2010, p. 400-01). E assim o brasileiro narrou a forma como dissuadiu seu importante hóspede de ser deixado no acampamento, quando não mais conseguia locomover-se na selva, e não faziam a menor ideia do quanto ainda teriam de percorrer.

Não apenas o diretor do museu achava descabida a ideia. Para desespero de Edith, esposa de Roosevelt, que o acompanhara desde Nova York até o final de sua passagem por Chile e Argentina, a nova rota representava um desafio que o marido, que já passava dos 50 anos de idade, poderia não ser capaz de suportar. Aproveitou que o terceiro de seus filhos, Kermit, trabalhava no Brasil (e havia pedido folga do seu serviço para encontrar os pais), e suplicou que Roosevelt fosse por ele acompanhado, de modo a evitar um lamentável desfecho da viagem. Assim, Kermit integrou-se à expedição, como parte da comitiva americana.

³⁸ Word of what Roosevelt had decided to do fell like a bombshell at the American Museum of Natural History in New York. Henry Fairfield Osborn dropped his cool patrician manner when he learned that T.R. planned to go into an unexplored part of central Brazil where the climate alone was known to be deadly. Thoroughly alarmed, Osborn threatened to withdraw the museum’s sponsorship of the expedition if Roosevelt insisted on going “to this particular region” and vowed to “not even assume part of the responsibility for what might happen in case he did not return alive”. From Brazil, Roosevelt sent a stirring message back to Frank Chapman: “Tell Osborn I have already lived and enjoyed as much of life as any nine other men I know. I have had my full share, and if it’s necessary for me to leave my bones in South America, I am quite ready to do so”. (ORNIG, 1994, p. 51-52)

3.1 ATRAVÉS DO INTERIOR DO MATO GROSSO

Roosevelt cumpriu todos os compromissos oficiais em sua passagem pela Argentina e Chile entre o final de outubro e começo de dezembro de 1913. Viajando de barco a vapor pelo interior do Paraguai, Roosevelt encontrou finalmente Rondon em meados de dezembro. A ocasião foi lembrada por Rondon em suas conferências como uma celebração das diferenças entre os dois:

[...] eu, com os meus auxiliares, me dirigia para o navio, cujo tombadilho ia servir de palco ás cerimonias das primeiras apresentações que se tinham de fazer entre um estadista iniciado nos altos segredos ao protocollo da diplomacia européa e um homem que, havia perto de 25 annos, vivia internado nos sertões, frequentando as chancelarias Bororos, Parecis e Nhambiquaras e aprimorando-se na etiqueta das respectivas cortes. (RONDON, 1916, p. 19, grafado como no original)

Durante essa parte da expedição, as comitivas americana e brasileira se uniram para adentrar a província do Mato Grosso, até a cabeceira do Rio da Dúvida. Os caminhos já eram conhecidos por Rondon através de seu trabalho na instalação das linhas telegráficas, bem como por estabelecer contato pacífico com as tribos indígenas que encontravam durante a expansão das linhas. Era comum o recrutamento de indígenas para cuidar das estações e operar o telégrafo; Rondon acreditava ser papel do Estado brasileiro (e não de entidades religiosas) a tutela das populações indígenas, incorporando-os ao convívio do homem branco sempre quando se mostrassem disponíveis.

Encontraram também pelo caminho muitas fazendas de gado e pessoas dispostas a hospedar a comitiva da melhor maneira possível. A descrição de Rondon das pessoas que os recebiam, tanto as mais simples quanto as mais providas de recursos, muitas vezes destoava do relato de Roosevelt, como se verá mais adiante no cotejo. Os vaqueiros de uma determinada fazenda ofereceram tão boa acolhida que “[...] não foi, pois, sem pesar que nos despedimos dos bons vaqueiros da fazenda. Ficaram eles na margem, junto aos carros de bois, vazios das bagagens que haviam conduzido, a olhar tristemente para o vapor que se afastava...” (VIVEIROS, 2010, p. 366). Mesmo quando estavam perto de “ranchos bem pobres”, a saída era sempre marcada pela generosidade: “não deixavam, entretanto, de nos oferecer antes de embarcarmos excelente café.” (VIVEIROS, 2010, p. 372)

Nos interiores que percorria, Rondon procurava peões que estivessem dispostos a trabalhar na expedição. A má fama das condições de trabalho e perigos que seus homens enfrentavam era tão grande que ele narrou assim a tentativa de oferta de emprego ao cozinheiro do barco a vapor em que viajava: “[...] grande era a dificuldade em obter pessoal, apesar do

soldo dobrado. Indagando eu do cozinheiro do Nioaque se concordaria em nos acompanhar, respondeu: — Senhor! Nada fiz que mereça tal castigo!” (VIVEIROS, 2010, p. 370).

Rondon expressou grande admiração pela figura intelectual de Roosevelt. Ele descreveu o visitante americano como um leitor voraz, mesmo em meio às adversidades da selva, numa viagem como aquela:

Interessante é que no meio das fadigas e incômodos das grandes viagens nunca interrompia seus hábitos intelectuais — era um apaixonado devorador de livros, que faziam parte essencial de sua bagagem. Ao chegar a um pouso, ou mesmo durante alta momentânea, bastava que se forrasse o chão com um couro para que, estendido sobre ele, reencetasse a leitura. Destinava sempre, por outro lado, algum tempo à elaboração de um livro, que depois mandou publicar — as suas notas de viagem. (VIVEIROS, 2010, p. 368)

Foi durante essa fase da expedição que ocorreram as primeiras desistências e baixas. Ainda em terreno conhecido, alguns membros mostraram-se sem aptidão para uma jornada que já se apresentava difícil, devido principalmente ao excesso de carga, uma constante durante toda a viagem. As interações e convicções pessoais também foram decisivas para que os comandantes escolhessem quem seguiria para a descida ao Rio da Dúvida e quem tomaria outros caminhos. Um personagem principal mostrou-se definitivamente inapto aos valores expressos principalmente por Rondon: o velho amigo de TR, o Padre Zahm.

As visões do sertanista e do padre a respeito da religião dos indígenas destoava radicalmente. Em determinado ponto da viagem, ao passarem por uma aldeia, o padre resolveu que simplesmente iria ficar ali um tempo e batizar *um bom número de índios*:

Ficara Father Zahm em Utiariti, prometendo: “Quando voltarem encontrarão bom número de índios batizados.” Não fizera eu [Rondon] objeção alguma. Embora o Serviço de Índios não cuidasse de catequese, respeitando a liberdade espiritual e o modo de ser dos índios sob sua proteção, não impedia outros tentarem chamá-los às suas crenças, desde que não os constrangessem. E Father Zahm fizera proezas. Estava entusiasmado e decidido a prosseguir em sua catequese. Como, entretanto, não haveria mais transporte daí em diante, resolvera, muito facilmente, que continuaria sua missão... carregado pelos índios em padiola. — Índio foi feito para carregar padre — explicou —, e já me servi muitas vezes de semelhante meio de condução. Interveio o Sr. Roosevelt: — Pois não cometerá você tal atentado aos princípios de meu caro coronel Rondon. Trocaram-se palavras acaloradas, e o Sr. Roosevelt chamou Father Zahm para a sua tenda, onde se prolongou a discussão até chegarem a um resultado: — Já que você não pode andar a cavalo, voltará para Tapirapoan, acompanhado por Sigg. (VIVEIROS, 2010, p. 378)

Após o episódio, o dissabor foi tão intenso que o velho amigo e um dos principais personagens da viagem foi encaminhado de volta aos EUA. A partir dali a expedição foi marcada pelo início da familiarização entre Roosevelt e Rondon, suas visões de mundo, bem como pela coleta de grande parte dos espécimes que depois foram encaminhados para o AMNH. A maioria dos registros fotográficos da expedição também ocorreu no trecho já conhecido por Rondon e seus camaradas. As paisagens pantaneiras, as caçadas mata adentro, as recepções

calorosas em cada estância em que faziam pousada, as visitas às aldeias indígenas e estações telegráficas, as cachoeiras e a natureza exuberante encontrada pelo caminho: tudo foi descrito com riqueza de detalhes por Roosevelt em seu relato de viagem.

3.2 SELVA ADENTRO

A expedição iniciou a descida nas cabeceiras do Rio da Dúvida no dia 27 de fevereiro de 1914. Daquele ponto em diante era um salto no desconhecido, sem previsão alguma de quando ou se encontrariam um dia as equipes que Rondon destacou para diferentes pontos onde ele acreditava que o Dúvida desaguaria: “Poderíamos estar daí a uma semana no [rio] Ji-Paraná; a seis, no [rio] Madeira; a três meses, não se sabe onde, era o Rio da Dúvida.” (VIVEIROS, 2010, P. 390). Amílcar Botelho de Magalhães era um dos oficiais de extrema confiança de Rondon, e assim narrou a cena temerosa da despedida, quando se dividiram as comitivas e ele testemunhou a partida dos homens que desceriam o Dúvida:

Afigura-se-me ainda fixada na retina aquela cena inolvidável do embarque, presenciado por mim do tosco balaústre da ponte aí construída pela Comissão Telegráfica, para servir ao pessoal da conservação e às tropas. Parece que sinto até agora no coração, ao relembrar o fato, o aperto desse vago temor de um insucesso que pudesse empalidecer a estrela do eminente amigo general Rondon e se refletisse sobre a nossa estremecida pátria! (MAGALHÃES, 1941, p. 175)

Ainda segundo Magalhães (1941), as canoas partiram tão carregadas que precisaram de um improviso com feixes de talos de buriti fixados nas laterais, de maneira a evitar o transbordamento: “[...] [as canoas] carregadas (as maiores tinham capacidade para 1.200 quilogramas) e tripuladas, apresentavam apenas alguns centímetros de borda acima do nível d'água, apesar do auxílio que recebiam dos flutuadores de talos de buriti, adaptados aos costado: bastaria o brusco movimento de um homem inábil, para que se alagassem e submergissem.” (MAGALHÃES, 1941, p. 175). Ainda assim ele teve a confiança de que tudo sairia como o esperado, já que o comandante da situação era o veterano Rondon.

Partiram com provisões suficientes para 50 dias, mesmo após os sucessivos alívios de carga durante o trecho de terra. “O Sr. Roosevelt, eu [Rondon], Lira, Dr. Cajazeira, Cherrie e Kermit desceríamos com 16 remadores em sete canoas o Rio da Dúvida, a fim de verificar onde era sua embocadura. [...] Levávamos também armas defensivas e para a caça destinada à alimentação.” (VIVEIROS, 2010, p. 384). Mal poderiam imaginar todos os imprevistos com os quais teriam que lidar. Essa parte da viagem foi, de fato, a mais extenuante e repleta de desafios que qualquer outra.

Trechos de cachoeiras e desfiladeiros foram responsáveis por várias perdas de carga valiosa para a sobrevivência dos homens. Além de perderem também canoas, perderam-se vidas

entre as corredeiras. Ao menos uma delas, de acordo com os relatos constantes em livros que se dedicaram a extensa pesquisa sobre a viagem, ocorreu por teimosia de Kermit às ordens de Rondon para não atravessar um trecho de cachoeiras que se mostrava muito perigoso, logo adiante deles. O filho de Roosevelt seguia numa canoa junto com dois remeiros, sempre à frente dos outros membros e, ao avistar as corredeiras, ignorou o chamado para recuar e procurar a margem do rio. Ordenou que os remeiros continuassem para ver aonde chegariam. Não conseguiram dominar a força da natureza, e apenas Kermit e Antônio, o camarada sobrevivente, alcançaram a terra firme. O jovem Simplício nunca foi encontrado.

Figura 6 - Kermit na canoa, ao centro, na descida do Rio da Dúvida



Fonte: Documentário *Into the Amazon*

As constantes chuvas os obrigavam a paradas recorrentes, dada a total falta de condições de prosseguirem com o levantamento topográfico e mapeamento das coordenadas do rio, tarefa tão primordial para Rondon desde o início. O detalhamento do curso do Dúvida também foi um dos motivos de discordância entre os comandantes da expedição: Roosevelt queria um trabalho mais ágil e avanço na navegação; Rondon não queria desperdiçar a oportunidade de mapear cada trecho do rio navegado. Em meio a todos os acontecimentos, os homens sentiam-se a todo momento vigiados pelos indígenas que eram totalmente desconhecidos por Rondon.

O jornalista americano Larry Rohter, que se dedicou a escrever uma biografia de Rondon, esteve em 2006 entre a tribo dos Cinta Larga, os mesmos que espreitavam muito de perto todos os passos da expedição. Através da vívida cultura da história oral repassada de pais para filhos, os indígenas narraram a Rohter a versão deles sobre a passagem daqueles homens através de seu território, no longínquo ano de 1913:

[...] mencionaram diversas vezes a expedição Roosevelt-Rondon, fornecendo detalhes fascinantes de histórias orais repassadas para eles por seus pais e avós, que viveram os acontecimentos ali descritos. [...] os Cinta Larga vinham observando atentamente os exploradores desde que estes penetraram no território da tribo pela primeira vez, debatendo entre si o que fazer. [...] Uma facção queria atacar os forasteiros imediatamente, encarando sua presença como indesejável e ameaçadora, em nada distinta dos seringueiros que ocasionalmente invadiam seus domínios. Mas outro grupo insistiu em uma abordagem mais precavida, preferindo continuar a seguir os homens brancos até suas intenções ficarem claras. No fim, os partidários da cautela levaram a melhor por dois motivos, de acordo com os chefes Cinta Larga, falando de acontecimentos de quase um século antes como se tivessem acabado de ocorrer. Primeiro, os rastreadores observaram o serviço fúnebre de Simplício e deduziram corretamente que, se os brasileiros e americanos pranteavam seus mortos, deviam ter intenção pacífica e logo iriam embora. E, em segundo lugar, os presentes deixados por Rondon na cova de Lobo foram interpretados como sinal de que ele não ficara ofendido e compreendera que os Cinta Larga haviam reagido por medo, não hostilidade. (ROHTER, 2019, p. 263-264)

Em uma das vezes em que Rondon esteve muito perto de encontrar finalmente os Cinta Larga, ele foi surpreendido pelos latidos insistentes de seu cão preferido, Lobo, numa ocasião em que procurava alimento na mata. O cachorro saiu em disparada, adentrando a floresta atrás dos indígenas. Rondon foi atrás e teve a vida salva por Lobo, que havia sido atingido por uma flecha envenenada. Os indígenas sumiram novamente na densa floresta. Mas as aproximações continuariam constantes, sendo uma causa de tensão entre os homens da expedição:

Desde a morte de Lobo, os Cinta Larga nem mais se davam ao trabalho de manter sua presença em segredo e empreendiam uma tática não muito sutil de guerra psicológica e intimidação. Embora ainda ocultados pela selva, continuavam à espreita, pois os cães viviam agitados, latindo para algo próximo, mas invisível. Ao abrirem uma picada junto à margem do rio, os exploradores viram pegadas frescas na lama feitas por outros homens e perceberam um farfalhar na mata, não muito distante. Além do mais, escutavam chamados de animais noturnos em plena luz do dia, bem como vozes estridentes e dissonantes que só podiam ser humanas. “As pegadas, os acampamentos abandonados e as vozes de pessoas invisíveis eram como um mistério”, escreveu Cherrie. (ROHTER, 2019, p. 266-267)

Outro ponto de extrema tensão da viagem foi o caso do camarada Júlio, que foi pego subtraindo comida. Numa situação como a que viviam na selva, era considerado um verdadeiro crime aproveitar-se da distração dos camaradas e furtar alimentos, obtendo vantagens enquanto a comida era racionada de forma que todos pudessem comer o que já estava escasso. Denunciado a Rondon por Paixão, o sargento que o havia flagrado, sofreu reprimendas ao menos três vezes, sempre reincidente.

Em certa ocasião, e com medo do castigo que viria a sofrer, Júlio catou uma arma e embrenhou-se mata adentro. Armou tocaia para Paixão e desferiu-lhe um tiro mortal à queimadura. Houve posteriormente um embate moral entre Rondon, que queria encontrar e prender Júlio para levá-lo às autoridades brasileiras, e Roosevelt, que desejava ver o criminoso morto a

que ele se tornasse mais um fardo a dividir comida, além de representar constante perigo para os outros membros. Júlio não foi localizado até o fim do dia.

Na manhã seguinte ao assassinato, ao ver os homens deixando o acampamento nas canoas, Júlio ainda correu pela beira do rio e suplicou clemência para ir junto a eles. Ninguém lhe deu ouvidos e a Expedição seguiu o curso do Dúvida.

A equipe levou quase dois meses entre a partida do ponto conhecido por Rondon em 1909 até chegar ao local em que era já parcialmente habitado, num trecho do rio conhecido como Castanho, tributário do Aripuanã, onde encontraram cabanas de seringueiros, apoio e alimentos para todos os membros, que já estavam à beira da inanição. A partir dali encontraram relativa facilidade em percorrer o Dúvida até o local combinado com uma das equipes designadas por Rondon, na embocadura do Dúvida com o Rio Madeira. Como Rondon declarou a Viveiros: “Salientou o Sr. Roosevelt que fora colocado no mapa um rio de cerca de 1.500km, inteiramente desconhecido em grande parte de sua extensão.” (VIVEIROS, 2010, p. 403).

Uma viagem que mudou vidas, principalmente a de Roosevelt, devido a muitas dificuldades, sofrimentos, doenças, perdas, fome entre tantos outros acontecimentos narrados por várias fontes. O próprio Roosevelt desenvolveu uma infecção na perna que evoluiu ao longo dos anos, sendo uma das causas de sua morte poucos anos depois, em 1919. Rondon recordou os fatos decorrentes da publicação da obra no exterior e a sua participação na chegada da tradução ao Brasil³⁹:

Escreveu o Sr. Roosevelt o volumoso livro *Through the Brazilian Wilderness*, descrição de sua viagem. Foi este traduzido, tendo eu pedido prévia autorização à viúva. Essa delicadeza muito a sensibilizou, e a autorização veio assinada, não só por ela como por todos os filhos e pelo editor. Quando o Sr. Roosevelt foi à Europa para fazer conferências sobre sua excursão, fui eu também convidado. Nessa ocasião, disse um português a propósito do Rio da Dúvida que os portugueses já lhe conheciam a barra, ao que retrucou o Sr. Roosevelt: — Só a barra era conhecida, isto é, alguns poucos quilômetros dos seus 1.500km de curso. (VIVEIROS, 2010, p. 405)

Ornig (1994) revela que, ainda em 1914, após retornar aos EUA, Roosevelt foi posto à prova quanto às realizações alcançadas na viagem que acabara de completar⁴⁰. Sociedades geográficas americanas e europeias da época convidaram TR para palestrar a respeito da expedição e demonstrar como alcançara tal feito. Foi escarnecido por diversos homens da

³⁹ Foi publicada uma notícia, em 1949, que deu mais detalhes sobre a solicitação de Rondon para permissão da tradução no Brasil, e que será retomada mais adiante no presente trabalho. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=089842_05&pagfis=46790

⁴⁰ The publication of Roosevelt's *Through the Brazilian Wilderness* brought the story of the River of Doubt to a close. In November 1914, T.R. sent copies to the American and Brazilian members of the expedition. “You will be amused to know,” he wrote Rondon, “that... various... gentlemen made a furious attack upon what we had done.” (ORNIG, 1994, p. 218)

ciência e exploradores da época, mas o *velho alce macho* não tolerava discursos de quem duvidasse de sua conquista.

Enquanto Roosevelt provava ao mundo sua proeza, Rondon retornava finalmente à sua missão de implantar o telégrafo nos mais distantes pontos do interior do Brasil.

A seguir, o mapa de parte do percurso feito pela expedição, a partir de Mato Grosso, com o traçado realizado pelo próprio TR⁴¹, no mapa que ele carregava consigo:

Figura 7 - Mapa pessoal de Roosevelt - Expedição

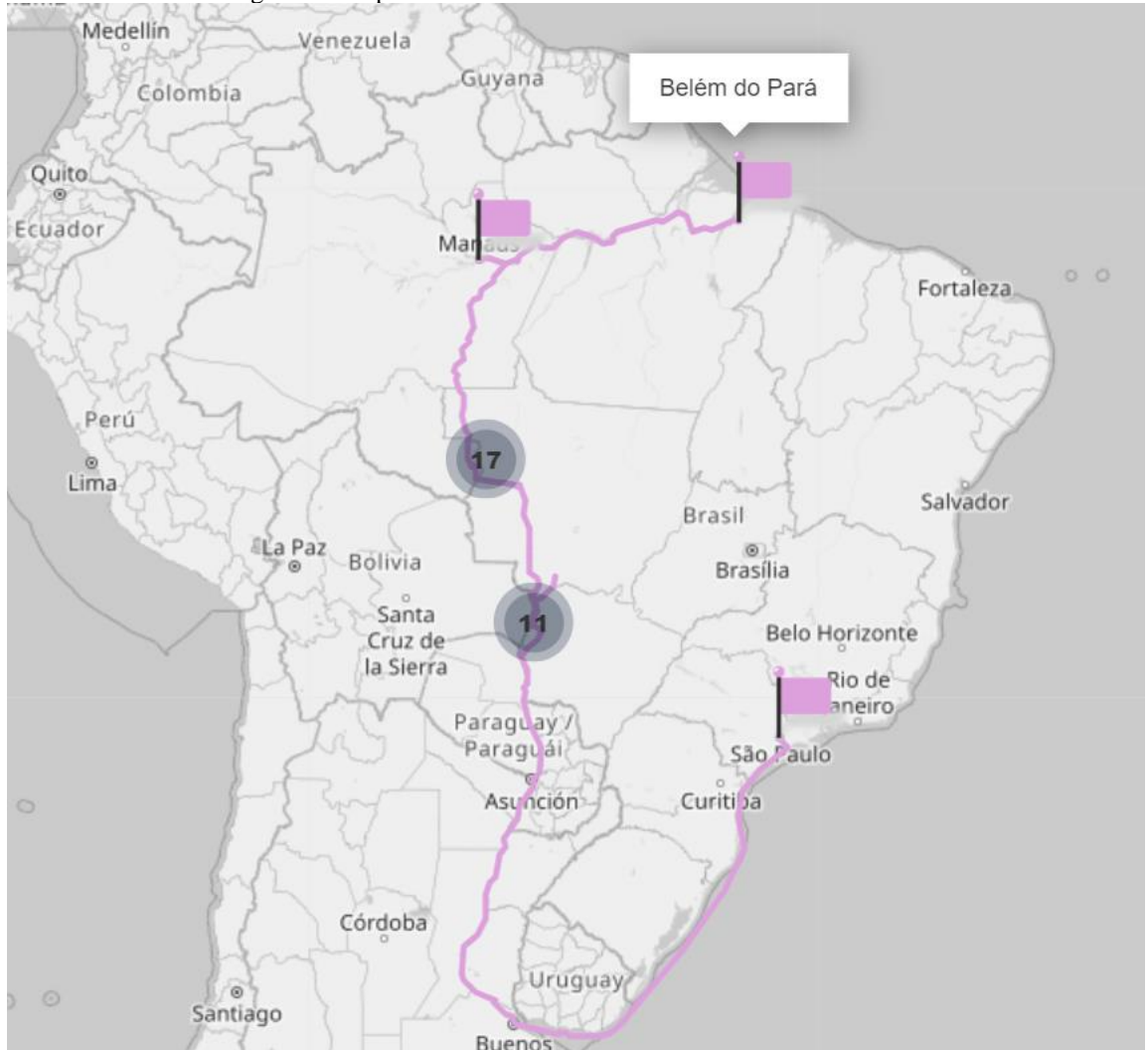


Fonte: Acervo da Houghton Library/Harvard

A Biblioteca Brasileira Mindlin, através do seu *Atlas dos viajantes no Brasil*, proporciona um mapa interativo, com muitos trechos traçados em rosa, a partir de São Paulo até Belém do Pará, no qual o leitor pode “percorrer” alguns dos caminhos traçados por TR e ler o que ele escreveu sobre o lugar, no seu relato de viagem:

⁴¹ Fotografia tirada pela autora da pesquisa, em 2012, durante visita ao acervo dedicado a TR na Houghton Library, em Harvard. O curador da coleção, na época o Sr. Wallace Finley, informou que o mapa acima provavelmente se tratava do mapa pessoal que TR carregou durante a expedição.

Figura 8 - Mapa interativo São Paulo - Belém do Pará



Fonte: Atlas dos viajantes no Brasil/Biblioteca Brasileira Mindlin⁴²

O mapa do Rio da Dúvida, rascunhado por TR e publicado na revista Scribner's em 1914, encontra-se no anexo VII deste trabalho. A seguir, veremos as expectativas do público americano sobre a viagem de TR, bem como a elaboração e recepção do seu relato, primeiramente nos excertos publicados na revista Scribner's, e posteriormente com o relato na íntegra, no formato de livro, *Through the Brazilian Wilderness*, o qual obteve grande divulgação e vendas.

⁴² Disponível em: https://viajantes.bbm.usp.br/?q=&filters=nome_cluster%3AROOSEVELT%2C+Theodore

3.3 A CONSTRUÇÃO DO RELATO E SUA RECEPÇÃO NOS EUA

Os capítulos do que se tornaria depois um livro foram publicados na imprensa americana no ano de 1914, na revista *Scribner's Magazine*, de Nova York, de cujo corpo editorial Roosevelt fazia parte. Em agosto de 1913, logo após os planos da turnê sul-americana de Roosevelt terem sido divulgados, a revista já começou a noticiar que publicaria com exclusividade o relato, com todas as expectativas que uma viagem exótica a um interior tão desconhecido dos americanos poderia despertar: “[...] [uma viagem ao] interior do Paraguai e Brasil, na qual ele espera viajar de canoa e a pé, através da grande floresta tropical sul-americana. Suas experiências, observações sobre o país e sua gente, e a vida animal serão publicadas apenas na *Scribner's Magazine*”.⁴³

Em setembro do mesmo ano e um mês antes da partida de Roosevelt e sua comitiva, a mesma revista enfatizou o papel das palestras de TR para as nações sul-americanas, como se ele fosse uma espécie de guia ou guardião do continente, mesmo com tantos anos após a saída da presidência:

Os artigos sobre a América do Sul [...] vão conter não apenas suas impressões sobre aquele grande país e sua gente, mas também sugerir, como resultado de sua observação pessoal, os caminhos e meios pelos quais as relações amigáveis entre o povo dos Estados Unidos e o povo da América do Sul devem ser fortalecidos e consolidados nos níveis social, comercial e político⁴⁴.

A imprensa nos Estados Unidos fez a cobertura da viagem e a noticiava ao público americano, mas a divulgação dos capítulos começou somente no mês de abril de 1914, quando Roosevelt já estava quase finalizando a descida ao Rio da Dúvida. Muito se discutia se ele sairia vivo da viagem, o que foi confirmado apenas no começo de maio. O nome escolhido para os capítulos foi *A Hunter-Naturalist in the Brazilian Wilderness*, publicados entre abril e novembro daquele ano. Interessante era a estratégia da revista de sempre divulgar, em alguma página da edição corrente, o que aconteceria no capítulo seguinte, como uma espécie de aperitivo para prender a atenção dos leitores.

⁴³ “[...] into the Paraguayan and Brazilian interior, where he expects to travel by canoe and on foot through the great South American tropical forest. His experiences, observations of the country, the people, and the animal life will appear solely in *Scribner's Magazine*”. *Scribner's Magazine*, Agosto de 1913, Vol. 54, nº 2, Página 17. Disponível em <https://modjournal.org/issue/bdr500928/#> acesso em 20 jan.2022

⁴⁴ The articles on South America [...] will not only contain his impressions of that great country and its people, but will suggest, as the result of his personal observation, the ways and means by which the friendly relations of the people of the United States and the people of South America, social, commercial, and political, may be strengthened and cemented. *Scribner's Magazine*, Setembro de 1913, Vol. 54, nº 3, Página 14. Disponível em <https://modjournal.org/issue/bdr501134/#> acesso em 20 jan.2022

Os artigos publicados na *Scribner's* eram mais fartamente ilustrados com fotos do que a versão final que o livro apresentou. Muitas imagens registradas pelos membros americanos da expedição foram utilizadas pela revista, enquanto a versão final do livro contou, principalmente, com as fotos tiradas por Kermit Roosevelt, ao menos pelo que foi observado na edição de 1914 da *Charles Scribner's Sons*, utilizada nesta pesquisa.

A edição de junho contou com um apanhado de opiniões a respeito dos artigos de Roosevelt, retirados dos principais jornais do país:

O autor descreve tudo: as estrelas no céu, a configuração geral da terra, os infinitos detalhes da vida animal e vegetal, as raças, línguas, credos, assentamentos, hábitos e ocupação dos homens. Mas não é só uma passada de olhos nos fatos sem objetivo. O escritor vê todas essas coisas porque se interessa na vida humana que pode ser desenvolvida a partir desses fatores locais e históricos. **O avanço a partir daí, o desenvolvimento que se pode razoavelmente presumir, tudo o que chamamos de progresso, é o que realmente o interessa.** (Semanário Collier)

Roosevelt, que desta vez vai para o sertão brasileiro, [...] para notar uma grande variedade de coisas que, naquele estranho país, esse caçador-naturalista descreve tão bem [...] e que é capaz de descrevê-las de modo a fazer o leitor ver o mesmo. (Hartford Courant)

Scribner's respira ar livre e vigor masculino em cada página, como se estivesse contagiado com o espírito do estadista explorador que contribui com o artigo principal. (New York Evening Post⁴⁵ (grifo nosso))

Nos comentários da imprensa americana sobre os artigos, destacam-se a habilidade descritiva de Roosevelt sobre as caçadas realizadas, bem como sua visão de negócios sobre o potencial de desenvolvimento dos países visitados. Seria a propaganda a que tanto interessava ao governo brasileiro?

Roosevelt tinha desenvolvido uma carreira de escritor de *best-sellers*, aliando o interesse em aventuras revestidas de caráter científico-naturalista com o sucesso de vendas de seus relatos sobre as viagens e as experiências de caça através do interior dos Estados Unidos. Em 1909, após sair da presidência, empreendeu safári na África, patrocinado pelo *Smithsonian Museum*, onde coletou vários espécimes daquele continente para a coleção do museu. Ao final escreveu

⁴⁵ Scribner's Magazine, junho de 1914, Vol. 55, nº 6, Página 12. Disponível em <https://modjournal.org/issue/bdr476875/#> acesso em 20 jan.2022. Texto original: The author describes everything: the stars overhead, the general lay of the land, the endless details of animal and plant life, the races, languages, creeds, settlements, habits and occupation of men. But it is not a mere aimless sweeping up of facts as such. The writer sees all these things because he is interested in the human life which can be developed from and upon these local and historical factors. **The going forward from this point, the development which can reasonably be expected, all that which we call progress, is what really interests him.** (Collier's Weekly)/Roosevelt, who this time takes one into the Brazilian wilderness, [...] to note a great variety of things which, in that strange country, this hunter-naturalists describes so well [...] and who is able to describe them so as to make the reader see the same. (Hartford Courant)/Scribner's breathes outdoors and masculine vigor in every page, as if infected with the spirit of the explorer-statesman who contributes the leading article. (New York Evening Post)

o livro *African Game Trails*, que seguia sendo um livro bastante comentado e vendido até 1914. Há várias menções e propagandas sobre a obra nas *Scribner's* pesquisadas em 1913 e 1914.

Era considerado também um grande intelectual de seu tempo, por se dedicar a escrever sobre suas visões políticas, entre outros assuntos. Mesmo após a presidência, seguia como influenciador de opiniões nos jornais para os quais escrevia. Sua habilidade impressionou Rondon durante a expedição, sobre a qual descreveu os momentos em que TR se empenhava na produção dos artigos para a *Scribner's*, mesmo em meio às constantes adversidades da viagem na selva:

Mas, apesar de tudo, não se afastava uma linha sequer do seu habito de escrever diariamente o registo das suas impressões de momento e mais algumas paginas do livro destinado a divulgar o que estava vendo e passando nesta travessia dos sertões brasileiros. (RONDON, 1916, p. 67, grafado como no original)

Figura 9 - Fotografia de Theodore Roosevelt escrevendo seu relato de viagem para a revista *Scribner's*



From a photograph by Kermit Roosevelt.

I did my writing in headnet and gauntlets.—Page 420.

Legenda: fotografia feita por Kermit Roosevelt. [Frase de TR]: “Eu escrevendo com a tela de proteção na cabeça e luvas compridas” – página 420

Fonte: *Scribner's Magazine*, outubro de 1914⁴⁶, p. 420

⁴⁶ Disponível em <https://modjourn.org/issue/bdr47775/>

Os jornais começaram a noticiar em fins de outubro de 1914 o lançamento da versão final do relato, reunindo a série de artigos de Roosevelt no livro *Through the Brazilian Wilderness*. O jornal *The Sun* de Nova York resumiu assim o conteúdo do relato:

Aqui está a narrativa vívida do próprio Coronel Roosevelt de sua exploração na América do Sul; suas aventuras no famoso "Rio da Dúvida", sua visita a tribos remotas de índios nus e completamente bárbaros, sua jornada de 500 milhas em lombo de mulas através dos altiplanos de onde surgem os sistemas fluviais do Paraguai e do Amazonas, suas observações sobre a avifauna mais brilhante e variada dos trópicos sul-americanos; caça à onça-pintada, anta, queixada, tamanduá-bandeira gigante e outros animais inusitados da selva; todo esse panorama variado é retratado no estilo mais gráfico e pitoresco do autor, cheio da alegria das novas aventuras. O livro é um acréscimo permanente à literatura de exploração. Fartamente ilustrado. US\$ 3,50 mais postagem.⁴⁷ (THE SUN, 31/10/1914)

O jornal *The New York Times* lançou uma crítica a respeito do livro, classificando-o como uma leitura de passatempo, que não deveria ser levada a sério quanto a um pretensão caráter científico:

O Coronel Roosevelt não tem pretensões científicas extremas. Ele é antes de tudo um naturalista. [...] Quando ele conclui [algo], ele faz isso reconhecendo abertamente o fato de que ele pode não possuir os dados completos de sua suposição. [...] “Nas selvas do Brasil” não é um trabalho científico, é uma narrativa informal, uma crônica de aventuras por um país desconhecido. [...] Embora esteja incluído no volume um relato exato deste rio [...] há também uma grande quantidade de comentários correntes sobre uma série de coisas que nada têm a ver com o Rio Teodoro ou história natural, mas que dão ao leitor uma agradável sensação de intimidade com a viagem do Coronel.⁴⁸ (*The New York Times*, 15/11/1914)

No início de dezembro o livro já aparecia disponível para aquisição, pelos correios ou nas livrarias, nos mais diversos jornais, em todo o país e no Reino Unido. Configurou, inclusive, em diversas listas de sugestão de presente de Natal⁴⁹.

Já em solo brasileiro, especificamente em relação ao lançamento da obra, não se observou o mesmo destaque na imprensa.

⁴⁷ Texto original: Here is Colonel Roosevelt's own vivid narrative of his exploration in South America; his adventures on the famous "River of Doubt," his visit to remote tribes of naked and wholly barbarous Indians, his 500-mile journey on mule-back across the height of land the river systems of Paraguay and the Amazon, his observations on the most brilliant and varied bird life of South American tropics; hunting of the jaguar, the tapir, the peccary, the giant anteater, and other unusual animals of the jungle; all of this varied panorama is depicted in the author's most graphic and picturesque style, full of the joy of new adventures. The book is a permanent addition to the literature of exploration. Profusely Illustrated. \$3.50; postage extra.

⁴⁸ Colonel Roosevelt makes no extreme scientific pretensions. He is first and foremost a naturalist. [...] When he concludes, he concludes in open-minded recognition of the fact that he may not possess full data of his assumption. [...] “Through the Brazilian wilderness” is not a scientific work, it is informal narrative, a chronicle of adventures through unknown country. [...] While there is included in the volume an exact account of this river [...] there is also a vast amount of running comment on a number of things which have nothing to do with the Rio Teodoro or natural history, but which give the reader a pleasant sense of intimacy with the Colonel's trip.

⁴⁹ A pesquisa retornou muitos resultados em jornais americanos. Alguns exemplos: <https://www.newspapers.com/image/354961104/> ; <https://www.newspapers.com/image/164192093/> ; <https://www.newspapers.com/image/86506160/> ; <https://www.newspapers.com/image/27522856/>

Não houve resultado relevante na busca ao banco de dados da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, aos termos “A hunter-naturalist” e “Brazilian wilderness”, a fim de verificar possível repercussão dos artigos e livro de Roosevelt sobre a expedição realizada no Brasil. Foi encontrada a referência apenas aos artigos da *Scribner’s* na Revista *Chácaras e Quintais*⁵⁰, no mês de outubro de 1914. Nela, os editores mencionam que receberam os quatro primeiros capítulos publicados na revista de Nova York, e os apresentavam em trechos de interesse de seus leitores, ou seja, os que citavam os momentos de caça no relato. Interessante que se pode considerar, em certo nível, o achado na *Chácaras e Quintais* como a primeira tradução do livro de Roosevelt no Brasil, ainda que em excertos.

3.4 A REPERCUSSÃO DA VIAGEM NO BRASIL DE 1914-15

No Brasil, a viagem pelo Rio da Dúvida foi noticiada através dos jornais, que publicaram a respeito da expectativa do público em relação ao andamento da expedição, enquanto ainda não se sabia do paradeiro de seus membros⁵¹; após finalmente serem encontrados e encaminhados para Manaus⁵²; e a repercussão de Roosevelt nas imprensas americana e europeia a respeito do Rio da Dúvida⁵³. Para os brasileiros, o que ficava evidente através da imprensa eram os objetivos de ampliação do conhecimento científico do interior do país: “[...] a Expedição Roosevelt-Rondon, em lugar do aspecto de uma simples incursão venatória, que a princípio se lhe atribuía, se revestiu do caráter dum empreendimento destinado a aumentar os conhecimentos que precisamos ter do território nacional, dos seus recursos naturais e dos meios do seu aproveitamento futuro.” (BRASIL, 2003, p. 234).

Fato que merece destaque é em relação a membros de Sociedades Geográficas americanas e europeias (e alguns no Brasil) que tentaram desqualificar o feito da Expedição Roosevelt-Rondon. Uma grande polêmica foi criada, em maio de 1914, por Arnold Henry Savage Landor. O inglês foi objeto de críticas vorazes no decorrer do livro de TR, que o classificou como *pseudo-explorador* (ver no cotejo: item 6.12, p. 173 e item 8.18, p. 254, ambos do original de 1914), era muitas vezes retratado pela imprensa brasileira como um grande *charlatão* e *contador de histórias*. Landor já havia estado em solo brasileiro nos anos

⁵⁰ Revista *Chácaras e Quintais*, outubro de 1914, disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/214957/18044> ; <http://memoria.bn.br/DocReader/214957/18045> ; <http://memoria.bn.br/DocReader/214957/18046> ; <http://memoria.bn.br/DocReader/214957/18047> ; <http://memoria.bn.br/DocReader/214957/18048>

⁵¹ O paiz, 11.04.1914, disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/22399

O paiz, 30.04.1914, disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/22650

⁵² O paiz, 01.05.1914, disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/22664

⁵³ O Imparcial, 05.07.1914, disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/107670_01/7090 e O Imparcial, 13.07.1914, disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/107670_01/7206

imediatamente anteriores à Expedição e, por fazer exigências além do alcance do que poderia atender o governo brasileiro, produziu relatos absurdos, inclusive a respeito de Rondon (que era o responsável por permitir a entrada de estrangeiros em território indígena na época).

Landor publicou livros sobre suas viagens ao Brasil e América do Sul, e acusou TR de se utilizar de trechos de seu relato, observando os mesmos espaços de tempo, e até mesmo de sofrer a mesma moléstia pela qual passou, para apresentar ao público uma versão inventada sobre o novo rio que havia descido e mapeado junto a Rondon. Reproduz-se abaixo a notícia de uma entrevista de Landor em Paris, na qual ele finaliza dizendo que TR “[...] descobriu o Rio da Dúvida e inclino-me ao pensar que este nome é admiravelmente escolhido e que se devia aplicar, não apenas a esse rio, como também a toda a viagem do Sr. Roosevelt ao país.”:

Figura 10 - Entrevista de Landor em Paris sobre a viagem Roosevelt-Rondon

A LUTA DOS EXPLORADORES

O Sr. Landor quer por força desbancar o Sr. Roosevelt

As declarações do Sr. Landor ao «ExceIsior», de Paris




O Sr. Landor O Sr. Roosevelt

O Sr. Savage Landor ao saber em Paris que o coronel Roosevelt pretendia refutar as declarações mentirosas sobre o interior do Brasil, communicou á imprensa parisiense as seguintes cousas:

—Dizem-me que o Sr. Roosevelt é um honesto homem enquanto considerado como politico, mas como explorador, o unico sentimento que elle sempre me inspirou foi o de compaixão. Acabo de saber pelos jornaes que elle se propõe a contradizer as observações que eu colhi em minha viagem pelo interior do Brasil. Mas antes de lá chegar, seria util que o coronel Roosevelt tivesse penetrado, elle mesmo, a pé ou a cavallo, nessas regiões, em vez de fazer viagem de recreio em chaluças a vapor.

Elle vac, segundo disse, “contestar” minhas allegações, mas percebo desde já que elle se limitou, ao contrario, a copiar com uma singular exactidão os incidentes mais interessantes de minha viagem. Elle mantem fielmente entre esses diversos incidentes o mesmo afastamento de datas que nos meus diferentes percursos, de modo a indicar os mesmos tempos para as mesmas distancias; elle segue passo a passo minhas descrições do paiz e — cousa curiosa — conheceu as mesmas molestias que eu tive. O que ha ainda de mais estranho é que elle soffreu da mesma perna que eu.

Estas cousas succedem muito aos exploradores Tartarin, que lêm com o maior cuidado os trabalhos daquelles — mais humildes — que os precederam.

De resto, eu quero me abster de qualquer commentario sobre o trabalho que o coronel Roosevelt annuncia como extremamente scientifico. Mas quanto ao que me respeita pessoalmente esta pretensão me faz rir, rir muito, e creio que commigo rirão todos os que têm um pouco de bom senso!

São por demais conhecidos sua gloriosa descoberta da Africa, os perigos excessivos que elle correu explorando a linha do caminho de ferro de Mombassa ao lago Victoria. Todos se lembram de sua travessia — tão perigosa — desse lago, que elle effectuou em um elegante barco a vapor, com todo o conforto moderno.

Não falarei si não de memoria dos grandes perigos aos quaes elle corajosamente se expoz, descendo o Nilo, igualmente num magnifico barco a vapor, terminando sua prestigiosa viagem pela descoberta... do Egypto.

Mas eu vejo que no Brasil elle descobriu o rio da Duvida e inclino-me ao pensar que este nome é admiravelmente escolhido e que se devia applicar, não apenas a esse rio, como tambem a toda a viagem do Sr. Roosevelt no paiz.”

Um caso mysterioso em S. Paulo

S. PAULO, 30 (A. A.) — O empregado da City Improvements, João Francisco encontrou hontem, pela manhã, numa matta do valle do Pacaembú, o cadaver, em decubito dorsal, de um homem de cor branca, robusto, com cabellos e bigode louros, trajando uma camisa azul, com as mangas arregaçadas e cheias de sangue, calça de casimira e borzeguins, sem meias. O resto da roupa achava-se atirado a poucos passos do cadaver, assim como uma navalha aberta.

Verificou-se que o cadaver apresentava tres ferimentos, sendo um profundo golpe no pescoço e os outros nos pulsos esquerdo e direito.

A policia compareceu, mandando remover o cadaver para o necroterio, onde foi photographado. Não foi ainda possivel estabelecer a identidade desse individuo, presumindo-se que a sua morte seja devido a suicidio. A policia abriu inquerito.

Fonte: Jornal A Noite⁵⁴, de 30/05/1914

⁵⁴ Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/348970_01/4393

A bravata de Landor, sobre a descoberta do Rio por Roosevelt e Rondon⁵⁵ continuou ao longo das semanas seguintes, e contou com defensores de TR pelo lado brasileiro. O escritor Afonso Arinos lançou em um jornal de Paris um desafio⁵⁶ a Landor: apostou 100.000 francos (“dos quais metade seria distribuída pelos pobres de Paris e a outra metade destinada a constituir um prêmio na Sociedade de Geografia da Cidade Luz”⁵⁷) se o inglês conseguisse, através de comissões compostas por membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Sociedade de Geografia de Paris, que suas alegadas descobertas fossem reconhecidas cientificamente.

A promoção do Brasil no exterior, através da publicidade gerada pela Expedição e pelo livro que dela resultou, despertou questionamentos quanto ao mapeamento do novo rio traçado na viagem. Além de Landor, certo engenheiro de nome Ignácio de Moerbeck contestou nos jornais, em 1914, se o Rio da Dúvida poderia ser considerado uma descoberta, visto que ele próprio havia realizado um levantamento, alguns anos antes de Roosevelt e Rondon, sobre o baixo curso do rio, conhecido como o Rio Castanho (ou ainda Castanha) entre os seringueiros locais.

O Capitão Amilcar Botelho de Magalhães, membro da Comissão Telegráfica de Rondon (integrante da Expedição junto a Roosevelt até determinado ponto da jornada), além de ser responsável pelo escritório da Comissão no Rio de Janeiro, atuava como uma espécie de *porta-voz* de Rondon. Magalhães destacou-se pelas defesas públicas em favor dos trabalhos e do legado do sertanista. O Capitão, em entrevista à jornais, em 1914 e 1915, ratificou a veracidade da descida ao Rio da Dúvida pela Expedição Roosevelt-Rondon e sua inserção no mapa do Brasil.

Magalhães, acerca da contestação de Moerbeck, concedeu entrevista em 1914 ao jornal *A Noite*⁵⁸, na qual falou veementemente a favor de Rondon e, dentre suas afirmações, expôs que “A verdade é que ninguém sabia onde ia ter o rio da Dúvida, assim como ninguém conhecia as cabeceiras e o curso superior do Rio Castanha, antes de haver sido executado o seu levantamento geográfico pela expedição Roosevelt-Rondon”. (A EXPEDIÇÃO..., 1914, p. 1).

⁵⁵ O Paiz, de 10.05.1914, disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/22802 ; A noite, de 07/05/1914:http://memoria.bn.br/DocReader/348970_01/4248 ; A Noite, 15/05/14: http://memoria.bn.br/DocReader/348970_01/4309 apenas para citar alguns exemplos

⁵⁶ “Um desafio sensacional”, A Noite, de 01/06/1914, disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/348970_01/4405

⁵⁷ “Ecos e novidades”, A Noite, 02/06/1914, disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/348970_01/4412

⁵⁸ “A Expedição Roosevelt e o rio da Dúvida: Capitão Amilcar Magalhães contesta o engenheiro Moerbeck”, A Noite, de 18/07/1914, disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/348970_01/4651

Em março de 1915, Magalhães novamente saiu em defesa de Rondon nos jornais, desta vez por conta de uma confusão quanto à tradução das palavras Ananás (como a fruta abacaxi é conhecida em Portugal) e Abacaxi, nomes de dois rios da região amazônica. O Rio Abacaxi já era conhecido há tempos; o Ananás era um rio a que Rondon havia atribuído provisoriamente o nome, na mesma viagem de 1909 em que cogitou onde desaguaria o Dúvida. Estes dois rios (Dúvida e Ananás) tinham suas nascentes muito próximas, e ambos não estavam mapeados. O nome do rio mencionado por TR em seu livro foi Ananás, e não *Pineapple* (para ser traduzido como abacaxi), conforme trechos abaixo⁵⁹ onde foram localizadas no livro as palavras “Ananás”:

Havia outro rio, cujas cabeceiras o Coronel Rondon havia alcançado, e seu curso era igualmente incerto, [...] A este rio desconhecido o Coronel Rondon nomeou Ananás, pois ao atravessá-lo, encontrou abacaxis em um campo indígena deserto, com os quais os exploradores famintos se saciaram vorazmente. (ROOSEVELT, 1914, p. 182)

O Papagaio é conhecido tanto na cabeceira quanto na foz; descê-lo não representaria um salto no desconhecido, como no caso do Dúvida ou do Ananás; mas em sua parte inexplorada, ofereceria as mesmas possibilidades de fatalidades e desastres. (ROOSEVELT, 1914, p. 216)

Um pouco mais adiante, na direção norte, encontramos novamente correntes de água que desembocavam no Tapajós e, em suas proximidades, riachos que desaguavam no Dúvida e no Ananás, cujos cursos e desembocaduras eram desconhecidos. (ROOSEVELT, 1914, p. 232)

Rondon, Lyra, o médico, Cherrie, Kermit e eu, com dezesseis remadores, em sete canoas, deveríamos descer o Dúvida e descobrir se ele desembocava no Gy-Paraná, no Madeira ou no Tapajós. Se dentro de alguns dias desembocasse no Gy-Paraná, nosso objetivo era voltar e descer o Ananás, cuja foz também era desconhecida. (ROOSEVELT, 1914, p. 241, traduções nossas)

TR não afirma que *chegaram a descer* o Ananás, apenas que consideraram essa possibilidade, caso descobrissem que o Dúvida tivesse um curso pequeno.

⁵⁹ **Textos originais:** There was another river, of which Colonel Rondon had come across the headwaters, whose course was equally doubtful, [...] To this unknown river Colonel Rondon had given the name Ananas, because when he came across it he found a deserted Indian field with pineapples, which the hungry explorers ate greedily. (ROOSEVELT, 1914, p. 182)

The Papagaio is known both at the source and the mouth; to descend it did not represent a plunge into the unknown, as in the case of the Duvida or the Ananas; but the actual water work, over the part that was unexplored, offered the same possibilities of mischance and disaster. (ROOSEVELT, 1914, p. 216)

A little farther along and northward we again came to streams running ultimately into the Tapajos; and between them, and close to them, were streamlets which drained into the Duvida and Ananas, whose courses and outlets were unknown. (ROOSEVELT, 1914, p. 232)

Rondon, Lyra, the doctor, Cherrie, Kermit, and I, with sixteen paddlers, in seven canoes, were to descend the Duvida, and find out whether it led into the Gy-Parana, into the Madeira, or into the Tapajos. If within a few days it led into the Gy-Parana, our purpose was to return and descend the Ananas, whose outlet was also unknown. (ROOSEVELT, 1914, p. 241)

Após o lançamento do livro, o geógrafo Ernesto de Vasconcelos, da Sociedade Geográfica de Lisboa, refutou nos jornais a descida ao Dúvida⁶⁰, visto que na obra de TR há menções ao Rio Ananás (não mapeado) e, na hora de verter ao português, ficou entendido como *Pinneapple* (ou Abacaxi, já amplamente conhecido na época), o qual havia sido assinalado em um mapa português de 1797. A defesa de Magalhães foi voraz, tanto no sentido de desconstruir o equívoco tradutório das palavras Ananás/Abacaxi/Pinneapple, quanto para desafiar a qualquer geógrafo a ser capaz de identificar, no emaranhado de rios da Amazônia, os que estariam mapeados e os que ainda seriam completamente novos para a ciência:

Nós, brasileiros, sabemos que é muito corrente vêr-se o europeu medianamente culto confundir o Rio de Janeiro com Buenos Aires! Isto em se tratando de capitaes dos dois grandes paizes sul-americanos; imagine-se agora quando o assumpto geographico em sujeito referir-se ao nosso vastíssimo e desconhecido interior do Brazil! [...] Finalmente, Sr. redactor, se collocassemos o Sr. Vasconcelos, o sr. Moerbeck ou qualquer outro cidadão nacional ou estrangeiro naquelle labiryntho de cabeceiras [de rios] onde nenhum civilizado até então penetrara, desafiamos a que, de antemão, nos dissessem qual desses dois rios iria ao Aripuanã; qual ao Gy-Paraná (mais a oéste), qual ao Tapajoz (mais para léste); assim como nenhum pintado, posto que muito sabio em questões de geographia, seria capaz de dizer, colocado na foz do Rio Castanho, onde estariam localizadas as suas cabeceiras antes que a Expedição Roosevelt-Rondon as houvesse assinalado. (O RIO DA DÚVIDA...1915, p. 3, grafado como no original)

A íntegra da resposta de Magalhães consta no Anexo IV.

Nas conferências proferidas por Rondon em outubro de 1915, retomadas, o sertanista também se deteve em emitir longas explicações e justificativas a respeito da confusão nos mapas causada pelo geógrafo português e o equívoco de sua tradução. Explanou e apresentou mapas onde desconstruiu cada argumento narrado por Vasconcelos, em Lisboa:

E assim deve ser, não só por prestarmos uma justa e bem merecida homenagem ao eminente estadista que não desdenhou de trazer o concurso da sua intelligencia da sua coragem e da sua iniciativa ao esforço com que vamos continuando a obra ingente do passado, de descobrir e conquistar as regiões bravias do território da nossa Patria, como também por evitarmos a desordem geographica que resultaria de se darem nomes distinctos a trechos consecutivos de um mesmo rio. (RONDON, 1916, p. 114, grafado como no original)

[...] as nossas despedidas e votos de boa viagem ao Sr. Roosevelt, em quem cada um de nós reconhecia, não só um estadista de fama mundial, um espirito elevado e de rara cultura scientifica e litteraria, um homem de caracter firme, resolute e imperativo, uma alma recta e nobilíssima, **mas também e acima de tudo um crente entusiastico da grandeza e da belleza do futuro da nossa Terra e da nossa gente**, e um amigo sincero daquelles que tiveram a ventura de ser seus companheiros constantes de fadigas e de privações durante a demorada e trabalhosa travessia dos sertões do Planalto dos Parecis, do Juruena e do antigo Duvida. [...] afinal, por entre as névoas da saudade, que já iam envolvendo os nossos corações, lançámos aos espaços as ultimas despedidas, erguendo vivas ao Chefe da Expedição Americana e **á grande Republica que tem a gloria de o ter por filho**. (RONDON, 1916, p. 124-25, grafado como no original, grifos nossos)

⁶⁰ “O presente de uma descoberta”, Jornal A noite, de 27 de março de 1915, disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/348970_01/6085

Portanto, no período imediatamente após a Expedição, a repercussão da viagem recebeu críticas e contestações, e houve preocupação em refutá-las de diferentes modos, de forma a preservar o seu legado e manter a imagem de uma viagem de sucesso que projetaria uma boa imagem do país no exterior.

Os objetivos da expedição já se moldavam desde o início como o de propaganda do Brasil feita a partir de um observador muito respeitado, como era TR, e consolidar através de um registro escrito todo o potencial que o interior do país tinha a oferecer. Ainda que a tradução não tivesse chegado ao público brasileiro naquele momento, todos os acontecimentos decorridos após o feito levam a crer que o principal objetivo era mesmo a publicidade. O próprio Rondon assim narrou à sua biógrafa: “Na Expedição Roosevelt, colocada nesse pé, viu além de tudo o Dr. Lauro Müller, Ministro do Exterior do Brasil, um meio de tornar nosso país conhecido no exterior. Ofereceu, pois, ao ex-presidente dos Estados Unidos a cooperação do Brasil” (VIVEIROS, 2010, p. 362).

Os pormenores e acordos são extensamente detalhados por outro biógrafo de Rondon, Rohter (2019): segundo ele, a aposta do governo brasileiro era de que Roosevelt retornaria à cena presidencial americana em eleições posteriores à Expedição, o que o tornaria um amigo do Brasil em relação aos EUA, país que mais crescia em influência e poderio econômico nas Américas. Portanto, toda a recepção e estadia deveriam ser nada menos que impecáveis, e deixaram Rondon no encargo de todos os preparativos. Todos os detalhes deveriam ser rigorosamente pensados, dada a importância do visitante:

Quando o embaixador informou ao Itamaraty sobre o interesse de Roosevelt em viajar ao país como parte de uma turnê de conferências que também incluiria a Argentina, o Uruguai e o Chile, o governo brasileiro reagiu com uma mistura de entusiasmo e ansiedade. Por um lado, **o governo vislumbrou a chance de um potencial golpe de publicidade que poderia trazer enorme benefício para o Brasil no exterior.** Roosevelt costumava escrever livros e artigos sobre suas aventuras, e os primeiros fatalmente viravam *best-sellers*. No entender do governo brasileiro, qualquer relato favorável das viagens pela Amazônia que Roosevelt **fizesse encorajaria tanto o investimento estrangeiro quanto a colonização das áreas que as expedições de Rondon abriam para a penetração do mundo civilizado. Não era pouco a considerar para um governo dependente em sua quase totalidade da exportação de café para equilibrar sua balança comercial e que devia e muito a credores estrangeiros.** "Atendendo à importância do viajante e dos resultados da sua excursão através do nosso país, que será objeto de um livro e de artigos em jornais e revistas dentro e fora dos Estados Unidos, atrevo-me a aconselhar que se lhe ofereçam todas as facilidades para sua viagem e a mais ampla e graciosa hospitalidade entre nós", recomendava o embaixador [brasileiro nos EUA] Domício da Gama em um cabograma enviado em 27 de junho de 1913. Mas se além disso lhe quiserem dar algum presente ou manifestar de qualquer modo gentil o apreço em que o temos no Brasil, certamente o predisporremos em nosso favor. A viagem pelo sertão completará esse efeito" (ROHTER, 2019, p. 210-11, grifos nossos)

Em 1915, Rondon foi entrevistado pelo Jornal do Comércio e forneceu muitos detalhes sobre a expedição. Detalhou as passagens percorridas no interior do Mato Grosso, e a especial

atenção que foi dada para que TR se deslumbrasse com a beleza e potencial de duas cachoeiras, Salto Belo e Utiariti:

O objetivo deste itinerário era proporcionar ao Sr. Roosevelt o ensejo de conhecer aquelas duas cataratas, enormes reservatórios de energia mecânica, e ver também algumas das aldeias dos índios parecis, que são empregados pelo Coronel Rondon nos trabalhos de conservação das obras das Linhas Telegráficas. O Sr. Roosevelt, que é um perfeito conhecedor do grau de prosperidade a que atingiram nos Estados Unidos os peles-vermelhas, dos quais muitos são grandes proprietários e patrões de numerosos trabalhadores europeus, desejava encontrar ocasião de observar, num caso típico, a eficácia dos meios de ação ultimamente adotados pelo Governo brasileiro, com o fim de melhorar a triste situação dos índios e aliviar o peso da enorme desgraça que os acabrunha e extingue, desde os princípios do século XVI. Os estabelecimentos de Salto Belo ao Utiariti causaram muito boa impressão ao estadista americano e provocaram-lhe palavras de louvor pela obra iniciada e continuada, com tanto patriotismo, pelo Coronel Rondon, no sentido de proteger os silvícolas contra a opressão dos conquistadores ou espoliadores das suas terras e proporcionar-lhes os meios de evoluir da civilização em que estão para a nossa. (BRASIL, 2003, p. 239)

O ex-presidente americano, de fato, mencionou as duas cataratas visitadas e fez referências às possibilidades de aproveitamento de ambas em seu livro. Segundo Rondon, o visitante ficou impressionado e o comentário que fez na ocasião foi de que “‘À exceção do Niágara’ — disse o Sr. Roosevelt —, ‘não há na América do Norte catarata que se possa comparar às quedas de Utiariti.’” (VIVEIROS, 2010, p. 377). Não apenas estes trechos, como outros percorridos no interior do MT, ficaram marcados na memória e no relato de Roosevelt.

Figura 11 - Café da manhã à beira da cachoeira do Salto Belo



Rondon fez questão de impressionar seu hóspede com a paisagem deslumbrante no caminho, e pediu que preparassem a mesa especialmente ao lado da queda d'água.

Fonte: *Scribner's Magazine*⁶¹

⁶¹ Scribner's Magazine, vol. 56, nº 2, disponível em: <https://modjournal.org/issue/bdr477339/>

Confiante de que teria todas as despesas indenizadas após a viagem, o sertanista acabou por endividar-se no decorrer do caminho (com pessoal, material, animais de carga e suprimentos, especialmente após tomar conhecimento da quantidade de carga levada pela comitiva americana) e depois não obteve os pagamentos de uma quantia significativa devidos pelo governo federal. Uma das muitas alegações: não seria possível reembolsar por pagamentos realizados aos camaradas sem recibos assinados (sendo que a maioria deles era analfabeta), e Rondon levou calote do governo, já "que a simples declaração do interessado [Rondon] lançado nas folhas dos peões e dos canoeiros de haverem sido eles pagos não constituem elementos suficientes para a prestação de contas perante o Tribunal de Contas, que certamente não a aceitará como comprovante de despesa" (ROHTER, 2019, p. 322). O biógrafo afirma que somente em 1919, após 5 anos de terminada a Expedição, Rondon viu saldasas todas as despesas efetuadas.

As contestações públicas e posteriores respostas demonstram a tentativa de afastar qualquer intenção de diminuir a importância do feito alcançado por Rondon e Roosevelt e, principalmente, de macular a imagem do Brasil e especialmente do trabalho que vinha sendo executado por Rondon nos sertões brasileiros, tanto de mapeamento do interior quanto de aproximação dos indígenas.

Se Rondon já era um herói nacional até mesmo antes de se embrenhar na selva com o colega americano, o sucesso da expedição com Roosevelt — e a publicidade e a aclamação mundiais que a acompanharam — enalteceu ainda mais seu nome. Para os brasileiros, Rondon tornou-se uma espécie de ícone vivo. (ROHTER, 2019, p. 317)

Na esfera internacional, o movimento em torno do reconhecimento da proeza conquistada também por Rondon era outro. O biógrafo de Rondon, Larry Rohter, detalha as repercussões ocorridas no Brasil após finalizada a Expedição Roosevelt-Rondon, e aponta motivos para a falta de reconhecimento ao comandante brasileiro por parte de sociedades internacionais de geógrafos e exploradores. O racismo, que assumia caráter científico naquele meio, atingiu o sertanista que, por ter origem indígena, ainda que fosse muito culto e poliglota, não corresponderia à imagem do branco conquistador e desbravador de lugares inexplorados, sendo relegado ao papel de simples “guia” ou “batedor” na selva, a serviço de TR: “Mesmo em 1930, o *New York Times* continuava a se referir a Rondon como ‘o guia nativo do coronel Roosevelt’ — uma espécie de Tonto para seu Cavaleiro Solitário —, não um destacado cientista que falava quatro línguas europeias com tanta fluência quanto falava pelo menos meia dúzia de línguas indígenas” (ROHTER, 2019, p. 22). O autor continua a traçar as raízes desse racismo, o qual impediu o brasileiro de obter reconhecimento internacional pelo trabalho que desenvolvia:

[...] a Real Sociedade Geográfica [de Londres] era o árbitro supremo de tudo o que dizia respeito a explorações e geografia, e a relação entre Rondon e a sociedade estava longe de conhecer termos cordiais. Na época, a Real Sociedade Geográfica tinha um programa de treinamento voltado a preparar exploradores ingleses para, nas palavras de um livro didático utilizado no curso, “viajar por países selvagens”, categoria em que se incluía o Brasil. Os alunos do programa, que se baseava em conceitos como eugenia e “racismo científico”, eram imbuídos de uma mentalidade de branco dominador — como a do *sahib* indiano ou o *bwana* africano — e ensinados a acreditar numa estrita hierarquia racial que tinha os europeus no ápice e os povos indígenas na base. Na terminologia empregada pelos membros do serviço colonial britânico, Rondon não passava de um *wog*, designação extremamente pejorativa para qualquer um que não fosse considerado branco. Alguém, portanto, que não devia ser levado a sério ou respeitado, muito menos tratado como par ou igual. (ROHTER, 2019, p. 22-23)

Novamente, ficou evidenciado que a intenção do governo brasileiro e da própria Comissão Telegráfica de afastar a descrença na conquista alcançada pela Expedição Roosevelt-Rondon esbarrou não apenas no ceticismo de alguns membros de sociedades geográficas da época, ávidos em desmerecer o feito. O problema tinha raízes mais profundas: um racismo *cientificamente explicado e aceito* pelo pensamento corrente naquela época. A seguir, será traçado o panorama do momento político e social do Brasil que recepcionou a tradução do livro *Through the Brazilian Wilderness*.

4 CONTEXTO POLÍTICO E SOCIAL DO BRASIL QUE RECEPCIONOU AS TRADUÇÕES DE *THROUGH THE BRAZILIAN WILDERNESS*

4.1 O ESTADO NOVO DE GETÚLIO VARGAS (1937-1945)

Getúlio Vargas governou o Brasil durante 15 anos, de 1930 a 1945, época que ficou conhecida como Era Vargas. Historicamente, dividiu-se seu governo em Provisório (1930-1934), Constitucional (1934-1937) e Estado Novo (1937-1945). Com amplo apoio dos militares, Getúlio encontrou, em 1937, condições favoráveis para um golpe de Estado, com o fechamento das casas legislativas no país e um forte apelo totalitário durante seu governo. O período ficou marcado também pela disputa ideológica entre os Integralistas (maioria formada por militares antes alinhados a Vargas) e os Comunistas.

Entre nós, a força do fascismo anunciou-se de maneira clara a partir de 1932, com a criação da Ação Integralista Brasileira (AIB). Era o primeiro partido político de massas do Brasil, com capacidade de inserção nacional, crença corporativa, culto à liderança política e ao domínio do Estado, e disposição para fazer ecoar o discurso antissemita uma oitava acima do que já era corrente na sociedade brasileira. Os integralistas arrebanharam apoio nos setores das classes médias urbanas, sobretudo entre funcionários públicos, padres, profissionais liberais, poetas, comerciantes, industriais, e nas áreas de colonização alemã e italiana. Recebiam assessoria e ajuda financeira da embaixada da Itália, dispunham em seus quadros de um grupo de intelectuais prontos a produzir ideologia fascista em moldura de brasilidade — Plínio Salgado, Miguel Reale, Gustavo Barroso — e contavam com uma militância ativa. (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p. 367-68)

A Ação Integralista Brasileira (AIB) era formada principalmente por parte das alas militares que deram apoio à tomada de poder por Vargas em 1934, tinham interesses em depô-lo e instalar um governo de ordem fascista. No período surgiu também uma outra aliança, a Aliança Nacional Libertadora (ANL), de fundo comunista, a qual reunia intelectuais e tenentes descontentes com os rumos das políticas adotadas por Vargas. Em 1935 a ANL foi desarticulada pelo governo central, que declarou posteriormente Estado de Sítio, em seguida o Estado de Guerra, contra a alegada ameaça comunista que considerava dominante no país, supostamente provocada pela ANL.

Com suporte principalmente vindo dos militares, Vargas tinha apoio tanto do nome mais ligado ao Integralismo da AIB, General Eurico Gaspar Dutra, quanto do General Góes Monteiro: “Os generais queriam um exército moderno, com armas e indústria; em troca, dariam a Getúlio apoio militar e sustentariam a ditadura”. (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p. 373).

Um fator fundamental para legitimar o Estado Novo era afastar definitivamente o temido “perigo iminente” representado pelos comunistas, caso saíssem vitoriosos na eleição prevista para 1938. Para tanto, foi forjado por um membro da AIB o “Plano Cohen”, uma das maiores mentiras já contadas oficialmente no Brasil, uma ficção que o governo afirmava ter

sido elaborada pelos comunistas, e que continha “instruções atemorizantes: incêndio de prédios públicos, saques, fuzilamentos sumários de civis” (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p. 374). O Plano foi tornado “público” pelo governo com a intenção deliberada de voltar a sociedade civil contra qualquer tentativa de eleição dos comunistas no pleito seguinte.

Os brasileiros já haviam sido tão aterrorizados pelos órgãos de propaganda governamentais a respeito dos perigos que uma iminente tomada de poder dos comunistas poderia causar, que não houve qualquer resistência à continuidade definitiva de Vargas na presidência. Era o início do Estado Novo, em fins de 1937.

O centro de sustentação do Estado Novo estava corporificado funcional e pessoalmente na figura de Vargas — o único civil a comandar uma ditadura no Brasil, garantida pelas Forças Armadas, em especial pelo Exército, e apoiada numa política de massas. [...] O projeto de uma sociedade autoritariamente controlada pelo Estado — e não apenas suas classes populares — envolvia, é claro, o estabelecimento de um sistema repressivo capaz de manter com sucesso a tampa sobre o caldeirão e impedir a ebulição de qualquer atividade oposicionista. (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p. 374-375)

Instalava-se, assim, um longo período de intervenção estatal na economia, a perseguição e prisão de opositores, e uma cultura de propaganda firmemente assentada no imaginário nacional, e que criou na figura de Vargas uma espécie de *pai protetor* da nação.

Um dos órgãos de controle mais repressivos que integrava o novo regime era o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Através da propaganda de governo, a ditadura de Vargas mantinha ramificações nas mais diversas esferas, com mecanismos de divulgação da forte presença do Estado na sociedade, e, segundo Schwarcz e Starling (2018), “os funcionários do DIP foram especialmente hábeis em aproveitar o impacto tecnológico operado pelos novos veículos de comunicação — rádio e cinema — e propagandear as ações e iniciativas do governo.”. Os Departamentos Estaduais que replicavam o *modus operandi* do DIP Central igualmente agiam de forma censora e foram queimados “cerca de 1.820 livros de Jorge Amado e José Lins do Rego [...] no estado da Bahia [...] por decisão do interventor interino, sob acusação de propaganda comunista, entre eles 808 exemplares de Capitães de Areia, 223 do romance Mar morto e 89 da obra Cacau.” (ANDREUCCI *apud* GRECCO, 2021, p. 74).

A onipresença e atuação do DIP em tantos setores também é explicada por Schwarcz e Starling (2018):

O DIP era uma máquina bem planejada: tinha seis seções — propaganda, radiodifusão, cinema e teatro, turismo, imprensa e serviços auxiliares — e a tarefa de projetar as bases de legitimidade do Estado Novo. A agência interferiu em todas as áreas da cultura brasileira; censurou formas de manifestação artística e cultural; instrumentalizou compositores, jornalistas, escritores e artistas, e desenvolveu múltiplas linhas de ação. Numa delas, funcionários do DIP exploraram o potencial da imprensa escrita criando publicações concebidas exclusivamente para esse fim — as

revistas *Cultura Política*⁶² e *Ciência Política*. Em outra, a agência buscou assumir o controle sobre tudo que se relacionava com a canção popular, talvez a mais eficiente linguagem produtora de conhecimento sobre o Brasil e acessível a toda a população. (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p. 376, grifo nosso)

O molde que o DIP implementava no pensamento coletivo brasileiro durante os anos do Estado Novo encontra relações com o nosso objeto de pesquisa, como se verá mais adiante. A tradução editada pelo Ministério da Agricultura guarda relações com as políticas exercidas pelo governo de Vargas, pois o período histórico da publicação corresponde aos propósitos da propaganda estado-novista veiculada pelo DIP, em conjunto com os objetivos da Política da Boa Vizinhança.

4.2 O NEW DEAL AMERICANO E O GOVERNO DE FRANKLIN D. ROOSEVELT

Os EUA estavam devastados após a grande depressão dos anos 1920 e o *crash* da Bolsa de Nova York em 1929. O desafio do novo presidente Franklin Delano Roosevelt (muitas vezes grafado apenas como FDR) era reerguer o país, moral e economicamente. Seu governo, iniciado em 1933, inaugurou a política chamada de *New Deal*, um extenso plano de recuperação, com forte intervenção estatal na economia, a fim de retomar o crescimento dos Estados Unidos.

Tota (2000) expõe o panorama que afetava os EUA naquele começo dos anos 1930:

O novo governo do democrata Roosevelt trouxe, depois de 1933, a ideia do *New Deal*. Reconstrução da América. Com ele surgiu o sentimento de que os anos 1920 foram anos de pecado e por isso precisavam ser esquecidos. Havia que se concentrar num grande esforço de reconstrução. O país adquiriu a feição de uma imensa família reunida em torno de um “pai” que, a propósito, entrava em contato com os lares americanos semanalmente, por meio dos *fire side chats* que Roosevelt fazia pelo rádio. (TOTA, 2000, p. 38)

A pobreza e desemprego que afetavam os americanos eram problemas severos a serem enfrentados pelo novo governo. Era necessário elevar a América a um patamar de bem-estar social novamente, e livrá-la das influências que pudessem afetar aquele ambiente, tais como os ideais totalitaristas que vinham da Europa:

O presidente americano tirou o país da letargia e da incerteza. Uma das primeiras medidas foi abolir a Lei Seca. [...] Seguro-desemprego, salário mínimo, industrialização e eletrificação da região pobre do vale do rio Tennessee foram outras medidas tomadas pelo governo Roosevelt. [...] Vivia-se num outro mundo. Não mais o da prosperidade fácil e individualista que marcara os anos subsequentes à Primeira Guerra, quando a sociedade parecia consumir desenfreadamente. Com o *New Deal* começava a construção do estado de bem-estar, isto é, a forte presença do Estado na sociedade com o objetivo de planejar e regular o sistema capitalista americano no

⁶² Foi localizada uma divulgação das duas traduções na Revista Cultura Política, vinculada do governo de Vargas, em setembro de 1944. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/163538/13147> e <http://memoria.bn.br/docreader/163538/13148>

interesse geral da nação, como nunca ocorrera na história dos norte-americanos. (TOTA, 2014, p. 82)

Ward (2014), numa extensa biografia onde reuniu as 3 personalidades da família Roosevelt que mais influenciaram os Estados Unidos no século XX, estabeleceu paralelos entre o primeiro, Theodore Roosevelt, autor do relato de viagem objeto desta pesquisa, presidente dos EUA entre 1901 e 1909; sua sobrinha direta, Eleanor Roosevelt, figura carismática e central durante o mandato do esposo, Franklin Delano Roosevelt, seu primo distante e também parente de Theodore. Juntos, os 3 Roosevelts conduziram seu país, cada qual a seu tempo, de maneira a imprimir na memória americana seu legado, no que Ward (2014) aponta como semelhanças indiscutíveis entre os dois ocupantes da Casa Branca:

Juntos, Theodore e Franklin Roosevelt ocupariam a Casa Branca por dezenove dos primeiros quarenta e cinco anos do século XX, anos durante os quais grande parte do mundo moderno — e do Estado moderno — foi criado. Pertenciam a partidos diferentes. Eles superaram diferentes obstáculos. Eles tinham temperamentos e estilos de liderança diferentes. Mas foram as semelhanças e não as diferenças entre os dois que mais significaram para a história. Ambos eram filhos [cheios de] de privilégios que passaram a se ver como defensores do homem trabalhador — e ganharam a inimizade imortal de muitos daqueles entre os quais cresceram até a idade adulta. Eles compartilhavam um senso de administração da terra americana; um amor genuíno pelas pessoas e pela política; e uma firme convicção de que os Estados Unidos tinham um papel importante a desempenhar no mundo em geral. Ambos eram extremamente ambiciosos, impacientes com a ideia monótona de que o simples ganho de dinheiro deveria ser suficiente para satisfazer qualquer homem ou nação; e cada um deleitava-se de modo descarado com o grande poder de seu ofício para fazer o bem. Cada um demonstrou otimismo e autoconfiança infinitos; cada um se recusou a se render às limitações físicas que poderiam tê-los destruído; e cada um tinha uma fantástica capacidade de reunir homens e mulheres para sua causa. [...] Esta é a história dos Roosevelts. Nenhuma outra família americana jamais tocou tantas vidas. ⁶³(WARD, 2014, p. 18)

A filha de Getúlio Vargas, Alzira Vargas, publicou um livro de memórias no qual revela muitos episódios dos bastidores da carreira pública do pai, incluindo os anos do Estado Novo, fatos relacionados à II Guerra Mundial e a conjuntura política que testemunhou como participante ativa do gabinete de Vargas.

⁶³ Texto original: Between them, Theodore and Franklin Roosevelt would occupy the White House for nineteen of the first forty-five years of the twentieth century, years during which much of the modern world—and the modern state—was created. They belonged to different parties. They overcame different obstacles. They had different temperaments and styles of leadership. But it was the similarities and not the differences between the two that meant the most to history. Both were children of privilege who came to see themselves as champions of the workingman—and earned the undying enmity of many of those among whom they'd grown to manhood. They shared a sense of stewardship of the American land; an unfeigned love for people and politics; and a firm belief that the United States had an important role to play in the wider world. Both were hugely ambitious, impatient with the drab notion that the mere making of money should be enough to satisfy any man or nation; and each took unabashed delight in the great power of his office to do good. Each displayed unbounded optimism and self-confidence; each refused to surrender to physical limitations that might have destroyed them; and each had an uncanny ability to rally men and women to his cause. [...] This is the story of the Roosevelts. No other American family has ever touched so many lives.

No relato, onde é possível observar uma visão apaixonada e parcial da História, mas que contém também diversas passagens com a riqueza de detalhes que só um *insider* poderia revelar, Alzira tornou públicos muitos aspectos pessoais dos envolvidos. Através da leitura de suas memórias, em um tom bastante intimista, o leitor entra em contato com os atores principais, e não apenas com os personagens históricos que escreveram as linhas que definiram os acontecimentos ocorridos naqueles anos entre 1937 e 1945.

Em certa passagem, Alzira considera que a situação de Franklin Delano Roosevelt era, em muitos pontos, parecida com a de seu pai, quando assumiram seus respectivos governos, nos Estados Unidos e no Brasil: “Ambos haviam pegado os respectivos países em crise, ambos haviam decidido entrar na luta de peito aberto, contrariando interesses, ambos haviam sido chamados ora de comunistas ora de fascistas; ambos eram vistos com desconfiança pela alta finança.” (VARGAS, 2017, p. 330).

4.3 ANOS ANTERIORES À II GUERRA: CENÁRIOS NOS EUA E BRASIL

O movimento que levou ao que foi chamado de Pan-Americanismo teve suas raízes ainda no século XIX. Segundo Smith (2022), a ideia inicial de Simón Bolívar em formar uma Confederação Pan-Americana, por volta de 1826, exerceu influências sobre a organização que seria depois encabeçada pelos EUA em 1890. Apesar da ideia de Bolívar ter falhado, em tentar reunir as então recentes repúblicas hispano-americanas, o conceito foi então retomado entre os anos de 1880-90. Ainda que os EUA fossem uma nação com uma série de diferenças em relação aos seus vizinhos latinos, de maneira a evitar ações imperialistas dos europeus em relação ao hemisfério, juntaram-se para uma coalizão amparada pelos americanos, que já eram uma potência que despontava perante a economia global, com o objetivo de balancear o equilíbrio da ordem política que se apresentava na época (*ibidem*).

Smith (2022) afirma ainda que o Pan-Americanismo foi modelado principalmente por Elihu Root, personagem ligado à Casa Branca entre 1899-1909 que acreditava que o movimento deveria guiar-se por princípios de “uma concepção liberal da ordem internacional baseada no Estado de Direito, nos direitos individuais e na iniciativa privada”⁶⁴.

O começo do séc. XX ficou marcado pelo início das grandes fundações filantrópicas dos EUA: “ [...] o Rotary Club (em 1905), a Carnegie Endowment (1910), a Fundação Rockefeller (1914), o Lions Club (1915) e Kiwanis (1917), [qu]e rapidamente se espalharam em mais de 190 países, por meio da ação de missionários, educadores, e com campanhas

⁶⁴ Texto original: Root shaped the development of the Pan American Union as a model for a liberal conception of international order based on rule of law, individual rights, and private enterprise.

específicas, como a eliminação da pólio e da cegueira.” (SANTOMAURO, 2015, p. 31-32). Santomauro (2015) destaca ainda que a I Guerra Mundial foi bastante decisiva para marcar o território dos EUA perante a opinião pública mundial, algo que países europeus já faziam desde o século anterior, através principalmente de suas “políticas de educação, cultura e propaganda no exterior”, e onde o campo de batalha na guerra representava a luta para a conquista de mentes e corações: “A Grande Guerra diferenciou-se, essencialmente, de todos os conflitos anteriores pelo reconhecimento da Opinião Pública como uma Força Armada Maior” (CREEL *apud* SANTOMAURO, 2015, p. 34).

Após o conflito, o cenário desolador de países devastados sob diversos aspectos, especialmente o financeiro, consolidou a predominância do novo e principal ator da geopolítica mundial. Lepore (2020) afirma que o mapa do mundo estava redesenhado, com os EUA marcados como o novo centro: “A Europa caiu de joelhos. A Primeira Guerra Mundial apresentou os Estados Unidos para o resto do mundo. Ela marcou o fim do reinado da Europa como centro do mundo ocidental; após a guerra, esse lugar passou a pertencer aos Estados Unidos” (LEPORE, 2020, p. 433). A fragmentação dos países significou também uma enorme dívida dos europeus junto aos americanos, com cifras expressivas na área econômica: “A Europa, que era composta por dezessete países antes da guerra, tinha se fragmentado em 26, todos atolados em dívidas, principalmente com os americanos. Antes da guerra, os americanos deviam 3,7 bilhões aos estrangeiros; depois da guerra, os estrangeiros deviam 12 bilhões de dólares aos americanos” (LEPORE, 2020, p. 443).

O movimento que se desenhou durante os anos 1930, os conflitos, ódios e rancores dos perdedores da I Guerra Mundial serviriam de combustível para o cenário que se formava para a guerra ainda maior que a humanidade conheceria no fim da mesma década. Era importante aos EUA garantir sua predominância não apenas econômica, e a percepção de que a conquista definitiva de sua posição global precisava ser alcançada também na esfera cultural, foi sendo amadurecida através de políticas de governo na gestão de Franklin D. Roosevelt.

Santomauro (2015) cita o percurso da estratégia de propaganda cultural que era traçada para tentar eliminar a crescente influência nazifascista que vinha da Europa e se espalhava principalmente nas Américas:

Só no fim da década de 1930 – com a preocupação pela forte presença italiana e alemã na América Latina (Pells, 1997, p.33), bem como pela iminência da entrada americana na 2ª Guerra Mundial – é que o Governo e o Congresso norte-americano começaram a discutir e propor uma estratégia para o combate ideológico contra a propaganda oficial nazifascista. O marco inicial do governo Roosevelt, para a cooperação cultural e educacional internacional, teve foco na América Latina, principalmente por causa da presença cada vez maior da propaganda e do comércio com a Alemanha nesses países. Pela primeira vez desde o CPI [*Committee on Public Information*] de Creel

[criado na I Guerra], o governo americano se voltou para essas questões, criando em 1936 uma plataforma de cooperação científica e cultural para os países latino-americanos, durante a Conferência Interamericana de Manutenção da Paz, em Buenos Aires. Nessa ocasião, a delegação americana propôs que o seu governo financiasse o intercâmbio entre professores, estudantes universitários e professores de escola secundária dos EUA e países latino-americanos. O programa foi aprovado pelo Congresso e começou a ser executado pelo Departamento de Estado, pela primeira vez, a partir de 1940. Como decorrência dessas atividades, em maio de 1938 o governo criou (por decreto presidencial) o *Interdepartmental Committee for Scientific and Cultural Cooperation with the American Republics*. Em julho desse mesmo ano, criou a *Division of Cultural Relations*, dentro do Departamento de Estado. Essas iniciativas, com foco principal no continente americano, apresentavam um caráter de cooperação cultural e educacional, mais do que 'informacionais'. (SANTOMAURO, 2015, p. 43-44)

A citada Conferência Interamericana, ocorrida em dezembro de 1936, em Buenos Aires, estabeleceu também uma espécie de retomada da Doutrina Monroe: qualquer ameaça a um país americano seria interpretada, por extensão, como uma agressão aos países de todo o continente. O movimento de união pan-americana ficou evidenciado na ocasião, possivelmente se antecipando aos eventos que se confirmariam na eclosão da II Guerra, em 1939.

Espinosa (1976) fala sobre os propósitos da Convenção para a Promoção de Relações Culturais Interamericanas, um prolongamento dos acordos fechados durante a referida Conferência. Esta iniciativa foi criada para fomentar as relações culturais entre os EUA e os países latino-americanos, contando com o apoio de professores e acadêmicos, numa espécie de intercâmbio entre os países, e estender a compreensão mútua e influências para esferas além dos canais oficiais:

[...] o preâmbulo da Convenção ecoou em uma linguagem que possibilitou uma ampla interpretação do futuro intercâmbio e comunicação interamericanos. Ficou declarado que o primeiro passo necessário era promover "uma solidariedade educacional mais consistente no continente americano". Também foi declarado que seu objetivo era promover um "maior conhecimento mútuo e a compreensão das pessoas e instituições dos países representados". Acrescentou-se que estes resultados seriam promovidos não apenas pelo intercâmbio de professores e alunos entre os países americanos, mas também pelo "incentivo a uma relação mais estreita entre organizações não oficiais que exercem influência na formação da opinião pública".⁶⁵ (ESPINOSA, 1976, p. 17)

Da parte brasileira, a condução das relações com os EUA ficava a cargo do embaixador Osvaldo Aranha, conhecido por seu posicionamento favorável aos americanos. Vargas tinha pessoal em seu governo tendendo para ambos os lados, com certos militares de alta patente muito simpáticos às causas das nações formadas pelo Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Aranha

⁶⁵ Texto original: [...] the preamble of the Convention 'resounded in language that made possible a broad interpretation of future inter-American people-to-people exchange and communication. It stated that the first step needed was to promote "a more consistent educational solidarity on the American continent." It also indicated that its purpose was to promote "greater mutual knowledge and understanding of the people and institutions of the countries represented." It added that such results would be furthered not only by an exchange of professors and students among the American countries, but also by "the encouragement of a closer relationship between unofficial organizations which exert an influence on the formation of public opinion"

exercia bastante influência sobre Getúlio, com o qual mantinha uma amizade de longa data. Em uma de suas correspondências dirigidas ao mandatário brasileiro, antes do início da II Guerra, o embaixador exprime suas preocupações a respeito do avanço dos ideais nazistas entre o povo:

"O esforço, portanto, será americanizar ou panamericanizar o Brasil antes que ele se europeize, hitlerize, ou mussolinize de todo. E isso, aqui, não só se ouve, como se sente, se apalpa? Para fazer-se algo neste país, Getúlio, é necessário ter pessoal hábil, como tem a Argentina e outros países, e não alguns pândegos como os nossos, com títulos comerciais, mas que nada querem fazer, procurando viver longe do Brasil à custa do Brasil?" [...] Aranha tinha talentos de estadista, era democrata e panamericanista, como Nabuco, postura que se harmonizava com o espírito da era Roosevelt. Foi ele quem aderiu, pelo Brasil, à Declaração dos Princípios de Solidariedade e Cooperação Interamericana, emitida em Buenos Aires, em 1936, com a presença de Roosevelt, com base na regra do apoio recíproco: "Todo ato suscetível de perturbar a paz na América afeta a todas e a cada uma das nações do Continente". (MUYLAERT, 2018, p. 38-39)

Tal inquietação encontrava explicações no avanço das relações estabelecidas entre o Brasil e os países do Eixo, pelas vias oficiais ou não. Os alemães, segundo Muylaert (2018), já tinham planos específicos de dominação e colonização dos países da América do Sul: "Ian Fleming [...] obteve de um funcionário da embaixada alemã em Buenos Aires [...] cópia de um mapa que mostra a América do Sul com a geografia política que seria dada pelos nazistas, dividida em cinco áreas: Brasilien, Argentinien, Chile, Neuspanien e as três Guianas [...]" (MUYLAERT, 2018, p. 39).

A constante situação de indefinição de apoio vivida por Vargas era retratada em outras cartas, onde Aranha tencionava fazer pender a balança sempre a favor dos americanos e, assim, orientar o presidente sobre qual lado escolher. Sua convicção pela defesa dos interesses do continente era presente nas correspondências, onde ele já vislumbrava a hipótese de invasão do Eixo via Brasil, e o apoio que seria necessário prestar aos americanos na defesa das Américas: "Minha impressão é a de que o Governo americano procurará aproximar-se do Brasil, porque nosso país é, e terá de ser, o ponto mais seguro e fiel à política do *good neighbor*. Sem o Brasil, nada podem os Estados Unidos fazer na América." (MUYLAERT, 2018, p. 129)

Na prática, a penetração alemã na economia e no campo das ideias já era bastante real no nosso país. Havia, inclusive, uma moeda paralela, *Aski*, que permitia o comércio entre Alemanha e Brasil, e através dela os produtos de lá eram obtidos com desconto de mais de 20% em comparação ao câmbio com o marco alemão: "Em 1938, o Brasil era o maior consumidor não-europeu da Alemanha, e o nono parceiro comercial do país." (MUYLAERT, 2018, p. 40). Além disso, a influência política direta já havia iniciado em 1928, com a criação do Partido Nazista Brasileiro, permitindo a filiação apenas de alemães e seus descendentes, que na década de 1930 já representava um quantitativo considerável: mais de 1,1 milhão de pessoas

carregando laços estreitos de afinidade com as ideias de sua terra natal. A declaração de Hitler, em 1933, revelada em documentos apreendidos, chega a ser assombrosa: “Criaremos no Brasil uma nova Alemanha. Encontraremos lá tudo de que necessitamos” (MUYLAERT, 2018, p. 72).

Alzira Vargas narra o encontro que teve a convite de FDR, em setembro de 1939, na Casa Branca. Representava Getúlio na ocasião, e recebeu a missão de convencer o pai a escolher o lado americano na guerra, principalmente pela localização estratégica do Brasil na defesa do continente:

O presidente Roosevelt recebeu-nos em sua clássica sala oval, atrás de sua cadeira um gigantesco mapa-múndi. [...] Com sua visão de estadista, Roosevelt já sentia que dificilmente os Estados Unidos ficariam fora da guerra e que a infiltração alemã, se vencesse na África, seria através do Brasil. Daí sua antecipação em assegurar-se de nossa aliança. Com uma régua grande apontou a pequena distância entre Natal e Dakar. A seguir, mostrando o mapa-múndi, fez-nos ver o quão essencial era para os chineses e os ingleses o uso do chamado “trampolim da vitória”, isto é, Natal. [...] Se, por acaso, os Aliados perdessem o controle da África, naturalmente a Alemanha iria invadir as Américas por Natal. Frisou bem que nós seríamos as primeiras vítimas e logo a seguir eles, do Norte. Ficou tudo bem claro: nossa colaboração não teria preço. Depois disse-nos que a hipótese de uma nova Guerra Mundial estava muito próxima e que, se houvesse uma invasão alemã com vistas na América, o ponto ideal será esse Dakar-Natal, por isso desejava que o Brasil encarasse essa probabilidade com todo o interesse. O continente americano não estava ainda ameaçado, mas, se o fosse, o caminho natural seria esse; por isso desejava que transmitíssemos ao presidente Vargas esse seu recado, que seria oficializado oportunamente. Recado dado, recado entendido e transmitido. (VARGAS, 2017, p. 332)

No tabuleiro de interesses no qual Vargas estrategicamente tirava proveito da situação, as relações comerciais tinham um peso maior. Além disso, as três potências do Eixo mantinham vários ramos de atuação em diferentes pontos do Brasil, o que causava, inclusive, divergências entre os interventores estaduais e o governo central que, segundo Vargas (2017), tinham interesses em manter relações com o Eixo “Roberto”, sigla citada por Alzira em sua obra:

O mais importante dos motivos, as maiores colônias do chamado eixo Roberto (Roma, Berlim, Tóquio) estavam localizadas no Brasil. A colônia italiana possuía e editava um jornal totalmente escrito em italiano; a colônia alemã dava-se ao luxo de ter escolas financiadas pelo Reich onde se aprendia o alemão; a colônia japonesa estendia-se estrategicamente ao longo dos rios Tietê e Amazonas. [...] os então interventores, governadores, ministros etc., todos eles “democratas”, pois o único ditador era Getúlio Vargas, pediam com insistência que não se rompesse logo com o Eixo, pois este estava adquirindo excedentes de fumo, madeira, limalha de ferro etc. Pagavam mal, mas pagavam, e era sempre uma válvula de escape para eles. (VARGAS, 2017, p. 335)

Alzira revela ainda as diferentes narrativas, nos noticiários, em torno dos principais personagens da Guerra. De acordo com os últimos acontecimentos, a tendência era seguir um dos lados e, por isto mesmo, seu pai não poderia ser considerado um vilão, já que seu maior interesse era em defesa de um grande projeto de modernização do Brasil, o que explicava seu comportamento ao procurar tirar vantagens de ambos os lados:

Alguns aguardavam, sondando qual das duas correntes teria maiores chances de vitória. Pulavam de um lado para outro, como se treinassem para o campeonato mundial de salto. Dependia da última notícia da noite. Stálin era ora um monstro, ora um santo; Hitler, ora um gênio, ora um místico sem valor. Mussolini, o fundador de uma nova era para o mundo, no dia seguinte se transformava em mero arruaceiro sem valor. Churchill, um velho decrépito, já em desuso, ou o maior homem do século. Roosevelt, um intrometido, ou o salvador do mundo. Pétain era o salvador da França, mas também aquele que a havia apunhalado. De Gaulle, ora fujão e desertor, virava herói em minutos. Dependia da última manchete. Há gente assim. Havia um homem que conservava a cabeça no lugar e não se deixava emocionar pelos comentários de rua. Procurava apenas tirar da luta entre as várias potências em jogo o melhor partido para seu país, sem quebrar um só dos compromissos assumidos. Chamavam-no fascista, nazista, comunista, oportunista, patriota, democrata e até de grande estadista. Também dependia da última notícia. Indiferente a todos os epítetos e a todos os elogios, lenta e pacientemente trabalhava por seu maior ideal: a construção de uma grande usina siderúrgica no Brasil. Nenhum país pode ser economicamente forte se não possui as indústrias básicas. Esse homem se chamou Getúlio Vargas. (VARGAS, 2017, p. 346)

A construção da Usina Siderúrgica de Volta Redonda (RJ) era primordial para os interesses brasileiros defendidos por Getúlio Vargas. Ainda que, inicialmente, os americanos vissem a implantação de tal indústria como algo indesejável, já que garantiria algum nível de suficiência de matéria-prima ao Brasil e, por conseguinte, independência dos EUA, não houve muita alternativa além de interferir para a viabilidade e execução final do projeto de governo de Vargas, em troca do apoio brasileiro aos Aliados:

Escolhidos o projeto e a localização, algo entre Barra Mansa e Resende, nova retração. A espera continuava, e Getúlio Vargas impacientava-se. Roosevelt sentiu que o Brasil não estava disposto a aguardar indefinidamente e os Aliados necessitavam da colaboração brasileira. Propôs uma medida drástica, prontamente aceita. O governo norte-americano bancaria financeiramente a parte técnica desde que o governo brasileiro arcasse com as demais despesas: construção da usina e de todas as outras dependências. Ainda assim os trâmites burocráticos de lá e daqui foram demorados. Getúlio Vargas chegou a lançar a pedra fundamental da Usina Siderúrgica, mas não foram para ele as festas de inauguração, para as quais nem sequer foi convidado. (VARGAS, 2017, p. 334)

Mas mesmo após assinados os acordos, Vargas ainda mantinha relações tanto com os Aliados quanto com o Eixo. O cenário que se avizinhava determinava uma tomada de decisão, fosse pela opção ou pela força. Como parte do continente americano, o Brasil não conseguiria permanecer por muito tempo na neutralidade, dadas as circunstâncias da Guerra.

Um fator decisivo para o posicionamento do Brasil pelo lado dos Aliados foi o ataque dos japoneses à base americana de Pearl Harbor, em dezembro de 1941. No fim de janeiro de 1942, após reunião com os representantes das repúblicas americanas, foi acatada a recomendação de suspensão de quaisquer relações do Brasil com os países do Eixo. A retaliação veio em seguida: ataques dos submarinos alemães aos navios mercantes brasileiros ceifaram centenas de vidas, o que mobilizou o povo às ruas, clamando pela entrada do país na guerra,

junto aos Aliados. A declaração de guerra por parte do Brasil só ocorreu em agosto do mesmo ano.

Uma nova dinâmica se traçava no continente. O Brasil se tornava, mais do que nunca, um parceiro estratégico na defesa dos interesses dos Aliados, com acordos costurados via EUA. Os reflexos na economia logo se apresentaram, e a Política da Boa Vizinhança então mostrou sua face mais ativa junto aos países latino-americanos.

4.4 BRASIL: O TRAMPOLIM DA VITÓRIA

A localização geográfica do Brasil foi decisiva na atuação dos americanos na II Guerra. A fim de obter o apoio pessoal de Vargas e discutir acordos e planos sobre o andamento da guerra, FDR visitou, secretamente, no começo do ano de 1943, a base aérea de Natal (RN) que, na época, era chamada de *Parnamirim Field*. O local já estava cedido aos EUA desde 1940, e servia como principal ponto estratégico no trajeto dos aviões que ali faziam escala nas mais diversas atividades de guerra:

Com todos os problemas que o presidente americano tinha de enfrentar em dois teatros de guerra, na Europa e na Ásia, o fato de ele ter vindo ao Brasil naquelas circunstâncias era um sinal sensível da importância crescente que o país conquistava junto aos aliados, em função de sua posição geográfica estratégica, e ao mesmo tempo vulnerável, vasta extensão territorial, interesses políticos e de desenvolvimento econômico em comum. Era esse o teor dos comentários ufanistas da imprensa brasileira e norte-americana, após o sigiloso e bem-sucedido encontro em Natal. (MUYLAERT, 2018, p. 75)

Muylaert (2018) dedicou-se a extensa pesquisa sobre as atividades realizadas em Parnamirim; o impacto do uso da base, pelos americanos, em uma capital que ainda não era tão desenvolvida como Natal; os bastidores e assuntos discutidos pelos dois presidentes na reunião que só foi revelada após algum tempo, e a importância do uso da base para os acontecimentos que se sucederam até o término da II Guerra. Segundo o autor, o aeroporto era tão movimentado que, em 1944, chegava a ter pousos ou decolagens a cada 4 minutos, a qualquer hora do dia ou da noite. Eram comuns os *shows* de grandes artistas americanos dentro de Parnamirim para os soldados que lá trabalhavam. Era uma tática para elevar o moral das equipes: “Ali se apresentavam em *shows* grandes nomes da Broadway e de Hollywood, num circuito cultural dedicado aos soldados, que os artistas faziam pelo mundo todo, no chamado esforço de guerra. Também se realizavam concorridos bailes ao ar livre”. (Muylaert, 2018, p. 132). Dentre os artistas, Muylaert (2018) cita Humphrey Bogart (que estrelou *Casablanca* e muitos outros

filmes), e Tommy Dorsey, “o mais famoso regente de orquestra da época”. Fontes da época⁶⁶ relatam que vários atores e atrizes, como Ilona Massey e Nelson Eddy (que atuaram no filme *Balalaika*), Kay Francis, Martha Raye, o ator e diretor de cinema Noel Coward, entre outros.

Para além das atividades de guerra implementadas com apoio do governo de Vargas, os projetos de influência dos americanos no Brasil contavam também com outras estratégias não declaradas, especialmente no campo cultural. A fim de congregiar todas as nações do hemisfério no objetivo comum de eliminar as ideologias dos inimigos do Eixo, foram articuladas políticas coordenadas por um órgão estatal totalmente dedicado às relações com os *vizinhos do sul*: o *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA).

4.5 O “OFFICE”

No famoso discurso de posse, no crítico inverno do começo de 1933, Franklin Delano Roosevelt já falou abertamente sobre os ideais da Política da Boa Vizinhança: “[...] tratou também das relações externas e prometeu dedicar-se a uma política voltada aos ‘vizinhos que respeitam suas obrigações e respeitam a santidade de seus acordos num mundo de vizinhos’”. (TOTA, 2014, p. 60). Seria dada uma nova tônica aos métodos empregados por seu parente, Theodore, no começo do século XX: sairia o grande porrete, o *Big Stick*, para entrar o *soft power* de FDR nas relações com os outros países do continente.

Através da criação de um órgão de Estado inteiramente voltado à administração dos interesses americanos junto aos outros vizinhos, o OCIAA (*Office of the Coordinator of American Affairs*), também conhecido apenas como o *Office*, passou a operar com um personagem primordial para o sucesso da construção da imagem pretendida, a dos EUA como *amigos* das Américas: Nelson Aldrich Rockefeller.

Nomeado por FDR para coordenar os trabalhos, Rockefeller tinha à sua disposição um aparato estatal colossal para atuar nas mais diversas esferas de influência junto às nações latino-americanas, no que Tota (2000) classificou como “um cheque em branco”, com necessidades urgentes a serem sanadas, sempre a favor dos interesses dos EUA:

Os homens do *Office* anteviam um colapso econômico que transformaria todo o subcontinente em campo fértil para a germinação do nazismo, que, no plano das representações, se opunha ao capitalismo liberal. [...] No campo das relações culturais, ainda havia muito a ser feito. Cultura e propaganda passaram a ser consideradas materiais tão estratégicos como qualquer outro produto. (TOTA, 2000, p. 52-53)

⁶⁶ Informações extraídas de: <https://papocultura.com.br/artista-de-hollywood-em-natal/#:~:text=No%20livro%20%E2%80%9CNatal%20do%20S%C3%A9culo,Carole%20Landis%20e%20Martha%20Raye>

Tota dedicou-se a pesquisar o período da Política da Boa Vizinhança e suas conexões com a vida de Rockefeller, principalmente na atuação do empresário no Brasil durante os anos de 1930 a meados dos anos 1960, sempre interligando missões políticas com seus empreendimentos. A escolha pelo nome de Rockefeller havia sido muito bem calculada por FDR: o empresário conhecia muito bem a realidade dos países latino-americanos por conta dos negócios da família, especialmente o petróleo. Com diversos escritórios espalhados no continente, Rockefeller havia feito uma visita à maioria deles em 1937, e estava plenamente ciente dos fatos e particularidades que cada nação continha. A partir de tudo o que constatou nessa viagem, ele “[...] soube aproveitar a situação tensa para insinuar que os americanos não estavam dando a devida atenção aos vizinhos da América Latina, considerados indispensáveis para a defesa de todo o continente.” (TOTA, 2014, p. 91). Com uma visão ampla e interessada do panorama que se desenhava, ninguém melhor que ele para comandar um “órgão [que] esmerou-se em conquistar o subcontinente através do mercado e, principalmente, por meio de corações e mentes.” (TOTA, 2014, p. 89-90).

Nelson Rockefeller procedia de uma das famílias mais ricas da América. Seu avô, John D. Rockefeller, havia criado um dos maiores conglomerados de petróleo do mundo, através da *Standard Oil*, uma das empresas que Theodore Roosevelt, enquanto esteve na presidência dos EUA, tentou combater fortemente, através de suas ferrenhas políticas antitruste.

A segunda geração da família, através do pai de Nelson, John D. Rockefeller Jr., expandiu a filantropia praticada em casa. Era uma forma de distribuir os ganhos gerados através do lucro dos negócios, aliada aos preceitos protestantes da família e impactar a imagem pública da empresa. Porém, tais atitudes não eram encaradas como *pura bondade*, mas do ponto de vista de sua utilidade: a família sempre agiu em benefício próprio, no que Tota (2014) remete ao conceito de Tocqueville de *interesse próprio bem entendido*:

Ele parecia ver-se como um verdadeiro messias, salvador do investimento e das relações trabalhistas mais humanizadas pela graça de Deus. Não fazia isso exatamente pelo bem comum. Fazia por interesse próprio, de sua família e de seu país. Mas sabia que, para isso, devia dividir, com os menos afortunados, parte de seus ganhos, de seu modo de vida. A chave para entendermos as relações de Rockefeller com o Brasil talvez esteja numa passagem do clássico *A democracia na América*, de Alexis Tocqueville, publicado cem anos antes da viagem de Nelson à América do Sul: “Nos Estados Unidos, a virtude quase nunca é bela. Afirma-se que ela é útil... Os moralistas americanos não pregam o sacrifício por outros porque é um ato de nobreza fazer sacrifícios. Mas dizem, de forma ousada, que tais sacrifícios são tão necessários para os que se beneficiam deles como para aqueles que fazem tais sacrifícios [...] Essa é a doutrina do interesse próprio bem entendido.” (TOTA, 2014, p. 68)

Tal entendimento acerca do *bem ao próximo* se manifestava também no trabalho de Rockefeller à frente do *Office*. Era necessário *estender a mão* àqueles que estavam ao sul dos EUA de maneira a alcançar benefícios próprios, da defesa do continente no conjunto de esforços de guerra. A atuação de fundações comandadas por famílias milionárias como os Rockefellers e Carnegies, entre outras, viabilizando intenções oficiais (Política da Boa Vizinhança) através de meios não oficiais (acordos, benefícios, bolsas através das fundações), era vista como uma via muito mais aceitável para aquele momento do que a empregada por Theodore Roosevelt em seu governo: “Para muitos liberais, intelectuais democratas e para a própria esquerda dos Estados Unidos, a ‘diplomacia do dólar’ dos Rockefellers era preferível à política do *big stick* do início do século.” (TOTA, 2000, p. 45)

A Fundação Rockefeller, presente até hoje em muitos países, esteve atrelada à execução dos objetivos americanos em sua política externa, não apenas da Política da Boa Vizinhança, mas em outros períodos da história do Brasil e do mundo. Morinaka (2020) cita uma das estratégias utilizadas naquele momento: desprender a imagem de Nelson e da sua Fundação, para que não houvesse alegação de possíveis conflitos de interesse a determinados projetos do governo, como o da tradução de livros de escritores latino-americanos nos EUA:

A diretoria do OCIAA cercou-se de todos os cuidados para não dar margens a conflito de interesses, pois Nelson Rockefeller coordenava o Office à época, ou seja, desvincular a Rockefeller Foundation do Departamento de Estado naquele momento daria um mínimo de aparente lisura a todo o processo da publicação da tradução. Aliás, a partir de 1940, **muitos projetos culturais da Rockefeller Foundation foram gradativamente distribuídos entre as outras fundações, a Carnegie Corporation e a Guggenheim Foundation**, que formaram parcerias com universidades, institutos, bibliotecas e museus. Finalmente, em 1943, *Crossroads* foi o primeiro romance brasileiro a ser traduzido sob a tutela do projeto de tradução encaminhado ao Departamento de Estado estadunidense. (MORINAKA, 2020, p. 179-80, grifo nosso)

A fundação de Rockefeller alcançou um consenso entre ideais e pessoas de diferentes setores de atividade, em uma espécie de diplomacia do *soft power*, totalmente diferente do pensamento de Theodore Roosevelt, da diplomacia pela força, do *big stick*.

No espectro político, a atuação da fundação foi de grande valia para garantir um verniz não oficial da presença americana nos países latino-americanos. Rockefeller foi o grande responsável pela construção e consolidação da atuação do OCIAA, que, na definição de Tota (2000), funcionou como uma verdadeira “fábrica de ideologias”. Um órgão de Estado dedicado inteiramente aos assuntos relacionados à política externa dos Estados Unidos, de forma a estreitar relações com os países latino-americanos, utilizando-se de diversas estratégias.

A segurança da nação norte-americana dependia de uma estreita cooperação - econômica e cultural - com todos os governos das Américas. [...] O objetivo dessa *realpolitik* era controlar, por vias ditas pacíficas, o antiamericanismo. [...] A proposta do grupo de Rockefeller tinha uma grande vantagem sobre as outras, vindas de

organismos do próprio governo: contava com o fantástico poder financeiro de Nelson e com a independência de seu grupo em relação à burocracia. O programa da Junta era bastante arrojado. Sugestões para que os Estados Unidos reduzissem ou eliminassem taxas sobre produtos importados das “outras Américas”, [...] A dívida externa deveria ser analisada segundo um ponto de vista realista, isto é, segundo as possibilidades do devedor e não das exigências do credor. (TOTA, 2000, p. 48-49)

Ao mesmo tempo, Rockefeller via sua missão de *amigo com interesses* como um combate permanente ao comunismo e socialismo que, à época, eram vistos como real ameaça aos interesses capitalistas de países como os EUA. Não apenas nazismo e fascismo deveriam ser eliminados, mas qualquer manifestação que pudesse dar vazão a ideais comunistas no continente precisava ser prontamente reprimida, em vista da total oposição aos conceitos do capital.

Nelson veio dez vezes ao Brasil, a maioria delas para tratar de negócios vinculados a um grande projeto econômico, político e social destinado a manter o país a salvo das tentações socialistas, comunistas e mesmo nacionalistas. Ainda quando chefe do *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*, uma obsessão anticomunista já o dominava. [...] O comunismo soviético, outrora aliado de circunstância, dava, ao contrário, claros sinais de longa vida: parecia cada vez mais saudável. Era esse, portanto, o adversário a ser temido e combatido de todas as formas. **Os apelos dos comunistas** eram internacionalistas, **com promessas de um mundo sem classes, sem pobres e, evidentemente, sem ricos**. Os comunistas ofereciam um mundo concreto, uma alternativa ao liberalismo capitalista. Ou seja, o comunismo era o principal inimigo e devia ser combatido mais com inteligência e argúcia do que com força. Nelson Rockefeller temia que o governo norte-americano não reconhecesse a importância das repúblicas latino-americanas no combate ao comunismo. Ele parecia dizer: “Cuidado, podemos perder os vizinhos mais próximos, o nosso *backyard*”, como diziam os americanos. Para ele, era aqui, na América Latina, e não somente na Europa, que poderia ser garantida a segurança e, portanto, o futuro dos Estados Unidos. E, se os órgãos governamentais norte-americanos não pretendiam fazer muita coisa nesse sentido, ele o faria. Era seu destino, sua missão. Sentia-se predestinado a realizá-la. **Tinha planos especiais para o nosso país**. (TOTA, 2014, p. 18-19, grifo nosso)

Nelson esteve no país pela primeira vez em 1937, quase que de forma anônima, durante a turnê que realizou pelas empresas da família e para analisar economicamente de que formas poderia investir no Brasil. A segunda visita, em 1942, se mostrou totalmente diferente, já como representante do governo americano, e pronto para aplicar os planos do OCIAA:

Nelson veio redescobrir o Brasil como enviado especial em busca de solidariedade na luta contra o nazismo, solidariedade das democracias contra as ditaduras. Como veremos, ele vai batizar o governo de Vargas de “ditadura esclarecida” — na sua visão, quase uma democracia. Nessa condição Nelson Rockefeller foi recebido pelos brasileiros e oficialmente reconhecido pelo governo como grande amigo do Brasil. (TOTA, 2014, p. 103)

Nelson Rockefeller desempenhou importante papel na chamada *Política da Boa Vizinhaça* na América Latina, com especial foco dado ao Brasil. Através de sua influência como capitalista nato e sua visão e conhecimentos das particularidades de cada país do continente, conduziu como um grande estrategista os planos do governo americano de

conquistar, através das ideias, as *mentes e corações dos vizinhos do sul*, para a consolidação da hegemonia dos EUA no nosso hemisfério. Atuando numa frente ampla, sempre em parceria com os governos e empresas locais, os americanos tentaram por diversos meios construir a imagem de um continente unido em ideais, em contraposição às ameaças que vinham dos inimigos comuns, os países do Eixo.

4.6 INFLUÊNCIAS DO OCIAA NA CULTURA

A ação do escritório comandado por Rockefeller tinha diversas divisões⁶⁷:

- 1 - **Desenvolvimento econômico** (com as subdivisões para comércio e finanças, propaganda e pesquisa);
- 2 - **Transportes** (dividido em transporte aéreo, marítimo, ferrovias e uma de ferrovias específica da missão americana no México);
- 3 - **Informação** (que abrigava as seções de Filmes, Rádio, Educação, planejamento de conteúdo e as divisões dedicadas a cada um dos comitês espalhados pelos escritórios regionais na América Latina, a saber: Argentina, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, Guatemala, Haiti, Nicarágua, Panamá, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela);
- 4 - **Imprensa e Publicações** (subdividida em Divulgação de material de propaganda; Artes Gráficas e Recursos);
- 5 - **Agricultura**;
- 6 - **Economia Básica** (divisões de Saúde e Saneamento; Abastecimento de alimentos; Reabilitação de emergência; Planejamento e análise)
- 7 - **Departamento de Serviços Especiais.**

Foi encontrado na página dos Arquivos Nacionais dos EUA um documento com a compilação das funções de cada divisão do OCIAA, bem como a separação e tamanho de cada caixa de arquivo, por ano de elaboração. No documento (ver descrições de cada divisão do OCIAA na nota de rodapé) pode-se ter uma breve dimensão das atividades executadas pela agência, e da extensão de seu alcance nas operações na América Latina.

É possível considerar que o fator *intervenções culturais* do OCIAA foi o que mais assumiu o caráter de propaganda nas suas atividades. Embora a palavra “propaganda” não fosse

⁶⁷ As divisões foram encontradas no sumário descritivo dos arquivos do OCIAA, registrados no Serviço de Arquivos Nacionais dos EUA (NARA), disponível em: <https://www.archives.gov/files/research/foreign-policy/related-records/rg-229-inter-american-affairs.pdf> Acesso em 05.nov 2021

utilizada pelos altos funcionários do *Office*⁶⁸, a intenção era claramente a de convencer, das mais variadas formas, os latino-americanos da importância de cada nação no esforço conjunto de guerra. No Brasil, o cinema e o rádio eram ainda novidades e foram bastante explorados com o mesmo objetivo, assim como as publicações escritas e a música.

As atividades do *Office*, exercidas através dos meios de comunicação, agiam de forma tão poderosa dentro da nossa sociedade que Tota chega a compará-las a verdadeiras táticas e armamentos de guerra, ao narrar o discurso apaixonado de Rockefeller, totalmente alinhado ao do presidente FDR, em uma das ocasiões em que esteve no Brasil:

Nelson, em um de seus discursos, fez eco às palavras do presidente americano: “Amigos e unidos, o Brasil e os Estados Unidos, depois de ganharem a guerra, hão de ganhar a paz. São grandes as suas responsabilidades, não só agora, mas depois da conflagração. Como já disse, o jornal e o rádio são as primeiras trincheiras desta guerra. Portanto, vós sois também soldados da Liberdade e defensores da América. Nossa vitória comum também depende de vós.” Meios de comunicação como armas tão poderosas quanto as bombas de alto teor destrutivo, essa parecia ser a tônica de Nelson. (TOTA, 2014, p. 114)

O autor também descreve como apareciam nos relatórios oficiais as relações amistosas entre o governo brasileiro e o escritório do OCIAA no país:

A amizade entre os Estados Unidos e o Brasil aparecia, cada vez mais, nos documentos da agência de Nelson e da própria embaixada. “Todas as atividades propostas pela divisão brasileira do *Office* estão sendo feitas com total cooperação e assentimento do governo do presidente Vargas. E isso significa a consolidação do caminho para relações sinceras de mútuo entendimento. Isso pode ser traduzido em esperanças de uma relação com resultados concretos para incrementar o crescimento industrial.” Para os analistas, praticamente não existiam sentimentos antiamericanos no Brasil, o que parecia traduzir a fé que eles depositavam em seu sistema: era impossível ser antiamericano. (TOTA, 2014, p. 142)

Alzira Vargas corrobora tal visão, ao narrar a recepção que ela e seu marido tiveram na Casa Branca, em 1939: “Os americanos deram-nos uma recepção retumbante. Havia o maior interesse em agradar ao governo brasileiro. Foi nessa época [da política da Boa Vizinhança] que Carmen Miranda conseguiu o estrelato e Walt Disney criou o Zé Carioca, companheiro inseparável do Pato Donald.” (VARGAS, 2017, p. 333). O planejamento das ações do *Office* estendia-se também sob a atuação de empresários, como narra Muylaert (2018) sobre o alinhamento de artistas da música no mesmo objetivo: [...] as gravadoras americanas instaladas no país (RCA-Victor, Columbia), por inspiração do Departamento de Estado, trataram de engajar compositores nacionais em ampla campanha subliminar de simpatia pelos Estados Unidos. [...] (MUYLAERT, 2018, p. 43).

⁶⁸ “Os altos funcionários do *Office* nunca usavam, em documentos para divulgação, a palavra *propaganda*. Assim, os Estados Unidos se diferenciavam da Alemanha nazista, que não só fazia uso constante da palavra como tinha, no famoso Ministério Popular de Educação e Propaganda, um de seus mais importantes organismos” (TOTA, 2000, p. 55)

O estilo de vida americano e seu modelo de consumo também eram amplamente divulgados como desejáveis, um modelo a ser seguido. O esforço de guerra se manifestava nas indústrias americanas efervescentes, que trabalhavam intensamente, dia e noite, no intuito de garantir suprimentos, armas e tanques, para vencer as batalhas. Enquanto eles eram vistos como ativos, detentores dos bens de produção e do capital, cabia às nações latino-americanas envidar esforços também no fornecimento de matérias-primas.

Tota (2014) faz uma analogia sobre a imagem elaborada dos americanos e dos latinos nos filmes de Disney que retratam o Brasil (*Alô amigos e Você já foi à Bahia?*), quando ficou conhecido o personagem Zé Carioca e seus estereótipos:

O governo Roosevelt tinha confiança no trabalho de Nelson, em especial quando tratava de usar os meios de comunicação como arma nessa “guerra total”, como ele mesmo dizia. [...] Nos dois filmes [de Disney] sobre o Brasil, o “nosso esforço de guerra” era reduzido a aulas de manuseio de chocalhos, reco-recos, tamborins e pandeiros. [...] Nós contribuíamos com bens simbólicos que remetiam ao prazer, numa espécie de sociologia da preguiça; e eles, com bens materiais identificados com o trabalho, com o vigor das fábricas. Os dois, aparentemente, indispensáveis para a vitória sobre o Eixo. (TOTA, 2014, p. 132-33)

A extração de látex na Amazônia, matéria-prima para a produção de borracha usada, por exemplo, na fabricação de pneus, encontrava-se em declínio desde a década de 1910, após uma ação típica de biopirataria, quando foram extraviadas milhares de sementes da seringueira para plantio nas colônias britânicas na Ásia. Assim que as árvores estavam aptas para a extração de látex, iniciou-se uma produção em larga escala, o que barateou custos e derrubou todo o ciclo da borracha na Amazônia. Durante a II Guerra, os locais de plantio das seringueiras foram tomados pelos países do Eixo, e o fornecimento de um material tão importante para a fabricação de insumos sofreu forte revés. O *Office* atuou⁶⁹ na retomada da extração na Amazônia que, por um curto período, voltou a ser a principal fornecedora do látex. Após o fim da guerra, novamente entrou em declínio a economia e por conseguinte o desenvolvimento da região. Veremos mais adiante como esta atividade específica do órgão se comunica com a tradução do relato de viagem de TR.

Sobre a divisão de cinema do *Office* no Brasil, Rockefeller fazia intervenções diretas acerca das temáticas que poderiam ser exploradas pelos produtores na elaboração das imagens

⁶⁹ “Nelson Rockefeller deixou o Brasil, mas seus representantes que ficaram aqui ou nos escritórios dos Estados Unidos atuaram com dedicação em áreas tão distintas como filmes de animação, **produção de borracha da Amazônia**, espetáculos musicais, combate a doenças tropicais, projetos de largo espectro econômico para o progresso da sociedade brasileira, encontros e contatos com a chamada *high society* etc. Essa era a missão da agência liderada por Nelson Rockefeller. O paradigma era o *American way of life*. Os meios, os mais diversos possíveis.” (TOTA, 2014, p. 114. grifo nosso)

relacionadas aos americanos e latinos. Havia uma preocupação quanto à representação dos papéis de cada um dos personagens, de forma a parecerem próximos, além de desconstruir a relação de bandidos e mocinhos tão explorada por Hollywood: “A divisão de cinema [do *Office*] [...] promovia a inclusão de artistas latino-americanos nos grandes estúdios, mas principalmente tratava de reparar a imagem de “bandoleiros” que *Hollywood* havia forjado para os latinos, em especial para os vizinhos mexicanos.” (TOTA, 2000, p. 63). Uma série de atividades relacionadas à divisão são elencadas a seguir:

As funções da Divisão de Cinema eram bastante claras: promover a produção americana de filmes, curtas e longas, e de cinejornais sobre os Estados Unidos e as “outras Américas”, distribuindo-os por todo o hemisfério ocidental, isto é, para as Américas; produzir e estimular a produção, nos países latino-americanos, de curtas e cinejornais que poderiam ser exibidos nos Estados Unidos; combater por todos os meios o cinema produzido pelo Eixo; convencer as grandes empresas cinematográficas de que não era uma boa política distribuir filmes que transmitissem uma má impressão ou uma imagem comprometedora dos Estados Unidos. (TOTA, 2000, p. 65)

Não menos importante que a novidade do cinema, para arrebatá-lo a audiência que indicava crescente interesse pela sétima arte, era o uso do rádio como instrumento para cativar o público. A Divisão do Rádio do OCIAA tinha como objetivo “[...] criar uma opinião pública dinâmica no hemisfério ocidental, apoiando de forma contínua o esforço de guerra das Repúblicas americanas. A opinião pública, uma vez informada, não aceitará nem tolerará a propaganda dos países do Eixo que atinge o continente” (TOTA, 2000, p. 73).

No caso do Brasil, já existia uma intensa difusão das ideias oriundas dos países do Eixo, direcionada ao enorme contingente de imigrantes presentes no país, veiculada através de fortes ondas de rádio vindas da Europa. As programações eram basicamente dirigidas às numerosas comunidades alemã e italiana presentes no Brasil, localizadas, principalmente, na região sul. Porém, tinham poder de influenciar, também, simpatizantes do nazismo e do fascismo, espalhados por todo o país. Ainda segundo Tota (2000, p. 88) a comunidade alemã no Brasil, apenas na região sul, chegava perto de um milhão de pessoas, “com fortes motivos para apoiar a ideia nazista de uma grande *Fatherland* germânica, que se estenderia por toda a América Latina”, um dado sobre o qual os americanos demonstravam grande preocupação.

Radionovelas, dramatizações de cenas da guerra, os jornais e vários outros recursos foram empregados na transmissão das políticas da boa vizinhança através do rádio, com o potencial de atingir muito mais pessoas, do que o cinema e revistas ou jornais, muitas vezes restritos ao ambiente urbano, principalmente quando se trata de um país de tamanho continental como o Brasil.

A veiculação escrita da propaganda almejada pelo *Office* ocorreu também de forma difusa, tanto através de propagandas em jornais, publicações específicas de revistas como *Seleções* e *Em Guarda*⁷⁰ (cujo subtítulo era *pela defesa das Américas*) quanto através de ações junto a editoras e editores, escritores e tradutores no Brasil e nos EUA. Morinaka (2020) debruçou-se em extensa pesquisa documental sobre a veiculação de autores brasileiros traduzidos nos Estados Unidos, demonstrando as interações entre os agentes literários e os envolvidos no *Office*, bem como a participação de intelectuais e acadêmicos nos intercâmbios universitários entre os dois países, sempre de modo a atender aos objetivos daquela política de Estado.

O aprendizado sobre o *outro*, nos ambientes acadêmicos, também recebeu apoio financeiro através das ações do *Office*. Foram criados mecanismos de troca de conhecimentos mútuos em programas de intercâmbio para pesquisadores e palestrantes em universidades, a divulgação de obras literárias, criação de institutos de estudos latino-americanos nos EUA, oferta de disciplinas universitárias voltadas às literaturas dos EUA nas universidades latino-americanas, entre outros.

Em estreita colaboração com o Departamento de Estado, houve vários intercâmbios de estudantes e professores. Em 23 de outubro de 1941, por exemplo, Nelson Rockefeller anunciou “[...] o estabelecimento de um programa de bolsa-viagem interamericana [...] para jovens latino-americanos estudarem nos Estados Unidos, nas áreas de engenharia, ciências, economia, comércio, indústria ou agricultura. Eles devem ser cidadãos das Repúblicas americanas, ter entre dezoito e 28 anos, aptidões técnicas e noções de inglês”. (TOTA, 2000, p. 81)

Espinosa (1976) fala que as raízes do programa de intercâmbio originaram-se de um documento de 1935⁷¹ que, inclusive, serviu de base para a elaboração posterior do programa de relações culturais entre EUA e América Latina. No documento, já se falava no apoio financeiro a intercâmbios de professores e alunos entre universidades americanas e latino-americanas, cursos de verão, trocas de material impresso como revista e livros, oportunidades de apreciação mútua da música e arte americana e latina.

Ainda segundo Espinosa (1976), o professor de Yale, Samuel F. Bemis, declarou, através de sua própria experiência no programa, que os participantes atuavam como verdadeiros

⁷⁰ A ideia inicial do nome era “Em marcha”, mas Cordell Hull, Secretário de Estado de FDR, “vetou o nome, por parecer excessivamente agressivo. Em Guarda, em contrapartida, sugere defesa, e não ataque” (TOTA, 2000, p. 56)

⁷¹ “a remarkable document entitled ‘Activities which should be undertaken in Latin America’ dated October 28, 1935, which he himself prepared; describing the accomplishments of the IIE in promoting cultural relations with the Latin American countries to date, and why more needed to be done. It elaborated on the need for more grants to bring students from Latin America; more interchange of professors and lecturers; more exchanges of groups of educators, supporting summer schools in Latin America for U.S. students and teachers, exchanging books and magazines, and providing opportunities for an appreciation of the art and music of Latin America in the United States and vice versa. (ESPINOSA, 1976, p. 76)

“emissários da boa vontade não oficiais”⁷², dado o caráter da interação, sem exatamente revestir de oficialidade as intenções do governo em promover os intercâmbios entre escritores, intelectuais e universitários.

De fato, no Brasil, observaram-se muitos escritores, editores, pensadores de influência trabalhando na causa, a de naturalizar e inculcar no pensamento dos brasileiros a ideia dos Estados Unidos como um *grande amigo* do norte. Morinaka (2022, p. 118) afirma que houve um contrato de cem mil dólares que “[...] possibilitou o intercâmbio de professores universitários, acadêmicos e ‘trabalhadores criativos’ (escritores, artistas plásticos, músicos, fotógrafos) entre a América Latina e os EUA”, que contou, inclusive, com a participação das grandes Fundações filantrópicas, a exemplo da Guggenheim, Carnegie e Rockefeller, para gerir os recursos. A autora detalha ainda alguns exemplos de brasileiros que atuaram dentro desse programa: Érico Veríssimo, Sérgio Milliet, Viana Moog e Orígenes Lessa, além de citar outros que, patrocinados através do programa “Visita de editores brasileiros aos EUA” poderiam, através de sua influência na sociedade brasileira, ajudar no propósito de orientar o “pensamento e a opinião das elites educadas dos países latino-americanos, os ‘dez por cento que moldaram os destinos do público latino-americano para a causa dos Aliados e a solidariedade hemisférica’, ou seja, os ‘líderes’ formadores de opinião (Espinosa, 1976, p. 167)” (MORINAKA, 2022, p. 119). Como exemplos destas personalidades patrocinadas, ela cita os donos de grandes jornais e também de editoras da época, como José Olympio, Martins Fontes, Assis Chateaubriand (dos *Diários Associados*) e Caio César Julio Vieira (*O Jornal e Diário da Noite*).

Uma política que atuava, de modo velado, em diversas frentes, para comover mentes e corações, com o intuito de reunir todas as Américas no sentimento de unidade e comunhão de objetivos: destruir os *-ismos* inimigos que vinham da Europa (nazismo, fascismo, comunismo). O pensamento corrente de pessoas como Rockefeller era de que o capitalismo precisava vencer.

O próprio tradutor Luís Guimarães Júnior, responsável pela tradução editada pelo Ministério da Agricultura, foi contemplado, em algum momento de sua carreira dentro do órgão, com uma viagem para uma especialização de dois anos na Universidade da Geórgia (EUA), conforme apurado na pesquisa sobre sua biografia, realizada na hemeroteca digital⁷³.

⁷² “In describing the U.S. Government role in international cultural affairs up to that time, Samuel F. Bemis, Professor of Diplomatic History at Yale, a visiting lecturer in several Latin American countries, later wrote on the basis of his own experiences: [...] ‘The State Department shrank from imparting to the Good Neighbor Policy, the imputation of cultural propaganda, even for the innocent purpose of actively assisting cultural exchange by private educational endowments’. He added: ‘An occasional ambassador of the United States, however, would go out of his way without instructions to ease the way for these unofficial emissaries of good will’.” (ESPINOSA, 1976, p. 76)

⁷³ disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/093718_04/3519 acesso em 05.jan 2020

A influência exercida pelo OCIAA, conduzido por Nelson Rockefeller, mostrou-se capaz de adentrar os diversos campos da sociedade, numa conjunção de interesses tanto pessoais, capaz de reunir empresas e pessoas, quanto propriamente políticos. Seus objetivos almejavam congregar, através de diversos elementos, uma América em unidade, de maneira a enfrentar os inimigos comuns do Eixo. Seus mecanismos mostraram-se muito eficazes: “A cultura, a propaganda e os meios de comunicação, indissociáveis, eram armas tão poderosas quanto os caças, os bombardeiros, os porta-aviões, submarinos, canhões, granadas. Eram armas para derrotar inimigos, assim como para ganhar e manter amigos. (TOTA, 2014, p. 137).

A América Latina assimilou elementos do *American way of life*, possivelmente em maior medida do que os americanos foram influenciados no mesmo contexto, mas certamente essa ação serviu aos propósitos firmemente estabelecidos pela Política da Boa Vizinhaça. Muitos estudos já demonstraram o quanto essa relação foi útil (talvez muito mais para um dos lados?), tal qual a definição de Tocqueville de interesse próprio. Ao fim da II Guerra, o Brasil perdeu destaque no cenário mundial, com outros interesses sendo definidos na nova geopolítica que se desenhava. A América Latina já não tinha uma importância tão estratégica. Havia outros inimigos para se combater. Os olhos da América voltavam-se para a Ásia. Getúlio foi deposto pelos mesmos que antes lhe colocaram no poder. Os objetivos do Brasil ao entrar na Guerra não foram plenamente atingidos, e o almejado assento no Conselho de Segurança na recém-criada ONU não foi concretizado. Um novo capítulo da história começava a ser escrito.

5 TRADUTORES E TRADUÇÕES: O BRASIL QUE RECEPCIONOU AS TRADUÇÕES DE *THROUGH THE BRAZILIAN WILDERNESS*

5.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A ERA DE OURO DA TRADUÇÃO NO BRASIL

Nas décadas de 1930-1940 houve um grande salto na atividade tradutória no Brasil, ocorrida por uma conjuntura de fatores, no que Wyler (2003) chamou de “Era de Ouro da Tradução no Brasil”. Rónai (2012) comenta jocosamente que o ouro mencionado, relativo ao período, não se converteu em melhor pagamento aos tradutores que impulsionaram a atividade no país na época, referindo-se tão somente ao crescimento da qualidade de livros traduzidos: “Ao falarmos em ouro, referimo-nos à qualidade das traduções, não à sua remuneração, é claro.” (RÓNAI, 2012, p.108).

Coincidentemente, *Nas selvas do Brasil* e *Através do sertão do Brasil* pertencem ao mesmo período áureo, o qual representou grande profusão de traduções no país, bem como o crescimento do número de editoras e agentes literários. Considerando as palavras de Rodrigues (2014), lançar um olhar historiográfico sobre a Tradução no Brasil pode se revelar bastante produtivo, de forma a conhecer as motivações, os atores, os fatos, os contextos em que ocorreram as traduções: “[...] conhecer quem foram nossos tradutores, como eles construíam seus projetos tradutivos, como agiam e como se valorizavam em suas intervenções nos textos pode ser de grande ajuda na compreensão do que envolve a tarefa do tradutor.” (RODRIGUES, 2014, p. 145).

Na vigência da Política da Boa Vizinhança, a literatura também mereceu destaque com um intercâmbio de autores americanos sendo traduzidos no Brasil e vice-versa, embora a quantidade de obras de escritores brasileiros traduzidos nos EUA tenha sido muito inferior.

A política de intercâmbio de bens culturais foi tão importante que passou a ser assunto de Estado: o OCIAA atuou diretamente nas questões de difusão e intercâmbio cultural entre os norte-americanos e os países da América Latina. Segundo Tooge (2009),

a tradução também fazia parte do projeto maior. A princípio, o Departamento de Estado Americano começou a incentivar as Universidades e editoras para que realizassem traduções de obras literárias da América Latina. O que inicialmente era uma iniciativa modesta, que previa baixos custos para uma atividade de alto risco financeiro, acabou por intensificar-se com a criação do OCIAA. A tradução adquiria assim um poderoso patrono oficial: o Departamento de Estado Americano. (TOOGE, 2009, p. 56)

Assim, percebe-se que a promoção de traduções que abrangessem obras relativas aos países do intercâmbio cultural EUA-América Latina no período constituía também uma

atividade de Estado, com fortes influências no desenvolvimento da atividade tradutória no Brasil.

Do ponto de vista econômico, a *Grande Depressão* ocorrida após a quebra da Bolsa de Valores de 1929, bem como no declínio do principal produto de exportação brasileiro, o café, resultou na necessidade de impulsionamento da indústria no país: “A moeda foi desvalorizada, os produtos importados foram taxados, inclusive os livros, e o desenvolvimento da indústria nacional ganhou prioridade. Por isso, o número de editoras que entraram no mercado e o número de livros impressos no Brasil cresceu depressa.” (MILTON, 2010, p. 88).

De tão altas que eram as taxações sobre os produtos importados, o Brasil pela primeira vez exportava livros para a Europa: a indústria de papel no país começava a se desenvolver, e produzir livros era menos caro que importá-los, e foi quando passou a fornecer livros para Portugal. Reformas educacionais também foram responsáveis pelo aumento da demanda por livros didáticos, o que também contribuiu para o crescimento das editoras no Brasil desde o início dos anos 1930 (MILTON; EUZEBIO, 2004).

De variadas maneiras, a II Guerra Mundial impactou não apenas a tradução como também as editoras e o crescimento de agentes literários no Brasil. Segundo Milton (2010), foram impostas barreiras alfandegárias que elevaram substancialmente o preço dos livros importados, já que o público brasileiro era servido principalmente por obras oriundas da Europa, a qual sofria bloqueios econômicos durante a guerra. Após o início da industrialização no país, havia uma classe média crescente que também ansiava por livros que originavam os famosos filmes de Hollywood, bem como as histórias em quadrinhos, folhetins, roteiros de novelas e peças teatrais adaptadas, mas que, por não ter conhecimento do idioma estrangeiro, dependiam das traduções para acessar tais obras.

Wylér (2001) destaca o crescimento da importância das traduções no período de 1930-1947 na sociedade brasileira:

O volume de obras traduzidas entre 1930 e 1947 foi tão alto que, por dois anos, o suplemento literário do maior jornal do país, o Diário de Notícias, mantinha uma coluna só para comentá-las. Para as editoras, as traduções eram uma forma de contornar as severas restrições e censuras impostas pela ditadura Vargas e, ao mesmo tempo, familiarizar os leitores brasileiros às novas correntes literárias e culturais nas quais os problemas eram discutidos livremente. (WYLER, 2001, p.45)⁷⁴

⁷⁴ The volume of translated works published between 1930 and 1947 was so high that for two years the literary supplement of the country's largest newspaper, Diário de Notícias (Daily News), carried a column to comment on them. For publishers translations were a means to circumvent the severe restrictions and censorship imposed by the Vargas dictatorship and at the same time acquaint Brazilian readers with new literary currents and cultures where political problems were freely discussed.

Como pôde ser observado, uma conjuntura de fatores levou ao acontecimento da chamada era de ouro da Tradução no Brasil. Alguns dos agentes literários envolvidos neste período serão destacados a seguir.

5.2 O CRESCIMENTO DA ATIVIDADE TRADUTÓRIA E DAS EDITORAS NA ERA VARGAS

Com o crescimento de condições economicamente favoráveis ao desenvolvimento de atividades editoriais no Brasil, durante o período da Era Vargas houve também um aumento das traduções disponíveis ao público brasileiro. Investir em livros traduzidos era mais atrativo às editoras, considerando que a censura promovida pelo governo, via DIP, acarretou uma diminuição da literatura produzida pelos escritores brasileiros, receosos de ter seus livros considerados como subversivos ou censurados, bem como a isenção de pagamento de direitos autorais, no caso de obras em domínio público – ou até mesmo a infração destes direitos:

Traduções de obras literárias de sucesso significavam, em geral, um investimento sólido, se a obra estivesse em domínio público: sem a obrigação de pagar *copyright*, as chances de uma obra estrangeira ser aceita pelo público brasileiro quando o livro havia sido publicado no exterior eram maiores do que a de livros escritos por autores brasileiros desconhecidos. Além disso, o endurecimento do governo de Vargas e a proclamação do Estado Novo, no final de 1937, proscrevendo o Partido Comunista e aumentando a censura de livros, significou que as traduções eram uma opção mais segura para várias editoras. [...] Outro fato que incentivou os editores a traduzir obras estrangeiras foi a situação precária do *copyright* da época. As leis de *copyright* eram frequentemente infringidas, permitindo várias traduções da mesma obra, que eram dirigidas a públicos diferentes. Os altos impostos de importação permitiram aos editores nacionais que se desenvolvessem. (MILTON, 2010, p. 89)

A criação do Ministério da Educação, logo no início do governo de Vargas, também promoveu profundas reformas na educação brasileira, com a ampliação da oferta da educação básica e diminuição do analfabetismo no país, gerando um aumento do público que poderia ler as obras disponíveis no mercado.

Aproveitando o momento favorável, muitas editoras se destacaram nesse período: foi a época de expressivo crescimento da Editora Globo (de Porto Alegre), José Olympio, Companhia Editora Nacional (ligada a Monteiro Lobato), entre outras.

As editoras, de modo a criar um público fiel às suas publicações, encontraram no lançamento de coleções uma forma de incentivar o leitor a continuar interessado na leitura por entretenimento que cada uma delas proporcionava, bem como a completar sua coleção:

Várias coleções foram publicadas nos dois países com títulos como “Grandes Novelistas”, “Grandes Ensaístas”, “Os Grandes Livros Brasileiros”, “Obras Primas Universais”, “Novelistas Americanos Contemporâneos”, “Biblioteca de Obras Famosas”. As coleções reuniam uma grande variedade de autores. Por exemplo, as coleções brasileiras “Biblioteca dos Séculos” ou “Coleção Globo”, publicadas pela Editora Globo, e “Fogos Cruzados” publicada pela José Olympio no Rio de Janeiro,

incluem autores como Montaigne, Laclos, Stendhal, Flaubert, Maupassant, Verlaine, Balzac, Platão, Shakespeare, Fielding, Emily Brontë, Dickens, Nietzsche, Tolstoi e Poe. (MILTON, 2010, p. 90)

Como se vê apenas nestes exemplos, havia uma grande quantidade de obras estrangeiras que compunham os catálogos das editoras. Muitos dos tradutores eram, inclusive, escritores brasileiros famosos, como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Mário Quintana e Monteiro Lobato, os quais, ao verem diminuídas as chances de publicarem novos trabalhos em decorrência da censura imposta pelo regime ditatorial de Vargas, encontraram meios de manutenção da renda no trabalho de tradução.

Dentre as coleções, sobressaíram-se, especialmente, “a Documentos Brasileiros, lançada em 1936 pela Editora José Olympio; e a Biblioteca Histórica Brasileira, produzida a partir de 1940 pela Livraria Martins Editora” (RODRIGUES, 2012, p. 220). Outra que se destacou por sua extensão e foi amplamente estudada por Rodrigues (2008; 2009; 2012): a Coleção Brasiliana, integrante de uma série maior denominada Biblioteca Pedagógica, publicada pela Companhia Editora Nacional. Segundo apurado por Rodrigues (2008), os tradutores que participaram do projeto de tradução de obras estrangeiras que integraram a Coleção Brasiliana, na qual se insere *Através do Sertão do Brasil*, tinham uma relativa autonomia para desenvolver seu trabalho. Para a autora, o tradutor não parecia ser invisibilizado nas obras da referida coleção, como acontece comumente hoje:

Explicitar um projeto, concepções, é algo pouco comum hoje no Brasil. Em geral, os editores são avessos à ideia de que o tradutor se exponha em notas ou que escreva prefácios apresentando seu projeto tradutório, talvez para que o leitor tenha a ilusão de que o texto não foi tocado por ninguém, ou seja, de que estaria tendo contato direto com o autor da obra que lê. No entanto, nas traduções sobre assuntos brasileiros publicadas na primeira metade do século passado pela Companhia Editora Nacional os tradutores tinham grande visibilidade. Muitas das obras traduzidas evidenciam que há mediação — o nome do tradutor não consta apenas na página de rosto, está impresso na própria capa. Um ponto chama a atenção no mapeamento dos títulos traduzidos: se os tradutores não tinham total liberdade para explicitar suas posições em prefácios e notas, pelo menos tinham muita autonomia. Os editores também não pareciam interferir no direcionamento dado às traduções, porque há notas em que os tradutores afirmam atualizar conhecimentos e fornecer novos dados, há tradutores que dizem respeitar a maneira como os coloca o autor. Há tradutores que se declaram fiéis, há outros que nem tanto. (RODRIGUES, 2009, p. 4)

A Brasiliana publicou cerca de 400 volumes, concentrando-se especialmente em relatos de viajantes e naturalistas que produziram conhecimento científico sobre o Brasil, fossem eles brasileiros ou estrangeiros, e obras que primassem pela divulgação da cultura e pensamento brasileiro. Uma parte pequena, cerca de 15%, era de traduções, mas a flexibilidade dos tradutores em explicitar seu modo de trabalho em cada obra foi o que mais se destacou nesta coleção (RODRIGUES, 2012). A autora evidencia ainda que, a estes profissionais, era

permitido informar aos leitores, tanto em notas de rodapé quanto no corpo do texto ou em prefácios, a fim de que pudessem “atualizar os conhecimentos, fazer esclarecimentos ou trazer novas informações sobre o assunto em pauta. E, dependendo do projeto por eles seguido, há tradutores que o fazem, há os que não o fazem. Há os que [...] apenas indicam que há um equívoco do autor” (ibidem).

Portanto, neste período que Wyler (2003) denominou como o início da “tradução industrial brasileira”, no qual se observou um grande crescimento da oferta de livros traduzidos no Brasil, bem como o aquecimento da atividade livreira envolvendo diversos atores da cadeia produtiva do livro, um deles destacou-se por seus posicionamentos contrários ao regime de Vargas: Monteiro Lobato.

Milton (2019), destaca em sua obra o papel de Monteiro Lobato principalmente enquanto tradutor (e também como autor e editor) na Companhia Editora Nacional, e que o precursor da edição de livros no Brasil sofreu sanções ao expor suas opiniões em relação à ditadura Vargas, incluindo o recolhimento de seus livros e uma prisão no ano de 1941.

Condenado a 6 meses de recolhimento, cumpriu cerca de três. Segundo Milton⁷⁵ (2019, p. 137), o encarceramento foi devido à acusação de que Lobato teria remetido uma carta ofensiva a Vargas, porém, os motivos seriam na verdade as constantes comparações negativas do escritor entre o Brasil e os EUA/Inglaterra, que transpareciam inclusive em seus escritos direcionados às crianças, bem como o fato de ele ser ateu. A regra naquele momento era publicar conteúdo de acordo com a conveniência do governo, altamente preocupado em desenvolver o espírito nacionalista e patriota na população.

A importância da Companhia Editora Nacional era tamanha que, em números, era responsável por cerca de 25% de todos os livros publicados no Brasil, em 1941; a editora foi ainda responsável pelas traduções de autores como Conan Doyle, Eleanor H. Porter, Hemingway, Wells, Melville, Jack London, Steinbeck, e Kipling. Em sua carreira como tradutor, Lobato traduziu 82 obras para o português (MILTON; SILVA-REIS, 2019). Wyler (2003) registra que o grande amigo de Lobato dentro da editora, Edgard Cavalheiro, excluiu desse número “**as revisões, as traduções feitas em colaboração e as não assinadas**. Observa também que, com raras exceções, todas foram feitas para a Cia. Editora Nacional” (WYLER,

⁷⁵ “Lobato was no friend of the Estado Novo nationalist government of Getulio Vargas which despised him for his internationalism, his constant negative comparisons of Brazil to the US and the UK, his atheism, and his continual meddling. In March 1941 Lobato was accused of sending an insulting letter to dictator Getúlio Vargas, the President of the Republic and the General Gois Monteiro, and was imprisoned for six months, of which he served three, despite considerable protest from intellectuals against his imprisonment.”

2003, p. 118-19, grifo nosso), o que demonstraria sua participação em traduções publicadas pela editora, ainda que não creditadas em seu nome.

A atividade literária de Lobato era tão acentuada que, de acordo com Milton: "Em alguns casos, quando trabalhava como revisor na Editora Companhia Nacional, Lobato preferia refazer as traduções apresentadas a corrigir aquelas excessivamente fiéis ao original" (MILTON, 2019, p. 48).

Lobato também sofreu críticas de pessoas que o acusavam de apenas assinar traduções sem efetivamente tê-las realizado. Confessava em suas cartas pessoais que encontrara refúgio na atividade tradutória, para preencher os pensamentos após outro período em que amargara prejuízos financeiros⁷⁶.

O lugar de Monteiro Lobato, primeiramente como pioneiro no desenvolvimento da atividade editorial no Brasil, e posteriormente na sua projeção como tradutor e adaptador de obras estrangeiras de língua inglesa no país merecem destaque. Sua atuação no crescimento da atividade tradutória no período estado-novista, assim como a conjuntura de fatores que criaram condições favoráveis ao desenvolvimento da indústria do livro entre as décadas de 1930-40 mostram que, mesmo estando em lados opostos e apoiando ideais distintos, Lobato e Vargas contribuíram significativamente para a atividade literária no país.

5.3 OS AGENTES E OS INTERESSES NA TRADUÇÃO E RECEPÇÃO DE *THROUGH THE BRAZILIAN WILDERNESS* NO BRASIL

Diante do panorama social, político e cultural apresentados e o contexto que o Brasil vivenciava nos anos da II Guerra Mundial, será feita uma tentativa de traçar os interesses dos agentes que tornaram possível a chegada do relato de TR ao público que ele visitou quase 30 anos antes. Utilizaremos a seguir as **siglas MA** para Ministério da Agricultura e **CEN** para Companhia Editora Nacional.

Convém informar alguns aspectos sobre a organização do MA no período da II Guerra e, mais adiante, como atuaram alguns agentes envolvidos na tradução. Nos anos 1930-40 houve uma reestruturação do órgão e a busca pelo fortalecimento do corpo técnico que ali laborava. De forma a integrar a divulgação das atividades do Ministério com objetivos de propaganda de

⁷⁶ "Lobato passou boa parte de 1944 traduzindo, o que lhe ajudava a esquecer o fracasso de suas tentativas de encontrar petróleo e contestava os boatos de que ele, sozinho, não poderia ser responsável pela quantidade tão grande de traduções sob seu nome: 'Foi a tradução que me salvou do meu desastre no petróleo. Em vez de recorrer ao suicídio e ao álcool ou a qualquer estupefaciente, recorri ao vício de traduzir, e traduzi tão brutalmente, que me acusaram lá fora de apenas assinar as traduções. Mas era o meio de me salvar. Hoje me sinto perfeitamente curado - e por isso abandono o remédio.'" (Cavalheiro, 1955, *apud* MILTON, 2019, p. 29)

todo o arcabouço e ideais do Estado Novo, não apenas o MA como outras divisões governamentais foram reorganizadas para atuarem com a finalidade de atingir todas as esferas da sociedade no propósito específico de disseminar a ideologia Vargasista. As mudanças na forma de enxergar a valorização dos técnicos através de investimentos em sua formação, segundo Rocha (2022), iniciaram no MA, que foi uma espécie de incubadora destas novas dinâmicas dentro do governo federal:

[...] segundo o presidente do DASP [Departamento Administrativo de Serviço Público], Luís Simões Lopes (1903-1994), o MA concentrava o maior núcleo de técnicos de valor em agronomia, veterinária, química, engenharia de minas, entre outras áreas, do país, algo que facilitaria o progresso técnico e econômico do Brasil. Por isso, foram implementados primeiramente no ministério em 1939, antes mesmo dos demais ministérios, os primeiros cursos de aperfeiçoamento, especialização e extensão (CAE), funcionando como uma espécie de laboratório de formação de técnicos de Estado, algo que seria expandido para toda a esfera federal (Idem).” (ROCHA, 2022, p. 158)

Segundo a mesma autora, o intercâmbio entre MA, o Departamento Administrativo de Serviço Público (DASP) e o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), assumiu caráter bastante integrado. Em seu estudo, Rocha (2022) demonstra ainda que o MA contribuiu fortemente como um modelo que a Administração Pública deveria seguir, pois seu corpo técnico influenciava em várias frentes, não apenas sobre como deveria operar o funcionalismo federal, como também sua atuação perante o público que atendia, mobilizando todo o país no novo contexto de guerra que o Brasil adentrava. Especialmente no MA sob a administração de Apolônio Sales, grandes mudanças ocorreram para que o Brasil cumprisse sua *missão* quanto aos esforços do hemisfério para apoiar os EUA e vencer a Guerra:

Com Sales a transformação agrária foi preparada para as novas demandas internacionais que exigiam do Brasil maior participação produtiva, seguindo o lema da “mobilização total” para o enfrentamento da grande guerra. A campanha iniciada por Vargas, cuja frase síntese era “Produzir mais e melhor”, expressava o objetivo de unir esforços para acelerar o ritmo do progresso econômico com o estímulo à agricultura. [...] Era comum encontrar nos boletins ministeriais do MA durante os anos de guerra frases como: “Os alimentos são uma arma na luta contra o hitlerismo”; “A comida vencerá a guerra e fará a paz”; “A missão do agrônomo é a paz e a civilização”; “Produtores do Brasil, cumpram suas funções enchendo os celeiros de nosso país”; e, o mais popular deles, “Plantai para a vitória”. A partir de então, a campanha midiática do governo Vargas objetivou incitar nos trabalhadores rurais deveres morais e cívicos para com a nação, sendo as classes produtoras entendidas como soldados na linha de frente do esforço de guerra. (ROCHA, 2022, p. 162)

A autora demonstra ainda como a propaganda estatal, via MA, atuava intensamente entre os produtores rurais; os programas desenvolvidos, o intercâmbio de conhecimentos, com o corpo técnico buscando aprender formas de melhorar a produção agrícola nos EUA (e como isso por conseguinte promoveria também o avanço econômico do país, ao ser repassado aos agricultores), e a ideia de que o Brasil poderia colaborar com o esforço de Guerra enviando

matéria-prima aos Aliados e alimentos para seus soldados que combatiam no *front*. Ou seja, no âmbito da pasta da Agricultura, a propaganda político-nacionalista de Vargas e a da Boa Vizinhaça se consolidaram fortemente e de diversas formas para incutir na população brasileira a importância de cada um contribuir para a vitória na Guerra.

Internamente, cabe assinalar que o setor responsável pela propaganda passou a ter nova nomenclatura e atribuições, através do Decreto-Lei nº 2.094, de 28 de março de 1940⁷⁷, cujo *caput* “Transforma o Serviço de Publicidade Agrícola, do Ministério da Agricultura, em Serviço de Informação”, e informa suas competências (grifos nossos):

Art. 1º Fica transformado em **Serviço de Informação Agrícola (S. I. A.)** o atual Serviço de Publicidade Agrícola, do Ministério da Agricultura.

Art. 2º Compete especialmente ao S. I. A.:

- a) coligir, guardar, coordenar e publicar os textos e outros elementos discriminativos das atividades do Ministério, dados estatísticos, etc.;
- b) elaborar os Anais do Ministério;
- c) fornecer ao Departamento de Imprensa e Propaganda os elementos de que esse carecer para o exercício de suas atividades;
- d) **recolher os dados para o relatório anual do Ministério;**
- e) dirigir e executar os trabalhos de cinematografia do Ministério;
- f) organizar um serviço de informações de todas as atividades do Ministério, especialmente para lavradores e criadores. (BRASIL, 1940)

O SIA era o setor que enviava todo o material de divulgação do MA para publicação na Imprensa Nacional, para posterior distribuição entre os interessados. Já a Seção de Documentação (SD) também foi reformulada, através do Regimento Interno⁷⁸ aprovado no Decreto 5.520, de 11 de abril de 1940 (grifos nossos):

DA FINALIDADE

Art. 1º O Serviço de Informação Agrícola (S. I. A.) em que se transformou o Serviço de Publicidade Agrícola pelo decreto-lei número 2.094 de 28 de março de 1940 é diretamente subordinado ao ministro de Estado da Agricultura e tem a seu cargo a guarda, coordenação e **publicação de textos, relatórios**, dados estatísticos e outros elementos discriminativos das atividades do Ministério, a execução e direção dos trabalhos cinematográficos, bem como manter um serviço de orientação, informações e reclamações para atender ao público, especialmente aos lavradores e criadores. [...]

DA COMPETÊNCIA DAS SECÇÕES, DA COMISSÃO DE REDAÇÃO E DO GABINETE

Art. 7º À Seção de Documentação (S.D.T.) compete.

- a) coletar e organizar em pastas e fichas, por assunto a legislação agropecuária e mineral do país;
- b) colecionar em pastas, classificados por assuntos, recortes de jornais, revistas, etc., sobre matérias de interesse do S.I.A.;
- c) selecionar e classificar as publicações editadas ou adquiridas pelo S.I.A., facilitando a sua consulta;

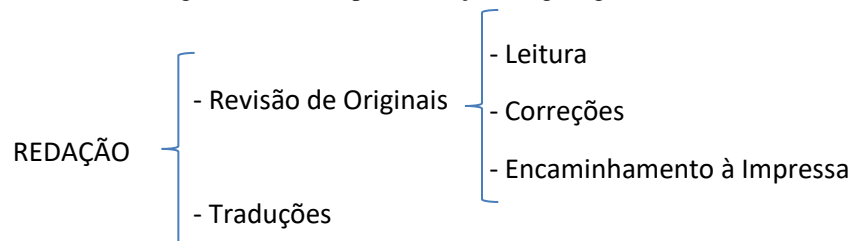
⁷⁷ Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-2094-28-marco-1940-412170-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Transforma%20o%20Servi%C3%A7o%20de%20Publicidade,Agricultura%2C%20em%20Servi%C3%A7o%20de%20Informa%C3%A7%C3%A3o.>

⁷⁸ Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-5520-11-abril-1940-344529-publicacaooriginal-1-pe.html>

- d) promover a permuta das publicações, periódicas ou não, do Ministério, com congêneres do país e do estrangeiro;
- e) traduzir, quando necessário e por determinação do diretor, as publicações estrangeiras; e
- f) organizar o arquivo fotográfico do Ministério e promover, periodicamente, exposições de fotografias que evidenciem ao público as atividades dos órgãos técnicos. (BRASIL, 1940)

Portanto, a SD foi a responsável pelo trabalho técnico de tradução do livro *Nas selvas do Brasil*, como detalhado na divisão do seu organograma interno, também extraído dos relatórios anuais do MA:

Figura 12 - Fluxo para tradução - organograma interno



Fonte: adaptado do Relatório Anual do Ministério da Agricultura⁷⁹, ano de 1940, vol. II, p. 389

Outra mudança ocorrida nesse período foi o Serviço de Proteção aos Índios (SPI), remanejado do Ministério da Guerra para a alçada do MA⁸⁰, no ano de 1939. Dentro de sua estrutura constava o Conselho Nacional de Proteção aos Índios⁸¹, criado também em 1939, e cujo presidente era Rondon. Ou seja, o ilustre sertanista encontrava-se administrativamente subordinado ao Ministro da Agricultura quando foi solicitada a permissão para publicação da tradução do relato de TR no Brasil.

É possível considerar que Rondon foi um importante agente que interferiu pessoalmente na vinda, em 1940, da permissão para publicação da tradução de *Through the Brazilian wilderness* no Brasil. Uma nota de jornal constante neste trabalho, no item 5.6 - **A TRADUÇÃO: NAS SELVAS DO BRASIL** apresenta o processo de autorização dos direitos de tradução. O testamenteiro de Roosevelt, a viúva Edith e os filhos concordaram com a cessão, já que não seriam auferidos lucros com a distribuição gratuita do livro pelo governo.

Para além dessa notícia, a própria edição de 1943 de *Nas selvas do Brasil*, publicada pelo MA, traz em seus elementos pré-textuais diversas *pistas* da movimentação e comunicações

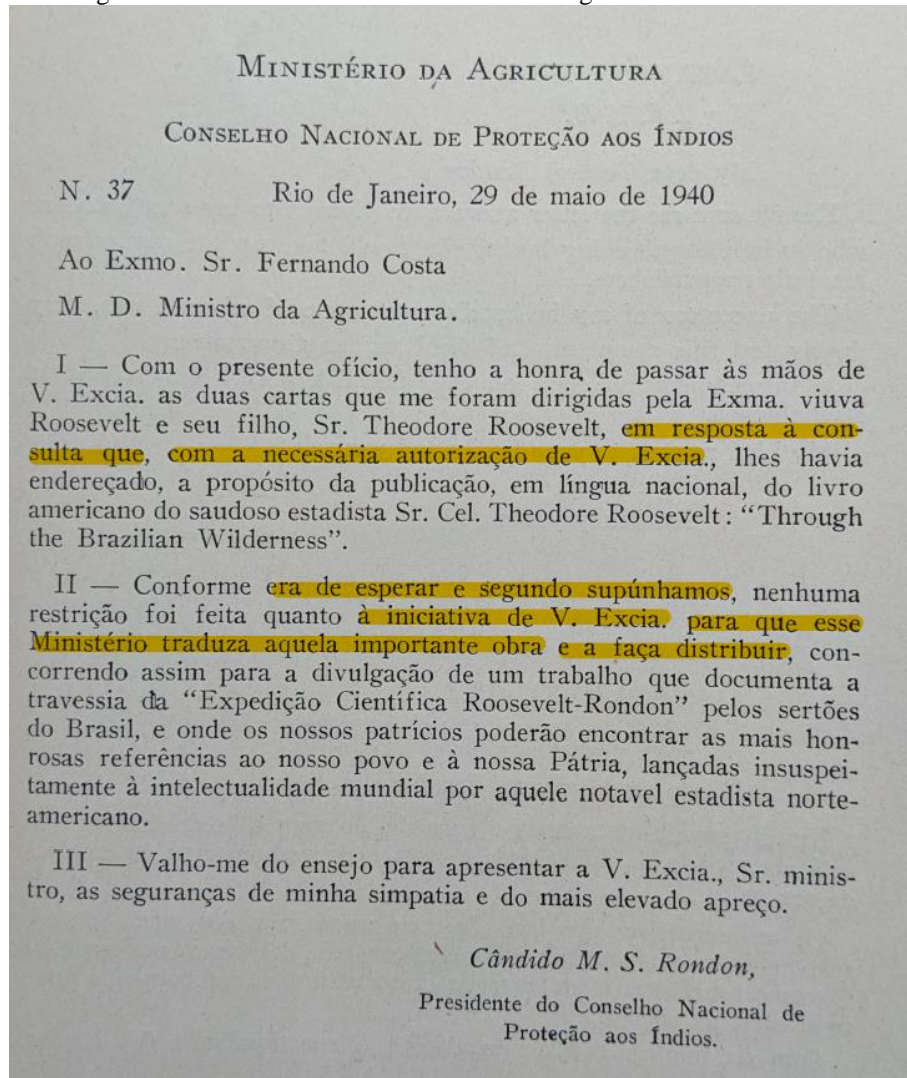
⁷⁹ Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/titles/108#?c=0&m=87&s=0&cv=506&r=0&xywh=-253%2C-220%2C2311%2C1630>

⁸⁰ Relatório do ano de 1940, volume II, p. 442, disponível em <http://ddsnext.crl.edu/titles/108#?c=0&m=87&s=0&cv=441&r=0&xywh=-307%2C-213%2C3052%2C3008>

⁸¹ Relatório do ano de 1940, volume II, p. 464, disponível em <http://ddsnext.crl.edu/titles/108#?c=0&m=87&s=0&cv=463&r=0&xywh=-1485%2C-104%2C4792%2C3381>

efetuadas para que essa iniciativa do governo fosse levada a cabo. A primeira delas é um ofício de Rondon ao Ministro da época, Fernando Costa (ministro de novembro de 1937 a junho de 1941⁸²), cujo destaque a algumas frases evidenciam que a proposta partiu deste, ao solicitar a intervenção de Rondon junto à família de TR (grifos nossos):

Figura 13 - Ofício de Rondon ao Ministro da Agricultura Fernando Costa



Fonte: Roosevelt (1943)

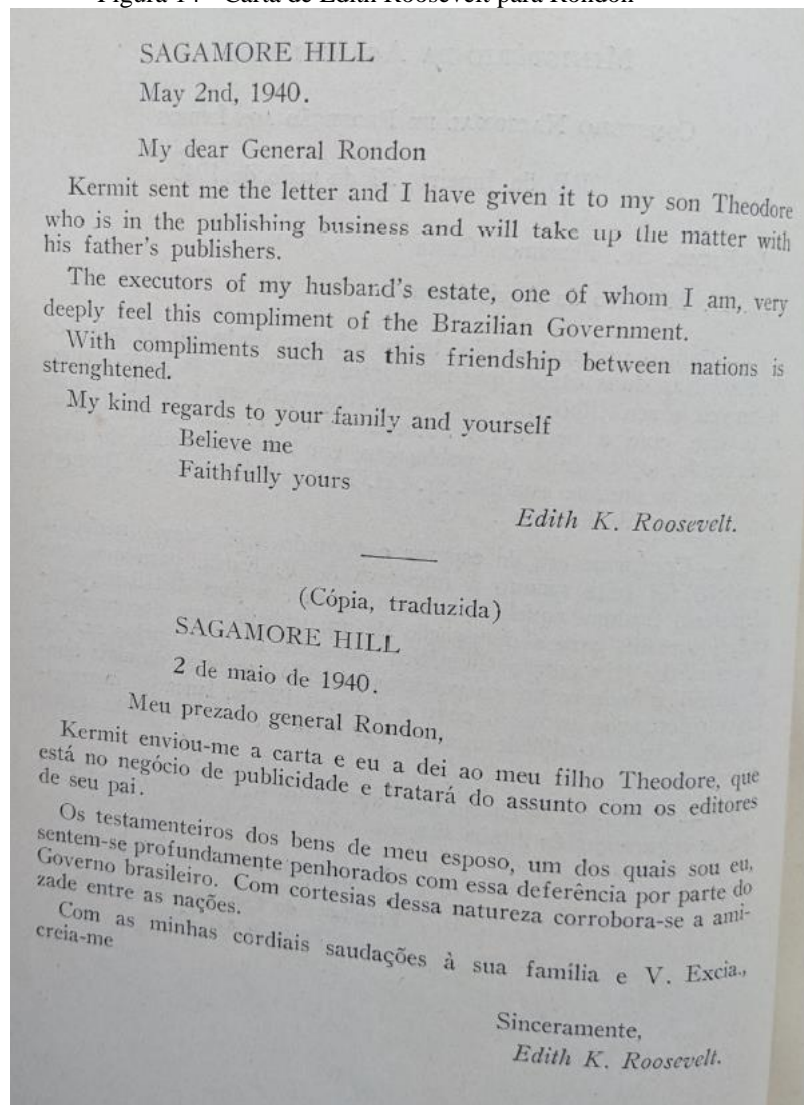
Portanto, a reprodução do ofício nas primeiras páginas do livro já evidencia que Rondon atuou como uma espécie de *mensageiro* do pedido especial do MA para trazer a tradução do livro para o Brasil, pois menciona que a ideia inicial foi de Costa. Rondon remete a seu superior administrativo as cartas dos parentes de TR, os quais assentiram que a obra fosse distribuída através do Ministério. No documento já há manifestação no sentido de que a obra abarcará elogios ao povo brasileiro e à nação, diante de tudo o que TR viu, descreveu e fez juízo em seu relato: “os nossos patrícios poderão encontrar as mais honrosas referências ao nosso povo e à

⁸² Fonte: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/galeria-de-ministros/fernando-de-sousa-costa>

nossa Pátria, lançadas insuspeitamente à intelectualidade mundial por aquele notável estadista norte-americano”.

No livro, constam também, especialmente para o público brasileiro, as traduções das cartas de Edith Roosevelt (viúva de TR), Theodore Roosevelt Jr. (o qual atuava em nome da mãe e dos filhos nas relações com os editores dos livros do pai) e do próprio testamenteiro de TR. A carta de Edith destaca que a tradução fortaleceria a *amizade entre as nações* (Brasil e EUA):

Figura 14 - Carta de Edith Roosevelt para Rondon

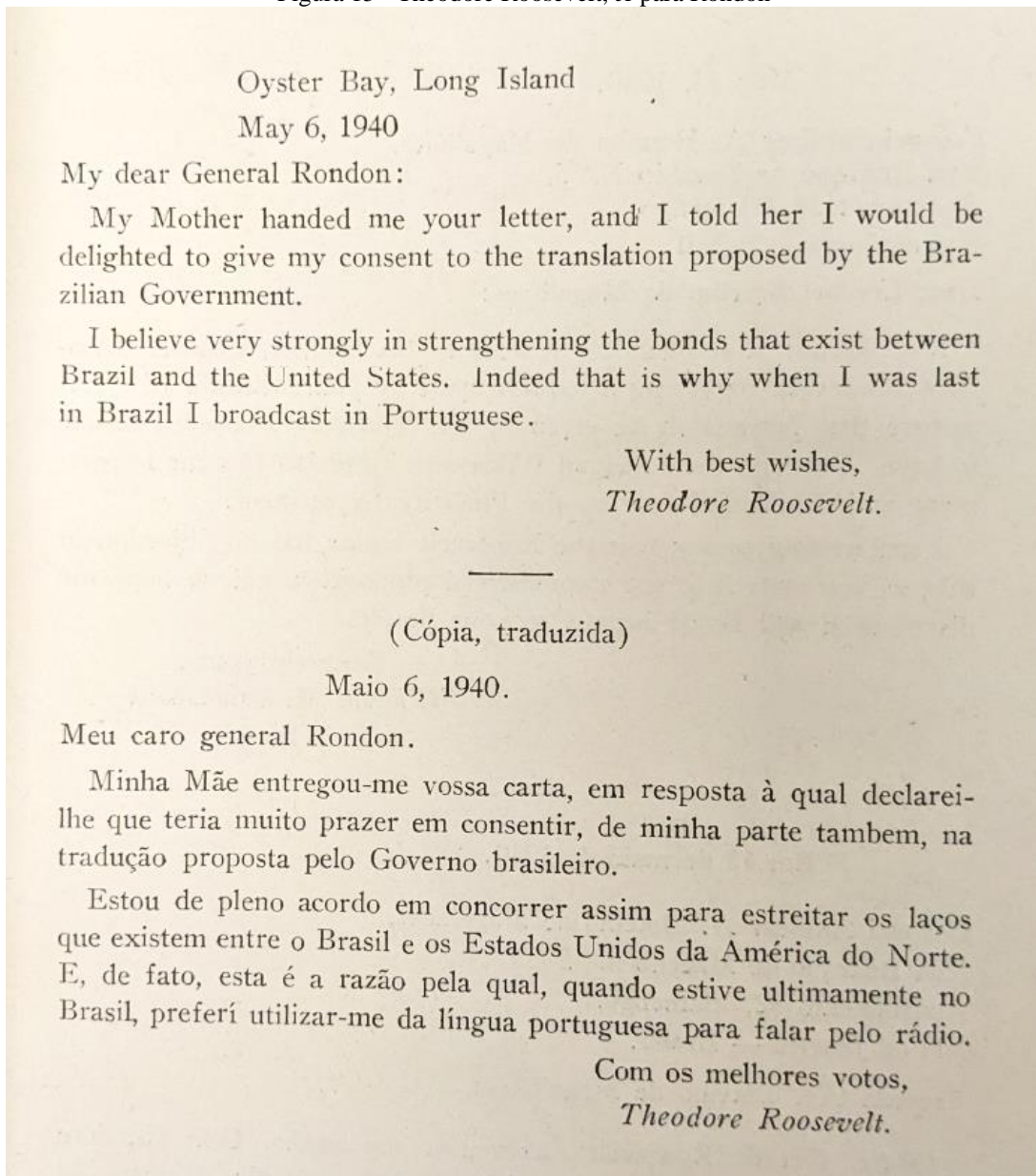


Fonte: Roosevelt (1943)

Edith destaca a importância da proposta do governo brasileiro, com o pedido da autorização para a tradução, e como ela e seus filhos sentiram-se lisonjeados. Pelo que ela descreve, quem recebeu a carta de Rondon, inicialmente, foi Kermit, o filho que partilhou com TR a descida pelo Rio da Dúvida. Portanto, é possível depreender a partir daí que Rondon usufruiu da vivência na expedição e da amizade construída com TR para exercer alguma

influência e, com isso, obter a anuência desejada da família Roosevelt. A carta seguinte é de Theodore Roosevelt, Jr, o filho mais velho:

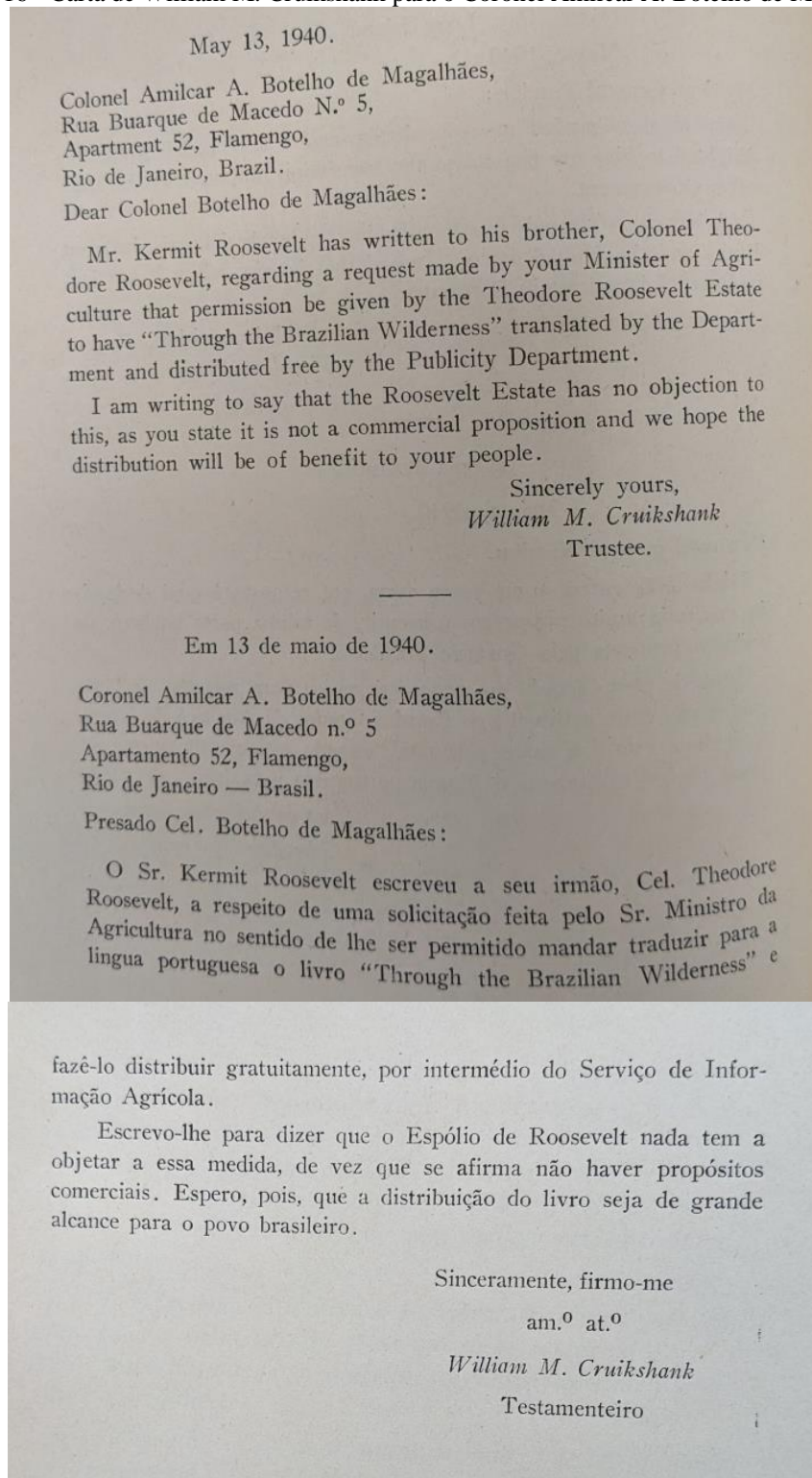
Figura 15 - Theodore Roosevelt, Jr para Rondon



Fonte: Roosevelt (1943)

O filho igualmente se põe a favor da tradução proposta pelo *Governo Brasileiro*, bem como também expressa apoio a uma cooperação entre as nações, em tom elogioso à iniciativa. A tônica presente nas cartas parece ser a do sentimento de pan-americanismo que estava em evidência naquele momento. A carta seguinte, do testamenteiro de TR, William M. Cruikshank, traz outros elementos esclarecedores sobre a tradução:

Figura 16 - Carta de William M. Cruikshank para o Coronel Amilcar A. Botelho de Magalhães



Fonte: Roosevelt (1943)

A carta de Cruikshank expõe alguns detalhes que possivelmente só ficaram explicitados no documento inicial de Rondon à família Roosevelt: que a intenção do MA era, ao solicitar a permissão para a tradução, distribuir gratuitamente o livro ao público brasileiro; pelo fato de não auferir lucro com a edição brasileira, sob tais condições, o administrador do espólio não via

objeções ao pedido. Embora no cabeçalho a carta não seja direcionada a Rondon, mas ao Cel. Amílcar de Magalhães, depreende-se que este, como já havia atuado em outras oportunidades como um *porta-voz* de Rondon, possivelmente foi o responsável pelo envio da carta, pois é seu endereço que consta na resposta.

Portanto, dentre as cartas acima expostas, e que foram reproduzidas ao público que conheceu *Through the Brazilian wilderness* através da tradução editada pelo governo, há uma intenção explícita de enfatizar o bom relacionamento entre os brasileiros e os americanos, e o forte sentimento de que aquela leitura era oportuna para fortalecer a união entre os povos.

Foram realizadas consultas ao diretório que disponibiliza os relatórios anuais de gestão do MA, documentos de caráter interno que serviam como espécie de *prestação de contas* das atividades desenvolvidas no ano, para informação ao presidente Getúlio Vargas.

No prefácio do relatório do ano de 1942, já sob a gestão de Apolônio Sales, este menciona uma “Comissão Brasileiro-Americana de Produção de Gêneros Alimentícios, criada em virtude do acôrdo assinado entre os governos do Brasil e dos Estados Unidos da América do Norte, em setembro de 1942”⁸³ (Relatório Anual do MA, 1942, p. 6, grafado como no original). Há registros fotográficos de dois encontros com representantes americanos no Arquivo Nacional, com a presença de Apolônio Sales:

Figura 17 - Assinatura de tratado entre Brasil e Estados Unidos no Palácio Itamaraty, Rio de Janeiro, RJ - 03/09/1942



Fonte: Arquivo Nacional

⁸³ Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/titles/108#?c=0&m=88&s=0&cv=5&r=0&xywh=-335%2C871%2C2965%2C2091>

Informações extraídas do site do Arquivo Nacional⁸⁴ atribuem as seguintes notas: “Descrição do arquivo: Assinatura de tratado entre Brasil e Estados Unidos no Palácio Itamaraty, Rio de Janeiro, RJ. [...] Identificados da esquerda para a direita: foto 83/2, em primeiro plano, sentados, Jefferson Caffery, embaixador dos Estados Unidos no Brasil (2º), Apolônio Jorge de Faria Sales, ministro da Agricultura (3º), e Osvaldo Euclides de Sousa Aranha, ministro das Relações Exteriores (4º). [...] Data: 03/09/1942”. O primeiro sentado à mesa, da esquerda para a direita, embora não mencionado na legenda do arquivo, era o Coordenador do *Office*, Nelson Rockefeller; portanto ele teve participação no acordo celebrado no registro.

Rockefeller, apesar de muito ligado às atividades do *Office* em todas as Américas, esteve poucas ocasiões no Brasil, durante a II Guerra Mundial. Nesta visita de setembro de 1942 a cobertura jornalística de sua passagem foi muito ampla, ele ficou por cerca de 10 dias e envolveu-se em vários eventos, fazendo muitos discursos apaixonados sobre a importância do Brasil como parceiro no hemisfério e na luta contra o Eixo. Os jornais igualmente o aclamavam como homem de visão estratégica e a valorosa parceria do Brasil naquele momento. Uma das notícias⁸⁵, que cobriu a ocasião da foto acima, falou nas cifras e alguns dos termos do acordo firmado entre Brasil e EUA: foram destinados dois milhões de dólares para o fomento da produção de gêneros alimentícios. Ainda que não tenha sido divulgado sobre a tradução na notícia, os relatórios e boletins a seguir informaram que o acordo foi celebrado na mesma reunião. Dada a presença de Rockefeller na foto, pode-se considerar a possibilidade de uma participação do *Office*, via Departamento de Agricultura dos EUA, na execução das traduções que seriam publicadas pelo Serviço de Informação Agrícola/Ministério da Agricultura (SIA/MA), tendo em vista que o órgão possuía muitas ramificações e se integrava a diversos departamentos do governo americano.

⁸⁴ Foto disponível em:

http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_RJANRIO_EH/0/FOT/EVE/00083/BR_RJANRIO_EH_0_FOT_EVE_00083_d0002de0004.pdf e o seu registro completo em: https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1393986&v_aba=1

⁸⁵ *O Jornal* (RJ), de 04/09/1942 “Cerca de 50 mil contos para o fomento da produção de gêneros alimentícios”, disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/110523_04/12962

Figura 18 - Presidente Getúlio Dornelles Vargas recebe em audiência comissão de técnicos norte-americanos, Palácio Rio Negro, Petrópolis, RJ - 04/09/1942



Fonte: Arquivo Nacional

Já as informações extraídas do site do Arquivo Nacional⁸⁶ a respeito do registro acima atribuem as seguintes notas: “Descrição do arquivo: Presidente Getúlio Dornelles Vargas (1939-1945) no Estado do Rio de Janeiro: recebe em audiência comissão de técnicos norte-americanos, Palácio Rio Negro, Petrópolis, RJ. [...] Identificado da esquerda para a direita: foto 198/1, sentados de frente, Getúlio Dornelles Vargas (1º) e Apolônio Jorge de Faria Sales, ministro da Agricultura (2º). [...] Data: 04/09/1942.”. Não foram localizados os textos integrais dos documentos assinados nos dois encontros registrados, tanto na base de dados do Arquivo Nacional como em outras que possivelmente pudessem digitalizar e disponibilizar ao público.

No relatório anual do MA, no ano de 1942, há menção⁸⁷ a esses acordos firmados entre os governos, com maior detalhamento sobre a parte que cabia à Seção de Documentação (SD) do SIA:

O ano de 1942 assinalou, também, para a Secção, **o início do cumprimento do acordo realizado com o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos para a tradução, impressão e distribuição das suas publicações**, iniciativa esta de grande valor e que valiosos e reais benefícios trará não só para os agricultores do Brasil, por

⁸⁶ Foto disponível em:

http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_RJANRIO_EH/0/FOT/PRP/00198/BR_RJANRIO_EH_0_FOT_PRP_00198_d0003de0003.pdf e o seu registro completo em: https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1313942&v_aba=1

⁸⁷ Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/titles/108#?c=0&m=89&s=0&cv=355&r=0&xywh=-60%2C515%2C2490%2C1756>

lhes tornar acessível amplas e variadas informações sobre as modernas práticas agrícolas adotadas na América do Norte, mas também para os técnicos do Ministério da Agricultura, por lhes facilitar o conhecimento dos estudos e experimentos já realizados pelos seus colegas da grande República do norte. **Executado, embora, mediante verba especial e sob o regime de tarefa, utilizando tradutores estranhos ao S.I.A.,** pode esse fato ser encarado como o início auspicioso da realização do vasto programa que cabe à S.D. Disponha o S.I.A. de tradutores próprios e especializados e o Ministério poderá contar com um serviço amplo de traduções e resumos por intermédio do qual serão divulgados, no Brasil, os ensinamentos colhidos nas publicações estrangeiras. (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, 1942a, p.239, grafado como no original, grifos nossos)

Através da leitura deste trecho do relatório, provavelmente escrito no final de 1942, é possível compreender que a execução dos acordos firmados entre as nações já estava em andamento, o que incluía o estreitamento das relações entre os órgãos congêneres nos dois países (*Department of Agriculture* dos EUA e Ministério da Agricultura do Brasil), assim como a tradução de obras técnicas e folhetos educativos sobre melhores formas de manejo e plantio, para divulgação entre os agricultores brasileiros. A tradução desse material representou também meio de aproximação maior dos laços entre Brasil e EUA durante a II Guerra, considerando o ponto de vista econômico e de atendimento das necessidades de fornecimento de matéria-prima e alimentos para os envolvidos.

Logo em seguida à menção acima, há a confirmação de que a tradução de *Through the Brazilian Wilderness* fez parte dos acordos assinados⁸⁸. Por não termos acesso ao texto do que ficou estabelecido, não está evidenciado qual o tipo de financiamento ou o papel exato do Departamento de Agricultura (ou, possivelmente, do *Office*) na chegada do relato de viagem de TR ao Brasil, mas o relatório comprova que houve a cooperação entre os Estados Unidos e Brasil para publicação do livro, para além da participação de Rondon retromencionada:

Traduções — Dando cumprimento **ao acordo celebrado com o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, foram traduzidos, em 1942**, 135 folhetos, dos quais seis já se acham publicados. Os demais estão submetidos à revisão técnica. **Foram igualmente traduzidos** o relatório apresentado pela Missão Americana de Técnicos em Óleos Vegetais, que visitou o Brasil, e os livros "**Through the Brazilian Wilderness**", de **Theodore Roosevelt**; "**Destructive and useful insects**", de C. L. Metcalf e W. P. Flint; "The cultivation of citrus fruits", de H. Harold Hume e "Human Nutrition", do U. S. Department of Agriculture, o primeiro dos quais já publicado, **estando a dos demais em andamento**. (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, 1942b, p. 241, grafado como no original, grifos nossos)

Uma série de folhetos educativos encontravam-se traduzidos, outros livros estavam em vias de serem publicados, e *Nas selvas do Brasil*, no final de 1942, ainda estava com a tradução em andamento, pois sua primeira publicação consta no ano de 1943, embora as notícias de jornais informem que o livro somente veio a público em 1944.

⁸⁸ Disponível em: <http://ddsnexst.crl.edu/titles/108#?c=0&m=89&s=0&cv=358&r=0&xywh=-180%2C1296%2C2096%2C1479>

Tivemos acesso, através de *drive* compartilhado, a documentos encontrados na Library of Congress [Biblioteca do Congresso Americano]. O livro acima mencionado, *Destructive and useful insects*, de C.L. Metcalf e W. P. Flint, aparece nos relatórios do Projeto “Assistance to Latin American Publishers”⁸⁹ [Assistência às editoras latino-americanas], firmado entre o *Office* e a American Council of Learned Societies (ACLS). Ficou estabelecido que a ACLS, um dos *braços* não governamentais do *Office* (a exemplo das grandes fundações filantrópicas), atuaria como fiscal do programa de subsídios prestados por este, relativos aos livros americanos traduzidos e publicados em português e espanhol, com diversas editoras latino-americanas. Era possível gastar até US\$1.500 em cada livro, o que incluía os direitos autorais e a tradução até a impressão final. A previsão inicial de gastos com o projeto era de US\$75.000. Não se exclui do horizonte a possibilidade de a publicação da tradução de *Through the Brazilian wilderness* ter recebido algum tipo de incentivo financeiro, dado que a ACLS não era a única instituição que atuava nos interesses do gabinete de Rockefeller.

No relatório encontrado, são mencionados subsídios a livros relacionados a técnicas agrícolas, cuja editora favorecida era o SIA que, aliás, não foi a única editora governamental beneficiada: a editora do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) também aparece com títulos relativos à Administração Pública. A relação dos livros subsidiados pelo *Office* junto ao SIA, via ACLS, é a que segue:

Quadro 1 - Livros publicados através do projeto “Assistance to Latin American Publishers” pelo serviço de informação agrícola

Título original	Autor
Breeding of crop plants	Hayes and Garber
Chemistry of plant life	Thatcher
Citrus disease and their control	Fawcett and Lee
The culture of citrus	Dr. Hume
Destructive and useful insects	Metcalf and Flint
Genetics in relation to agriculture	Babcock and Clausen
Manual of tropical and sub-tropical fruits	Popeno
Plant anatomy	Eames and MacDaniels
Manual of plant diseases	F.D. Heald
Plant ecology	Weaver and Clements
Soil characteristics	Emerson
Methods of plant breeding	Hayes and Immer
Principles of heredity	Snyder
Irrigation practice and engineering	Etcheverry and Harding

Fonte: LC-MC. ACLS. Box B99. Relatórios de jul. 1942, set. 1942, dez. 1942, mar. 1943, jun. 1943 e fev. 1944.

⁸⁹ LC-MC. ACLS. Box B99. Correspondência de Mortimer Graves à Comissão Financeira da ACLS. 25 jun. 1942.

O quadro demonstra que a atuação do OCIAA também alcançou a agricultura, no que se refere à busca do aumento na produção de alimentos através do aperfeiçoamento de suas técnicas. A *benevolência americana*, tal qual Tocqueville descreveu na doutrina do interesse próprio, é algo muito peculiar aos interesses naquele momento de guerra: era necessário incentivar tais melhorias na área da agricultura e, assim, garantir as matérias-primas necessárias nos esforços de guerra. Em um país tão grande quanto o Brasil, com extensão somente comparável à dos EUA no hemisfério, seria de fato um grande investimento.

Também foram feitas menções à tradução do livro de TR nos boletins internos do MA, destinados principalmente aos servidores do órgão, os quais buscavam disseminar as atividades desenvolvidas entre as representações estaduais e a sede.

Em agosto de 1942, o boletim informa que a tradução se encontrava no prelo, e destaca o engajamento do governo, via MA, no pensamento pan-americanista que estava em voga, além de informar ao leitor que o livro dialogava tanto com o trabalho de Rondon desenvolvido nos sertões quanto com a chamada *conquista* ou *marcha para o oeste*, empreendida pelo Estado Novo:

Realizando o panamericanismo intelectual: O Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura está executando, de acordo com o D.A.S.P., o plano de traduções de obras técnicas norte-americanas, sendo que **alguns trabalhos já se acham no prelo**. Dentre estes, destaca-se o grande livro de Teodoro Roosevelt, ex-presidente dos Estados Unidos, sobre as selvas brasileiras, em que também está focalizando a magnífica **epopéia do general Rondon representada na conquista do oeste**. **Esse trabalho do Ministério da Agricultura vem reforçar a política panamericanista por cuja execução tanto se empenham o povo e o Governo.** (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, 1942, p. 120)

Notícias sobre o livro também apareceram por duas vezes no boletim, no ano de 1944. A primeira, em fevereiro, afirma que o livro estava muito próximo de ser lançado, e traz elogios tanto à figura de Rondon, “um dos brasileiros a quem mais devemos amar”, quanto ao próprio livro, considerado como fonte bastante segura de informações sobre “os sertões do oeste” – por extensão, um elogio ao autor da obra, Roosevelt:

"Nas selvas do Brasil", de Teodoro Roosevelt: O Ministério da Agricultura, através do seu Serviço de Informação Agrícola, **vai lançar, dentro de poucos meses**, um trabalho que logrará certamente extraordinário sucesso. Trata-se do livro "Nas Selvas do Brasil", de Teodoro Roosevelt, ex-Presidente dos Estados Unidos e notável explorador, além de grande interessado em assuntos zoogeográficos. A obra, cuja tradução para o português (sic) se deve ao agrônomo Luís Guimarães Júnior, alto funcionário daquele Ministério, obteve, quando publicada no original, ruidoso êxito naquele país, sendo **considerada como um dos melhores repositórios, sendo o mais seguro, sobre os sertões do oeste brasileiro, dantes palmilhados, em anos sucessivos, pelo general Cândido Rondon** e um luzido grupo de geógrafos e naturalistas patricios. **O livro de Teodoro Roosevelt é fartamente ilustrado e constitui, fora de dúvida, um hino à tarefa fecunda de Rondon**, que, pelos ideais que encerra - di-lo um brilhante polígrafo - **é um dos brasileiros a quem mais**

devemos amar. Além de apêndices, "Nas Selvas do Brasil", que é prefaciada pelo Ministro Apolônio Sales, contém dez capítulos de admiráveis descrições sobre belezas naturais das regiões banhadas pelo Paraguai, Taquarí, São Lourenço, Antas e outros, salientando-se, dentre elas, as consagradas a um rio pela primeira vez percorrido pelo homem civilizado e até então desconhecido na floresta equatorial. (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, 1944a, p. 164, grifos nossos)

A segunda menção ao livro, em 1944, ocorreu no boletim de junho, após o lançamento, e dá ênfase à tradução desenvolvida pelo técnico Guimarães Júnior, além de destacar os elogios que seu trabalho recebeu do presidente da Academia Carioca de Letras:

A edição do livro "Nas Selvas do Brasil": Despertou grande interesse no país a edição pelo Serviço de Informação Agrícola, do Ministério da Agricultura, do famoso livro "Nas Selvas do Brasil", de Teodoro Roosevelt. A propósito da tradução dessa obra, realizada pelo agrônomo Luís Guimarães Júnior, o presidente da Academia Carioca de Letras enviou ao S.I.A. uma carta elogiando a atuação desse técnico do Ministério da Agricultura que tão bem soube verter para o português as magníficas páginas da célebre viagem do ex-presidente dos EE.UU. através do alto sertão do oeste brasileiro. (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, 1944b, p. 100)

Destaca-se que o conteúdo do relato de TR estava diretamente relacionado com os objetivos do governo Vargas. O agenciamento do governo brasileiro se fez presente através do texto traduzido, que converge em muitos pontos com o pensamento de Roosevelt sobre o Brasil, os indígenas, a visão sobre a colonização do interior do país, para melhor aproveitamento do seu potencial, entre outros.

No relatório do MA de 1942, o trecho⁹⁰ a seguir aponta o que era considerada a “educação dos índios”, no âmbito do SPI que Rondon administrava:

O que chamamos educação dos índios consiste em:

- a) **dar-lhe idéia da pátria e o seu culto cívico, cerimônias em torno da bandeira, hinos, História do Brasil através dos fatos mais culminantes etc.;**
- b) alfabetização dos menores e adultos de ambos os sexos;
- c) ensinos de trabalhos manuais e domésticos;
- d) prática agrícola e pecuária;
- e) limpeza e higiene.

Não temos que lhes ensinar boas maneiras porque os índios são em geral maneirados e gentís, imitando cuidadosamente a maneira dos civilizados para melhor convivência com estes. Daí a grande conveniência de oferecer aos selvícolas, em cada posto indígena, **uma reprodução quanto possível da sociedade brasileira como deve ser, isto é, famílias normais, composta de pessoas sérias, ativas e sem vícios.** (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, 1942, p. 132, grafado como no original, grifos nossos)

Havia naquela época o pensamento do resgate da imagem do indígena como o *sujeito* originário do Brasil, que deveria ser tutelado pelo Estado e integrado à sociedade da maneira que fosse possível; tal tarefa caberia ao SPI e se encaixava na forma como Rondon sempre tratou os indígenas que foi integrando ao longo dos anos de trabalho nos sertões brasileiros.

⁹⁰ <http://ddsnext.crl.edu/titles/108#?c=0&m=89&s=0&cv=245&r=0&xywh=-178%2C1307%2C2491%2C1757>

Relativamente à representação do indígena na literatura e sociedade estado-novistas, Grecco (2021) aponta a maneira como sua imagem passou a ser construída naquele momento:

Os ideólogos e intelectuais do Estado Novo, como bem aponta Selth Garfield, subverteram a concepção eurocêntrica da história cultural-literária quando encontraram **nos indígenas** (e também nos afrodescendentes, a partir dos modernistas) **os personagens essenciais, não apenas da nacionalidade brasileira como do próprio destino da nação**. Essa representação foi utilizada tanto no século XIX como no século XX, pois todos os modernistas - particularmente os verde-amarelos, como Plínio Salgado e Cassiano Ricardo - tinham a mesma concepção nacionalista de revalorização de uma identidade étnico-cultural mestiça e de glorificação do passado. A compreensão dos povos originários como os primeiros cidadãos brasileiros se tornou a imagem escolhida pelo regime de Vargas. **O indígena, em seu desenvolvimento cívico, deveria trabalhar para tornar o interior do país produtivo**. Em contrapartida, o Estado prestaria assistência através da saúde pública, educação e transporte. Em relação às políticas do governo para a "integração" étnica, histórica e cultural, Getúlio Vargas estabeleceu como data nacional o "Dia do Índio" (1934), criou o Conselho Nacional de Proteção aos Índios, e foi o primeiro presidente do Brasil a visitar uma área indígena (1940) e financiar investigações etnográficas dos povos originários. **No que diz respeito à integração nacional, a obra de Cassiano Ricardo, *Marcha para o Oeste*, foi transformada em símbolo do Estado Novo: isto é, o Brasil precisava se interiorizar, e os povos nativos teriam um papel central nessa marcha para o oeste.** (GRECCO, 2021, p. 132, grifos nossos)

Os trechos destacados, de alguma maneira, se fazem presentes na obra de TR a respeito do Brasil: Rondon já empregava os indígenas nos Postos Telegráficos, integrando-os de maneira a respeitar seus costumes, e TR fala muito sobre o potencial econômico que seria proveniente dessa interiorização do país. O resgate da imagem indígena como o sujeito das terras originárias remonta ao período do Romantismo, cuja figura expoente na literatura foi José de Alencar, autor que voltou a ser enfatizado durante o governo Vargas pelo conteúdo presente em suas obras e que se entrecruzava com o pensamento veiculado naqueles anos 1930-40.

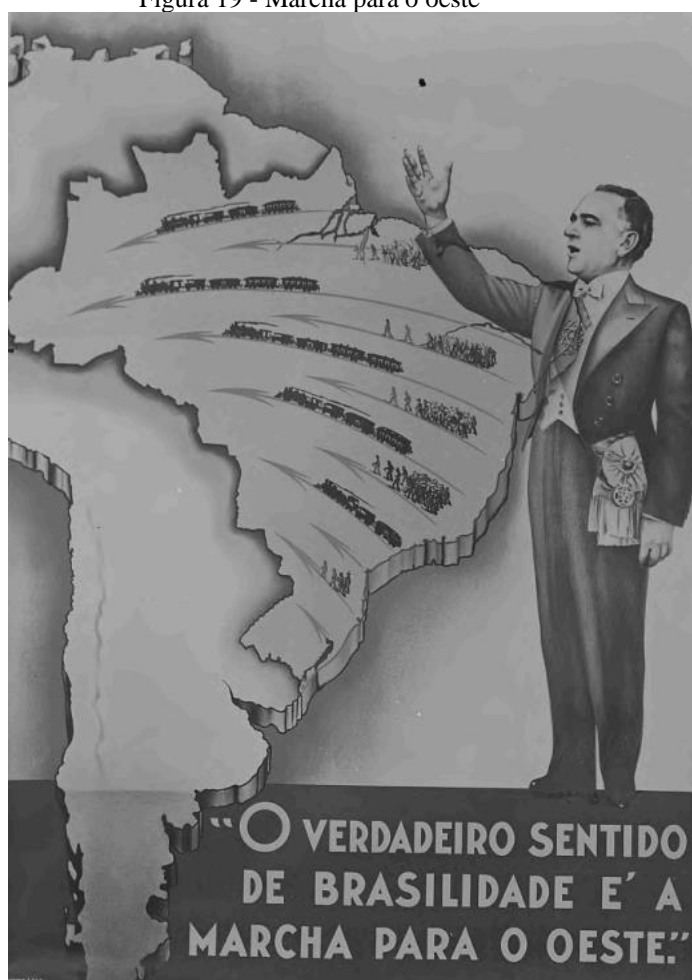
Grecco (2021) aponta ainda a importância da criação do Instituto Nacional do Livro (INL) na mediação entre a recuperação da literatura brasileira que representava os ideais estado-novistas e o destaque que foi dado às obras que se comunicavam com esse pensamento, em sua grande maioria de autores brasileiros, mas também estrangeiros que falassem sobre o Brasil em sua grandeza e potencial. Os objetivos do INL incluíam “[...] cuidar, de maneira geral, da divulgação dos livros brasileiros; orientar o conteúdo dos livros brasileiros conforme as diretrizes da Constituição de 1937; e nacionalizar as obras brasileiras por meio da linguagem. [...] [a] influência [do livro] não tinha limites e, por isso, o Estado deveria vigiá-lo para que cumprisse sua missão inspiradora das grandes causas humanas.” (GRECCO, 2021, p. 107).

A autora continua a frisar o papel do Instituto na vinculação da literatura como veículo de ideologias estatais, ao informar sobre o tipo de livro que o INL buscava patrocinar para divulgação junto à população, tanto via bibliotecas públicas (que deram um salto no período),

quanto por meio de subsídios junto a editoras comerciais. Segundo Grecco (2021), as obras que passassem pelo crivo do Instituto buscavam uma integração entre passado e presente, numa nova concepção do que seriam as *boas leituras nacionais*: “[...] elas formariam o espírito dos brasileiros e os modelos morais a seguir. Selecionar o passado para construir o futuro. Assim era construída uma ‘tradição’ com o objetivo de redescobrir o tempo pretérito, mas buscando adequá-lo ao *status quo*.” (GRECCO, 2021, p. 126).

Outro grande interesse do governo Vargas era ocupar e colonizar o extenso território a oeste, que continuava despovoado e pouco desenvolvido. Um cartaz da época mostra setas e o presidente apontando para dentro do Brasil com o chamamento “O verdadeiro sentido de brasilidade é a Marcha para o Oeste”, acompanhado de ferrovias que se “interiorizam”, como se levassem o progresso e pessoas para habitar e fazer crescer o vasto interior:

Figura 19 - Marcha para o oeste



Fonte: Arquivo Nacional⁹¹

⁹¹ Foto disponível em:

http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_RJANRIO_EH/0/FOT/EVE/02207/BR_RJANRIO_EH_0_FOT_EVE_02207_d0001de0011.pdf e seu registro completo em:
https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1468494&v_aba=1

Nesse sentido, como se verá no cotejo, o relato de viagem de TR muitas vezes dialoga com tal propósito de governo: em diversos trechos, o autor observa potenciais zonas comerciais ou industriais, cachoeiras que poderiam gerar energia elétrica, regiões onde se desenvolveriam extensas plantações, áreas de clima favorável para a colonização, ou seja, uma propaganda adequada aos objetivos de interiorização do Brasil que se apresentava mais que propícia naquele momento.

O histórico dos planos de ocupação do interior do país é traçado por Gomes (1999): “O Departamento Nacional de Povoamento havia sido criado em 1930, visando a encaminhar para o interior do país uma quantidade de elementos sem trabalho que ameaçavam a ordem pública, já que não tinham condições de sobreviver nas cidades.” (GOMES, 1999, p. 68). A autora destaca ainda os interesses estatais em equilibrar o crescente contingente de imigrantes que se somavam à população brasileira naqueles anos 1930-40 e que entrariam nos projetos de interiorização da “Marcha para o Oeste”, pois “Não nos interessava, portanto, a fixação de estrangeiros nas cidades. Eles deveriam ser conduzidos para os trabalhos do campo, sem prejuízo do brasileiro que constituiria a base primordial dessa política de colonização.” (GOMES, 1999, p. 69).

A autora continua a dissertar sobre a legislação que regulava cotas de entrada de imigrantes que, inclusive, constou na Constituição de 1934. No próprio relato de viagem de TR há menções à possibilidade de imigrantes estrangeiros do que ele considera uma “raça pura do Norte” (ROOSEVELT, 1943, p. 122), ou “colonos do melhor tipo” (ROOSEVELT, 1943, p. 130) que viessem a povoar o Brasil e trazer o progresso e desenvolvimento ao interior do país.

A equação precisaria ser resolvida pelo governo federal, visando manter o homem no campo e proporcionar-lhe condições para que não migrasse para as cidades litorâneas:

Sem educação e saúde, sem transporte e crédito, sem possibilidade de uma atividade rendosa, acabavam ficando no campo apenas aqueles que não conseguiam migrar. Cogitar da ocupação do território nacional era, antes de mais nada, procurar fixar o homem ao campo, melhorando suas condições de vida e atendendo às necessidades de nossa produção agrícola. Por isso, estabeleciam-se medidas como a concessão de crédito, pela criação da Creai em 1939; iniciavam-se estudos tendo em vista a elaboração de uma lei de sindicalização rural e a extensão do salário mínimo e dos benefícios trabalhistas à população de trabalhadores rurais. O governo precisava investir tanto em uma política de amparo ao trabalhador rural como em obras que estimulassem o produtor, respondendo às necessidades da agricultura: saneamento, imigração e transportes. [...] O sentido mais profundo da “Marcha para o Oeste” estava justamente nessa nova valorização do homem e da terra. O problema começava a ser atacado pelo governo de forma imediata pela concessão de terras nas fronteiras (Decretos-leis nº 1.968 e nº 2.610, de 17-1-1940 e 20-9-1940, respectivamente) e pela organização de colônias agrícolas (Decreto-lei nº 3.059, de 14-2-1941). (GOMES, 1999, p. 70)

Por fim, a autora destaca o envolvimento dos Ministérios da Agricultura, Trabalho, Aviação e Justiça, que seriam os responsáveis por essa ocupação do interior em regiões como os vales do Amazonas, do Tocantins e Araguaia e sertão do nordeste, no intuito de viabilizar condições de permanência do trabalhador e colono nessas regiões pouco povoadas: “[o governo] empenhava-se nesse esforço renovador de valorização do trabalhador nacional. Esse personagem era o grande herói da democracia social que se construía no Brasil.” (GOMES, 1999, p. 70-71).

Outro tema que merece atenção, devido à sua relação com o momento em que a tradução chegou ao Brasil, foi o destaque dado na obra para os seringueiros que viviam nas margens do rio da Dúvida, e o quanto foram importantes para o desfecho da expedição. Na época da viagem, 1914, a borracha já se encontrava em processo de declínio da produção no Brasil, mas ainda havia muitos seringueiros (sobre)vivendo dessa atividade na Amazônia.

Os membros da Expedição Roosevelt-Rondon expressaram alívio em seus relatos quando, após mais de um mês descendo o rio, começaram a perceber sinais da presença de não indígenas na mata, através da inscrição de letras iniciais em árvores (que significava demarcação de território de exploração), ou por cortes com instrumento de metal nas seringueiras, até que, em 15 de abril de 1914, finalmente avistaram a primeira casa na beira do rio. Rondon narra como chegaram a tentar estabelecer contato com uma família, que correu desesperada selva adentro, imaginando que se tratava de ataque indígena: “Fomos, então, aportar na barranca do Honorato, e não foi menos o pânico causado pela nossa chegada. Isso mostrou o grau de tensão nervosa em que vivia aquela gente, constantemente atormentada pelo temor de ver surgirem guerreiros indígenas. Os habitantes que em princípio fugiram espavoridos, certos de só índios poderem vir daquela zona desconhecida, desdobraram-se depois em gentilezas.” (VIVEIROS, 2010, p. 402).

Em outra casa, foram alertados pelo seringueiro que os acolheu que deveriam atirar ao alto para sinalizar que não se tratava de uma investida contra os ribeirinhos. Foram sempre muito bem recebidos nestas localidades, fato devidamente registrado por TR no relato.

Figura 20 -. Uma das primeiras casas de seringueiros avistadas pelos membros da Expedição



Fonte⁹²: Documentário *Into the Amazon*

Um personagem em especial, o seringalista Caripé, chamado também de *coronel de barranco*, dono de grandes seringais na região do rio Aripuanã, guiou os membros sobreviventes por vários dias. Levou-os a pontos de comércio já estabelecido, para provimento de víveres e canoas, bem como pelos locais favoráveis para acampamento e baldeação adequada nos trechos encachoeirados, até o momento em que puderam encontrar o vapor que os levaria até Manaus. TR elogia em seu relato a forma como o seringalista tratou a todos, e os conduziu a salvo naquele trecho da viagem. Quem elogiou também os seringueiros foi Rondon, ao retratar o estado de saúde dos membros da expedição, em especial dos camaradas: “[...] nossos homens, atacados de febres, esmagados de cansaço, enfraquecidos, estariam literalmente derrotados se não tivessem a têmpera de nossos admiráveis caboclos”. (VIVEIROS, 2010, p. 403).

O sentimento expresso por TR em sua obra aos seringueiros e ao sr. Caripé era de alívio e gratidão, o que serviu também aos propósitos do momento em que a obra foi recepcionada pelo público brasileiro. Exaltar e até homenagear estas figuras, dentro do relato, era algo que se conectava também aos esforços da guerra que atingia o mundo naquele momento.

Os países do Eixo haviam se apoderado dos seringais do Reino Unido na Ásia e, portanto, cortado o acesso à produção da borracha necessária para a fabricação dos pneus utilizados em equipamentos bélicos. Os Acordos de Washington, firmados entre Brasil e EUA em 1942, garantiriam o fornecimento aos Aliados de matérias-primas brasileiras necessárias para a Guerra, dentre elas a borracha. O *Office*, como relatado anteriormente, possuía ramos de

⁹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VjmIfwPiK-4>

atuação na Amazônia, com um setor especialmente interessado na exploração do chamado *ouro branco*. A Rockefeller Foundation, entidade filantrópica ligada à família do Coordenador (Nelson), desenvolveu trabalhos na Amazônia através da *International Health Division*, divisão que abrangia as áreas de assistência à saúde (ANDRADE, 2007). Segundo Oliveira⁹³ (2022), a atuação da Fundação também se estendia a “pesquisas sobre virologia e doenças tropicais, tais como febre amarela, varíola e malária, atuando em diversas regiões do país, incluindo a Amazônia, nesse período [do Estado Novo] e após”.

O *Projeto Opening the Archives* também revelou a extensa documentação *declassified* [que teve o sigilo removido] produzida pelos consulados e embaixada americanos no Brasil no mesmo período. Os registros do rolo⁹⁴ 37 contêm mais de 700 páginas de documentos que relatam a escassez de alimentos no norte do Brasil, já que eram transportados por navio e a ameaça de torpedeamento das embarcações (por parte dos alemães) no nosso litoral era uma constante, o que também explicaria o acordo para fomento à produção de alimentos (firmado em setembro de 1942). Há também muitos documentos sobre o controle da produção da borracha no norte do Brasil e a cooperação dos governos, e que inclusive citam o envolvimento do Departamento de Estado e do *Office* na atividade.

O governo brasileiro criou uma divisão especial, o SEMTA (Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia), que recrutava os trabalhadores, principalmente do nordeste, chamados na época de “soldados da borracha”, para se dirigirem à Amazônia e se engajarem na atividade extrativista, durante o segundo ciclo da borracha que ocorreu nos anos 1940. O apelo emocional proporcionado pela propaganda de estado, as peças publicitárias e cartazes divulgados enfatizavam que o Brasil tinha uma missão a cumprir para alcançar a vitória na Guerra, juntamente com os países Aliados, e cabia ao cidadão comum fazer parte desse movimento para, todos juntos, heroicamente, derrotarem o Eixo. Novamente, tal qual ocorreu no primeiro ciclo (final do séc. XIX até meados de 1910), as condições de vida que os trabalhadores encontraram nos seringais eram péssimas, mas a propaganda estadonovista prometia algo totalmente diferente:

⁹³ “*Franklin Book Programs: Guerra fria e imperialismo cultural norte-americano*”, disponível em: <https://transatlantic-cultures.org/pt/catalog/franklin-book-programs-guerra-fria-e-imperialismo-cultural-norte-americano>

⁹⁴ Disponível em http://nara.rfcsistemas.com.br/oa/1940-44/Documentos%20Compartilhados/NARA_M_1515_ROLL_37.pdf

Figura 21 - Chamamento do SEMTA para motivar os homens a atuarem com patriotismo e trabalharem nos seringais na Amazônia

COMPROMISSOS DO BRASIL:—

O Brasil — insultado na sua honra e compreendendo o dever de lutar pela liberdade do mundo, na guerra de vida ou de morte que ora se trava — assumiu compromissos internacionais que precisa cumprir, custe o que custar.

E' a nossa propria dignidade que está em jogo.

O APÊLO DA PÁTRIA:—

E tão grande se apresenta a necessidade de respondermos ao chamado da Pátria, que todos nós, todos, sem exceção de um só, temos de oferecer a nossa quota de sacrificio, que é gloria, para a vitória final.

SOLDADO DA BORRACHA, HEROI DA AMAZÔNIA:—

MAS não só pelas armas podemos e devemos concorrer para o triunfo completo da liberdade humana.

Ao Nordeste, ao nosso trabalhador do campo, cabe uma tarefa tão importante como a do manejo das metralhadoras nas frentes sangrentas de batalha: — impõe-se-lhe o dever de lutar pacificamente na retaguarda, dentro do seu proprio país, nas terras abençoadas da Amazônia, extraindo borracha, — produto indispensavel para a vitória, como a bala e o fuzil.

E o Brasil comprometeu-se a fornecer borracha, **MUITA BORRACHA, MAIS BORRACHA**, às Nações Aliadas.

Assim, tanto é soldado o que se alista no quartel, como o que se oferece para trabalhar nos seringais da Amazônia: — um é o soldado da caserna, o aviador, o marinheiro; o outro é o **SOLDADO DA BORRACHA**, heroi da Amazônia. Ambos estão em igualdade de condições perante a Pátria.

CADA UM NO SEU LUGAR, PARA A VITÓRIA:—

PORISSO mesmo, os que se arremigram no grande "Exército da Amazônia" ficam dispensados da convocação militar, enquanto permanecerem nos seringais, onde o trabalho, dada a importância bélica da borracha, será tão necessário para o triunfo, quanto o esforço dos soldados nos campos de batalha. **Cada um no seu lugar, para a Vitória!** (Fig. 1).

AÇÃO DO GOVERNO NACIONAL:—

CONSCIENTE, querendo amparar, em verdade, o soldado da borracha, resolveu o Governo Nacional aparelhar um órgão que tem a finalidade de alistar, amparar e encaminhar os trabalhadores para a Amazônia milagrosa. Este órgão é o

S. E. M. T. A.

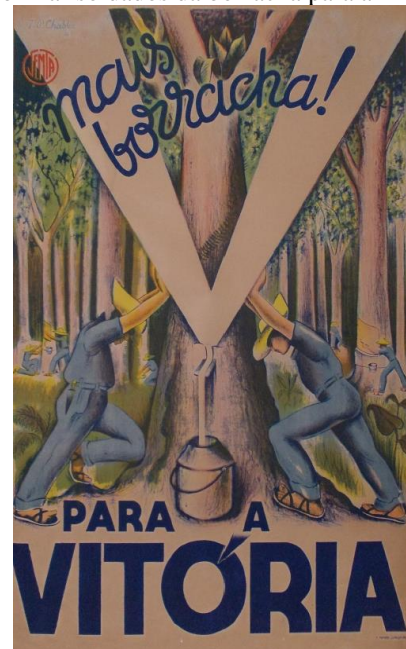
Fonte: Arquivo Nacional⁹⁵.

Figura 22 - Chamamento do SEMTA para mobilizar soldados da borracha para a Amazônia



SEMTA significa:—SERVIÇO ESPECIAL DE MOBILIZAÇÃO DE TRABALHADORES PARA A AMAZÔNIA.

Perfeitamente aparelhado, o SEMTA alista, transporta, hospeda, veste, alimenta, ampara, trata e defende, por todos os meios, o homem que se entrega aos seus cuidados, afim de prepará-lo para o trabalho, — sadio, forte, produtivo. Para conseguir tais objetivos, o SEMTA conta com a eficiente cola-



Legenda: À esquerda, outro chamamento do SEMTA para mobilizar soldados da borracha para a Amazônia, enquanto os soldados no *front* estavam defendendo o país na guerra (Fonte: Arquivo Nacional⁹⁶). À direita, o cartaz "Mais borracha para a vitória", de Jean-Pierre Chablot, mostra que o trabalho conjunto de extração da borracha nas selvas conduziria o hemisfério para a Vitória (letra V em destaque).

Fonte: Moraes (2012).

⁹⁵ Fonte: Arquivo Nacional, Fundo Paulo de Assis Ribeiro, disponível em:

http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_rjanrio_s7/0/txt/cx005/br_rjanrio_s7_cx005_pt001_d0001de001.pdf

⁹⁶ Idem

Moraes (2012) detalhou em seu estudo as técnicas e concepções visuais destacadas pelo artista Jean-Pierre Chabloz, responsável pela confecção dos cartazes divulgados pelo SEMTA, no intuito de cativar mentes e corações para mais essa *frente* de batalha que o Brasil assumiu junto aos Aliados na Guerra:

A intensificação do contraste entre os matizes verde, azul e amarelo no cartaz finalizado contribuía para uma maior valorização do trabalho dos “Soldados da Borracha” em relação ao estudo preliminar. Tendo consultado duas mil pessoas em toda a Alemanha, Eva Heller aponta o conjunto formado por esses matizes como o acorde cromático ao qual comumente se associa a noção de “esperança”. No contexto brasileiro, certamente a ideia de “esperança” ia ao encontro do “discurso do socorro” conclamado pelo governo Vargas: diante da aridez da seca, oferecia-se o verde da floresta. Mais significativa, no entanto, era a associação das cores verde, azul e amarela à bandeira nacional, uma vez que o patriotismo era uma das ideias seminais transmitidas pelo cartaz. Incitava-se o amor à pátria e, mais ainda, o sacrifício de interesses individuais em prol de um projeto nacional. O trabalho dos migrantes era, assim, dignificado, ao ser identificado como um ato de patriotismo. (MORAES, 2012, p. 259-60)

Se não fosse possível lutar na Guerra, havia *outra forma* de se sacrificar pelo país e lutar pelo sucesso dela, na selva. O trabalho de Chabloz foi captar, através das imagens e frases de impacto bem elaboradas, esse lado patriota nos brasileiros e convencer de que todos os esforços eram válidos e necessários para livrar o mundo da ideologia do Eixo. Mais detalhes da propaganda do SEMTA estão no anexo V.

O segundo momento em que a tradução *Nas selvas do Brasil* voltou a ser publicada para o público brasileiro foi durante a época da ditadura militar, no ano de 1976, através da Coleção A Reconquista do Brasil, fruto da parceria entre a Editora Itatiaia de Belo Horizonte e a EDUSP. Como enfatizam Schwarcz e Starling (2018), nesse período também houve um forte discurso governamental acerca da interiorização da ocupação humana em regiões como o Centro-Oeste e Norte, na vigência do lema “Integrar para não Entregar” [o interior do Brasil aos estrangeiros]. As autoras destacam também que o aparato de propaganda se tornou muito mais forte, com “[...] peças [publicitárias] que falavam em otimismo, orgulho e grandeza nacional; celebravam a diversidade e a integração racial brasileira; afirmavam a harmonia social, e embalavam tudo isso em filmes curtos, com narração direta, imagens bem cuidadas e um arremate musical que grudava na lembrança do espectador” (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p. 454).

Nesse contexto também surgiu como necessidade a ligação da região amazônica com o restante do país, através de uma grande estrada de mais de 4 mil quilômetros que ficou conhecida como Transamazônica que, segundo as mesmas autoras, combinaria objetivos estratégicos de segurança do país aliados aos fatores econômicos:

[...] [era] uma estrada gigantesca, com 4997 quilômetros previstos no projeto, 4223 quilômetros (mal) construídos, e a pretensão de cortar a Bacia Amazônica de leste a

oeste e ligar a Região Nordeste ao Peru e ao Equador: A construção da Transamazônica serviu de alavanca para um ambicioso programa de colonização que incluía o deslocamento de quase 1 milhão de pessoas com o objetivo de ocupar estrategicamente a região, não deixar despovoado nenhum espaço do território nacional e tamponar a área de fronteiras. A estrada foi inaugurada por Médici em 27 de setembro de 1972 e utilizada para potencializar uma imagem ufanista do Brasil, compartilhar o sentimento de que estava em curso um processo formidável de modernização do país e produzir identidade. Mas não foi bem assim. A construção da Transamazônica massacrou a floresta, consumiu bilhões de dólares, e até hoje a estrada tem trechos intransitáveis por conta das chuvas, dos desmoronamentos e das enchentes dos rios. (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p. 454).

No que tange à necessidade de divulgar estrategicamente o interior vasto e a explorar do sertão, a obra de TR novamente dialoga com os objetivos de governo naquele momento de sua segunda publicação, ainda que a editora não estivesse vinculada a órgãos de governo. A colonização da Amazônia se fazia propagar com o intuito de não deixar brechas para a entrada de ações estrangeiras que pudessem ameaçar a integração nacional.

O projeto editorial da coleção *A Reconquista do Brasil*, na qual *Nas selvas do Brasil* estava inserido, segundo Serrano (2014), aponta um caráter de retomada ou resgate de algo do passado do país (interligada aos sentidos da coleção Brasileira), tal qual uma memória que não deve ser esquecida:

O título da coleção aqui tratada traduz claramente a sua ideia formadora: reconquistar o Brasil. Como apontou Dutra, uma das características fundamentais das coleções é uma pretensão universalizante, uma espécie de caráter aglutinador acerca de um conteúdo ou tema. A ideia da coleção Reconquista do Brasil sinaliza para a invocação de uma espécie de “retomada histórica” porque reconquistar é também refazer, restaurar. Invocava um sentido aglutinador, indicaria uma reconstituição, de uma recuperação de sentido, de uma “nova” formação. Todos esses caminhos remetem-nos ao sentido formal da própria historiografia, ou ainda aos sentidos de uma espécie de memória histórica, ou quem sabe ainda a uma “memória historiográfica”, cujos objetivos e sentidos particularizam-se pela apreciação de temas, eventos e signos do passado brasileiro ou de versões históricas acerca de um determinado passado. Nessas coleções há uma tentativa muito explícita de demarcação de “quadros históricos” com vistas a difundir e sobrevalorizá-los com finalidades variadas. Era esse também o intuito de coleções como a “Brasileira” porque “pretendia difundir um padrão de conhecimento e compreensão sobre o Brasil e diagnósticos sobre a realidade brasileira naqueles anos 30” (SERRANO, 2014, p. 281-82)

Rodrigues (2012) defende que a *reconquista* no nome da coleção teria a ver com o processo de redemocratização necessário ao Brasil naquela época. Ela encara que tal sentido do título evocava muito mais a perda de direitos políticos que a ditadura impunha à sociedade nos chamados *anos de chumbo*:

Mas, como vou argumentar neste trabalho, há diferenças significativas que começam pelos títulos escolhidos para as coleções. Enquanto “Brasileira” indica uma coleção de obras sobre o Brasil, “reconquista” remete a recuperar, a tornar a obter algo que se havia perdido. Se lembrarmos que a situação política no início dos anos 1970 estava difícil, e que em 1975 a morte de Vladimir Herzog desencadeou todo um movimento de vários setores da sociedade pela redemocratização do Brasil, talvez o que se deseje reconquistar seja a democracia. Mas “conquistar” não se refere apenas a ocupar um

espaço, relaciona-se também a cativar, atrair o amor de alguém. Nesse sentido, “reconquista” se associaria a conhecer o Brasil, reconhecê-lo, para gostar mais dele. (RODRIGUES, 2012, p. 221-22)

A mesma autora salienta ainda que o diretor da coleção, Mário Guimarães Ferri, tinha uma aproximação com temas ligados à botânica, o que explicaria que relatos de viajantes-naturalistas fizessem parte da *Reconquista*.

A Companhia Editora Nacional também obteve financiamentos relacionados às políticas americanas, via OCIAA, no mesmo contrato retromencionado, firmado em parceria com a ACLS. Nos relatórios também constam financiamentos de livros americanos traduzidos e publicados pela CEN e, embora não estivessem diretamente relacionados à obra de Roosevelt, demonstram que a editora também se beneficiou e buscava alinhamento com os objetivos culturais traçados pelo *Office* na vigência da Política da Boa Vizinhança. Novamente, não se exclui a possibilidade de financiamento via outros parceiros do OCIAA, em documentos ainda não encontrados/pesquisados. A lista dos livros encontrados nos relatórios é mostrada a seguir:

Quadro 2 - Livros publicados através do projeto “Assistance to Latin American Publishers” pela companhia Editora Nacional

Título original	Autor	Exemplares impressos
Biological basis of human nature	Jennings	500
Doctor anonymous	German	500
Engines of Democracy	Burlingame	500
The essentials of nutrition	Sherman and Lanford	500
Life and letters of Jefferson	Hirst	1.000
Lincoln	Stephson	1.000
March of the Iron Men	Burlingame	500
The scientific basis of evolution	Morgan	500
The wisdom of the body	Cannon	500
Growth of the law, and nature of judicial process	Cardoza	500
From barter to slavery	Marchant	500
Negroes in Brazil	Donald Pierson	500

Fonte: LC-MC. ACLS. Box B99. Relatórios de jul. 1942, set. 1942, dez. 1942, mar. 1943, jun. 1943 e fev. 1944.

A variedade dos temas dos títulos sugere um engajamento da CEN com os temas que facilitassem a compreensão do povo americano por parte dos brasileiros (democracia, figuras americanas de destaque etc.). Ainda que a obra objeto desta pesquisa não esteja na lista, certamente há um campo de estudo que poderia ser mais explorado pelos estudiosos da tradução, que busquem relacionar o contexto em que obras foram traduzidas, o momento em que foram inseridas no seu polissistema literário, e os agentes e interesses que atuaram para a produção editorial de determinado país e época. Há muita documentação disponível para traçar aspectos historiográficos da tradução no Brasil, uma área que ainda tem lacunas de pesquisa.

Através de diversas passagens, o relato de viagem de TR comunica-se diretamente com o discurso e objetivos de governo na época em que a obra adentrou o polissistema literário brasileiro. Não à toa, a edição do MA foi distribuída de forma gratuita a todos que a solicitassem, e sua divulgação ocorreu de maneira muito mais amplificada que a tradução, quase concomitante, publicada pela CEN. Mais adiante serão expostas as diversas menções em jornais e revistas na época de seu lançamento. Além disso, devido à grande repercussão, foi feita uma segunda edição ou reimpressão no ano de 1948.

5.4 OS TRADUTORES E AS TRADUÇÕES: COMO FOI RECEBIDA A OBRA *THROUGH THE BRAZILIAN WILDERNESS*?

Os resultados encontrados através de consulta à Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional⁹⁷, tanto referentes ao tradutor de *Nas selvas do Brasil*, Luís Guimarães Júnior, quanto à própria tradução, foram em maior quantidade do que os resultados obtidos a respeito de *Através do sertão do Brasil* e seu respectivo tradutor, Conrado Erichsen. Tentamos traçar cronologicamente um perfil de cada tradutor, bem como da recepção das traduções, tudo veiculado nos jornais disponíveis na referida Hemeroteca. Os excertos transcritos a seguir refletem a linguagem utilizada pela publicação da época.

5.5 O TRADUTOR: LUÍS GUIMARÃES JÚNIOR

Primeiramente, foi preciso desvincular o nome do tradutor de um escritor parnasiano homônimo⁹⁸, o que, em um primeiro momento, causou dificuldade em separar as notícias ligadas ao tradutor das que se relacionavam ao escritor.

De modo geral, ficou evidenciado que o tradutor da obra editada pelo MA foi um engenheiro agrônomo e economista⁹⁹, cuja carreira pública foi relativamente noticiada nos jornais de sua época.

As primeiras notícias¹⁰⁰ que resultaram das buscas relatam que Luís (às vezes grafado nos jornais como Luiz) Guimarães Júnior participou, enquanto representante da *Comissão de Eficiência* do MA, de uma recepção a funcionários da Fundação Carnegie, a mesma que prestava apoio ao *Office* de Rockefeller, e obteve elogios do embaixador americano no Brasil, Jefferson Caffery, o qual enfatizou que “Os membros da Embaixada levaram, estou certo, não apenas uma esplendida impressão dos trabalhos agrícolas em curso neste Ministério, como

⁹⁷ <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

⁹⁸ http://memoria.bn.br/DocReader/025909_04/3682

⁹⁹ http://memoria.bn.br/DocReader/089842_05/31297

¹⁰⁰ http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/6581

ainda grande admiração e amizade pelos funcionários que com eles mantiveram mais estreito contacto.”

Guimarães Júnior participou como membro de bancas examinadoras em concursos do MA¹⁰¹; publicou um relato de viagem intitulado *A caminho do Egito*¹⁰²; tomou posse, em 1957, como ministro interino do MA¹⁰³; participou em 1958 de comissão responsável pela transferência dos órgãos federais do Rio de Janeiro para Brasília; representou o Brasil no Congresso Internacional Agrícola em 1959, em Israel¹⁰⁴, quando aprendeu as técnicas de irrigação daquele país, para viabilizar aplicação semelhante no nordeste brasileiro; presidiu comissão de reestruturação do MA¹⁰⁵; atuou como preposto do MA no Rio de Janeiro, quando o ministério foi transferido para Brasília, em 1960¹⁰⁶.

Em 1960, ao assumir no Estado da Guanabara funções semelhantes à de ministro da Agricultura, foi feito um breve apanhado da carreira de Guimarães Júnior¹⁰⁷: a notícia informou que o tradutor se formou no ano de 1919, pela Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária de Belo Horizonte, e foi admitido no Ministério da Agricultura em maio de 1922. Sua pós-graduação ocorreu nos EUA, segundo a mesma notícia: “Obteve prêmio de viagem aos Estados Unidos, onde fez, durante dois anos, o curso de Post-Graduado em Agronomia, na Universidade da Geórgia [...] e [foi] executor do Acordo entre o Brasil e os Estados Unidos para Educação das Populações Rurais”. Ou seja, embora não tenha sido mencionado o ano, fica demonstrado que Guimarães Júnior foi beneficiado (durante a política de intercâmbios entre EUA e Brasil?) com um curso de especialização na Universidade da Geórgia (EUA), em forma de prêmio por seus serviços prestados ao MA. É possível presumir que, através dos conhecimentos de língua inglesa que Guimarães Júnior possuía, ele tenha sido selecionado para realizar a tradução da obra de TR em *Nas selvas do Brasil*.

As notícias após o histórico acima relatam apenas o final de sua carreira no ministério; foram obtidos outros resultados de busca, mas que apenas reforçam a atuação de Guimarães Júnior como servidor público bastante ativo.

¹⁰¹ http://memoria.bn.br/DocReader/093092_03/29938

¹⁰² http://memoria.bn.br/DocReader/089842_06/79431

¹⁰³ http://memoria.bn.br/DocReader/093092_04/38191

¹⁰⁴ http://memoria.bn.br/DocReader/093718_03/85895

¹⁰⁵ http://memoria.bn.br/DocReader/093718_03/86458

¹⁰⁶ http://memoria.bn.br/DocReader/093718_04/3378

¹⁰⁷ http://memoria.bn.br/DocReader/093718_04/3519

5.6 A TRADUÇÃO: NAS SELVAS DO BRASIL

A primeira edição da obra, publicada em 1943, e a segunda edição, de 1948, continham ilustrações e mapas. As duas impressões feitas pelo MA foram rapidamente esgotadas, possivelmente pelo fato de terem sido distribuídas gratuitamente.

Sua sequência deu-se através da edição da Itatiaia/USP (1976) e depois pela Edições do Senado Federal (2010). No caso da editora do Senado, novamente, um órgão de Estado foi responsável pela continuidade da presença do texto até os nossos dias.

A edição da Itatiaia/USP foi *econômica* nas fotos, pois não há nenhuma no livro, apenas dois mapas ao final. Conta com uma apresentação de Mário Guimarães Ferri, diretor da Coleção *A Reconquista do Brasil*, na qual estava inserida. Nela, Ferri informa brevemente os assuntos abordados no livro, elogia a figura de TR e também fala sobre o prefácio de Apolônio Sales, sem entrar em detalhes da contextualização da chegada da obra no Brasil. De acordo com os elementos paratextuais presentes na edição de 1976, é possível verificar que *Nas selvas do Brasil* recebeu o número 35 dentro da coleção, de um total de 306 (RODRIGUES, 2012), o livro foi impresso em junho de 1976 e “os direitos de propriedade literária da presente tradução [foram] adquiridos pela Editora Itatiaia Limitada de Belo Horizonte”. Há ainda, nas orelhas, texto assinado por Vivaldi Moreira, assinalando a marca deixada por Rondon na história do Brasil.

Por outro lado, a edição do Senado já contém diversas fotos, sem atribuição de autoria a cada uma delas, apenas uma denominação genérica na folha de rosto “Ilustrado com fotografias tiradas por Kermit Roosevelt e outros membros da expedição”. Na edição original (1914), cada foto continha a autoria. Na página da ficha catalográfica, consta a inscrição: “Edições do Senado Federal. Vol. 141. O conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, *obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país*” (grifo nosso). Há a informação de que o livro foi impresso em novembro de 2010.

Um ponto a ser observado na edição publicada pela Editora do Senado Federal¹⁰⁸ é que não há a mínima contextualização para o leitor atual: nenhuma nota introdutória explicativa do

¹⁰⁸ Também notamos certas inconsistências na versão digital, disponibilizada na Biblioteca Digital do Senado Federal, que pode ser lida em <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/583973>. Na hora de transpor alguns trechos escritos para o cotejo, percebemos pequenas diferenças em relação à edição impressa trabalhada (Itatiaia/1976), por exemplo, na grafia de palavras, concordâncias, verbos, mas que não puderam ser verificadas na íntegra devido à extensão do texto.

Editor, que esclarecesse de onde foi retirado o texto, ou suas edições anteriores, a ocasião em que se deu sua primeira edição (e/ou seguintes). Nesse aspecto, merece nota tal ausência, que foi percebida também em outra bibliografia utilizada neste estudo (*Missão Rondon*, que esclarece a visão de Rondon sobre a Expedição e seu trabalho nas selvas, através de entrevistas concedidas ao *Jornal do Comércio* em 1915).

A primeira edição, em 1943, no prefácio da obra, manifestamente um panfleto de governo, demonstra de forma evidente que a publicação era alinhada aos propósitos do governo Vargas, bem como aos da Política da Boa Vizinhança. De forma a não nos prolongarmos muito no texto, considerando que há muitas passagens que enaltecem a parceria com os EUA na época, colocamos o prefácio nos anexos, com grifos nossos para trechos que engrandecem as figuras dos dois Roosevelts (TR e FDR), bem como a apresentação de uma das edições utilizadas, da Itatiaia/USP (1976), inserida na Coleção *Reconquista do Brasil*, assinada por Mário Guimarães Ferri.

A respeito da reedição de 1948, há em suas primeiras páginas um texto que ressalta a aceitação e o sucesso da primeira (1943). Ainda que de forma mais contida que o prefácio do Ministro, e já fora do contexto da Política da Boa Vizinhança, exalta a importância do relato, o qual analisava aspectos do Brasil desconhecidos, inclusive, pela maioria de sua população:

Leitura amena, ao mesmo tempo substancial e instrutiva, este livro de viagem de THEODORE ROOSEVELT revela, com notável poder de observação e análise, aspectos do nosso País, ainda hoje ignorados por milhões de brasileiros. As elogiosas referências com que a crítica o acolheu muito contribuíram para a extraordinária aceitação de *Nas Selvas do Brasil*, que teve rapidamente esgotada sua primeira edição. Assim, não pôde o Serviço de Informação Agrícola atender centenas de pedidos provenientes de todos os recantos do País, numa demonstração de interesse a que ora corresponde, dando a público esta 2ª edição, na certeza de estar prestando um serviço de inegável utilidade para o melhor conhecimento do Brasil. (ROOSEVELT, 1948, n.p., grafado como no original)

A primeira edição também teve uma única crítica à tradução, assinada com o pseudônimo de C.T., na coluna “À margem das traduções”, encontrada no jornal *Diário de Notícias* (RJ), em 07/10/1945. Numa época em que a tradução era tão disseminada no país, tratava-se de uma coluna incentivada pelo jornal para que seus leitores ajudassem “a melhorar o nível das traduções, denunciando erros e infidelidades ao compará-las com o original.” (BORGES; OLIVEIRA, 2008, p. 2). Ainda segundo as autoras, o responsável pela crítica foi o professor de português e bacharel em Direito Agenor Soares de Moura, o *crítico de traduções*.¹⁰⁹ A íntegra da crítica consta no ANEXO III - CRÍTICA À TRADUÇÃO DE *NAS SELVAS DO BRASIL*, PUBLICADA NO DIÁRIO DE NOTÍCIAS DE 07/10/1945. Nela,

¹⁰⁹ Moura intitulava-se o *crítico de traduções*, motivo pelo qual assinava sob o pseudônimo C.T. no referido jornal.

Moura propõe suas versões para trechos que ele considera inadequados na tradução de Luís Guimarães Júnior.

Embora a ficha catalográfica da tradução do MA aponte 1943 como data de publicação, salienta-se que sua distribuição, provavelmente, iniciou-se apenas a partir de junho de 1944. A quantidade de notícias relacionadas demonstra como foi muito maior e mais noticiada a chegada da tradução do MA, comparada à recepção dada à tradução da CEN, veiculada na mesma época. Nota-se em muitos trechos a ênfase dada à figura de Roosevelt e à iniciativa do MA na publicação. Não é tão improvável que as notícias sobre o livro tenham assumido caráter de propaganda, pois a atuação do Estado na imprensa era tão forte que

[...] foi atribuído à imprensa o caráter de serviço de utilidade pública, o que obrigava todos os jornais a publicar comunicados do governo. O não-cumprimento dessa exigência levava à prisão o diretor do jornal. O DIP ficou encarregado de executar essas medidas e outras impostas logo a seguir, como a que exigia o registro dos jornais e dos jornalistas no próprio DIP (FGV/CPDOC, 2020).

A seguir, com grifos nossos, grafados como nas respectivas fontes (inclusive eventuais erros) e dispostos em ordem cronológica, os resultados encontrados na Hemeroteca Digital. Foram necessários cortes, de forma a destacar as palavras elogiosas utilizadas nas notícias. Todos os *links* de acesso às notícias, na íntegra, são informados nas notas de rodapé:

- 19/08/1942 - *A manhã*¹¹⁰, p. 4 - Pequenas notas - “O Serviço de Informação Agrícola está executando um plano de traduções técnicas norte-americanas, sendo que alguns trabalhos já se acham no prelo. Dentre estes, destaca-se o livro de Teodoro Roosevelt, ex-presidente dos Estados Unidos, sobre as selvas brasileiras, em que também está focalizada a magnífica epopéia do general Rondon representada na conquista do oeste”
- 13/02/1944 - *Diário de Notícias*¹¹¹, p. 4 - Nas selvas do Brasil - “Vai ser lançado, dentro de poucos meses, *um trabalho que logrará certamente extraordinário sucesso*. Trata-se do livro ‘Nas selvas do Brasil’, de Teodoro Roosevelt, ex-presidente dos Estados Unidos, [...] *A obra*, cuja tradução para o português se deve ao agrônomo Luiz Guimarães Junior, *obteve*, quando publicada no original, *ruidoso êxito naquele país, sendo considerada como um dos melhores repositórios, se não o mais seguro, sobre os sertões do oeste brasileiro*. [...]”
- 18/03/1944 - *Lavoura e Comercio*¹¹² s/n. - Secção Agrícola (A tradução da obra de Teodoro Roosevelt) - “A iniciativa do Serviço de Informação Agrícola, do Ministério da Agricultura, resolvendo editar, em português, a obra ‘Nas selvas do Brasil’, de

¹¹⁰ <http://memoria.bn.br/DocReader/116408/16811>

¹¹¹ http://memoria.bn.br/DocReader/093718_02/17321

¹¹² <http://memoria.bn.br/DocReader/830461/3265>

Teodoro Roosevelt, *repercutiu sobremaneira nos círculos culturais do país*. [...] Os estudiosos do assunto de tal natureza vão ter, dentro de poucos meses, um completo documentário na obra de Teodoro Roosevelt [...]”

- Junho de 1944 - *Revista Sombra*¹¹³ (RJ), p. 67, Seção autores - “Theodore Roosevelt - Nas selvas do Brasil: O livro foi editado pelo Serviço de Informações Agrícolas para ser distribuído gratuitamente. *A tradução, correta e bem feita, deve-se ao sr. Luiz Guimarães Junior*. Prefácio do Ministro Apolonio Sales. *Obra fartamente ilustrada e muito bem impressa. Iniciativa cultural digna dos maiores encomios.*”
- 11/06/1944 - *A noite*¹¹⁴, s/p. - Nas selvas do Brasil - “O serviço de Informações Agrícola do Ministério da Agricultura, acaba de incluir-se na sua numerosa série de publicações técnicas e elucidativas um *livro precioso* e que, sem veleidades literárias, é uma descrição extraordinária do vastíssimo ‘hinterland’ central-brasileiro. Trata-se da obra de Theodore Roosevelt, ‘Through the Brazilian Wilderness’, publicado com grande sucesso nos Estados Unidos e traduzida, agora, pelo agrônomo Luiz Guimarães Junior, sob o título Nas selvas do Brasil. Com essa iniciativa, o S.I.A. do Ministério da Agricultura prestou *valiosa contribuição aos estudiosos e interessados* no conhecimento perfeito e minucioso de uma região brasileira privilegiada, segundo o próprio Theodore Roosevelt, por todos os favores da natureza”
- 17/06/1944 - *Beira Mar*¹¹⁵, p. 12 - “Nas Selvas do Brasil” - “Nas Selvas do Brasil, escrito em inglês pelo ex-presidente dos Estados Unidos da América do Norte - Theodore Roosevelt - é o resultado da Expedição Científica Roosevelt-Rondon, de 1914. [...] *O ministro Apolonio Salles disse que esse livro dará ao leitor o conhecimento de muita coisa interessante do ponto de vista científico e é certo*. O agrônomo *Luiz Guimaraes Junior com a sua tradução cuidada, honesta e toda vasada em linguagem precisa e clara, prestou um grande serviço de divulgação ao país*. [...] Nas selvas do Brasil é livro de cultura que *deve ser conhecido por todos os brasileiros*, porque traz muitos e úteis ensinamentos. Há aí páginas cheias de beleza, pois *o tradutor esmerou-se na reprodução fiel da linguagem* do autor, fazendo assim um trabalho, em muitos casos, de *brilho literário*. [...] Nas selvas do Brasil é uma *obra indispensável* de consulta para quem deseja conhecer o nosso país e mesmo estudar a nossa economia e possibilidades.”

¹¹³ <http://memoria.bn.br/DocReader/151157/2791>

¹¹⁴ http://memoria.bn.br/DocReader/348970_04/27441

¹¹⁵ <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=067822&pagfis=8746>

- 17/06/1944 - *Revista da Semana*¹¹⁶, p. 8-9 - Livros (Nas selvas do Brasil) - “O estreitamento das relações com os Estados Unidos da América do Norte não só no terreno diplomático, mas em todos os campos de atividade que possam apresentar um traço comum com a grande República Americana, vem dar a esta obra um cunho de grande atualidade. Artistas, escritores, técnicos, teem visitado os Estados Unidos, procurando conhecer melhor seu ambiente. Também os americanos veem se interessando por tudo o que é nosso. E como é sabido, dessa compreensão e conhecimento dependem a *harmonia e a amizade entre os dois povos*. [...] Por se tratar de um estadista e de um homem inteligente e culto, *as observações feitas adquirem incontestavelmente um grande valor*. [...] Já então esse *estadista eminente preconizava a necessidade e a utilidade da colonização do Oeste Brasileiro*, mostrando que o regime cooperativista seria o ideal para levar a cabo esta empresa. [...] [Theodore Roosevelt] Era um legítimo *ianque, com todas as virtudes e naturalmente os defeitos do seu povo*, ao qual não se pode negar este espírito empreendedor. A figura do autor vem naturalmente aumentar o interesse da obra. Este livro muito concorreu para o melhor conhecimento do nosso país, na América do Norte”
- 23/06/1944 - *A manhã*¹¹⁷, p. 3 - **Livros do Dia** - “Vem despertando o mais vivo interesse a *magnífica edição* do famoso livro “Nas selvas do Brasil”, de Teodoro Roosevelt, traduzido por Luiz Guimarães Junior, e publicado pelo Serviço de Informação Agrícola, do Ministério da Agricultura. Constitue, sem dúvida, essa publicação, em *cuidada e exemplar tradução*, do trabalho do ex-presidente americano, e que tão de perto nos interessa, uma iniciativa digna dos mais altos encômios, daquele importante serviço da pasta da Agricultura.”
- 30/06/1944 - *Correio da Manhã*¹¹⁸ - **Letras/Livros vários** - “É um bom serviço prestado á nossa literatura de viagens a tradução que o sr. Luiz Guimarães Junior, por iniciativa do Ministério da Agricultura, faz do famoso livro *Through the Brazilian Wilderness*, em que Theodore Roosevelt reuniu as impressões recebidas da viagem que fez pelo interior do Mato Grosso e da Amazônia, com o general Rondon e outros cientistas.. [...] era Theodore Roosevelt de multiplos dons intelectuais, perspicaz e

¹¹⁶ Página 8: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=025909_04&pagfis=11933 e Página 9: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=025909_04&pagfis=11934

¹¹⁷ <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=116408&pagfis=23496>

¹¹⁸ http://memoria.bn.br/DocReader/089842_05/21399

observador. Uma obra que evoca um eminente homem e que possui o mérito de ser interessante e fiel.”

- 09/07/1944 - *O jornal*¹¹⁹, p. 9 - Registro Bibliográfico - “[...] A propósito da tradução dessa obra, realizada pelo agrônomo Luiz Guimarães Juniiior, o ilustre presidente da Academia Carioca de Letras, sr. Afonso Costa, enviou ao S.I.A. uma carta *elogiando a atuação desse técnico do Ministério da Agricultura que tão bem soube verter para o português as magníficas paginas* da celebre viagem do ex-presidente [...]”
- Setembro de 1944 - *Revista Cultura Política*¹²⁰ (editada pelo Governo Vargas), Ano IV, nº 44, p. 120-21 - Viagens - “Ao mesmo tempo que o Serviço de Informação do Ministério da Agricultura apresenta, em tradução de Luís Guimarães Júnior, o livro de Theodore Roosevelt *Nas selvas do Brasil*, a Cia. Editora Nacional inclui a mesma obra na coleção Brasileira, sob o título *Através do Sertão do Brasil*, em tradução de Conrado Erichsen. *Temos assim, de uma só vez, duas edições dessa obra famosa, que há muito tempo já devia estar divulgada em nosso idioma.* A edição do Ministério da Agricultura é prefaciada pelo *ministro Apolônio Sales, que, em termos justos e inteligentes, realça o valor do livro*, analisa rapidamente a interessante personalidade do ex-presidente dos Estados- Unidos, [...] O que torna duplamente grata para nós a viagem de Roosevelt através dos sertões brasileiros é mesmo a cooperação que nela tiveram elementos de destaque do nosso Exército, à frente dos quais se achava a figura inconfundível do general Rondon. [...] Sem ser escritor profissional, Roosevelt consegue exprimir-se com elegância, clareza e simplicidade. [...] Pondo de parte o valor científico, o importante documentário que essa obra constitui para o conhecimento dos nossos sertões, resta-lhe ainda o atrativo de um delicioso livro de viagens.”
- 01/10/1944 - *Correio da Manhã*¹²¹ - Atividades do Ministério da Agricultura (Nas Selvas do Brasil) - “Tendo-se esgotado em poucos meses a 1ª. edição de ‘Nas Selvas do Brasil’, título em português do interessante livro de viagem de Theodoro Roosevelt aos sertões do oeste brasileiro. o Serviço de Informação Agrícola resolveu *lançar uma nova edição, para atender aos inúmeros pedidos que constantemente recebe de todo o país.* Em época oportuna, será divulgado o aparecimento da nova edição, devendo os interessados aguardar as notícias sobre o assunto.”

¹¹⁹ http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=110523_04&pagfis=22383

¹²⁰ Página 120: <http://memoria.bn.br/DocReader/163538/13147> e Página 121: <http://memoria.bn.br/DocReader/163538/13148>

¹²¹ http://memoria.bn.br/DocReader/089842_05/22747

- 15/10/1944 - *O jornal*¹²², p. 8 - A reedição de *Nas Selvas do Brasil* - “O serviço de Informação Agrícola editou, há poucos meses, em tradução do agrônomo Luiz Guimarães Junior, a obra ‘Nas selvas do Brasil’, de Theodore Roosevelt. Apesar do vulto da edição, que apresentou, aliás, magnífico trabalho da Imprensa Nacional, *estava a mesma esgotada dentro de dois meses*. O S.I.A., conseqüentemente, e em face dos constantes pedidos de todos os pontos do país que continua recebendo, está cuidando de reeditar a obra, que é riquíssima em conhecimentos e observações de ‘hinterland’ brasileiro. Logo que esteja pronta essa reedição, serão avisados todos os interessados no recebimento da obra.”
- 07/10/1945 - *Diário de Notícias*¹²³, p. 2 - À margem das traduções - a única crítica ao livro encontrada nos resultados da pesquisa, assinada sob as iniciais de C.T. Reproduzida na íntegra no anexo.
- 17/04/1949 - *Correio da Manhã*¹²⁴ - Cortes e Recortes - Roosevelt no Brasil - “Theodore Roosevelt escreveu um livro interessante - ‘Through the Brazilian Wilderness’ - que *não teve a merecida divulgação entre os brasileiros*. A edição original é de 1914 e sobre ela como que *a crítica dos entendidos guardou um majestoso silêncio*. Só em 1940, graças à solicitude do general Rondon, [...] *teve o Ministério da Agricultura de intervir para que a obra fôsse muito melhor conhecida*. O velho sertanista, que havia consultado à viúva Roosevelt se dava consentimento para que o livro fôsse traduzido para o português, da ilustre senhora e seu filho recebeu resposta confirmadora. Foi um excelente serviço que se prestou ao país. [...] O estadista [...] faz ao nosso povo e ao nosso país as mais elogiosas referências. Tornou-nos de alguma sorte, mais conhecidos da inteligência e do espírito internacionais. A edição inglesa circulou facilmente em tôdas as comunidades dessa língua. *A versão em português foi permitida gratuitamente*. O espólio de Theodore Roosevelt, por uma declaração do testamenteiro William M. Cruiskland, fêz saber ao govêrno do Brasil que *nenhuma objeção tinha à iniciativa, nem por ela reclamava coisa alguma, uma vez que nisso não havia qualquer propósito comercial*. E formulava votos para que o livro fôsse de grande alcance para a civilização brasileira. A tradução, confiada a Luiz Guimarães Junior, tomou o título de ‘Nas Selvas do Brasil’. [...] Hoje, recordando-se uma época, que já vai longe, e lendo-se o seu belo, tão belo quanto afetuoso livro, é que se tem a noção exata do idealismo e do sentimento

¹²² http://memoria.bn.br/DocReader/110523_04/23988

¹²³ http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=093718_02&pagfis=24799

¹²⁴ http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=089842_05&pagfis=46790

de solidariedade continental [...] que animaram Theodore Roosevelt nessa sua penosa e proveitosa peregrinação pelas selvas brasileiras.”

- *Revista Fauna*¹²⁵, maio de 1949, p. 40-44 - publicou alguns trechos do capítulo “Subindo o Rio das Antas”
- 27/11/1949 - *Ciência para todos*¹²⁶, p. 12 - Lendo e comentando: Nas selvas do Brasil - “[...] São as peripécias e observações acumuladas que se enfeixaram no volume ‘Nas selvas do Brasil’ de autoria de Theodore Roosevelt, *que ora aparece numa segunda edição*, primorosamente apresentada, do Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura. [...] A primeira edição do livro, dada a sua grande aceitação, rapidamente esgotou-se. NOTA - *O livro pode ser remetido gratuitamente a quem solicitar ao S.I.A.*”

A amostra de 17 notícias veiculadas em jornais da década de 1940 não contempla todos os resultados, pois foram ainda encontradas pequenas notas falando sobre a disponibilidade e/ou lançamento da tradução pelo S.I.A. (Serviço de Informação Agrícola) do MA, a divisão responsável pela divulgação de material de propaganda do órgão.

5.7 O TRADUTOR: CONRADO ERICHSEN

Poucos resultados foram encontrados na *internet*, relacionados à busca por informações sobre Conrado Erichsen, o tradutor de *Através do Sertão do Brasil*, publicado pela Companhia Editora Nacional. Houve dificuldade em estabelecer corretamente a qual Conrado as notícias se referiam, considerando que o tradutor, seu pai¹²⁷ (Conrado Caetano Erichsen, falecido em 1921) e seu avô (dinamarquês que se estabeleceu no Brasil no começo do séc. XIX) tinham os mesmos nomes, além de parentes próximos seus (sobrinhos, irmãos) que também possuíam o mesmo nome, com pequena variação (Sobrinho, Caetano). Afinal, pôde-se confirmar que seu nome era Conrado Erichsen Filho¹²⁸, mas depois passou a ser mencionado apenas como Conrado Erichsen. Em posterior contato com os descendentes de Erichsen, ficou elucidado que havia o costume na família de homenagear com os mesmos nomes dos antepassados, não apenas os filhos homens, como também as filhas mulheres, adotando os mesmos nomes de suas ascendentes.

¹²⁵ Página. 40: <http://memoria.bn.br/DocReader/099961/3750> ; Página 41: <http://memoria.bn.br/DocReader/099961/3751> ; Página 42: <http://memoria.bn.br/DocReader/099961/3752>
Página. 43: <http://memoria.bn.br/DocReader/099961/3753> ; Página 44: <http://memoria.bn.br/DocReader/099961/3754>

¹²⁶ <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=085782&pagfis=327>

¹²⁷ <https://memorial.mppr.mp.br/pagina-87.html>

¹²⁸ http://memoria.bn.br/DocReader/090972_06/36465

Através de documentos obtidos junto a familiares¹²⁹, descobriu-se que ele nasceu em Curitiba, Paraná, em 03/07/1874. Em sua certidão de casamento, de 1902, está registrada sua profissão como engenheiro geógrafo, e na ocasião residia em Curitiba. Sottomaior (1922) traça a genealogia paranaense e o nome de Erichsen consta como uma personalidade de destaque daquele estado. Dentre as atividades indicadas pelo autor, Erichsen cursou Engenharia na Escola Politécnica de São Paulo; foi nomeado diretor das obras municipais de Curitiba em 1901 e, ao pedir desligamento em 1905, obteve uma nota de agradecimento e elogios do prefeito, pelas atividades prestadas à cidade; em Ponta Grossa (PR), construiu serviços de energia elétrica e uma fábrica de tecidos de algodão. Entre 1909-10, esteve envolvido nos “trabalhos do caminho aéreo” do Pão de Açúcar, e uma breve passagem pelo Espírito Santo, também para atividades ligadas à engenharia. E entre 1910-13 esteve em Paranaguá (PR) onde também desenvolveu trabalhos ligados a saneamento e energia elétrica. Entre 1913-15 retornou a Curitiba, para assumir a direção de trabalhos de saneamento e telefonia da cidade. Na mesma época, foi um dos fundadores da Universidade do Paraná e recebeu a denominação de “lente catedrático da cadeira de Eletrotécnica da Faculdade de Engenharia”.

Uma passagem específica de sua vida foi mais detalhada por Sottomaior (1922), quando Erichsen atuou como Delegado Fiscal no Mato Grosso, no “distrito do norte, que abrange as zonas dos rios Madeira e Guaporé, com todas as terras daquele estado, situadas ao norte do paralelo de 12°” (SOTTOMAIOR, 1922, p. 288), entre agosto de 1915 e o final de 1916. Segundo o autor, o cenário era turbulento politicamente, e o estado passou por Intervenção Federal. Por esta atividade, recebeu menções honrosas do Governador do MT, “assim como do glorioso General Candido Rondon, pela maneira irrepreensível com que deu desempenho ao cargo de grandes responsabilidades que exerceu” (idem, p. 289). É afirmado ainda na obra que Erichsen sempre procurou se distanciar de questões partidárias, ainda que fosse, “por vezes, convidado para se imiscuir em política” (idem, p, 289).

O nome de Conrado Erichsen (muitas vezes grafado como Ericksen) aparece em alguns jornais da época, relativamente a esta nomeação para exercer um cargo público, para atuar na Delegacia Fiscal do Norte, no posto de Santo Antônio do Madeira. A atividade envolvia, principalmente, a arrecadação fiscal referente à exploração da borracha no estado¹³⁰, inclusive áreas que abrangiam os rios Roosevelt e Aripuanã (percorridos na Expedição Roosevelt-Rondon). Existe um paralelo (8°48') que ficou famoso pela contenda que dividia os estados de

¹²⁹ Arquivos da família Erichsen. Certidões de batismo, casamento e óbito de Conrado Erichsen.

¹³⁰ Mensagem do governador do MT à Assembleia Legislativa, ano de 1930, disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/873080/2636>

Amazonas e Mato Grosso. O imposto do látex que tivesse sido explorado abaixo dessa linha pertenceria ao MT, ao encargo de Erichsen.

Para além das muitas disputas políticas internas do estado, a questão da linha divisória com o AM e a briga sobre a quem caberia a arrecadação parece ter constituído verdadeiro emaranhado para o engenheiro, chamado ao cargo por um primo seu que foi um dos governadores na época, Caetano de Albuquerque, o qual esteve envolvido na construção das linhas telegráficas¹³¹. Um acordo firmado entre os estados de MT e AM, no ano de 1917, incluiu Erichsen como um dos signatários¹³², juntamente com a participação de Rondon nas tratativas, do que se pode inferir que o sertanista e Erichsen se conheceram em algum grau.

Após esta passagem por cargo público em MT, Sottomaior (1922) informa que Erichsen, “tendo fixado residencia na Capital federal, desde 1918, alli continuou a desenvolver sua actividade profissional, como chefe tecnico dos serviços de estudos das jazidas carboníferas do Tibagy, por conta de empresa particular” (SOTTOMAIOR, 1922, p. 289). Também trabalhou nas obras do prolongamento do cais do porto¹³³ do Rio de Janeiro (NEGRÃO, 1928, p. 198). Em outras pesquisas obtidas junto à Hemeroteca Digital da BN, foi noticiado que Erichsen foi engenheiro-chefe das obras de drenagem do porto de Florianópolis¹³⁴, presidente do Sindicato Patronal dos Madeireiros do Paraná¹³⁵ e participou de órgão ligado à defesa e comércio do Pinho no seu estado natal¹³⁶. Fez visita, em 1939, ao Departamento de Propaganda e Publicidade do Estado, em São Paulo, junto aos estudantes de engenharia que acompanhou em congresso universitário na área¹³⁷.

Conrado Erichsen faleceu em 22/04/1942, em casa, no Rio de Janeiro. Na certidão de óbito, consta como profissão engenheiro civil. Recebeu uma homenagem póstuma¹³⁸, ocorrida em julho de 1942, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná, à qual era vinculado. Também uma nota¹³⁹, assinada por seu filho, no começo do livro *Através do sertão do Brasil*, informa que “Não quis o destino que o tradutor de tão importante livro, para o nosso

¹³¹ Fonte: CPDOC/FGV: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ALBUQUERQUE.%20Caetano%20de.pdf>

¹³² Mensagem do governador do AM à Assembleia Legislativa, ano de 1917, disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/872784/4803> página 46 e seguintes

¹³³ https://www.google.com.br/books/edition/Genealogia_paranaense/wXELAAAYAAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&pg=PA482&printsec=frontcover&dq=erichsen

¹³⁴ <http://memoria.bn.br/DocReader/092932/10816>

¹³⁵ <http://memoria.bn.br/DocReader/092932/36615>

¹³⁶ http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/972

¹³⁷ http://memoria.bn.br/DocReader/090972_08/30615

¹³⁸ <http://memoria.bn.br/DocReader/092932/47449>

¹³⁹ <http://brasilianadigital.com.br/obras/atraves-do-sertao-do-brasil/pagina/5/texto>

Brasil, visse o seu trabalho publicado. É em sua memória que ora o fazemos imprimir. São Paulo, 20/10/1942. Érico Miró Erichsen”.

5.8 A TRADUÇÃO: ATRAVÉS DO SERTÃO DO BRASIL

A tradução publicada pela CEN teve pouca divulgação, e o texto não teve uma sobrevida pois, até o presente momento, só foram encontradas evidências de uma única tiragem do livro. Nos paratextos, nas últimas páginas, é possível verificar que sua impressão foi feita no ano de 1944: “Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da ‘Revista dos Tribunais’ Ltda., à rua Conde de Sarzedas, 38, S.Paulo, para a Companhia Editora Nacional, em março de 1944” . Atualmente ainda é possível ver, em sebos virtuais¹⁴⁰, alguns raros exemplares disponíveis. Não há menção a outras edições em anos posteriores. A edição foi ilustrada, e na presente pesquisa trabalhamos com a versão virtual, digitalizada e disponível no site da Biblioteca Brasileira Digital¹⁴¹, por iniciativa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

A documentação obtida no Centro de Memória e Pesquisa Histórica, da Unifesp/Guarulhos, apresenta alguns detalhes sobre as negociações a respeito da tradução realizada pela CEN. As cartas que foram localizadas constam no Anexo VI.

Em outubro de 1939, a Charles Scribner’s Sons, editora americana do livro de Roosevelt, responde ao tradutor Conrado Erichsen sobre seu pedido de permissão para traduzir a obra no Brasil. Não tivemos acesso ao teor da carta de Erichsen, portanto, não há meios de saber se a iniciativa partiu somente dele, ou via CEN. A editora americana revela que havia um pedido pendente, feito por Galeão Coutinho, da Edições Cultura Brasileira, no ano de 1937, cuja permissão para a mesma tradução havia sido dada, mas não houve resposta de Coutinho, pois não havia registro de a transação financeira ter sido completada. A Scribner’s informa ainda que, caso não houvesse conflito de edição, não obstaria pelo pedido da tradução por Erichsen.

Já em agosto de 1941 constam dois documentos. O primeiro é uma carta de Galeão Coutinho à Scribner’s, onde declara que transfere a permissão concedida para a tradução em benefício à Companhia Editora Nacional, desde que a editora americana também concorde. Neste caso, a transação financeira seria completada pela própria CEN. O segundo documento, assinado por Artur Neves, anexa a carta de Coutinho e reafirma o interesse da CEN de obter

¹⁴⁰<https://www.estantevirtual.com.br/busca?utf8=%E2%9C%93&q=atrav%C3%A9s%20do%20sert%C3%A3o%20do%20Brasil>

¹⁴¹ <http://brasilianadigital.com.br/brasiliana/colecao/obras/127/atraves-do-sertao-do-brasil>

permissão para os direitos de publicação da tradução da obra de TR no Brasil. Pede que o valor seja o mesmo ofertado por Coutinho, US\$200.00 (algo em torno de US\$3.500 atualmente¹⁴²). Em caso de aceite, solicita ainda o contrato e a fatura, carimbada pelo consulado brasileiro em Nova Iorque. O endereço é o da sede da CEN em São Paulo.

A carta de novembro de 1941, assinada por Artur Neves, informa que houve um equívoco, pois a fatura havia sido direcionada para a filial da CEN em Recife/PE. Mesmo assim foi efetuado o pagamento através desta filial, de modo a evitar outras despesas consulares e atrasos no acerto entre as editoras, e reitera o endereço de São Paulo para correspondência. Além de pedir duas vias do contrato assinado, solicita também uma cópia atual do livro original, para facilitar os trabalhos do tradutor, bem como as fotos originais da expedição que ilustraram a edição americana, para reprodução na sua versão brasileira, já que a cópia que a CEN possuía estava muito desgastada.

O documento seguinte, sem data, reenvia as cartas anteriores e afirma não possuir uma confirmação por parte da Scribner's, nem quanto ao acordo proposto e ainda sem assinatura, nem quanto ao valor ofertado (propuseram US\$200 dólares, a Scribner's enviou uma fatura de US\$203). Reitera o interesse na publicação (a qual sairia tão logo a confirmação fosse efetuada, via contrato assinado), além de repetir que consideravam um valor justo a ser pago, já que foi o mesmo que a Scribner's solicitou de Coutinho em 1937. Na mesma carta, informa que o envio do valor foi recusado pelo banco, pela falta de carimbo e assinatura do consulado brasileiro em Nova Iorque.

Em julho de 1942 (quando o tradutor Erichsen já havia falecido) houve uma carta da Scribner's para Neves, na qual anexa a fatura para liquidação e autoriza a CEN a traduzir e publicar a obra de Roosevelt no Brasil. A respeito das fotos originais, informa que não seria possível fornecê-las, tendo em vista que não estavam mais sob a posse da família Roosevelt, mas em diversos acervos espalhados, o que seria muito difícil de localizar e reunir novamente. No entanto, a reprodução das fotos a partir da cópia da edição mais recente do livro, anexada, atenderia a tal objetivo satisfatoriamente.

Na carta de novembro de 1942, assinada por Neves, informava que a fatura de US\$203.00 havia sido liquidada no mês anterior, referente a uma tiragem de 2.000 exemplares do livro em língua portuguesa. Por fim, uma carta de janeiro de 1943, da Scribner's, confirma o recebimento do valor pago pela CEN relativos aos direitos autorais dos 2.000 exemplares. O livro, segundo consta em suas últimas páginas, foi impresso em março de 1944.

¹⁴² Fonte: <https://www.dollartimes.com/inflation/inflation.php?amount=200&year=1943>

As raras notas encontradas na busca da Hemeroteca Digital, que mencionam a publicação de *Através do sertão do Brasil*, encontram-se a seguir, com grifos nossos, grafias como no original (inclusive eventuais erros) e dispostos em ordem cronológica:

- Março de 1944, *Revista Cruz Vermelha Brasileira*¹⁴³ (RJ), p. 40 - Livros e Autores - “Através do sertão do Brasil - Theodore Roosevelt - Companhia Editora Nacional. [...] Roosevelt reuniu em livro, sob o título de *Através do sertão do Brasil*, suas notas de tão acentuado interêsse. [...] A tradução desse livro, devida a Conrado Erichsen, e sua inclusão numa série tão valiosa como é a *Brasiliana*, da Companhia Editora Nacional, constituem iniciativas proveitosas para os estudiosos da nossa realidade física, bastando lembrar que da narrativa consta a locação de um rio até então inexplorado, de 1.500 quilômetros de extensão, principal afluente do rio Madeira e cujo curso superior era absolutamente desconhecido”.
- 21/04/1944 - *O Jornal*¹⁴⁴, p. 7 - O Brasil Central - “A leitura, por exemplo, de um livro como o de Theodore Roosevelt, que apenas ha 30 anos andou justamente pelo coração do Brasil Central presta-se a essas reflexões. O livro do primeiro Roosevelt, ‘*Através do sertão do Brasil*’, é uma fixação fiel, sobria, mas amorosa, da vida no Brasil Central, em seu abandono natural, em sua grandeza paisagistica, em sua riqueza de fauna e flora. [...] Esse homem ia com os olhos abertos: ele nos dá, nesse livro, um retrato da nossa virgindade telurica, um retrato do nosso dever colonizador, e alí estão, ao longo das suas anotações minuciosas, certas observações sobre o clima, as possibilidades de vida civilizada naquelas regiões, observações que não nos desculpam do desinteresse com que até hoje ainda as tratamos. [...] Eis aí alguns trechos do livro do coronel Roosevelt, agora editado em português. Ele é um roteiro da nossa grandeza inexplorada, e surge num momento em que novamente o problema do Brasil Central volta a preocupar-nos, quando uma expedição oficial se embrenha pela mata virgem singrando caminhos desconhecidos. [...]”
- 07/05/1944 - *A noite*¹⁴⁵, s.p., *Semana Literária* - “O Sr. Conrado Erichsen traduziu ‘*Através do sertão do Brasil*’, de Teodoro Roosevelt (Cia. Editora Nacional). [...] Roosevelt [...] descreve a viagem e coleta o seu rendimento, sob

¹⁴³ <http://memoria.bn.br/DocReader/141216/857>

¹⁴⁴ http://memoria.bn.br/DocReader/110523_04/21016

¹⁴⁵ http://memoria.bn.br/DocReader/348970_04/26748

todos os aspectos. *A linguagem despretenciosa e viva, bem reproduzida pelo tradutor, põe o livro ao alcance de todos.* Alguns de seus conselhos e advertências tem ainda atualidade e toda a matéria da descrição apresenta o maior interesse científico”

Através do sertão do Brasil não teve continuidade por meio de outras editoras, por motivos ainda não esclarecidos. A coleção que reeditou o relato de Roosevelt em 1976, a *Reconquista do Brasil* (Itatiaia/EDUSP), cujo escopo era semelhante à coleção Brasileira, deu continuidade apenas ao texto publicado pelo MA, mesmo que as duas coleções partilhassem muitos títulos em comum (RODRIGUES, 2012).

5.9 A CIRCULAÇÃO ATUAL DE THROUGH THE BRAZILIAN WILDERNESS E SUAS TRADUÇÕES

Foi realizada pesquisa em bases de dados como *Worldcat*, Index Translationum da UNESCO e de bibliotecas nacionais de diversos países europeus, asiáticos e latino-americanos, cujo idioma oficial não é o inglês, bem como em sites de livrarias comerciais, no intuito de verificar a circulação e presença de tradução no idioma local do relato de viagem de TR.

A respeito da tradução, ao menos no contexto imediatamente posterior à sua publicação, o próprio autor do livro narra, em carta dirigida a Rondon em novembro de 1914, que em decorrência da I Guerra Mundial (1914-1918), a obra não fora traduzida nem para o alemão, nem para o francês (o idioma no qual os dois comandantes se comunicavam durante a Expedição):

OYSTER BAY, N. Y.
6 de Novembro, 1914.

Meu caro Coronel:

Em anexo, estou lhe enviando um exemplar do meu livro.

Infelizmente, esta terrível guerra europeia impediu qualquer tradução em alemão e francês, por isso só posso enviar-lhe uma cópia em inglês. Naturalmente, isto não é inteiramente desejável, mas talvez você encontre alguém que, sabendo inglês, leia o livro e coloque em português as muitas passagens em que falo de você e dos trabalhos da Comissão Telegráfica - sem mencionar os lugares onde Insisto em que estamos totalmente de acordo sobre o caminho a seguir nos assuntos internos, especialmente sobre religião e educação. (VIVEIROS, 2010, p. 406¹⁴⁶)

¹⁴⁶ Trecho original: OYESTER BAY, N. Y. le 6 Novembre, 1914. Mon cher Colonel: Ci-inclus, je vous envoie un exemplaire de mon livre. Malheureusement, cette terrible guerre européenne a empêché toute traduction allemande et française, aussi, ne puis-je vous en envoyer qu'un exemplaire en anglais. Naturellement, ce n'est pas tout-à-fait désirable, mais peut-être trouverez-vous quelqu'un qui, sachant l'anglais, parcourra le livre et mettra en portugais les nombreux passages dans lesquels je parle de vous et des travaux de la commission télégraphique — sans mentionner les endroits où j'insiste sur le fait que nous sommes en parfait accord au sujet de la voie à suivre dans les affaires intérieures, notamment à propos de religion et instruction.

Quanto aos exemplares que foram encontrados nos resultados de pesquisa abaixo, a obra de TR continua sem tradução no francês e no alemão. A tradução para o idioma espanhol, segundo o que foi verificado, ocorreu somente em 2011, ano de publicação de *El río de la Duda: por el Mato Grosso y el Amazonas*¹⁴⁷, através da editora comercial *Ediciones del Viento*, de Madri, Espanha. Em sua sinopse, a edição espanhola assim descreve a Expedição:

Quando ele, que foi presidente dos Estados Unidos por nove anos, perde a indicação nas eleições presidenciais, decide empreender uma viagem há muito adiada à América do Sul. Aproveitando o convite dos governos do Brasil e da Argentina para ministrar algumas conferências, segue para o sul, e depois de cumprir suas obrigações vai às profundezas do continente e se junta a um explorador e cartógrafo brasileiro, Candido da Silva Rondon. Seu objetivo é explorar e mapear o Rio da Dúvida (atualmente chamado de Rio Roosevelt), cujas nascentes foram descobertas pelo brasileiro. Esta expedição, que foi planejada como uma viagem de aventura e caça (da qual o norte-americano era um grande fã, como ficou evidente na sua viagem à África onde recolheu mais de 3.000 peças), torna-se uma viagem científica em condições muito difíceis e que quase lhe custou a vida. **Ediciones del Viento publica pela primeira vez em espanhol esta emocionante história**, muito conhecida nos Estados Unidos, onde o autor (que recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1906) é um dos presidentes mais populares¹⁴⁸. (grifo nosso)

Esta edição em espanhol atualmente encontra-se disponível para venda em diversos sites. A pesquisa no *Worldcat* e no *Index Translationum*¹⁴⁹ da UNESCO não apresentaram resultados de traduções para outros idiomas além do português, utilizando os termos “Roosevelt”, “Theodore Roosevelt” e “Through the Brazilian wilderness”.

Já a pesquisa em sites de bibliotecas nacionais (e algumas universitárias, quando a base de dados pesquisada se integrava a estas) se concentrou nos exemplares impressos, ou do

¹⁴⁷ Disponível em: <https://www.tiposinfames.com/libros/el-rio-de-la-duda/8703/>

¹⁴⁸ Sinopse completa no original: Cuando el que fuera presidente de los Estados Unidos durante nueve años pierde la nominación a las elecciones presidenciales, decide emprender un viaje largamente aplazado a Sudamérica. Aprovechando la invitación de los gobiernos de Brasil y Argentina para dar unas conferencias, emprende rumbo Sur, y tras cumplir sus obligaciones se interna en las profundidades del continente y se une a un explorador y cartógrafo brasileño, Candido da Silva Rondón. Su objetivo es recorrer y cartografiar el río de la Duda (llamado en la actualidad río Roosevelt), cuyas fuentes habían sido descubiertas por el brasileño. Esta expedición, que se planteaba como un viaje de aventuras y caza (a la que era gran aficionado el norteamericano como había quedado patente en su viaje a África donde había cobrado más de 3000 piezas), se convierte en un viaje científico en condiciones muy penosas y que casi le cuesta la vida. Ediciones del Viento publica por primera vez en español este apasionante relato, conocidísimo en los Estados Unidos, donde el autor (que había sido galardonado con el premio Nobel de la paz en 1906) es uno de los presidentes más populares. Theodore Roosevelt (1858-1919) es uno de los más famosos presidentes norteamericanos. Su imagen es una de la cuatro talladas en la roca del Monte Rushmore (junto a Lincoln, Washington y Jefferson). Nacido en Nueva York de familia acomodada, una infancia asmática le facilitó una buena formación intelectual. Posteriormente se convertiría en un gran deportista. Se inició en la política muy joven, con un paréntesis en 1898 para combatir a los españoles en Cuba, al frente de los Rough Riders. Tras el asesinato de Mckinley lo sustituye, con 42 años, como presidente de los Estados Unidos. Entre sus logros está la finalización del Canal de Panamá y el fin de la guerra ruso-japonesa, por lo que le sería concedido el Premio Nobel de la Paz. Con un carácter muy viril y aventurero, recorrió África y las selvas del Brasil, donde contrajo una malaria que terminaría por deteriorar gravemente su salud, falleciendo a los cuatro años de su regreso. El Río de la Duda, tras este viaje, sería rebautizado como Río Roosevelt.

¹⁴⁹ <https://www.unesco.org/xtrans/bsresult.aspx?lg=0&a=Roosevelt&fr=0>

original em inglês, ou suas duas traduções para o português que são objetos deste trabalho (MA e CEN). Versões digitais em inglês foram desconsideradas, por estarem em domínio público e disponíveis em diversos sites:

Quadro 3 - CIRCULAÇÃO DE THROUGH THE BRAZILIAN WILDERNESS E SUAS TRADUÇÕES

País	Livro	Editora/País	Ano	Link (clique sobre o nome)
Alemanha	Through the Brazilian wilderness	Severo (Hamburgo, Alemanha)	2013	Deutsche National Bibliothek
Áustria	Through the Brazilian wilderness	John Murray/Londres (UK)	1914	Österreichische Nationalbibliothek
Suécia	Through the Brazilian wilderness	John Murray/Londres (UK)	1914	Stockholms Universitet
	Through the Brazilian wilderness	Charles Scribner's, Nova York (EUA)	1914	Kungliga Biblioteket
	Nas selvas do Brasil	Serviço de Informação Agrícola, Ministério da Agricultura/Brasil	1948 (2ª Ed)	Stockholms universitetsbibliotek Latinamerikainstitutets bibliotek
	Através do sertão brasileiro	Companhia Editora Nacional/Brasil	1944	Kungliga Biblioteket
Holanda	Through the Brazilian wilderness	Charles Scribner's, Nova York (EUA)	1914	Nationale Bibliotheek
	Through the Brazilian wilderness	John Murray/Londres (UK)	1914	Nationale Bibliotheek
Finlândia	Através do sertão brasileiro	Companhia Editora Nacional/Brasil	1944	Kansalliskirjasto Nationalbiblioteket
Dinamarca	Through the Brazilian wilderness	Charles Scribner's, Nova York (EUA)	1914	Det Kgl Bibliotek
	Through the Brazilian wilderness	John Murray/Londres (UK)	1914	Det Kgl Bibliotek
	Nas selvas do Brasil	Itatiaia/EDUSP/Brasil	1976	Det Kgl Bibliotek
Itália	Nas selvas do Brasil	Serviço de Informação Agrícola, Ministério da Agricultura/Brasil	1943	Biblioteca della Scienza e della Tecnica - Pavia
	Through the Brazilian wilderness	Charles Scribner's, Nova York (EUA)	1914	Biblioteca Nazionale Vittorio Emanuele III - Napoli
Portugal	Nas selvas do Brasil	Itatiaia/EDUSP/Brasil	1976	Biblioteca Nacional de Portugal
Argentina	Through the Brazilian wilderness	John Murray/Londres (UK)	1914	Biblioteca Nacional Mariano Moreno
	Nas selvas do Brasil	Serviço de Informação Agrícola, Ministério da Agricultura/Brasil	1948 (2ª Ed)	Biblioteca Nacional Mariano Moreno
Colômbia	Through the Brazilian wilderness	Charles Scribner's, Nova York (EUA)	1922	Biblioteca Nacional de Colombia
Peru	Nas selvas do Brasil	Serviço de Informação Agrícola, Ministério da Agricultura/Brasil	1943	Biblioteca Nacional del Perú
	Através do sertão brasileiro	Companhia Editora Nacional/Brasil	1944	Biblioteca Nacional del Perú

Fonte: autora, acessos feitos em 11 e 12 agosto de 2023

A partir dos acervos encontrados, no total de 20 registros que constam na tabela acima, constatou-se que o relato de TR continua a circular predominantemente no idioma original, seja pela edição americana, seja pela londrina (11 ocorrências). Juntamente com as edições em inglês, algumas vezes também se verificou a presença, no mesmo país, de traduções para o

português (embora em menor número), com destaque para a tradução do MA, 6 ocorrências, dentre elas 2 da edição da Itatiaia de 1976. Já a tradução da CEN aparece em 3 ocorrências. Foi encontrada ainda uma edição, na Alemanha, publicada em 2013 por editora comercial daquele país, porém, no idioma inglês. O levantamento do quadro anterior não esgota possíveis outros resultados que possam contemplar bibliotecas nacionais em outros continentes e que contenham em seus acervos o *Through the Brazilian wilderness* e suas traduções para o português.

Ainda que não se tenha conhecimento da data ou forma de entrada dos exemplares em português nestes países, Grecco (2021) observa que um dos papéis do Instituto Nacional do Livro (INL) durante o Estado Novo foi disseminar a literatura brasileira ou sobre o Brasil no exterior, e para isso enviou para Bibliotecas estrangeiras, de forma gratuita, os livros aprovados pelo regime de Vargas, cuja seleção era feita pelo próprio INL. Houve aproximação do Brasil com seus vizinhos latino-americanos também na esfera cultural, na vigência da Política da Boa Vizinhança, de maneira a dar-lhes o conhecimento de livros que propagassem especialmente os propósitos estado-novistas, ou seja, a literatura *autorizada* na época, que viessem a legitimar o regime e o pensamento nacional vigente, perante a opinião pública externa:

O Instituto considerou a palavra escrita o veículo mais eficiente e natural para a propaganda dos propósitos "pacíficos" do regime e de seus desejos de boa vizinhança e amizade. O livro dava, assim, uma oportunidade única para estreitar os vínculos culturais e divulgar uma imagem positiva do Governo. Por fim, de acordo com um documento do Instituto, "onde entrarem nossos livros e jornais, conseguiremos amigos e os convenceremos da nossa orientação política internacional". (GRECCO, 2021, p.137)

A mesma autora afirma que mais de 150 instituições estrangeiras receberam os livros enviados pelo INL, e destaca os países que mais foram agraciados com as remessas: Argentina, Uruguai, Chile, Equador, Panamá, Paraguai, Peru e Colômbia. Somente a Argentina recebeu mais de 700 livros brasileiros. Grecco (2021) cita os livros mais enviados através desta política do INL: “[...] Machado de Assis (com as obras *Dom Casmurro*, *Quincas Borba*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Papeis Avulsos*) e José de Alencar (em especial, *Iracema*). Outras obras que chamavam a atenção estrangeira eram *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre; *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda; e *Urupês*, de Monteiro Lobato.” (GRECCO, 2021, p.139).

6 O OLHAR SOCIOLÓGICO SOBRE A TRADUÇÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A base teórica para o estudo do objeto na presente pesquisa reside nos estudiosos que vêm desenvolvendo conceitos para investigar como se dão as interações de nível sociocultural nas traduções, como interpretá-las, interligá-las, como os fatores culturais, sociais, políticos e econômicos influenciam entre si para explicar certos fenômenos e ocorrências em uma tradução.

Os Estudos da Tradução (ET) começaram a esboçar o *status* de disciplina acadêmica desvinculada da Literatura Comparada a partir dos anos 1960, e ganharam força, principalmente, no fim dos anos 1980. Um dos livros reconhecidos como pioneiros da área dos Estudos da Tradução é o de Susan Bassnett, *Estudos da Tradução* (1980). O movimento e as discussões surgidas a partir dele inspiraram a repensar a disciplina a partir de uma perspectiva cultural, no que os estudiosos chamaram de *virada cultural* nos Estudos da Tradução. Os conteúdos e contextos para além do texto, bem como os agentes envolvidos na tradução dele, passaram a ser considerados.

A *virada* significou também um estreito contato com outras disciplinas das ciências sociais, dialogando com seus conceitos e adotando alguns de seus pressupostos aplicáveis e observáveis na tradução. Wolf (2007) considera que um novo olhar para a tradução passou a conjugar os fatores social e cultural que são inerentes a qualquer tradução, enquanto vista como uma prática, e que não podem ser desvinculados da atividade tradutória nem das condições que a circundam, e que a chamada Sociologia da Tradução deve ser um tópico central nos ET¹⁵⁰. A autora descreve que os Estudos da Tradução indicam tendência pelas chamadas “viradas” pela própria particularidade da atividade do tradutor, o qual está situado constantemente “na zona de contato ‘entre culturas’”(WOLF, 2021, p. 346).

A mudança de foco também ocorre no nível dos personagens que atuam na elaboração do texto traduzido. A figura do tradutor e todos os fatos que circundam a tradução, as condições e contexto de sua produção, as ideologias e visões políticas que possam se atrelar à atividade, entre outros fatores, começaram a importar na análise. O tradutor é considerado “como sujeito

¹⁵⁰ In institutional terms, the question of whether we are witnessing the emergence of a new “turn” – the “sociological turn” – no longer seems relevant: cultural and social practices – and consequently their theoretical and methodological conceptualization – cannot be regarded as detached from one another. If we focus on “the social” yet neglect the conditions that mould translation as a cultural practice in terms of power, ideology and similar issues, the creation of a new sub-discipline within translation studies called “sociology of translation” would sidestep the problem of methodology. The questions pertinent to translation viewed as a social practice should instead be placed at the core of the discipline. (WOLF, 2007, p. 6)

construído e construtivo na sociedade [o que] implica seriamente uma mudança na visão do conceito de Tradução e dos domínios de pesquisa nos Estudos da Tradução.” (WOLF, 2021, p. 345).

Blume e Peterle (2013) chamam a atenção para o fato de que a materialidade do livro traduzido, muitas vezes, esconde toda uma cadeia de fatos que ocorreram até a produção final daquele objeto repleto de sentidos: “Ler é uma forma de poder, atribuir significados é também uma forma de poder [...]” (BLUME; PETERLE, 2013, p.10).

No mesmo entendimento, ao focar nas relações de poder que existem no ato tradutório, as autoras atribuem uma rede de ações implicadas na produção do texto traduzido. E que os *vestígios* ou *rastros* deixados pelo tradutor e toda a rede de relações pessoais, políticas, sociais que existiu até a materialidade daquele produto, podem ser “rastreados”:

Traduzir é sempre um processo, um conjunto de tensões e relações que pode comportar uma série de consequências, [...]. Nessa perspectiva, uma tradução é o resultado de um intenso e imbricado processo de interação e troca, negociação, é uma reescrita. Como toda **reescrita**, percorre um caminho marcado por aspectos culturais e ideológicos, que podem ser, **de alguma forma, identificados e recuperados no “produto” final por meio dos inúmeros traços, vestígios e rastros que permanecem na página.** (BLUME; PETERLE, 2013, p.13, grifo nosso)

O tradutor deixaria uma espécie de *assinatura* no produto final. Blume e Peterle (2013) afirmam também que o tradutor é um ser político, incapaz de se esconder sob o manto da neutralidade. O simples ato de “Optar por a ou por b, pode parecer, à primeira vista, uma escolha simples, mas por detrás desse gesto há, certamente, uma rede de relações não neutra. Um gesto, uma escolha, não é nunca um ato neutro. Há sempre uma *assinatura* [...]” (BLUME; PETERLE 2013, p. 9). E finalizam, sustentando que as escolhas assumidas na elaboração do texto implicaram, antes, em uma constante negociação de sentidos por parte do tradutor, ainda que aparentemente inconscientes.

Na década de 1970, um grupo de estudiosos buscou reunir um consenso a respeito de suas inquietações sobre a possibilidade de trazer para os estudos da tradução um diálogo entre cultura e história e, de acordo com Martins (2010), com foco não mais centrado apenas no texto ou puramente na palavra, apoiados em abordagens baseadas nas teorias literárias, pragmáticas e comunicativas, possibilitando que “[...] os estudos da tradução passassem a operar não mais no nível da palavra ou do texto, mas sim da cultura e da história, e não mais com ênfase exclusiva no texto-fonte, mas trazendo o foco para o texto-meta e para o público-alvo da tradução” (MARTINS, 2010, p. 60). Entre os autores, cujas ideias influenciaram muito do que vem se desenvolvendo até hoje na relação entre sociologia e tradução, destacam-se “[...] José

Lambert, Lieven D'hulst, Raymond van den Broeck e Theo Hermans, [...] André Lefevere, [...] Gideon Toury e [...] Susan Bassnett” (MARTINS, 2010, p. 60)

O grupo também se baseou nos conceitos de Itamar Even-Zohar sobre a Teoria dos Polissistemas para localizar a literatura dentro de um polissistema maior, o da cultura. Na ideia de Even-Zohar, os polissistemas se interligam, estabelecendo conexões em diversos níveis, o que caracterizaria, assim, a indissociabilidade entre literatura, sociedade e cultura. É uma visão que se opõe à ideia de uma análise prescritiva da tradução, *fechada*, operando puramente no nível linguístico textual, o que depois inspirou a ideia dos Estudos Descritivos da Tradução (no inglês, Descriptive Translation Studies, ou *DTS*), que abriga toda uma complexa rede de elementos que passaram a ser considerados na tradução.

Esteves (2014) relaciona o conceito de normas de Toury (mais a seguir) e os DTS:

A teoria dos polissistemas trabalha com o conceito de normas, que seriam específicas de cada comunidade ou grupo de comunidades. A partir das normas, julgou-se que seria possível prever as condições nas quais as traduções poderiam acontecer e que tipo de estratégias os tradutores poderiam empregar (Bassnett, 2002, p. 7; cf. Toury, 1995). Isso leva à proposta dos Descriptive Translation Studies – DTS, os Estudos Descritivos da Tradução que se opõem aos estudos prescritivos, que corresponderiam a abordagens que ditam modos de bem traduzir. (ESTEVES, 2014, p. 46)

Portanto, o novo olhar com o qual começava a ser encarada a tradução, a partir dos anos 1970, considerava fatores além do texto que deixavam suas *marcas*, ou *vestígios*, perceptíveis no nível sociocultural e dos agentes envolvidos na atividade, que passa a ser vista como algo dinâmico. Wolf (2007) enumera algumas críticas recebidas pela Teoria dos Polissistemas, como a de que o Even-Zohar utiliza muitas dicotomias para conceituar suas ideias, como literatura canônica/não canônica ou de centro/periferia. Sua visão é a de que carecem elementos na teoria para dar conta das forças que movem esse dinamismo dentro dos polissistemas¹⁵¹.

Algumas características relativas às normas atuando no texto são elencadas por Martins (2010), quando fala que a tradução

“[passou a ser] orientada por normas culturais e históricas: a própria escolha dos textos a serem traduzidos, as decisões interpretativas tomadas durante o processo tradutório, e a divulgação, a recepção e a avaliação das traduções são fatores consideravelmente influenciados pelos distintos contextos socioculturais.” (MARTINS, 2010, p. 63)

¹⁵¹ Criticisms of polysystem theory emphasize, among other aspects, the dichotomic stance inherent in its “toolbox” of binary oppositions, such as “canonized” versus “non-canonized” literature or “centre” versus “periphery”. From a sociological point of view, however, it seems particularly relevant that throughout polysystem theory it is never made clear what driving forces are behind the ongoing dynamics in a system. (WOLF, 2007, p. 6-7)

Em *Descriptive Translation Studies - and beyond*, Toury (1995) estabelece as bases dos DTS, diferencia as normas entre aquelas mais semelhantes a regras, de caráter mais forte e objetivo, e as idiossincrasias, mais fracas, mais relacionadas com a subjetividade do tradutor no texto traduzido.

Mais adiante, Toury (1995) enumera as ações propriamente ditas do tradutor no texto: quando este se sujeita às normas originadas na cultura do manuscrito original, o produto final, o texto traduzido, será mais direcionado a uma espécie de adequação à fonte; já se o tradutor escolhe atender às normas originadas na cultura de chegada, há uma aceitabilidade maior do texto final. Embora a categorização seja adotada, o estudioso menciona que adequação e aceitabilidade não ocorrem de forma estável no texto: ainda que uma opção tenha sido feita, podem ocorrer alternâncias entre elas. O autor aponta o papel social do tradutor enquanto agente direto no texto final, e espera-se que ele possa:

[...] cumprir uma função [social] atribuída por uma comunidade - à atividade, seus praticantes e/ou seus produtos - de uma forma que se julgue adequada aos seus próprios termos de referência. A aquisição de um conjunto de normas para determinar a adequação desse tipo de comportamento e para manobrar entre todos os fatores que possam limitá-lo é, portanto, um pré-requisito para se tornar um tradutor dentro de um ambiente cultural.¹⁵² (TOURY, 1995, p. 53)

Wolf (2007) especifica algumas características das normas agindo diretamente na construção do texto traduzido, as quais podem também revelar elementos que dialogam tanto com o tempo, quanto com as ideias da sociedade receptora do texto: “**as normas operam em cada fase do processo de tradução: na seleção de textos**, na determinação de quais línguas fonte e modelos literários devem ser escolhidos para a literatura alvo, e na seleção de estratégias de tradução que revelam relações entre as duas culturas envolvidas na tradução”¹⁵³ (WOLF, 2007, p. 8, grifo nosso). Desta forma, é possível observar que a norma é determinante já a partir da seleção dos textos a serem traduzidos em determinada época, a escolha específica do relato de Roosevelt mostra que sua chegada ao Brasil se mostrou favorável durante o Estado Novo por conter muitos trechos que se adequaram ao pensamento veiculado pelo regime.

Toury (1995) descreveu a relevância da adequação às normas quando se trata de institutos de treinamento para tradutores. Segundo Wolf (2007), ao buscar formação em seu campo de atuação, o tradutor assimila as normas internalizadas por seus pares, socializadas

¹⁵² [...] to fulfill a function allotted by a community - to the activity, its practitioners and/or their products - in a way which is deemed appropriate in its own terms of reference. The acquisition of a set of norms for determining the suitability of that kind of behaviour, and for manoeuvring between all the factors which may constrain it, is therefore a prerequisite for becoming a translator within a cultural environment.

¹⁵³ Norms operate in each phase of the translation process: in the selection of texts, by determining what source languages and what (literary) models should be selected for the target literature, and in the selection of translation strategies that reveal the relationships between the two translation cultures involved.

através da prática contínua e que correspondem ao esperado para aquela sociedade. O processo de constante negociação de sentidos é alcançado com o domínio, adquirido pela prática, de certos “acordos e convenções”:

Em termos socioculturais, o que os tradutores novatos se submetem é uma socialização no que diz respeito à tradução. Durante este processo, assimilam partes do feedback motivado por normas que recebem, modificando a sua competência básica e tornando-se gradualmente parte dela. Em cada fase do seu desenvolvimento, a "competência" de um tradutor nativo representa, portanto, uma mistura característica de natureza e criação, do humanamente inato, do individualmente assimilado e do socialmente determinado. Também se pode colocar a hipótese de que, na medida em que uma norma foi de fato interiorizada e se tornou parte de uma competência modificada, será também aplicada à produção de enunciados traduzidos de forma mais espontânea, em situações em que não é provável que sejam impostas sanções. Quando analisadas, as variedades comportamentais envolvidas nas mudanças de competência tradutória podem, portanto, mostrarem uma ferramenta útil para verificar não só as normas predominantes enquanto tais, mas também a sua assimilação pelos indivíduos e, a longo prazo, os universais do próprio processo de assimilação.¹⁵⁴ (TOURY, 1995, p. 250).

Acerca da lógica que orienta o mercado das traduções, Baker e Saldanha (2009) também comentam o conceito de normas de Toury:

A noção de normas pressupõe que o tradutor está essencialmente engajado em um processo de tomada de decisão. Toury (1995) sugere ainda que ser tradutor envolve desempenhar um papel social, em vez de simplesmente transferir frases e sentenças através de uma fronteira linguística. O tradutor realiza uma função especificada pela comunidade e deve fazê-la de uma forma considerada adequada naquela comunidade. Habituar-se a um conjunto de normas para determinar qual é o comportamento tradutório adequado em uma determinada comunidade é um pré-requisito para se tornar um tradutor no interior dessa comunidade.¹⁵⁵ (BAKER; SALDANHA, 2009, p. 190).

André Lefevere, um dos estudiosos do grupo que iniciou a discussão sobre os DTS, foi o responsável por elaborar termos como patronagem, reescrita e manipulação (do texto). De acordo com Wolf (2013), Lefevere descreve como reescrita tanto as “[...] intervenções manipuladoras no nível textual, quanto – e sobretudo – os meios culturais (literários) que, em

¹⁵⁴ Socio-culturally speaking, what emerging translators undergo is socialization as concerns translating. During this process, parts of the normatively motivated feedback they receive are assimilated by them, modifying their basic competence and gradually becoming part of it. At every phase of its development, a native translator's 'competence' therefore represents a characteristic blend of nature and nurture, of the humanly innate, the individually assimilated and socially determined. It may also be hypothesized that to the extent that a norm has indeed been internalized and made part of a modified competence, it will also be applied to the production of more spontaneous translated utterances, in situations where no sanctions are likely to be imposed. When analyzed, the behavioral varieties involved in changes of translational competence may therefore prove a useful tool for checking not only the prevailing norms as such, but also their assimilation by individuals and, in the long run, the universals of the process of assimilation itself.

¹⁵⁵ Texto original: The notion of norms assumes that the translator is essentially engaged in a decision-making process. Toury (1995) further suggests that being a translator involves playing a social role, rather than simply transferring phrases and sentences across a linguistic boundary. The translator fulfills a function specified by the community and has to do so in a way that is considered appropriate in that community. Acquiring a set of norms for determining what is appropriate translational behaviour in a given community is a prerequisite for becoming a translator within that community

concomitância com as forças sociais, dirigem e controlam o processo de produção.” (WOLF, 2013, p.156).

O próprio Lefevere anuncia que uma “lógica da cultura”, enquanto sistema que se conecta e influencia outros sistemas na sociedade, exerce um duplo fator de controle, representado por profissionais como “críticos, revisores, professores, tradutores”¹⁵⁶ (LEFEVERE, 1992, p. 14). O segundo fator de controle atua externamente ao sistema literário, e é quando Lefevere introduz o conceito de patronagem, entendido como “poderes (de pessoas, de instituições) que podem tanto promover quanto obstruir a leitura, escrita e reescrita da literatura”¹⁵⁷ (ibidem, p. 15). Milton e Bandia (2009) incluem ainda outros atores¹⁵⁸ que influenciam no agenciamento: mecenas, organizadores de salões, políticos ou empresas que ajudam a mudar as políticas culturais e linguísticas, além de revistas, periódicos ou instituições. Neste trabalho, podemos incluir o próprio Ministério da Agricultura como um agente da tradução.

Sobre as imposições e dificuldades criadas por organismos sociais para impedir um texto considerado *inadequado* para a sociedade, Lefevere conta a respeito de um caso no qual o tradutor, por saber que a peça teatral com a qual iria trabalhar seria reprovada pelo filtro da Alemanha dos anos 1830, não querendo dar essa satisfação ao censor, fez ele mesmo o trabalho de adaptar a ideologia e a poética presentes no original, de forma a deixá-las aceitáveis ao contexto e ao público que recepcionaram a obra: “o escritor escolheu se opor às limitações; o reescritor [tradutor], a adaptá-las”¹⁵⁹ (LEFEVERE, 1992, p. 15).

A influência da patronagem em uma tradução é compreendida como intrinsecamente ligada a fatores ideológicos presentes no texto, não exatamente interferindo em sua poética. Pode ser exercida tanto por pessoas quanto por grupos, que “[...] tentam regular as relações entre o sistema literário e outros sistemas, os quais, juntos, compõem uma sociedade, uma cultura. Via de regra, operam através de instituições estabelecidas que regulam, se não a escrita da literatura, ao menos sua distribuição [...]”¹⁶⁰ (LEFEVERE, 1992, p. 15). Milton e Bandia

¹⁵⁶ There appears to be a double control factor [...] The first factor [...] is represented by the professional. [...] Inside the literary system the professionals are the critics, reviewers, teachers, translators.

¹⁵⁷ The second control factor, which operates mostly outside the literary system as such, will be called patronage, and it will be understood to mean something like] the powers (persons, institutions) that can further or hinder the reading, writing, and rewriting of literature.

¹⁵⁸ Texto original: [...] we do include translators amongst our agents, who may also be patrons of literature, Maecenas, salon organizers, politicians or companies which help to change cultural and linguistic policies. They may also be magazines, journals or institutions.

¹⁵⁹ “The writer chose to oppose the constraints; the rewriter to adapt to them”

¹⁶⁰ Patrons try to regulate the relationship between the literary system and the other systems which, together, make up a society, a culture. As a rule they operate by means of institutions set up to regulate, if not the writing of literature, at least its distribution [...]

(2009) referem-se também à patronagem exercida através de instituições que se engajam em movimentos de elevação da consciência nacional¹⁶¹, como foi o caso do INL na promoção da literatura nacional “tipo exportação” e da valorização tanto dos autores quanto dos livros que destacassem o Brasil.

De acordo com Lefevere (1992), a patronagem possui três componentes: o ideológico, o econômico e o de *status*. Referindo-se ao componente econômico, incluem-se questões relativas à garantia dos meios de subsistência daquele que se submete à patronagem (escritor ou tradutor); já em relação ao *status*, é preciso aceitar as regras do jogo para receber o apoio do mecenas ou grupo que o represente¹⁶².

A dupla contextualização e a história que pode ser contada através do texto de chegada são citadas por Bassnett e Lefevere em Wolf (2021): “Há sempre um contexto em que a Tradução ocorre, sempre uma história da qual um texto emerge e para a qual um texto é transposto. [...] [A] Tradução como atividade é sempre duplamente contextualizada, uma vez que o texto ocupa um lugar em duas culturas.” (BASSNETT; LEFEVERE, 11, apud WOLF, 2021, p. 347).

As marcas possivelmente deixadas nos dois textos, que podem revelar os vestígios das influências exercidas sobre eles, também carregam sentidos, excluindo qualquer possibilidade de neutralidade, algo característico das traduções, como afirmam os estudiosos da Sociologia da Tradução:

Com efeito, pensar na tradução é também, e principalmente, pensar no processo e de como nele são estabelecidas as forças e as tensões. A tradução não é um texto autônomo, ela se insere dentro de uma determinada rede de ligações e relacionamentos, ela possui assinatura(s) que fala(m) dela. Assinaturas para Giorgio Agamben e indícios para Carlo Ginzburg, esses são os traços, **as marcas que devem ser reconhecidas, mapeadas e montadas.** (BLUME; PETERLE, 2013, p.13, grifo nosso)

O fazer tradutório é um constante equilíbrio de diversos elementos por parte do tradutor, tanto pelas forças externas ao texto (pessoas, instituições) quanto suas próprias escolhas em cada palavra que resulta no texto da tradução final. A *luta velada pelo controle do significado*, nas palavras de Arrojo (2013) se dá também pela busca de uma harmonia entre “um texto alheio, numa outra língua, num momento e meio cultural diversos.” (ARROJO, 2013, p.10). O tradutor

¹⁶¹ Patronage may also refer to those agents who engage in acts of national consciousness raising as in the case of leaders, artists or institutions in multilingual settings, minority and non-literate cultures by promoting the creation of national languages and literatures for the purposes of achieving national unity, asserting cultural identity, as well as gaining recognition within the global literary space.

¹⁶² There is also an economic component: the patron sees to it that writers, and rewriters are able to make a living, by giving them a pension or appointing them to some office. [...] there is also an element of status involved. Acceptance of patronage implies integration into a certain support group and its lifestyle [...] (LEFEVERE, 1992, p. 16)

é um eterno negociador: de estratégias, de interesses, de adequações às instituições e aos resultados esperados.

Acerca do engajamento dos tradutores com a atividade tradutória, bem como com o contexto social e político em que a tradução é inserida e produzida, Tymoczko (2013) afirma que

Repetidamente, estudos descritivos da tradução demonstraram a relação de todas as facetas da tradução com a ideologia (desde a escolha do texto à estratégia de tradução para publicação) e estabeleceram como as traduções são fundamentadas nas políticas de lugares e épocas específicas. Ao invés de estar fora dos sistemas culturais, a pesquisa descritiva e histórica sobre tradução indica que ela é pré-concebida e que tradutores são comprometidos, envolvidos ativamente, e afiliados a movimentos culturais. [...] é importante observar as implicações lógicas do vocabulário antes de adotá-lo, questionando, nesse sentido, o discurso ideológico da tradução enquanto entre-espço. [...] a tradução, enquanto um meio bem-sucedido de engajamento e mudança social, requer filiação e ação coletiva, como a maioria das ações políticas. (TYMOCZKO, 2013, p. 142-43)

Desta forma, fica ressaltada a importância do comprometimento do tradutor em sua atividade, de forma a compreender que traduzir é ato revestido de escolhas, as quais implicam resultados na forma como o texto final chega ao público.

Wolf (2007) toma emprestada a expressão “olhar sociológico” de Daniel Simeoni e propõe a seguinte divisão, apoiada também em outros autores, de forma a categorizar um Estudo Sociológico da Tradução que possa se desenvolver e promover reflexões sobre a consideração dos fatores abaixo como permanentemente interligados à produção de textos traduzidos:

Sociologia dos agentes: observação e análise do contexto; ressaltam-se os diversos aspectos da participação dos agentes no processo de tradução;

Sociologia do processo de tradução: envolve elementos como a escolha, seleção e distribuição dos textos que serão recepcionados na cultura alvo; vê a tradução como um conjunto de discursos governados por normas, direcionadas através de um processo orientado socialmente.

Sociologia do produto cultural: enfatiza os agentes envolvidos na produção e recepção da tradução, a relevância da tradução enquanto produto cultural e sua contribuição para a construção da imagem, ideologia, identidade e papel sociais.

Sociologia dos Estudos da Tradução: discute tanto a emergência de vários subcampos da Sociologia da Tradução e sua relação com outras disciplinas quanto a definição do mapeamento da disciplina a partir de uma perspectiva histórica e institucional.

Dentro desta perspectiva proposta pela autora, as categorias que mais se destacam na presente pesquisa seriam as análises das **Sociologias: dos agentes**, enquanto se situa o próprio Estado Novo como período que recepcionou a tradução da obra de TR no Brasil, caracterizado como uma era marcada pela forte presença do poder político estatal nas manifestações culturais;

do processo de tradução, desde a escolha do *texto certo* e do *momento favorável* para que a obra de Roosevelt adentrasse nosso polissistema literário; e **do produto cultural**, quando se denominam os personagens envolvidos, evidenciados através das documentações analisadas e estabelecendo conexões entre quem tomava decisões de quais produtos culturais seriam apropriados e aceitos pela ideologia daquela sociedade governada pelo Estado Novo.

A contribuição de Wolf sugere uma organização dos Estudos da Tradução a partir de uma perspectiva sociológica, a qual, segundo ela, vem ganhando espaço na academia nos últimos anos. Rodrigues (2014) relembra a proposta de Venuti que, ao longo de alguns de seus escritos, compreende que é

[...] muito produtivo examinar cada tradução como um acontecimento singular, não com um aparato metodológico previamente construído, mas com um movimento no sentido de observar o que o próprio texto oferece, o que salta à vista na leitura e denuncia a maneira pela qual foi construído. Assim como Berman, Venuti não sugere que se inicie uma análise pelo cotejo entre tradução e texto de partida. **O foco é a tradução e como se situa historicamente** (RODRIGUES, 2014, p.121-22, grifo nosso).

A mesma autora, ao revisar os trabalhos de Arrojo, Berman, Venuti, Lefevere e Bassnett, com foco no papel social das traduções, complementa que seus direcionamentos apontam para a incapacidade de neutralidade do tradutor diante do texto que se propõe a verter para seu público alvo, e que o papel de uma pesquisa produtiva é captar justamente “a intervenção linguística, política, cultural ou social que o tradutor exerce.[...] Arrojo complementa o quadro, ao salientar que o olhar do pesquisador é interferente e relaciona-se estreitamente com a perspectiva pela qual classifica o mundo.” (RODRIGUES, 2014, p.125-26).

Ética é outro tema comumente abordado pelos que se dedicam à Sociologia da Tradução. Wolf (2021) recapitula as discussões sobre questões ligadas à ética do tradutor, onde se pergunta se há uma discussão a respeito da fidelidade ao texto e culturas de partida ou ao de chegada, quais os direitos do tradutor ao tomar decisões que favoreçam uma ou outra na hora de traduzir o texto. E complementa que a ética não deve ser encarada apenas sob o aspecto da fidelidade meramente linguística entre os textos de partida e chegada.

Esteves (2014) propõe o termo “éticas”, considerando que “não há uma única forma de tradução que seja considerada a mais correta ou a melhor. As éticas se adaptam a seus contextos histórico-sociais.” (ESTEVES, 2014, p. 15). A mesma autora, ao refletir sobre as circunstâncias culturais e condições de produção de um texto de partida e sua relação com as escolhas do tradutor, pondera que é muito simplista categorizar apenas no nível de *bom* ou *ruim* e desconsiderar o conjunto que influenciou as tomadas de decisão sobre a tradução:

[...] as traduções e os tradutores são consequência e reflexo de uma época, de uma ideologia e de muitas outras restrições. Em vez de considerar a ética da tradução em termos do que é “bom” ou “ruim”, ou mesmo em termos de qual estratégia é mais aceitável ou respeitosa em relação ao texto fonte, é mais produtivo pensar nas traduções como objetos culturais que são moldados e têm um papel moldador numa certa cultura. (ESTEVEVES, 2014, p. 280)

Wolf (2021) cita a crítica de Arrojo sobre intenções de se estabelecer alguma espécie de código de ética do tradutor, a qualquer tempo ou lugar, exatamente porque tal código refletiria apenas aquele tempo e aquele lugar, sendo impraticável com o passar do tempo. Mas Wolf é da opinião que a falta de tal código reflete a ausência de um referencial nacional de “códigos profissionais e éticos que regulam o comportamento dos tradutores e sua responsabilidade” (WOLF, 2021, p. 353). Embora ainda haja muitos campos a se pesquisar na área, Wolf afirma que apenas a Sociologia não dará conta de fornecer respostas para todos os problemas dos Estudos da Tradução, mesmo que se adotem perspectivas e ferramentas pautadas na disciplina.

6.1 ASPECTOS SOCIOLÓGICOS NAS TRADUÇÕES DE *THROUGH THE BRAZILIAN WILDERNESS*

O relato de Theodore Roosevelt fez muito sucesso ao ser publicado nos EUA e em outros países de língua inglesa, em 1914. Porém, permaneceu completamente desconhecido pelos brasileiros até a sua chegada no país, primeiro com a tradução do Ministério da Agricultura, em 1943, e logo em seguida com a segunda tradução, promovida pela editora comercial Companhia Editora Nacional, em 1944.

Blume e Peterle (2013) atentam para o fato de que traduzir um texto é proporcionar a ele uma continuidade de existência ou, nas palavras de Walter Benjamin, é deixá-lo *perviver*. Ainda que tenha levado praticamente 30 anos entre sua publicação e a tradução, permitir a chegada do relato de Roosevelt deu sobrevida ao que ele (d)escreveu sobre o Brasil, naquilo que Lefevere (1992) definiu como reescrita, pois “[...] o valor intrínseco de uma obra literária não é suficiente para garantir sua sobrevivência. Sua sobrevivência é assegurada ao menos na mesma extensão através da reescrita. Se um autor não é mais reescrito, a obra dele ou dela será esquecida.”¹⁶³ (LEFEVERE, 1992, p. 112). Esteves (2014) comenta a respeito da sobrevida do texto e seus efeitos ao chegar em época e sociedades totalmente distintas daquela que primeiramente o conheceu:

¹⁶³ [...] the "intrinsic" value of a work of literature is by no means sufficient to ensure its survival. That survival is ensured at least to the same extent by rewritings. If a writer is no longer rewritten, his or her work will be forgotten.

Um texto, assim como uma tradição cultural, poderia viver em isolamento durante décadas, talvez até mesmo durante séculos, dentro de fronteiras bastante limitadas, sem causar problemas. Mas uma vez desfeito o isolamento, seja por atividades passivas, como qualquer visitação originada de fora, ou por iniciativas ativas, como qualquer informação exportada que parte de dentro, uma comparação cultural é inevitável. A tradução é uma dessas iniciativas ativas que podem ter diversas consequências, e ao tradutor cabe ponderá-las. (ESTEVEVES, 2014, p. 299)

A mesma autora, ao abordar questões de ordem política e econômica para elencar a presença de obras brasileiras traduzidas nos EUA a partir dos anos 1940, relembra que os produtos culturais não foram trocados na mesma medida, o que se deu, em alguma medida, pelas forças em desequilíbrio operando junto aos interesses (e interessados) envolvidos. Uma parte da explicação se deve à atuação dos “agentes culturais”, indivíduos movidos por um interesse econômico ou por motivações pessoais (ou talvez por uma mistura das duas vertentes)” (ESTEVEVES, 2016, p. 20).

Como observamos neste trabalho, o próprio Rondon movimentou sua rede de contatos, a pedido do ministro da Agricultura, para interferir pessoalmente na vinda do texto para ser traduzido no Brasil. Obviamente, outros atores envolvidos no processo podem ter agido para atender a suas próprias conveniências, no que Lefevere (1992) chama de patronagem, quando identificamos possíveis motivações ideológicas e/ou financeiras alinhadas às instituições que promoveram as traduções. Seja na tradução realizada pelo MA, onde em diversos trechos o texto de TR se coaduna com ideologias e propagandas que o Estado Novo impunha, seja na da CEN, que igualmente pode ter sido financiada pelo conjunto de organizações americanas que davam suporte aos produtos culturais produzidos durante o governo de Vargas, em ambas as traduções os objetivos foram alcançados.

Ainda sobre os possíveis *vestígios* ideológicos presentes no texto, Lefevere (1992)¹⁶⁴ considera essencial que o tradutor tenha o cuidado de escolher as estratégias tradutórias adequadas para solucionar problemas relacionados ao “universo do discurso” expresso no original, como a linguagem, os conceitos, objetos, costumes que faziam parte do mundo do escritor da obra. Lefevere (1992) afirma que, ainda que orientado através de normas e ideologias vigentes à sua época, o tradutor não é um indivíduo sem princípios ou escrúpulos, pronto a atacar o texto e moldá-lo sistematicamente, potencialmente associado à visão do tradutor/traidor:

Não é minha intenção causar a impressão de que há “lá fora” um grupo de tradutores, críticos, historiógrafos, editores e antologistas cruéis, sem princípios e cheios de

¹⁶⁴ The ideology dictates the basic strategy the translator is going to use and therefore also dictates solutions to problems concerned with both the "universe of discourse" expressed in the original (objects, concepts, customs belonging to the world that was familiar to the writer of the original) and the language the original itself is expressed in. (LEFEVERE, 1992,Page 41)

astúcia, rindo com desdém enquanto “traem” sistematicamente qualquer obra literária com a qual estejam trabalhando. Ao contrário, a maioria dos reescritores de literatura geralmente é meticulosa, trabalhadora, instruída e tão honesta quanto é humanamente possível. Eles só vêem seu trabalho como óbvio, a única maneira [de fazer], ainda que tal maneira tenha, historicamente, se alterado ao longo dos séculos. Os tradutores, para acabar de vez com o velho provérbio, precisam ser traidores, mas na maioria das vezes nem sabem disso, e em quase todas as vezes não têm escolha, ao menos enquanto continuarem dentro das fronteiras de sua cultura, a do nascimento ou a que adotaram.¹⁶⁵ (LEFEVERE, 1992, p. 13)

Lefevere¹⁶⁶ (1992) fala também sobre aquilo que, com frequência, fica “perdido” na tradução: quando os leitores têm a possibilidade de cotejar entre várias versões da tradução, percebem que muitas vezes não é possível alcançar uma “combinação ideal” de estratégias ilocucionárias nos textos. E explica: é preciso privilegiar uma estratégia em detrimento de outras, o que, por vezes, pode resultar em uma certa *falta de estilo*, fica *algo desajeitado*, sentem *estranheza* naquilo que lêem. Mas os problemas geralmente ocorrem tanto pela própria diferença entre as línguas quanto pela poética que domina a época em que o original foi traduzido.

A respeito da tradução realizada pelo MA, nota-se ao longo do cotejo uma certa atenuação de algumas palavras, especialmente quando se tratava das observações (às vezes em palavras *duras*) de Roosevelt sobre a miscigenação brasileira, algo que estava começando a ser repensado, especialmente através de sociólogos como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e outros. Dado o contexto de uma obra vinda ao público através de um órgão de Estado, e uma aparente reformulação, naquele período, dos conceitos relativos à mistura das 3 raças que compunham a sociedade, Esteves (2014) aponta como adequação o comportamento do tradutor ao optar pela suavização de certos temas:

Entretanto, autores de traduções escritas muitas vezes se veem levados, por algum motivo, a suavizar a rudeza de algumas palavras, usar cores menos vibrantes ao

¹⁶⁵ It is not' my intention to give the impression that there is a ruthless, unprincipled, and excessively cunning band of translators, critics, historiographers, editors, and anthologists "out there," snickering as they systematically "betray" whichever work(s) of literature they are dealing with. On the contrary, most rewriters of literature are usually meticulous, hard-working, well-read, and as honest as is humanly possible. They just see what they are doing as obvious, the only way, even if that way has, historically, changed over the centuries. Translators, to lay the old adage to rest once and for all, have to be traitors, but most of the time they don't know it, and nearly all of the time they have no other choice, not as long as they remain within the boundaries of the culture that is theirs by birth or adoption.

¹⁶⁶ Readers who are able to compare the original and a number of translations, [...] are often also able to point out why the "ideal combination" of illocutionary strategies has not been achieved in the translation. The reason is often to be found in the simple fact that one strategy is privileged above others in the translation, and that this is felt to result in what is often described as "awkwardness, woodenness, lack of style," not for reasons grounded in the text of the original as such, but for reasons extrinsic to the text. One reason is the difference between the languages in which the original and the translation have been expressed; the other reason is the dominant "poetics" of translation at the time a particular translation is made. (LEFEVERE, 1992, Page 99)

criarem um “quadro típico” de determinada cultura, ou até neutralizarem atitudes exaltadas de uma ou mais partes. Nessas situações, traduzir adequadamente significa muito mais do que traduzir com precisão ou ser fiel a um texto original. Em termos bem gerais, uma tradução adequada seria aquela que não agitasse ou estimulasse sentimentos de intolerância que pudessem levar a algum resultado violento. (ESTEVES, 2014, p. 282)

A mesma autora chama a atenção para certas restrições impostas pela ideologia vigente à época de uma tradução, principalmente quanto a períodos de forte censura em virtude de governos totalitários, o que se assemelha ao Estado Novo de Getúlio Vargas:

O próprio controle do que pode ou não ser traduzido e publicado em um país, todos os instrumentos de censura que se observaram ao longo dos séculos, as traduções sanitizadoras ou moldadoras que adequaram determinados textos a agendas políticas em regimes totalitários, tudo isso serve como exemplo de ato de tradução que estimula pessoas a certo tipo de comportamento, a adesões políticas ou à rejeição de determinados modelos. (ESTEVES, 2014, p. 270)

Tymoczko (2013) enfatiza aspectos extratextuais explicitamente *partidários* presentes no texto de uma tradução, o que muito se assemelha com o prefácio do ministro Sales, do MA, onde fala da análise “com carinho e justeza” de TR sobre o Brasil, a aproximação pan-americana, as conexões entre TR e o presidente Franklin D. Roosevelt (“uma família notável por todos os títulos”), e o sentimento de fraternidade entre brasileiros e americanos (“um povo irmão, que admiramos, queremos e respeitamos”), entre tantos outros adjetivos inseridos no começo do livro. A mesma autora, discorrendo sobre seu conceito de tradução metonímica, afirma que:

Traduções são, de maneira inevitável, parciais; o significado em um texto é sobredeterminado, e a informação sobre um texto fonte, bem como seu significado são, portanto, sempre mais extensos do que uma tradução pode comportar. [...] Como resultado, os tradutores devem fazer escolhas, selecionando aspectos ou partes de um texto para transpor e enfatizar. Tais escolhas, por sua vez, servem para criar representações de seus respectivos textos-fonte, representações que, por sua vez, também são parciais. Tal parcialidade não é meramente um defeito, uma carência ou uma ausência em uma tradução – é também **um aspecto que faz da tradução um ato partidário: engajado e comprometido, de forma implícita ou explícita**. De fato, a parcialidade é o que diferencia as traduções de obras iguais ou semelhantes, fazendo com que sejam flexíveis e diversas, o que possibilita que participem da dialética do poder, do processo contínuo do discurso político e das estratégias de mudança social. **Tais representações e compromissos ficam evidentes quando se analisam** as escolhas feitas pelos tradutores palavra por palavra, página por página e texto por texto, e também são demonstráveis, com frequência, nos **materiais paratextuais que circundam as traduções, incluindo introduções**, notas de rodapé, **resenhas, críticas** literárias e assim por diante. As próprias palavras associadas a política e ideologia enfatizadas aqui sugerem o nexo de metonímia e engajamento na atividade tradutória, indicando que a natureza parcial das traduções é o que as torna também políticas.¹⁶⁷ (TYMOCZKO, 2000, p. 24, grifos nossos)

¹⁶⁷ Translations are inevitably partial; meaning in a text is overdetermined, and the information in and meaning of a source text is therefore always more extensive than a translation can convey. [...] As a result, translators must make choices, selecting aspects or parts of a text to transpose and emphasize. Such choices in turn serve to create representations of their source texts, representations that are also partial. This partiality is not merely a defect, a lack, or an absence in a translation – it is also an aspect that makes the act of translation partisan: engaged and

É nítida a proposta de trazer o texto naquele momento histórico de parceria entre Brasil e EUA, pois as manifestações do ministro Sales apelam para o sentimento de patriotismo e solidariedade hemisférica do leitor, apresentando a leitura de *Nas selvas do Brasil* como instrumento de reforço de uma “irmandade” entre os brasileiros e americanos.

A seguir passaremos aos resultados da pesquisa e uma amostra do cotejo, contendo alguns dos aspectos mais constantes nele observados.

6.2 RESULTADOS E ALGUNS ASPECTOS CONSTANTES OBSERVADOS NO COTEJO

Antes de apresentar os aspectos repetitivos no cotejo, cabe ressaltar outras observações, dúvidas e inquietações ocorridas na pesquisa.

Há uma ocorrência constante na tradução da CEN de falta de acentuação gráfica, como será possível verificar no cotejo do apêndice deste trabalho. Causou estranhamento o fato, até encontrar uma possível resposta em uma carta de Monteiro Lobato, o qual atuava muito nos bastidores na empresa. Ele apelou pessoalmente, em 1937, ao ministro da Justiça, Francisco Campos, para evitar prejuízos econômicos à CEN em virtude da nova ortografia vigente após a instalação do Estado Novo. De modo a evitar a inutilização de 400 mil livros didáticos, propôs uma saída, não sem antes expressar seu completo descontentamento com a mudança:

São Paulo, 5,12,37. Prezadíssimo Dr. Francisco Campos: O anúncio de que vai ter fim a nossa ridícula desordem ortográfica foi recebido com um suspiro de alívio. Mas há repercussões econômicas a serem atendidas. Meto o bedelho no assunto porque, embora não seja editor, lido com êles e vejo o perigo que correm. Com a dualidade de ortografias, alguns Estados ficaram com a nova e outros com a velha. Isso forçou as casas editôras a fazer o mesmo livro (escolar) nas duas, único meio de atender ao absurdo da situação criada pelo Poder, primeiro mandando pôr em uso a ortografia nova e depois declarando na Constituição estar em uso a velha. A Cia. Editora Nacional, por exemplo que é onde edito meus livros, tem um estoque de 800.000 coisas escolares, metade na nova, metade na velha. Não procedeu assim por capricho, nem de vontade própria; sim por injunção do dualismo legal. E se agora a nova ortografia é adotada nas escolas, essa benemérita emprêsa sofrerá grande perda, com o inevitável encalhe dos 400 mil volumes que depois de 34 teve de editar na velha. Na mesma situação se acham as demais casas editôras que também exploram o livro didático. [...] Pelo estudo que fiz do assunto só vejo dois caminhos: o Govêno indenizar os editôres por meio da compra do estoque didático feito na velha, ou

committed, either implicitly or explicitly. Indeed partiality is what differentiates translations of the same or similar works, making them flexible and diverse, enabling them to participate in the dialectic of power, the ongoing process of political discourse, and strategies for social change. Such representations and commitments are apparent from analyses of translators' choices word-by-word, page-by-page, and text-by-text, and they are also often demonstrable in the paratextual materials that surround translations, including introductions, footnotes, reviews, literary criticism and so forth. The very words associated with politics and ideology emphasized here suggest the nexus of metonymy and engagement in the activity of translation, indicating that the partial nature of translations is what makes them also political.

estabelecer prazo, talvez de 2 anos, em que seja facultativo às escolas utilizarem-se dêesses livros. [...] Outro ponto, Dr. Campos, em que a ação dum homem de alta inteligência e de senso prático pode interferir com grandes vantagens para o futuro da nossa terra, é fazer que na nova reforma ortográfica a questão dos acentos se resolva de modo menos irracional do que o foi na acadêmica. Menos irracional e menos antieconômico. Nossos “imortais” *faineantes*, esquecidos de que a ortografia não era para uso exclusivo dêeles e sim de milhões de mortais que têm o que fazer, complicaram a grafia das palavras mais simples com acentos que de nenhum modo se justificam. [...] Êsse negócio de acentos assume para nós mortais um aspecto econômico que ainda não foi estudado. Talvez que a expansão do Império Britânico tenha como um dos fatôres o lucro de tempo decorrente de não haver na língua inglêsa acentos. Abro ao acaso uma tradução francesa dos “Essays” de Macaulay e numa página conto 78 acentos; essa mesma página Macaulay a escreveu sem um só. Talvez o tempo que os franceses perderam no século 17 e 18 em enfeitar sinaizinhos as palavras haja sido a razão de os inglêses terem chegado primeiro a tantas terras que foram pegando... Revoltado contra os acentos acadêmicos, usei do meu prestígio na Editôra Nacional para uma guerra à excrescência, e consegui que a emprêsa editasse centenas de milhares de livros com a “desacentuação” exemplificada no livro que remeto como amostra. E não sei de uma só criança que, lendo-o, sinta falta das pulguinhas suprimidas.[...] (LOBATO, 1964, p. 29-30, grafado conforme o original)

A carta é extensa e trata ainda do pedido de Lobato para a desoneração do imposto sobre o papel para os livros, pois o benefício só era concedido ao papel para revistas e jornais. O que impressiona na carta é o tom irônico e humorado para relatar o descontentamento, seguido do pedido de auxílio do ministro. A CEN não foi a única a padecer financeiramente com a transição da forma escrita ocorrida no Estado Novo. Wyler (2001) igualmente relata que a nova ortografia causou transtornos e grandes prejuízos à Editora Globo, com enormes quantidades de livros inutilizados: “[a editora] [...] amargava uma perda de 50 toneladas de livros tornados obsoletos pela reforma ortográfica de 1942 e as medidas econômicas do governo do general Eurico Gaspar Dutra (1946-1951)”. (Wyler, 2001, p. 130).

Há problemas com conversão de medidas nas duas traduções, o que poderia causar problemas se alguém se basear nelas para se aventurar a retrazar o caminho percorrido no relato de TR. Foram identificadas duas ocasiões em que estrangeiros refizeram a descida ao rio da Dúvida (hoje chamado Roosevelt): em 1926, por George Miller Dyott, para provar à Sociedade Geográfica Real o testemunho de TR, e no começo dos anos 1990, pelo próprio bisneto dele, Tweed Roosevelt (Millard, 2007).

A seguir apresentamos apenas uma amostra das observações que possuem alguma regularidade entre as duas traduções, que não reflete todas as ocorrências dentro da mesma categoria. A íntegra do cotejo realizado está no apêndice.

Foi observada uma tendência em MA de deixar os termos mais científicos, distanciando o texto do leitor comum brasileiro (quadro 4); também na mesma tradução, possível atenuação de sentidos e romantização do termo *caboclo* ao falar da cor da pele dos

brasileiros, algo constante no texto original de TR (quadro 5); as passagens que se referem à integração do indígena na sociedade, e como já era efetivada através do trabalho na Comissão Telegráfica está no quadro 6; algumas das *previsões* de TR para exploração dos recursos naturais, desenvolvimento e colonização do interior do Brasil estão no quadro 7; o papel dos seringueiros no interior da Amazônia e no fechamento da expedição estão no quadro 8; a ocorrência constante da tradução da palavra *breakfast* como almoço está no quadro 9 e, por fim, algumas ideias referentes à ditadura de Vargas que parecem ter sido inseridas estrategicamente pelo tradutor em MA (quadro 10).

Aparentemente, a tradução de MA mostra uma tendência à linguagem rebuscada, científica, talvez até pela formação em engenharia do tradutor Luís Guimarães. Não é sempre que o texto do Ministério tenta aproximar os termos do leitor. Por outro lado, CEN parece se esforçar mais nesse sentido e simplificar a linguagem, domesticando alguns termos. Vale lembrar que o próprio prefácio do ministro Sales mostrava que o livro foi pensado para o público geral brasileiro, não para um público seletivo que entendia a linguagem científica tão presente na tradução do MA. Da mesma forma, acreditamos que a escrita de TR buscava alcançar igualmente as pessoas comuns, para que pudesse ser outro de seus *best sellers*, ainda que ele tivesse feito um trabalho de caráter científico com a expedição.

Quadro 4 - Linguagem rebuscada

	Charles Scribner's (1914)	Ministério da Agricultura/MA (1943)	Companhia Editora Nacional/CEN (1944)
4.1	The great bulk of the poisonous snakes of America, including all the really dangerous ones, belongs to a division of the widely spread family of vipers which is known as the pit-vipers. (p. 10)	A maior parte das serpentes venenosas da América, inclusive as que são realmente perigosas, pertence à família das “ crotalídeas ”, largamente espalhadas e conhecidas pelo nome de “ botróferas ” (p. 24)	A maior parte das serpentes venenosas da América, inclusive todas as que são realmente perigosas, pertencem a uma secção da disseminadíssima família das víboras, conhecida como a das viboras “ buraqueiras ”. (p. 24)
4.2	But the bats do little damage in this neighborhood compared to what they do in some other places, where not only the mules and cattle but the chickens have to be housed behind bat-proof protection at night or their lives may pay the penalty . (p. 167)	Naquelas imediações, porém, pequenos danos causam esses hematófagos , em confronto com outros lugares em que não somente cavalos, muares e o gado vacum como até mesmo galináceos têm de ser protegidos durante a noite. (p. 117)	Mas naquelas redondezas os vampiros faziam pouco dano, em comparação com o que acontecia em outros lugares, em que não só os muares e o gado , como até as galinhas , têm de ser recolhidos à noite em abrigos impenetráveis aos morcegos, sob pena de perderem a vida . (p. 176)
4.3	Miller told how once on the Orinoco he saw on the bank a small anaconda, some ten feet long, killing one of the iguanas, big, active, truculent, carnivorous lizards , [...] (p. 222)	Miller narrou como, de uma feita, vira, na margem do Orenoco, uma pequena sucuri com uns três metros de comprimento, devorando um	Miller expôs que uma vez, no Orenoco, viu uma pequena sucuri de uns tres metros de comprimento, matando à beira do rio um

		iguana, que é um sáurio grande, ativo e perigoso, [...] (p. 149)	iguano, grande lagarto carnívoro , truculento e ágil [...] (p. 226-27)
--	--	---	---

Fonte: autora

Há, na tradução do MA, um uso constante de termos científicos, como nos exemplos acima: crotalídeas/botróferas, para descrever serpentes, ainda que o autor do relato, TR, não tenha utilizado tais termos para descrevê-las. Por sua vez, a tradução da CEN opta pelo termo popular *buraqueiras* para o mesmo trecho. Na sequência, os morcegos são caracterizados como *hematófagos* por MA, e simplesmente *vampiros* na CEN; o gado (termo popular) é *vacum* em MA, bem como o tradutor Guimarães opta por *galináceos* para referir-se às galinhas (!). No mesmo trecho, CEN mantém a ênfase de TR de que, caso haja descuido na hora de proteger a criação, perde-se a vida dos animais que ficarem à mercê da ação do morcego. Já em 4.3, a preferência do MA pela linguagem científica traduz como sáurio um simples lagarto, além de esquecer de mencionar que o mesmo é carnívoro.

Apesar de o período em que TR escreveu seu relato falar muito sobre sua visão pessoal a respeito da *mistura* do povo brasileiro, e até por ser membro de uma sociedade que legalizava a segregação racial e onde ocorria o linchamento de pessoas negras, representava uma outra época e visão de mundo. A sociedade brasileira que recebeu as traduções, ao menos em tese, estava começando a modificar a concepção da miscigenação como *uma coisa nossa*, a ser valorizada. Há muita troca de termos raciais do original pela palavra *caboclo* em MA. O termo era *romantizado*, ou qual o sentido assumido pela sociedade brasileira de 1943-44? Barbosa¹⁶⁸ (2022) fala sobre o destaque que Gilberto Freyre e sua obra *Casa Grande e senzala* ganharam nos EUA nesse período: era a época da “exportação” do ideal do Brasil como uma grande *democracia racial*, apesar de ter o mesmo passado escravocrata que os americanos.

Um aviso interessante ao leitor foi encontrado na versão original de *Through the Brazilian wilderness* que utilizei no meu mestrado: a edição, publicada em 2008, teve o cuidado de inserir um alerta na página que contém informações sobre a publicação: “Este livro é produto de seu

¹⁶⁸ “Gilberto Freyre e a geopolítica da raça: a circulação transatlântica de Casa-Grande & Senzala”, disponível em: <https://transatlantic-cultures.org/pt/catalog/gilberto-freyre-e-a-circulacao-transatlantica-de-casa-grande-e-senzala>

tempo e não reflete os mesmos valores se tivesse sido escrito nos dias atuais. Os pais devem discutir com seus filhos sobre como as visões sobre raça mudaram antes de permitir que leiam esta obra clássica.”¹⁶⁹ (ROOSEVELT, 2008, s/p)

TR fala, com constância, sobre a miscigenação dos brasileiros: aparenta ver, em primeiro lugar, a cor das pessoas com quem teve contato, categorizá-las segundo seu próprio *catálogo de cores*, para depois fazer observações sobre caráter ou comportamento. A impressão geral, durante a leitura, é de que, quando se trata da descrição da miscigenação dos brasileiros, MA apresenta uma versão mais amenizada do texto. Opta, várias vezes, por utilizar a palavra caboclo, em vez de falar dos termos, nem sempre suaves, de TR. Já a tradução de CEN parece ser mais aproximada dos sentidos do original.

Quadro 5 - Miscigenação da população

	Charles Scribner's (1914)	Ministério da Agricultura/MA (1943)	Companhia Editora Nacional/CEN (1944)
5.1	It was interesting to find that my hosts, and the mixed-blood hunters and ranch workers, [p. 84]	Era interessante notar como os nossos hospedeiros, os caçadores e os trabalhadores da fazenda [...] (p. 67)	Era interessante observar que nossos hospedeiros, os caçadores mestiços e trabalhadores da estância, [p. 95]
5.2	The agility, nerve, and prowess of the ranch workmen, the herders or gauchos, were noteworthy. The darkskinned men were obviously mainly of Indian and negro descent, although some of them also showed a strong strain of white blood. They wore the usual shirt, trousers, and fringed leather apron, with jim-crow hats . (p. 92)	O destemor e a agilidade dos vaqueiros eram notáveis. A cor da pele daquela gente indicava claramente sua origem indígena e negra, posto que alguns revelassem também fortes traços de sangue branco. Usavam camisas comuns, calças, um avental de couro franjado e chapéus deformados . (p. 72)	A agilidade, coragem e proezas dos trabalhadores da fazenda, vaqueiros ou gaúchos eram dignas de atenção. Os homens de pele escura eram, de maneira evidente, descendentes de índios e de pretos, embora alguns também mostrassem forte dose de sangue branco. Vestiam a camisa usual, calças e avental de couro franjado, com chapéus batidos à frente. (p. 103-104)

¹⁶⁹ This book is a product of its time and does not reflect the same values as it would if it were written today. Parents might wish to discuss with their children how views on race have changed before allowing them do read this classic work.

5.3	<p>Next morning, with real regret, we waved good-bye to our dusky attendants, as they stood on the bank, grouped around a little fire, beside the big, empty ox-carts. [...] He had with him in the boat his comely brown wife—who was smoking a very large cigar - [...] (p. 94)</p>	<p>Na manhã seguinte despedimo-nos, com bastante saudade, dos nossos caboclos, que ficaram na margem grupados em torno de uma pequena fogueira acesa debaixo do carro de boi. [...] Vinham com ele sua mulher, que era uma morena graciosa e fumava um grande charuto, [...] (p. 73)</p>	<p>Na manhã seguinte, com sincera tristeza acenamos nosso adeus aos escuros servidores que ficaram na barranca, agrupados ao redor de um foguinho, junto aos grandes carros de bois vazios. [...] Tinha consigo, no barco, sua simpática e morena esposa — que estava fumando um enorme charuto — [p. 105]</p>
5.4	<p>The paddlers were natives of the poorer class. They were good men. The bowsman was of nearly pure white blood; the steersman was of nearly pure negro blood, and was evidently the stronger character and better man of the two. The other canoes carried a couple of fazendeiros, ranchmen, who had come up from Cáceres with their dogs. These dugouts were manned by Indian and half-caste paddlers, and the fazendeiros, who were of nearly pure white blood, also at times paddled vigorously. [...] There was every gradation between and among the nearly pure whites, negroes, and Indians. On the whole, there was most white blood in the upper ranks, and most Indian and negro blood among the camaradas; but there were exceptions in both classes, and there was no discrimination on account of color. All alike were courteous and friendly. (p. 134-135)</p>	<p>Estes eram da classe mais humilde e bons homens. O que remava à proa era quase branco e o da ré, o melhor deles, era negro e demonstrava mais forte personalidade. As demais canoas conduziam alguns fazendeiros e proprietários que tinham vindo de Cáceres com seus cães. Eram pilotadas por índios e mestiços; mas, os fazendeiros, que eram quase brancos, de quando em vez também remavam e o faziam vigorosamente. [...] Notava-se verdadeira graduação de cores entre pretos, índios e brancos. Nas camadas sociais mais elevadas geralmente se percebia maior quantidade de sangue branco; entre os camaradas eram comuns negros e índios, embora houvesse algumas exceções, o que, entretanto, em nada influía em suas relações sociais. Todos eram corteses e se tratavam amigavelmente. (p. 98)</p>	<p>[...] canoa com dois remeiros, nativos das classes mais pobres, gente boa. o remeiro da frente era de quase pura raça branca; o da ré, quase preto legítimo, e evidentemente era o de melhor caráter entre os dois. as outras duas canoas levavam dois estancieiros que tinham vindo de Cáceres com seus cães. estas montarias estavam tripuladas com remeiros índios e mestiços; e os fazendeiros, que eram brancos quase puros, também remavam vigorosamente algumas vezes. [...] havia todas as gradações de raças entre branca quase pura, a negra e a indígena. no conjunto, havia mais sangue branco nas classes altas e mais de negro e índio entre os camaradas; mas notavam-se exceções em ambas as classes, e não havia distinções por questão de cor. todos eram igualmente corteses e amistosos. (p. 144-145)</p>

Fonte: autora

Em 5.1, MA oculta o *mixed-blood*, citado muitas vezes por TR ao longo do texto. Em 5.2, *darkskinned* é ocultado na tradução do MA, que adiciona ainda a cor da pele *daquela gente*, como um tipo de distanciamento entre o narrador e os que são descritos. *Jim-crow hats*, termo escolhido por TR para caracterizar os chapéus dos peões, remete ao personagem da época das leis de segregação racial de pessoas negras nos EUA. Estariam naturalizadas, ou normalizadas, tais descrições na época do relato? Os tradutores não trouxeram nota de rodapé para o leitor. Em 5.3, MA traduz *dusky* por caboclo: há várias trocas de termos que TR descreve como escuros (e derivados) por caboclos (seria uma visão romantizada?). Este é um dos trechos de críticas de Agenor Soares de Moura (que publicou artigo no jornal, em 1945, apontando falhas nesta tradução) quanto à troca da preposição *beside* por *debaixo*; “apesar” de *brown*, a esposa é uma *morena graciosa*. Em 5.4 há um trecho longo e repleto da “categorização por cores” tão presente na narrativa. A tradução do MA, no geral, aliviou as descrições tão enfáticas de TR. A percepção do autor era de que a cor da pele não fazia diferença no tratamento entre os brasileiros; o choque pareceu ficar só na mentalidade americana de TR mesmo. No Brasil que recepcionou as traduções, era algo importante de se divulgar, pois se traçava naquele momento a imagem de um Brasil como uma “democracia racial”.

O quadro 6 mostra a integração dos indígenas através do trabalho executado na Comissão Telegráfica de Rondon. TR mostra o sertanista como alguém interessado em acomodar os indígenas aos costumes da sociedade brasileira, através do trabalho, mas com respeito aos costumes e crenças. Eram trabalhadores do Estado brasileiro, recebiam salários e estudo. Como parte da “educação dos índios” mencionada em seção anterior, alguns trechos do quadro XX mostram a preocupação de Rondon em proporcionar moradias com condições de limpeza e higiene.

Quadro 6 - Integração dos indígenas na sociedade

	Charles Scribner's (1914)	Ministério da Agricultura/MA (1943)	Companhia Editora Nacional/CEN (1944)
6.1	The commission pays the ordinary Indian worker 66 cents a day; a very good worker gets \$1 and the chief \$1.66. No man gets anything unless he works. Colonel Rondon, by just,	A Comissão pagava ao trabalhador comum, índio, 66 centavos por dia; aos melhores, um dólar e aos que chefiavam turmas, um dólar e 66 centavos. O Cel. Rondon, pela sua maneira justa e bondosa de	A Comissão paga a um operario indio comum 66 centésimos de dolar por dia. Um bom trabalhador ganha 1 dolar e o capataz ganha 1 e 55 centésimos. Ninguem recebe dinheiro sem

	kindly, and understanding treatment of these Indians, who previously had often been exploited and maltreated by rubber-gatherers, has made them the loyal friends of the government. (p. 188)	tratar esses índios, que anteriormente eram explorados e maltratados pelos seringueiros, transformou-os em verdadeiros amigos do governo. (p. 129)	trabalhar . Usando de um tratamento justo, benévolo e tolerante para com aqueles índios, dantes explorados pelos seringueiros, o cel. Rondon transformou-os em leais amigos do governo. (p. 195)
6.2	[about the Parecis] In this village he [Rondon] has got them to substitute for the flimsy Indian cabins houses of the type usual among the poorer field laborers and back-country dwellers in Brazil. [...] They are usually open at the sides , [...] (p. 190)	[Sobre os Parecis] Nessa aldeia conseguiu ele [Rondon] que os índios substituíssem suas tabas por habitações comuns das do tipo usado pelos trabalhadores do interior do país, [...] Geralmente são abertas dos lados , [...] (p. 130)	Naquela aldeia, ele fez substituírem as imundas malocas por casas de tipo usual entre os mais pobres trabalhadores da roça do Brasil. [...] Tem em geral tres lados abertos , [...] (p. 197)
6.3	At Utiarity there is a big Parecis settlement and a telegraph station kept by one of the employees of the commission. His pretty brown wife is acting as schoolmistress to a group of little Parecis girls. The Parecis chief has been made a major and wears a uniform accordingly. The commission has erected good buildings for its own employees and has superintended the erection of good houses for the Indians. (p. 195)	Em Utiariti existem uma grande aldeia parecis e uma estação telegráfica chefiada por um dos empregados da Comissão. Sua morena e graciosa esposa servia de professora a um grupo de rapariguinhas parecis. O chefe da aldeia havia sido nomeado major e usava o respectivo fardamento. A comissão construiu bons prédios para seus empregados e está superintendendo a construção de higiênicas habitações para os índios. (p. 133)	Em Utiariti existiam um grande aldeamento pareci e uma estação telegráfica aos cuidados de um dos empregados da Comissão. Sua bonita esposa era professora de uma turma de meninas índias. O chefe pareci foi promovido a major e anda fardado. A Comissão fez construir boas casas para seus funcionários e superintendeu a construção de boas moradas para os índios. (p. 201-02)

Fonte: autora

Em 6.1, TR informa que havia três valores como pagamento diário aos trabalhadores da Comissão: 66 centavos de dólar (comuns), 1 dólar (melhores) 1,66 dólares (chefes) e ressalta que ninguém é pago sem trabalhar (só aparece tal ênfase em CEN). Mas CEN diminuiu o salário do chefe para 1,55 (!) na tradução. Rondon é também compreensivo (*understanding*) com seus funcionários indígenas (torna-se tolerante em CEN e tal adjetivo nem aparece em MA); além de explorados, os indígenas eram também maltratados pelos seringueiros (apagado em CEN). Em 6.2, o adjetivo *flimsy* (frágil/precário) usado por TR foi traduzido por *imundo* em CEN, e nem aparece em MA – teria apagado a crítica de TR? Sobra ainda a dúvida se MA não quis caracterizar as casas dos trabalhadores do interior do país como os mais pobres (poorer), tal qual descrito por TR.

Em 6.3, relembando as categorias de empregados e seus pagamentos há algumas passagens anteriores, o funcionário de Utiariti não foi marcado como chefe no texto de TR (a estação era mantida, *kept by*, por ele, como um empregado simples, não um chefe), mas MA o marca como se chefe fosse. TR, em sua sempre presente escala de cores, repara que a esposa do funcionário era *brown* (apagado em CEN), que MA traduziu como morena (atenuou). *Good houses*, no conceito de MA, se tornou *higiênicas habitações* (TR foi inespecífico sobre o que seria uma boa casa).

Há também menções de TR sobre as possibilidades que o futuro reserva aos locais onde ele previu que poderiam ser economicamente explorados. Cachoeiras que poderiam proporcionar usinas hidrelétricas, o clima que seria ameno, a terra que seria aproveitada para o cultivo de café e até mesmo a mineração de ouro, objetivos que se adequavam aos planos da Marcha para o Oeste do governo de Vargas:

Quadro 7 - Colonização do interior do Brasil

	Charles Scribner's (1914)	Ministério da Agricultura/MA (1943)	Companhia Editora Nacional/CEN (1944)
7.1	From June to September the nights are often really cold. Any sound northern race could live here; and in such a land, with such a climate, there would be much joy of living. (p. 176)	De junho a setembro costuma haver noites realmente frias. Qualquer raça pura do norte poderá aí radicar-se, pois que tal terra e tal clima prodigializariam excelente viver. (p. 122)	De junho a setembro as noites são frias, de fato, qualquer raça forte do setentrão podia viver ali com alegria, tais eram a terra e o clima. (p. 185)
7.2	This country and the adjacent regions, forming the high interior of western Brazil, will surely some day support a large industrial population; of which the advent would be hastened, although not necessarily in permanently better fashion, if Colonel Rondon's anticipations about the development of mining, especially gold-mining, are realized. (p. 211)	Esta região e adjacências, que constituem o altiplano do oeste brasileiro, hão de se transformar em grande centro industrial não muito remotamente se o Cel. Rondon conseguir realizar seu plano de mineração, especialmente na parte relativa às minas de ouro. (p. 143)	Esta e mais as bacias adjacentes, que formam o altiplano interior do Brasil Ocidental, serão no futuro a sede de uma grande atividade industrial, cujo surto seria facilitado se as previsões do coronel Rondon sobre exploração de minas, especialmente de ouro, se realizassem. Isto não significa que seja essa a melhor maneira permanente de se chegar àquele resultado. (p. 216)
7.3	This camp was very lovely. [...] All around us, and across the bay, and on both sides of the long water-street made by the river , rose the	Este nosso novo acampamento era muito agradável. [...] Em torno de nós e em ambas as margens do grande rio, erguia-se a floresta	Aquele novo acampamento era muito ameno [...] Em todo o redor, do lado fronteiro à enseada, margeando a avenida aquática que o rio

<p>splendid forest. [...] Here the soil was fertile; it will be a fine site for a coffee-plantation when this region is open to settlement. [...] The very rapids and waterfalls which now make the navigation of the river so difficult and dangerous would drive electric trolleys up and down its whole length and far out on either side, and run mills and factories, and lighten the labor on farms. (p. 290-91)</p>	<p>esplêndida. [...] O solo aqui é fértil; ótima gleba para uma futura grande fazenda de café. [...] Os próprios rápidos e cachoeiras, que no momento são o nosso maior e mais perigoso entrave, suprirão a energia necessária para a movimentação de fábricas e conveniente iluminação. (p. 188)</p>	<p>formava, se erguia a mata imponente. [...] O solo era ali fértil, e seria um ótimo local para o plantio de café, quando esta região fosse aberta ao povoamento. [...] As próprias corredeiras e saltos que agora tanto dificultavam nossa navegação, inçando-a de perigos, alimentariam transmissões elétricas para cima e para baixo e a grande distancia para cada lado; tocariam moinhos e fábricas, e levariam a iluminação aos trabalhos das fazendas. (p. 293)</p>
---	--	---

Fonte: autora

Em 7.1, o excerto fala do planalto do Mato Grosso, ainda no trecho de terra da expedição. Dentre as gradações de cor de TR, tão presentes do decorrer da obra, MA traduziu *sound race* mais acentuada como *pura*, enquanto CEN destacou como *forte*; ambas certamente agradariam a TR: *sound*: *sadio* = puro/forte, *sinônimos* para a *raça do norte* que ele sempre exalta. Em 7.2 temos *as previsões de sucesso* para a colonização do interior do Brasil, que são uma constante do texto de TR, e projetavam a imagem do Brasil e suas possibilidades no exterior; esse trecho fala da expectativa de Rondon sobre a mineração do local por onde passavam; MA informa que havia um plano de mineração do sertanista (mas ele só tinha *expectativas*, segundo TR, e ainda assim não seria o responsável pela exploração). Em 7.3, ainda que *avenida aquática* pareça estranho, CEN se esforça para manter o “brilho” da cena descrita por TR; Há uma constante “chamada” de TR aos potenciais de cada região por onde passou, e o comentário sobre sua abertura para assentamento/povoamento acompanha a mesma ideia (em MA ficou apagado); Apesar de ser a tradução do governo, nessa passagem MA “cortou” vários trechos com as ideias de TR para o desenvolvimento da região do rio da Dúvida, e CEN traduz *electric trolleys* (bondinho elétrico de antigamente) por transmissões elétricas (como se fossem hidrelétricas).

Os seringueiros também foram retratados na parte final da expedição e foram primordiais para o sucesso de seu fechamento. Eles os acolheram, ainda que algumas vezes tenham se assustado primeiro com a presença de não indígenas oriundos da parte desconhecida do rio da

Dúvida (que naquele trecho era conhecido como Castanho). Havia o chamamento do Estado Novo para que os trabalhadores contribuíssem no esforço de guerra, através da extração da borracha na Amazônia, os “soldados da borracha”:

Quadro 8 - Sobre os seringueiros

	Charles Scribner's (1914)	Ministério da Agricultura/MA (1943)	Companhia Editora Nacional/CEN (1944)
8.1	We had already passed many inhabited -and a still larger number of uninhabited - houses. The dwellers were rubber-men, but generally they were permanent settlers also, home-makers , with their wives and children. Some, both of the men and women, were apparently of pure negro blood, or of pure Indian or south European blood; but in the great majority all three strains were mixed in varying degrees. They were most friendly, courteous, and hospitable. [...] (p. 322)	Já havíamos passado por inúmeras cabanas abandonadas e outras habitadas. Seus moradores eram seringueiros, geralmente de residência permanente , com suas mulheres e filhos. Alguns deles, bem como suas companheiras, eram negros puros, outros 100% índios ou ainda de sangue sul-europeu, mas, em regra geral, o que mais se notava, era a miscigenação dessas três raças, em vários graus. Todos se mostravam atenciosos, amigos e hospitaleiros. (p. 207)	Já tínhamos passado bom número de casas habitadas, e ainda maior de casas vazias. Os moradores eram seringueiros, mas geralmente eram habitantes permanentes também , tendo seus lares com esposa e filhos. Alguns, tanto homens como mulheres, mostravam ser de puro sangue negro, ou puro sangue indígena, ou sul-europeu, mas na grande maioria todas as tres raças andavam mescladas em graus diferentes. Eram muito corteses, serviçais e hospitaleiros. (p. 325)
8.2	The Paulistas , hunting for lands, slaves , and mines, were the first native Brazilians who, a hundred years ago, played a great part in opening to settlement vast stretches of wilderness . The rubber hunters have played a similar part during the last few decades. [...] Searching for rubber they made highways of rivers the very existence of which was unknown to the governmental authorities , or to any map-makers. Whether they succeeded or failed, they everywhere left behind them settlers, who toiled, married, and brought up	Os paulistas- bandeirantes , partindo em busca de minas e de novas terras , foram os primeiros brasileiros que, há cem anos passados, representaram o papel mais importante na colonização de vastas extensões de terras desconhecidas . Nestas últimas décadas, o seringueiro tem substituído o bandeirante paulista . [...] Em busca da borracha esquadrinham rios ignorados, que não se encontram nas cartas geográficas. Quer vençam, quer malogrem , deixam outros que os venha substituir, labutando e constituindo famílias.	Os paulistas , na caça das minas, escravos e terras, foram os primeiros brasileiros natos que, ha um século, representaram um grande papel, abrindo ao povoamento grandes extensões de sertões . Os caçadores da borracha repetiram-lhes o feito nos ultimos decenios. [...] Na procura de seringais, converteram em estradas batidas , rios cuja própria existência era ignorada dos governos e dos cartógrafos. Qualquer que fosse seu êxito, deixavam para trás, por toda a parte, povoadores que labutavam, casavam-se e criavam filhos . A colonização, estava iniciada,

	children. Settlement began; the conquest of the wilderness entered on its first stage. (p. 325)	Desse modo inicia-se o povoamento, primeiro passo para a conquista das selvas! (p. 209)	entrando a conquista do sertão na sua fase inicial. (p. 328)
8.3	At the rapids was a big store, the property of Senhor Caripe, the wealthiest rubber-man who works on this river; many of the men we met were in his employ. [...] Senhor Caripe, a firstclass waterman , cool, fearless, and brawny as a bull, came with us as guide. (p. 328)	Nas proximidades das quedas d'água existia um grande armazém de propriedade de um Sr. Caripe, o seringueiro mais rico da região; muitos homens que encontramos ao longo do rio estavam a seu serviço. [...] O Sr. Caripe, profundo conhecedor da região , homem calmo, destemeroso e forte como um touro, serviu-nos de guia. (p. 211)	Na corredeira havia uma grande casa de comercio, propriedade do sr. Caribé (Caripe), o mais abastado dos seringueiros “aviadores” que trabalhavam naquele rio; muitos homens que encontrámos, estavam a serviço dele. [...] O sr. Caribé, canoeiro de primeira classe , calmo, destemido e forte como um touro, foi-nos servir de guia. (p. 331)

Fonte: autora

Em 8.1, MA faz troca com os termos *(un)inhabited* (na verdade encontraram mais casas vazias que habitadas ao longo do rio) e passa a impressão ao leitor de que foram em número semelhante as habitadas e as vazias; TR fala que encontraram seringueiros e colonos pelo caminho (não apenas seringueiros, como em MA) e volta a falar das “categorias de cores”. Em 8.2, MA enfatiza o papel dos bandeirantes (paulistas-bandeirantes); TR apresenta os bandeirantes (para depois os comparar com os seringueiros) como se tivessem iniciado o desbravamento do interior no século XIX (*a hundred years ago*), quando na verdade as bandeiras iniciaram a partir do XVI (nenhuma nota de rodapé dos tradutores para esclarecer). Além disso, os seringueiros adentravam em rios desconhecidos até mesmo pelas autoridades governamentais (apagado em MA); TR fala como se eles “abrissem caminhos” através desses rios (*they made highways of rivers*), mas não que necessariamente esquadriavam, detalhadamente, cada canto, como diz MA, até porque seu conhecimento da região era empírico, não teriam a quem reportar esses conhecimentos. Em 8.3, nota-se que o Sr. José Caripé era um grande seringalista da região do rio Aripuanã, também chamado de “Coronel de Barranco”. Para melhor diferenciar os papéis, seria mais apropriado traduzi-lo como seringalista (o aviador também tinha outro papel, de anotar as vendas aos seringueiros, e era funcionário do seringalista, embora, pelo relato de TR, ele fosse tanto um seringalista que morava no local do barracão, e não em uma grande cidade, como um aviador). O Sr. Caripé conduziu a expedição em sua própria embarcação, e foi elogiado pelas qualidades como condutor (em MA é elogiado por conhecer a região, não pelo fato de transportá-los).

Há uma constante ocorrência da palavra *breakfast* traduzida como *almoço* nas duas traduções. Embora o café da manhã tipicamente americano contenha alimentos bem diferentes do costume brasileiro, que possam saciar por mais tempo, ao menos se considerarmos o horário, não seria possível um *almoço* muito cedo da manhã: a expedição precisaria sair dos acampamentos nas primeiras horas do dia, caso contrário a jornada não renderia o trabalho esperado (além da série de contratemplos que encontraram, especialmente na descida ao Rio da Dúvida). Algumas vezes a palavra é vertida também como café da manhã ou refeição matinal:

Quadro 9 – *breakfast* vertido como almoço

	Charles Scribner's (1914)	Ministério da Agricultura/MA (1943)	Companhia Editora Nacional/CEN (1944)
9.1	We breakfasted before leaving camp, [...] We fared well, on rice, beans, and crackers, with canned corned beef, and salmon or any game that had been shot, and coffee, tea, and matte . I then usually sat down somewhere to write, and when the mules were nearly ready [...] (p. 181)	Almoçamos antes de deixar o acampamento, [...] Comíamos bem: arroz, feijão e bolacha, juntamente com carne em conserva e salmão, além das caças; tomávamos café, chá e mate . Após a refeição matinal , eu geralmente me sentava num local qualquer mais apropriado e escrevia até que os animais estivessem quase prontos, [...] (p. 125)	Almoçávamos antes de deixar o acampamento, [...] Passávamos bem com arroz, feijão, bolachas, carne e salmão em conserva , ou qualquer caça que tivéssemos conseguido, tudo acompanhado de café e chá. Em seguida sentava-me a um lado para escrever, e, quando as bestas estavam arreadas, [...]. (p. 188)
9.2	In the morning Colonel Rondon arranged for us to have breakfast over on the benches under the trees by the waterfall, [...] (p. 193)	Na manhã seguinte o Cel. Rondon mandou servir o almoço nos bancos debaixo das árvores ao pé da cachoeira, [...] (p. 132)	Pela manhã o cel. Rondon dispôs as coisas para fazermos a primeira refeição nos bancos, sob as arvores, junto à cachoeira, [...] (p. 200)
9.3	Next morning the two surveying canoes left immediately after breakfast . (p. 246)	No dia seguinte, as duas canoas ocupadas nos trabalhos de levantamento saíram imediatamente após o almoço . (p. 163)	Na manhã seguinte as duas canoas do levantamento largaram logo depois do café . (p. 250)

Fonte: autora

Em 9.1 há ocorrência de *breakfast* como almoço nas duas traduções (MA acrescenta refeição matinal); apesar de a refeição descrita realmente parecer um almoço, eles não saíam tão tarde assim do acampamento, ou o dia não renderia (só quando os animais se perdiam, pastando...). CEN traduziu que o salmão também era em conserva (era apenas *corned beef*). Em 9.2, há a incidência de almoço para *breakfast* em MA, enquanto em 9.3 *breakfast* novamente vertido como almoço em MA e café em CEN.

Alguns trechos são estrategicamente alterados pela tradução do MA para divulgar ideologias estado-novistas, alterando sentidos, excluindo a cidade de origem (alemã) de um naturalista que integrava a comitiva brasileira, ou adicionando frases que não apareceram no texto original de Roosevelt:

Quadro 10 - Trechos com ideais vinculados ao governo Vargas

	Charles Scribner's (1914)	Ministério da Agricultura/MA (1943)	Companhia Editora Nacional/CEN (1944)
10.1	[about Paraguayan army] The equipments and arms were in good condition; the enlisted men evidently offered fine material , and the officers were doing hard work . It's worth while for antimilitarists to ponder the fact that in every South American country where a really efficient army is developed, the increase in military efficiency goes hand in hand with a decrease in lawlessness and disorder, and a growing reluctance to settle internal disagreements by violence. They are introducing universal military service in Paraguay; the officers, many of whom have studied abroad, are growing to feel an increased <i>esprit de corps</i> , an increased pride in the army, and therefore a desire to see the army made the servant of the nation as a whole and not the tool of any faction or individual. (p. 46)	[sobre o exército paraguaio] O equipamento e as armas estavam em boas condições; os conscritos representavam um bom material humano e os oficiais trabalhavam acendradamente . Fato digno de nota e sobre que devem os antimilitaristas é o que se relaciona com o estabelecimento de corpos do exército nos países sul-americanos, em cujos lugares, à proporção que se vai aprimorando a eficiência militar da tropa, vão diminuindo as desordens e a anarquia , ao mesmo tempo que cresce a repugnância em se resolverem as questões por meio violento. Está se introduzindo o serviço militar no Paraguai de um modo amplo ; os oficiais, muitos dos quais estudaram no estrangeiro, melhoraram o <i>esprit de corps</i> , aumentando seu orgulho pelo exército e conseqüentemente o desejo de vê-lo como instrumento de defesa da nação e não como arma de qualquer facção política ou pessoal . (p. 45-46)	O equipamento e armas estavam em boas condições; os homens alistados constituíam, evidentemente, magnífico elemento humano ; e os oficiais trabalhavam com afinco . Vale a pena, para os anti-militaristas, considerar o fato que se dá em cada país da América do Sul onde seja criado um exército de real eficiência, de o acréscimo de capacidade militar andar de mãos dadas com o decréscimo da ilegalidade e da desordem, e com uma crescente relutância em resolver pela violência as discordias intestinas. Estão introduzindo no Paraguai o serviço militar obrigatório ; os oficiais, dos quais muitos estudaram no estrangeiro, estão sentindo, mais e mais, um intenso <i>esprit de corps</i> , um intenso orgulho pelo seu exército, e portanto o anelo de ver o exército constituído em guarda da nação como um todo e não servindo como instrumento de qualquer facção ou indivíduo. (p. 58)
10.2	The German taxidermist who was with Colonel Rondon's party, Reinisch, a very good fellow from Vienna [...] (p. 109)	O taxidermista alemão, do grupo do Cel. Rondon, chamado Reinisch, aliás um bom companheiro, [...] (p. 84)	O taxidermista alemão que vinha na comitiva do coronel Rondon, Reinisch, boníssimo camarada de Viena , [...] (p. 120)

10.3	He and the colonel, and Kermit and I, talked over school matters at length, and were in hearty accord as to the vital educational needs of both Brazil and the United States: the need of combining industrial with purely mental training , and the need of having the wide-spread popular education , which is and must be supported and paid for by the government, made a purely governmental and absolutely nonsectarian function, administered by the state alone, without interference with, nor furtherance of, the beliefs of any reputable church. (p. 152)	Ele [Cherrie], o coronel, Kermit e eu conversávamos longamente sobre assuntos educacionais e éramos perfeitamente acordes no que dizia respeito à necessidade premente de instrução para o Brasil e Estados Unidos; necessidade de se estabelecer um equilíbrio entre o desenvolvimento intelectual e o ensino prático industrial , estendendo-se a todas as camadas populares e cujos ônus deveriam pertencer exclusivamente ao governo, pois que se trata de função puramente oficial, sem quaisquer interferências partidárias, políticas e religiosas. (p. 109)	Ele, o coronel, Kermit e eu conversávamos demoradamente sobre esse assunto, ficando todos de completo acordo sobre as necessidades da educação tanto no Brasil como nos Estados Unidos: o imperativo de associar o preparo industrial com o preparo intelectual e a necessidade da difusão do ensino primário , que deve ser apoiado e pago pelo governo, como função pública não sectária, só pelo governo administrada, sem interferência nem auxílio de qualquer organização religiosa. (p. 162)
------	--	---	---

Fonte: autora

Em 10.1, o *fine material* descrito por TR tem seu sentido elevado a *magnífico* elemento humano em CEN; já *hard work* ganha no MA a rebuscada tradução “acendradamente” (submeter-se a provas para se aperfeiçoar; apurar-se). Nota-se também que na tradução do MA, em um contexto de membros do Partido Integralista ligados ao exército durante o Estado Novo, as trocas semânticas nesse trecho que exalta o papel do exército fazem pensar nas escolhas tradutórias: ilegalidade vira anarquia, relutância (aversão ou oposição a) vira repugnância. Sobre *universal military service*/modo amplo/obrigatório, mais uma vez, o tradutor de MA parece querer passar alguma mensagem ao seu leitor: ver o exército a serviço da nação torna-o em *instrumento de defesa*, ferramenta/instrumento é *arma* e à facção foi acrescentado *política*, adicionando sentidos às ideias de TR. Em 10.2 é interessante que MA exclui a origem do alemão: *from Vienna*. Poderia ter alguma relação em evitar menções aos nazistas, na época da II Guerra? Em 10.3, a tradução do MA soou um tanto como propaganda política do governo, a conversa surgida durante a expedição coincidentemente calhou com os objetivos do governo Vargas. TR enfatiza sobre a não interferência de organizações religiosas, e o tradutor aparenta pegar o gancho para incluir aí na frase, *sem quaisquer interferências partidárias, políticas e religiosas*.

A íntegra do cotejo pode ser consultada no apêndice deste trabalho.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relacionamos neste trabalho como alguns dos fatores políticos, econômicos e sociais vigentes no Brasil dos anos 1937-1945 puderam se fazer presentes nas duas traduções do relato de viagem de Roosevelt. Buscamos evidenciar tais elementos no cotejo dos textos e suas conexões com a política exercida pelo governo de Vargas, pela Política da Boa Vizinhança, o momento histórico da II Guerra e os valores constituídos naquela época, pois são acontecimentos que, como este estudo procurou mostrar, produzem *vestígios* que se manifestam nos textos e que falam sobre cada sociedade: tanto da que recebeu o original quanto da que recebeu sua(s) tradução(ões). A própria ideia do convite do governo brasileiro para que TR alterasse seu percurso inicial e produzisse posterior relato já foi pensada desde sua concepção como uma propaganda positiva do Brasil no exterior.

Como ficou demonstrado, a tradução *Nas selvas do Brasil* continuou atendendo a propósitos de Estado, repercutindo seus sentidos mesmo em 1976, época da ditadura militar, quando foi relançada pela Itatiaia.

Pelo fato de o objeto de nossa pesquisa se concentrar em um período de intensa disseminação da ideologia do Estado brasileiro, a qual exercia influências em vários setores da sociedade, inclusive no campo da cultura, o conceito de Lefevere sobre patronagem se relaciona com o Estado Novo, via Ministério da Agricultura, que patrocinou uma tradução que divulgava ideias de seu interesse. Além disso, a própria tradução da CEN também atenderia ao mesmo propósito, já que o *Office* e suas ramificações igualmente apoiavam o regime de Vargas (e financiou outras traduções da editora via ACLS).

No caso das traduções de *Through the Brazilian wilderness*, há nítida diferença de estilo: enquanto uma privilegia aproximar os termos científicos do leitor, colocando-os em palavras mais conhecidas (Erichsen/Companhia Nacional), a outra aparenta revestir de muita cientificidade os termos empregados por Roosevelt (Guimarães Junior/Ministério da Agricultura). Ainda que os dois tradutores tivessem formações profissionais parecidas, na área da engenharia, não eram tradutores profissionais. Tinham, provavelmente, vasto conhecimento tanto dos locais visitados pela Expedição Roosevelt-Rondon (no caso de Erichsen, que trabalhou um período de sua vida nas proximidades de onde a viagem ocorreu), quanto de termos técnicos e científicos que tanto atravessam a obra (no caso de Guimarães Junior). Porém, a versão do MA permanece como a tradução até hoje publicada, que por vezes se mostra um texto cansativo e enfadonho que poderia causar desinteresse para o leitor atual. Às vezes

extrapola o sentido que foi descrito por TR, exatamente pela insistência na estratégia da linguagem científica preferida por Guimarães Junior.

Outro aspecto que chama atenção são as expressões relativas à miscigenação da população brasileira. Identificamos que a tradução do Ministério da Agricultura parece atenuar sentidos quando TR fala muito sobre *sangue e raça*, o que ocorre com certa frequência no texto. Há igualmente a preferência pelo termo *caboclo*, para se referir de modo geral aos que não tinham *pureza no sangue*, algo bastante notado e enfatizado por Roosevelt.

O prefácio da tradução do Ministério da Agricultura, disponível na íntegra do texto no ANEXO I - PREFÁCIO DA 1ª EDIÇÃO, conta com manifestações nitidamente favoráveis ao governo dos EUA em plena Política da Boa Vizinhança. O ministro da época, Apolonio Sales, elogia as figuras de Theodore e Franklin Delano Roosevelt, bem como a aproximação *fraternal* entre o Brasil e os EUA, apontando um direcionamento muito claro da ideologia que moveu a referida tradução.

Por fim, a menção no relato de TR a outras características do interior do Brasil e seus personagens favoreceu o discurso que o governo buscava divulgar naquele momento: a descrição do modo de vida dos indígenas e o papel do Estado na sua tutela, a vida dos seringueiros na Amazônia e sua importância econômica no esforço de guerra e a colonização e povoamento do interior do Brasil, com seus potenciais econômicos a explorar.

7.1 DESDOBRAMENTOS E FUTURAS PESQUISAS

A presente pesquisa não se encerra através destas palavras que pretendem rememorar o que foi até aqui alcançado; sabemos que a busca pelo conhecimento não tem fim. Tentaremos delinear futuras pesquisas, que procurem traçar o papel e a história do relato de Roosevelt sobre o Brasil, a partir de pontos que ficaram em aberto e que possam ser melhor compreendidos por outros estudiosos do tema.

Mesmo com pedidos de informações junto à Companhia Editora Nacional, tanto por e-mail e telefone, em 2019, e novamente por e-mail, em 2021, não pude ter acesso a seus arquivos gerais ou digitalização de qualquer espécie. A alegação foi de que não dispõem de acervo referente ao período em que Lobato atuava na editora. Seria uma fonte importante para resgatar a memória da tradução pela CEN, averiguar possível participação (ou não) de Lobato na tradução da obra pesquisada, além de documentações que informassem mais sobre como foi a passagem de Conrado Erichsen como tradutor na editora (cartas, contratos, etc.). O acervo da

editora no CMPH/Unifesp está em tratamento e ainda não inteiramente catalogado, e até o momento não está disponibilizado digitalmente.

A constatação da nota do filho de Conrado, Érico Miró Erichsen, fez surgir uma inquietação na pesquisa: Conrado teria finalizado a tradução? Se não o fez, quem a teria terminado, dentro do quadro da Companhia Editora Nacional? Há pistas de uma alteração da forma como o texto foi traduzido a partir de determinado ponto, visível principalmente a partir de quando *Brazil nuts* passou a ser corretamente vertido para *castanha do Pará* no texto (ver no cotejo). Há também como notar certa alteração no estilo da escrita que, inclusive, passa a não ser mais traduzida tão literalmente como no começo: aparenta um trabalho que foi abreviado, terminado às pressas. As informações trazidas por Milton (2019), sobre a participação de Monteiro Lobato como tradutor muito ativo nas obras da editora, que finalizava ou revisava traduções na CEN, levaram a conjecturar que poderia ter tido alguma participação na tradução do livro. A simpatia americanista de Lobato, demonstrada através de muitas cartas, teria contribuído para a tradução de TR pela CEN, onde era também editor?

Há o lapso temporal entre a morte de Erichsen e o ano da publicação. Na análise documental, ficou evidenciado que a CEN aguardava a regularização dos direitos autorais junto à editora Charles Scriber's, e o pagamento foi feito em outubro de 1942. Quanto tempo levava até ser publicado um livro naquela época? Persiste a dúvida sobre os motivos de a edição da CEN não ter sido republicada. É a tradução que se mostra na íntegra, tal qual o texto de TR, por conter todos os apêndices que o autor escreveu em sua obra. Por que a tradução do MA excluiu o apêndice B, que fala sobre as indicações de Roosevelt sobre materiais que um explorador deve levar para uma expedição na América do Sul? A falta do texto permaneceu nas duas reedições (1976 e 2010).

Outra dúvida surgida no decorrer da pesquisa foi o motivo que levou as traduções do livro chegarem praticamente ao mesmo tempo no Brasil, através de duas editoras totalmente distintas, mesmo que após 30 anos da publicação do original. Ainda que publicadas em 1944, em datas próximas, não se trata de plágio. Qual o motivo de tanto tempo de espera para a obra chegar no Brasil? Em 1914, ela só foi mencionada na revista *Chácaras e Quintais*, e no livro *Conferências de Rondon* (1916). De fato, como já supramencionado e apurado pelo Correio da Manhã, “a crítica dos entendidos guardou um majestoso silêncio” sobre o livro de TR, até 1944.

O tradutor Luís Guimarães, através da bolsa de estudos que ganhou em serviço (não localizamos o ano da viagem), teria sido escolhido para traduzir a obra de TR por causa de seus

conhecimentos em língua inglesa, ou a própria concessão da bolsa pode ter alguma relação com a Política da Boa Vizinhança e sua posterior designação para traduzir o livro?

Acreditamos que as sugestões podem contribuir para abrir outros horizontes que ampliem os conhecimentos de futuras pesquisas a respeito do relato de TR sobre a Expedição Roosevelt-Rondon, suas traduções brasileiras e a historiografia da Tradução no Brasil relacionada ao período do Estado Novo.

REFERÊNCIAS

A EXPEDIÇÃO Roosevelt e o rio da Dúvida: O capitão Amilcar Magalhães contesta o engenheiro Moerbeck. **Jornal A Noite**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 921, p. 1, 18 julho 1914. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/348970_01/4651

ANDRADE, Rômulo de Paula. **A Amazônia vai ressurgir! Saúde e saneamento na Amazônia no primeiro governo Vargas (1930-1945)**. Dissertação de mestrado. Fundação Oswaldo Cruz, 2007. Disponível em <https://www.ppghcs.coc.fiocruz.br/images/teses/andraderp.pdf>

ARROJO, Rosemary. Escrita, interpretação e a luta pelo poder no controle do significado: cenas de Kafka, Borges e Kosztolányi. Trad. Ana Carla Teles. In: BLUME, Rosvitha Friesen; PETERLE, Patricia (org.). **Tradução e relações de poder**. Tubarão: Ed. Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Trad. Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. 2. ed. Tubarão: Ed. Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

BLUME, Rosvitha Friesen; PETERLE, Patricia. Tradução e relações de poder: algumas reflexões introdutórias. In: BLUME, Rosvitha Friesen; PETERLE, Patricia (org.). **Tradução e relações de poder**. Tubarão: Ed. Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

BORGES, Luciana Maia; OLIVEIRA, Maria Clara Castellões de. **Agenor Soares de Moura e a tradução no Brasil dos anos 40 do século XX**. In: Tradução em revista, n. 5, 2008.

BRASIL, Senado Federal. **Missão Rondon: Apontamentos sobre os trabalhos realizados pela Comissão de Linhas Telegraphicas Estratégicas de Matto Grosso ao Amazonas, sob a direção do coronel de engenharia Cândido Mariano Rondon, de 1907 a 1915**. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1916. Reeditado pelo Senado Federal em 2003.

BRUDVIG, Jon L. Theodore Roosevelt and the joys of family life. In: RICARD, Serge (Ed.). **A companion to Theodore Roosevelt**. Malden: Blackwell Publishing, 2011.

BURNS, Adam D. "Half a Southerner": President Roosevelt, African Americans and the South. In: RICARD, Serge (Ed.). **A companion to Theodore Roosevelt**. Malden: Blackwell Publishing, 2011.

COLLINS, Michael L. The education of Theodore Roosevelt. In: RICARD, Serge (Ed.). **A companion to Theodore Roosevelt**. Malden: Blackwell Publishing, 2011.

COMPANHIA EDITORA NACIONAL, [Correspondência]. Destinatário: Charles Scribner's sons. São Paulo, 30.ago. 1941. Cartas entre editores.

ESPINOSA, J. Manuel. **Inter-American beginnings of U.S. cultural diplomacy (1936-1948)**. Washington, D.C.: Department of State Publications, 1976.

ESTEVES, Lenita Maria Rimoli. **Atos de tradução: éticas, intervenções, mediações**. São Paulo: Humanitas; FAPESP, 2014.

_____. **A presença da literatura brasileira no exterior e a importância do agenciamento: uma análise guiada por conceitos da sociologia de Pierre Bourdieu.** *O Eixo e a Roda*, v. 25, n. 1, p. 9-36, 2016.

FGV/CPDOC. **Diretrizes do Estado Novo (1937 - 1945) > Imprensa.** 2020. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/Imprensa>>. Acesso em: 09 de fev. de 2022.

GOMES, Angela de Castro. Ideologia e trabalho no Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo.** Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999.

GRECCO, Gabriela de Lima. **Palavras que resistem: Censura e promoção literária na ditadura de Getúlio Vargas (1937-1945).** Rio de Janeiro: 7letras, 2021.

LEFEVERE, André. **Translation, rewriting, and the manipulation of literary fame.** London: Routledge, 1992.

LEPORE, Jill. **Estas verdades: a história da formação dos Estados Unidos.** Trad. André Czarnobai e Antenor Savoldi Jr. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

LOBATO, Monteiro. **Cartas escolhidas.** Tomo 2. São Paulo: Editora Brasiliense, 1964.

MAGALHÃES, Amilcar Botelho de. **Pelos sertões do Brasil.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

MARTINS, Marcia do Amaral Peixoto. **As contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para a Teoria da Tradução.** *Cadernos de Letras (UFRJ)* n. 27, p. 59-72, dez.2010.

MILLARD, Candice. **The river of doubt: Theodore Roosevelt's darkest journey.** New York: Anchor Books, 2005.

_____. **O Rio da Dúvida: a sombria viagem de Theodore Roosevelt e Rondon pela Amazônia.** Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MILTON, John; BANDIA, Paul. Introduction. In: MILTON, John; BANDIA, Paul (ed.). **Agents of translation.** Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2009.

MILTON, John; EUZEBIO, Eliane. **The Political Translations of Monteiro Lobato and Carlos Lacerda.** In: *Meta*, v. 49, n. 3, p. 481-497, 2004.

MILTON, John. **A importância de fatores econômicos na publicação de traduções: um exemplo do Brasil.** In: *Tradterm*, v. 17, p. 85, 2010.

_____. **Um país se faz com tradutores e traduções: a importância da tradução e da adaptação na obra de Monteiro Lobato.** São Paulo: Martins Fontes, 2019.

MILTON, John; SILVA-REIS, Dennys. The History of translation in Brazil through the centuries. In: GAMBIER, Yves; STECCONI, Ubaldo (org.). **A World Atlas of Translation.** Amsterdam: John Benjamins, 2019. v. 8, p. 395-418.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. Boletim do Ministério da Agricultura – BMA (1930-1947). **Realizando o panamericanismo intelectual**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1942.

_____. Boletim do Ministério da Agricultura – BMA (1930-1947). **"Nas selvas do Brasil", de Teodoro Roosevelt**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1944a.

_____. Boletim do Ministério da Agricultura – BMA (1930-1947). **A edição do livro "Nas Selvas do Brasil"**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1944b.

_____. Relatório do Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1942a, v. II. Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/titles/108#?c=0&m=89&s=0&cv=355&r=0&xywh=-60%2C515%2C2490%2C1756>

_____. Relatório do Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1942b, v. II. Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/titles/108#?c=0&m=89&s=0&cv=358&r=0&xywh=-180%2C1296%2C2096%2C1479>

MORAES, Ana Carolina Albuquerque de. **Rumo à Amazônia, terra da fartura: Jean-Pierre Chablot e os cartazes concebidos para o Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia**. Dissertação de mestrado. Unicamp, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/881982>

MORINAKA, Eliza Mitiyo. **Tradução como política: escritores e tradutores em tempos de guerra (1943-1947)**. Salvador : EDUFBA, 2020.

_____. **A visita de quatro escritores brasileiros aos Estados Unidos em tempos de guerra (1941-1946)**. Revista Tempo, Vol. 28 n. 1 Jan./Abr. 2022. p. 117-144. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/TEM-1980-542X2022v280107>

MORRIS, Edmund. **Theodore Rex**. New York: The Random House Publishing Group, 2002.

MUYLAERT, Roberto. **1943: Roosevelt e Vargas em Natal**. São Paulo: SESI-SP Editora, 2018.

NEGRÃO, Francisco. **Genealogia paranaense**, vol. 3. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1928. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Genealogia_paranaense/wXELAAAYAAJ?hl=pt-BR&gbpv=0

O RIO DA DÚVIDA: Refutação incontestável de um membro da comissão Rondon. **Jornal O Paiz**, Rio de Janeiro, ano XXX, n. 11.132, p. 3, 31 março 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/27053

ORNIG, Joseph. R. **My last chance to be a boy: Theodore Roosevelt's South American Expedition of 1913-1914**. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1994.

ROBERT E KIM LENG. Into the Amazon, YouTube, 27 set.2022. disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=VjmIfwPiK-4> . Acesso em: 22jul. 2023.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. **(Re)lendo os clássicos: Trajetos de pesquisa**. Caderno de Letras, nº 22, Jan-Jul.2014

_____. **Traduções da coleção Brasiliana: fontes primárias**. Tradução em revista (*online*), v. 2008, p. 1-17, 2008.

_____. **Prefácios e notas de tradutores brasileiros dos anos 1930 a 1950**. Tradução em revista (*online*), v. 2009, p. 1-13, 2009

_____. **Brasiliana e Reconquista do Brasil: projetos editoriais de traduções**. Revista de Letras, v. 85, p. 219-230, 2012.

_____. **As muitas vozes de Viagem ao Brasil em traduções indiretas**. In: ESTEVES, Lenita; VERAS, Viviane (org.). *Voices da tradução: éticas do traduzir*. São Paulo: Humanitas, 2014.

ROHTER, Larry. **Rondon**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RONDON, Cândido Mariano da Silva. **Conferências**. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1916.

ROOSEVELT, Theodore. **Theodore Roosevelt: An autobiography**. New York: Macmillan Company, 1913.

_____. **Through the Brazilian wilderness**. New York: Charles Scribner's sons, 1914. Disponível em: <<https://www.loc.gov/item/14019126/>>. Acesso em 10. Jan.2020.

_____. **Nas Selvas do Brasil**. Trad. Luiz Guimarães Junior. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola/Ministério da Agricultura, 1943.

_____. **Através do sertão do Brasil**. Trad. Conrado Erichsen. Biblioteca Pedagógica Brasileira, Coleção Brasiliana, v. 232. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. Disponível em: <<http://brasilianadigital.com.br/brasiliana/colecao/obras/127/atraves-do-sertao-do-brasil>>. Acesso em 09.jan.2020.

_____. **Nas Selvas do Brasil**. Trad. Luiz Guimarães Junior. Coleção Reconquista do Brasil, v. 35. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

_____. **Through the Brazilian wilderness**. Blacksburg: Wilder Publications, 2008.

_____. **Nas selvas do Brasil**. Trad. Luís Guimarães Júnior. Brasília:

Senado Federal, 2010. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/583973/000970378_Selvas_Brasil.pdf

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

SAID, Edward. **Orientalismo: O oriente como invenção do Ocidente**. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALIM, Samah. Linguagem da civilização. In: BLUME, Rosvitha Friesen; PETERLE, Patrícia (Org.). **Tradução e relações de poder**. Tubarão: Ed. Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

SANTOMAURO, F. **A formação da política de informação americana no exterior**. In: A atuação política da Agência de Informação dos Estados Unidos no Brasil (1953-1964) [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 29-178.

SERRANO, Gisella de Amorim. Memória e História na coleção Reconquista do Brasil: Minas no Brasil. **Outros tempos (online)**, v. 11, n. 18, p. 280-294, 2014. Disponível em: https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/425/365

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SMITH, Richard Cândida. **Pan Americanism**. Disponível em: <https://transatlantic-cultures.org/pt/catalog/pan-americanism>

SOTTOMAIOR, Sebastião Paraná de Sá. **Galeria Paranaense: notas biográficas**. Curitiba: sem editora, 1922. Disponível em: https://site.mppr.mp.br/sites/hotsites/arquivos_restritos/files/documento/2023-03/galeria_paranaense_notas_biograficas_1922_reduzido.pdf. Acesso em 08set. 2023

TOOGE, Marly D'Amaro Blasques. **Traduzindo o Brasil: o país mestiço de Jorge Amado**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2009.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **O amigo americano: Nelson Rockefeller e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. **Os americanos**. São Paulo: Contexto, 2020.

TOURY, Gideon. **Descriptive Translation Studies - and beyond**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

TYMOCZKO, Maria. **Translation and political engagement: activism, social change and the role of translation in geopolitical shifts**. *The Translator* 6 (1), 2000.

_____. Ideologia e a posição do tradutor: em que sentido o tradutor se situa no “entre”(lugar)?. Trad. Ana Carla Teles. In: BLUME, Rosvitha Friesen; PETERLE, Patrícia (Org.). **Tradução e relações de poder**. Tubarão: Ed. Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

VARGAS, Alzira. **Getúlio Vargas, meu pai: memórias de Alzira Vargas do Amaral Peixoto**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

VIVEIROS, Esther Maria Terestrello da Câmara de. **Rondon conta sua vida**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2010.

WARD, Geoffrey C. **The Roosevelts: an intimate History**. New York: Alfred A. Knopf, 2014.

WOLF, Michaela. Introduction: The emergence of a Sociology of Translation. In: WOLF, Michaela; FUKARI, Alexandra (ed.). **Constructing a Sociology of Translation**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2007, p. 1-36.

_____. “A vontade de poder”: tradução no campo de tensão entre poder e ética. Trad. Rosvitha Friesen Blume. In: BLUME, Rosvitha Friesen; PETERLE, Patrícia (Org.). **Tradução e relações de poder**. Tubarão: Ed. Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

_____. **Tradução “tornando-se social”? Desafios para a Torre (de marfim) da Babel**. Trad. Talita Serpa. Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 41, nº 1, p. 344-367, jan-abr, 2021.

WYLER, Lia. Translating Brazil. In: MILTON, John (org.). **Emerging views on Translation History in Brazil**. CROP: Revista da área de Língua e Literatura Inglesa e Norte-Americana. São Paulo, 2001.

_____. **Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

_____. Que censura? **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 19, n. 3, p. 109–116, 2003.

APÊNDICE A – COTEJO

O cotejo apresentado a seguir corresponde à íntegra dos 10 capítulos do livro. Tomando como referência a tradução do Ministério da Agricultura publicada pela Itatiaia/USP (1976), os títulos e paginações são:

I - A partida (p. 19-40);

II - Subindo o Paraguai (p. 41-54);

III - Uma caçada de jaguar no Taquari (p. 55-74);

IV - As cabeceiras do Paraguai (p. 75-96) e;

V - Subindo o Rio das Antas (p. 97-116).

A completar o cotejo, faltam:

VI - Atravessando o planalto selvagem do oeste brasileiro (p. 117-138);

VII - Na terra dos Nhambicuaras (p. 139-160);

VIII - O Rio da Dúvida (p. 161-182);

IX - Descendo um rio desconhecido na floresta equatorial (p. 183-206);

X - Em direção ao Amazonas para o regresso à pátria: resultados zoológicos e geográficos da expedição (p. 207-218).

A edição do Ministério conta com dois dos três apêndices presentes no original. A tradução da Companhia Editora Nacional contemplou os apêndices na íntegra. A seguir inserimos o cotejo, com breves considerações a respeito de aspectos que podem ser esclarecidos a partir do embasamento teórico da Sociologia da Tradução. Pelo fato de não divergirem de modo significativo, os apêndices não foram cotejados nesta pesquisa.

Obs.: trechos que estejam coloridos de cinza já constam na amostra no corpo do texto

CAPÍTULO I

	THE START	A PARTIDA	A PARTIDA	
SEQ	Charles Scribner's (1914)	Ministério da Agricultura/MA (1943)	Companhia Editora Nacional/CEN (1944)	Comentários
1.1	(PREFACE) This is an account of a zoogeographic reconnoissance through the Brazilian hinterland . [...] When I started from the United States, it was to make an expedition, primarily concerned with mammalogy and ornitology for the American Museum of Natural History of New York [...] (s/n)	Este livro é um relatório sobre o reconhecimento zoo-geográfico do sertão brasileiro. [...] Quando parti dos Estados Unidos, tencionava fazer inicialmente uma expedição dedicada aos estudos de mamíferos e aves para o Museu Americano de História Natural, de Nova Iorque. (p. 17)	Esta obra é o relato de um reconhecimento zoogeográfico feito através do hinterland brasileiro. [...] Saí dos Estados Unidos com a intenção de organizar uma expedição especialmente destinada a estudos de mamalogia e ornitologia para o Museu Americano de Historia Natural, de Nova York [...] (s/n)	O título do MA ficou “Nas SELVAS do Brasil”, a parte mais extenuante e maior da viagem ficou pela selva mesmo, a <i>real jungle</i> , mata fechada (título original: <i>wilderness</i>), e não no sertão/planície do Mato Grosso, mais parecido com cerrado, com descampados - Mamalogia e ornitologia: CEN aproxima-se da nomenclatura científica, enquanto MA aproxima o leitor (mamíferos e aves – raro!)
1.2	[...] in consequence of the kind proposal of the Brazilian Secretary of State for Foreign Affairs, General Lauro Müller. (s/n)	[...] em consequência de atenciosa proposta do Ministro de Estado das Relações Exteriores do Brasil, Gen. Lauro Müller. (p. 17)	[...] em consequencia da amavel sugestão do Ministro das Relações Exteriores do Brasil.	- O nome do ministro foi omitido na CEN (por quê?) – TR sempre fez questão de elogiar e nomear em seu texto todos os membros do Governo que o apoiaram na expedição - Em CEN, há predominância de palavras grafadas sem acentuação ao longo de todo o texto (explicação na carta de Lobato, na seção de <i>Resultados</i> deste trabalho – a intenção seria a de evitar prejuízos com mudanças na ortografia?)
1.3	Five years later, in the spring of 1913 [...] (p. 2)	Cinco anos mais tarde, na primavera de 1913 [...] (p. 19)	Cinco anos depois, no verão de 1913 [...] (p. 16)	Gafe na CEN? Americanos costumam marcar bem as estações do ano ao se referirem a algum período
1.4	Then it occurred to me that, instead of making the conventional tourist trip purely by sea round South America, after I had	Ocorreu-me então que, ao invés de fazer puramente a convencional viagem turística, por mar, em volta da América do Sul, após	Ocorreu-me então que, em vez de fazer uma viagem convencional de turista, unicamente por mar, em torno da	O padre Zahm era amigo de longa data e com frequência é citado como o mentor ou planejador da viagem

	<p>from any white man or woman. One night a few weeks later they were obliged to leave a camping-place, where they had intended to spend the night, because the baby was fretful, and its cries attracted a jaguar, which prowled nearer and nearer in the twilight until they thought it safest once more to put out into the open river and seek a new resting-place. [p. 3]</p>	<p>milhas afastados da civilização. De uma feita, após algumas semanas de excursão, foram obrigados a abandonar o acampamento onde pretendiam pernoitar, em busca de lugar mais seguro, pela aproximação de um jaguar, que, atraído pelo choro da criança doentinha, se pôs a rondar-lhe a tenda, ao cair da noite. (p.20)</p>	<p>distante de homens e mulheres brancos; e uma noite, poucas semanas depois, foram obrigados a abandonar o local onde pretendiam pernoitar, porque a criança estava impertinente, e com seu choro atraiu uma onça que se pôs a rondar o acampamento, ao escurecer, cada vez mais próximo, até que o casal julgou mais seguro voltar para o rio e procurar outro lugar para dormir. (p. 17)</p>	<p>MA: excluiu uma parte final do episódio com a criança (talvez para poupar o leitor de imaginar a cena de perigo para a criança?)</p>
1.8	<p>Cherrie had spent about twenty-two years collecting in the American tropics. Like most of the field-naturalists I have met, he was an unusually efficient and fearless man; and willy-nilly he had been forced at times to vary his career by taking part in insurrections. Twice he had been behind the bars in consequence, on one occasion spending three months in a prison of a certain South American state, expecting each day to be taken out and shot. In another state he had, as an interlude to his ornithological pursuits, followed the career of a gun-runner, acting as such off and on for two and a half years. The particular revolutionary chief whose fortunes he was following finally came into power, and Cherrie immortalized his name by naming a new species of ant-thrush after him – a delightful touch, in its practical combination of those not normally kindred pursuits, ornithology and gun-running. (p.3-4)</p>	<p>Cherrie passara na América tropical cerca de vinte e dois anos coligindo material científico. Como a maioria dos naturalistas que tenho conhecido, era extraordinariamente destemeroso e eficiente, porém de espírito aventureiro ao ponto de ser forçado, por vezes, a interromper seus trabalhos para tomar parte em insurreições. Em consequência disto fora preso por duas vezes, sendo que de uma delas ficou três meses recluso e ameaçado de ser passado pelas armas em uma das repúblicas sul-americanas. Em outro país teve ele, numa interrupção às suas pesquisas ornitológicas, de seguir a carreira de “contrabandista de armas” durante dois anos e meio. O chefe revolucionário, cuja causa defendia, subiu finalmente ao poder e Cherrie immortalizou o seu nome em uma nova espécie de tordo. Com esta elegante homenagem realizou ele uma combinação prática entre duas coisas que não têm lá grande afinidade, como</p>	<p>Cherrie passara cerca de vinte e dois anos colhendo materiais nos trópicos americanos. Tal como a maioria dos naturalistas de campo que tenho conhecido, era ele um homem excepcionalmente destemido e eficiente por vontade própria ou por força das circunstâncias vira-se obrigado a mudar de profissão varias vezes, chegando a tomar parte em revoluções. Por duas vezes esteve preso em consequência dessas atividades; passou três meses no cárcere de certo país sul-americano, esperando a cada momento de ser fuzilado. Em outro paiz, como interlúdio às suas ocupações ornitológicas, tomou partido de um aventureiro político, levando dois anos e meio nessas atividades entrecortadas de imprevistos. O chefete revolucionario a cuja sorte ele se ligou subiu ao poder e Cherrie immortalizou-lhe o nome dando-o a uma nova especie de tordo papa-formigas – detalhe delicioso, por associar</p>	<p>Aqui a tradução do MA parece ser mais próxima do original do que a da CEN, onde há acréscimos, contrabandista de armas virou aventureiro político, Cherrie (especialista em aves da expedição) parece não agir só por vontade própria mas também por força das circunstâncias, ele passou dois anos e meio enfrentando imprevistos, o chefe a quem Cherrie servia virou chefe (ironia?) e, de novo, contrabando de armas é trocado pela palavra guerrilha. O naturalista parece ser “perdoado”, através de seu ofício, das confusões e ações ilegais em que se meteu, aparentemente suavizando o discurso...</p>

		sejam: a ornitologia e o contrabando de armas. (p.20)	duas atividades que normalmente não podem viver juntas: a ornitologia e as guerrilhas . (p.17-18)	
1.9	In its composition ours was a typical American expedition. Kermit and I were of the old Revolutionary stock, and in our veins ran about every strain of blood that there was on this side of the water during colonial times. (p. 4-5)	Nossa expedição era tipicamente americana. Kermit e eu éramos da velha estirpe revolucionária e em nossas veias corria sangue de todas as raças existentes neste lado do Atlântico , nos tempos coloniais. (p. 21)	Em sua composição, a nossa expedição era tipicamente americana. Kermit e eu éramos de velha cepa revolucionária, correndo em nossas veias todas as espécies de sangue que existiam neste lado do oceano nos tempos coloniais. (p.18-19)	Logo no começo do texto o leitor já vê as constantes menções a sangue/raça, algo muito particular de TR
1.10	[...] this immense region of tropical and subtropical America east of the Andes is drained by three great river systems of the Plate, the Amazon, and the Orinoco. (p. 6)	[...] essa imensa região tropical e subtropical a leste dos Andes tem como escoadouro os três grandes sistemas fluviais: rios da Prata, Amazonas e Orenoco. (p. 22)	[...] essa imensa região da America tropical e sub-tropical, é cortada pelos tres grandes sistemas potamográficos do Prata, do Amazonas e do Orenoco. (p. 20)	CEN escolheu um termo bem “difícil” para o leitor, “potamográficos” (palavras científicas estão mais presentes em MA)
1.11	[...] while white men suffer much from the terrible insect scourges and the deadly diseases which modern science has discovered to be due very largely to insect bites. (p. 7)	[...] ao mesmo tempo em que o explorador sofre o terrível azorrague dos insetos e das moléstias mortíferas que a ciência moderna descobriu serem ocasionadas, em sua maior parte, pelas picadas dos mesmos. (p. 23)	[...] os brancos sofrem ainda mais, em consequencia da praga dos insetos e das doenças mortais que a ciencia moderna descobriu serem devidas, em grande parte, a mordidas de insetos. (p.21)	<i>white men</i> em MA é sinônimo de explorador, conquistador, aquele que domina a natureza
1.12	[...] At the town of Cáceres, I would be met by a Brazilian Army colonel, himself chiefly Indian by blood, Colonel Rondon . [...] He was at the time in Manaus, but his lieutenants were in Cáceres [...] (p. 8)	[...] para que eu me encontrasse, na cidade de Cáceres, à margem do Paraguai, com o oficial do Exército brasileiro, de sangue indígena , Cel. Rondon. [...] Estava, naquela ocasião, em Manaus; seus auxiliares , porém, se encontravam em Cáceres [...] (p. 23)	[...] na cidade matogrossense de Cáceres, eu me encontrasse com um coronel do exército brasileiro quasi índio pelo sangue . [...] Naquela ocasião estava em Manáus, mas seus subordinados se encontravam em Cáceres [...] (p. 22)	- CEN: apaga o nome de Rondon após a menção ao “sangue”, e adiciona o “matogrossense”; - Na categorização de TR das pessoas, sempre pelo “sangue”, Rondon passa de sangue principalmente índio para <i>quase</i> índio em CEN; - As duas traduções classificam como auxiliares/subordinados os tenentes que acompanhavam Rondon; TR tinha apreço pela hierarquia no exército, e sempre citava/marcava as patentes de cada oficial
1.13	[Lauro Müller] He told me that he would co-operate with me in every way if I cared to undertake the leadership of a serious	Disse que cooperaria comigo de toda a maneira possível se eu quisesse assumir a direção de uma expedição de grande vulto ,	Declarou-me que cooperaria comigo de todas as maneiras, se eu quisesse chefiar uma expedição que, entrando pela area	- expedição <i>séria</i> se torna de <i>grande vulto</i> (MA) ou “simples” expedição (CEN) (um trabalho deste tamanho

	expedition into the unexplored portion of western Matto Grosso, and to attempt the descent of a river which flowed nobody knew whither, but which the best-informed men believed would prove to be a very big river, utterly unknown to geographers. (p. 8)	através de regiões desconhecidas do oeste de Mato Grosso, a fim de tentar descer um rio cujo curso ninguém conhecia mas tido pelos mais entendidos como de grande volume, embora completamente ignorado pelos geógrafos. (p. 23)	inexplorada do oeste de Mato Grosso, tentasse descer um rio que corria para rumo desconhecido mas que exploradores bem informados acreditavam ser um rio caudaloso inteiramente desconhecido pelos geógrafos. (p. 22)	não poderia ser coisa simples, uma expedição “qualquer”, e em MA ressalta essa característica, adicionando o grande vulto)
1.14	As in India, although not to the same degree, these snakes are responsible for a very serious mortality among human beings . One of the most interesting evidences of the modern advance in Brazil is the establishment near São Paulo of an institution especially for the study of these poisonous snakes, so as to secure antidotes to the poison and to develop enemies to the snakes themselves . (p. 9-10)	Como na Índia, também nesse país, embora em menor escala, as cobras são responsáveis por séria mortalidade. Um dos mais interessantes marcos de adiantamento do Brasil é o Instituto Butantã, em São Paulo , especialmente destinado ao estudo das serpentes e do preparo de soros antídotos ao seu veneno. (p.24)	Como na Índia, embora em menores proporções, essas serpentes são causadoras de uma séria mortalidade. Uma das mais interessantes provas do progresso no Brasil é a instalação, em São Paulo, de um instituto especialmente destinado ao estudo das serpentes venenosas, de modo a serem obtidos antídotos para os venenos, e à criação dos inimigos das proprias serpentes . (p. 23)	- Na versão do MA, tradutor fez questão de incluir o nome do Instituto Butantã, não citado por TR - “and to develop enemies to the snakes themselves” apagado em MA
1.15	[termos científicos] [...]those which are dangerous to man, belong to the two great families of the colubrine snakes and the vipers . [...] But some of them, the cobras for instance, develop into what are on the whole perhaps the most formidable of all snakes. (p.10)	[...] e que constituem realmente grande perigo para o homem, fazem parte de dois grandes grupos: Colubridae e Viperidae . [...] Porém, algumas delas, as “najas”, por exemplo, constituem talvez o maior e mais perigoso contingente dessas serpentes. (p. 24)	[...] as mais perigosas para o homem pertencem às duas grandes famílias das colubrinas e das víboras . [...] outras, porem, são as mais temíveis de todas. (p, 24)	- Colubridae e Viperidae: MA adotou o nome científico (tradutor era engenheiro agrônomo) - “maior e mais perigoso” acréscimo de sentidos em MA - CEN conseguiu resumir uma grande frase no final com apenas “outras, porem, são as mais temíveis de todas”, talvez por desconhecimento científico a respeito das cobras?
1.16	[termos científicos] The great bulk of the poisonous snakes of America, including all the really dangerous ones, belongs to a division of the widely spread family of vipers which is known as the pit-vipers. (p. 10)	A maior parte das serpentes venenosas da América, inclusive as que são realmente perigosas, pertence à família das “ crotalídeas ”, largamente espalhadas e conhecidas pelo nome de “ botróferas ” (p. 24)	A maior parte das serpentes venenosas da América, inclusive todas as que são realmente perigosas, pertencem a uma secção da disseminadíssima família das víboras, conhecida como a das víboras “ buraqueiras ”. (p. 24)	MA sempre preza pelos nomes científicos (crotalídeas/botróforas), mesmo quando não explicitados no texto (distancia o leitor do texto?) enquanto CEN por vezes procura simplificar os termos para os mais populares

1.17	One genus includes the rattlesnakes, of which the big Brazilian species is as dangerous as those of the southern United States. (p. 11)	Há um gênero no qual se inclui a cascavel, que representa a mais terrível das espécies brasileiras e que é tão perigosa quanto as do sul dos Estados Unidos. (p. 24)	Um gênero inclui as cascaveis, cuja variedade brasileira é tão perigosa quanto as do sul dos Estados Unidos. (p. 24)	MA parece querer informar a fauna brasileira como sempre a mais terrível e perigosa, adicionando ao texto “que representa a mais terrível das espécies brasileiras”
1.18	Our trip was not intended as a hunting-trip but as a scientific expedition. (p. 26)	A nossa viagem não foi planejada como uma simples caçada e sim na forma de uma expedição científica. (p. 33)	Nossa excursão não tinha o caráter de expedição cinegética. (p. 38)	CEN oculta “but as a scientific expedition”
1.19	I told him [Dr. Moreno], Yes, that I had found that the cougar was practically harmless to man, the undoubtedly authentic instances of attacks on men being so exceptional that they could in practice be wholly disregarded (p. 27)	Eu então lhe disse que havia notado ser o puma, na realidade, inofensivo para o homem, sendo que as informações duvidosamente lançadas a esse respeito são tão esporádicas que deveriam ser praticamente desprezadas. (p. 33)	Sim, disse-lhe eu, pois havia verificado que o cugar ¹⁷¹ era virtualmente inofensivo para o homem, sendo tão excepcionais os seus ataques autenticamente indubitáveis que podiam ser considerados como nulos. (p. 40)	Aqui os dois tradutores quiseram escrever difícil para o leitor brasileiro e causaram alguma confusão nas frases
1.20	Thereupon Doctor Moreno showed a scar on his face, and told me that he had himself been attacked and badly mauled by a puma which was undoubtedly trying to prey on him; that is, which had started on a career as a man-eater . This was to me most interesting. (p. 27)	A esse propósito o Dr. Moreno mostrou-me uma cicatriz em sua face, dizendo-me que ele próprio havia sido atacado e seriamente ferido por um puma, o qual, não há dúvida, assim procedera na intenção de devorá-lo. Isto para mim foi de grande interesse. (p. 33-34)	Em seguida mostrou-me o dr. Moreno uma cicatriz no rosto, e contou que ele próprio fora atacado e bastante maltratado por um puma que, indubitavelmente, procurava devorá-lo, <i>demonstrando assim ter iniciado a carreira de comedora de gente</i> . Esse fato era para mim de grande interesse. (p. 40)	em MA temos a supressão da piadinha de TR sobre o bicho começar a carreira de comedor de gente (CEN fala em puma e cugar, e há uma breve discordância do gênero “um puma”/comedora)
1.21	[...] Mr. Hudson, the author of the “Naturalist on the Plata”, and that the latter knew nothing whatever of pumas from personal experience and had accepted as facts utterly wild fables . (p. 28)	[...] o Sr Hudson, autor de <i>O naturalista no Prata</i> , e que este nada conhecia de experiência própria a respeito dos hábitos do puma, narrando como fatos verdadeiros, meras fantasias criadas pelo povo . (p. 34)	[...] o sr. Hudson, autor d’”O Naturalista no Prata” e que este absolutamente nada conhecia de experiência própria, sobre pumas, aceitando como fatos coisas que não passavam de fábulas sertanejas . (p. 40)	Por que associar <i>selvagem</i> com fantasias do povo (MA) ou remeter ao sertão (CEN), sendo que TR pareceu falar mesmo das regiões de <i>wildlife</i> onde o puma vivia?
1.22	Undoubtedly, said the doctor, the puma in South America, like the puma in North America, is as a general rule a cowardly animal which not only never attacks man	Indubitavelmente, disse ele, o puma da América do Sul, assim como o norte-americano, é, de um modo geral, animal medroso , que, além de nunca atacar o	Sem dúvida, disse-me ele, o puma da América do Sul, como na do Norte, é geralmente um animal que , além de nunca atacar o homem, raramente	- Em CEN, o puma “perde” seu aspecto de covarde/medroso

¹⁷¹ Cugar: o mesmo que cugarado, “espécie de gato branco da América do Sul, também denominado leão americano, tigre ruivo (Feliz concolor)”. Definição em: bndigital.bnportugal.gov.pt/idviewer/249098/744

	but rarely makes any efficient defence when attacked. The Indian and white hunters have no fear of it in most parts of the country , and its harmlessness to man is proverbial. (p. 28)	homem, ainda raramente se defende quando por ele perseguido. Os índios e os caçadores brancos, em muitos lugares , não lhe têm temor algum, pois a sua inofensibilidade ao homem é proverbial. (p. 34)	emprega defesa eficiente quando atacado. Os caçadores índios e brancos não lhe temem a presença, e sua inofensividade para o homem era proverbial. (p. 40-41)	- Em MA, omite-se que os <i>índios</i> também são <i>caçadores</i> , ficando numa categoria genérica? - Em CEN, fica omitido que em muitas partes do país os caçadores não temem o puma.
1.23	[...] the Asiatic tiger can hardly be forced to fight man, and never preys on him [...] (p. 28)	[...] o tigre asiático somente acuado luta com o homem e nunca se alimenta de sua carne, [...] (p. 34)	[...] o tigre asiático dificilmente pode ser compelido a lutar com o homem, e nunca o devora , [...] (p. 41)	- MA: acréscimo “somente acuado” - CEN: “devora” dá um tom mais terrível à cena?
1.24	He [Dr. Moreno] had walked a few hundred yards, when a puma, a female , sprang on him from behind and knocked him down. As she sprang on him she tried to seize his head with one paw, striking him on the shoulder with the other. She lacerated his mouth and also his back, but tumbled over with him, and in the scuffle they separated before she could bite him. (p. 29)	Havia caminhado algumas centenas de metros, quando um puma fêmea deu um pulo sobre ele, por trás, atirando-o ao chão. Ao dar o golpe, procurou agarrar-lhe a cabeça com uma das patas, e com a outra atingir o seu ombro. Lacerou-lhe a boca e as costas, porém caiu com ele aos trambolhões e na própria luta se separaram antes que o animal pudesse mordê-lo. (p. 34)	Tinha andado algumas centenas de metros quando um puma saltou em cima dele, por trás, derrubando-o. Ao pular, procurou alcançar-lhe a cabeça com uma pata, e feriu-o no ombro com a outra. Rasgou-lhe a boca e as costas, mas caiu de cambalhada com ele, e, com a violência da queda, separaram-se antes que ele pudesse cravar-lhe os dentes. (p. 41)	- CEN oculta que o puma em questão era uma fêmea, apesar de tantas menções a she no texto de TR, numa passagem de tirar o fôlego do leitor - seria um efeito para dramatizar mais a cena, como sendo uma luta de machos? Ou para esconder que o dr. Moreno passou apuros com uma fêmea do animal? hipóteses...
1.25	She followed him for three or four hundred yards. At least twice she came up to attack him [...] (p. 29)	O puma seguiu-o cerca de uns 300 a 400 metros. Pelo menos duas vezes nesse percurso o animal avançou para atacá-lo [...] (p. 35)	A fera seguiu-o por espaço de trezentos ou quatrocentos metros. Duas vezes, pelo menos, a fera avançou para atacá-lo [...] (p. 42)	- CEN: mais uma vez omite que o puma era fêmea, e adiciona “fera” para dar um ar mais dramático à cena?
1.26	[linguagem rebuscada] [...] showed us a big male jaguar which had been trapped in the Chaco, where it had already begun a career as a man-eater , having killed three persons. They were killed, and two of them were eaten; [...] This jaguar was very savage ; [...] (p.31)	[...] mostrou-nos um grande jaguar que foi apanhado no Chaco, onde já havia começado a sua carreira de antropófago , tendo abatido três pessoas, das quais duas foram devoradas. [...] era bravíssimo esse jaguar [...] (p. 36)	[...] mostrou-nos um grande jaguar macho que tinha sido apanhado no Chaco, onde já havia iniciado carreira de comedor de gente , matando três pessoas. Duas destas foram devoradas [...] Era um jaguar muito feroz [...] (p. 44)	- MA: “male” ocultado; “antropófago” (palavra mais difícil para o grande público do que comedor de gente) - MA: “bravíssimo”, linguagem mais rebuscada, superlativo
1.27	On my trip to visit La Plata Museum I was accompanied by Captain Vicente Montes, of the Argentine Navy , an accomplished officer of scientific attainments. He had at one time engaged on a survey of the	Na minha viagem de visita ao Museu de La Plata, tive a companhia do Cap. Vicente Montes, da Marinha argentina, um oficial culto e possuidor de grande cabedal científico . Já estivera, certa vez, trabalhando	O oficial argentino Vicente Montes, que me acompanhou na visita ao Museu La Plata, relatou-me um episódio sucedido durante sua estada no rio Paraná, entre a Argentina e Brasil. (p.44)	Aqui há vários problemas... CEN cortou bastante o texto: a patente do capitão (TR sempre enfatizava) e que ele pertencia à Marinha (é como se fosse um oficial argentino qualquer).

	boundary between the Argentine and Paraná and Brazil. (p. 31)	na delimitação de fronteiras entre a Argentina e Brasil.		Também menciona (ou interpreta?) que o tal episódio ocorreu no rio Paraná, sem falar no trabalho que ele executava na fronteira, MA fala só dos dois países. TR teria feito confusão? Paraná era uma província na época (estavam em 1912 na Guerra do Contestado)
1.28	As he seized the man, the latter gave one yell, but the next moment was killed, the jaguar driving his fangs through the man's skull into the brain. (p. 32)	Assim que segurou o pobre homem, este deu um grito terrível , mas um segundo após estava morto, pois a fera enterrara-lhe as garras no couro cabeludo, indo atingir os miolos . (p. 36)	Sentindo-se agarrado, o homem gritou, mas teve morte imediata; o jaguar enterrara-lhe no <i>craneo</i> suas presas possantes . (p. 44)	Há descrições de ataques terríveis de animais no livro, esta parece carregar mais ênfase nas palavras escolhidas em MA; além disso, o jaguar matou o homem com as presas/ <i>fangs</i> (CEN), e não com as garras (MA)
1.29	[termos científicos] But the most conspicuous birds I saw were members of the family of tyrant flycatchers, of which our own king-bird is the most familiar example. (p. 34)	Os pássaros mais comuns que vi era, porém, da família dominante dos “tiranídeos”, dos quais nosso próprio <i>Manucordata real</i> é o exemplo mais conhecido. (p. 37)	Os pássaros mais vistosos que eu vi, eram, na maioria, membros da família dos tiranos papa-moscas, dos quais o nosso próprio pássaro-rei é o exemplo mais comum. (p. 46)	- MA: preferiu utilizar o nome científico do pássaro <i>Manucordata real</i> conspícuo (distinto) virou “comum”
1.30	[termos científicos] It is a brilliant white, all over, except the long wing-quills and the end of the tail-feathers, which are black . (p. 36)	É de um branco reflexo por todo o corpo, com exceção das remíngias e da parte final das penas da cauda, que são de cor negra. (p. 38)	É todo de um branco brilhante, exceto as penas longas das asas e as pontas da cauda, que são de um preto retinto .	- MA: remíngias (termo científico) - CEN: preto virou preto retinto

CAPÍTULO II

UP THE PARAGUAI		SUBINDO O PARAGUAI	SUBINDO O RIO PARAGUAI	
SEQ	Charles Scribner's (1914)	Ministério da Agricultura/MA (1943)	Companhia Editora Nacional/CEN (1944)	Comentários
2.1	Across the river to the west lay the level, swampy, fertile wastes known as the Chaco, still given over either to the wild Indians or to cattle-ranching on a gigantic scale. (p. 39)	Através do rio, para o ocidente, distende-se o território plano, fértil e alagadiço denominado “Chaco”, ainda abandonado aos índios que se entregam à criação de gado em agigantada escala. (p. 41)	Do outro lado do rio, para oeste, ficavam extensas áreas planas, pantanosas e férteis, chamadas Chaco, ainda entregues aos índios bravios , ou destinadas à criação de gado, em escala gigantesca. (p. 51)	- Em MA os índios (que não são mais <i>wild</i> nessa tradução, ocultando o termo forte usado no original) é que eram responsáveis pelas terras do Chaco e criavam gado nelas; em CEN

				o tradutor preserva o or colocado por TR
2.2	The war against what Sir Harry Johnston calls the really material devil , the devil of evil wild nature in the tropics , has been waged with marked success only during the last two decades. The men, in the United States, in England, France, Germany, Italy - the men like Doctor Cruz in Rio de Janeiro and Doctor Vital Brazil in São Paulo (p. 40-41)	A guerra contra o que Sir Harry Johnston chama de “demônio-material”, o demônio malfazejo da natureza selvagem dos trópicos - tem sido intentada com marcado sucesso nestas duas últimas décadas. Os homens nos Estados Unidos, na Inglaterra, França, Alemanha, Itália - homens como o Dr. Osvaldo Cruz , no Rio de Janeiro, e o Dr. Vital Brasil , em São Paulo (p. 42)	A guerra contra o que sir Harry Johnston chama o demonio realmente material o demonio da perversa natureza selvagem da zona tórrida , tem sido empreendida com acentuado bom êxito somente durante os dois últimos decênios. Os homens, nos Estados Unidos, na Inglaterra, França, Alemanha, Italia - os homens como o dr. Osvaldo Cruz no Rio de Janeiro e o dr. Vital Brasil em São Paulo. (p. 52-53)	- CEN: <i>really material devil</i> ficou em tradução literal; <i>tropics</i> ficou tórrida (dá um sentido de muito mais quente que tropical?) - As duas traduções preocupam-se em colocar o nome inteiro de Osvaldo Cruz no texto.
2.3	At this point on the Paraguay the piranha do not seem to go in regular schools, but they swarm in all the waters and attain a length of eighteen inches or over. They are the most ferocious fish in the world . [...] But the piranhas habitually attack things much larger than themselves (p. 41)	No ponto do rio em que estávamos, tais peixes não pareciam andar propriamente em cardumes, porém afluíam em profusão e atingiam o tamanho de 45 cm ou mais. São os peixes mais ferozes do Universo . [...] o que não se dá com piranhas, que não olham tamanho . (p. 43)	Naquele trecho do Paraguái , as piranhas não pareciam andar em cardumes regulares, mas fervilhavam em todas as aguas , atingindo um comprimento de dezoito polegadas ou mais. São os peixes mais ferozes do mundo. [...] Mas as piranhas atacam habitualmente seres muito maiores que elas. (p. 53)	- MA oculta o rio referido (Paraguai) e domestica a medida utilizada no original (inches para centímetros), além de exagerar o sentido de <i>world</i> para <i>universo</i>
2.4	They are the pests of the waters, and it is necessary to be exceedingly cautious about either swimming or wading where they are found. If cattle are driven into, or of their own accord enter, the water, they are commonly not molested; [...] (p. 42)	São o pavor das águas e é necessário muita precaução para nadar ou atravessar o rio em lugares por elas freqüentados. Quando o gado é tangido para a água ou ali entra de motu-próprio , geralmente nada lhe ocorre; [...] (p. 43)	Constituem a praga das aguas e é preciso ser-se muitíssimo cauteloso, seja nadando, seja vadeando aguas nas paragens onde elas existem. Se o gado é compelido a entrar na agua ou se nela entra por sua propria vontade, não é geralmente molestado. (p. 54)	- MA: pavor diminuiu um pouco o sentido de pests? <i>motu-próprio</i> parece querer rebuscar o texto para deixá-lo mais erudito do que a intenção do original?
2.5	The Jesuits then took practically complete possession of what is now Paraguay, controlling and Christianizing the Indians, and raising their flourishing missions to a pitch of prosperity they never elsewhere achieved. They were expelled by the civil authorities (backed by the other	Os jesuítas tomaram posse do que atualmente é o Paraguai, orientando e convertendo os selvícolas ao cristianismo, elevando suas florescentes missões a um tal grau de prosperidade que nunca lograram alcançar em outros lugares. Foram expulsos pelas autoridades civis (apoiadas por outras	Os jesuitas tomaram então, virtualmente, posse completa do que é hoje o Paraguái, dominando e cristianizando os índios, e elevando suas florescentes missões a um apogeu de prosperidade a que nunca atingiram missões em qualquer outra parte. Foram expulsos pelas autoridades	- <i>Back by</i> teria mais sentido como <i>apoiado</i> mesmo, em vez de <i>impedido</i> - As duas traduções não mencionam South, somente América Espanhola; ambas também não mencionam o idioma dos indígenas (Guarany) e MA oculta <i>a culture tongue</i> (aos jesuítas

	representatives of ecclesiastical authority) some fifty years before Spanish South America became independent. But they had already made the language of the Indians, Guaraný, a culture-tongue , reducing it to writing, and printing religious books in it. (p.43)	de diferente representação eclesiástica) cerca de 50 anos antes da América Espanhola se tornar independente. Porém já eles tinham conseguido estruturar a língua dos indígenas, estabelecer-lhe uma escrita e imprimir livros religiosos nesse idioma. (p. 44)	civis (impedidas pelos outros representantes da autoridade eclesiástica) cerca de cinquenta anos antes de a América Espanhola se tornar independente. Mas já haviam transformado a língua indígena em língua culta, reduzindo-a a idioma escrito e nela imprimindo livros religiosos. (p. 55)	coube <i>estabelecer</i> uma escrita que os indígenas não seriam capazes de fazer?)
2.6	In Paraguay it still exists side by side with Spanish as the common language of the lower people and as a familiar tongue among the upper classes. The blood of the people is mixed , their language dual; the lower classes are chiefly of Indian blood but with a white admixture; while the upper classes are predominantly white, with a strong infusion of Indian. There is no other case quite parallel to this in the annals of European colonization, although the Goanese in India have a native tongue and a Portuguese creed, [...] (p. 44)	No Paraguai [o guarani] ainda subsiste, ao lado do castelhano, como língua das classes mais baixas, sendo contudo familiar nas classes elevadas. A população é mestiça e fala as duas línguas; as classes modestas são principalmente de sangue indígena, porém com alguma mistura de sangue branco, ao passo que nas classes mais representativas há predominância da raça branca, posto que com forte infusão de sangue indígena. Não existe caso perfeitamente similar a este nos anais da colonização europeia, embora tenham os habitantes de Goa, na Índia, uma língua própria e um credo português, [...] (p. 44)	No Paraguái o guaraní existe, lado a lado com o hespanhol, como lingua das classes baixas e lingua familiar às classes superiores. O sangue da população é misto, e sua linguagem é dupla; nas classes baixas predomina o sangue indio, com uma mistura de branco, ao passo que as altas classes são predominantemente brancas , com um alto coeficiente de sangue indio. Não existe caso paralelo a este, nos anais da colonização europeia. Os habitantes de Goa, na Índia, têm uma língua latina e a religião portuguesa, [...] (p. 56)	- CEN: hespanhol (!) - MA oculta <i>blood</i> que TR sempre enfatiza; ameniza o tom de <i>lower</i> com <i>modestas</i> ? -MA: <i>upper classes</i> “representativas” de que? de quem? - MA retoma a palavra <i>raça</i> (que fica subentendida na escrita de TR e que aparece tantas vezes no decorrer do texto) - CEN: <i>infusion/coeficiente</i> (parece que faz cálculos de proporção...) - <i>native tongue/língua latina</i> (a tradução quis dizer o contrário?)
2.7	[...] in Asuncion a daily paper is published with the text in parallel columns, Spanish and Guarany - just as in Oklahoma there is a similar paper published in English and in the tongue which the extraordinary Cherokee chief Sequoia, a veritable Cadmus, made a literary language . (p. 44)	Em Assunção edita-se um diário com textos em castelhano e guarani, em colunas paralelas - justamente como em Oklahoma, onde existe um também publicado em inglês e na língua inventada pelo extraordinário Cherokee, chefe Sequóia, um verdadeiro Cadmo. (p. 44)	Em Assunção um jornal diario é publicado com o texto em espanhol e guaraní, em colunas paralelas - exatamente como o jornal que existia em Oklahoma, publicado em inglês e na lingua que o extraordinário chefe cherokee Sequoia, um verdadeiro Cadmo, transformou em lingua literaria. (p. 56)	- there is: existe/existia - MA: retira o brilho do elogio <i>made a literary language</i> e diz que o chefe Sequoia inventou a língua
2.8	The Guaraný-speaking Paraguayan is a Christian, and as much an inheritor of our common culture as most of the peasant	O paraguaio que fala o guarani é cristão, estando tão integrado em nossa cultura comum como a maioria das populações	O Paraguái que fala o guaraní é cristão, e tão herdeiro de nossa cultura comum, como a maior parte das populações	- CEN: Aqui há trocas entre o adjetivo pátrio (paraguaio) e o nome do país, pois o tradutor também escreve

	<p>populations of Europe. He has no kinship with the wild Indian, who hates and fears him. The Indian of the Chaco, a pure savage, a bow-bearing savage, will never come east of the Paraguay, and the Paraguayan is only beginning to venture into the western interior, away from the banks of the river - under the lead of pioneer settlers like Rickard, whom, by the way, the wild Indians thoroughly trust, and for whom they work eagerly and faithfully. There is a great development ahead of Paraguay, as soon as they can definitely shake off the revolutionary habit and establish an orderly permanence of government. The people are a fine people; the strains of blood - white and Indian - are good. (p. 44-45)</p>	<p>rústicas da Europa. Não tem relações com os selvagens, os quais o odeiam e temem. O selvícola do Chaco, como verdadeiro selvagem de arco e flecha, nunca procura a parte este do país. De outro lado, o paraguaio apenas começa a arriscar-se pelo sertão do oeste, em lugares afastados das margens dos rios, - sob a bandeira de chefes colonizadores como Rickard, no qual, diga-se de passagem, os selvagens depositam a maior confiança, trabalhando para ele com boa vontade e dedicação. O Paraguai é um país de grandes possibilidades, que se poderão tornar em realidade muito em breve, desde que os seus habitantes abandonem definitivamente a mania de revolução e estabeleçam um governo de permanência e ordem. O povo é excelente; as duas fontes de sangue - branco e índio - deram bom resultado. (p. 44-45)</p>	<p>camponesas da Europa. Ele não tem parentesco algum com o índio selvagem que o odeia e o teme. O índio do Chaco, selvagem puro, que usa arco, nunca se aproxima do Paraguáí oriental e o <u>Paraguáí</u> começa apenas a se aventurar no interior, a oeste, longe das barrancas do rio - sob a chefia de pioneiros da colonização como Rickard, no qual, por sinal, os índigenas confiam por completo e para o qual trabalham com boa vontade e fidelidade. O Paraguáí tem grandes possibilidades de futuro progresso, tão logo se possa libertar do hábito das revoluções e adotar um governo estavel. O povo tem boa aparência. As misturas de sangue branco e índio - produziram bom resultado. (p. 56-57)</p>	<p>Paraguáí ao se referir ao nascido naquele país, causando alguma confusão no entendimento - MA: inheritor/integrado soa algo como domesticado, adaptado? um apagamento do sujeito nativo, ou incorporado com o europeu? - MA: kinship/relações (parece que não habitam os mesmos locais, mas TR está falando de ancestralidade) - A repetição savage/savage (ênfase) ficou apagada em CEN - MA: lead/bandeira: quis dar uma abrasilizada/ar de conquistador bandeirante na escolha do termo?</p>
2.9	<p>Then we came to a pleasant little inn, kept by a Frenchman and his wife, of old Spanish style, with its patio, or inner court, but as neat as an inn in Normandy or Brittany. We were sitting at coffee, around a little table, when it came the colonel of the garrison - for Concepcion is the second city in Paraguay. He told me that they had prepared a reception for me! (p. 45-46)</p>	<p>Em seguida fomos à pequena e aprazível estalagem, mantida por um francês e sua mulher, em estilo espanhol antigo, com o respectivo pátio, tudo muito asseado como as congêneres da Normandia ou da Bretanha. Estávamos sentados para o café, em torno de uma mesinha, quando chegou o comandante da guarnição militar - pois Concepción é a segunda cidade do Paraguai. Disse-me que havia preparado uma recepção para mim. (p. 45)</p>	<p>Chegamos a uma pequena e agradável hospedaria de antigo estilo espanhol, mantida por um velho francês e sua esposa, com o pátio, ou vestíbulo interno, tão asseado como o de uma estalagem na Normandia ou da Bretanha. Estávamos sentados em torno a uma pequena mesa, para o café, quando chegou o coronel da guarnição, pois Concepcion é a segunda cidade do Paraguáí. Declarou-me que me haviam preparado uma recepção! (p. 57)</p>	<p>- CEN: envelheceu o dono da hospedaria (TR sequer comentou de sua aparência) BUT: TR pareceu surpreso ao encontrar um lugar parecido com o que se via na Europa no meio do Paraguai... quando fala but as neat as dá a entender que “era limpinho” apesar disso; as duas traduções apagam esse but... - MA: coronel/comandante - MA: apaga a exclamação que demonstra surpresa/empolgação de TR com a recepção preparada</p>

2.10

[linguagem rebuscada] There was a German lieutenant with the Paraguayan officers: one of several **German officers** who are now engaged in helping the Paraguayans with their army. The equipments and arms were in good condition; the enlisted men evidently offered **fine material**, and the officers were doing **hard work**. It's worth while for antimilitarists to ponder the fact that in every South American country where a really efficient army is developed, the increase in military efficiency goes hand in hand with a decrease in **lawlessness** and disorder, and a growing **reluctance** to settle internal disagreements by violence. They are introducing **universal military service** in Paraguay; the officers, many of whom have studied abroad, are growing to feel an increased *esprit de corps*, an increased pride in the army, and therefore a desire to see the army made **the servant of the nation** as a whole and not the **tool** of any **faction** or individual. (p. 46)

Havia um **oficial** alemão entre os paraguaios; era **um dos contratados** para dar instrução ao Exército. O equipamento e as armas estavam em boas condições; os conscritos representavam um bom material humano e os oficiais trabalhavam **acendradamente**. Fato digno de nota e sobre que devem pensar os antimilitaristas é o que se relaciona com o estabelecimento de corpos do exército nos países sul-americanos, em cujos lugares, à proporção que se vai aprimorando a eficiência militar da tropa, vão diminuindo as desordens e a **anarquia**, ao mesmo tempo que cresce a **repugnância** em se resolverem as questões por meio violento. Está se introduzindo o serviço militar no Paraguai de um **modo amplo**; os oficiais, muitos dos quais estudaram no estrangeiro, melhoraram o *esprit de corps*, aumentando seu orgulho pelo exército e conseqüentemente o desejo de vê-lo como **instrumento de defesa da nação** e não como **arma** de qualquer **facção política ou pessoal**. (p. 45-46)

Havia um tenente alemão com os oficiais paraguaios, um dos varios **oficiais agora contratados** para auxiliar os paraguaios na instrução do seu exército. O equipamento e armas estavam em boas condições; os homens alistados constituíam, evidentemente, **magnífico elemento humano**; e os oficiais trabalhavam com **afinco**. Vale a pena, para os anti-militaristas, considerar o fato que se dá em cada país da América do Sul onde seja criado um exército de real eficiência, de o acréscimo de capacidade militar andar de mãos dadas com o decréscimo da ilegalidade e da desordem, e com uma crescente relutância em resolver pela violência as discordias intestinas. Estão introduzindo no Paraguai o **serviço militar obrigatório**; os oficiais, dos quais muitos estudaram no estrangeiro, estão sentindo, mais e mais, um intenso *esprit de corps*, um intenso orgulho pelo seu exército, e portanto o anelo de ver o exército constituído em guarda da nação como um todo e não servindo como instrumento de qualquer facção ou individuo. (p. 58)

- MA: lieutenant/oficial, e apaga a repetição de alemão (German officers)

- CEN: *fine material* - tem seu sentido elevado a *magnífico elemento humano*

- MA: *hard work* ganha a rebuscada tradução "acendradamente" (submeter-se a proavações p/ se aperfeiçoar; apurar-se)

- MA: em um contexto de membros do Partido Integralista ligados ao exército durante o Estado Novo, essas trocas semânticas nesse trecho que exalta o papel do exército fazem pensar nas escolhas tradutórias: *ilegalidade* vira *anarquia*, *relutância* (aversão ou oposição a) vira *repugnância*

- universal military service/modo amplo/obrigatório

- Mais uma vez, o tradutor de MA parece querer passar alguma mensagem ao seu leitor: ver o exército a serviço da nação torna-o em *instrumento de defesa*, *ferramenta/instrumento é arma* e à *facção* foi acrescentado *política*, acrescentando sentidos às ideias de TR

2.11	<p>[breakfast/almoço] Then I was driven to the City Hall [...] There was a breakfast. When I had to speak I impressed into my service as interpreter a young Paraguayan who was a graduate of the University of Pennsylvania. He was able to render into Spanish my ideas - on such subjects as orderly liberty and the far-reaching mischief done by the revolutionary habit - with clearness and vigor, because he thoroughly understood not only how I felt but also the American way of looking at such things. (p. 47)</p>	<p>Em seguida me conduziram à Prefeitura Municipal [...] Houve um almoço. Quando chegou minha vez de falar, tive como intérprete um jovem paraguaio formado pela Universidade da Pensilvânia. Teve ele a grande habilidade de traduzir minhas idéias para o espanhol - relativas à liberdade dentro da ordem e aos transtornos causados pelas continuadas revoluções - com clareza e vigor, porque estava absolutamente integrado nos meus sentimentos como também na maneira de encarar tais coisas por toda a América do Norte. (p. 46)</p>	<p>Eu fui conduzido em seguida ao Paço Municipal [...] Seguiu-se o almoço. Quando tive de falar tomei como intérprete um jovem paraguaio graduado na Universidade da Pensilvania. Ele traduziu para o espanhol minha idéias - sobre assuntos como a liberdade dentro da ordem e os malefícios do habito das revoluções - com clareza e vigor, porque compreendeu cabalmente não só meu modo de sentir, como o ponto de vista americano no considerar de tais assuntos. (p. 59)</p>	<p>- ocorrência de <i>breakfast</i> como almoço (ocorre com frequência no texto) - MA: eleva as qualidades do intérprete (a <i>grande</i> habilidade de traduzir/estava absolutamente integrado) para demonstrar o quanto os dois compartilhavam o mesmo pensamento (será que TR entendia espanhol?!) e ao final enfatiza que aquele ponto de vista era o jeito de os norte-americanos encararem tais assuntos (por toda a América do Norte)</p>
2.12	<p>There were also some wild Indians, who were camped in the usual squalid fashion of Indians who are hangers-on round the white man but have not yet adopted his ways. Most of the men were at work cutting wood for the tannery. The women and children were in camp. Some individuals of both sexes were naked to the waist. (p. 48)</p>	<p>Havia também alguns selvícolas que estavam acampados à sua anti-higiênica maneira, parasitando ao lado dos brancos, mas sem adotar os mesmos hábitos. Muitos deles se empregavam no corte de madeira para o curtume. As mulheres e as crianças se deixavam ficar nas tabas. Algumas estavam nuas da cintura para cima. (p. 47)</p>	<p>Havia também alguns índios no estado selvagem, acampados segundo as precarias condições dos que vivem em torno dos brancos mas que ainda não adotaram seus costumes. A maioria dos homens trabalhava para o cortume. As mulheres e crianças ficavam no acampamento. Varios individuos de ambos os sexos estavam nus até a cintura. (p. 60-61)</p>	<p>-CEN parece querer suavizar a forma bem preconceituosa com que TR descreve as condições dos indígenas que estavam no local: squalid [imundo] = precário / hangers-on [parasita] = vivem em torno - CEN omite que a maioria dos homens trabalhava <i>cutting wood</i> - Em MA <i>camp</i> vira <i>taba</i> dos indígenas/TR deixa claro que indivíduos <i>of both sexes</i> estavam nus até a cintura, mas na cena traduzida por MA somente mulheres e crianças é que estão assim</p>
2.13	<p>[descrevendo Rondon ao vê-lo pela primeira vez] He is of almost pure Indian blood, and is a Positivist [...] (p. 49)</p>	<p>É de sangue índio quase 100% e positivista (p. 47)</p>	<p>É de sangue índio quasi puro, e positivista (p. 61)</p>	<p>Foi uma rara menção em MA de uma <i>porcentagem</i>, por assim dizer, de pureza de sangue; Rondon era mais próximo da pureza?</p>
2.14	<p>[Indian/selvagem] Colonel Rondon has spent the last twenty-four years in exploring the western highlands of Brazil,</p>	<p>O Cel. Rondon havia despendido quarenta e quatro anos explorando os planaltos do oeste brasileiro, como pioneiro do telégrafo</p>	<p>O coronel Rondon passou os últimos 20 anos explorando os planaltos do oeste brasileiro, abrindo caminho, como</p>	<p>- As duas traduções não descrevem corretamente quanto tempo de serviço</p>

	pioneering the way for telegraph-lines and railroads. During that time he has travelled some fourteen thousand miles , on territory most of which had not previously been traversed by civilized man, and has built three thousand miles of telegraph. He has an exceptional knowledge of the Indian tribes and has always zealously endeavored to serve them and indeed to serve the cause of humanity wherever and whenever he was able. Thanks mainly to his efforts, four of the wild tribes of the region he has explored have begun to tread the road of civilization. (p. 50)	e das estradas-de-ferro. Durante este tempo, palmilhara cerca de 22.000 quilômetros sobre territórios, na sua maioria, virgens às pegadas do homem civilizado, tendo construído três mil milhas de linhas telegráficas. Tinha um conhecimento extraordinário das tribos selvagens , às quais procurava assistir com todo carinho , servindo ao mesmo tempo à causa da humanidade em qualquer lugar que se lhe apresentasse ocasião. Graças principalmente aos seus esforços, quatro das tribos selvagens da região em que atuava foram encaminhadas à civilização. (p. 48)	pioneiro, para as linhas telegráficas e estradas de ferro. Durante aquele período percorreu cerca de 26 mil quilômetros , em regiões cuja maior parte nunca fora dantes visitada por gente civilizada, e construiu cerca de 5.500 quilômetros de linhas telegráficas. Possui excepcional conhecimento das tribos indígenas e sempre, com grande zelo , se esforçou para as ajudar, e realmente para ajudar a causa da humanidade, onde e quando lhe foi possível. Graças sobretudo aos seus esforços, quatro das tribos bravias da região que explorou começaram a trilhar o caminho da civilização. (p. 62)	que Rondon já tinha ao encontrar com TR na expedição (24/44!/20) - da mesma forma, CEN também dá números incorretos sobre a quantidade de território trilhado por ele (14.000 milhas dá cerca de 22.000 km) e das linhas telegráficas construídas (3.000 milhas é mais ou menos 4.800km) - MA constantemente reforça no leitor o caráter de selvagem quando TR se refere apenas a <i>Indian(s)</i>
2.15	But in South America Christianity is at least as much a status as a theology . (p. 50)	Mas, na América do Sul, o Cristianismo é antes de tudo uma dignidade , mais do que uma teologia. (p. 48)	Mas na América do Sul o cristianismo é, pelo menos, uma crença correspondente à fase teológica . (p. 62)	<i>at least as much a status as a theology</i> : pareceu que ocorreu mais uma confusão na hora de traduzir os termos por aqui...
2.16	The steamers halted; Colonel Rondon and several of his officers, spick and span in their white uniforms , came aboard; and in the afternoon I visited him on his steamer to talk over our plans. When these had been fully discussed and agreed on we took tea. I happened to mention that one of our naturalists, Miller , had been bitten by a piranha, and the man-eating fish at once became the subject of conversation. (p. 51)	Os vapores pararam e o Cel. Rondon e alguns oficiais de seu Estado-Maior, flamejantes em seus uniformes brancos , vieram para bordo. Mais tarde visitei-os em seu vapor, onde conversamos sobre nossos planos de viagem. Após ultimarmos as conversações foi-nos servido chá. Em conversa eu disse que um de nossos naturalistas havia sido mordido por piranha e desse modo a palestra derivou-se para tal assunto. (p. 48)	Os vapores pararam. O coronel Rondon e vários de seus oficiais, corretamente uniformizados de branco , vieram a bordo; à tarde visitei-o no seu navio, para trocar ideias sobre nossos planos. Quando estes já estavam plenamente discutidos, foi servido o chá. Havendo eu contado que um dos nossos naturalistas, Miller , tinha sido mordido por uma piranha, e peixe antropófago constituiu imediatamente assunto da conversação. (p. 63)	MA: enfatiza a palavra <i>Estado-Maior</i> - seria devido ao período histórico, que valorizava militares? Embora TR dissesse que estavam impecáveis, em seus uniformes brancos muito limpos (<i>spick and span in their white uniforms</i>), o <i>flamejante</i> remete muito mais à ideia de fogo (o que soaria estranho nesse contexto) do que o sentido menos comum de resplandecente ¹⁷² , cintilante... MA oculta o nome do naturalista Miller em alguns trechos, assim como, ao falar de seu animal de

¹⁷² <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/flamejante/>

				estimação (mais à frente), só se refere a ele por bichinho ou algo parecido (na verdade era uma coruja - alguma simbologia nos anos 40?)
2.17	During his trips Colonel Rondon had met with various experiences with wild creatures. (p. 52)	Durante suas viagens, o Cel. Rondon teve diversos acidentes com animais selvagens. (p. 49)	Durante suas excursões, o coronel Rondon adquiriu muitos conhecimentos práticos dos animais selvagens. (p. 64)	<i>experiences</i> (não remete exatamente a perigo) mas em MA virou <i>acidentes</i>
2.18	Twice smaller anacondas had attacked his dogs; one was carried under water—for the anaconda is a water-loving serpent—but he rescued it . (p. 53)	Por duas vezes sucuris menores atacaram seus cães; de uma feita uma delas arrastou o cão pela correnteza - pois são serpentes que gostam muito de estar nágua - porém ele conseguiu salvar o bichinho (p. 50)	Sucuris da metade daquele tamanho haviam atacado seus cães; um deles fora arrastado para o fundo da água — pois a sucuri é uma serpente aquática — mas ele salvou-o . (p. 65)	parece que aconteceu alguma confusão na hora de traduzir a palavra <i>twice...</i> enquanto MA traduziu por duas vezes (mais aceitável no contexto), CEN diminuiu a sucuri à metade do tamanho
2.19	Through the open doors and windows we caught dim glimpses of the halfclad inmates of the poorer houses; women and young girls sat outside their thresholds in the moonlight. (p. 54)	Através das portas e das janelas abertas dávamos rápidas olhadelas para o interior semidespido das habitações mais pobres; mulheres e mocinhas sentavam-se do lado de fora das soleiras, apreciando o luar . (p. 50)	Pelas portas e janelas abertas avistamos vagamente os moradores seminus das casas mais pobres; mulheres e meninas ficavam sentadas fora de suas portas, ao luar. (p. 66)	MA: tenta atenuar a imagem da pobreza: O interior da casa estaria semidespido (com poucos móveis?), mas TR descreveu que os moradores que estariam seminus. A imagem fica mais <i>poética</i> quando as mulheres e mocinhas apreciam o luar (inclusão do tradutor).
2.20	[...] and a Catalan who spoke French, and who was accompanied by his pretty daughter, a dear little girl of eight or ten, who said with much pride that she spoke three languages— Brazilian , Spanish, and Catalan! (p. 54)	[...] e também um catalão que falava francês e se achava acompanhado de sua linda filhinha, interessante menina de 8 a 10 anos, que tinha grande orgulho em dizer que falava três línguas; brasileiro , espanhol e catalão! (p. 50)	[...] E um catalão que falava francês e era acompanhado por sua linda filha, gentil menina de oito a dez anos, a qual, contava ele com muito orgulho, falava três línguas — a portuguesa , a espanhola e a catalã. (p. 66)	o tradutor em CEN permitiu-se corrigir a gafe de TR (língua brasileira).
2.21	Now, along its upper course [Paraguay river], the settlements are much like those on the Mississippi at the end of the first quarter of the last century; and in the not distant future it will witness a burst of growth and prosperity much like that which the Mississippi saw when the old men of to-day were very young. (p. 55)	[...] atualmente, na parte superior do rio [Paraguai], as aldeias são muito parecidas com as do Mississippi ao tempo em que os velhos de hoje ainda eram crianças. (p. 51)	Agora, no seu curso superior, os estabelecimentos são muito semelhantes aos do Mississippi nos fins do primeiro quarto do último século; e em um futuro que não está longe, ele testemunhará um surto de crescimento e prosperidade muito semelhante ao que o Mississippi presenciou quando os	MA apagou uma frase inteira, que foi traduzida em CEN (ver negrito)

			velhos de hoje eram homens muito moços. (p. 67)	
2.22	On one of these hills stood a picturesque old stone fort, known as Fort Bourbon in the Spanish, the colonial, days. (p. 55)	No alto de uma dessas colinas erguia-se uma pitoresca fortaleza de pedra, o “Forte Bourbon”, batizada pelos espanhóis nos tempos coloniais. (p. 51)	Sobre um dos morros aparecia um pitoresco forte antigo, de pedras, conhecido como forte Bourbon, nos tempos coloniais da Espanha. (p. 67)	MA: Batizar remete ao ato colonizador de nomear as coisas; é cristão/europeu dominando as coisas no Novo Mundo através do ato de nomear
2.23	Here Father Zahm baptized two children, the youngest of a large family of fair-skinned, light-haired small people , whose father was a Paraguayan and the mother an "Oriental," or Uruguayan. No priest had visited the village for three years , and the children were respectively one and two years of age. (p. 55-56)	Nesse lugar o Pe. Zahm batizou duas crianças, os dois filhos mais jovens de uma grande família de pele clara e cabelo fino, cujo pai era paraguaio, sendo a mãe oriental ou uruguaia. Já havia dois anos que não aparecia nenhum padre na vila, tendo as crianças um e dois anos respectivamente. (p. 51)	Aí o padre Zahm batizou os dois filhos mais novos de uma vasta família de gente pequena, de pele fina e cabelos louros , cujo pai era paraguaio e a mãe "oriental" ou uruguaia. Nenhum padre estivera no lugarejo de três anos àquela parte, e as crianças tinham respectivamente um e três anos de idade. (p. 67-68)	MA: o que seria uma <i>pele fina</i> em CEN? MA esqueceu do <i>small people</i> Os dois tradutores fazem confusão com a idade das crianças e o tempo em que não aparecia padre na localidade...
2.24	Early in the afternoon, having reached the part where both banks of the river were Brazilian territory, we came to the old colonial Portuguese fort of Coimbra. It stands where two steep hills rise, one on either side of the river, and it guards the water-gorge between them. (p. 58)	Ao cair da tarde, assim que atingimos um ponto em que ambas as margens do rio estavam em território brasileiro, chegamos ao antigo forte colonial português, o Forte de Coimbra. (p. 52)	Tendo, ao começo da tarde, alcançado o ponto onde ambas as margens do rio eram território brasileiro, chegamos ao antigo forte Coimbra, da época colonial portuguesa. Está situado onde dois escarpados morros se erguem, um de cada lado do rio, e defende a garganta fluvial que entre eles passa. (p. 70)	A frase em negrito foi inteiramente retirada em MA

CAPÍTULO III

A JAGUAR-HUNT ON THE TAQUARI		UMA CAÇADA DE JAGUAR NO TAQUARI	UMA CAÇADA AO JAGUAR EM TAQUARÍ	
SEQ	Charles Scribner's (1914)	Ministério da Agricultura/MA (1943)	Companhia Editora Nacional/CEN (1944)	Comentários
3.1	The baggage went in an ox-cart—which had to make two trips , so that all of my belongings reached the ranch a day later than I did. We rode small, tough ranch horses . The distance was some twenty miles . (p. 67)	A bagagem seguiu em um carro de boi que teve de fazer duas viagens , de sorte que meus objetos chegaram um dia depois de mim. Nós fomos a cavalo, em verdadeiros cavaliçoques . A distância era de umas três léguas e pouco . (p. 58)	A bagagem seguiu num carro de bois, que fez a viagem em dois dias ; meus objetos chegaram à fazenda um dia depois de mim. Montávamos pequenos e fortes cavalos de campo . A distância era de umas cinco léguas . (p. 79)	CEN: confusão <i>two trips/dois dias</i> MA: Cavaliçoques, segundo o Michaelis é termo pejorativo: Cavalo magro, pequeno, velho ou de pouco valor; pileca. Twenty miles: dá 6,6 léguas (nem um nem outro tradutor descreveu a

				distância aproximada, caso alguém utilize a tradução para se guiar e refazer o trajeto)
3.2	[...] crossing boggy pools where the little horses labored hard not to mire down. Our dusky guide was clad in a shirt, trousers, and fringed leather apron, and wore spurs on his bare feet; [...] (p. 67)	[...] cruzávamos um atoleiro, onde os pobres cavalicoques lutavam para não se afundar. O nosso guia, que era um caboclo , vestia camisa, calças e um avental de couro com franjas. Estava descalço, tendo uma esporra em cada pé. (p. 58)	[...] Cruzávamos baixadas lamacentas, onde os cavalinhos forcejavam para não ficarem atolados. Nosso guia, de pele escura , ia vestido de camisa, calças e avental de couro franjado, levando esporas nos pés descalços; [...] (p. 79)	Cavalicoque era termo pejorativo (novamente) <i>Dusky guide</i> : MA atenuou para <i>caboclo</i> ?
3.3	[...] the upper-grade peons, the headmen, the cook, and jaguar-hunters, with their families: dark-skinned men, their wives showing varied strains of white, Indian, and negro blood. (p. 71)	[...] empregados mais graduados; o capataz, o cozinheiro e os caçadores com suas famílias; homens de cor cujas mulheres mostravam variações de raça branca, índia e negra. (p. 60)	[...] Empregados graduados, os feitores, o cozinheiro e os caçadores de onças com suas famílias: homens de pele escura, mostrando suas mulheres, variadas misturas de sangue branco, índio e negro. (p. 81-82)	Qual era a aceitação da expressão <i>de cor</i> naquela época, seria usual? Blood/raça/sangue
3.4	The tough little horses bore us well through the marsh. [...] The dogs were a wild-looking set. Some were of distinctly wolfish appearance. (p. 73-74)	O trote duro dos animais através dos pântanos, nos cansou bastante. [...] Os cães tinham aspecto selvagem. Alguns mostravam a aparência perfeita de um lobo marinho. (p. 61)	Os cavalinhos resistentes nos conduziam bem, pantanal afora. [...] Os cães formavam uma bravia matilha. Alguns tinham distintamente a aparência de lobos. (p. 86)	<i>The tough little horses bore us well through the marsh</i> : a tradução em MA soa como uma crítica, uma queixa, quando TR na verdade diz que os animais aguentaram firme no trecho pantaneiro; já em CEN, apesar das dificuldades, aparenta ser um elogio. MA: wolfish/lobo marinho (!)
3.5	Of the two ordinarily with us one was much the younger; and whenever we came to an unusually doubtful-looking ford or piece of boggy ground the elder man always sent the younger one on and sat on the bank until he saw what befell the experimenter. In that rather preposterous book of our youth, the "Swiss Family Robinson," mention is made of a tame monkey called Nips, which was used to test all edible-looking things as to the healthfulness of which the adventurers	Dos dois que ordinariamente trazíamos a um lugar mais perigoso de travessia ou a qualquer atoleiro, o mais velho mandava-o na frente e ficava sentado na margem até ver o que acontecia. Aliás, no antiquado livro de nossa juventude <i>A família suíça Robinson</i> , encontra-se a história de um macaco domesticado chamado "Nips", que era empregado para provar todas as coisas de aparência comestível, sobre cuja possibilidade de ingestão houvesse dúvida. Por causa desta grande semelhança de	Dos dois que ordinariamente nos acompanhavam, um era mais moço do que o outro e sempre que se nos deparava uma passagem de incomum aspecto duvidoso, ou um trecho de atoleiro, o mais velho mandava sempre o moço à frente, e, sentado no barranco, observava o que sucedia ao experimentador. No livro um tanto inverossímil de nossa mocidade, o "Robinson suíço", menciona-se um macaco manso chamado Nips, que era empregado para provar as	<i>Preposterous</i> (absurdo): antiquado em MA/inverossímil na CEN Um dos peões da comitiva foi apelidado.... igualado a um macaco!

	felt doubtful; and because of the obvious resemblance of function we christened this younger hunter Nips. (p. 75-76)	funções, nós crismamos o tal rapaz de “Nips”	coisas que pareciam comestíveis, e sobre cujos efeitos os náufragos tinham dúvidas; e, dada a semelhança óbvia da função, batizamos o caçador mais moço como nips. (p. 87-88)	
3.6	[...] each on a weedy , undersized marsh pony, accustomed to traversing the vast stretches of morass; and we were accompanied by a brown boy, with saddle-bags holding our lunch, [...] (p. 77)	[...] cada um de nós montava um cavalinho ágil e acostumado a atravessar aquelas vastas extensões lamacentas. Acompanhava-nos ainda um rapaz escuro , carregando dois surrões com a nossa “matula”. (p. 63)	cada um sobre um cavalinho ossudo , habituado a cruzar vastas extensões do pantanal; éramos acompanhados por um rapaz moreno que levava almoço [p. 89]	De <i>weedy</i> /magricelo ou fraco, o cavalinho passa a ser ágil em MA...
3.7	We had the miscellaneous pack with us, [...] (p. 79)	Trazíamos a matilha conosco. (p. 65)	Tínhamos conosco a matilha mesclada , [...] (p. 91)	Nem sequer os cães são deixados a salvo das críticas e “enquadramento” racial por TR, que sempre se queixou da qualidade dos cães de caça que os acompanharam; MA não cita o <i>miscellaneous</i> .
3.8	It was interesting to find that my hosts, and the mixed-blood hunters and ranch workers, [p. 84]	Era interessante notar como os nossos hospedeiros, os caçadores e os trabalhadores da fazenda [...] (p. 67)	Era interessante observar que nossos hospedeiros, os caçadores mestiços e trabalhadores da estância, [p. 95]	MA oculta o mixed-blood, citado muitas vezes por TR ao longo do texto
3.9	The agility, nerve, and prowess of the ranch workmen, the herders or gauchos, were noteworthy. The darkskinned men were obviously mainly of Indian and negro descent, although some of them also showed a strong strain of white blood. They wore the usual shirt, trousers, and fringed leather apron, with jim-crow hats . (p. 92)	O destemor e a agilidade dos vaqueiros eram notáveis. A cor da pele daquela gente indicava claramente sua origem indígena e negra, posto que alguns revelassem também fortes traços de sangue branco. Usavam camisas comuns, calças, um avental de couro franjado e chapéus deformados . (p. 72)	A agilidade, coragem e proezas dos trabalhadores da fazenda, vaqueiros ou gaúchos eram dignas de atenção. Os homens de pele escura eram, de maneira evidente, descendentes de índios e de pretos, embora alguns também mostrassem forte dose de sangue branco. Vestiam a camisa usual, calças e avental de couro franjado, com chapéus batidos à frente. (p. 103-104)	- MA: <i>darkskinned</i> é ocultado na tradução, que adiciona ainda <i>a cor da pele daquela gente</i> , como um tipo de distanciamento entre o narrador e os que são descritos - <i>Jim-crow hats</i> , termo escolhido por TR para caracterizar os chapéus dos peões, remete ao personagem da época das leis de segregação racial de pessoas negras nos EUA. Estaria naturalizado, ou normalizado, tais descrições na época do relato? Os tradutores não trouxeram nota de rodapé para o leitor

3.10	Next morning, with real regret, we waved good-by to our dusky attendants , as they stood on the bank, grouped around a little fire, beside the big, empty ox-carts. [...] He had with him in the boat his comely brown wife —who was smoking a very large cigar - [...] (p. 94)	Na manhã seguinte despedimo-nos, com bastante saudade, dos nostros caboclos , que ficaram na margem grupados em torno de uma pequena fogueira acesa debaixo do carro de boi. [...] Vinham com ele sua mulher, que era uma morena graciosa e fumava um grande charuto, [...] (p. 73)	Na manhã seguinte, com sincera tristeza acenamos nosso adeus aos escuros servidores que ficaram na barranca, agrupados ao redor de um foguinho, junto aos grandes carros de bois vazios. [...] Tinha consigo, no barco, sua simpática e morena esposa — que estava fumando um enorme charuto — [p. 105]	MA: dusky/caboclo - um dos trechos de críticas de Agenor Soares de Moura (que publicou artigo no jornal, em 1945, apontando falhas nesta tradução) quanto à troca da preposição <i>beside</i> por <i>debaixo</i>
------	--	--	--	--

CAPÍTULO IV

THE HEADWATERS OF THE PARAGUAI		AS CABECEIRAS DO PARAGUAI	A CABECEIRA DO PARAGUAI	
SEQ	Charles Scribner's (1914)	Ministério da Agricultura/MA (1943)	Companhia Editora Nacional/CEN (1944)	Comentários
4.1	The country will soon be opened by rail. It offers a fine field for immigration and for agricultural, mining, and business development ; and it has a great future. (p. 96)	Breve essa zona será cortada por estrada de ferro. Oferece, pois, todas as possibilidades de colonização . É uma zona de grande futuro. (p. 75)	A região será em breve servida por via férrea. Oferece magnífico campo para imigração e agricultura, mineração e desenvolvimento comercial . Tem um grande futuro. (p. 107)	MA: <i>immigration and for agricultural, mining, and business development</i> foi reduzida a colonização. A visão americana de TR de exploração dos recursos naturais ficou resumida, embora seja a tradução do MA...
4.2	The dusky owner, and perhaps his family, came out on the bank to watch us as we passed. (p. 98)	Os caboclos dessas malocas, quando não toda a família, vinham até a beira do rio apreciar a passagem do vapor. (p. 77)	Os escuros moradores, às vezes com a família, saíam para a barranca, a ver nossa passagem. (p. 109)	MA: há várias trocas de termos que TR descreve como <i>escuros</i> (e derivados) por <i>caboclos</i> (seria uma visão romantizada?)
4.3	[...] several other ladies and gentlemen, had come down the river to greet us, from the city of Cuyaba, several hundred miles farther up-stream. (p. 100)	[...] vários outros cavalheiros e senhoras, vieram de Cuiabá, que ficava uns 30 quilômetros acima, para cumprimentar-nos. (p. 78)	[...] Vários outros cavalheiros e senhoras tinham descido o rio para nos cumprimentar. Desceram um rio, a varias centenas de quilômetros de distância. (p. 111)	Outra confusão com distâncias...
4.4	[selvagens] There are still Indian tribes in this neighborhood. [...] The Indians were friendly, peaceable souls , for the most	Por ali ainda existem algumas tribos selvagens . [...] Eram índios mansos , sendo que a maior parte se vestia como a gente pobre do interior . (p. 79)	Ainda existem tribos de índios nas vizinhanças. [...] Eram eles criaturas amistosas e pacíficas , e na maioria	MA: a tradução confunde o leitor, sendo que a descrição é dos mesmos indígenas: ora são selvagens (sempre enfatiza essa palavra), ora pacíficos...

	part dressed like the poorer classes among the Brazilians . (p. 101-102)		vestidos como as classes mais pobres entre os brasileiros . (p. 112-113)	MA ainda parece querer desfazer a imagem genérica que TR constrói dos brasileiros pobres restringindo-os como do <i>interior</i>
4.5	Three or four ordinary countrymen, the ranch hands, or vaqueiros, accompanied us; they were mainly of Indian blood , and would have been called peons, or caboclos, in other parts of Brazil, but here were always spoken to and of as "camaradas." [...] The camaradas, on the other hand, had jim-crow saddles and bridles, [...] But all, gentry and commonalty alike, rode equally well and with the same skill and fearlessness. (p. 103)	Três ou quatro vaqueiros nos acompanhavam; eram homens de sangue indígena, que em outras partes do Brasil se diriam peões ou caboclos, mas que ali eram chamados de "camaradas" [...] Os camaradas, por sua vez, usavam selas e bridas já um tanto estragadas [...] Todos , porém, montavam bem, com a mesma habilidade e intrepidez. (p. 80)	Três ou quatro trabalhadores da fazenda ou vaqueiros nos acompanhavam; eram sobretudo de sangue índio . Em outras regiões do Brasil seriam denominados "peões" ou caboclos, mas aqui eram sempre chamados "camaradas". [...] Os camaradas, por outro lado, tinham arreios e rédeas de couro cru , [...] Todos, porém, senhores e plebeus , cavalgavam igualmente bem, com a mesma perícia e intrepidez. (p. 114)	- definição dos camaradas... - novamente menção a <i>Jim-crow</i> para descrever sela e rédea: um tanto estragadas em MA/couro cru em CEN - MA: resolveu excluir a classificação dos níveis de "nobreza": gentry and commonalty
4.6	One dusky tatterdemalion wore a pair of boots from which he had removed the soles, his bare, spur-clad feet projecting from beneath the uppers. He was on a little devil of a stallion, which he rode blindfold for a couple of miles, [...] (p. 104)	Um daqueles caboclos , com a roupa em trapos, usava um par de botinas do qual havia retirado as solas, deixando aparecer o pé com a espora. Estava montado num pequeno e terrível garanhão , que andou uns dois quilômetros com os olhos vendados [...] (p. 80)	Um camarada escuro , maltrapilho, usava um par de botas sem solas, saindo-lhes dos canos os pés nus, com esporas. Montava ele um cavalo endemoninhado , que seguiu com os olhos vedados por espaço de alguns quilômetros; (p. 115)	MA: prefere utilizar a palavra caboclo para <i>dusky</i> /atenuou o sentido do cavalo endemoniado
4.7	We found them again only owing to one of our caboclos; an Indian with a queer Mongolian face, and no brain at all that I could discover, [...] (p. 106)	E só pudemos encontrá-los novamente devido a um de nossos caboclos, um índio que tinha a cara esquisita de mongol e era completamente desprovido de entendimento, [...] (p. 82)	Achamo-los de novo graças a um de nossos caboclos, um índio de faces mongólico, sem inteligência alguma que se lhe pudesse descobrir, [...] (p. 117)	Aqui foi CEN que excluiu o adjetivo <i>queer</i> na definição já bem carregada de TR sobre o caboclo...
4.8	Before we left the house where we had been treated with such courteous hospitality —the finest ranch-house in Matto Grosso [...] (p. 109)	Antes de nossa partida daquela casa em que tínhamos sido tão regamente tratados - a melhor fazenda de Mato Grosso [...] (p. 83)	Antes de deixarmos a casa onde fomos tratados com tão cortês hospitalidade — a melhor casa de fazenda de mato grosso [...] (p. 120)	MA: <i>engrandeceu</i> o tratamento recebido pelos donos da fazenda, um tratamento de rei (TR escreveu assim pois sabia que seus anfitriões poderiam ler o relato depois?!)
4.9	The German taxidermist who was with Colonel Rondon's party, Reinisch, a very good fellow from Vienna [...] (p. 109)	O taxidermista alemão, do grupo do Cel. Rondon, chamado Reinisch, aliás um bom companheiro, [...] (p. 84)	O taxidermista alemão que vinha na comitiva do coronel Rondon, Reinisch,	Interessante que MA exclui a origem do alemão: <i>from Vienna</i> . Poderia ter

			boníssimo camarada de Viena , [...] (p. 120)	alguma relação em evitar menções aos nazistas, na época da II Guerra
4.10	A couple of brown camaradas led the way, [...] (p. 110)	Alguns caboclos marchavam na frente [...] (p. 84)	Dois camaradas trigueiros abriam a marcha, [...] (p. 121)	<i>brown/caboclos/trigueiros</i>
4.11	Our party consisted of Colonel Rondon, Lieutenant Rogaciano—an excellent man, himself a native of Matto Grosso, of old Matto Grosso stock —two others of the party from the Sao Joao ranch, Kermit, and myself, together with four dark-skinned camaradas, cowhands from the same ranch. (p. 113)	O grupo era constituído pelo Cel. Rondon, Tte. Rogaciano - um excelente cidadão natural de Mato Grosso, de velha estirpe daquele Estado - dois outros senhores da fazenda São João, Kermit e eu, além de quatro camaradas, vaqueiros também daquela fazenda. (p. 86)	Nosso grupo se compunha do coronel Rondon, tenente Rogaciano — um homem excelente, natural de Mato Grosso e de velha cepa matogrossense — e mais duas pessoas da fazenda são João. (p. 124)	Enquanto CEN exclui uma frase inteira (<i>Kermit, and myself, together with four dark-skinned camaradas, cowhands from the same ranch.</i>), MA exclui a sempre presente descrição das peles (<i>dark-skinned camaradas</i>)
4.12	For an hour we went through thick jungle, [...] (p. 114)	Durante meia hora caminhamos no meio da selva espessa [...] (p. 86)	Por uma hora atravessamos matagal denso [...] (p. 124)	MA traduz <i>meia hora</i> em vez de 1 hora
4.13	As we approached we passed half-clad black washerwomen on the river's edge. [...] Groups of women and girls, white and brown, watched us from the low bluff; [...] Pretty faces, some dark, some light , looked out from these windows; [...] (p. 127)	Nas suas proximidades passamos por uma lavadeira preta e seminua nas margens do rio. [...] Grupos de senhoras e moças claras e trigueiras olhavam-nos do mirante, [...] Belos rostos, uns morenos, outros claros, olhavam das janelas; [...] (p. 94)	Quando nos aproximávamos, passamos por grupos de lavadeiras pretas seminuas à beira d'água. [...] Grupos de mulheres e meninas, brancas e trigueiras, nos observavam da ribanceira baixa. [...] Lindas caras, algumas louras , outras morenas, miravam dessas janelas a rua. [...] (p. 137-138)	MA: aqui o tradutor parece querer diminuir o choque da visão elaborada pelo leitor ao visualizar a cena de várias mulheres negras seminuas lavando roupas na beira do rio, e coloca apenas <i>uma lavadeira...</i>
4.14	[Rondon] Three times he penetrated into this absolutely unknown, Indian-haunted wilderness , being absent for a year or two [...] (p. 128)	Por três vezes penetrou nessas selvas absolutamente desconhecidas, ausentando-se de uma feita, por um ou dois anos [...] (p. 94)	Por três vezes penetrara ele naquele sertão desconhecido, infestado de índios , ausentando-se por um ou dois anos cada vez, [...] (p. 139)	MA oculta a frase <i>Indian-haunted wilderness</i>
4.15	In dealing with the wild, naked savages he showed a combination of fearlessness, wariness, good judgment, and resolute patience and kindness. (p. 129)	No trato com os selvagens , mostrou um conjunto de atributos: intrepidez, prudência, senso, paciência e benignidade. [p. 95]	Ao tratar com os selvagens brutos e nus , empregava uma combinação de audácia cautelosa, de ponderada prudência e grande paciência e bondade. (p. 140)	MA: será que o tradutor quis retirar a imagem dos indígenas despidos para não chocar a sociedade da época?
CAPÍTULO V				
UP THE RIVER OF TAPIRS		SUBINDO O RIO DAS ANTAS	SUBINDO O “RIO DAS ANTAS”	
SEQ	Charles Scribner’s (1914)	Ministério da Agricultura/MA (1943)	Companhia Editora Nacional/CEN (1944)	Comentários

5.1	Three of them were Indian dugouts, very low in the water. (p. 134)	[...] das quais três não passavam de pirogas de índios, com a borda rente à água. (p. 98)	Três delas eram montarias ¹⁷³ de índios, calando muito na água. (p. 144)	MA: parece desdenhar do tipo de canoa (<i>não passavam de</i>), enquanto TR apenas descreve que era <i>Indian dugouts</i>
5.2	The paddlers were natives of the poorer class. They were good men. The bowsman was of nearly pure white blood; the steersman was of nearly pure negro blood, and was evidently the stronger character and better man of the two. The other canoes carried a couple of fazendeiros, ranchmen, who had come up from Cáceres with their dogs. These dugouts were manned by Indian and half-caste paddlers , and the fazendeiros, who were of nearly pure white blood, also at times paddled vigorously. [...] There was every gradation between and among the nearly pure whites, negroes, and Indians. On the whole, there was most white blood in the upper ranks, and most Indian and negro blood among the camaradas ; but there were exceptions in both classes, and there was no discrimination on account of color. All alike were courteous and friendly. (p. 134-135)	Estes eram da classe mais humilde e bons homens. O que remava à proa era quase branco e o da ré, o melhor deles, era negro e demonstrava mais forte personalidade. As demais canoas conduziam alguns fazendeiros e proprietários que tinham vindo de Cáceres com seus cães. Eram pilotadas por índios e mestiços ; mas, os fazendeiros, que eram quase brancos , de quando em vez também remavam e o faziam vigorosamente. [...] Notava-se verdadeira graduação de cores entre pretos, índios e brancos. Nas camadas sociais mais elevadas geralmente se percebia maior quantidade de sangue branco; entre os camaradas eram comuns negros e índios , embora houvesse algumas exceções, o que, entretanto, em nada influia em suas relações sociais. Todos eram corteses e se tratavam amigavelmente. (p. 98)	[...] canoa com dois remeiros, nativos das classes mais pobres, gente boa. o remeiro da frente era de quase pura raça branca; o da ré, quase preto legítimo, e evidentemente era o de melhor caráter entre os dois. as outras duas canoas levavam dois estancieiros que tinham vindo de cáceres com seus cães. estas montarias estavam tripuladas com remeiros índios e mestiços ; e os fazendeiros, que eram brancos quase puros , também remavam vigorosamente algumas vezes. [...] havia todas as gradações de raças entre branca quase pura, a negra e a indígena. no conjunto, havia mais sangue branco nas classes altas e mais de negro e índio entre os camaradas; mas notavam-se exceções em ambas as classes, e não havia distinções por questão de cor. todos eram igualmente corteses e amistosos. (p. 144-145)	Trecho longo e repleto da “categorização por cores” tão presente na narrativa. A tradução do MA, no geral, aliviou as descrições tão enfáticas de TR. A percepção do autor era de que a cor da pele não fazia diferença no tratamento entre os brasileiros; o choque pareceu ficar só na mentalidade americana de TR mesmo. No Brasil que recepcionou as traduções, era algo importante de se divulgar, pois se traçava naquele momento a imagem de um Brasil como uma “democracia racial”
5.3	On one side was a big, whitewashed, tile-roofed house in which the foreman dwelt—an olive skinned , slightly built, wiry man, with an olive-skinned wife and eight as pretty, fair-haired children as one could wish to see. He usually went	De um lado existia uma grande casa de telhas, de paredes caiadas e onde residia o capataz - homem nervoso, franzino, de pele cor de azeitona , com a mulher, da mesma cor , e oito crianças de cabelo luzidio, tão lindas quanto se podia desejar.	De um lado havia uma grande casa caiada e coberta de telhas, onde residia o administrador — um homem azeitonado , de constituição delgada e férrea, com uma esposa também cor de azeitona , e oito pequenos bonitos com	MA: como a cor das pessoas vem sempre em 1º lugar nas descrições de TR, o tradutor colocou a pele cor de azeitona como 3ª. característica, e oculta a repetição <i>with an olive-skinned wife</i> (da mesma cor).

¹⁷³ <https://michaelis.uol.com.br/palavra/e3xnl/montaria-2/>

	barefoot, and his manners were not merely good but distinguished. [...] the ordinary cowhands lived with their dusky helpmeets and children. (p. 140-141)	Habitualmente andava descalço e não era homem apenas de boas maneiras, mas sim o que se podia dizer - distinto. [...] onde residiam os vaqueiros e suas companheiras caboclas e os filhos. (p. 102)	lindíssimos cabelos. Geralmente o administrador andava descalço e suas maneiras não só eram boas, como também distintas. [...] os vaqueiros residiam com suas escuras companheiras e os filhos. (p. 150-151)	Dusky/caboclas
5.4	Colonel Rondon had sent out one of our attendants, an old follower of his, a fullblood Parecis Indian, to look for tracks. (p. 143)	O Cel. Rondon determinou então que um dos camaradas, aliás um índio puro da tribo dos parecis, adestrado neste tipo de caçada, fosse descobrir os rastos da caça. (p. 103)	O coronel Rondon mandara um de nossos homens, um índio pareci puro sangue , seu antigo companheiro, à procura de rastos. (p. 153)	Quando TR fala em puro sangue, parece falar de animais... E a tirar pelo camarada Nips, a inclusão da palavra <i>adestrado</i> em MA não seria estranha para seu linguajar... TR elogia esses homens negros e índios, ao mesmo tempo em que os considera quase animais...
5.5	It was a picturesque cavalcade. The native hunters, of every shade from white to dark copper , [...] (p. 144)	Após a travessia, encilhamos os animais e partimos numa pitoresca cavalgada. Os caçadores nativos formavam um grupo de todas as tonalidades, desde o branco puro até o preto retinto; [...] (p. 104)	Era uma cavalgada pitoresca. Os caçadores nativos, homens de todas as cores, desde o branco ao cobreado escuro, [...] (p. 154)	MA: ênfase no <i>branco puro</i> (TR quando faz questão de dizer que é puro, escreve no seu texto)
5.6	He and the colonel, and Kermit and I, talked over school matters at length, and were in hearty accord as to the vital educational needs of both Brazil and the United States: the need of combining industrial with purely mental training, and the need of having the wide-spread popular education, which is and must be supported and paid for by the government, made a purely governmental and absolutely nonsectarian function, administered by the state alone, without interference with, nor furtherance of, the beliefs of any reputable church. (p. 152)	Ele [Cherrie], o coronel, Kermit e eu conversávamos longamente sobre assuntos educacionais e éramos perfeitamente acordes no que dizia respeito à necessidade premente de instrução para o Brasil e Estados Unidos; necessidade de se estabelecer um equilíbrio entre o desenvolvimento intelectual e o ensino prático industrial , estendendo-se a todas as camadas populares e cujos ônus deveriam pertencer exclusivamente ao governo, pois que se trata de função puramente oficial, sem quaisquer interferências partidárias, políticas e religiosas. (p. 109)	Ele, o coronel, Kermit e eu conversávamos demoradamente sobre esse assunto, ficando todos de completo acordo sobre as necessidades da educação tanto no Brasil como nos Estados Unidos: o imperativo de associar o preparo industrial com o preparo intelectual e a necessidade da difusão do ensino primário , que deve ser apoiado e pago pelo governo, como função pública não sectária, só pelo governo administrada, sem interferência nem auxílio de qualquer organização religiosa. (p. 162)	MA: TR enfatiza sobre a não interferência de organizações religiosas , e o tradutor aparenta pegar o gancho para incluir aí na frase, <i>sem quaisquer interferências partidárias, políticas e religiosas</i> . Estaria, com essa inclusão, querendo informar ao leitor que, no ensino industrial, o governo (através de políticos e partidos) não fazia interferências, quando as influências do Estado Novo faziam exatamente o contrário?

5.7	The Indians must be treated with intelligent and sympathetic understanding, no less than with justice and firmness; and until they become citizens, absorbed into the general body politic, they must be the wards of the nation , and not of any private association, lay or clerical, no matter how wellmeaning. (p. 153)	Os selvícolas devem ser tratados com inteligência e simpatia, além de justiça e firmeza; e até que se tornem cidadãos, incorporando-se à sociedade, devem ser considerados guardas da nacionalidade e não submetidos a qualquer associação particular, leiga ou religiosa, independente de sua pureza de intenções. (p. 109)	Estes precisam ser compreendidos e tratados com inteligência e simpatia, não menos do que com firmeza e justiça; e, até que se tornem cidadãos, absorvidos no corpo político geral, devem ficar a cargo da nação e não de qualquer associação particular, leiga ou religiosa, quaisquer que sejam suas boas intenções. (p. 162)	MA: o tradutor parece fazer alguma confusão com a frase <i>they must be the wards of the nation</i> : TR descreve os indígenas como tutelados pelo Estado, e não que eles sirvam de guarda (vigilantes) na nação (a palavra guarda aí assume tanto o sentido de ação - guardar - como passividade - aquele sob a tutela do Estado)
5.8	Their equipage was what the men could carry on their backs . (p. 154)	O equipamento ficou de tal sorte reduzido que um só homem podia levá-lo às costas. (p. 109)	Suas bagagens limitavam-se ao que se podia conduzir às costas dos camaradas . (p. 163)	MA: Aqui TR comenta sobre a expedição de 1909 na qual Rondon encontrou a nascente do Rio da Dúvida; apesar de os mantimentos escassearem, não dava para dizer, ao menos pelas palavras de TR, que sobrou apenas o que dava para um único homem carregar...
5.9	Colonel Rondon also received news that a boat ascending the Gy-Parana, to carry provisions to meet those of our party who were to descend that stream, had been upset, the provisions lost, and three men drowned . The risk and hardship are such that the ordinary men, the camaradas, do not like to go into the wilderness. The men who go with the Telegraphic Commission on the rougher and wilder work are paid seven times as much as they earn in civilization. On this trip of ours Colonel Rondon met with much difficulty in securing some one who could cook. He asked the cook on the little steamer Nyoac to go with us; but the cook with unaffected horror responded: "Senhor, I have never	Recebeu também comunicação de que um barco, que subia o Gi-Paraná trazendo provisões para se incorporarem às nossas, soçobrava, perdendo-se tudo, inclusive dois homens que pereceram afogados. Os perigos e sacrifícios são de tal ordem que mesmo os camaradas não se entregam facilmente a essas empreitadas . Os assalariados da Comissão Telegráfica percebem sete vezes mais do que nos centros civilizados. Nessa nossa viagem o Cel. Rondon encontrou sérias dificuldades para conseguir um cozinheiro. Convidou o cozinheiro de bordo do Nioac para acompanhar-nos, mas ele respondeu francamente horrorizado: "Senhor, nunca cometi crime algum para merecer tal castigo". (p. 110)	Chegou-lhe também aviso de que uma lancha que subia o Ji-Paraná, trazendo provisões destinadas ao grupo de nossa expedição que devia descer aquele rio, sossobrava (sic), perdendo todas as provisões e com três homens afogados. Os riscos e sofrimentos são tais que o indivíduo comum, o camarada, não quer entrar no sertão . Os que na comissão telegráfica fazem o trabalho mais árduo e perigoso ganham sete vezes mais do que recebem nos centros civilizados. Em nossa excursão o coronel lutou com muita dificuldade para conseguir algum que cozinhasse para nós. Convidara o cozinheiro do vapor "Nioac", mas este, com sincero horror, respondera: — senhor coronel, nunca fiz	MA: informa 2 em vez de 3 homens afogados; omite o campo de trabalho dos camaradas de Rondon (<i>on the rougher and wilder work</i>) e dá uma aumentada na resposta do cozinheiro (crime). Também omite [<i>to carry provisions to meet</i>] <i>those of our party who were to descend that stream</i> As duas traduções informam menos sobre o "little steamer" do que está no original.

	done anything to deserve punishment!" (p. 154-155)		mal algum para merecer esse castigo! (p. 164)	
5.10	Around it the dusky cook worked with philosophic solemnity in rain and shine. Our attendants, friendly souls with skins of every shade and hue , slept most of the time, [...] (p. 155)	Em torno dele o cozinheiro, um mulato , trabalhava filosoficamente ao sol e à chuva. Nossos empregados (boas almas), de várias cores , dormiam a maior parte do tempo [...] (p. 110)	Junto a ele o escuro cozinheiro , com filosófica solenidade, trabalhava ao sol e à chuva com duas ou três panelas. Nossos homens, boas almas debaixo de peles de todas as cores e matizes , dormiam, [...] (p. 165)	A sempre presente observação/categorização de TR em relação aos indivíduos que encontrava; MA apaga a ênfase dada em <i>every shade and hue</i> . Em MA a solenidade de "philosophic solemnity" virou só "filosoficamente". E a CEN acrescentou "duas ou três panelas"
5.11	The sallow foreman was courteous and hospitable. His dark-skinned women-folk kept in the furtive background . (p. 156-157)	O proprietário era um homem pálido, muito cortês e hospitaleiro. Sua mulher e filhas, todas bem morenas , puseram-se a nos olhar furtivamente do quintal . (p. 111)	O capataz, de tez lívida, era hospitaleiro e cortês. O mulherio trigueiro se manteve, furtivo, nos bastidores . (p. 166)	MA confundiu <i>background</i> (bastidores) com <i>backyard</i> (quintal)
5.12	It was an attractive place, on the river-front, and it was gayly bedecked with flags, not only those of Brazil and the United States, but of all the other American republics , in our honor. (p. 160)	É um local agradável, debruçado sobre o rio, e se achava, em homenagem à nossa comitiva, alegremente enfeitado com bandeiras do Brasil, dos Estados Unidos e de todos os países sul-americanos . (p. 113)	Era um lugar atraente dando sobre o rio, e se achava garridamente engalanado em nossa honra, não só com as bandeiras do brasil e dos estados unidos, como com as de todas as repúblicas americanas . (p. 170)	MA: curioso como no contexto da política da Boa Vizinhança, trocou <i>all the other American republics</i> por <i>todos os países sul-americanos</i> .

CAPÍTULO VI

THROUGH THE HIGHLAND WILDERNESS OF WESTERN BRAZIL		ATRAVESSANDO O PLANALTO SELVAGEM DO OESTE BRASILEIRO	ATRAVÉS DO SERTÃO BRUTO DO ALTIPLANO OCIDENTAL DO BRASIL	
SEQ	Charles Scribner's (1914)	Ministério da Agricultura/MA (1943)	Companhia Editora Nacional/CEN (1944)	Comentários
6.1	[<i>about bloodsucking bats</i>] [...] making a wound from which the blood continues to flow long after the bat's thirst has been satiated . (p. 167)	[<i>sobre morcegos vampiros</i>] [...] abrem uma ferida pela qual o sangue escorre ainda por muito tempo depois de se afastarem . (p. 117)	[...] fazendo uma ferida de onde continua o sangue a fluir por muito tempo após se ter o morcego saciado . (p. 176)	O morcego parece ser menos <i>perverso</i> ou <i>voraz</i> em MA, pois o sangue continua a escorrer após se afastarem <i>apenas</i> , e não após <i>saciar</i> sua sede como no original/CEN

6.2	[termos científicos] But the bats do little damage in this neighborhood compared to what they do in some other places, where not only the mules and cattle but the chickens have to be housed behind bat-proof protection at night or their lives may pay the penalty . (p. 167)	Naquelas imediações, porém, pequenos danos causam esses hematófagos , em confronto com outros lugares em que não somente cavalos, muares e o gado vacum como até mesmo galináceos têm de ser protegidos durante a noite. (p. 117)	Mas naquelas redondezas os vampiros faziam pouco dano, em comparação com o que acontecia em outros lugares, em que não só os muares e o gado , como até as galinhas , têm de ser recolhidos à noite em abrigos impenetráveis aos morcegos, sob pena de perderem a vida . (p. 176)	- MA aprecia o uso de termos mais rebuscados e até científicos: hematófagos/vacum/galináceos; - CEN mantém a ênfase de TR de que, caso haja descuido na hora de proteger a criação, perde-se a vida dos animais que ficarem à mercê da ação do morcego.
6.3	The chief and habitual offenders are various species of rather small bats; but it is said that other kinds of Brazilian bats seem to have become, at least sporadically and locally, affected by the evil example and occasionally vary their customary diet by draughts of living blood . (p. 167)	As espécies mais perigosas são, aliás, de pequena envergadura, porém há quem afirme que, pelo mau exemplo, outras variedades de morcegos brasileiros se tornaram em certas regiões, pelo menos esporadicamente, hematófagos . (p. 117)	Os principais e comuns são de varias especies, e, aliás, pequenos; mas dizem que outras especies de morcegos do Brasil, parecem haver-se tornado, pelo menos ocasionalmente, em regiões restritas, adeptos desse mau exemplo, variando sua alimentação habitual com alguns goles de sangue fresco . (p. 176)	Parece que há uma certa ironia de TR em dizer que, de vez em quando, os outros tipos de morcegos, por má influência dos seus congêneres, queiram <i>variar sua dieta</i> ; a piadinha fica apagada em MA
6.4	One of the Brazilian members of our party, Hoehne, the botanist , was a zoologist also. He informed me that he had known even the big fruit-eating bats to take to bloodsucking. (p. 167)	Um dos membros de nossa comitiva, o botânico Hoehne , era também zoólogo. Informou-me ele que até mesmo os grandes morcegos frugívoros costumam alimentar-se do sangue de animais vivos. (p. 117)	Um dos membros brasileiros da comitiva, Hoehne , o botânico, era também zoólogo. Informou-me que tinha visto até mesmo os grandes morcegos frugívoros dar-se à pratica de sugar sangue. (p. 176)	No contexto da II Guerra, teria o sobrenome alemão do estudioso causado algum incômodo ao ponto de omitir em MA que ele era brasileiro? Trata-se de Frederico Carlos Hoehne ¹⁷⁴ , nascido em Juiz de Fora/MG, filho de imigrantes alemães
6.5	Moses the small pet owl , sat on a cross-bar overhead, an interested spectator, and chuckled whenever he was petted. (p. 168)	Moses, a avezinha domesticada, ficava pousada numa viga, no alto, como espectador, sempre pronta a dar sinal de contentamento por qualquer afago. (p. 117)	Moises, a pequena coruja mascote, pousava numa trave alta, como espectadora interessada e guinchava quando a acariciavam. (p. 177)	Moses era a coruja de estimação adotada pelo naturalista Miller (do Museu Americano); só fica claro que era uma coruja em CEN
6.6	From Tapirapoan our course lay northward up to and across the Plan Alto, the highland wilderness of Brazil. (p. 169)	De Tapirapoã o nosso destino seria para o norte, na direção do planalto – as terras altas do Brasil. (p. 118)	A partir de Tapirapoã nosso percurso se dirigia para o norte, subindo e atravessando o planalto deserto do Brasil.	Wilderness , e toda as significações que a palavra representa nas duas obras, principalmente no título, seja selva (bruta) ou sertão, em CEN virou

¹⁷⁴ Dados biográficos obtidos em “Frederico Carlos Hoehne: a atualidade de um pioneiro no campo da proteção à natureza do Brasil”, disponível em: <https://www.scielo.br/j/asoc/a/wdtMmpkW8GqxjkgZH4r3Nqn/?lang=pt> (acesso em 20jun.2023)

				deserto e em MA ficou apagada. Desse ponto em diante, os pernoites dificilmente eram em ponto povoado, e os viajantes estavam adentrando áreas só conhecidas pelos exploradores, como Rondon e equipe.
6.7	The pack-men, however - copper-colored, black, and dusky-white - were not only masters of their art, but possessed tempers that could not be ruffled [...] (p. 169)	Os tropeiros – mulatos, bronzeados e pretos – além de possuírem profundo conhecimento de sua arte, não eram de temperamento irascível [...] (p. 118)	Os tropeiros, porem, de pele côr de cobre, pretos e mulatos , não só eram senhores de seu ofício, como de têmpera inalterável [...] (p. 178)	A escala de cores de TR sempre presente no texto, em MA parece querer abrandar um tanto os termos: bronzeados
6.8	The country was level. It was a great natural pasture, covered with a very open forest of low, twisted trees, bearing a superficial likeness to the cross-timbers of Texas and Oklahoma . It is as well fitted for stock-raising as Oklahoma; and there is also much fine agricultural land, while the river will ultimately yield electric power. It is a fine country for settlement. The heat is great at noon; but the nights are not uncomfortable . (p. 170)	A região era plana, formada por um imenso prado natural, revestido de vegetação arbórea muito esparsa, constando de árvores baixas e retorcidas, e que fazia lembrar ligeiramente as matas enfezadas do Texas e do Oklahoma . Era um sítio apropriado à criação de gado, tal como no Oklahoma, e onde havia também ótimas terras agriculturáveis e ainda mais com a vantagem de se poder transformar as quedas d'água em energia. Trata-se, sem dúvida, de excelente região para colonização. O calor ali é bastante forte durante o dia, mas as noites são bem agradáveis . (p. 118-19)	O terreno era plano e formava uma grande pastagem natural, vestida de uma vegetação arborea muito rarefeita, de arvores baixas e contorcidas, apresentando ligeira semelhança com as do Texas e do Oklahoma . É tão apropriada para a criação do gado como as deste último estado e também ha muita terra boa para a agricultura, ao passo que o rio fornecerá energia elétrica. Região magnífica para colonização. O calor é forte ao meio-dia, mas as noites são suportáveis . (p. 179)	Cross-timbers: faixa de vegetação encontrada em Oklahoma e Texas, traduzida em MA como mata enfezada (Michaelis: enfezado = Imperfeitamente desenvolvido; frágil, franzino, mirrado ¹⁷⁵); Sobre as possibilidades de colonização da região descrita, TR classifica apenas como fine , uma região “ok”, boa, apesar do calor, que à noite só não é <i>desconfortável</i> ; mas MA a descreve como, <i>sem dúvida, excelente</i> , com noites <i>bem agradáveis</i> ; já CEN a classifica como <i>magnífica</i> (ou seja, muito melhor), ainda que o calor à noite seja <i>suportável</i>
6.9	[about the ordinary travelers] He does nothing; others do all the work, show all the forethought, take all the risk— and are entitled to all the credit . He and his valise are carried in practically the same fashion;	[sobre os viajantes comuns] Ele nada faz; os outros trabalham por ele , mostram-lhe tudo antecipadamente, arcam com todos os riscos, mas a ele são atribuídas todas as honras . Ele, tanto quanto sua mala, é	Nada faz; os outros encarregam-se de todos os serviços, tudo prevêm, tomam sobre si os riscos todos — e têm direito a todo o mérito . Ele e sua mala são virtualmente transportados do mesmo	TR manifestava com frequência aversão aos viajantes, principalmente os que se denominassem cientistas, que não se dispunham a realizar descobertas, que só percorriam os

¹⁷⁵ <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/enfezado/>

	and for each the achievement stands about on the same plane. (p. 171-72)	praticamente conduzido da mesma forma e para ambos são dispensados de certo modo os mesmos cuidados. (p. 119-120)	modo; os serviços prestados aos dois são da mesma categoria. (p. 180-81)	caminhos já batidos, feitos por outros antes dele. Note-se que TR ironicamente coloca o viajante e sua mala no mesmo plano de <i>realizações e conquistas</i> (serem conduzidos por outros), mas que não fica evidenciado nas duas traduções.
6.10	When a man travels across Arizona in a Pullman car , we do not think of him as having performed a feat bearing even the most remote resemblance to the feats of the first explorers of those waterless wastes; [...] (p. 172)	Quando um cidadão viaja pelo Arizona num carro-dormitório , evidentemente não lhe ocorre a mais remota idéia de comparar esse fato com as viagens dos primeiros exploradores daquela região árida. (p. 120)	Quando alguém atravessa o Arizona num carro Pullman , não nos passa pela mente que esse alguém haja praticado qualquer ato que tenha a mais remota semelhança com os feitos dos primeiros exploradores daquelas vastidões arenosas; [...] (p. 181)	Pullman ¹⁷⁶ : companhia de trens do EUA no séc. XIX que dispunha, em alguns trens, de leitos luxuosos para os passageiros; em MA não fica evidente que se trata de um trem, já em CEN, o leitor que conheça a referência do trem Pullman consegue inferir a comodidade sobre o viajante, expressa por TR na frase. MA troca o <i>we do not think of him</i> como se o viajante é que não tivesse a ideia de comparar a viagem confortável que faz no vagão com os exploradores antigos (TR se inclui, e ao seu leitor também, no original, assim como CEN)
6.11	There yet remains plenty of exploring work to be done in South America, [...] work such as has recently been done, or is now being done, by men and women such as Haseman, Farrabee, and Miss Snethlage . (p. 172)	Ainda existe, nesta parte do mundo, grande cópia de trabalhos de exploração a serem realizados, [...] trabalhos esses equivalentes aos que se têm executado ultimamente e aos que estão em curso sob a responsabilidade de homens como Haseman, Farrabee e Mis Snethlage . (p. 120)	Todavia ainda existe muito trabalho de exploração a ser realizado na América do Sul, trabalho tão arduo e perigoso e quase tão importante como qualquer outro já levado a cabo, ou em vias de o ser, por homens e mulheres como Haseman, Farrabee e Miss Snethlage . (p. 181)	MA, além de ocultar o trabalho desenvolvido por mulheres na América do Sul, ainda grafa o nome da cientista alemã Miss Snethlage com um “s” apenas (intencional? Erro de grafia?). Emilie Snethlage já se destacava como proeminente pesquisadora de aves no Museu do Pará na época da expedição de TR no

¹⁷⁶ “Before private jets, there were luxurious private train cars”, artigo disponível em: <https://archive.curbed.com/2018/2/1/16943216/pullman-private-railroad-car-history> acesso em 20jun.2023

				Brasil (há outra ocorrência relativa a ela no final do livro)
6.12	Let me make it clear that I am not depreciating the excellent work of so many of the men who have not gone off the beaten trails. I merely wish to make it plain that this excellent work must not be put in the class with that of the wilderness explorer. It is excellent work, nevertheless, and has its place, just as the work of the true explorer has its place. Both stand in sharpest contrast with the actions of those alleged explorers, among whom Mr. Savage Landor stands in unpleasant prominence. (p. 173)	Devo esclarecer que não quero depreciar o excelente trabalho de tantos cidadãos que perlustraram caminhos já palmilhados. Pretendo, apenas, tornar bem evidente que esses magníficos trabalhos não devem ser confundidos com os dos verdadeiros desbravadores das selvas. Cada um tem de ser classificado à parte, pois que apresentam profundo contraste, embora muitos assim o não compreendam, entre os quais infelizmente se destaca o Sr. Savage Landor. (p. 120)	Seja-me permitido deixar claro que não estou menoscabando o excelente trabalho de tantos homens que não se afastaram dos caminhos trilhados. Quero esclarecer que esse excelente trabalho não deve ser posto no mesmo plano com o do explorador de sertões. Não obstante, constitui obra que tem o seu mérito como a obra do verdadeiro explorador tem o seu próprio. Ambos fazem vivo contraste com os pseudo-exploradores entre os quais o sr. Savage Landor sobressai numa indesejável preeminência. (p. 182)	Havia uma rixa pública entre Rondon e Savage Landor, um conhecido explorador da época. Landor diminuía totalmente os méritos do trabalho de Rondon no interior do Brasil, inclusive frente às Sociedades Geográficas internacionais, para que não lhe concedessem reconhecimento notório. TR classifica três tipos de exploradores: os que andam por caminhos já trilhados, os que são os verdadeiros desbravadores e os charlatães, como Landor. Ao que tudo indica, neste trecho ele direciona críticas aos <i>falsos exploradores</i> como forma de atingir não só Landor como outros que se julgavam aptos para desbravar as selvas, mas que não possuíam a capacidade e os conhecimentos de Rondon. Aqui, cada tradução enfatiza um ou outro aspecto das críticas ferozes de TR. MA parece confundir um pouco as <i>categorias</i>
6.13	Next morning at sunrise we climbed a steep slope to the edge of the Parecis plateau, at a level of about two thousand feet above the sea. (p. 174)	Na manhã seguinte subimos uma encosta abrupta nos limites do platô Parecis, que se encontra a dois mil pés de altitude. (p. 121)	Na manhã seguinte, ao nascer do sol , subimos por uma encosta íngreme, até à beira do altiplano dos Parecís, a cerca de 610 metros de altitude sobre o nível do mar. (p. 183)	- Na precisão dos seus diários, TR fazia sempre questão de descrever períodos do dia das atividades (MA omitiu ao nascer do sol); - Em CEN temos uma conversão de medidas correta (no decorrer do texto há vários equívocos, em ambas as traduções), outro ponto importante

				para quem fosse retrazar os caminhos baseado na tradução
6.14	But in these thick South American forests, especially on cloudy days, a compass is an absolute necessity. (p. 175)	Porém, nas florestas espessas da América do Sul , sobretudo em dias nublados, uma bússola é absolutamente indispensável. (p. 122)	Porem nas matas escuras e fechadas, nos dias nublados, é indispensável a bússola. (p. 184)	- CEN: omissão (América do Sul)
6.15	From June to September the nights are often really cold. Any sound northern race could live here; and in such a land, with such a climate, there would be much joy of living. (p. 176)	De junho a setembro costuma haver noites realmente frias. Qualquer raça pura do norte poderá aí radicar-se, pois que tal terra e tal clima prodigalizariam excelente viver. (p. 122)	De junho a setembro as noites são frias, de fato, qualquer raça forte do setentrião podia viver ali com alegria, tais eram a terra e o clima. (p. 185)	- O trecho fala do planalto do Mato Grosso, ainda no trecho de terra da expedição. Dentre as gradações de cor de TR, tão presentes do decorrer da obra, MA traduziu sound race mais acentuada como pura, enquanto CEN destacou como forte; ambas certamente agradariam a TR: sound: sadio = puro/forte, sinônimos para a raça do norte que ele sempre exalta
6.16	Travelling in a wild country with a pack-train is not easy on the pack-animals. It was strange to see these big motor-vans out in the wilderness where there was not a settler, not a civilized man except the employees of the Telegraphic Commission. They were handled by Lieutenant Lauriado, who, with Lieutenant Mello, had taken special charge of our transport service; both were exceptionally good and competent men. (p. 176)	Viajar naquela região agreste com bagagem própria para estrada-de-ferro , em lombo de burro, não é lá coisa muito fácil. Era de causar admiração verem-se tais veículos , ali, naqueles rincões bravios, onde não havia um colono ou qualquer homem civilizado a não ser os empregados da Comissão Telegráfica. Estes eram chefiados pelo Tte. Laureadó, que, juntamente com o Tte. Melo, se encarregou de transportar as nossas bagagens; eram ambos excelentes criaturas e de grande competência. (p. 122)	A viagem no sertão é penosa para os animais de carga. Era estranho ver aqueles grandes caminhões no sertão bruto, onde não havia colono nem homem civilizado, exceto o pessoal da Comissão. Estes eram chefiados pelo tenente Lauriado, que, com o tenente Mello, se tinham encarregado dos serviços de transporte. Eram ambos auxiliares de excepcional competência. (p. 185)	MA traduz <i>pack-train</i> de forma confusa, enquanto CEN prefere até mesmo cortar essa palavra na tradução. Naquela época já havia no interior do MT um certo tipo de veículo motorizado, que só fica evidente que não se trata do lombo dos animais em CEN. Os tenentes da Comissão, Lauriadó e Mello, eram encarregados tanto do serviço motorizado de transporte quanto da condução das cargas da Expedição, porém, ficou apagado em CEN.
6.17	The following day we again rode on across the Plan Alto. In the early afternoon , in the midst of a downpour of rain, we crossed the divide between the basins of	Passamos o dia seguinte ainda atravessando o planalto e, ao cair da tarde , quando desabava um temporal, cruzamos a divisa das bacias do Paraguai e do Amazonas.	No dia seguinte cavalgamos pelo Planalto outra vez. Na primeira parte da tarde transpusemos o divisor de águas das bacias do Paraguái e do	MA faz confusão com os períodos do dia mencionados por TR: early afternoon = cair da tarde; evening =

	the Paraguay and the Amazon. That evening we camped on a brook whose waters ultimately ran into the Tapajos (p. 177)	Nessa mesma tarde acampamos junto de um ribeirão que ia desaguar no Tapajós. (p. 122-23)	Amazonas. Pela tardinha acampamos junto a um arroio cujas águas iam entrar, afinal, no Tapajós (p. 185)	tarde, omite que a chuva caiu durante toda a tarde
6.18	[termos científicos] At our camping-place we saw an extraordinary colony of spiders. [...] I have no question that they are nocturnal; (p. 178)	Em nosso acampamento apareceu uma colônia assombrosa de aranhas. [...] Não tenho dúvida alguma em afirmar que tais aracnóides são de hábito noturno [...] (p. 123-24)	No acampamento vimos uma extraordinária colônia de aranhas. [...] Não tenho dúvida de que eram noturnas, [...] (p. 186-87)	No trecho, TR descreve com admiração (e não assombro) as teias feitas pelas aranhas durante a noite, mas em MA elas parecem assumir um tom um tanto terrível, e permanece o uso de termos científicos (aracnóides)
6.19	In the evenings , after supper or dinner - it is hard to tell by what title the exceedingly movable evening meal should be called - the members of the party sometimes told stories of incidents in their past lives. Most of them were men of varied experiences . Rondon and Lyra told of the hardship and suffering of the first trips through the wilderness across which we were going with such comfort. (p. 179)	À noite, após o jantar ou ceia (as refeições se faziam em horas tão incertas que dificilmente se lhes poderia dar um título certo), os membros da comitiva se punham a contar histórias de suas vidas. Muitos já haviam passado por duras provas . Rondon e Tte . Lira narraram fatos relativos às dificuldades e os sofrimentos por que passaram no desbravamento daqueles rincões que estávamos agora atravessando, com relativo conforto. (p. 124)	À noitinha , após o jantar ou ceia — é difícil dizer que nome tinha a variável refeição da tarde - os membros da comitiva algumas vezes contavam casos ocorridos em sua vida passada. Muitos deles eram homens de variada experiência . Rondon e Lira falavam sobre as provações e sofrimentos nas primeiras travessias do sertão por onde onde (sic) seguíamos com tanto conforto. (p. 187)	<i>Evening</i> assume sentidos variados em CEN (<i>noitinha/tarde</i>) na mesma frase <i>Experiências variadas</i> (que podem ser boas, ou não) se torna <i>duras provas</i> em MA (a vida deles parece mais difícil!) Rondon e Lira certamente já haviam atravessado aquele mesmo trecho várias vezes, mas TR destaca que, nas <i>primeiras</i> , certamente tiveram muitas dificuldades (MA apaga essa palavra)
6.20	Once we were talking about the proper weapons for cavalry, and some one mentioned the theory that the lance is especially formidable because of the moral effect it produces on the enemy. Cherrie nodded emphatically ; and a little cross-examination elicited the fact that he was speaking from lively personal recollection of his own feelings when charged by lancers. It was while he was fighting with the Venezuelan insurgents in an unsuccessful uprising against the tyranny of Castro. He was on foot, with five Venezuelans, all cool men and good	De uma feita estávamos conversando a respeito de melhores armas para cavalaria e alguém manifestou sua opinião sobre a excelência da lança, pelo efeito moral que produz no inimigo. Cherrie meneou a cabeça negativamente ; e numa simples digressão revelou imediatamente que estava falando com conhecimento de causa, de experiência própria, quando teve de enfrentar uma carga de lanceiros. Tal fato se deu na ocasião em que lutava ao lado dos revolucionários venezuelanos, num levante malgrado, contra a tirania de Castro. Estava de pé, com cinco venezuelanos, homens de	Certa vez falávamos sobre as armas adequadas à cavalaria e alguém mencionou a lança como especialmente formidável, pelo seu efeito moral sobre o inimigo. Cherrie aprovou com energia , e uma ligeira indagação revelou que ele falava com viva recordação pessoal do que sentira sob a carga de lanceiros, quando lutava ao lado dos insurrectos venezuelanos, num levante abortado contra a tirania de Castro. Estava ele a pé com seis venezuelanos, todos homens calmos e bons atiradores. Em um campo aberto vinte lanceiros saíram a galope de	O movimento da cabeça do naturalista Cherrie muda nas duas traduções: ele indica que <i>discorda</i> em MA, e que <i>concorda</i> em CEN que a <i>lança</i> realmente produz um <i>efeito moral</i> sobre o inimigo. Enquanto em MA ele aparenta querer fugir do assunto com uma <i>digressão</i> , em CEN ele <i>responde</i> às perguntas que lhe foram feitas, para rememorar sua experiência na Venezuela, em um levante. Se em MA ele foi atacado enquanto estava num grupo com mais 5 venezuelanos <i>de sangue frio</i> , não se sabe por que

	<p>shots. In an open plain they were charged by twenty of Castro's lancers, who galloped out from behind cover two or three hundred yards off. [...] But he and his companions shot deliberately and accurately; ten of the lancers were killed, the nearest falling within fifty yards; and the others rode off in headlong haste. A cool man with a rifle, if he has mastered his weapon, need fear no foe. (p. 179-80)</p>	<p>sangue frio e bons atiradores. Foram atacados num campo aberto por vinte lanceiros, partidários de Castro, que surgiram galopando, de local imprevisto, a uns duzentos ou trezentos metros. [...] Ele e os companheiros começaram a atirar com muita segurança e precisão, de sorte que, em poucos instantes, dez dos agressores já tinham rolado mortos, sendo que o que caíra mais próximo não estava mais do que a cinquenta passos; os outros recuaram, em fuga precipitada. Um homem de sangue frio com uma boa carabina, sabendo manejá-la com destreza, não precisa recear coisa alguma! (p. 124-25)</p>	<p>trás de um bosque a duzentos ou trezentos metros de distancia e carregaram sobre eles. [...] Atiraram com segurança e calma ele e seus companheiros, derrubando dez lanceiros, dos quais o último caiu a cinquenta metros do lugar onde estavam; os outros dez fugiram à redea solta. Um homem calmo armado de carabina não tem nada a temer se souber usar a sua arma. (p. 188)</p>	<p>aumentou mais um <i>homem calmo</i> no grupo em CEN. E os que os atacavam só fica definido em MA: eram partidários de Castro (provavelmente Cipriano Castro). As duas traduções são confusas em alguns pontos. Mas tudo fica explicado ao final do parágrafo, quando o leitor descobre que Cherrie salvou-se com seu grupo usando armas de fogo, com TR fazendo a defesa destas.</p>
6.21	<p>At this camp the auto-vans again joined us. [...] Father Zahm, attended by Sigg, started for the falls in them. Cherrie and Miller also went in them, because they had found that it was very difficult to collect birds, and especially mammals, when we were moving every day, packing up early each morning and the mule-train arriving late in the afternoon or not until nightfall. Moreover, there was much rain, which made it difficult to work except under the tents. (p. 180)</p>	<p>Neste acampamento encontramos novamente os autos-transportes. [...] Pe. Zahm, assistido por Sigg, partiu nos autos-transportes. Miller e Cherrie também seguiram por julgarem impossível a apreensão de pássaros e sobretudo de mamíferos quando a viagem estava sendo feita quase sem paradas. Além disso, chovia constantemente, dificultando o trabalho que só podia ser realizado dentro das barracas. (p. 125)</p>	<p>Naquele acampamento os caminhos ainda se juntaram a nós. [...] Tendo Sigg por assistente o padre Zahm, seguiu num deles para as cachoeiras. Também Cherrie e Miller, pois tinham verificado ser muito difícil reunir aves, e especialmente mamíferos, viajando sem parar o dia inteiro, e partindo cedo cada manhã. As cargas chegavam sempre pela tarde adiantada, quando não pela noite fechada. Além disso, chovia muito, o que tornava impossível trabalhar, a não ser no interior das barracas. (p. 188-89)</p>	<p>Em CEN fica mais claro o rumo de quem seguiu no veículo motorizado (para as cachoeiras), porém, parece ser o padre que dá assistência a Sigg (era o contrário). Uma frase inteira foi excluída em MA, na qual se justifica melhor a ida dos naturalistas através de caminhão (e não com os outros, em lombo de mula). Aparentemente, a ausência de uma vírgula na frase <i>dificultando o trabalho que só podia ser realizado dentro das barracas</i> dá a entender que, mesmo protegidos da chuva, trabalhando dentro da barraca, a chuva atrapalhava de todas as formas (mas TR diz que <i>só sob</i> as barracas é que os naturalistas conseguiam realizar o trabalho)</p>

6.22	<p>[breakfast/almoço] We breakfasted before leaving camp, [...] We fared well, on rice, beans, and crackers, with canned corned beef, and salmon or any game that had been shot, and coffee, tea, and matte. I then usually sat down somewhere to write, and when the mules were nearly ready I popped my writing-materials into my duffel-bag - war-sack, as we would have called it in the old days on the plains. (p. 181)</p>	<p>Almoçamos antes de deixar o acampamento, [...] Comíamos bem: arroz, feijão e bolacha, juntamente com carne em conserva e salmão, além das caças; tomávamos café, chá e mate. Após a refeição matinal, eu geralmente me sentava num local qualquer mais apropriado e escrevia até que os animais estivessem quase prontos, ocasião em que metia rapidamente a papelada em minha bolsa de flanela felpuda – saco de guerra – como diríamos nos primeiros dias de campanha nas planícies. (p. 125)</p>	<p>Almoçávamos antes de deixar o acampamento, [...] Passávamos bem com arroz, feijão, bolachas, carne e salmão em conserva, ou qualquer caça que tivéssemos conseguido, tudo acompanhado de café e chá. Em seguida sentava-me a um lado para escrever, e, quando as bestas estavam arreadas, guardava meus objetos em meu saco de viagem — ou minha mochila, como diríamos nos antigos tempos de campanha. (p. 188)</p>	<p>Ocorrência de breakfast como almoço nas duas traduções (MA acrescenta <i>refeição matinal</i>). Apesar de a refeição descrita realmente parecer um almoço, eles não saíam tão tarde assim do acampamento, ou o dia não renderia (só quando os animais se perdiam, pastando...) - CEN traduziu que o <i>salmão</i> também era em conserva (era apenas <i>corned beef</i>), e <i>war-sack</i> ficou apenas como <i>mochila</i>, à qual MA acrescenta até o tecido (flanela felpuda)</p>
6.23	<p>Among the things the colonel and I hoped to accomplish on the trip was to do a little work in clearing up one or the other of these two doubtful geographical points, and thereby to push a little forward the knowledge of this region. Originally, as described in the first chapter, my trip was undertaken primarily in the interest of the American Museum of Natural History of New York, to add to our knowledge of the birds and mammals of the far interior of the western Brazilian wilderness; [...] (p. 182)</p>	<p>Um dos objetivos visados pelo coronel e por mim nesta excursão era justamente esclarecer esses dois pontos duvidosos da corografia daquela região. Inicialmente, como aliás já foi explicado no primeiro capítulo, minha viagem se prendia a interesses do Museu Americano de História Natural, de Nova Iorque, visando ampliar nossos conhecimentos biológicos relativos às regiões mais longínquas do interior do oeste brasileiro; [...] (p. 126)</p>	<p>Entre o que eu e o coronel Rondon esperávamos fazer naquela expedição figurava o pequeno trabalho de esclarecer um outro desses dois pontos duvidosos de geografia, contribuindo assim para o melhor conhecimento da região. Originariamente, como ficou dito no primeiro capítulo, minha viagem ia ser empreendida em benefício somente do Museu de História Natural de Nova York, afim (sic) de enriquecer nossos conhecimentos ornitológicos e sobre os mamíferos do longínquo sertão ocidental brasileiro. (p. 190)</p>	<p>Neste trecho, TR fala sobre as dúvidas de Rondon sobre onde desembocariam dois rios da região. MA utiliza um termo da geografia (corografia¹⁷⁷), em sua preferência por termos mais difíceis ao leitor, enquanto CEN simplifica (geografia) e mantém a frase completa, assim como no original: <i>contribuindo assim para o melhor conhecimento da região</i>. Havia um objetivo específico que TR deveria atender, a pedido do museu: <i>conhecimentos ornitológicos e sobre os mamíferos</i>, traduzido apenas como <i>biológicos</i> em MA.</p>
6.24	<p>[...] and the labels of our baggage and scientific equipment, printed by the</p>	<p>[...] de sorte que as etiquetas de nossa bagagem e dos apetrechos científicos,</p>	<p>Os rótulos da nossa bagagem e equipamento científico, impressos pelo</p>	<p>Aqui as duas traduções aparentam trazer diferentes visões sobre as</p>

¹⁷⁷ Corografia: Descrição codificada de certas características de uma região, país, província ou parte importante de um território, feita num mapa. FONTE: Michaelis on-line <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/corografia/>

	<p>museum, were entitled "Colonel Roosevelt's South American Expedition for the American Museum of Natural History." But, as I have already mentioned, at Rio the Brazilian Government, through the secretary of foreign affairs, Doctor Lauro Müller, suggested that I should combine the expedition with one by Colonel Rondon, which they contemplated making, and thereby make both expeditions of broader scientific interest. I accepted the proposal with much pleasure; and we found, when we joined Colonel Rondon and his associates, that their baggage and equipment had been labelled by the Brazilian Government "Expedição Científica Roosevelt-Rondon.". (p. 182-83)</p>	<p>mandadas preparar pelo Museu, traziam os seguintes dizeres: "Expedição Sul-americana Cel. Roosevelt para o Museu Americano de História Natural". Todavia, consoante já expliquei, no Rio de Janeiro, o Governo brasileiro, por intermédio de seu Ministro do Exterior, Dr. Lauro Müller, sugeriu a incorporação desta expedição à que o Cel. Rondon tencionava realizar e assim ampliar seu âmbito de ação. Foi aceita a proposta com grande contentamento, e então verificamos, logo que nos encontramos com a comitiva do coronel, que sua bagagem e equipamentos exibiam o rótulo: "Expedição Científica Roosevelt Rondon". (p. 126)</p>	<p>Museu, rezavam: "Expedição cel. Roosevelt à América do Sul para o Museu Americano de História Natural". Mas como já expliquei, o governo brasileiro, por intermédio do ministro do exterior, dr. Lauro Müller, sugerira no Rio de Janeiro que eu associasse a expedição com uma que pretendiam confiar ao coronel Rondon, dando assim a ambas mais amplo interesse científico. Aceitei o alvitre com muito prazer e verificamos, ao nos reunirmos ao coronel Rondon e seus companheiros, que sua bagagem e equipamento fora rotulada: "Expedição Científica Roosevelt-Rondon". (p. 190-91)</p>	<p>decisões tomadas em relação à mudança de rumos da viagem inicialmente traçada por TR em NY. Em MA, Roosevelt parece mais passivo, como se a proposta feita pelo governo brasileiro tivesse sido aceita coletivamente entre ele e os membros americanos da Expedição do Museu de NY (sugeriu a incorporação), e Rondon como tomador de decisões (tencionava realizar uma expedição/foi aceita a proposta). No original, TR fala que somente ele foi consultado (I should combine) e que Rondon estava designado a cumprir uma missão dada pelo governo brasileiro (which they contemplated making), que fica mais evidenciado na tradução de CEN. As novas etiquetas foram postas nas bagagens <i>pele governo brasileiro</i>, tal como uma segunda "certidão de batismo" da Expedição, detalhe esquecido nas duas traduções.</p>
6.25	<p>The geological work was done by a Brazilian member of the expedition, Eusebio Oliveira. The astronomical work necessary for obtaining the exact geographical location of the rivers and points of note was to be done by Lieutenant Lyra, under the supervision of Colonel Rondon; [...] The sketch-maps and surveying and cartographical work generally were to be made under the supervision of Colonel Rondon by Lyra,</p>	<p>Os trabalhos geográficos e geológicos ficaram sob a direção do cientista brasileiro, Dr. Eusébio de Oliveira. Das questões atinentes à astronomia, necessárias à exata localização geográfica dos rios e dos pontos de referência, ficou incumbido o Tte. Lira, com a supervisão do Cel. Rondon; [...] Os esboços dos mapas, dos trabalhos topográficos e cartográficos geralmente eram executados pelo Tte. Lira, sob a</p>	<p>A obra geológica estava a cargo do dr. Eusebio de Oliveira, um dos membros brasileiros da expedição. A parte de astronomia de campo necessario à fixação exata da posição geográfica dos rios, estava sob a direção do coronel Rondon. [...] Os esboços cartográficos, etc. eram feitos pelo capitão Lira, sob a direção do cel. Rondon e com a assistência de Fiala e Kermit. (p. 191)</p>	<p>As competências de cada membro da expedição são detalhadamente explicadas por TR, mas ficam confusas nas duas traduções. Eusébio de Oliveira ganha a função de <i>geógrafo</i> em MA (era somente geólogo) e o nome de Kermit é trocado pelo de Cherrie; os pontos de referência nos rios, tão importantes no mapeamento, são <i>esquecidos</i> em CEN que, além de alterar a patente de seu</p>

	with assistance from Fiala and Kermit . (p. 183)	orientação do Cel. Rondon e assistência de Fiala e Cherrie . (p. 126)		executor para <i>capitão</i> (TR tinha muito apreço pela menção às hierarquias militares no seu texto), não fala que Lira também ficou responsável pelos trabalhos cartográficos e topográficos.
6.26	At night around the camp-fire my Brazilian companions often spoke of the first explorers of this vast wilderness of western Brazil - men whose very names are now hardly known, but who did each his part in opening the country which will some day see such growth and development . (p. 183)	À noite, os meus companheiros brasileiros falaram a respeito dos primeiros desbravadores daquelas vastidões selvagens do oeste do país, homens cujos nomes já estão quase relegados ao domínio das coisas esquecidas, mas que realizaram grande obra de desbravamento naquela região que algum dia se transformará em grande centro de civilização . (p. 126)	À noite, em roda do fogo, os brasileiros muitas vezes falavam dos antigos exploradores daqueles vastos desertos do Brasil Ocidental — homens dos quais até os nomes são hoje quasi desconhecidos, mas que contribuíram para desbravar aquela região, que algum dia será muito próspera . (p. 191)	Uma relação de proximidade com os membros brasileiros é expressa por TR (<i>meus companheiros</i> brasileiros), que não fica identificada em CEN (<i>os brasileiros</i> , apenas) Em MA, <i>crescimento e desenvolvimento</i> são sinônimos de <i>civilização</i> , aquela que o governo brasileiro tanto queria ver estampada nas páginas do relato de TR - tanto na época da publicação, 1914, quanto da tradução, 1943.
6.27	The tomb of the old colonial explorer still stands in the ruined cathedral, where the forest has once more come to its own. But civilization is again advancing to reclaim the lost town and to revive the memory of the wilderness wanderer who helped to found it. Colonel Rondon has named a river after Franco ; a range of mountains has also been named after him; and the colonel, acting for the Brazilian Government , has established a telegraph station in what was once the palace of the captain-general. (p. 184)	O túmulo do antigo explorador colonial ainda existe na catedral em ruínas, no meio das selvas. Porém a civilização está novamente em marcha e há de reclamar a cidade perdida e reviver a memória daqueles que concorreram para a sua fundação. O Cel. Rondon deu a certo rio o nome de Franco ; existe também uma cordilheira que tem esse nome. Foi ainda o coronel que, de acordo com o governo brasileiro , estabeleceu uma estação telegráfica no antigo palácio do capitão-mor. (p. 127)	O túmulo do velho explorador colonial ainda existe na igreja em ruínas, sobre a qual a floresta recuperou seus direitos. Mas a civilização vai caminhando novamente e a velha cidade perdida será restaurada e reviverá a memória do valente sertanista que a fundou. O cel. Rondon deu a um rio o nome de “Ricardo Franco” ; assim também batizou uma serra e fundou uma estação telegráfica no lugar onde outrora existiu o palacio do capitão-general. (p. 192)	TR destaca a memória do desbravador Ricardo Franco neste trecho, mas MA faz questão de adicionar outros no seu discurso (<i>daqueles que concorreram</i>); já CEN inclui um adjetivo, e exalta-o como <i>valente</i> , e coloca ainda o seu nome completo da descrição do rio batizado por Rondon. TR enfatiza que Rondon prestou homenagem ao antigo explorador nomeando Franco a uma estação telegráfica e agiu <i>a serviço</i> do governo brasileiro, mas em MA Rondon parece ter apenas comunicado seus superiores? Essa informação fica apagada em CEN

6.28	Fiala, Kermit , and I occupied one tent. (p. 184)	Fiala, Cherrie e eu ocupávamos uma barraca. (p. 127)	[...] ocupando Fiala, Kermit e eu, uma barraca. (p. 192)	MA troca os nomes do filho de TR (Kermit) por Cherrie (um dos naturalistas)
6.29	[termos científicos] Some of them carried blossoms, white, orange, yellow, pink; and there were many flowers, the most beautiful being the morning-glories . (p. 185)	Algumas delas exibiam inflorescências vermelhas, alaranjadas, brancas e encarnadas; havia muitas flores entre as quais sobressaíam as ipoméias . (p. 127)	Alguns, tinham flores amarelas, brancas roseas e côr de laranja; as mais lindas eram as glórias-matinais . (p. 193)	TR descrevia às vezes até em tom meio poético a natureza que encontrava; MA preferiu traduzir as glórias-da-manhã pelo nome mais científico (ipoméias)
6.30	Two Parecís Indians joined us, leading a pack-bullock. They were dressed in hat, shirt, trousers, and sandals, precisely like the ordinary Brazilian caboclos, as the poor backwoods peasants, usually with little white blood in them, are colloquially and half-derisively styled caboclo being originally a Guarany word meaning "naked savage." (p. 187)	Dois índios parecis, puxando um novilho com carga, vieram incorporar-se à nossa comitiva. Estavam vestidos de calças e camisa e usavam chapéu e alpercatas, precisamente como os caboclos brasileiros, isto é, indivíduos que vivem pobremente no interior, tendo geralmente algum sangue branco, conversadores e um tanto irônicos . O termo “caboclo” é oriundo do guarani e significa: “ homem do mato ”. (p. 129)	Dois índios parecis, trazendo um boi de carga, juntaram-se a nós. Vestiam camisas, calças, chapéu e sandalias, precisamente como os caboclos brasileiros, nome que indica de modo usual, e um tanto escarminho, os matutos pobres, em geral mestiços de índios ; caboclo é termo de origem guarani, significando “ selvagem nu ”. (p. 195)	Aqui TR fala do termo <i>caboclo</i> em dois sentidos: da gente simples do interior (referindo-se à classe social), e do descendente de indígenas e brancos (com <i>pouco sangue branco</i> , como ele frisa, e que MA traz para o texto) MA os traduz como <i>conversadores e um tanto irônicos</i> , mas a ironia no texto de TR se refere ao fato de que caboclo significaria <i>selvagem nu</i> , e os caboclos que ele conheceu estavam todos vestidos.
6.31	The commission pays the ordinary Indian worker 66 cents a day; a very good worker gets \$1 and the chief \$1.66. No man gets anything unless he works. Colonel Rondon, by just, kindly, and understanding treatment of these Indians, who previously had often been exploited and maltreated by rubber-gatherers, has made them the loyal friends of the government. (p. 188)	A Comissão pagava ao trabalhador comum, índio, 66 centavos por dia; aos melhores, um dólar e aos que chefiavam turmas, um dólar e 66 centavos . O Cel. Rondon, pela sua maneira justa e bondosa de tratar esses índios, que anteriormente eram explorados e maltratados pelos seringueiros, transformou-os em verdadeiros amigos do governo. (p. 129)	A Comissão paga a um operario indio comum 66 centésimos de dolar por dia. Um bom trabalhador ganha 1 dolar e o capataz ganha 1 e 55 centésimos. Ninguém recebe dinheiro sem trabalhar . Usando de um tratamento justo, benévolo e tolerante para com aqueles índios, dantes explorados pelos seringueiros, o cel. Rondon transformou-os em leais amigos do governo. (p. 195)	TR informa que havia três valores como pagamento diário aos trabalhadores da Comissão: 66 centavos de dólar (comuns), 1 dólar (melhores) 1,66 dólares (chefes) e ressalta que ninguém é pago sem trabalhar (só aparece tal ênfase em CEN). Mas CEN diminuiu o salário do chefe para 1,55 (!) na tradução. Rondon é também compreensivo (<i>understanding</i>) com seus funcionários indígenas (torna-se tolerante em CEN e tal adjetivo nem aparece em MA)

				Além de explorados, os indígenas eram também maltratados pelos seringueiros (apagado em CEN)
6.32	The falls themselves are very lovely. Just above them is a wooded island, but the river joins again before it races forward for the final plunge. (p. 188)	A cachoeira é maravilhosa. Um pouco adiante existe uma pequena ilha coberta de mata. (p. 129)	A cachoeira era muito bonita. Logo acima dela havia uma ilha que dividia o rio, mas este reunia os seus braços abaixo da ilha, antes do salto final. (p. 196)	Em MA fica ausente um detalhe do cenário descrito por TR, que CEN traduziu como <i>mas este reunia os seus braços abaixo da ilha, antes do salto final.</i>
6.33	Green vines have flung themselves down over its face [...] (p. 189)	Inúmeras vergônteas lançam-se para baixo, [...] (p. 129)	Verdejantes trepadeiras pendiam sobre sua face, [...] (p. 196)	MA empresta termos botânicos para traduzir as videiras ao leitor brasileiro
6.34	It is an upland region of good climate; we were visiting it in the rainy season, the season when the nights are far less cool than in the dry season, and yet we found it delightful. (p. 189)	Toda essa zona é salubre e está num altiplano de bom clima. Passamos por ali na época das chuvas, época em que as noites são muito mais frias do que no tempo da seca, e ainda assim achamo-la aprazível. (p. 130)	A zona adjacente e saudavel, num altiplano de bom clima, conhecemo-la na época das chuvas, quando as noites são muito mais quentes do que na estação seca e mesmo assim achâmo-la de temperatura deliciosa. (p. 196-97)	É frio? É quente? TR expressou que as noites são muito menos frias na temporada chuvosa que na seca (ou seja, mais quentes), portanto, ficou o oposto na tradução de MA
6.35	There is much fertile soil in the neighborhood of the streams, and the teeming lowlands of the Amazon and the Paraguay could readily—and with immense advantage to both sides—be made tributary to an industrial civilization seated on these highlands. A telegraph-line has been built to and across them. (p. 189)	As terras ribeirinhas são muito férteis e as baixadas fecundas do Amazonas e do Paraguai poderiam ser tributárias – com imensa vantagem para ambas – de uma civilização industrial estabelecida nessas planícies. (p. 130)	Nas proximidades das torrentes grandes areas de terra são fertilíssimas, e as ubertosas baixadas do Amazonas e do Paraguai poderiam em pouco tempo — com imensa vantagem para as duas regiões — contribuir para uma civilização industrial com sede naquelas regiões elevadas. Foi construída uma linha telegráfica atravessando-as. (p. 197)	Planalto/altiplano virou <i>planície</i> em MA, que também apaga a informação de que já existiam linhas telegráficas nas regiões especificamente descritas
6.36	In advance of its construction a trolley-line could be run from Cuyaba to the falls, using the power furnished by the latter. Once this is done the land will offer extraordinary opportunities to settlers of the right kind: to home-makers and to enterprising business men of foresight, coolness, and sagacity who are willing to work with the settlers, the immigrants,	Antes da estrada de ferro, poder-se-ia estabelecer uma linha de carros elétricos de Cuiabá até a queda d'água, empregando-se a própria energia ali captada. Realizando isto, a região ofereceria excelentes oportunidades aos colonos do melhor tipo: construtores, empreiteiros e homens de negócios com visão e sagacidade que viessem a transigir com os colonos, com	Antes de sua construção, poderia ser construída uma linha de transporte de energia daquelas cachoeiras para Cuiabá. Feito isso, a região ofereceria extraordinárias oportunidades aos colonos do tipo conveniente, fundadores de lares; a homens de negócios empreendedores e de vistas largas, cautos e sagazes, que quisessem	TR fala da possibilidade de uma linha de bondes elétricos ligando Cuiabá até as cachoeiras; CEN apaga o tipo do veículo sugerido. Outro tópico sempre presente em sua narrativa é o potencial de desenvolvimento e colonização de cada local, desde que a terra seja entregue aos colonos do “tipo certo”

	the homemakers , for an advantage which shall be mutual. (p. 190)	os construtores e com imigrantes sob um sistema cooperativista. (p. 130)	cooperar com os colonos o que traria vantagens a todos. (p. 197)	(inclusive, sua raça é a branca, já falado em outros trechos). MA traduz por <i>melhor tipo</i> e CEN por <i>conveniente</i> (?) e cada um apaga ou enfatiza aspectos diferentes dos elencados por TR
6.37	[about the Parecis] In this village he [Rondon] has got them to substitute for the flimsy Indian cabins houses of the type usual among the poorer field laborers and back-country dwellers in Brazil . [...] They are usually open at the sides , [...] (p. 190)	[Sobre os Parecis] Nessa aldeia conseguiu ele [Rondon] que os índios substituíssem suas tabas por habitações comuns das do tipo usado pelos trabalhadores do interior do país, [...] Geralmente são abertas dos lados , [...] (p. 130)	Naquela aldeia, ele fez substituírem as imundas malocas por casas de tipo usual entre os mais pobres trabalhadores da roça do Brasil. [...] Tem em geral tres lados abertos , [...] (p. 197)	O adjetivo <i>flimsy</i> (frágil/precário) usado por TR foi traduzido por imundo em CEN, e nem aparece em MA – teria apagado a crítica de TR? Sobra ainda a dúvida se MA não quis caracterizar as casas dos trabalhadores do interior do país como os mais pobres (<i>poorer</i>), tal qual descrito por TR
6.38	[about Parecis'dress] Most of them, especially the girls and young married women, wore nothing but a loin-cloth in addition to bead necklaces and bracelets. [...] Most of the children were naked, but the girls early wore the loin-cloth ; and some, both of the little boys and the little girls, wore colored print garments , to the evident pride of themselves and their parents. (p. 190-91)	[sobre a vestimenta dos Parecis] A maioria, sobretudo as mocinhas e as casadas ainda jovens, nada mais usava do que uma tira estreita de pano à altura dos rins , colares e braceletes de contas. [...] A maioria dos meninos andavam despídos, ao passo que as meninas, desde logo, usavam faixas na cintura ; algumas crianças, de ambos os sexos, costumavam exibir vestidinhos de cores vistosas, para seu gáudio e dos pais. (p. 130-31)	A maior parte, em especial as moças solteiras e as casadas jovens, só usava uma tanga de pano , além dos colares de contas e braceletes. [...] A maioria das crianças andava nua, mas desde cedo as meninas punham a tanga ; alguns pequenos, meninos e meninas, usavam camisololas de cores vivas, com evidente orgulho dos pais. (p. 198)	Loin-cloth seria uma tanga usada pelas indígenas, que MA traduz por tira estreita de pano à altura dos rins (deixando partes íntimas à mostra; a tanga cobre uma parte). TR fala <i>children</i> e MA traduz por <i>meninos</i> , e volta a falar na tira de pano em vez de tanga. <i>Garments</i> é inespecífico, pode ser qualquer tipo de vestimenta, as duas traduções colocam como <i>vestidinhos/camisolas</i> (queriam “cobrir” mais as crianças?)
6.39	[Parecis] In each house there were several families, and life went on with no privacy but with good humor, consideration, and fundamentally good manners . (p. 191)	[Parecis] Em cada casa habitavam várias famílias em promiscuidade , mas a vida corria com bom humor, consideração e sobretudo cordialidade . (p. 131)	Em cada casa moravam varias familias, correndo a vida em comum sem atritos, havendo mutua consideração e, no fundo, boas maneiras . (p. 198)	A característica da <i>falta de privacidade</i> destacada por TR foi traduzida como <i>promiscuidade</i> em MA (uma crítica?) e desapareceu em CEN MA traduziu <i>boas maneiras</i> por <i>cordialidade</i>

6.40	[Parecis] One woman was weaving a cloth, another was making a hammock; others made ready melons and other vegetables and cooked them over tiny fires. (p. 191)	[Parecis] Uma mulher tecia um pano, outra estava preparando abóbora e outros vegetais para a cozinha. (p. 131)	Uma das mulheres tecia um pano e outra fazia uma rede ; outras descascavam aboboras e outros vegetais e os punham a cozer sobre pequeno fogo. (p. 198-99)	A cena descrita por TR fica um tanto incompleta, bem condensada em MA (havia uma divisão de várias tarefas entre as mulheres Parecis)
6.41	[about Parecis <i>football</i>] But the absorbing amusement of the men was an extraordinary game of ball. In our family we have always relished Oliver Herford's nonsense rhymes, including the account of Willie's displeasure with his goat: "I do not like my billy goat, I wish that he was dead; Because he kicked me, so he did, He kicked me with his head." [...] There are, of course, no such rules as in a specialized ballgame of civilization ; and I saw no disputes. (p. 192-93)	[sobre o <i>futebol</i> dos Parecis] Contudo o divertimento por excelência era um estranho jogo de bola. Em nossa família sempre apreciamos os versos fúteis de Oliver Herford, inclusive o caso do descontentamento de Willie com seu bode: Não gosto do meu bode camarada; Era bem bom que ele estivesse morto. Não para de me dar tanta marrada De bater coa cabeça fica torto. [...] Evidentemente não há regras estabelecidas como nos jogos civilizados , e não tive oportunidade de assistir a uma disputa formal. (p. 131-32)	Mas o divertimento absorvente para os homens era um singular jogo de bola. Em nossa família sempre foram apreciados os versos humorísticos de Oliver Herford, inclusive a história dos aborrecimentos de Willie com seu bode : "Não gosto mais do meu bode — e queria vê-lo já morto — pois o patife me deu — uma valente marrada". [...] É claro que não existem regras como num clássico jogo de bola dos nossos , mas não vi desavenças. (p. 199-200)	TR expressa admiração pelo jogo dos indígenas (<i>extraordinary</i>), mas MA adjetiva como estranho (parece ter aversão) Os versos ficam melhores na tradução de MA, que manteve as rimas e até brinca com a junção <i>com a</i> (coa) TR fala que não havia regras, como em um jogo <i>civilizado</i> (afinal, é preciso lembrar seu leitor americano de que os indígenas eram <i>selvagens</i>), o que fica bem marcado em MA, mas não em CEN
6.42	[breakfast/almoço] In the morning Colonel Rondon arranged for us to have breakfast over on the benches under the trees by the waterfall, [...] (p. 193)	Na manhã seguinte o Cel. Rondon mandou servir o almoço nos bancos debaixo das árvores ao pé da cachoeira, [...] (p. 132)	Pela manhã o cel. Rondon dispôs as coisas para fazermos a primeira refeição nos bancos, sob as árvores, junto à cachoeira, [...] (p. 200)	Novamente a incidência de <i>almoço</i> para <i>breakfast</i> em MA
6.43	The colonel held a very serious council with the Parecis Indians over an incident which caused him grave concern. (p. 194)	O coronel reuniu em grave conselho os índios parecis, para elucidar um incidente que o aborrecera seriamente. (p. 132)	O coronel teve uma importante conferência com os índios Parecis, sobre um incidente que lhe trouxe grave preocupação. (p. 201)	Ainda que <i>council</i> também seja conselho, o adjetivo em seguida, <i>grave</i> , causa estranheza ao leitor brasileiro em MA, o que também destoa de um <i>aborrecimento sério</i> x <i>uma grave preocupação</i> (melhor expresso em CEN)
6.44	The colonel tried hard to get at the truth of the matter; he went to the biggest Indian	O coronel abriu um verdadeiro inquérito para elucidar o fato; dirigiu-se para a maior	O coronel, muito se esforçou para elucidar a verdade do caso; na habitação	As duas traduções poderiam ter optado por "maior oca", mas a que

	house , where he sat in a hammock [...] (p. 194)	casa de residência dos índios , onde sentou-se em uma rede [...] (p. 132-33)	indígena mais ampla sentou-se em uma rede [...] (p. 201)	causa mais estranheza na leitura ainda é a de MA
6.45	The negro was with them and, having a good rifle, he killed one of the aggressors. (p. 194)	O acusado viera em companhia dos parecis e, como estivesse armado de espingarda, matou um dos agressores. (p. 133)	O negro estava com eles e, tendo uma boa carabina, matou um dos agressores. (p. 201)	MA troca para <i>acusado</i> a ênfase dada por TR ao fato de o empregado da comissão ser <i>negro</i> (matou um nambiquara a tiros durante uma brigas de etnias), ainda que <i>negro</i> já tenha sido usado anteriormente no relato.
6.46	At Utiarity there is a big Parecis settlement and a telegraph station kept by one of the employees of the commission. His pretty brown wife is acting as schoolmistress to a group of little Parecis girls. The Parecis chief has been made a major and wears a uniform accordingly. The commission has erected good buildings for its own employees and has superintended the erection of good houses for the Indians. (p. 195)	Em Utiariti existem uma grande aldeia parecis e uma estação telegráfica chefiada por um dos empregados da Comissão. Sua morena e graciosa esposa servia de professora a um grupo de rapariguinhas parecis. O chefe da aldeia havia sido nomeado major e usava o respectivo fardamento. A comissão construiu bons prédios para seus empregados e está superintendendo a construção de higiênicas habitações para os índios. (p. 133)	Em Utiariti existiam um grande aldeamento pareci e uma estação telegráfica aos cuidados de um dos empregados da Comissão. Sua bonita esposa era professora de uma turma de meninas índias. O chefe pareci foi promovido a major e anda fardado. A Comissão fez construir boas casas para seus funcionários e superintendeu a construção de boas moradas para os índios. (p. 201)	Relembrando as categorias de empregados e seus pagamentos há algumas passagens anteriores, o funcionário de Utiariti não foi marcado como chefe no texto de TR (a estação era mantida, kept by, por ele, como um empregado simples, não um chefe), mas MA o marca como se chefe fosse. - TR, em sua sempre presente escala de cores, repara que a esposa do funcionário era brown (apagado em CEN), que MA traduziu como morena (atenuou) - <i>Good houses</i> , no conceito de MA, se tornou higiênicas habitações (TR foi inespecífico sobre o que seria uma boa casa).
6.47	[breakfast/almoço] Next morning the cacique of these Indians, in his major's uniform, came to breakfast , and bore himself with entire propriety. [...] But the contrast between them and the chief in his soldier's uniform seated at breakfast was rather too striking; [...] (p. 196-97)	Na manhã seguinte o cacique da aldeia, em seu uniforme de major, veio almoçar conosco e se portou com absoluta correção. [...] Porém o contraste entre essas mulheres e o cacique metido em seu uniforme, à mesa do almoço , era realmente chocante; [...] (p. 134)	Na manhã seguinte o cacique foi com sua farda de major tomar parte na primeira refeição e o fez de modo inteiramente correto. [...] Mas o contraste entre elas e o chefe com farda militar, sentado à mesa , era por demais gritante, [...] (p. 203)	Ocorrência de <i>breakfast</i> = almoço (CEN já nem cita almoço, mas <i>primeira refeição e à mesa</i>)
6.48	Although it was the rainy season, the trip up to this point had not been difficult, and	Apesar de ser época das chuvas, a viagem até aquele ponto não se apresentara muito	Embora estivéssemos na época das chuvas, a viagem até àquele ponto não	TR quis indicar a melhor época no ano (seca) para <i>os viajantes e turistas</i> que

	from May to October, when the climate is dry and at its best , there would be practically no hardship at all for travellers and visitors . (p. 197)	penosa, e, de maio a outubro, que é a melhor estação do ano , não se poderiam esperar quaisquer dificuldades. (p. 134)	fora difícil, e, de maio a outubro, com tempo seco e clima bom, não haveria virtualmente sacrifício para viajantes ou turistas . (p. 203)	quisessem conhecer a região por ele visitada naquele momento, o que não fica bem explícito em MA
6.49	It rained all that night; [...] Moreover, there had been no chance to take the desired astronomical observations. (p. 199)	Choveu a noite inteira [...]. Além disso, não nos fora possível obter qualquer informação meteorológica . (p. 135)	Choveu toda a noite [...] Além disso não houvera oportunidade para fazermos as observações astronômicas que desejávamos. (p. 205)	MA troca o interesse em observar os <i>astros</i> no céu e definir a <i>localização</i> de onde estavam, algo impossibilitado pela chuva, por informações <i>meteorológicas</i> (que não eram o foco da expedição)
6.50	But during the second part [of an indigenous ceremony] all the women and girls came out and looked on. They were themselves to have danced when the men had finished, but were overcome with shyness at the thought of dancing with so many strangers looking on . The children played about with unconcern throughout the ceremony, one of them throwing high in the air, and again catching in his hands, a loaded feather, a kind of shuttlecock . (p. 201)	Na segunda parte [de uma cerimônia indígena], porém, mulheres e mocinhas saíram para apreciar. As crianças brincavam por ali, sem se interessarem pela cerimônia; uma delas se pôs a atirar para o alto uma pena com um peso na ponta fingindo seta e a apanhá-la novamente. (p. 136)	Mas durante a segunda parte todas as mulheres e moças saíram para assistir à dança. Era para elas dançarem também, quando os homens terminassem, mas foram tomadas de acanhamento à vista de tanta gente estranha a olhar . A criança brincava descuidada durante todo esse tempo, atirando uma delas ao ar uma pena que levava um contrapeso e aparando-a na mão, como uma espécie de peteca . (p. 207)	Uma frase inteira excluída em MA, onde TR observa a timidez das indígenas, frente aos visitantes, em dançar na cerimônia que ocorria. Também o brinquedo descrito por ele se assemelha a uma peteca, que não fica muito evidente em MA.

CAPÍTULO VII

WITH A MULE-TRAIN ACROSS NHAMBIQUARA LAND		NA TERRA DOS NHAMBICUARAS	ATRAVÉS DA REGIÃO DOS NAMBICUARAS	
SEQ	Charles Scribner's (1914)	Ministério da Agricultura/MA (1943)	Companhia Editora Nacional/CEN (1944)	Comentários
7.1	Before leaving we prepared for shipment back to the museum. [...] These included [...] a gourd in which the sacred drink is offered to the god Enoerey; [...] (p. 203)	Antes da partida preparamos [alguns itens] [...] a fim de serem remetidos para o Museu. Entre os objetos colecionados constavam [...] uma cabeça na qual ofereciam a bebida sagrada ao deus Enoré, [...] (p. 139)	Antes de partir preparamos para serem embarcados, com destino ao museu, [...] uma cuia em que a bebida sagrada é oferecida ao deus Enoerêi; [...] (p. 210)	MA, talvez por descuido ou erro de digitação, traduz <i>gourd</i> (<i>cabaça</i> ou <i>cuia</i>) como <i>cabeça</i> , o que cria uma imagem para o leitor como se fosse um item um tanto macabro de um ritual (servir uma bebida em uma cabeça – de bicho, de gente?)

7.2	After going about fifteen miles we camped beside the swampy headwaters of a little brook. (p. 204)	Após quinze milhas de viagem acampamos junto à nascente alagadiça de um regato. (p. 140)	Após 28 quilômetros de caminho acampamos junto à nascente pantanosa de um pequeno córrego. (p. 210)	A conversão 15 milhas = 24km Para quem interessar retrazar o caminho, as distâncias precisam de exatidão
7.3	When they [Rondon and Lira] reached this place they had been thirty-six hours without food. They killed a bush deer - a small deer - and ate literally every particle. (p. 205)	Quando [Rondon e Lira] alcançaram tal sítio, havia trinta e seis horas que não comiam. Mataram então um veado catingueiro e devoraram-no até a sua última partícula. (p. 140)	Ao chegarem a esse lugar haviam passado trinta e seis horas sem alimento. Mataram então um veado catingueiro – pequeno - e comeram-no todo. (p. 210)	A ênfase dada por TR de que devoraram a carne do animal até o último pedaço fica apagada em CEN
7.4	[termos científicos] Miller told of a little tree-frog in Colombia which swelled itself out with air until it looked like the frog in Aesop's fables, and then brayed like a mule; and Cherrie told of a huge frog in Guiana that uttered a short, loud roar. (p. 205)	A esse propósito Miller nos contou que na Colômbia existe um pequeno batráquio que incha tal qual a rã da fábula de Esopo e em seguida se põe a zurrar como um jumento; falou também da existência de um grande sapo das Guianas que emite um ronco curto e muito alto. (p. 140)	Miller falou sobre uma pequena rã das árvores da Colombia, que se entufava de ar até parecer o sapo da fábula de Esopo, rinchando então como um burro; e Cherrie se referiu a um grande sapo da Guiana que emite um coaxar curto e forte. (p. 211)	MA prefere termos científicos (batráquio) para falar da rã, e omite que o relato sobre o sapo das Guianas era de Cherrie (e não a continuação da fala de Miller)
7.5	Skeletons of mules and oxen were more frequent; and once or twice by the wayside we passed the graves of officers or men who had died on the road. (p. 205)	Apenas eram mais frequentes os esqueletos de muaras e bovinos e uma ou duas vezes passamos por sepulturas de pessoas que haviam morrido na estrada. (p. 140)	Os esqueletos de bois e bestas eram mais frequentes e uma ou duas vezes passámos por sepulturas de soldados e de trabalhadores que morreram na estrada. (p. 211)	A memória dos falecidos encarregados da Comissão fica esquecida em MA (quando TR usa a palavra <i>officer</i> no seu texto, geralmente é para falar dos funcionários que trabalhavam para Rondon)
7.6	[about the fights between Parecis and Nambiquaras] The ferrymen had driven them off by firing their rifles in the air; and they expected and received the colonel's praise for their self-restraint; for the colonel is doing all he can to persuade the Indians to stop their blood feuds. (p. 206)	[sobre as brigas entre Parecis e Nhambiquaras] Mas estes rechaçaram o ataque, descarregando as espingardas para o ar. Pediram, então, ao coronel que os perdoasse por essa auto-defesa, pois que sabiam que ele não aprova quaisquer reencontros sanguinolentos entre os selvícolas. (p. 140-41)	Os Parecís conseguiram afugentá-los disparando suas carabinas para o ar e receberam do coronel os esperados aplausos pela sua prudência, pois o coronel fazia tudo o que podia para persuadir os índios a desistirem de suas lutas sangrentas. (p. 212)	Nesse trecho há a descrição de uma contenda entre etnias, na qual os Parecis se defenderam atirando ao ar. TR fala que, evitando o combate, eles esperavam (e receberam) de Rondon o reconhecimento por não apelar para a violência, pois deram tiros de alerta para espantar os inimigos. MA mostra os indígenas mais submissos, esperando um <i>perdão</i> pela autodefesa, que não foi a ideia narrada por TR

7.7	[termos científicos] On the other hand, various kinds of piuns were a little too abundant; they vary from things like small gnats to things like black flies . (p. 206)	[...] em compensação eram abundantes os piuns de várias espécies ¹ , cuja diferença de forma podia ser comparada com a que existe entre o mosquito-prego ² e os do gênero simulium . (p. 141)	[...] mas por outro lado piúns de varias espécies eram um tanto excessivos; variavam de tamanho entre o polvora e a grande mutuca preta . (p. 212)	MA, com sua preferência pelos termos científicos, adiciona ainda duas notas do tradutor no referido trecho: ¹ <i>espécies</i> : piuns e carapanãs ² <i>mosquito-prego</i> : <i>Culex pipiens</i> .
7.8	It is the kind of country known to the Brazilians as chapadão - pronounced almost as if it were a French word and spelled shapadon . (p. 210)	[...] uma espécie de região que os brasileiros denominam de “Chapadão”. (p. 143)	Era o que os brasileiros chamam “chapadão” - palavra que se pronuncia quase como se fosse francesa, do seguinte modo: shapadón . (p. 216)	CEN preza bastante pela literalidade do original, e não exclui a forma como TR ensina seu leitor (no inglês) de como pronunciar a palavra <i>chapadão</i> em português
7.9	We ourselves reached this, and waded our beasts across the deep, narrow stream, in the late afternoon ; and we then enjoyed a bath and swim . (p. 210-11)	Chegamos ali e metemos logo nossas montadas pelo leito fundo e estreito de ribeirão e em seguida tomamos um excelente banho e fizemos exercícios de natação . (p. 143)	Chegamos alí pelo fim da tarde , e, depois de atravessarmos o profundo curso d’água, tivemos um bom banho, nadando também . (p. 216)	MA apaga o período do dia em que chegaram no novo acampamento, bem como traduz de uma forma estranha quando se atiraram no ribeirão: <i>fizemos exercícios de natação</i>
7.10	Accordingly the loads were taken off and brought over on the heads of the men; it was fine to see the sinewy, naked figures bearing their burdens through the broken moonlit water to the hither bank. (p. 211)	Desse modo as cargas foram retiradas e conduzidas nas cabeças dos homens; e era interessante ver aquelas sombras musculosas e nuas, sob o clarão da lua, atravessando a carga na cabeça. (p. 143)	As cargas foram, por isso, retiradas, e passaram nas costas dos homens, cujos possantes corpos nus, curvando-se sob as cargas através da água prateada pela lua, ofereciam à vista um belo espetáculo. (p. 216)	CEN parece manter a descrição um tanto poética de TR da cena
7.11	This country and the adjacent regions, forming the high interior of western Brazil, will surely some day support a large industrial population; of which the advent would be hastened, although not necessarily in permanently better fashion, if Colonel Rondon's anticipations about the development of mining, especially gold-mining, are realized . (p. 211)	Esta região e adjacências, que constituem o altiplano do oeste brasileiro, hão de se transformar em grande centro industrial não mui remotamente se o Cel. Rondon conseguir realizar seu plano de mineração, especialmente na parte relativa às minas de ouro . (p. 143)	Esta e mais as bacias adjacentes, que formam o altiplano interior do Brasil Ocidental, serão no futuro a sede de uma grande atividade industrial, cujo surto seria facilitado se as previsões do coronel Rondon sobre exploração de minas, especialmente de ouro, se realizassem. Isto não significa que seja essa a melhor maneira permanente de se chegar àquele resultado . (p. 216)	As <i>previsões de sucesso</i> para a colonização do interior do Brasil são uma constante do texto de TR, e projetavam a imagem do Brasil e suas possibilidades no exterior; esse trecho fala da expectativa de Rondon sobre a mineração do local por onde passavam; MA informa que havia um plano de mineração do sertanista (mas ele só tinha expectativas, segundo TR, e ainda assim não seria o responsável pela exploração)

7.12	<p>[breakfast/almoço] [termos científicos] Before breakfast he [Cherrie] brought in several birds: a dark-colored flycatcher, with white forehead and rump and two very long tail-feathers; a black and slate-blue tanager; a black ant-thrush with a concealed white spot on its back, at the base of the neck [...] (p. 213)</p>	<p>[...] antes do almoço trouxe do campo as seguintes: um papa-mosca de cor escura com a cabeça e uropígio brancos e duas penas caudais muito longas; uma saíra negra e azul-ardósia; um formicarídeo com uma visível mancha branca homocrômica no dorso e na base do pescoço, [...] (p. 144)</p>	<p>Antes do almoço trouxe varios passaros: um papa-moscas escuro com a testa e costas brancas e duas longas penas na cauda; um tangará preto e azul-ardosia; um tordo preto, comedor de formigas, com uma mancha branca disfarçada em cima, na base do pescoço, [...] (p. 218)</p>	<p>MA emprega muitos termos científicos no trecho. <i>Breakfast</i> = almoço</p>
7.13	<p>The sand-flies were bothersome at night, coming through the interstices in the ordinary mosquito-nets. (p. 214)</p>	<p>À noite apareceram alguns pernilongos que conseguiram atravessar a tela dos cortinados. (p. 145)</p>	<p>Os piuns se tornaram incomodos à noite, passando através das malhas do mosquitoeiro ordinario. (p. 219)</p>	<p>O adjetivo <i>ordinário</i>, em português, geralmente não assume o sentido de coisa “comum” como no inglês, mas de coisa de pouco valor, medíocre ou de qualidade inferior¹⁷⁸. A tradução de CEN parece uma crítica ao mosquitoeiro que utilizavam na expedição (por permitir que os piuns passassem e incomodassem os viajantes). Poderia ter colocado apenas <i>mosquiteiro comum</i>.</p>
7.14	<p>They [the Nambiquaras] were originally exceedingly hostile and suspicious, but the colonel's unwearied thoughtfulness and good temper, joined with his indomitable resolution, enabled him to avoid war and to secure their friendship and even their aid. He never killed one. (p. 216)</p>	<p>Tais índios [Nambiquaras] eram antes extraordinariamente hostis e desconfiados, porém, a incansável pertinácia e cordura do coronel, juntamente com sua indomável firmeza, permitiram-no catequizá-los sem luta, conseguindo-lhes a amizade e até mesmo seu auxílio. Nunca sacrificou um selvícola. (p. 146)</p>	<p>A principio eram extremamente desconfiados e hostis, mas a infatigável paciência e solicitude do coronel, base de sua indomável resolução, permitiu-lhe evitar hostilizá-los e conquistar sua amizade e até seu auxílio. Nunca matou um só. (p. 221)</p>	<p>Os Nambiquaras foram das tribos de mais difícil aproximação por Rondon e sua Comissão mas, por ser fiel adepto do pensamento positivista, <i>catequizar</i> indígenas (como em MA) estava definitivamente fora da sua agenda; por esse mesmo motivo, o padre Zahm, que acompanhava TR desde o começo da viagem, foi expulso da Expedição, por querer converter os indígenas à sua religião.</p>
7.15	<p>[...] although this does not prevent them from now and then yielding to temptation, even at his expense, and stealing a dog or</p>	<p>[...] o que, entretanto, não impede que, vez por outra, não resistindo a certos impulsos, furtem alguma coisa. [...] não existia a</p>	<p>[...] embora isto não impeça que cedam às vezes à tentação, mesmo em prejuízo dele, de furtar um cão ou algo que sobre</p>	<p>TR critica o furto de objetos por parte dos Nambiquaras, e MA apaga que</p>

¹⁷⁸ Segundo acepções do Michaelis on-line: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ORDIN%C3%81RIO/>

	something else which strikes them as offering an irresistible attraction. [...] there was no male brutality like that which forms such a revolting feature in the life of the Australian black fellows and, although to a somewhat less degree, in the life of so many negro and Indian tribes . [...] Among these Nhambiquaras the women were more completely naked than the men, although the difference was not essential. (p. 216-17)	brutalidade que se observa entre os pretos australianos , aliás uma das características revoltantes daquela gente, nem mesmo o que se possa comparar com muitas comunidades de negros e tribos de índios . [...] Entre os nhambiquaras as mulheres se apresentam menos despidas do que os homens, embora com pequena diferença. (p. 146-47)	eles exerça irresistível atração. [...] Não havia a brutalidade dos machos, como a que constitui traço revoltante na vida dos negros australianos , assim como das tribus negras e da Índia , embora em menor grau. [...] entre aqueles Nambiquaras, as mulheres andavam mais completamente nuas do que os homens, embora a diferença não fosse grande. (p. 222)	eles poderiam fazer isso até mesmo com um cão CEN confunde o termo <i>Indian tribes</i> e traduz como sendo do país (Índia) As mulheres Nambiquaras andavam <i>mais nuas</i> que os homens, segundo TR, mas em MA eram mais vestidas (pudor na tradução?)
7.16	[...] a few of the Indians suddenly held an improvised dance for us in front of our house. [...] Two of the men and the boy were practically naked, and the two young women were absolutely so. All of them danced in a circle, without a touch of embarrassment or impropriety . (p. 219)	[...] e alguns índios improvisaram uma dança para nós, defronte da casa em que nos encontrávamos. [...] Os demais se mostravam inteiramente nus. Começaram a dançar fazendo rodas com muita perfeição e desenvoltura . (p. 147)	[...] alguns índios improvisaram uma dança em frente à nossa casa. [...] Dois outros e o menino, estavam nus, assim como as moças. Dançavam em roda, com perfeito desembaraço . (p. 223)	TR faz uma “escala” de nudez dos indígenas que participaram da dança; destaca que não havia qualquer sinal de <i>constrangimento ou indecência</i> entre eles. Parece que os tradutores é que ficaram constrangidos, pois trocam os termos para <i>perfeição e desenvoltura</i> (MA) e CEN por <i>perfeito desembaraço</i>
7.17	It was a strange and interesting sight to see these utterly wild, friendly savages, circling in their slow dance, and chanting their immemorial melodies , in the brilliant tropical moonlight, with the river rushing by in the background, through the lonely heart of the wilderness. (p. 219)	Era um estranho e interessante espetáculo aquela dança monótona e selvagem, sob o clarão da lua tropical, tendo como cenário as águas múrmuras do rio e o coração das selvas! (p. 147)	Era um espetáculo estranho e interessante ver aqueles selvagens amigos inteiramente nus, girando em sua dança vagarosa, a cantar suas melodias imemoriais à luz argentea do luar tropical, com o rio a correr ali perto, em pleno coração do sertão! (p. 224)	MA tirou boa parte do brilho da descrição de TR, o “quadro” pintado pelo autor!
7.18	It is an unhealthy spot; there has been much malarial fever and beriberi - an obscure and deadly disease . (p. 220)	[...] daquele insalubre posto avançado da civilização, onde reinavam a malária e o beribéri. (p. 148)	Era um local insalubre onde houvera muita febre palustre e beri-beri, moléstia obscura e mortal . (p. 225)	MA parece atenuar a fatalidade expressa por TR quando fala do beribéri (<i>moléstia obscura e mortal</i> , traduzida por CEN)
7.19	The ferryman was a soldier in the employ of the Telegraphic Commission. His good-looking, pleasant-mannered wife,	O barqueiro era um soldado que trabalhava na Comissão Telegráfica. Sua simpática e atenciosa esposa , mestiça de índio e negro,	O balseiro era um empregado da Comissão e sua bonita esposa - evidentemente de sangue índio e negro -	A esposa do <i>soldado</i> é caracterizada com dois adjetivos por TR (tais informações só aparecem em MA);

	evidently of both Indian and negro blood, was with him, and was doing all she could do as a housekeeper, in the comfortless little cabin , with its primitive bareness of furniture and fittings. (p. 221)	acompanhava-o e procurava proporcionarnos o melhor conforto possível , naquele local baldo de recursos. (p. 148)	estava com ele; com maneiras amáveis fazia o possível como dona de casa , na pequena choupana primitiva e sem conforto , onde não existiam mobília e adornos. (p. 225)	A cabana onde moravam é que era sem conforto (por mais que ela desse seu melhor), e não que ela estava tentando proporcionar conforto aos visitantes (como MA traduziu, retratando-a ainda mais amável do que TR realmente descreveu)
7.20	[linguagem científica] Miller told how once on the Orinoco he saw on the bank a small anaconda, some ten feet long, killing one of the iguanas, big, active, truculent, carnivorous lizards , [...] (p. 222)	Miller narrou como, de uma feita, vira, na margem do Orenoco, uma pequena sucuri com uns três metros de comprimento, devorando um iguana, que é um sáurio grande, ativo e perigoso, [...] (p. 149)	Miller expôs que uma vez, no Orenoco, viu uma pequena sucuri de uns tres metros de comprimento, matando à beira do rio um iguano, grande lagarto carnívoro , truculento e ágil [...] (p. 226-27)	Preferência de MA pela linguagem científica (<i>sáurio</i> para lagarto) – esqueceu de mencionar que é carnívoro
7.21	He [Miller] and Cherrie told of [...] bloody revolutions that devastated the settled regions. (p. 223)	Ele e Cherrie se referiram a [...] violentas e sanguinárias revoluções que devastaram tais regiões. (p. 149)	Ele e Cherrie falaram sobre [...] revoluções sangrentas que devastaram regiões povoadas. (p. 227)	Cherrie tomou parte em algumas revoluções na América do Sul enquanto coletava espécimes; tais lutas foram muito piores na descrição de MA (<i>violentas</i> + <i>sanguinárias</i>)
7.22	Accordingly we would sit about under trees, or under a shed or lean-to, if there was one, each solemnly reading a volume of Gibbon - and no better reading can be found . In my own case, as I had been having rather a steady course of Gibbon , I varied him now and then with a volume of Arsene Lupin lent me by Kermit. (p. 223)	Nestas condições, sentávamos debaixo de árvores ou de qualquer abrigo e nos dispúnhamos a ler Gibbon, em falta de outra coisa . No meu caso, como já estava saturado de tanto Gibbon , procurava variar com a leitura de Arsène Lupin que me emprestara Kermit. (p. 149)	[...] o que tínhamos a fazer era sentar sob uma árvore, ou sob um rancho ou “meia-agua”, quando havia, lendo cada qual solenemente um volume de Gibbon - e melhor leitura não ha . No meu caso pessoal, como eu já vinha lendo muito de Gibbon , variava de vez em quando com algum volume de “Arsène Lupin” emprestado por Kermit. (p. 227)	MA <i>lamenta</i> que não houvesse escolha de leitura além de Gibbon, quando TR na verdade <i>aprecia</i> que tal leitura estivesse disponível. Embora ele já tivesse lido bastante do mesmo autor, procurava intercalar com as aventuras de Lupin, mas não aparenta estar <i>saturado</i> no seu relato original.
7.23	One [Indian] seemed sick; he was thin, and his back was scarred with marks of the grub of the loathsome berni fly. (p. 224)	Um deles [indígena] estava doente, muito magro e com marcas de berne nas costas. (p. 150)	Um parecia doente; era magro e tinha nas costas cicatrizes dos nojentos bernes. (p. 228)	MA, talvez para poupar o leitor da imagem criada pela visão de uma ferida de berne, retirou o adjetivo <i>loathsome</i> (nojento/repugnante)
7.24	When settlers of the right type come into a new land they speedily learn to take the measures necessary to minimize the annoyance caused by all these pests .	Quando os colonos chegam às novas terras em que vão viver, tomam logo as medidas necessárias a fim de que sejam atenuados os incômodos provocados pelos mosquitos . Os	Quando colonos do tipo adequado se estabelecem num país novo, rapidamente aprendem a adotar as medidas necessárias para reduzir ao mínimo os	Interessante notar que, para TR há colonos do tipo certo (seriam os brancos?) - e do tipo errado também? O fato é que aqui ele apresenta a

	Those that are winged have plenty of kinsfolk in so much of the northern continent as has not yet been subdued by man. (p. 227)	insetos alados têm tantos representantes no Hemisfério norte que ainda não foi possível classificá-los . (p. 151)	incômodos que essas pragas acarretam. As aladas têm na América do Norte muitas suas parentas, que ainda não foram dominadas pelo homem. (p. 231)	adaptação rápida quanto às pestes, de modo geral, mas MA fala apenas em mosquitos. Sobre os alados de sua região, TR diz que não foram totalmente dominados/controlados, mas MA traduz como classificados (seria o gosto pela ciência, de novo?)
7.25	On the afternoon of February 15 we reached Campos Novos. (p. 227)	Na tarde do dia 5 de fevereiro chegamos a Campos Novos. (p. 152)	Na tarde de 15 de fevereiro chegamos a Campos Novos. (p. 231)	Erro de digitação em MA? Cronologicamente fica alterada a linha que o leitor acompanha
7.26	Here we found Amilcar and Mello, who had waited for us with the rear-guard of their pack-train, and we enjoyed our meeting with the two fine fellows, [...] (p. 228)	Neste sítio encontramos com os Caps . Amílcar e Melo, com a retaguarda da tropa de transporte, o que muito nos agradou, por se tratar de excelentes companheiros, briosos e excelentes oficiais , [...] (p. 152)	Alí encontramos com prazer Amilcar e Melo, que nos haviam esperado com a retaguarda de seus bois de carga. Eram dois homens distintos, [...] (p. 232)	MA aumentou os elogios feitos aos dois membros da Expedição, adicionando suas patentes militares
7.27	We followed in the late afternoon , camping after a few miles. (p. 228)	Nós seguimos no dia seguinte, à tarde , e fomos acampar a poucos quilômetros adiante. (p. 152)	Nós seguimos perto do meio-dia , acampando depois de alguns quilômetros percorridos. (p. 232)	Novamente, para o leitor que mapeia cronologicamente o relato, fica confusa a data em MA de partida daquele acampamento (embora CEN também não apresente o período certo do dia)
7.28	[...] and Kermit, with the small Lüger belt-rifle, [killed] a handsome curassow, nearly as big as a turkey—out of which, after it had been skinned, the cook made a delicious canja, the thick Brazilian soup of fowl and rice than which there is nothing better of its kind . (p. 229)	[...] Kermit [abateu], com sua Luger, um magnífico mutum, do tamanho quase de um peru e de cuja carne, retirada do arcabouço que foi empalhado , comemos deliciosa canja, a tal sopa brasileira feita com galinha e arroz, o melhor prato que existe no gênero . (p. 153)	e Kermit, com a pequena Lüger automática, [abateu] um lindo mutum, quase tão corpulento quanto um peru — com o qual, depois de depenado, o cozinheiro fez uma canja deliciosa, a espessa e incomparável sopa brasileira feita de arroz e aves. (p. 233)	O cozinheiro da expedição ficou apagado em MA (os membros não preparavam os alimentos, havia o cozinheiro específico para tal tarefa). TR adorou a canja brasileira (e elogia em outros trechos do relato), e parece que sua preferência ficou melhor traduzida em MA
7.29	We camped once at a small river named by Colonel Rondon the "Twelfth of October," because he reached it on the day Columbus discovered America - I had never before known what day it was! (p. 229)	Certa vez acampamos na margem de um pequeno rio denominado, pelo Cel. Rondon, de Rio Doze de Outubro por tê-lo atingido no dia em que Colombo descobriu a	Uma vez acampamos em um riacho que o coronel batizou “ 12 de outubro” porque aí chegara no dia em que Colombo descobriu a América - eu ainda	TR disse que não sabia sobre a data do descobrimento da América por Colombo, e não que fosse, de um modo geral, desatento a datas

		América (eu, particularmente, nunca dei atenção a datas!) (p. 153)	ignorava em que dia isso acontecera! (p. 233)	históricas, como ele ficou retratado em MA
7.30	For these forty-eight hours the trail climbed into and out of steep valleys and broad basins and up and down hills. (p. 230)	Durante quarenta e oito horas de viagem, vencemos caminhos acidentados, subindo e descendo morros. (p. 153)	Durante essas vinte e quatro horas , o trilho, galgando morros e descendo ladeiras, passava por vales profundos e grandes bacias. (p. 233)	CEN trocou 48h por 24h de viagem por trilhas penosas de percorrer
7.31	They were stark naked as usual; they had no hammocks or blankets, and their huts were flimsy shelters of palm-branches. Yet they were in fine condition. Half a dozen of the men and a couple of boys accompanied Kermit back to our camp , [...] (p. 234-35)	Estavam totalmente nus, como era de costume; não possuíam redes nem cobertas, e suas residências constavam apenas de um insignificante abrigo de folhas de palmeiras. Contudo, mostravam excelentes condições de saúde. Seis homens e dois rapazes acompanharam Kermit até o nosso acampamento [...]. (p. 156)	Estavam nus de todo, como era habitual, não possuíam redes nem cobertas, e suas choças eram insuficientes abrigos de folhas de coqueiros. Meia dúzia de homens e dois meninos acompanharam Kermit quando regressou do acampamento , [...] (p. 238)	Ainda que sob condições adversas, os indígenas se encontravam com saúde, o que não ficou expresso em CEN, que também confunde que o trajeto de Kermit era da aldeia para o acampamento (da expedição)
7.32	Within the last year he had killed three jaguars, which had been living on the mules; as long as they could get mules they did not at this station molest the cattle. (p. 237)	No ano anterior abatera três jaguares que andavam comendo os muares da fazenda, presas essas por eles preferidas naquela zona. (p. 157)	No correr do ano anterior matara tres onças que estavam dizimando as bestas; naquela zona, se puder vitimar as bestas, a onça não molesta o gado. (p. 240)	Segundo TR, as onças atacavam as mulas e o gado nas fazendas da região, mas se houver os primeiros, o gado fica a salvo. Esse detalhe só ficou traduzido em CEN
7.33	Then he [Rondon] went to Rio, served for a year in the army as an enlisted man in the ranks, and succeeded finally in getting into the military school. After five years as pupil he served three years as professor of mathematics in this school; [...] (p. 237)	Em seguida foi [Rondon] para o Rio de Janeiro, onde serviu nas fileiras no Exército, e finalmente, conseguiu entrar para a Escola Militar. Após cinco anos de curso, passou a lecionar matemática na referida Escola, [...] (p. 157)	Seguiu então para o Rio como soldado raso e servira nas fileiras por um ano , conseguindo afinal ingressar na Escola Militar. Após cinco anos de curso, servira por tres anos como professor de matemática naquela Escola; [...] (p. 241)	O percurso formativo de Rondon no Rio de Janeiro perde alguns detalhes temporais em MA
7.34	[...] and one old man looked somewhat like a hairy Ainu, or perhaps even more like an Australian black fellow. My companion told me that this probably represented an infusion of negro blood, and possibly of mulatto blood , from runaway slaves of the old days, [...] (p. 238)	Havia um velho que se assemelhava a um “ainu” peludo ou, melhor ainda, um negro australiano. Meus companheiros disseram que possivelmente se tratava de um tipo de sangue mesclado, oriundo de negros fugidos [...] (p. 158)	[...] e um ancião parecia um cabelúdo Aíno ou mais ainda, um preto australiano. Meu companheiro explicou que isso era talvez devido à mescla de sangue de negro, ou possivelmente de mulato , de escravos fugidos nos tempos idos, [...] (p. 241)	No trecho narrado, estavam entre indígenas que TR considerou cabeludos, e <i>um companheiro</i> (quem?) informou sobre as origens de um indivíduo que chamou atenção. MA exclui alguns detalhes (poderia ter sangue mulato) e a explicação recai sobre <i>os companheiros</i> (mais de um indivíduo)

7.35	There were fifteen or twenty people to each hut. Inside were their implements and utensils, such as wicker baskets (some of them filled with pineapples), gourds, fire-sticks, wooden knives, wooden mortars, and a board for grating mandioc, made of a thick slab of wood inset with sharp points of a harder wood. (p. 238-39)	Em cada palhoça viviam de quinze a vinte índios. Dentro se encontravam seus utensílios e outros objetos, como cestos de taquara (alguns estavam cheios de ananás), cabaças, tochas, facas de pau, pilões em que pisavam a mandioca e cujas “mãos” eram pontudas e feitas de madeira muito dura. (p. 158)	Em cada uma dessas choças moravam quinze ou vinte pessoas. Dentro estavam seus objetos, tais como cestos de taquara (alguns cheios de ananases), cabaças, lenha, facas de pau, pilões de madeira e uma prancha para ralar mandioca, feita de uma grossa tabua onde inseriram pontas agudas de uma madeira dura. (p. 242)	MA faz uma grande confusão com a descrição do ralador de mandioca! <i>Mãos pontudas?</i>
7.36	[breakfast/almoço] After breakfast at Bonafacio a number of Nhambiquaras—men, women, and children—strolled in. (p. 240)	Após o almoço , em José Bonifácio, apareceu um grupo de nhambiquaras, homens, mulheres e crianças. (p. 159)	Depois do almoço em José Bonifacio, alguns nambiquaras - homens, mulheres e crianças - vieram chegando. (p. 243)	Breakfast = almoço
7.37	Several of the women had been taken from other tribes, after their husbands or fathers had been killed; for the Nhambiquaras are light-hearted robbers and murderers. (p. 240)	Várias índias tinham sido raptadas de outras tribos após o assassinio de seus maridos e pais, pois os nhambiquaras são assassinos e ladrões joviais. (p. 159)	Varias das mulheres haviam sido raptadas de outras tribus, depois de mortos seus pais ou seus maridos, pois os nambiquaras são ladrões e assassinos inveterados. (p. 243)	TR quis dizer que os nhambiquaras eram ladrões e assassinos sem nenhum sentimento de culpa (light-hearted), o que virou joviais (!) em MA e inveterados em CEN.
7.38	[...] we divided our party and our belongings. Amilcar, Miller , Mello, and Oliveira were to march three days to the Gy-Parana , and then descend it, and continue down the Madeira to Manaus. Rondon, Lyra, the doctor, Cherrie, Kermit, and I, with sixteen paddlers, in seven canoes, were to descend the Duvida, [...] (p. 240-41)	[...] dividimos nossa comitiva e bagagens. Amílcar, Miller , Melo e Oliveira viajariam três dias até alcançarem o Gi-Paraná , o qual desceriam até o Madeira, com destino a Manaus. Rondon, Lira, o médico, Cherrie, Kermit e eu, com sete canoas e dezesseis remadores, desceríamos o Dúvida [...] (p. 159)	Dividimos a comitiva e a bagagem. Amilcar, Melo e Oliveira deviam viajar durante tres dias até o Gi-Paraná, e, descendo-o então, seguiriam pelo Madeira abaixo até o Amazonas e Manaus. Rondon, Lira, o médico, Cherrie, Miller , Kermit e eu, com dezesseis remadores e sete canoas, devíamos descer o rio da Dúvida [...] (p. 244)	CEN <i>coloca</i> Miller na comitiva que desceu o Dúvida, o que não ocorreu
7.39	We were all armed. We took no cartridges for sport. Cherrie had some to be used sparingly for collecting specimens. The others were to be used—unless in the unlikely event of having to repel an attack —only to procure food. The food and the arms we carried represented all	Estávamos todos armados e as munições, posso afirmar, não eram destinadas a desportos. Apenas Cherrie trazia alguma para despender na obtenção dos exemplares. O restante era destinado especialmente à conquista de alimentos, a menos que algum acontecimento fortuito nos obrigasse a	Estavamos todos armados mas não levávamos munições para esporte. Cherrie tinha alguma só para obter espécimes com parcimônia. O mais do cartuchame era para conseguirmos alimento, salvo o caso de termos de repelir algum ataque. As provisões e	A descida ao Rio da Dúvida se aproximava. O comentário de que a munição <i>não era para esporte</i> adquire um tom ameaçador em MA, já que o perigo de um encontro com indígenas desconhecidos era iminente, o que, nesse caso, os <i>obrigaria</i> a gastar as

	reasonable precautions against suffering and starvation; but, of course, if the course of the river proved very long and difficult, [...] then we would have to reckon with starvation as a possibility. (p. 242)	gastá-lo. O alimento e as armas que trazíamos representavam a única forma de precaução contra qualquer embate; porém, se o curso do rio fosse muito longo e difícil, [...] tínhamos naturalmente de reconhecer que a morte pela fome seria uma hipótese. (p. 160)	armas que conduzíamos representavam todas as precauções razoáveis contra sofrimentos e provações, mas era claro que, se o curso do rio se mostrasse muito longo e difícil, [...] teríamos, em casos tais, que levar em conta a possibilidade de passar fome. (p. 245)	municiões. Em CEN parece uma conotação mais moderada, defensiva (<i>repelir algum ataque</i>), que foi a palavra escolhida por TR, embora não tenha traduzido <i>in the unlikely event</i> , já que TR era conhecedor dos ideais de Rondon sobre “morrer se preciso for, matar jamais” em relação aos indígenas. TR fala em considerar a fome uma possibilidade, e MA já prevê a hipótese da morte pela fome no horizonte.
--	--	---	--	---

CAPÍTULO VIII

THE RIVER OF DOUBT		O RIO DA DÚVIDA		O RIO DA DÚVIDA			
SEQ	Charles Scribner's (1914)	Ministério da Agricultura/MA (1943)	Companhia Editora Nacional/CEN (1944)	Comentários			
8.1	We had seven canoes, all of them dugouts. [...] The two old canoes were lashed together, and the cranky one was lashed to one of the others. [...] Colonel Rondon and Lyra with three other paddlers in the next largest ; and the doctor, Cherrie , and I in the largest with three paddlers. (p. 243)	Conduzíamos sete canoas, todas inteiriças: [...] As duas mais velhas, a de fendas e uma terceira foram ligadas umas às outras, formando pares. [...] o Cel. Rondon e Tte. Lira, juntamente com três remadores, na outra um pouco maior, e o médico, Miller e eu na maior de todas, também com três homens. (p. 161)	Dispúnhamos de sete canoas, todas feitas de troncos escavados. [...] As duas canoas velhas foram ligadas entre si, e a maluca foi também amarrada a outra. [...] O cel. Rondon, Lira e tres remadores ocupavam a outra, e eu com o médico e Cherrie íamos na maior, com tres remadores. (p. 246-47)	Miller não participou da comitiva que desceu o Dúvida (MA trocou)			
8.2	The paddlers were a strapping set. [...] They were lithe as panthers and brawny as bears. (p. 244)	Os remadores eram vigorosos, [...] Eram ágeis como panteras e fortes como touros! (p. 161)	Os remadores formavam um excelente conjunto. [...] Juntavam à agilidade da pantera, a força do urso. (p. 247)	MA faz referência a um animal mais conhecido do leitor brasileiro (touro) para expressar a força dos remadores da expedição			
8.3	They [paddlers] were white, - or, rather, the olive of southern Europe, - black, coppercolored, and of all intermediate shades. In my canoe Luiz the steersman, the headman, was a Matto Grosso negro; Julio the bowsman was from Bahia and of	[remeiros] Suas cores representavam toda a escala de matizes entre o branco, ou, diria melhor, entre a cor azeitonada da gente do sul da Europa, o preto e a cor de cobre. Na minha canoa, Luís o timoneiro, era um negro de Mato Grosso; o primeiro remo, Júlio,	Eram brancos (ou antes, do azeitonado dos europeus do sul), pretos, côm de cobre e de todos os matizes intermediários. Na minha canoa, Luiz, o capataz e encarregado do leme, era um negro de Mato Grosso; Julio, o proeiro, baiano, e	TR gostava de falar da <i>pureza</i> das raças, especialmente se fosse a branca, o que fica um tanto apagado em MA (<i>descendia de portugueses</i>). Já que o tradutor o “corrige” (<i>ou, diria melhor, entre a cor azeitonada da</i>			

	pure Portuguese blood; and the third man, Antonio, was a Parecis Indian. (p. 244)	nascera na Bahia e descendia de portugueses e o outro era Antônio, o índio pareci. (p. 162)	de puro sangue português, e o terceiro, Antonio, índio pareci. (p. 247)	gente do sul da Europa), assume-se que Júlio não era “tão branco” assim
8.4	Kermit landed nearly a hundred times, and we made but nine and a third kilometres. My canoe ran ahead of the surveying canoes. (p. 245)	Kermit desceu da embarcação mais de cem vezes e apenas conseguimos vencer nove quilômetros e trezentos metros. Minha canoa deslizava à frente das demais. (p. 162)	Kermit desembarcou um cento de vezes e só percorremos nove quilômetros e um terço. Minha canoa seguia à frente dos que faziam o levantamento. (p. 248)	O trabalho de levantamento topográfico/mapeamento do rio ficou apagado em MA (era um dos principais motivos da expedição)
8.5	Masses of epiphytes grew both on the dead trees and the living; [...] (p. 246)	Touças de epífitas invadiam os troncos mortos e as árvores. (p. 162)	Montes de parasitas cresciam tanto sobre as árvores mortas como sobre as vivas; (p. 249)	Embora cresçam sobre outras árvores, essa relação entre as epífitas e outras plantas não se trata de parasitismo, como descrito por CEN
8.6	[...] we landed and made camp at a spot where the bank rose sharply for a hundred yards to a level stretch of ground. [...] The axemen cleared a space for the tents; they were pitched, the baggage was brought up, and fires were kindled. (p. 246)	[...] resolvemos desembarcar e armar nosso acampamento num local em que a barranca se erguia abrupta com trinta metros de altura, limitando um trato de terra plana. [...] Os camaradas fizeram um roçado no local, e acenderam um fogo. (p. 163)	[...] desembarcamos e acampamos num lugar em que a margem subia empinada por uns cem metros, até uma area plana. [...] os foiceiros roçaram um espaço para as barracas, que foram armadas; as bagagens foram trazidas e acendeu-se fogo. (p. 249)	A hundred yards = aproximadamente 100 metros A montagem de barracas e descarregamento de bagagens ficou apagado em MA
8.7	[breakfast/almoço] Next morning the two surveying canoes left immediately after breakfast. (p. 246)	No dia seguinte, as duas canoas ocupadas nos trabalhos de levantamento saíram imediatamente após o almoço. (p. 163)	Na manhã seguinte as duas canoas do levantamento largaram logo depois do café. (p. 250)	Breakfast/almoço em MA/café em CEN
8.8	[...] they [the trees] formed barriers which the men in the leading canoes cleared with their axes. (p. 247)	[...] tínhamos pela frente uma barreira que somente o machado removia. (p. 163)	[...] formavam-se barreiras que os homens das canoas da frente abriam a machado. (p. 250)	Nota-se em MA um certo apagamento dos personagens realmente ativos da expedição, os camaradas
8.9	This evening we made camp on a flat of dry ground, densely wooded, of course, directly on the edge of the river and five feet above it. (p. 248)	Esta noite acampamos num maciço enxuto de mato cerrado, junto da barranca, a um metro e meio acima do nível das águas. (p. 164)	Naquela tarde acampamos numa coroa plana de terreno enxuto, de mata densa, é claro, logo acima da barranca e a quasi dois metros acima do nível da água. (p. 251)	Evening ficou como tarde em CEN; five feet está mais próximo de 1,5mt de MA
8.10	Next morning, when we bathed before sunrise, we dived into deep water right from the shore, and from the moored canoes. (p. 248)	Na manhã seguinte, antes de nascer o sol, divertimo-nos em dar mergulhos na torrente, atirando-nos do alto da barranca ou das canoas amarradas. (p. 164)	No dia seguinte, quando nos banhamos antes do sol nascer, mergulhamos em água profunda mesmo junto à margem onde amarráramos as canoas. (p. 251)	São cenas distintas descritas nas traduções: em MA, pulavam na água tanto da barranca alta (que TR descreve apenas como a margem do rio) quanto das canoas atracadas (algo mais parecido com os sentidos

				expressos por TR); já em CEN, não se compreende de onde pulavam no rio (misturou tudo)
8.11	[about an animal on larval form] The tail exactly resembled the stem or continuation of the midrib of the dead leaf. The flattened body was curled up at the sides, and veined and colored precisely like the leaf. The head, colored like the leaf, projected in front. (p. 250)	[sobre um animal em forma larval] A cauda parecia exatamente a haste ou a continuação da nervura central da folha morta. A cabeça, da mesma cor, se projetava para frente. (p. 165)	A cauda imitava o pedúnculo ou continuação da nervura central da folha seca. O corpo achatado estava dobrado para cima nos bordos e tinha as nervuras e a coloração exata de uma folha seca. A cabeça, da mesma cor, se projetava para diante. (p. 253)	MA excluiu uma frase inteira da descrição do animal encontrado: <i>The flattened body was curled up at the sides, and veined and colored precisely like the leaf</i>
8.12	[...] we had to wear our head-nets when we wrote or skinned specimens. (p. 250)	[...] éramos obrigados a colocar redes protetoras no rosto para escrever ou preparar os exemplares obtidos. (p. 165)	[...] tínhamos de usar o veu de gaze à cabeça quando escrevíamos ou esfolávamos os espécimes. (p. 253)	Estaria o tradutor de MA querendo poupar seu leitor da imagem horrenda dos bichos coletados sendo <i>esfolados</i> (<i>skinned</i>) e optou por abrandar o termo para <i>preparar</i> ?
8.13	[...] and [the river] curved in every direction, although the general course was northwest. (p. 250)	[...] [o rio] se estendia em curvas para todas as direções, embora o curso normal se dirigisse para o nordeste. (p. 165)	[...] serpeava para todas as direções, embora o rumo geral fosse para noroeste. (p. 254)	Numa obra onde os pontos cardeais são importantes para orientação, uma alteração de direção pode interferir no entendimento dos leitores, como no caso de MA
8.14	It was not an easy portage over which to carry heavy loads and drag heavy dugout canoes. (p. 251)	[...] porém não se afigurava fácil atravessá-lo, conduzindo pesadas cargas e arrastando canoas. (p. 166)	Não era fácil naquele lugar, transportarem-se cargas pesadas e arrastarem-se pesadas canoas. (p. 254)	CEN opta manter todas as ênfases dadas por TR (pesadas/pesadas) quando fala do carreiro aberto na mata para desviar de corredeiras
8.15	This subtribe of Indians was called the Navaite; we named the rapids after them, Navaite Rapids. By observation Lyra found them to be (in close approximation to) latitude 11° 44' south and longitude 60° 18' west from Greenwich. (p. 252)	Esses selvícolas pertenciam a uma subtribo, denominada navaité e nós demos este nome aos rápidos, em homenagem aos índios. O Tte. Lira calculou que aqueles rápidos estava situados (aproximadamente) na latitude de 11° e 44' sul e 60° e 18' de longitude oeste de Greenwich. (p. 166)	Aquela sub-tribu de índios era chamada de Navaité, e com este nome chamamos às corredeiras. As observações de Lira localizaram-n'as (com boa aproximação) em 11° 44' de latitude sul e 66° 18' de longitude oeste de Greenwich. (p. 255)	Enquanto MA acrescenta que foi feita uma homenagem aos indígenas Navaité, CEN erra ao trocar a coordenada de longitude (de 60 para 66°). Há uma constante frequência em MA de assinalar que Lira era Tenente, mesmo quanto TR não coloca no original.
8.16	We were bitten by huge horse-flies, the size of bumblebees. [...] The boroshudas were the worst pests; they brought the	Fomos também perseguidos por grandes mutucas, do tamanho de zangões. [...] Todavia, o pior deles é o borrachudo, porque	Éramos também picados por grandes mutucas do porte de zângãos. [...] a peor peste eram os borrachudos; estes tiravam	Por mais que fosse um extremo incômodo causado pelos insetos, TR não fala em perseguição (como MA

	blood at once, and left marks that lasted for weeks. I did my writing in head-net and gauntlets. (p. 253)	chupa o sangue com incrível rapidez, deixando marcas que duram muitos dias. Via-me obrigado a escrever com redes protegendo o rosto e luvas compridas. (p. 166)	sangue imediatamente e deixavam marcas que duravam semanas. Eu escrevia de luvas e véu na cabeça. (p. 256)	descreveu); a picada era tão intensa que ficava marcada por semanas (e não muitos dias); TR não parece queixar-se de ter que usar a tela e luvas para proteger-se, mas MA o mostra um tanto irritado por <i>se ver obrigado</i> a ter que fazer isso
8.17	Fortunately we had with us several bottles of "fly dope" [...] I would never again go into mosquito or sand-fly country without it. The effect of an application wears off after half an hour or so , [...] but there are times when minute mosquitoes and gnats get through head-nets and under mosquito-bars, and when the ointment occasionally renewed may permit one to get sleep or rest which would otherwise be impossible of attainment. (p. 253)	Felizmente trazíamos várias garrafas de "mata-mosquito". [...] Doravante não mais entrarei nas selvas sem esses "preparados"! O efeito de uma aplicação perdura de meia a uma hora , [...] Entretanto, quando minúsculos mosquitos se intrometem pelos interstícios das redes e mosquiteiros, é de efeito estupendo, permitindo um sono reparador, que de outro modo não seria possível. (p. 166-67)	Por fortuna tínhamos conosco alguns vidros de "Mata-Mosquito" [...] Nunca mais iria eu a terras de mosquitos e mutucas sem aquilo. Seu efeito dura por meia hora ; [...] mas há ocasiões em que minúsculos pólvoras e outros entram pelo véu da cabeça e pelas malhas do mosquiteiro, e então a pomada renovado a miúdo permite o sono ou o descanso, que de outro modo seria impossível. (p. 256)	TR explica como usar o repelente de insetos que levava consigo, uma fórmula que era nova naquela época, e gostou tanto que jurou não ficar sem o produto toda vez que tivesse que <i>go into mosquito or sand-fly country</i> . Aqui não está claro se ele falou em "terra" de mosquitos ou "país" cheio deles (MA preferiu traduzir por <i>selvas</i>). Havia um tempo de efeito em cada aplicação (apenas meia hora, MA traduz de meia a 1h), mas para poder dormir sossegado, era necessário renovar a aplicação (o que não fica explicado em MA)
8.18	Another subject of perpetual wonder is the attitude of certain men who stay at home, and still more the attitude of certain men who travel under easy conditions, and who belittle the achievements of the real explorers of, the real adventurers in, the great wilderness. The impostors and romancers among explorers or would-be explorers and wilderness wanderers have been unusually prominent in connection with South America (although the conspicuous ones are not South Americans, by the way); and these	Outro ponto lamentável é o que se refere a certos indivíduos que permanecem sempre no recesso confortável do lar, ou que viajam com todas as facilidades possíveis e não perdem a oportunidade em menosprezar as realizações dos exploradores e desbravadores das selvas. Certos impostores e literatiços que se dizem exploradores e desbravadores das selvas sul-americanas , mas que deveriam ser condenados ao escárnio, têm desfrutado de grande conceito (os mais eminentes dessa classe não são sul-americanos, diga-se de passagem). (p. 167)	Outro assunto para cogitação é a atitude de certos homens que viajam em condições fáceis e menoscabam as façanhas dos verdadeiros exploradores, dos autênticos desbravadores do grande sertão. Os impostores e fanfarrões , entre os exploradores ou pseudo-exploradores e vagabundos dos sertões , têm sido muito abundantes no que se refere à América do Sul (embora não sejam os piores deles sul-americanos) e fazem jus à repulsão e derrisão. (p. 257)	Novamente, TR critica os pseudo exploradores (em novo recado a Landor, pois diz que os mais notáveis, <i>conspicuous</i> , não são da América do Sul) CEN consegue condensar o trecho em poucas frases, mas de forma certa, ainda que retirando um pouco das ênfases dadas por TR.

	are fit subjects for condemnation and derision. (p. 254)			
8.19	[...] one of the water-logged canoes filled and went to the bottom; and there was more work in raising it . (p. 255)	[...] e uma delas se encheu d'água e submergiu, dando sério trabalho para trazê-la à tona. (p. 168)	[...] uma das canoas remendadas se encheu d'água e foi ao fundo; e mais trabalho tivemos para tirá-la daí. (p. 258)	TR possivelmente foi poupado dos trabalhos braçais, mas CEN o <i>incluiu</i> nos esforços de recuperar a canoa submersa (<i>tivemos</i>).
8.20	The river might bend sharply to the west and enter the Gy-Parana high up or low down, or go north to the Madeira, or bend eastward and enter the Tapajos, or fall into the Canuma and finally through one of its mouths enter the Amazon direct . Lyra inclined to the first, and Colonel Rondon to the second, of these propositions. (p. 255)	O rio poderia desviar-se bruscamente para oeste e desaguar em algum ponto do Gi-Paraná, ou continuar para o norte até o Madeira; dobrar para o leste, desaguando no Tapajós ou ainda correr para o Canumá, ou, finalmente, entrar diretamente no Amazonas . O Tte. Lira propendia para a primeira dessas hipóteses e o Cel. Rondon para a segunda. (p. 168)	O rio podia volver em ângulo forte para o oeste e entrar no Gi-Paraná na parte alta deste ou mais abaixo; ou seguir para o norte rumo ao Madeira; ou fletir para leste e cair no Tapajós; podia ainda desaguar no Canumá, e por uma das bocas deste penetrar diretamente no Amazonas. Lira inclinava-se para a primeira hipótese e o coronel para a segunda. (p. 258)	TR elenca as hipóteses dos membros brasileiros da comitiva, sobre onde desembocaria o Dúvida. Tem diferença em relação a entrar diretamente (MA) ou através de uma das bocas, no Rio Amazonas, como TR e CEN descreveram
8.21	The giant ants, an inch and a quarter long, were rather too plentiful around this camp; one stung Kermit ; it was almost like the sting of a small scorpion, and pained severely for a couple of hours . (p. 256)	Neste local encontramos um grande número de formigas gigantes, com cerca de três centímetros de comprimento; Miller foi picado por uma delas e sofreu durante horas , tal como se fosse ferido por escorpião. (p. 169)	As formigas gigantes, de 3 centímetros e tanto, eram aliás por demais abundantes naquele pouso. Uma ferretou Kermit e foi quasi como que a picada de um escorpião pequeno, doendo bastante por duas horas . (p. 259)	MA troca os nomes de Miller e Kermit (o primeiro sequer descera o Dúvida), enquanto CEN opta na literalidade da expressão <i>a couple of hours/duas horas</i>
8.22	Antonio, the Parecis , shot a big monkey; of this I was glad because portaging is hard work, and the men appreciated the meat. (p. 259)	O índio Antônio matou um macaco, o que muito apreciamos , pois o transporte das canoas por terra era um trabalho pesadíssimo e, como os homens gostassem muito de carne de símios, não deixava de ser um incentivo para eles . (p. 170)	Antonio, o pareci , matou um grande macaco, o que me agradou, pois fazer tais baldeações, é serviço pesado e os homens gostavam de carne. (p. 262)	CEN mantém a individualidade de Antônio como Parecis, tal como o original (em MA ele é só <i>o índio</i>); MA cria uma sensação de comunhão e partilha em torno da carne da caça quando diz que <i>apreciamos</i> (todos), além de incluir que se tratava, além de uma conquista, um <i>incentivo</i> para os camaradas
8.23	[...] the loss of a canoe or of its contents means disaster; and moreover such a canoe could not be taken, for it would be impossible to drag it over the portages on	[...] a perda de uma canoa ou de seu conteúdo significaria um verdadeiro desastre; além disto, uma delas poderia ficar em condições de não resistir ao transporte	[...] a perda de uma canoa ou de sua carga seria um verdadeiro desastre; acresce que semelhante canoa não poderia ser utilizada, devido à	Uma frase inteira excluída em MA, que expressa o nível de fragilidade em que se encontravam as canoas: <i>Our</i>

	the occasions when the portages became inevitable. Our canoes would not have lived half a minute in the wild water. On the second day the canoes and loads were brought down to the foot of the first rapids. (p. 259)	por terra quando isto fosse absolutamente inevitável. No primeiro dia conseguimos trazer a carga e as canoas até o pé do primeiro rápido. (p. 170)	impossibilidade de arrastá-la nas baldeações, quando estas se tornassem inevitáveis. Quanto às nossas canoas, não flutuariam nem meio minuto naquelas águas revoltas. No segundo dia as canoas e cargas foram levadas para baixo das primeiras corredeiras. (p. 262)	<i>canoes would not have lived half a minute in the wild water.</i> Além disso, também troca o dia em que transpassaram as canoas pela trilha: <i>second/primeiro</i>
8.24	Meanwhile the colonel with one attendant measured the distance, and then went on a long hunt , but saw no game. I strolled down beside the river for a couple of miles , but also saw nothing. (p. 260)	Enquanto isto, o coronel e um auxiliar mediram a distância e, em seguida, foram caçar , mas nada conseguiram. Eu também me meti no mato, ao longo do rio, sem encontrar qualquer peça de caça. (p. 170)	Nesse interim, o coronel com um ajudante media as distancias e depois seguiu para uma caçada demorada mas não achou caça. Eu descii acompanhando o rio por espaço de alguns quilômetros e também nada encontrei. (p. 263)	Algumas ausências em MA alteram a percepção de noções de tempo e distância (<i>a long hunt/for a couple of miles</i>) que demonstram a imensa dificuldade que a expedição passou para conseguir alimentos - e não foram poucas vezes que estiveram nessa situação.
8.25	For the moment my own books seemed a trifle heavy, and perhaps I would have found the day tedious if Kermit had not lent me the Oxford Book of French Verse. Eustache Deschamp, Joaquim du Bellay, Ronsard, the delightful La Fontaine, the delightful but appalling Villon, Victor Hugo's "Guitare," [...] (p. 260-61)	Naquele momento, meus livros já me causavam enfado e talvez passasse o tempo entediado não fora Miller emprestar-me o <i>Oxford Book</i> de versos franceses de Eustache Deschamp, Joaquim du Bellay, Ronsard, o agradável La Fontaine, Villon , a <i>Guitarre</i> de Victor Hugo, [...] (p. 171)	Naquele ensejo meus livros pareciam-me um tanto indigestos, e o dia talvez se me tornasse enfadonho, se Kermit não me tivesse emprestado a seleta de poesias francesas de Oxford. Eustaquio Deschamp, Joaquim du Bellay, Ronsard, o delicioso La Fontaine, o delicioso porem terrivelmente difícil Villon, a "Guitarra" de Vitor Hugo, [...] (p. 263)	MA troca o nome do filho de TR (Kermit) pelo do naturalista que não seguiu com a expedição ao Dúvida (Miller), e também apaga o comentário sobre o escritor Villon (<i>the delightful but appalling</i>)
8.26	Next morning we found that during the night we had met with a serious misfortune. We had halted at the foot of the rapids. The canoes were moored to trees on the bank, at the tail of the broken water. [...] In the night the river rose. The leaky canoe, [...] sank, dragging down the other; they began to roll, bursting their moorings; and in the morning they had disappeared. (p. 262)	Na manhã seguinte verificamos que acontecera um grave acidente conosco. Havíamos parado ao pé das corredeiras e as canoas permaneceram amarradas nas árvores ribeirinhas, no limite das águas correntes. [...] À noite , o rio encheu e a canoa que estava furada, [...] encheu-se gradativamente com as ondas mais fortes, arrastando a outra para o fundo. Partiu-se a amarra e ambas rolaram rio abaixo, desaparecendo. (p. 171-72)	Na manhã seguinte, verificamos que durante a noite nos acontecera um serio contratempo. Havíamos acampado na base da corredeira e as canoas ficaram amarradas às árvores da barranca, já no remanso. [...] Durante o dia o rio subiu de nível, e essa canoa rachada, que mergulhava muito nagua, encheu-se certamente aos poucos com a água que as ondulações lhe atiravam sobre a borda, e afundou-se arrastando a companheira;	Foram dormir e perderam as duas canoas amarradas, devido à cheia do rio durante <i>a noite</i> (CEN coloca que o rio encheu <i>de dia</i> – se o fosse, provavelmente teriam percebido e evitado o prejuízo)

			rebutaram-se então as amarras e desapareceram rolando pelo fundo. (p. 264-65)	
8.27	It was raining heavily as the men started to explore in different directions for good canoe trees. Three - which ultimately proved not very good for the purpose were found close to camp; splendid-looking trees , one of them five feet in diameter three feet from the ground. The axemen immediately attacked this one under the superintendence of Colonel Rondon. (p. 262)	Chovia a cântaros quando os homens saíram pela mata em busca de madeira apropriada à fabricação de canoas. Nas proximidades do acampamento vegetam essências que evidentemente não eram muito boas para tal fim, uma das quais tinha 1,50m de diâmetro a 90 centímetros do solo. Os homens meteram-lhe o machado imediatamente, sob a orientação do Cel. Rondon. (p. 172)	Chovia a cântaros quando os homens se espalharam em varias direções à procura de bons paus para canoas. Tres — que afinal se verificou que não eram muito proprios para o caso — foram achados junto ao acampamento; eram árvores de magnífico aspecto , uma delas com quasi dois metros de diâmetro à altura de um metro do solo. Os machados atacaram-na sob a vigilância do coronel Rondon. . (p. 265)	MA emprega uma expressão um tanto estranha (<i>vegetam essências</i>), para falar das três árvores encontradas ao redor do acampamento (duas não serviam para construir canoas). Quanto à que serviu, MA se aproxima mais do tamanho que TR descreveu (1,5m de diâmetro; quanto mais larga, mais trabalho para escavar, diferente da de quase 2m que CEN traduziu). Embora as 3 fossem de magnífico aspecto, as outras duas eram imprestáveis, e a literalidade sempre presente em CEN criou uma expressão estranha (atacar a madeira), poderia dizer que os camaradas investiram contra ela, ou como em MA (<i>meter o machado</i>)
8.28	Two of them [camaradas] had been with Colonel Rondon during his eight months' exploration in 1909, at which time his men were regulars, from his own battalion of engineers. [...] if it had not been for the great abundance of the Brazil-nuts they would all have died. [...] With him [Lieutenant Alencarliense] went Ribeiro, the doctor Tanageira , [...] three men whom the fever had rendered unable longer to walk , (p. 263)	Dois deles [camaradas] já tinham servido com o Cel. Rondon durante seis meses , em 1909, fazendo parte do grupo regular de engenharia. [...] Não houvesse grande abundância de castanhas-do-Pará e teriam todos eles perecido. [...] Com o tenente [Alencarliense] seguiram o naturalista Miranda Ribeiro, o Dr. Tanajara , [...] três homens atacados de febre [...] (p. 172)	Dois deles haviam acompanhado o coronel Rondon na sua exploração de oito meses em 1909, ocasião em que seus homens eram praças do batalhão de engenheiros que ele comandava. [...] se não fora a grande abundancia de cocos brasileiros , eles todos teriam perecido. [...] Com ele seguiram Ribeiro, o dr. Tanajura [...] tres homens que a febre inutilizara para caminhar [...] (p. 266)	Oito meses de trabalho viraram seis em MA; Percebe-se, por CEN, a tendência de traduzir <i>Brazil nuts</i> por cocos, castanhas ou outros alimentos, que não a castanha do Pará (como fez MA); essa diferença será corrigida mais ao final do livro, provavelmente por outro tradutor (que não revisou o texto desde o início); TR grafa o nome do médico como Tanageira, e os tradutores tentam descobrir, por dedução, o sobrenome aproximado (Tanajara/Tanajura);

				Em MA não fica claro que os homens, além de atacados de febre ficaram, também, impossibilitados por ela para caminhar.
8.29	<p>Here they ran across a poor devil who had for four months been lost in the forest and was dying of slow starvation. He had eaten nothing but Brazil-nuts and the grubs of insects. [...] Another canoe was built, and in it Pyrineus started down-stream with the eleven fever patients and the starving wanderer. Colonel Rondon kept up the morale of his men by still carrying out the forms of military discipline. The ragged bugler had his bugle. Lieutenant Pyrineus had lost every particle of his clothing except a hat and a pair of drawers. The half-naked lieutenant drew up his eleven fever patients in line; [...] and the haggard colonel read out the orders of the day. Then the dugout with its load of sick men started down-stream, and Rondon, Lyra, Amarante, and the twelve remaining men resumed their weary march. (p. 264)</p>	<p>Ali encontraram um pobre diabo que há quatro meses estava perdido na floresta, morrendo aos poucos, de inanição. Alimentava-se apenas de castanhas-do-Pará e de larvas. [...] Construíram então outra canoa e o Tte. Pirineus nela embarcou com os onze homens doentes e o pobre faminto. O Cel. Rondon conseguiu ainda manter o moral da comitiva, estabelecendo a disciplina militar e os soldados esfarrapados se moviam ao som de uma buzina. O Tte. Pirineus havia perdido quase todas as peças de seu vestuário, conservando-se apenas o chapéu e as calças e, assim, seminu, colocou os onze doentes em linha [...] e o bravo coronel pôs-se a ler a ordem do dia. Em seguida a canoa, com sua carga de doentes, rumou rio abaixo. Rondon, Lira, Amarante e doze camaradas continuaram sua marcha fatigante. (p. 173)</p>	<p>Ali deram eles com um pobre diabo que estivera perdido durante meses e morria lentamente à fome. Nada havia comido além de cocos e crisálidas de insetos. [...] Outra canoa foi feita e nela Pirineus desceu levando os onze homens doentes e o vagabundo quasi moribundo. O coronel Rondon conservava o moral da turma fazendo cumprir a rotina militar. O corneteiro esfarrapado tinha sua corneta. O tenente Pirineus perdera toda a roupa, exceto um chapéu e uma ceroula. O tenente semi-nu enfileirou seus onze febrentos, [...] o macilento coronel [começou a] ler a ordem do dia. A canoa partiu então rio abaixo com sua carga de doentes, e os doze homens restantes continuaram sua caminhada estafante. (p. 267)</p>	<p>Um trecho cheio de detalhes sobre expedição de Rondon no ano de 1909:</p> <p>O homem à beira da morte já estava na mata havia 4 meses (TR é bem específico, e CEN coloca meses como se fosse indefinido, poderia ser bem mais que isso), e a tradução de <i>Brazil nuts</i> fica <i>cocos</i>;</p> <p>A febre que atacava os homens é constantemente mencionada por TR, mas apagada em alguns trechos nas duas traduções;</p> <p><i>Starving wanderer/pobre faminto</i> assume aspectos quase cadavéricos em CEN (<i>vagabundo quase moribundo</i>);</p> <p>Sobre a roupa do Tte. Pirineus, parece haver certo pudor em MA em descrever tal qual TR enfatiza (<i>every particle os his clothing</i>): ele já estava realmente somente de cuecas, e não de calças (mais coberto) e chapéu;</p> <p>A moral de Rondon permanece intacta em MA (<i>bravo</i>), mas na verdade ele estava fatigado/abatido (<i>haggard</i>);</p> <p>Em CEN os superiores são apagados e não se sabe se Rondon, Lira e Amarante seguiram nas canoas, junto aos doentes, ou a pé, pela trilha (como expresso por TR)</p>

8.30	We were using the tops of palms also . I spent the day hunting in the woods, for the most part by the river, but saw nothing. (p. 265)	Comíamos palmitos constantemente . Eu passei o dia na floresta, caçando, a maior parte do tempo nas imediações do rio, sem encontrar coisa alguma. (p. 173)	Comíamos palmitos também . Passei o dia todo procurando caçar no mato próximo ao rio, mas nada encontrei. (p. 268)	MA exagera ao dizer que comiam com tanta frequência assim; pois tanto a caça quanto os alimentos providos pela floresta estavam bastante escassos nessa fase da expedição ¹⁷⁹
8.31	Because of the rain and the heat our clothes were usually wet when we took them off at night, and just as wet when we put them on again in the morning. (p. 266)	Nossa roupa se mantinha constantemente úmida. (p. 174)	Devido à chuva e ao suor, nossas roupas estavam úmidas quando as despíamos à noite, e igualmente úmidas quando as vestíamos pela manhã. (p. 269)	MA foi bastante sintético na frase, pois TR explica as condições que enfrentavam para que a roupa nunca secasse
8.32	All day on the 13th the men worked at the canoe, making good progress. In rolling and shifting the huge, heavy tree-trunk every one had to assist now and then. The work continued until ten in the evening, as the weather was clear. (p. 266)	Durante todo o dia 13 os homens trabalharam na confecção da canoa, já bastante adiantada. Toda vez que se fazia necessário mover o enorme e pesado tronco, todos eram convocados. Como o tempo melhorasse, o serviço prosseguiu até as 10 horas da noite. (p. 174)	Durante todo o dia 13 os homens trabalharam na canoa, fazendo bom progresso. De quando em quando todos tinham que ajudar a virar e "mudar a posição do enorme e pesado tronco. O trabalho continuava até dez horas da noite, quando o tempo estava claro. (p. 269)	O tempo verbal em CEN transmite regularidade e frequência (<i>continuava</i>), como se os homens trabalhassem sempre até as 22h, mas naquele dia 13 é que tal esforço foi necessário, pois TR fala que <i>continuou</i> até 22h
8.33	The night air was hot and still and heavy with moisture. The men were stripped to the waist. Olive and copper and ebony , their skins glistened as if oiled, and rippled with the ceaseless play of the thews beneath. (p. 266)	O ar da noite, parado e quente, era saturado de umidade. Os homens estavam nus, da cintura para cima. Seus torsos de cobre e de ébano reluziam como se estivessem untados de óleo e a pele se retesava com o movimento incessante dos músculos. (p. 174)	Os corpos bronzeados, acobreados ou pretos , dos homens nus até a cintura, brilhavam como untados de óleo, se enrugavam à contração incessante da musculatura sob a pele. (p. 269)	CEN exclui uma frase inteira (<i>The night air was hot and still and heavy with moisture</i>) e MA, embora dê um tom mais poético à cena descrita por TR, não põe por completo no texto o “jogo de cores” descrito pelo autor (<i>Olive and copper and ebony</i>)
8.34	The canoe was finished, dragged down to the water, and launched soon after midday , and another hour or so saw us under way. (p. 266)	Pronta a canoa, arrastaram-na para o rio, onde foi lançada bem antes do meio-dia , e uma hora depois partíamos. (p. 174)	A canoa estava concluída e foi arrastada para a água e lançada nela antes do meio-dia . Cerca de uma hora depois estávamos outra vez viajando. (p. 269)	Aqui os dois tradutores trocaram <i>after</i> (<i>depois</i>) por <i>antes</i>
8.35	[...] and yet it is of only less consequence to go as rapidly as possible lest all the provisions be exhausted and the final	Todavia, representava também fator de capital relevância o avanço, o mais acelerado possível, antes que a falta de	[...] ainda assim, era mais aconselhável prosseguirmos com a maior rapidez possível, para evitarmos que todas as	Há uma diferença entre as traduções quanto a quem provocaria o possível desastre na expedição: a fome,

¹⁷⁹ Logo adiante, TR dá mais uma mostra da escassez de alimentos naquele trecho de mata: “[...] we felt it necessary to risk running the rapids; for our progress had been so very slow that unless we made up the time, it was probable that we would be short of food before we got where we could expect to procure any more except what little the country, in the time of the rains and floods, might yield.” (p. 267)

	stages of the expedition be accomplished by men weakened from semi-starvation, and therefore ripe for disaster. (p. 267)	provisões viesse provocar o enfraquecimento dos homens e, por consequência, aumentar as probabilidades de desastres. (p. 175)	provisões se esgotassem e que as últimas etapas da expedição fossem feitas por gente semi-morta de fome e enfraquecida, assim preparada para um remate desastroso. (p. 270)	matando os homens (MA), ou os homens que, enfraquecidos de fome, estariam prontos para cometer atitudes desastrosas (CEN – mais próximo do sentido expresso por TR)
8.36	For six kilometres we drifted and paddled down the swift river without incident. At times we saw lofty Brazil-nut trees rising above the rest of the forest on the banks; [...] (p. 268)	Percorremos seis quilômetros. Quase sempre víamos soberbas castanheiras que dominavam a floresta, ao longo do rio [...] (p. 175)	No percurso de seis quilômetros remamos descendo o rio de correnteza rápida sem incidente. Às vezes enxergávamos altos coqueiros que se erguiam sobre a floresta marginal; [...] (p. 270)	Enquanto MA apaga uma frase inteira (<i>and paddled down the swift river without incident.</i>), CEN traduz <i>Brazil-nut trees</i> por <i>coqueiros</i>
8.37	Here grave misfortune befell us, and graver misfortune was narrowly escaped. (p. 268)	Ali fomos atingidos por uma desgraça e escapamos por um triz de outra maior. (p. 175)	Naquele lugar, um grave contratempo nos aconteceu e por pouco escapamos a outro ainda mais grave. (p. 271)	Nesse trecho da viagem ocorreu a morte por afogamento de Simplício, canoeiro que seguia com Kermit; tal fato trágico parece não caber num simples <i>contratempo</i> (CEN)
8.38	As they were drifting into them broadside on, Kermit yelled to the steersman to turn her head, [...] (p. 269)	Foram arrastados para o lado mais largo e Kermit deu um grito horrível ordenando ao timoneiro a forçar a direção da canoa [...] (p. 175)	Como iam para ela descendo de través, Kermit gritou para o piloto que a aproasse no rumo da corrente, [...] (p. 271)	MA acrescenta drama à cena narrada no afogamento do camarada Simplício (por negligência de Kermit, segundo relatos de outros membros)
8.39	Poor Simplício must have been pulled under at once, and his life beaten out on the boulders beneath the racing torrent. He never rose again, nor did we ever recover his body. (p. 269)	O infeliz Simplício foi tragado imediatamente pela torrente e nunca mais apareceu! (p. 175-76)	Quanto ao pobre Simplício, decerto foi arrastado para o fundo e morreu ao bater nas pedras do leito do rio. Não veio à tona e não conseguimos encontrar seu corpo. (p. 272)	A causa da morte de Simplício é mais detalhada e chocante em CEN (<i>arrastado para o fundo e morreu ao bater nas pedras</i>) que em MA (tragado pela torrente), que resumiu bastante a situação narrada por TR.
8.40	Simplício was unmarried. Later we sent to his mother all the money that would have been his had he lived. The following morning we put on one side of the post erected to mark our camping-spot the following inscription, in Portuguese: "In These Rapids Died Poor Simplício." (p. 270)	Simplício era solteiro. Posteriormente remetemos à sua mãe todo o dinheiro que ele deveria ganhar até o fim da jornada. Na manhã seguinte colocamos numa tabuleta, ao lado do marco que assinalava nosso acampamento, a seguinte inscrição em português: "Aqui, nestes rápidos, faleceu o pobre Simplício". (p. 176)	Simplício era solteiro. Mais tarde, remetemos à mãe dele a importância que a ele caberia se ficasse vivo. Na manhã seguinte, lançamos em português, em uma face do marco que foi erigido para assinalar nosso acampamento, a seguinte inscrição: "Nestas corredeiras morreu o infeliz Simplício". (p. 273)	MA atenuou o sentido ao trocar <i>had he lived</i> por <i>até o fim da jornada</i> Ainda que <i>infeliz</i> (CEN) também contenha o sentido de desafortunado, o <i>pobre</i> (MA) fica mais expressivo quanto à compaixão pelo ocorrido com Simplício.

8.41	<p>Kermit, accompanied by Joao, went three or four miles down the river, looking for the body of Simplicio and for the sunk canoe. He found neither. But he found a box of provisions and a paddle, and salvaged both by swimming into midstream after them. He also found that a couple of kilometres below there was another stretch of rapids, and following them on the left-hand bank to the foot he found that they were worse than the ones we had just passed, [...] (p. 271)</p>	<p>Kermit, em companhia de João, desceu umas três a quatro milhas pelo rio, procurando o corpo de Simplício e a canoa que submergira. Nenhum dos dois foi encontrado. Acharam, porém, uma caixa com provisões e um remo, que conseguiram salvar após se atirarem a nado no meio da correnteza. Verificamos então, que mais em baixo havia outra série de rápidos e perlongando-os a pé sobre a barranca do lado esquerdo, observamos que ainda eram piores do que os que acabáramos de transpor [...] (p. 176)</p>	<p>Kermit, em companhia de João, desceram o rio por espaço de uns tres quartos de legua, à procura do corpo de Simplicio e da canoa afundada, mas não os acharam. Kermit, porem, encontrou um caixote de provisões e um remo, que recolheu, indo a nado, para isso, até o meio do rio. Também verificou que, dois quilômetros alem, havia novo trecho de corredeiras, e, seguindo-as pela margem esquerda até em baixo, viu serem peores que as últimas que passáramos. (p. 273)</p>	<p>TR fala “HE” (quem? João? Kermit?). Em MA parece que os comandantes participaram de uma parte da narrativa (verificação do que teriam à frente: <i>verificamos/observamos</i>). Embora permaneça a dúvida, no texto de TR, sobre se Kermit ou João fez a sequência de ações (fez todas? ou dividiram tarefas?), em CEN é Kermit quem assume <i>todas</i> as atitudes de busca, recolha de provisões e constatação das próximas corredeiras.</p>
8.42	<p>[termos científicos] Cherrie got four species new to the collection. One was a tiny hummer, one of the species known as woodstars, with dainty but not brilliant plumage; [...] He also got a very handsome trogon [...] (p. 271)</p>	<p>Cherrie conseguiu quatro espécies novas para a coleção. Uma dessas avezinhas era um minúsculo colibri, da espécie conhecida por “estrela da mata” (Doricha), de plumagem interessante, mas sem brilho; [...] Matou ainda um belíssimo trogonídeo [...] (p. 177)</p>	<p>Cherrie conseguiu quatro especies novas para a coleção, entre elas um minúsculo colibri, da espécie conhecida “estrela do mato”, com plumagem delicada, porem sem brilho; [...] Apanhou também um bonito surucuá [...] (p. 274)</p>	<p>MA enfatiza nomes científicos: acrescenta o nome da espécie (Doricha) e prefere o termo <i>trogonídeo</i> no corpo do texto, com nota de rodapé para dizer ao leitor brasileiro o nome popular do pássaro (Espécie de ave-do-paraíso/CEN: Surucuá)</p>
8.43	<p>After walking about a kilometre he [Rondon] heard ahead a kind of howling noise, which he thought was made by spider-monkeys. He walked in the direction of the sound and Lobo ran ahead. In a minute he heard Lobo yell with pain, and then, still yelping, come toward him, while the creature that was howling also approached, evidently in pursuit. [...] the sound of the howling, when near, convinced Rondon that the dog had been killed by an Indian, doubtless with two arrows. [...] (p. 272)</p>	<p>Depois de ter andado quase um quilômetro, [Rondon] ouviu uns gritos que partiam da frente e que ele julgou fossem emitidos por macacos, continuou na direção dos sons e “Lobo” tomou-lhe a dianteira. Um minuto depois escutou os ganidos do cão, que, ainda cainhando, voltava para o local onde estava o coronel, enquanto a criatura que gritava também se aproximava, evidentemente perseguindo o cão. [...] pelo som dos gritos que cada vez se aproximava, o coronel se convenceu de que “Lobo” fora morto a flechadas, por um índio. (p. 177)</p>	<p>Era acompanhado por um de nossos tres cães, o de nome Lobo. Após andar cerca de um quilômetro, ouviu à frente uma especie de guincho que pensou ser dos macacos-aranhas. Caminhou em direção do som e Lobo correu à frente. Em um minuto ouviu o cão uivar de dor, em seguida, ainda a uivar, correr para ele, enquanto o ser que guinchava também se aproximava, perseguido-o. [...] O som do guincho, quando se aproximava, convenceu o coronel de que o cão fora morto por um índio, sem dúvida com duas flechadas. (p. 274-75)</p>	<p>O trecho narrado por TR é tenso e fala sobre uma tentativa de caçada, por Rondon, de alimento no meio da floresta. Mas o que correu foi a morte de um dos cães preferidos do sertanista, o qual salvou sua vida. Curioso como MA não especifica o tipo de macaco (aranha), que seria um exemplar de grande valia, pelo seu tamanho, como alimento naquele momento. Já CEN, ao traduzir o trecho, lança a dúvida se o indígena perseguia Rondon ou o cão, mas é mais específico sobre quantas flechas</p>

				atingiram o animal (<i>a flechadas</i> , em MA parece ser <i>bem mais</i> que duas)
8.44	Antonio recognized its purpose. The Indians, who were apparently two or three in number, had fled. Some beads and trinkets were left on the spot to show that we were not angry and were friendly. (p. 273)	Foi Antônio Parecis quem identificou a tal vara. Os selvícolas, que eram dois ou três, fugiram. Deixamos no local algumas contas e brincos para indicar que éramos amigos. (p. 178)	Foi Antonio quem reconheceu sua utilidade. Os índios, que na aparência eram dois ou tres, haviam fugido. Deixamos naquele local algumas contas e bugigangas para mostrar-lhes que não estávamos zangados e que éramos seus amigos. (p. 275)	MA faz questão de marcar a identidade do indígena Antônio (Parecis), que identificou uma vara abandonada na trilha, pelos que mataram o cão. Já CEN mostra a ênfase dada por TR no recado deixado de que, além de <i>amigos</i> , também <i>não estavam zangados</i> com o fato de terem matado o animal.
8.45	We had been gone eighteen days. We had used over a third of our food. We had gone only 125 kilometres, and it was probable that we had at least five times, perhaps six or seven times, this distance still to go. (p. 273)	Já havíamos consumido um terço dos alimentos durante dezoito dias de viagem e vencêramos apenas 125km. Era muito provável que ainda tivéssemos de atravessar pelo menos cinco vezes essa distância ou talvez mais. (p. 178)	Tínhamos viajado dezoito dias e consumíramos cerca de um terço dos víveres e só havíamos percorrido 125 quilômetros, sendo de esperar que tivéssemos ainda de percorrer pelo menos cinco vezes, ou talvez seis ou sete vezes mais, aquela distancia. (p. 276)	MA é menos literal (talvez mais otimista?) quando descreve que faltaria à frente, nos cálculos de TR, 5 vezes ou talvez mais a distância já percorrida, com o adicional de alimentos escassos (sendo que o autor cogita, inclusive, 6 ou 7 vezes).
8.46	We were in the country of wild Indians, who shot well with their bows. (p. 274)	Achávamo-nos em região de índios que sabiam manejar o arco com perfeição. (p. 178)	[...] nos achávamos em domínios de índios bravios que atiravam bem. com o arco. (p. 276)	A partida daquele acampamento, após o ataque ao cão Lobo, era não só urgente como questão de vida; os indígenas são retratados, entre apagamentos e ênfases, como perfeitos atiradores de flechas (MA) e bravios (CEN)
8.47	If after two or three days we found no bad rapids, [...] we could then build the new canoes [...] (p. 274)	Se, após dois ou três dias de viagem , não se encontrassem rápidos difíceis de transpor [...] então construiríamos outras canoas [...] (p. 178)	Se dentro de tres ou quatro dias não encontrássemos corredeiras muito feias [...] poderíamos em tal caso construir novas canoas [...] (p. 276-77)	CEN aumenta a quantidade de dias descrito no trecho
8.48	A box of surveying instruments was also abandoned. (p. 274)	Deixamos ainda, no campo, uma caixa com instrumentos. (p. 179)	Também abandonamos uma caixa com instrumentos topográficos. (p. 277)	MA não especifica o tipo de instrumento abandonado, pela necessidade de aliviar a carga: topográfico, tão importante para o trabalho que era executado

8.49	The biting flies and ants were to us a source of discomfort [...]. But to the camaradas, most of whom went barefoot or only wore sandals - and they never did or would wear shoes - the effect was more serious. (p. 275)	As picadas dos mosquitos e das formigas estavam-se tornando um contratempo [...]. Para os camaradas, muitos dos quais andavam descalços ou apenas usavam alpercatas (nunca tinham usado sapatos), o efeito era ainda mais desastroso. (p. 179)	As picadas de mosquitos e formigas eram para nós um aborrecimento, [...] Para os camaradas, porem, que na maioria andavam descalços, ou só usavam alpercatas - e nunca usaram nem usariam sapatos - o efeito era mais serio. (p. 277)	TR afirma que os camaradas nunca haviam usado sapatos, e nem tinham qualquer horizonte possível em que isso pudesse acontecer, numa crítica social velada – o que fica apagado em MA
8.50	The doctor, whose courage and cheerfulness never flagged, took excellent care of them . Thanks to him , there had been among them hitherto but one or two slight cases of fever . He administered to each man daily a half-gram - nearly eight grains - of quinine, and every third or fourth day a double dose. (p. 275)	O medico, cuja coragem e bom humor nunca se abatiam, cuidava deles com todo o carinho . Graças a ele , nunca tivemos, até aquele momento, casos de febre, a não ser um ou dois muito benignos. Ministrava-lhes diariamente meia grama de quinino e de três em três ou quatro em quatro dobrava a dose. (p. 179)	O medico, cuja animação e jovialidade nunca afrouxaram, cuidou muito bem deles . Graças a isso , não houvera entre os camaradas, até então, senão dois ou tres casos ligeiros de febre . Administrava a cada homem, diariamente, meia grama - quasi oito grãos - de quinino, e uma dose dupla de tres em tres ou quatro em quatro dias. (p. 277)	O médico Cajazeira (figura tão admirada por TR) soa mais afetuoso (e não só profissional) em seus cuidados com os camaradas em MA: <i>com todo o carinho</i> . TR personaliza o mérito do médico: foi graças ele (<i>him</i>) e não aos cuidados (CEN), que os casos de febre, <i>um ou dois (dois ou três em CEN)</i> foram leves.
8.51	We halted continually, as we went about three times as fast as the walkers; and we traced the course of the river . (p. 275)	Parávamos continuamente, a fim de esperarmos os companheiros que marchavam a pé e andavam três vezes menos do que nós, nas águas do rio . (p. 179)	Parávamos com frequência, pois descíamos tres vezes mais depressa que os pedestres, e desenhávamos o curso do rio . (p. 278)	O trabalho de mapeamento que estava sendo executado pela equipe que seguia pelo rio ficou apagada em MA (<i>and we traced the course of the river</i>)
8.52	There was no longer any question that the Duvida was a big river, a river of real importance. It was not a minor affluent of some other affluent. But we were still wholly in the dark as to where it came out . Nevertheless, from the report of one of his lieutenants who had examined its mouth, [...] Colonel Rondon had come to the conclusion that this was the largest affluent of the Madeira, [...] (p. 277)	Que o Rio da Dúvida era um grande rio e de real importância, não podia haver mais contestação. Não era apenas um afluentezinho de qualquer outro afluente. Continuávamos, porém, completamente ignorantes a respeito de sua embocadura . [...] No entanto, de acordo com informações de um oficial que estudara sua embocadura [...] o Cel. Rondon chegou à conclusão de que se tratava do maior afluente do Madeira [...] (p. 180)	Estava agora indiscutivelmente verificado que o Dúvida era um rio caudaloso e de real importância, e não um afluente secundario de algum outro afluente. [...] Não obstante, de acordo com o relatorio de um de seus oficiais [...] o coronel Rondon chegara à conclusão de que o Aripuanã era o maior afluente do Madeira [...] (p. 279)	Ironia de MA em traduzir <i>minor affluentt</i> por <i>afluentezinho</i> ? CEN exclui uma frase inteira, sobre as dúvidas que ainda rondavam durante o percurso do Dúvida: <i>But we were still wholly in the dark as to where it came out</i> . <i>Um oficial</i> (CEN) não parece ser alguém da equipe de Rondon, como se houvesse sido de alguém de fora, que não trabalhasse com ele (TR descreveu o contrário: <i>one of his lieutenants</i>)

8.53	But my kind friends insisted otherwise, and it would have been churlish of me to object longer. I was much touched by their action , and by the ceremony itself. (p. 277)	Aqueles bons amigos, porém, não me quiseram atender e seria, portanto, uma grosseria de minha parte continuar a objetar. Fiquei muito comovido com esta homenagem. (p. 181)	Os meus gentis amigos, porem, insistiram em contrariar-me, e seria grosseria de minha parte não aquiescer. Fiquei muito sensibilizado por aquela solução e pela propria cerimonia. (p. 281)	Aqui TR narra o momento do batismo, com direito a instalação de marco com o novo nome do Rio (Roosevelt), e sua comoção pessoal, tanto com a instalação do marco, como com a cerimônia perante todos da expedição. (os dois motivos só ficam claros para o leitor de CEN)
8.54	The canoes ran them [rapids] with about a third of the loads, the other loads being carried on the men's shoulders . (p. 280)	Atravessamo-la [corredeira] com um terço da carga nas canoas, sendo o restante transportado à mão. (p. 181)	As canoas desceram-na com um terço da carga, sendo os outros dois terços baldeados nos ombros do pessoal. (p. 282)	<i>The men's shoulders/à mão</i> (MA)
8.55	The first tree felled [araputanga] proved rotten , and moreover it was chopped so that it smashed a number of lesser trees into the kitchen, overthrowing everything, but not inflicting serious damage. (p. 280)	A primeira árvore [araputanga] cortada caiu, derrubando tudo a seu alcance, porém sem causar maiores danos. Verificou-se, então, que estava com enormes brocas no cerne e foi transformada em lenha. (p. 182)	A primeira arvore que caiu estava podre , e ainda por cima fora cortada de tal modo que na queda derrubou outras arvores menores sobre a cozinha, pondo aí tudo de pernas para o ar, porem sem prejuizo serio. (p. 283)	A cena descrita por TR é de uma árvore que os camaradas cortaram e que, de tão podre, ao cair, derrubou outras ao seu redor, causando estragos materiais na cozinha da expedição. Mas o tradutor de MA, de repente, viu brocas e até transformou a madeira em lenha, no final das contas (!)...
8.56	[termos científicos] The two best performers were our old friend the false bell-bird, with its series of ringing whistles, and a shy, attractive ant-thrush . (p. 281)	Os dois mais assíduos cantores eram a pseudo-araponga, com sua série de notas estridentes, e um pequenino e mimoso formicarídeo. (p. 182)	Os melhores cantores eram a nossa velha conhecida, a falsa araponga, com suas series de notas vibrantes e um arisco e harmonioso sabiá. (p. 283)	TR se admira com o canto dos pássaros (<i>best performers</i>), não que estivessem sempre por perto (MA: <i>assíduos</i>) MA: formicarídeo (nome científico da família do pássaro)

CAPÍTULO IX

DOWN AN UNKNOWN RIVER INTO THE EQUATORIAL FOREST		DESCENDO UM RIO DESCONHECIDO NA FLORESTA EQUATORIAL		DESCENDO UM RIO DESCONHECIDO EM PLENA FLORESTA EQUATORIAL		
SEQ	Charles Scribner's (1914)	Ministério da Agricultura/MA (1943)	Companhia Editora Nacional/CEN (1944)	Comentários		

9.1	The mightiest river in the world is the Amazon. It runs from west to east, from the sunset to the sunrise , from the Andes to the Atlantic. [...] We were within the southern boundary of this great equatorial forest , [...] but whither it would go, [...] and the character of the dwellers along its banks - all these things were yet to be discovered. (p. 282)	O Amazonas é o rio mais caudaloso do universo . Suas águas correm do ocidente para o oriente, do ocaso para o levante , do Andes para o Atlântico. [...] Nós nos encontrávamos na parte meridional dessa vasta jungle [...], mas, até o momento, ninguém sabia o seu destino exato [...] quais as suas características e que espécie de habitantes havia em suas margens. (p. 183)	O mais caudaloso rio do mundo é o Amazonas, que corre do ocidente para o oriente, dos Andes para o Atlântico. [...] Estávamos na orla do limite sul dessa grande floresta equatorial [...], mas por onde iria, [...] qual o caráter do próprio rio e dos habitantes de suas margens - tudo isto estava por ser descoberto. (p. 285)	TR não tem a pretensão de enxergar o Amazonas como maior rio <i>do universo</i> (!) como expresso em MA. Para dar uma noção da magnitude do rio, TR se expressa através de várias frases, CEN exclui a ênfase <i>from the sunset to the sunrise</i> . MA coloca no texto a palavra em inglês <i>jungle</i> para <i>equatorial forest</i>
9.2	[talking about cajazeira tree] This was the tree from which the doctor's family name was taken. His paternal grandfather, although of Portuguese blood, was an intensely patriotic Brazilian . He was a very young man when the independence of Brazil was declared, and did not wish to keep the Portuguese family name ; so he changed it to that of the fine Brazilian tree in question. Such change of family names is common in Brazil. Doctor Vital Brazil, the student of poisonous serpents, was given his name by his father, whose own family name was entirely different; and his brother's name was again different. (p. 283)	[sobre a cajazeira] O médico que nos acompanhava na expedição tinha seu nome tirado desse vegetal: Dr. Cajazeira. Seu avô paterno, de sangue português, era um grande patriota . Ainda muito jovem, quando foi declarada a independência do Brasil, não quis mais adotar seu apelido português, substituindo-o pelo nome da árvore em questão. Aliás, essas mudanças de sobrenomes são muito comuns no Brasil. O Dr. Vital Brazil, o grande especialista em serpentes, por exemplo, teve seu nome escolhido pelo pai, cujo apelido de família era completamente diferente, e tem um irmão que ainda adota o antigo sobrenome. (p. 183)	O nome de família do médico provinha dessa árvore. Seu avô paterno, embora de sangue português, era um brasileiro de vivo patriotismo . Muito moço quando foi proclamada a independência do Brasil, não quis conservar seu apelido português, e por isso o substituiu pelo da bela árvore brasileira em apreço. Essas mudanças de nomes são comuns no Brasil. O Dr. Vital Brasil, o homem que estuda o veneno das cobras, teve o nome escolhido por seu pai, cujo próprio nome de família era inteiramente diferente, sendo ainda diverso o nome de seus irmãos . (p. 286)	A respeito da origem do sobrenome do Dr. Cajazeira: ainda que o avô do médico fosse português, ele nutria sentimentos patrióticos <i>sobre o Brasil</i> , o que não fica muito claro ao leitor de MA, enquanto CEN já o “torna” um autêntico <i>brasileiro de vivo patriotismo</i> . TR adjetiva a Cajazeira (fine), o que não aparece em MA TR comenta ainda sobre o irmão do Dr. Vital Brasil (em CEN ele tem mais de um, seus irmãos) ¹⁸⁰
9.3	Kermit, accompanied by Antonio the Parecis and Joao, crossed the river and walked back to the little river that had entered from the east , so as to bring back a report of it to Colonel Rondon. (p. 283)	Kermit, em companhia de João e de Antônio Parecis, atravessou o rio e voltou, a pé, até o ponto em que desaguava o pequeno afluente da margem direita , a fim de obter esclarecimentos para o Cel. Rondon. (p. 184)	Kermit, com Antonio Pareci , voltou até o ribeirão que vinha de leste, para fazer um relatório sobre ele ao coronel Rondon. (p. 286)	João também acompanhava Kermit, mas foi apagado em CEN

¹⁸⁰ Na Wikipédia há verbete que fala dos nomes e sobrenomes dos irmãos do Dr. Vital Brazil (e da criatividade de seu pai ao nomear os filhos): **Vital Brazil Mineiro da Campanha, uma genealogia brasileira**, disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Vital_Brazil

9.4	Soon after this we struck a bees' nest in the top of a tree overhanging the river; our steersman climbed out and robbed it, but, alas! lost the honey on the way back. (p. 284)	Neste meio tempo descobrimos uma casa de abelhas no tope de uma árvore inclinada sobre o rio; nossos timoneiros escalaram-na para retirar o mel, porém, infelizmente derramaram tudo no momento da descida! (p. 184)	Logo depois encontramos uma colméia na copa de uma árvore que pendia sobre o rio; nosso piloto subiu para tirar o mel, mas ah! perdeu tudo ao descer. (p. 287)	Um sentimento de união em torno de obter alimentos para a expedição é expresso em MA (parece querer dizer que estavam sempre todos muito ativos para levar à frente a jornada); mas trata-se de apenas um timoneiro nesse caso.
9.5	On the opposite bank was an Indian village, evidently inhabited only during the dry season . (p. 284)	Na outra barranca havia uma aldeia de índios que, pelos vestígios, se mantinha desabitada apenas na época da seca . (p. 184)	Na [margem] oposta havia uma taba de índios, evidentemente só habitada na época da estiagem . (p. 287)	Estavam viajando na época das cheias. Pela tradução de MA, se os indígenas estavam fora na época da seca, é porque poderiam ser encontrados a qualquer momento; Em CEN, estavam longe, já que só habitavam a aldeia na seca, ou seja, sem perigo! A provável confusão foi por conta da palavra <i>inhabited</i> (apesar do prefixo <i>in-</i> , significa habitado)
9.6	Seven hours were spent in getting past a series of rapids at which the portage, over rocky and difficult ground, was a kilometre long. (p. 285)	Despendemos sete horas na passagem de rápidos no percurso de um quilômetro com baldeação da carga por terra, sobre rochas e terrenos acidentados. (p. 185)	Seis horas levamos a passar um grupo de corredeiras, onde a baldeação por sobre terreno acidentado e pedregoso era de um quilômetro. (p. 288)	TR descreve sete horas de trabalho exaustivo, assim como MA; já CEN diminui o tempo para 6 horas.
9.7	[...] we sat at the foot of the rapids, watching for the last dugouts with their naked paddlers to swing into sight round the bend through the white water, [...] (p. 286)	[...] os remadores, despidos , se moviam por entre as ondas espumantes, ultimando o trabalho de travessia das canoas, [...] (p. 185)	[...] sentados na base das corredeiras, esperávamos ver as últimas canoas, com seus remadores apontarem na curva de águas revoltas, [...] (p. 288)	CEN apresenta pudor ao apagar que os remadores estavam despidos durante aquele trabalho
9.8	At home in Vermont Cherrie is a farmer, [...] he taps twelve hundred trees [of maple] [...] now and then in summer Cherrie has had to sleep in the garden to keep the deer away from the beans, cabbages, and beets . (p. 286)	Em sua terra, Vermont, Cherrie é fazendeiro [...]. Possui uma plantação com cerca de duzentas árvores dessa espécie [bordo]. Às vezes, durante o verão , Cherrie se vê obrigado a dormir no pomar, a fim de evitar que veados venham comer o feijão e as hortaliças . (p. 185)	Lá em nossa terra, no Vermont, Cherrie é um agricultor [...] Tinha ele um pomar de tais árvores [bordo] onde já “sangrava” mil e duzentas , [...] e de vez em quando Cherrie fora obrigado a dormir na lavoura para espantar os veados do feijão e das plantações de couves e beterrabas . (p. 289)	Na fazenda de Cherrie havia cerca de 1.200 árvores de bordo (MA traduziu 200) O incômodo de dormir ao relento ocorria no verão (apagado em CEN), e suas plantações atingidas pelos veados eram de feijão, repolho e beterraba (MA inclui no pacote

				hortaliças e CEN troca repolho por couve)
9.9	[termos científicos] There was not much bird life in the forest, but Cherrie kept getting species new to the collection. At this camp he shot an interesting little ant-thrush . It was the size of a warbler , jet-black, [...] When he shot the bird a male, it was showing off before a dull-colored little bird, doubtless the female; and the chief feature of the display was this white spot on the back . (p. 286-87)	Não havia muitos pássaros na floresta, porém, Cherrie conseguiu uns tantos exemplares que ainda não constavam na coleção. Neste acampamento ele matou um interessante formicarídeo , que era do tamanho de um warbler , negro-azeviche, [...] Quando Cherrie atirou , o pássaro estava se pavoneando frente a um exemplar menor e de cor escura, que sem dúvida seria sua companheira [...] (p. 186)	A vida alada era escassa na mata, mas Cherrie continuou obtendo espécimes novos para a coleção. Naquela parada matamos um papa-formigas interessante. Do porte de uma toutinegra , preto retinto, [...] Quando atiramos o pássaro, que era macho, estava ele fazendo festas a um passarinho menor de coloração escura, sem dúvida a fêmea; e a nota mais viva de sua plumagem era aquela mancha branca das costas . (p. 289)	Foi Cherrie quem matou os animais para a coleção (CEN refere-se ao plural, como se TR tivesse participado) MA prefere o termo mais científico <i>formicarídeo</i> , assim como não traduz o nome do pássaro <i>warbler</i> , bem como apaga o detalhe da plumagem do pássaro (white spot on the back)
9.10	[about the cans of food] But we made each box last a day and a half, or at times two days , and in addition we gave some of the food to the camaradas. (p. 287)	[sobre as latas de comida] Porém, fazíamos com que cada lata durasse um dia e meio e às vezes dois dias , além de cedermos uma parte aos camaradas. (p. 186)	Mas fazíamos cada lata durar dia e meio , e além disso repartíamos um tanto de nossos alimentos com os camaradas. (p. 290)	As porções diárias de alimentos da comitiva americana eram fracionadas em latas. TR disse que duravam 1,5 dia, às vezes dois. CEN fala apenas 1,5, e cada economia fazia diferença naquele contexto em que estavam
9.11	It is only in lands like our own West thirty years ago, [...] that game can be made the chief food supply. (p. 288)	Apenas em terras como as nossas do Oeste há trinta anos atrás [...] é que se poderia fazer da caça base da alimentação. (p. 186)	Só em regiões como o norte e oeste americano ha trinta anos, [...] poderia a caça constituir base de alimentação. (p. 290)	TR menciona oeste americano (CEN adicionou o norte!)
9.12	"I was brought up in the water, and I know it like a fish, and all its sounds," said he [camarada Antonio Correia]. He was right. We had to carry the loads nearly a kilometre [...] (p. 288)	" Nasci dentro d'água", dizia ele [camarada Antonio Correia], "e conheço, como peixe, esse barulho". Acertara. Tivemos que transportar a carga na extensão de um quilômetro [...] (p. 187)	" Cresci dentro d'água e conheço, como o peixe, todos os seus ruidos", dizia ele. E tinha razão. Tivemos que baldear as cargas quasi pelo trecho de um quilômetro [...] (p. 291)	Embora <i>o crescer</i> esteja mais próximo do sentido expresso por TR, dizer que <i>nasceu</i> dentro d'água faz parecer que o camarada Antônio tinha muito mais intimidade, como se aumentasse seu conhecimento sobre os sons da água (disse que o som das corredeiras que estavam mais adiante eram piores, antes que estivessem à vista de todos)
9.13	This river we christened the Taunay, in honor of a distinguished Brazilian, an	A este rio se deu o nome de "Taunay", em homenagem a um grande brasileiro que fora	Denominamos este rio " Taunay", em honra de um distinto brasileiro, soldado,	Em CEN e de acordo com TR, o rio é <i>batizado pelos integrantes</i> da

	explorer, a soldier, a senator, who was also a writer of note. Kermit had with him two of his novels, and I had read one of his books dealing with a disastrous retreat during the Paraguayan war. (p. 288)	explorador, soldado, senador e notável homem de letras. Kermit, aliás, estava lendo dois de seus livros e eu já havia lido outro em que descrevia uma épica retirada na guerra do Paraguai. (p. 187)	explorador e senador, que foi também escritor notável. Kermit tinha consigo dois de seus romances, e eu tinha lido um de seus livros sobre uma desastrosa retirada durante a guerra do Paraguai. (p. 291)	expedição (indica ação), já em MA há uma passividade, o rio foi apenas nomeado (por quem? Fica vago). TR informa que seu filho Kermit <i>levava</i> consigo dois livros de Taunay (não se sabe se foram <i>lidos</i> ou não). MA escreve, em nota de rodapé, que o livro do Visconde de Taunay em questão é <i>A retirada da Laguna</i> , de 1871. Trata sobre uma batalha na Guerra do Paraguai, que TR classificou como <i>desastrosa</i> , mas que em MA adquire contornos <i>épicos</i> . Talvez em uma época de valorização de símbolos nacionais (Era Vargas), não era interessante apresentar essa opinião (<i>desastrosa</i>) para o público leitor brasileiro?
9.14	Next morning, the 25th , the canoes were brought down. (p. 288)	Na manhã seguinte, 25 de março , as canoas foram transportadas. (p. 187)	Na manhã seguinte, dia 2 , as canoas foram arrastadas para baixo. (p. 291)	Erro de digitação ou lapso confundem o leitor de CEN que acompanha cronologicamente o relato
9.15	One day more would complete a month since we had embarked on the Duvida - as we had started in February, the lunar and calendar months coincided . We had used up over half our provisions. (p. 289)	Um dia a mais e eis completo um mês de viagem , durante o qual já havíamos consumido mais da metade das provisões de boca. (p. 187)	Mais um dia e arredondaríamos um mês desde nossa entrada no rio da Dúvida - como havíamos partido em fevereiro, havia coincidência entre o mês lunar e o do calendário . Tínhamos consumido para mais de metade dos nossos víveres [...] (p. 291)	MA apaga que TR falou em um mês especificamente quanto à entrada no Dúvida, visto que a jornada, no total, já havia iniciado há mais tempo, bem como seu comentário sobre o calendário.
9.16	[...] we might hope to meet assistance, either from rubber-gatherers, or from Pyrineus, if he were really coming up the river which we were going down . [...] we would in such event still have several hundreds of kilometres of unknown river before us . (p. 289)	[...] antes que pudéssemos receber qualquer auxílio, quer dos seringueiros, quer do Tte. Pirineus, caso este estivesse mesmo subindo aquele rio . [...] (p. 187)	[...] onde poderíamos esperar auxílio, fosse dos seringueiros, fosse de Pireneus, se este realmente estivesse subindo o mesmo rio que descíamos . [...] teríamos, em tal caso, varias centenas de quilômetros de um rio desconhecido à nossa frente . (p. 292)	Pode até parecer redundante, mas o entendimento fica melhor para o leitor com a complementação de CEN: <i>o mesmo rio que descíamos</i> . Uma frase inteira foi excluída em MA, sobre as inseguranças do que tinham pela frente: <i>we would in such event still</i>

				<i>have several hundreds of kilometres of unknown river before us.</i>
9.17	Two of our men were down with fever. Another man, Julio, a fellow of powerful frame, was utterly worthless, being an inborn, lazy shirk with the heart of a ferocious cur in the body of a bullock. The others were good men, some of them very good indeed. They were under the immediate supervision of Pedrinho Craveiro, who was firstclass in every way. (p. 290)	Dois de nossos homens caíram com febre. Outro, chamado Júlio, aliás um camarada reforçado, era completamente imprestável, sendo por natureza velhaco e malandro: alma de cão danado em corpo de touro. Os outros eram bons homens e alguns chegavam a ser mesmo excelentes pessoas. Achavam-se diretamente subordinados ao cidadão Pedrinho Craveiro, homem de ótimas qualidades. (p. 188)	Dois de nossos homens estavam prostrados pela febre. Outro, Julio, um latagão, era por completo inútil, mau e preguiçoso de nascença, coração de malvado feroz num corpo de touro. Os outros eram homens bons, e alguns deles, em verdade, ótimos. (p. 292)	Em CEN, fica apagada a subordinação do camarada que mais tarde viria a assassinar outro membro da expedição.
9.18	This camp was very lovely. [...] All around us, and across the bay, and on both sides of the long water-street made by the river, rose the splendid forest. [...] Here the soil was fertile; it will be a fine site for a coffee-plantation when this region is open to settlement. [...] The very rapids and waterfalls which now make the navigation of the river so difficult and dangerous would drive electric trolleys up and down its whole length and far out on either side, and run mills and factories, and lighten the labor on farms. (p. 290-91)	Este nosso novo acampamento era muito agradável. [...] Em torno de nós e em ambas as margens do grande rio, erguia-se a floresta esplêndida. [...] O solo aqui é fértil; ótima gleba para uma futura grande fazenda de café. [...] Os próprios rápidos e cachoeiras, que no momento são o nosso maior e mais perigoso entrave, suprirão a energia necessária para a movimentação de fábricas e conveniente iluminação. (p. 188)	Aquele novo acampamento era muito ameno [...] Em todo o redor, do lado fronteiro à enseada, margeando a avenida aquática que o rio formava, se erguia a mata imponente. [...] O solo era ali fértil, e seria um ótimo local para o plantio de café, quando esta região fosse aberta ao povoamento. [...] As próprias corredeiras e saltos que agora tanto dificultavam nossa navegação, inçando-a de perigos, alimentariam transmissões elétricas para cima e para baixo e a grande distancia para cada lado; tocariam moinhos e fábricas, e levariam a iluminação aos trabalhos das fazendas. (p. 293)	- Ainda que <i>avenida aquática</i> pareça estranho, CEN se esforça para manter o “brilho” da cena descrita por TR - Há uma constante “chamada” de TR aos potenciais de cada região por onde passou, e o comentário sobre sua abertura para assentamento/povoamento acompanha a mesma ideia (em MA ficou apagado) - Apesar de ser a tradução do governo, nessa passagem MA “cortou” vários trechos com as ideias de TR para o desenvolvimento da região do rio da Dúvida, e CEN traduz <i>electric trolleys</i> (bondinho elétrico de antigamente) por transmissões elétricas (como se fossem hidrelétricas)
9.19	[termos científicos] In the forest some of the huge sipas, or rope vines, which were as big as cables, bore clusters of fragrant flowers. (p. 291)	Na floresta, longas e grossas lianas exibiam belos corimbo s de flores odorantes. (p. 189)	Na mata, alguns dos grandes cipós ou trepadeiras compridas grossas como cabos, tinham cachos de perfumadas flores. (p. 294)	MA emprega muitos termos científicos – nesse caso, da botânica.

9.20	By these rapids, at the fall, Cherrie found some strange carvings on a bare mass of rock. [...] What these curious symbols represented, or who made them, we could not, of course, form the slightest idea . It may be that in a very remote past some Indian tribes of comparatively advanced culture had penetrated to this lovely river, just as we had now come to it. Before white men came to South America there had already existed therein various semicivilizations, some rude, others fairly advanced, which rose, flourished, and persisted through immemorial ages , and then vanished. (p. 292)	No local da queda d'água, Cherrie descobriu estranhas gravações na pedra lisa. [...] Quais foram os autores desses curiosos símbolos e o que significavam, eram problemas absolutamente fora de nosso alcance. É bem possível que, em épocas remotas, alguma tribo de índios, relativamente adiantada , houvesse penetrado neste admirável rio, assim como o estávamos fazendo agora. Antes da conquista da América do Sul pelo homem branco, existiam ali várias semicivilizações, umas rústicas outras, porém, bastante adiantadas, e que floresceram e persistiram durante idades imemoriais , fenecendo em seguida. (p. 189)	Naquelas corredeiras na queda vertical, Cherrie descobriu alguns estranhos desenhos gravados numa face lisa da rocha. [...] É claro que não podíamos ter a menor idéia da significação de tais símbolos nem de quem os houvesse executado. Era possível que, num passado muito remoto, algumas tribus de índios, de cultura relativa mais adiantada, tivessem passado por aquele rio encantador, exatamente como então nós estávamos fazendo. Antes que o homem branco chegasse à América do Sul, nesta já haviam existido varias semi-civilizações, primitivas algumas, outras francamente adiantadas, que surgiram, floresceram e se extinguiram. (p. 294-95)	O tema de TR no trecho são as inscrições rupestres encontradas no caminho. Não tinham <i>a menor ideia</i> do que era aquilo (não pontua que fossem um problema, como traduziu MA), possivelmente obra de tribos avançadas, no plural (MA considera apenas no singular), TR provavelmente deduziu que houve um passado rico em culturas diversas na região. MA só coloca o plural na frase seguinte, para falar de semicivilizações, porém, TR destaca que existiam antes da chegada do <i>homem branco</i> ; MA usa a palavra <i>conquista</i> para definir essa chegada. OBS.: CEN reproduz as inscrições rupestres presentes no original, com a seguinte nota de rodapé: "NOTA DO TRADUTOR: As inscrição (sic) rupestres, chamadas 'itacoatias', são comuns no vale do Amazonas. O dr. Luciano Jaques de Moraes publicou a memoria 'As Inscrições Rupestres do Brasil', que elucida o assunto."
9.21	[...] and we made camp in the rain, which did not matter much, as we were already drenched through . (p. 294)	[...] e então armamos as barracas, debaixo de chuva, o que, aliás, não tinha grande importância, pois já estávamos com as roupas encharcadas . (p. 190)	[...] assim, acampamos sob a chuva, o que não tinha grande importância, pois já estávamos encharcados até os ossos . (p. 296)	CEN deu uma ênfase para além da frase de TR: <i>encharcados até os ossos</i>
9.22	A tapir was seen from our boat, but, as at the moment we were being whisked round in a complete circle by a whirlpool, I did not myself see it in time to shoot . (p. 294)	Da canoa avistamos uma anta, no momento em que estávamos rodopiando nos redemoinhos, de sorte que não nos foi possível matá-la. (p. 190)	De nossa canoa vimos uma anta, mas naquele momento estávamos rodando em círculo num remoinho e eu por mim não a vira com tempo para atirar . (p. 296)	Quem perdeu a anta de vista foi o próprio TR, MA traduz como se ninguém tivesse conseguido abatê-la

9.23	<p>[...] the rapids were so bad, containing several falls, one of at least ten metres in height, that it was doubtful how many of the canoes we could get down them. Kermit, who was the only man with much experience of rope work, was the only man who believed we could get the canoes down at all; [...] (p. 294)</p>	<p>De outro lado, os rápidos se nos afiguravam de penoso acesso, contendo várias quedas, uma das quais com, pelo menos, três metros de altura, não se podendo prever quantas canoas poderiam atravessá-los a salvo. Kermit, que era o mais entendido no serviço de cordas, foi o único a acreditar que se pudesse passar sem qualquer contratempo; [...] (p. 190)</p>	<p>O encachoeirado era tão forte, com vários saltos, sendo um de dez metros, pelo menos, que não poderíamos saber quantas canoas conseguiríamos fazer transpor aquela barreira. Kermit, que era o único perito em trabalhar com as cordas, era também o único que acreditava podermos descer as canoas; [...] (p. 297)</p>	<p><i>Ten metres = 3 metros</i> (MA). Entre uma de 3 e uma de 10 metros, qual cachoeira impressionaria mais o leitor, enquanto imagina a cena? <i>Conseguiríamos fazer transpor e podermos descer as canoas</i> (CEN): expressa melhor o esforço coletivo que era ali empregado por todos, era uma expedição penosa para todos eles. Já MA passa mais uma ideia de passividade, não de atividade dos membros (ainda que fossem eles a atravessar as canoas)</p>
9.24	<p>We thought we had reduced our baggage before; but now we cut to the bone. [...] In addition to the clothes I wore, I kept one set of pajamas, a spare pair of drawers, a spare pair of socks, half a dozen handkerchiefs, my wash-kit, my pocket medicine-case, and a little bag containing my spare spectacles, gun-grease, some adhesive plaster, some needles and thread, the "fly-dope," and my purse and letter of credit, to be used at Manaus. All of these went into the bag containing my cot, blanket, and mosquito-net. I also carried a cartridge-bag containing my cartridges, head-net, and gauntlets. Kermit cut down even closer; and the others about as close. (p. 295)</p>	<p>Supúnhamos que antes já tivéssemos reduzido nossas bagagens ao suficiente, porém, agora é que a coisa fora mesmo de amargurar. [...] Além da roupa do corpo, fiquei somente com um pijama, um par de calças, um de meias, meia dúzia de lenços, material de asseio, uma caixa de medicamentos e uma valise com meus óculos, tubo de graxa, emplastro, agulhas e linha, o linimento "mata-mosquito", minha carteira e uma carta de crédito para Manaus. Tudo isto foi colocado na mala em que se achavam meu paletó, cobertor e mosquiteiro. Trazia comigo ainda um pequeno volume com minha cartucheira e cartuchos, tela para abrigar rosto e as luvas compridas. Kermit e os outros ainda fizeram maiores reduções. (p. 191)</p>	<p>Estávamos convictos de ter já reduzido bem a bagagem, mas agora foram precisas medidas mais extremas. [...] Além da roupa do corpo conservei uma muda de pijamas, um par de ceroulas e outro de meias para trocar, seis lenços, minha bacia de rosto, a farmácia de bolso, um estojo com os meus óculos de sobressalente, o óleo da espingarda, esparadrapo, agulhas, linha e droga para afastar os pernilongos, além da carteira com a ordem de pagamento de que me utilizaria em Manaus. Isso tudo ia dentro do fardo contendo minha cama de vento, com o cobertor e o mosquiteiro; levava ainda urna cartucheira com munições, gaze para a cabeça e luvas. Kermit renunciou ainda a mais cousas, e os outros mais ou menos tanto como ele. (p. 298)</p>	<p>Entre ceroulas, calças, meias e óculos, TR manteve um par <i>sobressalente</i>, palavra que repete no trecho, indicando que, além das que ele tinha em uso, ainda conseguiu manter outros itens <i>a mais</i>, ou seja, foi poupado. MA traduz a roupa íntima como calças (seria por pudor ao seu leitor?) O lubrificante era específico para a arma dele, não para qualquer uso. O leitor de MA pode pensar: se estavam aliviando a carga, para que serviria um <i>tubo de graxa</i>? Sobre a carta de crédito, ainda que o leitor de MA deduza, pode soar esquisito ou dúbio <i>uma carta de crédito para Manaus</i> (ele doaria uma carta de crédito para a cidade?) Bastaria completar com <i>para ser usada em Manaus</i>, coisa que TR deixou claro.</p>

				<p><i>Cot</i> ou cama de vento foi traduzida por <i>paletó</i> (!), o tradutor de MA pode ter confundido com <i>coat</i>. Para que um paletó na selva?! Ou não estaria cortando supérfluos... Se saísse vivo, certamente havia mandado roupa pela outra equipe que o aguardaria na foz do rio da Dúvida.</p> <p>TR coloca uma certa <i>escala</i> de renúncias ao filho e aos outros membros, MA os nivela na mesma quantidade de itens abandonados.</p>
9.25	The rocky sides of the gorge were too steep for laden men to attempt to traverse them. (p. 296)	Os lados da garganta eram excessivamente inclinados para qualquer tentativa de passagem dos volumes. (p. 191)	As margens pedregosas da garganta eram excessivamente inclinadas para que homens com cargas tentassem passar por ali. (p. 298)	Nota-se que a inclinação não seria possível sequer através de polias e cordas, como descrito em trecho anterior; em MA não fica muito claro que TR fala da dificuldade de os camaradas fazerem a passagem da carga nesse trecho escarpado
9.26	All around and in front of us there were ranges of low mountains about the height of the lower ridges of the Alleghanies . Their sides were steep and they were covered with the matted growth of the tropical forest . (p. 296)	Em torno surgiam serranias de pouca elevação, mais ou menos da altura das mais baixas cumiadas dos Alleghanies . Suas encostas eram alcantiladas e revestidas de florestas . (p. 191)	Ao redor e diante de nós , cadeias de morros baixos, da altura das cumiadas menos altas dos Alleghanis . Suas vertentes, fortemente inclinadas, eram cobertas da compacta vegetação das florestas tropicais . (p. 299)	Não apenas ao redor, mas até onde a vista alcançava (<i>in front of us/diante de nós</i> em CEN) ele via montanhas parecidas com as Alleghanies, do leste americano (grafado Alleghanis em CEN). A imagem que TR cria de uma espécie de <i>tapete verde</i> de floresta fica mais vívida em CEN
9.27	It was a view well worth seeing; but, beautiful although the country ahead of us was, its character was such as to promise further hardships, difficulty, and exhausting labor, and especially further delay; and delay was a serious matter to men whose food supply was beginning to	Era um panorama digno de ser apreciado, porém, belo o quanto fosse, suas características denunciavam fadiga, dificuldades, árduos trabalhos e, sobretudo, impossibilidade de rápida locomoção. E qualquer delonga significava sério contratempo para quem, como nós ,	Era um panorama digno de admiração; por mais bela, porém, que fosse a brilhante fita líquida que viamos em frente, a natureza do terreno prometia-nos mais dificuldades e privações, fadiga exhaustiva e especialmente maior demora; e o tempo era questão seria para	TR quis passar um panorama geral (<i>country</i> : rio e floresta) do que via à frente, mas CEN dá destaque apenas ao rio: brilhante fita líquida (!) TR fala na terceira pessoa das dificuldades que enfrentavam, e MA

	run short, whose equipment was reduced to the minimum, who for a month, with the utmost toil , had made very slow progress , and who had no idea of either the distance or the difficulties of the route in front of them . (p. 297)	tínhamos diminuídas as rações, cujo equipamento se achava reduzido ao mínimo e que durante um mês, quando ainda munidos de todos os petrechos, vencêramos pouco mais de uma centena de quilômetros! Ademais, não se fazia a menor idéia da distância ainda a percorrer e quais as asperezas que iríamos encontrar pela frente! (p. 191)	quem já estava com as provisões começando a escassear, cujo equipamento estava reduzido ao mínimo, tendo labutado arduamente durante um mês, conseguindo lento progresso , sem qualquer idéia da distancia que tinha ainda a vencer, nem das dificuldades que o aguardavam. (p. 299)	os <i>reúne</i> em comunhão, estavam todos na mesma jornada (ou canoas): <i>nós/tínhamos/vencêramos/iríamos</i> <i>Very slow progress</i> , MA calcula como 100km
9.28	There were tracks of tapir, deer, and agouti; and if we had taken two or three days to devote to nothing else than hunting them we might perchance have killed something; [...] (p. 297)	Existiam rastos de antas, cutias e veados, e, se tirássemos dois ou três dias para caçá-los, poderíamos matar algo; [...] (p. 191)	Descobrimos rastos de antas, veados e cotias; e, se dedicássemos alguns dias só a caçar, poderíamos talvez matar alguma cousa. (p. 299)	TR fala em <i>dois ou três dias</i> , CEN traduz por <i>alguns</i> (parece quase uma semana?). No ritmo em que estavam, parar mais tempo, por qualquer motivo, era luxo que não se podiam dar
9.29	A couple of curassows and a big monkey were killed by the colonel and Kermit. [...] and the fresh meat was appreciated [by the men]. The head, feet, tail, skin, and entrails were boiled for the gaunt and ravenous dogs. The flesh gave each of us a few mouthfuls; and how good those mouthfuls tasted! (p. 297)	O Cel. Rondon e Kermit mataram dois mutuns e um grande macaco. [...] [os homens] ficaram muito satisfeitos com a prenda . A cabeça, pés, cauda, pele e vísceras foram cozidas para os cães rafados e magros . A carne foi dividida entre nós; um naco para cada um, e como soube bem! (p. 192)	Um casal de mutuns e um grande macaco foram mortos por Kermit e pelo coronel. [...] a carne fresca foi de grande oportunidade . A cabeça, os pés, a cauda e o couro foram cozidos para os cães famintos . A cada um de nós tocaram alguns bocados de carne e como foram eles apreciados! (p. 300)	<i>Prenda</i> , em MA, dá a ideia de que foi uma verdadeira festa, um banquete (mas eles apreciaram a carne fresca, apenas) <i>Gaunt and ravenous</i> cria uma imagem de cães esqueléticos, à beira da inanição (CEN os coloca como famintos <i>apenas</i>).
9.30	We [TR and Cherrie] talked together often, and of many things, for our views of life , and of a man's duty to his wife and children , to other men, and to women , and to the state in peace and war, were in all essentials the same . His father had served all through the Civil War, entering an Iowa cavalry regiment as a private and coming out as a captain; his breast-bone was shattered by a blow from a musket-	Conversávamos constantemente sobre várias coisas, pois tínhamos os mesmos sentimentos e pontos de vista no que concerne aos deveres do cidadão para com sua família , seu semelhante e para com a pátria, em paz ou em guerra. Seu pai servira num regimento de cavalaria em Iowa, durante toda a Guerra Civil, onde começou como soldado raso e foi até o posto de capitão, e teve o esterno partido por uma	Conversavamos juntos, muitas vezes, sobre coisas varias, pois nossas opiniões relativas à vida , aos deveres do homem para com sua esposa e filhos , para com os outros homens e mulheres , e para com a nação, na guerra e na paz, eram idênticas em seus pontos capitais . Seu pae servira durante toda a guerra civil num regimento de cavalaria de Iówa, onde se alistara como soldado raso, e donde saíra como capitão; seu esterno	MA resume bastante os sentimentos e visões de mundo em comum entre TR e Cherrie (CEN descreve todos) A causa da morte do pai de Cherrie é traduzida em MA diferentemente da forma contada por TR: morto a <i>bala de mosquete</i> , em vez de um importante osso despedaçado durante uma luta, tal qual o original.

	butt, in hand-to-hand fighting at Shiloh. (p. 297)	bala de mosquete, num choque de forças em Shiloh. (p. 192)	fora espedaçado por uma coronhada numa luta corpo a corpo, em Shiloh. (p. 300)	
9.31	[...] we were not bothered by rain until the last night, when it rained heavily, driving under the fly so as to wet my cot and bedding . However, I slept comfortably enough , rolled in the damp blanket. (p. 298)	[...] não tínhamos sido perturbados pelas chuvas, até a noite anterior, quando uma carga pesada chegou a atravessar a lona, molhando minha cama . Contudo, ainda consegui dormir muito bem , enrolado no cobertor úmido . (p. 192)	[...] não fomos importunados pela chuva até a última noite ali, ocasião em que choveu pesadamente, entrando água pelo toldo ao ponto de molhar minha cama e as cobertas . No entanto dormi confortavelmente , enrolado no cobertor molhado . (p. 300)	Além da cama, também as cobertas de TR também foram encharcadas; apesar disso, ele alegou ter dormido confortável (foi “ok” pra ele), diferente de MA, que traduziu que somente a cama molhou e que ele dormiu <i>muito bem!</i>
9.32	We had been exactly a month going through an uninterrupted succession of rapids. During that month we had come only about 110 kilometres, and had descended nearly 150 metres - the figures are approximate but fairly accurate . We had lost four of the canoes with which we started, and one other, which we had built, and the life of one man; and the life of a dog which by its death had in all probability saved the life of colonel Rondon. (p. 298-99)	Fazia exatamente um mês que estávamos atravessando sucessões ininterruptas de corredeiras e durante este tempo vencêramos apenas 110 quilômetros com um desnível de cerca de 150 metros em dados aproximados. Perdêramos quatro canoas das que trazíamos desde o início da viagem e mais um homem e um cão, cuja morte, aliás, equivalia à salvação da vida do Cel. Rondon. (p. 193)	Passamos justamente um mês a vencer uma série ininterrupta de corredeiras e saltos. Durante esse mês, avançamos apenas cerca de 110 quilômetros, descendo perto de 150 metros — os números são aproximados, mas quase exatos. Perdêramos quatro canoas com que partimos, mais uma que havíamos construído, e a vida de um homem; e morrera um cão, cuja vida , com toda a probabilidade, salvara a do cel. Rondon. (p. 302-03)	TR tem uma preferência em fornecer dados precisos a seu leitor (não era só leitura de passatempo, mas um guia útil a quem quisesse posteriormente realizar a mesma jornada). Como preza pela exatidão de medidas, enfatiza isso no texto: the figures are approximate <i>but fairly accurate</i> , detalhe mínimo mas que passa despercebido em MA. Uma das canoas perdidas foi das construídas na selva (apagada em MA), e suas ênfases nas perdas que elenca a seguir também não ficam muito evidentes no texto de MA
9.33	There was no change in our work for the time being. We made but three kilometres that day. (p. 299)	Não havia modificações em nossos trabalhos. Naquele dia percorremos apenas três quilômetros [...] (p. 193)	Nossa rotina continuou a ser a mesma no correr de alguns dias. Não nos adiantávamos mais de três quilômetros diários. (p. 302)	Em CEN parecia ser uma rotina percorrer 3km diários; MA, e de acordo com o que disse TR, expressa que naquele dia específico foram percorridos 3km
9.34	Rondon, Lyra, and Kermit, [...] sent back word to camp there, while they spent several hours in exploring the country ahead. (p. 300)	Rondon, Lira e Kermit, [...] mandaram aviso para que se acampasse ali, enquanto continuaram a descer por mais uma hora , inspecionando a região adiante. (p. 193)	Rondon, Lira e Kermit, [...] mandaram aviso para ali acamparmos, enquanto seguiam por várias horas a explorar o terreno à frente. (p. 302)	Uma hora (MA) é bem diferente de várias horas, principalmente quando trata-se de um comandante ficar afastado de seu acampamento.

9.35	Next day, the 3d of April , we began the descent of these sinister rapids of the chasm. (p. 300)	No dia seguinte começamos a descer os rios sinistros daquele abismo. (p. 194)	No dia seguinte, 3 de abril , iniciamos a descida daqueles sinistros encachoeirados do grotão. (p. 303)	CEN mantém a linha do tempo para o leitor, indicando, assim como TR, o dia da viagem
9.36	<p>Colonel Rondon had gone to the summit of the mountain in order to find a better trail for the burden-bearers, but it was hopeless, and they had to go along the face of the cliffs.</p> <p>To follow down-stream an unknown river, broken by innumerable cataracts and rapids, rushing through mountains of which the existence has never been even guessed, bears no resemblance whatever to following even a fairly dangerous river which has been thoroughly explored and has become in some sort a highway, so that experienced pilots can be secured as guides, while the portages have been pioneered and trails chopped out, and every dangerous feature of the rapids is known beforehand.</p> <p>In this case no one could foretell that the river would cleave its way through steep mountain chains, cutting narrow clefts in which the cliff walls rose almost sheer on either hand. When a rushing river thus "canyons," as we used to say out West, and the mountains are very steep, [...] (p. 300-01)</p>	<p>O Cel. Rondon subira até o cume da montanha, a fim de descobrir melhor trilha para a passagem da carga, porém nada conseguiu e os homens tiveram mesmo de atravessar pela superfície do rochedo.</p> <p>Seguir o curso de um rio desconhecido, interrompido por inumeráveis rápidos e cataratas, que se precipitam por entre montanhas imprevisíveis, não é a mesma coisa que explorar o curso de um outro, que, embora perigoso, já fora percorrido em toda sua extensão, tornando-se, de algum modo, via de penetração. Neste caso pode-se lançar mão de guias experimentados e encontram-se, já abertos, os caminhos para a transportação das canoas, com todos os pontos perigosos dos rápidos conhecidos antecipadamente!</p> <p>No caso em questão não se podia prever se o rio abriria caminho por entre encostas das cadeias de montanhas, cavando estreitas gargantas nas quais as paredes da rocha quase se unissem! Quando o rio se precipita por esses canyons, como diríamos no oeste, e as montanhas são muito alcantiladas, [...] (p. 194)</p>	<p>O coronel tinha subido ao espigão do morro, à procura de melhor caminho para os carregadores, mas não o encontrou, por isso tinham mesmo que ladear a ravina.</p> <p>Descer um rio desconhecido, entrecortado de cataratas e corredeiras, precipitando-se entre serras cuja existência nunca fora suspeitada, não se parecia nem de longe com o percurso ainda de rio francamente perigoso, mas já minuciosamente explorado, tornando-se de certo modo estrada batida, de modo que se podem obter pilotos experientes para guias, ao mesmo tempo em que as baldeações já foram examinadas, as picadas já abertas, sendo de antemão conhecida cada feição perigosa das corredeiras.</p> <p>No nosso caso, ninguém podia prever que o rio rasgara sua passagem entre cadeias de serras alcantiladas, rompendo por estreitos canais ladeados de paredes de rocha quasi verticais. Quando um rio entra assim em " talhadões", ou "canyons", como diríamos no Oeste norte-americano, e as montanhas são muito íngremes, [...] (p. 303)</p>	<p>O árduo trabalho de <i>passagem de carga</i> é executado por alguém (trabalhador, humano), que não fica apagado nem no relato de TR nem em CEN</p> <p>A ênfase dada por TR de que poderiam ser surpreendidos a qualquer momento, no meio do caminho, por <i>montanhas cuja existência não se suspeitaria</i>, fica um tanto apagada em CEN</p> <p>O guia experimentado indicaria apenas o caminho, por já conhecê-lo; o piloto experiente, e como guia, seriam duas funções agregadas (também conduziria a canoa)</p> <p>Ninguém poderia prever que (e não se); trata-se de uma <i>constatação</i> de TR de que o rio efetivamente passa por encostas de montanhas, e <i>não</i> uma <i>suposição</i> (se ele vai fazer isso, cria uma falsa expectativa no leitor de MA)</p> <p>O ponto de vista de TR é o oeste dos EUA, e CEN faz esse "transporte" do leitor para o contexto que ele quis descrever (Em MA, fica a dúvida: qual oeste?)</p>

9.37	[...] and all this is done in an uninhabited wilderness, or else a wilderness tenanted only by unfriendly savages , where failure to get through means death by disease and starvation. (p. 301)	[...] e tudo isto é realizado em plena selva desabitada, ou melhor, habitada apenas por índios inamistosos e onde qualquer impossibilidade de retirada significa a morte por doença ou pela fome! (p. 194)	[...] tudo isto ocorrendo em um sertão deshabitado, ou antes, povoado por índios inamistosos somente, onde o malogro em atravessá-lo significaria a morte por molestias e pela fome. (p. 304)	Curioso que ambos os tradutores usaram a mesma expressão índios inamistosos para representar os indígenas (e não selvagens, que pode <i>compor</i> uma imagem mais ameaçadora ainda); TR não diz que naquelas condições seria possível morrer por doença <i>ou</i> pela inanição (como se houvesse opção), mas pelos dois juntos (como em CEN)
9.38	Lyra, Kermit, and Cherrie, with four of the men. worked the canoes half-way down the canyon. Again and again it was touch and go whether they could get by a given point. At one spot the channel of the furious torrent was only fifteen yards across. One canoe was lost, so that of the seven with which we had started only two were left. Cherrie labored with the other men at times , and also stood as guard over them, for, while actually working, of course no one could carry a rifle. (p. 302)	Lira, Kermit e Cherrie, com quatro homens, movimentaram as canoas até a metade do desfiladeiro. Continuadamente tinham de empurrá-las para pontos mais acessíveis . Em certo local a torrente se despenhava por uma passagem de apenas quinze metros de largo. Uma canoa se perdeu, de sorte que somente restavam duas das sete com que havíamos iniciado a viagem. Cherrie, vez por outra, ia ajudar os demais camaradas e montava guarda sobre eles, de vez que o trabalho que estavam executando não lhes permitia conduzir armas. (p. 194-95)	Lira, Kermit e Cherrie, com quatro homens, manobraram as canoas trazendo-as a meio caminho pelo grotão abaixo. A cada momento surgia a dúvida — passa ou não passa — em repetidos pontos. Em um trecho, o canal da torrente em furia só tinha quinze metros de largo. Perdeu-se uma canoa, de modo que, das seis com que partimos, só restavam duas.. Cherrie trabalhava por vezes como os outros , servindo para eles também de sentinela, pois era claro que naquele trabalho não podiam levar as carabinas. (p. 304)	Quando TR fala que, repetidamente, tinham que testar pontos arriscados de passagem das canoas (o medo era constante), eles seguiam por terra, com cordas e polias para segurar as canoas pelas corredeiras (e não ter que arrastá-las exaustivamente por terra). Esse sentimento de incerteza e lidar com algo arriscado é expresso por <i>again and again it was touch and go</i> , que MA traduz por <i>empurrá-las</i> [as canoas] <i>para pontos mais acessíveis</i> (mas o caso é que ali nem havia pontos acessíveis!) O detalhe de um trecho de água “em fúria” (muito agitada) fica apagado em MA (a imagem para o leitor muda) CEN troca 7 por 6 canoas iniciais Cherrie <i>ajudar</i> ou <i>trabalhar</i> [tanto quanto] como os camaradas muda a visão do leitor sobre sua participação nos serviços
9.39	On their bodies some of the insect bites had become festering wounds, as indeed was the case with all of us. Poisonous	As picadas de insetos se apostemaram, como, aliás, aconteceu também com todos nós. Formigas , moscardos, carrapatos ,	No corpo, algumas picadas de carrapatos fizeram chagas inflamadas, como em geral acontecia a todos nós.	Insetos existem milhares, mas CEN os traduziu por <i>carrapatos</i> . Ao fazer isso, troca carrapato por <i>pernilongo</i> na

	ants , biting flies, ticks , wasps, bees were a perpetual torment. (p. 302)	maribondos e abelhas constituíam um infundável tormento. (p. 195)	Formigas venenosas , mutucas, pernilongos , carrapatos, maribondos, abelhinhas eram tormento permanente. (p. 305)	frase seguinte (TR não o menciona, somente ao carrapato na segunda frase)
9.40	On this day a strange and terrible tragedy occurred. One of the camaradas, a man of pure European blood , was the man named Julio, of whom I have already spoken. He was a very powerful fellow and had been importunately eager to come on the expedition; and he had the reputation of being a good worker. But, like so many men of higher standing , he had had no idea of what such an expedition really meant , [...] (p. 302)	Naquele dia aconteceu uma imprevista e horrível tragédia. Um dos camaradas era o de nome Júlio, descendente de gente branca , e do qual já falei. Tratava-se de um homem forte, reputado bom trabalhador, e que havia pedido com insistência para nos acompanhar. Entretanto, como tantos outros camaradas dispostos , ele não fazia a menor idéia do que fosse aquela expedição, [...] (p. 195)	Nesse dia ocorreu uma tragédia singular e terrível. Um dos camaradas, por nome Julio, de puro sangue branco e a cujo respeito já falei, era um robusto indivíduo que insistira de modo importuno em ir com a expedição, gozando bom nome como trabalhador. Mas, como tantos outros de classe mais elevada que a sua, não fazia idéia do quanto importava essa expedição em sacrifícios , [...] (p. 305)	Curioso como ambos traduziram <i>sangue europeu</i> por <i>branco</i> , ou <i>puro sangue branco</i> , sendo que TR já havia mencionado (inclusive, quando falava sobre Júlio), que há a “tez azeitonada” da gente do sul europeu. TR disse que Julio e sua falta de noção sobre os trabalhos era porque ele pertencia a outra classe social, MA o coloca entre os <i>camaradas dispostos</i> . Tal falta de compreensão é traduzida como sacrifícios por CEN
9.41	He [Julio] threw all his tasks on his comrades; and, moreover, he stole their food as well as ours. On such an expedition the theft of food comes next to murder as a crime, and should by rights be punished as such. (p. 303)	Ele [Julio] deixava sempre sua tarefa para os companheiros e ainda furtava suas rações, o que, aliás, fazia até conosco. Nas circunstâncias em que nos encontrávamos, o furto de alimento é classificado, na escala criminal, logo abaixo do assassinio e passível de idêntica punição. (p. 195)	Deixava sua tarefa para ser feita pelos companheiros, ainda por cima furtando-lhes os alimentos assim como o nosso. Numa expedição daquelas o furto de alimentos é crime somente inferior ao assassinio, e, pelo direito, deveria como tal ser punido. (p. 306)	Os tradutores criaram uma “escala do crime”, mas TR diz que o furto de alimentos é comparável ou próximo do assassinato em uma expedição como aquela.
9.42	One of our best men was a huge negro named Paixao - Paishon - a corporal and acting sergeant in the engineer corps. He had, by the way, literally torn his trousers to pieces, so that he wore only the tatters of a pair of old drawers until I gave him my spare trousers when we lightened loads. He was a stern disciplinarian . One evening he detected Julio stealing food and smashed him in the mouth. Julio came crying to us, his face working with fear and malignant hatred ; but after	Entre os nossos bons camaradas havia um negro forte, que se chamava Paixão (Pashon – diríamos nós) e que era cabo, mas servia como sargento no Batalhão de Engenharia. Tinha ele, digamos de passagem , rasgado totalmente as calças , de maneira que usava apenas um farrapo, até que eu lhe dei as que trazia de sobressalente, na ocasião da restrição da bagagem. Era carrancudo e disciplinado . Certa noite descobriu Júlio furtando comida e lhe deu um soco na boca. Júlio veio queixar-se com a fisionomia	Um de nossos melhores homens era um negro reforçado, de nome Paixão (pronuncia-se Paishon), cabo de esquadra que servia como sargento no batalhão de engenheiros. Tinha ele, por sinal , a calça reduzida a frangalhos, andando só com um par de ceroulas velhas, até que eu lhe dei as minhas de sobressalente, quando reduzimos as bagagens. Era severo observador da disciplina , e, tendo apanhado, uma tarde, Julio a furtar comida, esmurrou-o na	A pronúncia do nome, que TR informa a seu leitor americano, foi mantida nas duas traduções. MA teve pudor ao traduzir por calças as ceroulas usadas por Paixão? MA traduz <i>severo</i> por <i>carrancudo</i> , o que pode causar antipatia do leitor em relação a Paixão. Severidade e disciplina eram necessárias naquela ocasião, mas não significa que a pessoa esteja sempre de cara fechada/mau humor

	investigation he was told that he had gotten off uncommonly lightly. (p. 303)	transtornada de ódio ; porém após as necessárias investigações foi-lhe dito que não tinha absolutamente razão. (p. 195-96)	boca. Julio foi ter conosco, queixando-se, contraídas as feições, de medo e odio perverso ; mas, investigado o caso, foi-lhe declarado que ele recebeu castigo muito brando. (p. 306)	O medo “sumiu” da face de Júlio em MA
9.43	By this time we had reached the place where the canoes were tied to the bank and then taken down one at a time. We were sitting down, waiting for the last loads to be brought along the trail. (p. 304)	Nesta ocasião havíamos atingido o local da barranca em que as canoas se encontravam amarradas para em seguida serem descidas, uma de cada vez. Estávamos sentados, aguardando a chegada das últimas cargas. (p. 196)	Nessa ocasião havíamos chegado ao lugar onde as canoas estavam amarradas ao barranco e em seguida foram sendo descidas. (p. 306)	As frases foram “sumindo” em cada uma das traduções
9.44	Julio came in, put down his load, picked up the carbine, and walked back on the trail , muttering to himself but showing no excitement. We thought nothing of it, for he was always muttering; and occasionally one of the men saw a monkey or big bird and tried to shoot it, so it was never surprising to see a man with a carbine. In a minute we heard a shot; and in a short time three or four of the men came up the trail to tell us that Paishon was dead, having been shot by Julio, who had fled into the woods. Colonel Rondon and Lyra were ahead; I sent a messenger for them, directed Cherrie and Kermit to stay where they were and guard the canoes and provisions, and started down the trail with the doctor - an absolutely cool and plucky man, with a revolver but no rifle - and a couple of the camaradas. (p. 304)	Em seguida veio Júlio com a sua, pô-la junto das outras, apanhou a carabina e voltou resmungando, porém, sem denotar qualquer excitação. Não nos preocupamos com o fato, pois que ele estava constantemente resmungando e como, vez por outra, um ou outro camarada via um macaco ou um pássaro grande e procurava matá-lo, não nos causou estranheza o ter ele apanhado a carabina. Não demorou um minuto e ouvimos um tiro; e daí a pouco três ou quatro homens, vieram nos participar que Paixão estava morto, assassinado por Júlio, que fugira para o mato. O coronel e o Ten. Lira se encontravam mais adiante; despachei-lhes um mensageiro e determinei a Cherrie e Kermit que permanecessem onde se achavam , a fim de resguardarem as canoas e provisões, e segui com o médico – cidadão absolutamente calmo e corajoso e que trazia como defesa, apenas, um revólver – e mais quatro camaradas. (p. 196)	Julio chegou, arriou sua carga, apanhou a carabina e voltou para a picada resmungando, mas sem mostrar exaltação. O fato não nos causou estranheza, pois estava sempre a resmungar; e por vezes algum dos homens via um macaco ou uma ave grande e procurava matá-los, de modo que não era surpresa ver um homem armado. Um minuto depois ouvimos um tiro, e logo em seguida tres ou quatro camaradas chegaram a correr pela picada , contando que Paixão estava morto, atirado por Julio. O coronel Rondon e Lira achavam-se à frente; mandei avisá-los, deixei Cherrie e Kermit onde estavam , vigiando as canoas e provisões, e segui pela picada com o médico — homem calmo em absoluto , armado de revolver, mas sem carabina — e dois camaradas. (p. 306-07)	O assassinato que ocorreu na expedição começa a ser narrado aqui por TR. Todo o passo a passo é detalhadamente explicado por ele, mas em MA perde-se que Julio voltou pela trilha (fica vago para onde ele foi) e também que os camaradas voltaram por ela para avisar os superiores O leitor de CEN fica sem saber para onde Julio foi (desapareceu na mata) TR, como um dos comandantes, orienta/determina que Cherrie e Kermit ficassem no local onde estavam, não os <i>deixou</i> (CEN) lá simplesmente sem aviso ou ordens coordenadas por ele TR seguiu com o médico <i>pela trilha</i> (e não sem rumo, aparentemente, pela mata, como em MA) e mais dois camaradas (MA fala em quatro)

9.45	We soon passed the dead body of poor Paishon . He lay in a huddle, in a pool of his own blood, where he had fallen , shot through the heart. I feared that Julio had run amuck , and intended merely to take more lives before he died, and that he would begin with Pedrinho, who was alone and unarmed in the camp we had left . (p. 304-05)	Logo adiante passamos pelo cadáver do pobre Paixão . Estava em desalinho, numa poça de sangue, com o coração transpassado por bala. Receava que Júlio seguisse à cata de outros camaradas, no intuito de os matar, antes que fosse também morto, e que naturalmente , começasse por Pedrinho, que permanecia só e desarmado no local do acampamento que havíamos abandonado . (p. 196)	Logo passamos pelo cadaver de Paixão. Jazia emborcado num charco de sangue no lugar onde caira trespassado no coração. Eu temia que Julio houvesse enlouquecido e pretendesse fazer mais vítimas, antes de morrer, começando por Pedrinho, que estava só e desarmado no acampamento. (p. 307)	O sentimento de compaixão pelo morto (<i>poor Paishon</i>) fica apagado em CEN O temor de TR era de que o assassino estivesse enfurecido (CEN) e voltasse (naturalmente, comentário conclusivo adicionado em MA) para matar Pedrinho, que estava absolutamente sozinho no acampamento abandonado pelos outros homens (detalhe apagado em CEN)
9.46	Accordingly I pushed on, followed by my companions , looking sharply right and left; but when we came to the camp the doctor quietly walked by me, remarking, "My eyes are better than yours, colonel; if he is in sight I'll point him out to you , as you have the rifle." (p. 305)	Por essa razão, apressei os passos, seguido pelos companheiros , perscrutando de um lado e de outro; porém, quando chegamos ao local do acampamento, o médico se adiantou calmamente para mim e observou: "Tenho a vista mais forte do que o senhor, coronel; se ele estivesse por aqui, eu já lho havia apontado para que o senhor atirasse." (p. 196)	Assim, prossegui com os meus companheiros , olhando atento para todos os lados; mas, quando chegamos ao acampamento, o médico, tranquilo, dirigiu-se a mim, dizendo: "Minha vista é melhor que a sua, coronel; se ele aparecer eu lho mostrarei , pois o senhor está com carabina". (p. 307)	A união de todos para capturar o homicida e o sentimento de irmandade é expresso em <i>my companions</i> (apagado em MA) O clima de tensão sobre o destino de Julio fica no ar, e o tempo verbal expresso por TR, de que <i>se ele aparecesse</i> , o médico <i>lhe mostraria</i> , para atirar, ficou semelhante em CEN (o mistério e a preocupação continuam no ar, para o leitor)
9.47	However, he was not there , and the others soon joined us with the welcome news that they had found the carbine . The murderer had stood to one side of the path and killed his victim, when a dozen paces off, with deliberate and malignant purpose . Then evidently his murderous hatred had at once given way to his innate cowardice; and, perhaps hearing some one coming along the path, he fled in panic terror into the wilderness. (p. 305)	Entretanto, o assassino não se achava ali , e, logo em seguida, os outros homens vieram ao nosso encontro com a boa notícia de que haviam encontrado a carabina . Júlio se postara ao lado do caminho e aguardara, deliberadamente, que sua vítima se aproximasse até a uns doze passos de distância. Praticado o crime, naturalmente, seu ódio assassino foi substituído por inata covardia, e, talvez, ouvindo o ruído de passos de alguém que se aproximava, fugiu pela mata, espavorido. (p. 196)	Todavia, não o achamos , e os outros logo nos alcançaram com a boa notícia de haverem encontrado a arma homicida . O assassino ficara de tocaia , na picada, e matara sua vítima quando esta chegara a alguns passos de distancia, com premeditação deliberada e maligna . Seu odio mortal, então evidente, cedeu o passo à covardia inata, e, ouvindo talvez alguém vir pela picada, tomou-se de terror e afundou na mataria. (p. 307)	TR afirma que Julio <i>não estava ali</i> , e CEN diz <i>não o achamos</i> (parece que pode reaparecer a qualquer momento, que ainda estivesse à espreita) A <i>carabina</i> fora encontrada (alívio para todos), em CEN ela não é uma simples arma, é enfatizada como uma <i>arma homicida</i> Ficar de tocaia (CEN) é uma expressão popular que representa bem a intenção perversa do assassino, e sua premeditação deliberada e maligna

				(reforça no leitor a crueldade de Julio) fica apagada em MA
9.48	A tree had knocked the carbine from his hand. His footsteps showed that after going some roads he had started to return, doubtless for the carbine, but had fled again, probably because the body had then been discovered. It was questionable whether or not he would live to reach the Indian villages, which were probably his goal . He was not a man to feel remorse — never a common feeling ; but surely that murderer was in a living hell , as, with fever and famine leering at him from the shadows, he made his way through the empty desolation of the wilderness . (p. 305)	A carabina caiu de sua mão ao bater numa árvore. Suas pegadas demonstravam que, após ter avançado alguns metros, tentou voltar, com certeza para apanhar a carabina, porém resolveu prosseguir na fuga, provavelmente porque o cadáver já havia sido encontrado. Admitia-se a hipótese de haver ele se dirigido para a aldeia dos índios, o que era mais provável . Não era homem para ter remorsos – nem qualquer outro sentimento –, porém evidentemente, aquele assassinio fora praticado em condições tétricas, dada a ameaça da fome e da febre, caso se embrenhasse nas selvas . (p. 196-97)	Uma árvore lhe havia arrancado das mãos a carabina. Suas pegadas indicaram que após poucas dezenas de metros, voltara, sem dúvida à procura da arma, mas fugira de novo, certamente porque então o corpo da vítima já fora encontrado. Era um problema saber se ele conseguiria ou não atingir vivo as aldeias dos índios, seu objetivo provavel . Não era ele individuo acessível ao remorso, que nunca é sentimento vulgar ; mas, era indubitável que o matador estaria num inferno vivo , com a fome e a febre a espreitar-lhe os passos, enquanto ele abria caminho pela vasta desolação do matagal . (p. 307-08)	<i>It was questionable</i> assume mais uma pontuação de dúvida de TR em relação às chances de Julio chegar a uma aldeia vivo que um problema (CEN). MA já assume que ele havia se dirigido à aldeia, que isso seria o mais provável, como meio de refúgio, sem as ponderações de TR sobre ser, de fato, o objetivo do assassino e sua capacidade de sobrevivência até essa chegada. MA o retrata ainda mais cruel do que TR: era incapaz de sentir remorso ou <i>qualquer outro sentimento</i> Julio estaria, sob tais condições, vivendo um inferno em vida (living hell), como em eterna agonia (apagado em MA), reforçado pela palavra <i>selvas</i> (muito maior e devastadora que <i>matagal</i> , em CEN). MA na última frase parece “justificar” o crime de Julio, como se, por conta da ameaça da fome e da febre, tivesse matado Paixão, e não foram essas as palavras de TR
9.49	Franca, the cook, quoted out of the melancholy proverbial philosophy of the people the proverb: "No man knows the heart of any one"; and then expressed with deep conviction a weird ghostly belief I had never encountered before: "Paishon is following Julio now, and will follow him until he dies ; Paishon fell forward on his	França, o cozinheiro, arriscou o provérbio da filosofia popular: “Quem vê cara não vê coração” e em seguida se manifestou, com profunda convicção, através de cabalística credence que eu nunca ouvira antes: “Paixão agora está seguindo Júlio e o perseguirá até a morte ; quando ele caiu para morrer fê-lo sobre as mãos e joelhos, e quando um	França, o cozinheiro, citando um provérbio que provem da triste filosofia do povo, dizia: “Ninguém conhece o coração dos outros”; e em seguida afirmava com funda convicção, com uma crença entranhada no supranatural, que até então eu nunca encontrara: “O Paixão está seguindo Julio agora, e o seguirá	Conforme a crença explicada por França, o leitor de MA fica com a impressão de que Paixão buscará vingança (imediate ou próxima) de seu assassino, causa até uma tensão no leitor; já o de CEN, que se aproxima do sentido expresso por TR, que Paixão estará para sempre

	hands and knees, and when a murdered man falls like that his ghost will follow the slayer as long as the slayer lives. " (p. 304-05)	assassinado cai desse jeito seu espírito perseguirá o assassino até morrer. " (p. 197)	sempre, até Julio morrer; Paixão caiu de bruços, sobre as mãos e os joelhos, e, quando um morto cai assim, sua alma acompanha o assassino enquanto este viver ". (p. 308)	acompanhando Julio, até o dia de sua morte, não necessariamente <i>atuando das sombras</i> para buscar <i>reparação</i>
9.50	We did not attempt to pursue the murderer. We could not legally put him to death , although he was a soldier who in cold blood had just deliberately killed a fellow soldier. (p. 306)	Não fomos à procura do assassino. A lei não nos permitia passá-lo pelas armas , apesar de se tratar de um soldado que, de sangue-frio, deliberadamente, matara outro soldado. (p. 197)	Não tentamos perseguir o criminoso. Não podíamos legalmente matá-lo , embora fosse ele um soldado que a sangue-frio e premeditadamente assassinara um colega. (p. 308)	MA prefere o eufemismo <i>passar pelas armas</i> para expressar a queixa de TR sobre não poderem legalmente executar Julio, caso fosse encontrado
9.51	He could not be shackled while climbing along the cliff slopes; he could not be shackled in the canoes, where there was always chance of upset and drowning; and standing guard would be an additional and severe penalty on the weary, honest men already exhausted by overwork. (p. 306)	[...] não poderia ficar agrilhado às canoas onde seria fácil fazê-las soçobrar, morrendo ele afogado. Além disso, a manutenção de guarda sobre ele redundaria numa obrigação a mais para aqueles pobres homens já exaustos de tanto trabalho. (p. 197)	[...] Não poderia, algemado, subir e descer as ladeiras pedregosas; nem ficar algemado nas canoas, onde os riscos de afogamento, pelo fato de alguma canoa virar, estavam sempre presentes. A vigilância a um preso seria um severo castigo adicional para os pobres homens fieis já tão fatigados pelo excesso de trabalho. (p. 309)	TR pondera sobre os sacrifícios de se levar Julio como prisioneiro, naquelas condições. MA apaga que, algemado, dificultaria sua subida pelos penhascos que teriam de transpor à frente. Causaria uma obrigação <i>severa</i> (apagada em MA) e a mais para os trabalhadores
9.52	For the two days following we were always on the watch against his return, for he [Julio] could have readily killed some one else by rolling rocks down on any of the men working on the cliff sides or in the bottom of the gorge. (p. 306)	Durante os dois dias que se seguiram, mantivemo-nos em constante espreita, aguardando sua volta [Julio], pois que poderia facilmente sacrificar outro homem, empurrando-o pela ribanceira ou no fundo da garganta , no momento em que se estivesse empenhado no trabalho. (p. 197)	Nos dois dias seguintes estivemos sempre precavidos contra sua volta, pois poderia com facilidade matar mais alguém rolando grandes pedras sobre qualquer dos homens que trabalhavam nas faldas pedregosas ou no fundo da garganta. (p. 309)	MA altera uma das possibilidades de Julio se vingar dos camaradas. TR fala em atirar pedras, que é traduzido como <i>empurrando da ribanceira</i> , mas para isso ele deveria se aproximar e correr o risco de ser pego pelos outros
9.53	[TR answered that] [...] Colonel Rondon, was the superior officer of both the murderer and of all the other enlisted men and army officers on the expedition, and in return was responsible for his actions to his own governmental superiors and to the laws of Brazil; and that in view of this responsibility he must act as his sense of duty bade him. (p. 307)	[TR respondeu que] [...] Cel. Rondon, como superior hierárquico de ambos, assassino e assassinado , e de todos os oficiais e homens alistados para a expedição, e como, por outro lado, tivesse que dar satisfação de seus atos ao governo e cumprir as leis do país, deveria agir conforme determinassem a sua consciência e seu dever. (p. 198)	[...] coronel Rondon, era o oficial comandante tanto do assassino como de todas as praças e oficiais do exército da expedição , sendo por sua vez responsável perante seus próprios chefes e perante as leis do Brasil ; e que, em face dessa responsabilidade, devia ele proceder como lhe ditasse o sentimento do dever. (p. 310)	Rondon era o superior <i>tanto do assassino quanto dos outros homens alistados</i> (MA enfatiza assassino e assassinado, para impactar mais o leitor) e a ele caberia a decisão

<p>9.54</p>	<p>After we found that Julio had fled, we returned to the scene of the tragedy. The murdered man lay with a handkerchief thrown over his face. We buried him beside the place where he fell. With axes and knives the camaradas dug a shallow grave while we stood by with bared heads. Then reverently and carefully we lifted the poor body which but half an hour before had been so full of vigorous life. Colonel Rondon and I bore the head and shoulders. We laid him in the grave, and heaped a mound over him, and put a rude cross at his head. We fired a volley for a brave and loyal soldier who had died doing his duty. Then we left him forever, under the great trees beside the lonely river. (p. 307)</p>	<p>Depois de verificarmos que Júlio havia fugido, retornamos ao local da tragédia. O assassinado jazia com um lenço cobrindo a face. Enterramo-lo junto ao local em que caíra morto. Os camaradas abriram uma cova rasa com machados e facas, enquanto nós outros permanecemos ao lado, com a cabeça descoberta. Em seguida, com todo respeito descemos o pobre corpo à sepultura, aquele mesmo corpo que, meia hora antes, ainda se achava estuante de vida e de vigor! O coronel e eu o seguramos na cabeça e nos ombros, depositando-o na cova, sobre a qual colocamos uma cruz tosca, no ponto em que se achava a cabeça. Demos uma salva de tiro como última homenagem àquele soldado leal e bravo, morto no cumprimento do dever. Em seguida deixamo-lo ali, para sempre, sob a copa de grandes árvores, ao lado do rio solitário... (p. 198)</p>	<p>Quando verificamos ter fugido o criminoso, regressamos ao local do delito. O morto estava com um lenço a cobrir-lhe o rosto. Foi sepultado junto ao lugar em que caiu. Os camaradas cavaram a machado e facões uma cova rasa, e, com todo o respeito e carinho, ali depositamos o corpo que apenas meia hora antes estava tão cheio de vida. Eu e o coronel Rondon o levantamos, depositando-o no túmulo. Uma crúz ficou assinalando esse lugar, e demos uma salva de tiros em honra ao bravo e leal soldado que caíra no cumprimento do dever. Deixâmo-lo em seguida, para sempre, sob a abóbada das grandes árvores, junto ao rio solitário. (p. 310)</p>	<p>A despedida do sargento assassinado é cercada de detalhes, respeito e profundo pesar na narrativa de TR. Todos estavam reunidos ao redor de Paixão no momento do enterro. TR fala de forma ativa: <i>enterramo-lo</i>, não que <i>foi enterrado/sepultado</i> (como em CEN), pois sentiam realmente compaixão pela perda daquela vida, prestando homenagens sem os chapéus, em sinal de respeito (detalhe apagado em CEN). Rondon e TR seguram o corpo pela cabeça e ombros, para descer à cova (apagado em CEN). Sinalizaram a cova com um monte e uma cruz tosca sobre a cabeça, detalhes que também se perdem nas traduções.</p>
<p>9.55</p>	<p>I now had a sharp attack of fever, but thanks to the excellent care of the doctor, was over it in about forty-eight hours; but Kermit's fever grew worse and he too was unable to work for a day or two. [...] A good doctor is an absolute necessity on an exploring expedition in such a country as that we were in, under penalty of a frightful mortality among the members; and the necessary risks and hazards are so great, the chances of disaster so large, that there is no warrant for increasing them by the failure to take all feasible precautions. (p. 309)</p>	<p>Nesta ocasião fui acometido de sério ataque de febre, que, graças à dedicação do médico, foi atalhado em quarenta e oito horas; entretanto, Kermit piorou e teve de ficar dois ou três dias sem trabalhar, [...] Um bom médico é indispensável em expedições como esta, dada a natureza perigosa da região e a ameaça de terrível mortalidade entre seus componentes; além disto, os riscos de acidentes e desastres são tão grandes que os meios de evitá-los se apresentam inoperantes, apesar de todas as precauções. (p. 198)</p>	<p>Tive um acesso agudo de febre, porem, graças ao excelente tratamento do médico, fiquei livre dela em quarenta e oito horas; mas a febre de Kermit piorou e o impediu de trabalhar por uns dois dias. [...] Um bom médico é de absoluta necessidade numa expedição exploradora em zona como a que percorríamos, sob pena de pavorosa mortandade em seus componentes; os riscos e acasos inevitáveis são tão numerosos, e as possibilidades de desastres tão frequentes, que não ha justificação em aumentá-los, pela</p>	<p>TR sempre manifestou o mais profundo apreço pelos cuidados e tratamentos do médico Cajazeira na expedição; não fosse sua presença, talvez TR nem tivesse saído vivo após a infecção que teve na perna, durante a jornada. A ênfase do <i>excellent care</i> não é bem expressa em MA (foi uma <i>dedicação</i>, apenas), e também em MA a doença inutilizou seu filho Kermit por mais dias (dois ou três, quando na verdade foram um ou dois). Na última frase, TR fala em precaução quanto a riscos evitáveis, enquanto</p>

			omissão de quaisquer possíveis precauções. (p. 310)	MA parece passar a ideia de que, mesmo com medidas de prevenção de riscos, as mesmas são inoperantes.
9.56	[...] over a month's uninterrupted work of the hardest kind in getting through the long series of rapids we had just passed; and a long further delay, accompanied by wearing labor, would have almost certainly meant that the weakest among our party would have begun to die . There were already two of the camaradas who were too weak to help the others , their condition being such as to cause us serious concern. (p. 309-10)	[...] havia mais de um mês que vinham realizando trabalhos pesados e ininterruptos na travessia dos rápidos, e maiores delongas, acrescidas de esforços estafantes, provocariam, não há dúvida, a morte daqueles que se achavam em condições mais precárias. Havia já dois camaradas cujo estado de fraqueza era motivo de séria apreensão de nossa parte. (p. 199)	[...] um mez de trabalho ininterrupto, da peor especie, para vencer longa serie de encachoeirados que acabávamos de passar. Uma grande demora a mais, acompanhada de esforço estafante, teria quasi pela certa significado que os mais fracos da comitiva começariam a perecer . Já tínhamos dois camaradas por demais enfraquecidos para auxiliarem os outros , sendo tal seu estado, que nos causava serias apreensões. (p. 312)	Eufemismo para morte, <i>começar a perecer?</i> Os dois camaradas enfraquecidos não estavam em condições de <i>ajudar</i> os outros trabalhadores, mas parece em MA que mal podiam se manter em pé
9.57	However, the hills gradually sank into a level plain, and the river carried us through it at a rate that enabled us during the remainder of the day to reel off thirty-six kilometres, a record that for the first time held out promise . (p. 310)	Todavia, as colinas começaram a desaparecer, gradativamente, até se confundirem com a planície e conseguimos avançar rio abaixo, numa velocidade até ali impraticável, vencendo, durante o resto do dia, trinta e seis quilômetros, o que foi um record . (p. 199)	No entanto, os morros gradativamente se foram transformando em planície nivelada e o rio nos conduziu através dela com uma velocidade que nos permitiu registrar trinta e seis quilômetros no resto do dia. (p. 312)	CEN apaga a celebração de TR sobre o recorde quebrado naquele dia, visto o lento avanço registrado anteriormente.
9.58	It was extraordinary to realize that here about the eleventh degree we were on such a big river, utterly unknown to the cartographers and not indicated by even a hint on any map. (p. 310)	Parecia impossível que ali, quase a 11° de latitude, existisse um largo rio, completamente ignorado pelos cartógrafos, sem qualquer indicação ou mesmo um pequeno traço, nos mapas. (p. 199)	Era extraordinario verificar que na latitude de onze graus corria um grande rio inteiramente desconhecido dos cartógrafos, que não vinha indicado nem por sombra em qualquer mapa. (p. 313)	TR descreve, maravilhado, sobre a grandeza de um rio ignorado nos mapas (<i>extraordinário</i>); enquanto em MA parece mais que está tomado de assombro (<i>impossível</i>)
9.59	We named this big tributary Rio Cardozo, after a gallant officer of the commission who had died of beriberi just as our expedition began. (p. 310)	Demos a este grande tributário o nome de rio Cardozo, em homenagem ao bravo oficial da Comissão Telegráfica que havia morrido de beribéri justamente no início de nossa expedição. (p. 199)	Chamamos a esse grande afluente rio Cardozo, em homenagem a um bravo oficial da Comissão que falecera exatamente ao iniciarmos a expedição. (p. 313)	A causa de morte do oficial Cardoso fica esquecida em CEN
9.60	They had also caught a huge siluroid fish, which furnished an excellent meal for everybody in camp. [...] The huge catfish which the men had caught was over three	Nessa inspeção conseguiram pescar um enorme bagre , que forneceu excelente refeição para todos nós. [...] O grande silurídeo pescado pelos homens contava	Tinham apanhado um grande peixe siluroide , que forneceu uma excelente refeição a toda a turma. [...] O enorme siluroide que os homens tinham	CEN acaba por escrever duas vezes um neologismo ao tentar aporuguesar a palavra <i>siluroide</i> ; seria na verdade <i>silurídeo</i> (essa, sim, consta no

	feet and a half long, [...] in the lower Madeira and the part of the Amazon near its mouth there is a still more gigantic catfish [...] (p. 311)	mais de um metro de comprimento, [...] no baixo Madeira e em parte do Amazonas, nas proximidades de sua foz, existe uma variedade desse silurídeo [...] (p. 199-200)	apanhado media metro e tanto de comprido, [...] no baixo Madeira e no trecho do Amazonas adjacente à sua foz, existe um siluro ainda mais gigantesco, [...] (p. 313)	dicionário). Só na terceira tentativa é que escreve <i>siluro</i> , acepção também possível para os peixes do gênero <i>Silurus</i>
9.61	It is called the piraiba – pronounced in four syllables. (p. 311)	É denominado “piraíba”, com acento no último i. (p. 200)	Seu nome é piraiba – pronunciado com quatro sílabas. (p. 314)	CEN prefere manter a literalidade de TR quanto à observação da divisão silábica da palavra, já MA orienta ao leitor sobre a acentuação.
9.62	He said that swimmers feared it [piraiba] even more than the big cayman, because they could see the latter, whereas the former lay hid at the bottom of the water. Colonel Rondon said that in many villages where he had been on the lower Madeira the people had built stockaded enclosures in the water in which they bathed, not venturing to swim in the open water for fear of the piraiba and the big cayman. (p. 312)	[...] os banhistas se mostravam mais receosos desse peixe [piraiba] do que dos grandes jacarés, por isso que estes se deixam ver facilmente, ao passo que a piraíba vive escondida no fundo do rio. O Cel. Rondon contou também que, em várias povoações do baixo Madeira em que tinha estado, o povo, para poder tomar banho, construía currais dentro d’água, a fim de se defender das piraibas e dos jacarés. (p. 200)	[...] os nadadores temem-no mais do que ao jacaré, pois a este podem ver, e não à piraiba, que fica oculta na profundidade das aguas. O coronel Rondon nos contou que, nas cidades do baixo Madeira, o povo construiu estacadas nas aguas em que se banhavam, não se aventurando a nadar nas aguas livres , de medo à piraiba e ao jacaré. (p. 314)	O detalhe das populações ribeirinhas que não se arriscavam a nadar no rio (fora do cercado), por medo da piraíba, fica apagado em MA
9.63	[breakfast/almoço] Cherrie killed three monkeys and Lyra caught two big piranhas, so that we were again all of us well provided with dinner and breakfast. (p. 312)	Cherrie matou três macacos e o Tte. Lira pescou duas grandes piranhas, de maneira que tivemos, novamente, provisão para o jantar e o almoço do dia seguinte. (p. 201)	Cherrie matou tres macacos e Lira pescou duas grandes piranhas, de modo que mais uma vez tivemos um jantar e um almoço muito bons. (p. 315)	Mais uma ocorrência de <i>breakfast</i> como almoço.
9.64	How I longed for a big Maine birch-bark , such as that in which I once went down the Mattawamkeag at high water! (p. 313)	Como eu suspirava por uma daquelas jangadas do Maine , com que certa vez descí o Mattawankeag na época das cheias! (p. 201)	Como suspirava eu por uma grande canoa de casca de bétula, lá do Maine , como aquela em que uma vez descí o Mattawankeag em plena enchente! (p. 315)	A embarcação da qual TR fala, típica do estado americano do Maine, se assemelha mais a uma canoa ¹⁸¹ que a uma jangada
9.65	In the afternoon we got an elderly toucan, a piranha, and a reasonably edible side-necked river-turtle ; so we had fresh meat	À tarde conseguimos um tucano já bem velho, uma piranha e uma boa quantidade de jabutis , que constituíram novas rações de	À tarde, apanhamos um tucano, uma piranha e uma tartaruga fluvial, de pescoço torto, razoavelmente comível,	A salada descritiva de TR sobre <i>uma</i> tartaruga virou só <i>uma boa quantidade de jabutis</i> em MA (bem

¹⁸¹ Vídeo com a canoa descrita por TR em: <https://www.youtube.com/watch?v=wwItUGW9VHM>

	again. We slept as usual in earshot of rapids. (p. 313)	carne fresca. Dormimos como de costume, nas proximidades dos rápidos. (p. 201)	e assim tivemos outra vez carne fresca. Dormimos como de costume ao rumor das corredeiras. (p. 315)	conciso, apesar de espécies diferentes!); CEN tentou, mas ficou bem estranha a tradução... Já <i>earshot of rapids</i> é como uma descrição de um som costumeiro para eles (seria agradável, ou só estavam habituados?), então, CEN se parece mais com o sentido que TR quis dizer ao leitor
9.66	Rapids are by far the most dangerous enemies of explorers and travellers who journey along these rivers. (p. 313)	[...] por entre rápidos seguidos e que constituem os maiores entraves aos exploradores e desbravadores desses rios. (p. 201)	Estas são os mais perigosos inimigos dos exploradores e viajantes que percorrem aqueles rios. (p. 315-16)	Em trechos anteriores, TR faz distinções entre exploradores (que exploram/estudam caminhos desconhecidos), desbravadores (pioneiros de alguma colônia/assentamento) e os meros viajantes, que percorrem o caminho já aberto por outros.
9.67	Then we came to another set of rapids , carried the baggage down past them, [...] (p. 314)	Em seguida atingimos outros rápidos , atravessamo-los carregando a bagagem [...] (p. 201)	E chegamos a outra serie de encachoeirados , onde baldeamos as bagagens [...] (p. 316)	Outros <i>rápidos</i> (espaçados?) não passa a mesma imagem de <i>uma série</i> deles, que podem apresentar muito mais dificuldades de transpor, como TR relatou
9.68	[breakfast/almoço] This day we caught twenty-eight big fish, mostly piranhas, and everybody had all he could eat for dinner, and for breakfast the following morning. (p. 314-15)	Nesse dia pescamos vinte e oito peixes bem grandes, na maioria piranhas, e todo mundo se fartou ao jantar e no almoço do dia seguinte. (p. 202)	Nesse dia pescamos vinte e oito peixes grandes, na maior parte piranhas, e todos comeram à farta ao jantar e ao almoço da manhã seguinte. (p. 317)	Outra ocorrência de <i>breakfast</i> como <i>almoço</i>
9.69	The forenoon of the following day was a repetition of this wearisome work; but late in the afternoon the river began to run in long quiet reaches. [...] We passed a little river which entered on our left . We ran two or three light rapids, and portaged the loads by another. (p. 315)	A maior parte do outro dia foi uma repetição do anterior, porém lá pelo fim da tarde o rio começou a correr normalmente, em grandes extensões. [...] Passamos por um pequeno afluente na margem esquerda . Atravessamos normalmente uns dois ou	A primeira parte da manhã do dia seguinte foi uma repetição daquela cansativa rotina; porém ao fim da tarde o rio começou a correr em longos estirões remansosos. [...] Passamos pela foz de um pequeno rio que entrava pela direita . Passamos por tres corredeiras	MA traduz <i>forenoon</i> como <i>maior parte do outro dia</i> , que passa a ideia ao leitor de que a repetição se deu até perto do fim da tarde, na sequência da narração TR descreve que o afluente que avistaram entrava pela esquerda (CEN

		três rápidos suaves e tivemos de baldear as cargas em um outro. (p. 202)	de pouca importância, e noutra, mais forte , baldeamos as canoas. (p. 317)	diz direita), assim como “coloca” mais cachoeiras no caminho: passamos por três/e outra mais forte
9.70	Accordingly, it was a rather sorry crew that embarked the following morning, April 15. But it turned out a redletter day. The day before, we had come across cuttings, a year old, which were probably but not certainly made by pioneer rubbermen . But on this day -during which we made twenty-five kilometres – after running two hours and a half we found on the left bank a board on a post, with the initials J. A., to show the farthest-up point which a rubber-man had reached and claimed as his own. An hour farther down we came on a newly built house in a little planted clearing; and we cheered heartily . (p. 315-16)	Por isso na manhã seguinte, 15 de abril, a turma embarcou um tanto tristonha e abatida , porém, mais tarde, o dia se transformou em dia de festa. Na véspera tínhamos encontrado algumas incisões nas seringueiras, coisa já de um ano, o que provavelmente teria sido feito por seringueiros desbravadores , mas que não se podia afirmar. Porém, neste dia, em que percorremos vinte e cinco quilômetros durante duas horas e meia , encontramos pregada em um poste na barranca do lado esquerdo, uma tabuleta com as iniciais J. A., assinalando o ultimo ponto atingido por um seringueiro e ao mesmo tempo indicando sua posse. Uma hora mais tarde avistamos uma casa recentemente construída numa clareira com algumas plantações, e respiramos de satisfação . (p. 202)	Em resultado disso, na manhã seguinte, 15 de abril, a tripulação, quando embarcou, estava abatida . Mas aconteceu que essa data ficasse marcada com uma pedra branca. Na vespera tínhamos visto cortes já velhos de um ano, que era provável, mas não absolutamente certo, tivessem sido feitos pelos seringueiros mais avançados . Porém naquele dia — durante o qual percorremos vinte e cinco quilômetros — após duas horas e meia de viagem vimos sôbre a margem esquerda uma taboleta numa estaca, com as iniciais J. A., para indicar o limite superior extremo que um seringueiro atingira, estabelecendo assim o seu direito de posse. Uma hora mais de descida nos levou a uma casa de construção nova, ao centro de uma clareira cultivada; e nostros corações se alegraram fortemente a essa vista . (p. 318)	A tripulação parece em MA ainda mais prostrada que o descrito por TR (sorry): tristonha e abatida Construção frasal ficou melhor em seringueiros-desbravadores; Percorreu 25km durante o dia todo, e não necessariamente em 2h30min, pois seguiram viagem
9.71	Another hour brought us to a similar house where dwelt an old black man , who showed the innate courtesy of the Brazilian peasant . (p. 316)	Outra hora de viagem e eis-nos novamente frente a outra casa idêntica à primeira e na qual morava um preto que logo demonstrou a delicadeza inata do homem do interior do Brasil . (p. 202)	Daí a uma hora chegamos a outra casa semelhante, onde morava um preto velho , que nos recebeu com a cortesia inata do roceiro brasileiro . (p. 318)	O dono da casa aonde chegaram já era idoso (detalhe apagado em MA)
9.72	In mid-afternoon we stopped at another clean, cool, picturesque house of palm thatch. The inhabitants all fled at our approach, fearing an Indian raid; [...] They returned and were most hospitable and	Já ia o sol bem inclinado quando paramos em outra pitoresca, fresca e asseada habitação de palmeira. Os moradores fugiram à nossa aproximação receosos de um ataque de índios, [...] Regressaram	Pelo meio da tarde paramos em outra casa, também limpa, fresca e pitoresca, e coberta de folhas de coqueiro. Os moradores fugiram à nossa aproximação temendo uma correria de índios, [...]	Interessante a forma como MA às vezes de dedica a dar um tom poético às descrições de TR: <i>Já ia o sol bem inclinado</i> .

	communicative; and we spent the night there. Said Antonio Correa to Kermit: "It seems like a dream to be in a house again, and hear the voices of men and women , instead of being among those mountains and rapids." (p. 316)	depois e se mostraram hospitaleiros e comunicativos; e ali passamos a noite. Antônio Correia disse a Kermit: "Parece um sonho nos acharmos novamente dentro de uma casa, ouvindo a voz de homens e mulheres , ao invés do ruído dos rápidos no meio daquelas montanhas!" (p. 203)	Voltaram depois e foram muito hospitaleiros e comunicativos ; e ali passamos a noite. Antonio Correia, dirigindo-se a Kermit, disse: " Parece um. sonho a gente estar dentro de uma casa outra vez, ouvindo a voz de mulheres e crianças , em vez de estar no meio daquelas serranias e cachoeiras!" (p. 318)	Antônio comenta que estava feliz por ouvir vozes de homens e mulheres; CEN diz <i>mulheres e crianças</i> , mas TR não diz se havia crianças nessa casa
9.73	It was astonishing before, when we were on a river of about the size of the upper Rhine or Elbe, to realize that no geographer had any idea of its existence. But, after all, no civilized man of any grade had ever been on it. (p. 317)	Antes, ficáramos admirados de descer um rio mais ou menos igual ao alto Reno ou Elba e que nenhum geógrafo tinha a menor idéia de sua existência. Entretanto, nenhum homem civilizado jamais o encontrara. (p. 203)	Era de surpreender estarmos percorrendo um caudal do porte do alto Reno ou do Elba, e verificar que nenhum cartógrafo tivesse conhecimento de sua existencial Afinal de contas, porem, nenhum civilizado de qualquer classe jamais o perلustrara [...] (p. 319)	TR diz geógrafo/CEN: cartógrafo Agora que já estavam em local habitado e sabiam que nenhum seringueiro tentara subir o rio por medo dos indígenas, TR afirma que <i>nenhum homem civilizado de qualquer classe</i> havia alcançado a proeza da expedição (MA diz nenhum homem civilizado)
9.74	For the first time this great river, the greatest affluent of the Madeira, was to be put on the map; and the understanding of its real position and real relationship, and the clearing up of the complex problem of the sources of all these lower right-hand affluents of the Madeira, was rendered possible by the seven weeks of hard and dangerous labor we had spent in going down an absolutely unknown river, through an absolutely unknown wilderness. At this stage of the growth of world geography I esteemed it a great piece of good fortune to be able to take part in such a feat—a feat which represented the capping of the pyramid	Pela primeira vez este grande rio, o maior afluente do Madeira , foi estudado em todos seus detalhes , após sete semanas de árduo e perigoso trabalho, em região inteiramente desconhecida! E nesta hora em que se tem procurado aumentar os conhecimentos da geografia universal , sinto-me extremamente feliz em haver tomado parte nesta realização, que representa o vértice de uma pirâmide que vem sendo construída, há sete anos, pela Comissão Telegráfica Brasileira! (p. 204)	Pela primeira vez este grande rio, o mais volumoso afluente do Madeira, ia figurar nos mapas, e o conhecimento de sua posição real e suas reais relações, assim como o completo esclarecimento do complexo problema das nascentes de todos esses mais baixos afluentes da margem direita do baixo Madeira , se tornaram possíveis graças às sete semanas de nosso penoso trabalho cheio de perigos, para descer um rio completamente desconhecido, através de um sertão bruto igualmente desconhecido. No estado atual do progresso da geografia universal , considereirei como uma grande ventura o	Faltaram frases em MA: <i>was to be put on the map; and the understanding of its real position and real relationship, and the clearing up of the complex problem of the sources of all these lower right-hand affluents of the Madeira</i> <i>Universal</i> , nas duas traduções, embora pareça exagerado, admite essa acepção (como se fala no contexto geográfico, para o leitor, parece "extrapolar" os limites da Terra ao dizer <i>universal</i> , como se houvesse geografia de outro planeta?)

	which during the previous seven years had been built by the labor of the Brazilian Telegraphic Commission. (p. 318)		haver podido tomar parte em semelhante feito — feito que foi o ápice da grande pirâmide que havia sete anos vinha a Comissão de Linhas Telegráficas erigindo (p. 321)	MA aumenta a <i>sorte grande</i> que TR diz ter ao participar do feito: <i>extremamente feliz</i>
9.75	[...] the leg which had been hurt while working in the rapids with the sunken canoe had taken a turn for the bad and developed an abscess. The good doctor, to whose unwearied care and kindness I owe much, had cut it open and inserted a drainage tube; an added charm being given the operation, and the subsequent dressings , by the enthusiasm with which the piuns and boroshudas took part therein. I could hardly hobble, and was pretty well laid up . But "there aren't no 'stop, conductor,' while a battery's changing ground." (p. 319)	[...] a perna machucada na ocasião em que ajudava a revirar a canoa dentro d'água se agravara, apresentando um abscesso. O bom médico, a quem eu devia inúmeros cuidados e grande dedicação, lancetou o abscesso e colocou-lhe um dreno. A operação foi revestida de especial encanto , pois que os piuns e borrachudos nela tomaram parte com grande entusiasmo! Eu mal podia andar claudicando, mas conseguia manter-me bem em pé . Entretanto, “não há paradas, seu condutor, quando as baterias estão em ação!” (p. 204)	[...] a perna que machucara no serviço de passar canoas nas corredeiras havia piorado, aparecendo um abscesso. O bom medico, a quem muito devo pelo seu incansável cuidado e bondade, abriu-o, colocando um dreno; pelo entusiasmo com que os borrachudos e os piúns participaram deles, a operação e os curativos tiveram um “encanto” adicional. Eu mal podia manquejar, e estava quasi entregue , mas “ não se pode parar, chefe, quando uma bateria muda de posição.” (p. 321-22)	TR fala que trabalhava nas corredeiras com a canoa submersa (para recuperar?) e feriu a perna, que infeccionou TR possivelmente quis fazer trocadilho com <i>dressings</i> : curativo/molho (sangue ou pus) do abscesso na perna, visto que os piuns e mosquitos borrachudos participaram com entusiasmo da cena narrada; nesse caso, os dois tradutores apagaram essa ironia um tanto nojenta...
9.76	When my serious trouble came we had only canoe-riding ahead of us. It is not ideal for a sick man to spend the hottest hours of the day stretched on the boxes in the bottom of a small open dugout under the well-nigh intolerable heat of the torrid sun of the midtropics, varied by blinding, drenching downpours of rain; but I could not be sufficiently grateful for the chance . (p. 320)	Quando meus padecimentos se agravaram, já tínhamos pela frente o caminho desimpedido . Não é interessante para um doente passar as horas mais quentes do dia estirado em cima de caixões, no fundo de uma canoa, sob os raios quase intoleráveis do sol dos trópicos, com alternativas de terríveis chuviros; mas ainda muitas graças tinha de render aos fados! (p. 205)	Quando o serio transtorno me sobreveio, só tínhamos pela frente a viagem de canoas . Não é cousa ideal para um doente passar as horas da canícula estendido sobre as cargas, no fundo de uma canoa descoberta, sob o quasi intolerável dardejar do sol tropical, alternado com bategas cegantes de chuva pesada; mesmo assim, eu não sabia como agradecer a minha boa sorte . (p. 322)	Por o caminho desimpedido (MA) o leitor pode se perguntar “de que?”, quando TR quis dizer viagem só por canoas (sem corredeiras ou baldeações por terra) Canícula: vocábulo rebuscado? (CEN)
9.77	The north was calling strongly to the three men of the north – Rocky Dell Farm to Cherrie, Sagamore Hill to me; and to Kermit the call was stronger still . (p. 320)	A saudade falava bem alto no coração dos três homens do norte: Cherrie suspirava pela sua fazenda de Rocky Dell; eu, por Sagamore Hill, e Kermit, por coisa mais importante! (p. 205)	O Norte estava a atrair fortemente esses tres homens do Setentrião: a fazenda “Rocky-Dell” a Cherrie; “Sagamore Hill” a mim; e a Kermit, noivo ainda com mais força . (p. 322)	Que poética a tradução de MA! <i>Suspirava; saudade!</i> CEN complementa o contexto para o leitor, lembrando que Kermit estava noivo (em MA, não se tem uma pista

				ou ideia do que seja a coisa mais importante)
9.78	Robin and bluebird, meadowlark and song-sparrow, were singing in the mornings at home; the maple-buds were red; windflowers and bloodroot were blooming while the last patches of snow still lingered; the rapture of the hermit-thrush in Vermont, the serene golden melody of the wood-thrush on Long Island, would be heard before we were there to listen. Each man to his home, and to his true love! Each was longing for the homely things that were so dear to him, for the home people who were dearer still, and for the one who was dearest of all. (p. 320)	Pintarroxos e “siálias”, calhandras e pardais-cantores deviam estar gorjeando agora em nossos rincões! As árvores reverdecem; anêmonas e sanguíneas já se acham floridas, enquanto os últimos blocos de neve se vão desfazendo; e não nos era dado ouvir os transbordamentos do “ermitão” em Vermont e a melodia suave e cantante do tordo-da-mata em Long Island! Cada qual ama o solo em que nasceu! E todos nós estávamos saudosos de nossos lares e de nossa gente! (p. 205)	Pintarroxos e alvéolos, calliandras e pardais, estavam cantando pela madrugada em nossa terra; os rebentos de bordo já se achavam vermelhos, as campanulas e sanguíneas já floresciaam, enquanto as derradeiras manchas de neve ainda persistiam; o encanto do tordo eremita no Vermonte, a serena melodia de ouro do tordo dos bosques em Long Island, encheriam o espaço antes de lá estarmos para ouvi-los. Cada um ansiava saudoso pelas cousas familiares que lhe eram tão caras; pelos seus, que lhe eram ainda mais caros, e por Aquela que era de todos a mais querida! (p. 323)	O alívio em saber que o retorno para casa se aproxima é a tônica do desfecho do capítulo. CEN, com sua literalidade mais constante, parece transmitir melhor para o leitor os detalhes das coisas que TR ansiava em reencontrar em casa.

CAPÍTULO X

TO THE AMAZON AND HOME; ZOOLOGICAL AND GEOGRAPHICAL RESULTS OF THE EXPEDITION		EM DIREÇÃO AO AMAZONAS PARA O REGRESSO À PÁTRIA; RESULTADOS ZOOLOGICOS E GEOGRÁFICOS DA EXPEDIÇÃO	RUMO AO AMAZONAS E À PÁTRIA RESULTADOS ZOOLOGICOS E GEOGRÁFICOS DA EXPEDIÇÃO	
SEQ	Charles Scribner’s (1914)	Ministério da Agricultura/MA (1943)	Companhia Editora Nacional/CEN (1944)	Comentários
10.1	Then, on the 19th, we got a canoe from Senhor Barbosa. [...] he lived in a roomy house with his dusky, cigar-smoking wife and his many children. The new canoe was light and roomy, and we were able to rig up a low shelter under which I could lie; I was still sick. At noon we passed the mouth of a big river [...] (p. 321-22)	No dia 19, então, adquirimos, uma canoa de um Sr. Barbosa, [...] Vivia numa casa espaçosa juntamente com sua mulher, que era bem morena e fumava charuto, e numerosa prole. A nova canoa, em que se adaptou um toldo para me servir de abrigo, pois que ainda me achava doente, era maneira e espaçosa. Ao meio-dia cruzamos a foz de um caudaloso rio [...] (p. 207)	E no dia 19 obtivemos uma canoa com o sr. Barbosa. [...] residia numa casa espaçosa, com sua esposa trigueira, que fumava cigarros, e sua numerosa prole. A nova canoa era leve e ampla, de sorte que foi possível armar sobre ela um toldo baixo, sob o qual eu podia repousar, pois ainda estava doente. Pela tarde, passamos junto à foz de um rio volumoso	As duas traduções corrigem o sobrenome do senhor que vendeu a canoa (Barbosa, TR grafa Barbosa) Morena (MA) seria uma atenuação para <i>dusky</i> ? <i>Cigar:</i> traduziu como <i>cigarro</i> em CEN

			que entrava pela esquerda, [...] (p. 324-25)	
10.2	We had already passed many inhabited - and a still larger number of uninhabited - houses. The dwellers were rubber-men, but generally they were permanent settlers also, home-makers, with their wives and children. Some, both of the men and women, were apparently of pure negro blood, or of pure Indian or south European blood; but in the great majority all three strains were mixed in varying degrees. They were most friendly, courteous, and hospitable. [...] (p. 322)	Já havíamos passado por inúmeras cabanas abandonadas e outras habitadas. Seus moradores eram seringueiros, geralmente de residência permanente, com suas mulheres e filhos. Alguns deles, bem como suas companheiras, eram negros puros, outros 100% índios ou ainda de sangue sul-europeu, mas, em regra geral, o que mais se notava, era a miscigenação dessas três raças, em vários graus. Todos se mostravam atenciosos, amigos e hospitaleiros. (p. 207)	Já tínhamos passado bom número de casas habitadas, e ainda maior de casas vazias. Os moradores eram seringueiros, mas geralmente eram habitantes permanentes também, tendo seus lares com esposa e filhos. Alguns, tanto homens como mulheres, mostravam ser de puro sangue negro, ou puro sangue indígena, ou sul-europeu, mas na grande maioria todas as tres raças andavam mescladas em graus diferentes. Eram muito corteses, serviçais e hospitaleiros. (p. 325)	- MA faz troca com os termos <i>(un)inhabited</i> (na verdade encontraram mais casas vazias que habitadas ao longo do rio) e passa a impressão ao leitor de que foram em número semelhante as habitadas e as vazias - TR fala que encontraram seringueiros e colonos pelo caminho (não apenas seringueiros, como em MA). Volta a falar das “categorias de cores”
10.3	They planted patches of mandioc, maize, sugar-cane, rice, beans, squashes, pineapples, [...] (p. 323)	Cultivavam ainda mandioca, milho, cana-de-açúcar, arroz, feijão, abóbora, abacaxi [...] (p. 208)	Plantavam mandioca, milho, cana de açúcar, abóboras, abacaxis, [...] (p. 326)	As plantações de arroz e feijão “sumiram” em CEN
10.4	There is no representative of the government among them—indeed, even now their very existence is barely known to the governmental authorities; and the church has ignored them as completely as the state. When they wish to get married they have to spend several months getting down to and back from Manaus or some smaller city; [...] (p. 323)	Não existe qualquer representante do governo junto deles e sua existência, mesmo agora, é vagamente conhecida das autoridades governamentais: acham-se inteiramente abandonados pela Igreja e pelo Estado. Quando se pretendem casar, são forçados a longas jornadas, gastando meses, até Manaus ou qualquer outra cidade menor [...] (p. 208)	Não ha entre aquela gente representante do governo em verdade, ainda agora até sua própria existência é quasi ignorada pelas autoridades governamentais; e a igreja os tem ignorado tanto como a nação. Quando querem casar-se têm de passar varios meses para irem a Manaus e voltarem, ou a qualquer cidade menos importante; [...] (p. 326)	TR quis dizer que, financeiramente, era muito caro para os seringueiros e para os ribeirinhos casarem, além de demorar muito tempo, pois passavam vários meses <i>indo e voltando</i> para Manaus ou outra cidade menor; MA não esclarece muito esse ponto para seu leitor (várias idas e voltas) e parece que demoram meses de viagem até Manaus/outra cidade; e CEN traduz de forma muito semelhante.
10.5	The small home-maker, who owns the land which he tills with his own hands, is the greatest element of strength in any country. These are real pioneer settlers. They are the true wilderness-winners. No continent is ever really conquered, or	O pequeno lavrador pioneiro, quando proprietário da terra que cultiva com suas próprias mãos, é o maior fator de desenvolvimento de qualquer país. São os verdadeiros colonos e reais conquistadores das selvas. Nunca continente algum foi	O pequeno lavrador, dono da terra que cultiva com o suor de seu rosto, constitue, em todos os países o maior elemento de força nacional. São esses os autênticos pioneiros do povoamento, os que realmente dominam o sertão. País algum	Parece haver nos trechos uma clara propaganda ou incentivo à colonização do interior do Brasil. TR fala do colonizador da terra, do pioneiro que se embrenha em local novo para se instalar, como se ele

	<p>thoroughly explored, by a few leaders, or exceptional men, although such men can render great service. [...] The pioneer who is always longing for the comfort and luxury of civilization, and especially of great cities, is no real pioneer at all. These settlers whom we met were contented to live in the wilderness. (p. 324)</p>	<p>efetivamente conquistado ou integralmente explorado por uma pequena elite, embora seja esta de grande utilidade. [...] O colono que está sempre ansiando pelo fausto e conforto das grandes cidades não é absolutamente um verdadeiro pioneiro. Esses que nós encontramos mostravam-se satisfeitos com a vida das selvas. (p. 208)</p>	<p>jamais foi conquistado de um modo eficaz, ou explorado a fundo, por uns poucos chefes, homens de exceção, embora tais homens possam prestar grandes serviços. [...] Para se proceder assim, como um verdadeiro pioneiro, é preciso que não se sinta forte atração pela vida social, e que não se tenha necessidade, talvez por ignora-los do luxo e também do conforto, a não ser o da espécie mais rudimentar. Aqueles povoadores que vínhamos encontrando estavam satisfeitos de morar no ermo. (p. 326-27)</p>	<p>fosse uma “liga” para unir a nação nas terras mais distantes do país (maior elemento de força nacional fica bem definido por CEN). Já MA prefere falar do desenvolvimento, que seria um conceito subsequente a essa ocupação do interior, mas aparenta valorizar essa figura, para espalhar a mensagem da colonização do interior do país. TR é abrangente em dizer <i>continente</i>, CEN põe <i>país</i>. TR também expõe seu ponto de vista sobre a ausência de confortos e luxos na vida dos reais pioneiros (só os <i>verdadeiros</i> suportam essas condições). CEN faz algumas adições a esse entendimento: o pioneiro não deve sentir <i>forte atração pela vida social</i> e desejar apenas o conforto <i>da espécie mais familiar</i>. <i>Wilderness</i> = <i>ermo</i> (CEN) é um lugar deserto, despovoado (mas não necessariamente remete à vastidão da <i>selva</i>, que era o caso)</p>
10.6	<p>In short, these men, and those like them everywhere on the frontier between civilization and savagery in Brazil, are now playing the part played by our backwoodsmen when over a century and a quarter ago they began the conquest of the great basin of the Mississippi; the part played by the Boer farmers for over a century in South Africa, and by the Canadians when less than half a century</p>	<p>Em resumo aqueles homens, assim como outros, nas mesmas condições, que se acham espalhados pela fronteira da civilização brasileira, estão desempenhando o papel dos nossos “peregrinos”, quando, há 125 anos passados, começaram a conquistar a extensa bacia do Mississípi ou então dos boers na África do Sul há mais de um século, ou ainda dos canadenses, na conquista do nordeste daquele país há menos de meio</p>	<p>Em resumo, aqueles homens, e, como eles, todos os que andavam pelo Brasil na linha fronteira da civilização com a vida selvagem, estavam então procedendo da mesma forma que há século e meio procederam os nossos desbravadores de florestas, ao empreenderem a conquista do vale do Mississippi; como os fazendeiros boers, há mais de um século, na África e como os</p>	<p><i>the frontier between civilization and savagery in Brazil</i>: MA cortou o <i>selvagem</i> (e localizou no Brasil) <i>Estavam então</i>: CEN “alterou” a data para 1944, atualizando temporalmente o seu leitor brasileiro, já que TR fala para seu público de 1914, e o mesmo ocorre em <i>há século e meio</i>, já que TR fala em 125 anos</p>

	ago they began to take possession of their Northwest. Every now and then some one says that the "last frontier" is now to be found in Canada or Africa, [...] (p. 324)	século. Repetidamente se diz que a “última fronteira da civilização ” se encontra atualmente no Canadá ou na África [...] (p. 208-09)	canadenses, quando, ha menos de meio século, começaram a tomar posse do seu Noroeste. Uma vez por outra alguém repete que a “última fronteira” só pode ser encontrada no Canadá ou na África [...] (p. 327)	Backwoodsmen = caipira, pessoa rústica (Michaelis) sertanejo, pessoa do mato (translator) se tornaram <i>peregrinos e desbravadores de florestas</i> do interior americano no século XIX (os dois tradutores não quiseram usar caipira, tal qual TR?) CEN apagou África <i>do Sul</i> (país), dando a entender que os <i>boers</i> estiveram por todo o continente africano TR fala que, no tempo de sua escrita, a ultima fronteira (da civilização, adicionada em MA) seria encontrada no Canadá ou África; ele não “fecha” a questão dando <i>exclusividade</i> a estes locais, como CEN (<i>só pode ser encontrada</i>)
10.7	The first settlers came to Brazil a century before the first settlers came to the United States and Canada. For three hundred years progress was very slow – Portuguese colonial government at that time was almost as bad as Spanish . (p. 324)	Os primeiros colonizadores aportaram no Brasil um século antes da chegada dos conquistadores dos Estados Unidos e do Canadá. Pelo espaço de trezentos anos se fez muito lento o progresso do país (o governo colonial português, naquela época, era tão retrógrado quanto o espanhol), [...] (p. 209)	Os primeiros povoadores foram para o Brasil um século antes de que aos Estados Unidos e ao Canadá aportassem os primeiros colonos . Por espaço de trezentos anos, o progresso foi muito lento, pois o governo colonial português daquela época era quasi tão inepto quanto o espanhol. (p. 327)	MA: Seria o caso de trocar, colonizadores nos EUA e conquistadores no Brasil? Termos mudaram para <i>as bad as</i> : retrógrado/inepto
10.8	The Paolistas , hunting for lands, slaves , and mines, were the first native Brazilians who, a hundred years ago, played a great part in opening to settlement vast stretches of wilderness . The rubber hunters have played a similar part during the last few decades. [...] Searching for rubber they made highways of rivers the very existence of which was unknown to the	Os paulistas- bandeirantes , partindo em busca de minas e de novas terras , foram os primeiros brasileiros que, há cem anos passados, representaram o papel mais importante na colonização de vastas extensões de terras desconhecidas . Nestas últimas décadas, o seringueiro tem substituído o bandeirante paulista . [...] Em busca da borracha esquadrinham rios	Os paulistas , na caça das minas, escravos e terras, foram os primeiros brasileiros natos que, ha um século, representaram um grande papel, abrindo ao povoamento grandes extensões de sertões . Os caçadores da borracha repetiram-lhes o feito nos ultimos decenios. [...] Na procura de seringais, converteram em estradas batidas , rios	- MA enfatiza o papel dos bandeirantes (paulistas-bandeirantes) - TR apresenta os bandeirantes (para depois os comparar com os seringueiros) como se tivessem iniciado o desbravamento do interior no século XIX (a hundred years ago), quando na verdade as bandeiras iniciaram a partir do XVI (nenhuma

	<p>governmental authorities, or to any map-makers. Whether they succeeded or failed, they everywhere left behind them settlers, who toiled, married, and brought up children. Settlement began; the, conquest of the wilderness entered on its first stage. (p. 325)</p>	<p>ignorados, que não se encontram nas cartas geográficas. Quer vençam, quer malogrem, deixam outros que os venha substituir, labutando e constituindo famílias. Desse modo inicia-se o povoamento, primeiro passo para a conquista das selvas! (p. 209)</p>	<p>cuja própria existência era ignorada dos governos e dos cartógrafos. Qualquer que fosse seu êxito, deixavam para trás, por toda a parte, povoadores que labutavam, casavam-se e criavam filhos. A colonização, estava iniciada, entrando a conquista do sertão na sua fase inicial. (p. 328)</p>	<p>nota de rodapé dos tradutores para esclarecer). - Os seringueiros adentravam em rios desconhecidos até mesmo pelas autoridades governamentais (apagado em MA); TR fala como se eles “abrissem caminhos” através desses rios (they made highways of rivers), mas não que necessariamente esquadriavam, detalhadamente, cada canto, como diz MA, até porque seu conhecimento da região era empírico, não teriam a quem reportar esses conhecimentos</p>
10.9	<p>In this land of plenty the camaradas overate, and sickness was as rife among them as ever. [...] This year the Brazil-nut crop on the river had failed, a serious thing for all explorers and wilderness wanderers. (p. 325-26)</p>	<p>[...] os camaradas que, nos locais de fartura, comiam excessivamente e sempre ficavam doentes. [...] Este ano a safra de castanhas foi um desastre, constituindo sério contratempo para toda aquela população. (p. 209)</p>	<p>Naquela região de abundancia estes [camaradas] comiam em excesso, e os casos de doenças eram entre eles mais frequentes que nunca. [...] A safra de castanha do Pará tinha falhado aquele ano no rio, consa (sic) seria para todos os desbravadores do sertão. (p. 328-29)</p>	<p>Nessa etapa da viagem, não é que eles ficassem vez ou outra em algum <i>local de fartura</i> (MA), em todo lugar os camaradas encontravam fartura e isso se tornou um problema de saúde para eles, segundo TR CEN traduz <i>Brazil-nut</i> como castanha do Pará, prova de que seria outro tradutor que finalizou o trabalho (mas que também não houve revisão da tradução feita antes...)</p>
10.10	<p>[...] we took our baggage down by a carry three-quarters of a kilometre long [...] (p. 326)</p>	<p>[...] a bagagem foi conduzida por um atalho de cerca de duzentos e cinquenta metros [...] (p. 210)</p>	<p>[...] as cargas foram baldeadas por um caminho de tres quartos de quilometro [...] (p. 329)</p>	<p>$\frac{3}{4}$ de quilômetro são 750 metros, portanto, em MA a baldeação ficou mais <i>curta</i></p>
10.11	<p>At the foot of the rapids was a big house and store; and camped at the head were a number of rubber-workers, waiting for the big boats of the head rubber-men to work their way up from below. They were a reckless set of brown daredevils. [...] It is small wonder that they sometimes have</p>	<p>Ao pé da cachoeira havia uma grande casa e um armazém; nós acampamos no ponto em que os trabalhadores aguardavam a chegada de um batelão que os conduziria até o local do serviço, acima dos rápidos. Tratava-se de um grupo de pobres-diabos [...] Não se compreende bem porque esses</p>	<p>Na base da corredeira, havia uma grande casa com um negocio, mas, acampados acima, estavam alguns seringueiros à espera dos grandes barcos dos “aviadores” seus chefes, para os conduzirem para cima. Era um grupo de aventureiros audazes, [...] Não era pois</p>	<p>Não era a expedição que estava acampada ao pé da cachoeira, mas sim o grupo de trabalhadores seringueiros que aguardava o batelão do patrão, seu transporte para o local de trabalho. O dono do seringal (<i>head rubber-men</i>) é apagado em MA.</p>

	difficulties with the tribes of utterly wild Indians with whom they are brought in contact, although there is a strong Indian strain in their own blood. (p. 326-27)	caboclos , algumas vezes, atiram-se à luta contra os índios completamente selvagens, quando entram em contato com eles, de vez que trazem forte percentagem de sangue indígena em suas próprias veias. (p. 210)	de admirar que por vezes surgissem conflitos com tribus de índios inteiramente bravios com que entravam em contacto, embora também eles tivessem no sangue boa dose de sangue indígena. (p. 329)	
10.12	At the rapids was a big store, the property of Senhor Caripe, the wealthiest rubberman who works on this river; many of the men we met were in his employ. [...] Senhor Caripe, a firstclass waterman , cool, fearless, and brawny as a bull, came with us as guide. (p. 328)	Nas proximidades das quedas d'água existia um grande armazém de propriedade de um Sr. Caripe, o seringueiro mais rico da região; muitos homens que encontramos ao longo do rio estavam a seu serviço. [...] O Sr. Caripe, profundo conhecedor da região , homem calmo, destemeroso e forte como um touro, serviu-nos de guia. (p. 211)	Na corredeira havia uma grande casa de comercio, propriedade do sr. Caribé (Caripe), o mais abastado dos seringueiros “aviadores” que trabalhavam naquele rio; muitos homens que encontrámos, estavam a serviço dele. [...] O sr. Caribé, canoeiro de primeira classe , calmo, destemido e forte como um touro, foi-nos servir de guia. (p. 331)	O Sr. José Caripé era um grande seringalista ¹⁸² da região do Aripuanã, também chamado de “Coronel de Barranco” ¹⁸³ Para melhor diferenciar os papéis, seria melhor traduzi-lo como <i>seringalista</i> (o aviador também tinha outro papel, de anotar as vendas aos seringueiros, e era funcionário do seringalista, embora, pelo relato de TR, ele fosse tanto um seringalista que morava no local do barracão, e não em uma grande cidade, como um aviador) O Sr. Caripé conduziu a expedição em sua própria embarcação, e foi elogiado pelas qualidades como condutor (em MA é elogiado por conhecer a região, não pelo fato de transportá-los)
10.13	Here Kermit shot a big cayman . Our camp was alongside the graves of three men who at this point had perished in the swift water. (p. 328)	Aí Kermit matou um enorme caimã . Esse acampamento estava situado ao lado das sepulturas de três homens que morreram afogados naquela cachoeira. (p. 211)	Naquele ponto Kermit matou um grande crocodilo . Nosso acampamento estava junto de tres túmulos de remadores ali afogados nas aguas revoltas. (p. 331)	<i>Cayman</i> (jacaré) traduzido por <i>crocodilo</i> em CEN (não existem crocodilos no Brasil) TR fala dos túmulos de três homens (inespecíficos) e CEN os coloca como remadores

¹⁸² Entrevistado pelo Imparcial de 03/11/1918, Seção “O Aripuanã em foco”, disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/721212/847?pesq=%22jose%20caripe%22>

¹⁸³ Artigo que exemplifica a rede de atores dos seringais amazônicos: <https://ferdinandodesousa.com/2019/09/18/os-seringais-os-seringueiros-e-os-seringalistas-da-amazonia/>

10.14	He (Mr. Caripe) was in excellent health, for he had means to start a fire, and he found abundance of Brazil-nuts and big land-tortoises. (p. 329)	Tratava-se de um cidadão (Sr. Caripe) de muita saúde e resistência e que trazia material para acender fogo, e, além disso, encontrou muita castanha e alentados jabutis com que se alimentou. (p. 211)	Conservou-se em bom estado físico, pois tinha meio de fazer fogo e achou muita castanha do Pará e grandes tracajás. (p. 331)	Aqui a repetição de castanha do Pará para <i>Brazil nuts</i> (evidência de outro tradutor no texto)
10.15	The Mundurucus and Brazilians are always on the best terms, and the former are even more inveterate enemies of the wild Indians than are the latter . (p. 329)	Os mundurucus estão sempre em boa camaradagem com os civilizados e são mesmo mais inimigos dos índios completamente selvagens do que os próprios civilizados . (p. 211)	Os mundurucus e os brasileiros viviam sempre na maior harmonia, e os primeiros eram inimigos mais irredutíveis dos índios bravios do que os últimos . (p. 332)	TR coloca no trecho dois grupos: <i>Mundurucus</i> (etnia) e, ainda que goste de usar a palavra civilizado, optou por <i>brasileiros</i> ; MA os contrapõem como indígenas x civilizados (mesmo que sempre tivessem boa convivência, estão encaixados nessa visão de antônimos civilizado x selvagem)
10.16	By mid-forenoon on April 26 we had passed the last dangerous rapids. The paddles were plied with hearty good will, Cherrie and Kermit, as usual, working like the camaradas , [...] (p. 329)	Na manhã de 26 de abril, passamos o último rápido perigoso. Os remos rompiam vigorosamente as águas velozes e as canoas dançavam, sulcando o rio largo. Cherrie e Kermit, como sempre, ajudavam os remadores . (p. 211)	Pelo meio da tarde , a 26 de abril, transpusemos a última corredeira perigosa. Os remos foram manejados com energia, (Cherrie e Kermit, como sempre, trabalhavam tanto como os camaradas) [...] (p. 332)	Mid-forenoon = meio da manhã <i>Ajudar</i> é diferente de <i>trabalhar tanto como</i> , TR fala que Cherrie e Kermit trabalhavam como os camaradas
10.17	Therefore we had now put on the map a river nearly 1,000 kilometres in length of which the existence was not merely unknown but impossible if the standard maps were correct . (p. 330)	Portanto colocáramos na carta geográfica um rio com cerca de 1.000km de curso, cuja existência era completamente desconhecida. (p. 212)	Por consequência, havíamos incluído no mapa um rio de quase 1.000 quilômetros de comprimento, cuja existência não só era desconhecida, como também impossível, se os mapas oficiais estivessem certos . (p. 333)	TR faz uma crítica aos mapas da época, para além da “inexistência” do rio, que fica apagada em MA: <i>was not merely unknown but impossible if the standard maps were correct</i>
10.18	Pyreneus had been waiting for us over a month, at the junction of what the rubbermen called the Castanho and of what they called the upper Aripuanan . (p. 330)	Pyreneus nos aguardava havia mais de mês, na confluência do que os seringueiros denominavam Castanho e do que eles chamavam de Alto Aripuanã . (p. 212)	Pyreneus esperava-nos havia cerca de um mês, na junção dos rios a que os seringueiros chamam Castanho e Alto Aripuanã . (p. 333)	Castanho era o nome local do Aripuanã, conhecido apenas dos seringueiros da parte habitada desse rio. Rondon e sua equipe o conheciam como Alto Aripuanã (CEN coloca como se os dois nomes fossem dados pelos seringueiros)
10.19	Since then the Castanho had fallen; our measurements showed it to be slightly smaller than the other; [...] (p. 331)	Daí em diante o Castanho diminuía, tornando-se um pouco menor do que o outro [...] (p. 212)	Desde então o Castanho descera e nossas medições indicaram que era	Detalhe da medição com instrumentos, pela comitiva (medida mais acurada) apagada em MA

			ligeiramente menos volumoso que o outro. (p. 333)	
10.20	We were glad indeed to see Pyrineus and be at his attractive camp. (p. 331)	Ficamos realmente satisfeitos em encontrar o Tte. Pirineus e aderimos ao seu esplêndido acampamento. (p. 212)	Ficamos muito alegres por encontrarmos Pirineus e por nos acharmos em seu acampamento. (p. 333)	O elogio de TR ao acampamento de Pirineus desaparece em CEN
10.21	We were no less rejoiced to learn that Amilcar , the head of the party that went down the Gy-Parana, was also all right, [...] (p. 331)	Não ficamos menos contentes em saber também que Amílcar , chefe da comitiva que descera o Ji-Paraná, se encontrava em boas condições, [...] (p. 212)	Tivemos não menor alegria ao saber que o chefe da expedição que descera pelo Gi-Paraná também se achava a salvo, [...] (p. 334)	Nome de Amílcar apagado em CEN
10.22	The piranhas were bad here, and no one could bathe. Cherrie, while standing in the water close to the shore, was attacked and bitten; but with one bound he was on the bank before any damage could be done. (p. 331)	Aqui as piranhas eram terríveis e ninguém podia banhar-se. Cherrie mesmo na borda da praia foi ferido; porém, com uma proteção , conseguiu ficar na água sem perigo. (p. 212)	As piranhas eram ferozes no lugar onde estávamos e ninguém se podia banhar. Cherrie quando em pé na água, junto à praia, foi atacado e mordido, mas de um salto ganhou o seco , antes que sofresse maior mal. (p. 334)	TR descreve que Cherrie deu um pulo e se salvou de um ataque pior da piranha, MA traduz que ele usou uma proteção (!)
10.23	Here we found and boarded Pyrineus's river steamer , which seemed in our eyes extremely comfortable. In the senhor's pleasant house we were greeted by the senhora, and they were both more than thoughtful and generous in their hospitality . Ahead of us lay merely thirty-six hours by steamer to Manaus. Such a trip as that we had taken tries men as if by fire . (p. 332)	Naquele ponto tomamos o vapor fluvial Pirineus , que nos pareceu extraordinariamente confortável. Na residência do Sr. Caripe fomos cumprimentados por sua esposa, que nos proporcionou uma recepção excessivamente cordial e principesca . À nossa frente tínhamos apenas 36 horas de viagem em vapor, até Manaus. Para esta expedição havíamos escolhido homens experimentados . (p. 213)	Alí encontramos o vaporzinho fluvial de Pirineus e nele nos instalamos; e todos achamo-lo confortável ao extremo. Na aprazível residência do proprietário fomos apresentada sua esposa, mostrando-se ambos mais que atenciosos e generosos em sua hospitalidade . Só tínhamos pela frente a perspectiva de trinta e seis horas de viagem até Manaus. Uma excursão como a que fizéramos era uma prova de fogo . (p. 335)	O vapor era de Pirineus, não o nome do vapor como traduziu MA. A generosidade e atenção foram do casal, não apenas da esposa, como em MA, que também exagera no <i>principesca</i> . Seria o contexto ideal para descrever a boa esposa da época? Na última frase TR expressa que condições como as da expedição testam homens “como fogo”, pelas situações extremamente desafiadoras; não significa que já estavam necessariamente experimentados, como diz MA
10.24	[...] from source to mouth, according to our itinerary and to Lyra's calculations, the course of the stream down which we had thus come was about 1,500 kilometres in length—about 900 miles , perhaps nearly 1,000 miles—from its source near the 13th	[...] de suas nascentes até a embocadura, de acordo com nosso roteiro e os cálculos do Tte. Lira, mediam-se cerca de 1.500 km, aproximadamente 500 milhas ou talvez 1.000 desde o ponto inicial, que ficava mais ou menos a 13° do planalto, até a foz, no	[...] Da cabeceira à foz, conforme os cálculos de Lira, o rio pelo qual descêramos era de 1.500 quilômetros (cerca de 900 milhas , ou talvez de 1.000 milhas de comprimento), desde a sua nascente, no planalto central, a 13.º de	900 milhas traduzida por 500 em MA A impressão que o leitor tem sobre o Rio Madeira é bem diferente nas duas traduções, mas MA chega mais perto da descrição dada por TR. O Madeira

	degree in the highlands to its mouth in the Madeira, near the 5th degree. Next morning we were on the broad sluggish current of the lower Madeira , a beautiful tropical river. (p. 333)	Madeira, a cerca de 5°. Na manhã seguinte já estávamos no largo e sereno curso do baixo Madeira , belo rio tropical. (p. 213)	latitude, até sua embocadura no Madeira, perto do 5.°. Na manhã imediata estávamos na corrente caudalosa e lamacenta do baixo Madeira , que é um belo rio tropical. (p. 335-36)	é conhecido por suas águas barrentas, mas essa característica não foi a que TR colocou em seu texto
10.25	Manaos is a remarkable city. [...] Sixty years ago it was a nameless little collection of hovels, tenanted by a few Indians and a few of the poorest class of Brazilian peasants. Now it is a big, handsome modern city, with opera-house, tramways, good hotels, fine squares and public buildings, and attractive private houses. The brilliant coloring and odd architecture give the place a very foreign and attractive flavor in northern eyes. (p. 333-34)	Manaus é uma cidade digna de observação. [...] Sessenta anos atrás era simplesmente um aglomerado de cabanas ocupadas por índios e alguns cidadãos da classe mais pobre do país. Atualmente é uma grande, bela e moderna cidade, com teatro, bondes, bons hotéis, lindas praças e edifícios públicos e esplêndidas casas residenciais. O colorido das habitações e sua bizarra arquitetura lhe emprestam uma fisionomia de especial atração para nossos olhos de americanos-do-norte. (p. 214)	Manaus é uma cidade notável, situada apenas a três graus do sul do equador . Ha sessenta anos não passava de um pequeno grupo anônimo de cabanas ocupadas por alguns índios e uns poucos de componios das classes mais pobres do Brasil. Atualmente é uma grande e bela cidade moderna, com teatro, bondes elétricos, bons hotéis, lindas avenidas e edifícios públicos, assim como, belos prédios residenciais. As pinturas vistosas e a arquitetura cheia de arabescos , dão à cidade uma fisionomia exótica, que agrada aos olhos de um habitante do Norte. (p. 336)	CEN não atualizou a data/lapso temporal p/ 1944, como no começo desse mesmo capítulo O adjetivo <i>nameless</i> que TR usou está mais para um lugar <i>desconhecido</i> que <i>anônimo</i> , para descrever Manaus CEN traduziu como <i>avenidas</i> as <i>praças</i> de Manaus MA usa <i>bizarra</i> e CEN <i>cheia de arabescos</i> sobre a arquitetura da cidade – TR quis dizer <i>ímpar, sem igual</i>
10.26	Near Megasso a jaguar had killed one of the bullocks that were being driven along for food. (p. 334)	Nas proximidades de Megaço , um jaguar abateu um dos novilhos que ele [Miller] trazia para corte. (p. 214)	Próximo a Melgaço , uma onça havia morto um dos novilhos levados para a alimentação. (p. 337)	MA manteve a mesma “escrita” de TR, que se referiu à localidade de Melgaço, MT Não consta no trecho que Miller tivesse reservado o novilho para o corte (não era papel dele essa parte de suprimento)
10.27	I said good-by to the camaradas with real friendship and regret . The parting gift I gave to each was in gold sovereigns ; and I was rather touched to learn later that they had agreed among themselves each to keep one sovereign as a medal of honor and token that the owner had been on the trip. They were a fine set, brave, patient ,	Despedi-me dos camaradas com verdadeira amizade e pesar ; gratifiquei-os com moedas de ouro e fiquei sobremaneira comovido ao saber mais tarde que eles combinaram entre si reservar carinhosamente uma moeda em homenagem à minha pessoa . Era um grupo de homens bons, bravos, obedientes e fortes. No momento haviam já esquecido a luta por	Levei o meu adeus aos camaradas, com sincera amizade e antecipadas saudades . O presente de despedida que dei a cada um foi em soberanos de ouro; e fiquei sensibilizado ao saber que, entre si, resolveram que cada um conservaria um soberano, à guisa de medalha, como recordação de nossa expedição .	CEN quis adicionar um sentimento a mais, o da saudade, no relato de TR? <i>Sovereign</i> : moeda de ouro inglesa = 20 xelins (MA não especifica a moeda) Os camaradas combinaram, como num pacto, que cada um guardaria

	obedient, and enduring. Now they had forgotten their hard times; they were fat from eating, at leisure, all they wished; they were to see Rio Janeiro, always an object of ambition with men of their stamp ; and they were very proud of their membership in the expedition. (p. 335)	que passaram; estavam engordando e descansando; iam conhecer o Rio de Janeiro, o que significava uma de suas grandes aspirações e se sentiam orgulhosos de ter feito parte da expedição. (p. 214)	Constituíam uma equipe excelente, sendo bravos, pacientes , obedientes e fortes. Já haviam esquecido os dias penosos e estavam gordos, porque agora podiam comer quanto quisessem; alegrava-os ir conhecer o Rio de Janeiro, o que sempre ambicionavam os homens de sua classe , e sentiam-se muito orgulhosos de ter participado da expedição. (p. 337-38)	uma moeda para si (ao invés de gastar todas) como sinal de participação na expedição. MA “aumenta” ao dizer que o fizeram em homenagem a TR Paciência: característica importante numa expedição como a que fizeram, que fica apagada em MA TR diz que os camaradas comiam à vontade (<i>at leisure</i>), não que estivessem descansando (MA)
10.28	[going to Belém] We steamed down through tempest and sunshine; and the towering forest was dwarfed by the giant river it fringed. (p. 335)	Navegamos sob alternativas de tempestade e sol forte; e a floresta majestosa semelhava um jardim liliputiano à orla do rio-gigante. (p. 215)	Navegamos por entre tempestades e soalheiras; a floresta torreada ficava amesquinhada pelo gigantesco rio que emoldurava. (p. 338)	Referência às viagens de Gulliver (jardim liliputiano)
10.29	We passed many thriving, growing towns; at one we stopped to take on cargo. Everywhere there was growth and development. [...] One of its accompaniments has been a large European, chiefly south European, immigration. The blood is everywhere mixed ; there is no color line , as in most English-speaking countries, and the negro and Indian strains are very strong; but the dominant blood, the blood already dominant in quantity, and that is steadily increasing its dominance, is the olive-white . (p. 336)	Passamos por muitas cidades florescentes, em uma das quais o vapor atracou para receber carga. Por toda a parte notava-se progresso e movimento. [...] Um dos fatores preponderantes desse desenvolvimento foi a imigração europeia, principalmente do sul da Europa. O caldeamento das raças se faz em todos os sentidos ; não existe fixação de cor como na maioria das regiões de língua inglesa e as linhagens negras e indígenas se mostram muito acentuadas, mas a cor dominante, a que se revela com mais regularidade e progressão , é a oliva-clara. (p. 215)	Passamos por muitas cidades nascentes e prósperas; em uma paramos para receber cargas. Em toda a parte notava-se progresso e expansão. [...] Um de seus resultados foi o grande afluxo de imigrantes europeus, especialmente do sul da Europa. Por toda a parte notava-se a mistura de raças ; não ha diferenciação nítida de cores , como em muitos países de língua inglesa; são ali muito altas as doses de sangue índio e negro; mas a raça predominante na atualidade em número, e que rapidamente cresce em influencia, é a dos brancos de tez azeitonada . (p. 338-39)	TR observa aspectos das cidades ribeirinhas até chegar a Belém, onde aguardaria o transporte para Nova Iorque. Sua sempre presente análise da cor da pele dos locais também se insere aqui. Ele alega que as cidades se encontravam em desenvolvimento, e algo que <i>acompanhava</i> esse fato era a imigração sul-europeia, e não que essa imigração fosse “a causa preponderante” para o desenvolvimento, como traduziu MA.
10.30	[about Belem] But it is not merely beautiful. The docks, the dredging operations , the warehouses, the stores and shops, all tell of energy and success in commercial life. (p. 337)	[sobre Belém] Mas não é apenas uma cidade bonita: as docas, o serviço de pesca , os armazéns, as lojas e casas comerciais, tudo isto reflete a solidez de seu comércio. (p. 215)	Mas não é apenas bonita; as docas, os serviços de dragagem , os armazéns, depósitos e casas de comércio, todos exprimem a energia e o triunfo na órbita comercial. (p. 339)	Haveria algum interesse em trocar esses termos? Pois TR fala em <i>dragagem</i> , MA traduz <i>pesca</i> .

10.31	<p>Cherrie and Miller spent the day at the really capital zoological gardens, with the curator, Miss Snethlage. [...] She has an invaluable collection of birds and mammals of the region; and it was a privilege to meet her and talk with her. (p. 337)</p>	<p>Cherrie e Miller passaram o dia no Jardim Zoológico com a zeladora, Miss Snethlage, [...] Possui Miss Snethlage uma inestimável coleção de aves e mamíferos da região e vale a pena conhecê-la e conversar com ela. (p. 216)</p>	<p>Cherrie e Miller passaram o dia no Jardim Zoológico, que é de real importancia, com a diretora Miss Snethlage. [...] Possui uma coleção de animais e aves de valor incalculável, e deu-me grande satisfação conhecê-la e com ela palestrar. (p. 340)</p>	<p>Miss Emilie Snethlage¹⁸⁴ teve um papel importantíssimo no desenvolvimento do Museu Paraense de História Natural e Etnografia (hoje, Emílio Goeldi). MA traduziu <i>curator</i> (curadora da coleção) por <i>zeladora</i> (!) Seria alguma tentativa de diminuir a importância dela? Algo a ver com a nacionalidade alemã? Pois a mesma palavra (<i>curator</i>) usada por TR, no começo do livro, foi traduzida como diretor do Museu em NY... CEN traduz <i>birds and mammals</i> (mamíferos) por <i>animais e aves</i> MA parece “recomendar” a todos os leitores conhecer Miss Snethlage mas, na época da tradução brasileira, ela já havia falecido. Na verdade, TR comentou que se sentiu <i>privilegiado em conhecê-la</i>.</p>
10.32	<p>We also met Professor Farrabee, of the University of Pennsylvania, the ethnologist. He had just finished a very difficult and important trip, from Manaus by the Rio Branco to the highlands of Guiana, across them on foot, and down to the seacoast of British Guiana. He is an admirable representative of the men who are now opening South America to scientific knowledge. (p. 337-38)</p>	<p>Fomos apresentados também ao etnólogo Prof. Farrabee, da Universidade de Pensilvânia. Acabara justamente de realizar, através do rio Branco, uma importante excursão de Manaus até o planalto das Guianas o qual percorreu a pé, alcançando a costa marítima da Guiana Inglesa. É um dos mais altos representantes dos homens de ciência que atualmente estudam a América do Sul. (p. 216)</p>	<p>Conhecemos também o professor Farrabee, etnólogo, da Universidade da Pensilvania. Acabava de realizar uma excursão de grandes dificuldades e muito importante, de Manaus pelo Rio Branco até aos altiplanos da Guiana, que atravessou a pé, descendo após para a costa marítima da Guiana Inglesa. E’ ele um representante admirável dos homens que estão agora franqueando a América do Sul aos estudos científicos. (p. 340)</p>	<p>O prof. mencionado fez, segundo TR, uma viagem que, além de muito difícil, também foi muito importante (a dificuldade é <i>apagada</i> em MA) TR parece deixar um convite aberto para quem, tal qual o prof. Farrabee, quiser desvendar a América do Sul, já que este estaria <i>abrindo-a para o conhecimento científico</i>. MA apenas o coloca como alguém que estuda a América do Sul, e CEN segue os mesmos sentidos de TR (franquear)</p>

¹⁸⁴ Alguns dados biográficos da cientista pioneira e sua atuação na Amazônia podem ser consultados em <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/Tn5pRggBhf39mqD5537VptK/>

10.33	Of course, the most important work we did was the geographic work, the exploration of the unknown river, undertaken at the suggestion of the Brazilian Government, [...] (p. 338)	Contudo, o nosso principal trabalho foi de ordem geográfica, representado pela exploração de um rio desconhecido, feito sob os auspícios do governo brasileiro [...] (p. 216)	Sem dúvida, o trabalho mais importante que realizamos foi o geográfico, com a exploração do rio desconhecido, empreendida por sugestão do governo brasileiro, [...] (p. 341)	Auspício: patrocínio (MA quis enaltecer o papel do governo brasileiro à época da expedição?) TR narra no início que partiu do governo o convite e sugestões de itinerário
10.34	Brazil has been blessed beyond the average of her Spanish-American sisters because she won her way to republicanism by evolution rather than revolution. (p. 339)	O Brasil tem sido louvado pela grande maioria dos países hispano-americanos, seus co-irmãos, pelo fato de se haver tornado uma república por evolução, ao invés de revolução. (p. 216-17)	Este país foi mais feliz do que a maioria de suas irmãs hispano-americanas, pois tornou-se republica mais em consequência de uma evolução, do que por meio de revolução. (p. 341)	Nada como um país obediente... TR exalta a característica do Brasil em buscar mudanças pela evolução, em vez da revolução, como seus países vizinhos, por isso foi abençoado, a seu ver. Mas não necessariamente foi <i>louvado</i> ou elogiado por isso por outros países, nem <i>mais feliz</i>

ANEXO I - PREFÁCIO DA 1ª EDIÇÃO¹⁸⁵

Pela vez primeira, o Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura dá à publicidade uma tradução de **livro norte-americano de maior fôlego**, escolhendo, para tanto, a obra *Nas Selvas do Brasil*, de Theodore Roosevelt, que contém um apanhado das observações desse **grande estadista**, realizadas no curso de uma viagem pelo interior de nosso país.

A Expedição Científica Roosevelt-Rondon, por sua concepção e organização, pelos que nela tomaram parte e pelos trabalhos que levou a efeito, foi, indiscutivelmente, notável e original.

Circunstância singular, antes de tudo, a de ter sido essa viagem organizada e chefiada por um **político ilustre**, cujos sucessos haviam culminado na sua ascensão ao posto de Presidente da maior república americana. À quietude e serenidade de um merecido ócio, após ter emprestado a seu país o melhor de suas energias e de sua capacidade de administrador, preferiu o Sr. Theodore Roosevelt arrostar os riscos de uma viagem através de regiões desconhecidas, contando apenas com o concurso de poucos elementos de segurança e conforto pessoais, mínimos em relação às dificuldades da tarefa a que se ia lançar.

O interesse científico e, sobretudo, o sabor esquisito da aventura em terra estranha, levaram o estadista ilustre a transformar-se em uma nova sorte de sertanista, à cata de exemplares zoológicos, explorador da geografia de zonas ainda não conquistadas pela civilização, observador inteligente da terra e do homem que iria conhecer, os quais analisaria com carinho e justeza.

É assim que, em junho de 1913, se reúnem, no Museu Americano de História Natural da cidade de New York, um dos diretores dessa instituição, aquele ex-Presidente dos Estados Unidos, um sacerdote católico e alguns naturalistas. O projeto apresentado por Roosevelt, de uma excursão pelo interior do Brasil, com o intuito de estudar e recolher exemplares da fauna dessa região, é abraçado entusiasticamente pelos presentes.

Dessarte, organiza-se a expedição, composta de pessoas de diferentes credos políticos e religiosos, como de vida pregressa a mais diversa, numa curiosa demonstração de tolerância democrática. Partem um ex-Presidente da República, um padre católico, dois naturalistas do Museu e um antigo explorador ártico.

Ao chegarem ao Rio de Janeiro, por proposta do nosso Ministro das Relações Exteriores, Lauro Müller, consente Roosevelt na ampliação do caráter da viagem, dando-lhe paralelamente

¹⁸⁵ Extraído de *Nas Selvas do Brasil*, edição 1976, Ed. Itatiaia/EDUSP. Grafado como na obra. Grifos nossos.

um aspecto de exploração geográfica de extensa região, não bem conhecida, do oeste de Mato Grosso. Por esse motivo, aos primeiros excursionistas juntaram-se o então Coronel Rondon e outros auxiliares.

Pôs-se dessa forma a caminho a Expedição Científica Roosevelt-Rondon. O melhor êxito cercou todos os empreendimentos dos viajantes. Fartíssimo material zoológico foi colhido e enviado aos Estados Unidos. Extensas áreas pouco conhecidas dos Estados de Mato Grosso e Amazonas foram exploradas e levantadas. Um grande rio, cujas cabeceiras e curso permaneciam incertos, foi navegado e inscrito nas cartas geográficas.

E o relato de todas as peripécias e observações dessa Expedição, enfeixadas nesta obra, mostra-se à altura de seus feitos.

Assim, é de dizer-se que o verde intenso da floresta tropical, como as vivas tonalidades das plumagens multicores das aves brasileiras, penetram tão fundamente os olhos do viajante que a sua descrição ainda traz aquele colorido, que, por certo, se teria conservado muito tempo em sua retina. Eis um exemplo, entre muitos, da intensidade descritiva da prosa de Roosevelt: "E o rio rolava, em curso largo, suas águas amareladas como ouro líquido, sob a luz do céu flamejante; e os montes longínquos pareciam projetar reflexos de púrpura sobre os pauis. Como cintas verdes, as margens do rio eram lambidas pelas águas espumejantes que fugiam do leito; e, em frente, à medida que singrávamos em reta, surgia a noite tropical, sombria e vasta."

O carinho da recepção que cercou os excursionistas, por todos os sítios que percorreram, foi largamente retribuído pelo calor com que se refere o ex-Presidente ao nosso povo, mencionando particularmente, com justa admiração, os nomes de Vital Brasil, Osvaldo Cruz, Lauro Müller, Rondon e outros, **exaltando as qualidades de nosso povo e pregando com entusiasmo maior aproximação pan-americana**, de que esta Expedição serviu de demonstração efetiva.

O interesse de Roosevelt pelas questões sociais e sua capacidade de administrador patenteiam-se claramente, no texto desta obra, quando preconiza **as possibilidades e a necessidade de colonização do Oeste brasileiro, acenando com o regime cooperativista como a modalidade ideal para se levar a cabo tal empresa. Dir-se-ia que o grande estadista americano anteviu o que hoje o Presidente Vargas, com visão não menor das necessidades sociais do país, está aí a indicar como solução para nossa desorganização agrícola e para a penúria que reina soberana na maior parte dos recantos agrícolas do Brasil.**

Diante das riquezas que vinha descobrindo, com seu olhar de economista experimentado, brotavam, ainda, durante a excursão, frases como estas, gravadas em seu livro: "Há minas, quedas d'água e abundância de solos ricos. Breve, essa zona será cortada por

estradas-de-ferro. Oferece, pois, todas as possibilidades de colonização. É uma zona de grande futuro.”

Esses conceitos, que **hoje ainda bem podem ser considerados como inteiramente atuais, lisonjeiam ainda os nossos sentimentos nacionais**, orgulhosos de uma opinião tão sensata e, por que não dizer, profética.

Bastariam, portanto, as qualidades intrínsecas deste relatório para que a iniciativa do Serviço de Informação Agrícola merecesse o mais franco apoio e os melhores elogios.

No entanto, a personalidade de seu autor acrescenta novos elementos de juízo dessa Expedição, especialmente quando se remonta à época em que viveu e se considera a influência que exercitou, no seio dos compatriotas, a figura de seu chefe.

Theodore Roosevelt foi um homem múltiplo. Fazendeiro, naturalista, caçador, explorador, soldado, historiador, escritor, homem de ação, era, sempre e acima de tudo, homem público. Impetuoso, enérgico, imprimia o máximo de seu entusiasmo, contagiante para os que dele se acercavam, ao procurar levar a cabo os projetos que concebia.

Nascido na abastança, vitimado por uma afecção que teve de dominar no início, uma vontade férrea fez de seu organismo um milagre de saúde exuberante. Como estadista, caracterizou-se pela energia máscula de suas campanhas e extraordinária coragem nas lutas que manteve com os adversários.

Na política externa, pugnou sem descanso pela entrada dos Estados Unidos na primeira guerra mundial; ao mesmo tempo que, grande entusiasta do regime democrático, como fórmula ideal de governo dos povos, era ardente partidário, em seus escritos e discursos, do mais amplo e sadio pan-americanismo. Na política interna, conseguiu implantar medidas administrativas quase revolucionárias, responsáveis por uma salutar reforma da moral industrial de seu país, medidas que, lhe custando a maior oposição, mereceram da maioria os aplausos e a gratidão.

Assim, **a análise da vida e da obra de Theodore Roosevelt leva-nos, por força, a encontrar, na sua figura, uma irrecusável similitude com o vulto, hoje universal, do Presidente Franklin D. Roosevelt, membro, como aquele, de uma família notável por todos os títulos.**

Que mais sincera e viva homenagem poderíamos prestar ao autor desta obra senão a de, ao aproximá-lo do líder de hoje da grande nação norte-americana aproveitar o ensejo para apontar a ambos como figuras exponenciais e representativas de um povo irmão, que admiramos, queremos e respeitamos?

O destemor, o gosto pela aventura, o devotamento a causas universais, o interesse pelo progresso científico, a capacidade de realização de um norte-americano típico, brotam incoercivelmente aqui, através deste livro, na figura do ex-Presidente.

E tais virtudes ianques ainda hoje, como sempre, arrastam a sua mais desempenhada mocidade às frentes de batalha da mais mortífera das guerras que têm empolgado o mundo. **A agressão traiçoeira de um inimigo refalsado, responderam os norte-americanos, a uma voz,** com o comparecimento em massa de seus homens e mulheres aos serviços militares e civis, nas frentes interna e externa da luta, ao mesmo passo que efetuavam a maior transformação, em sua economia e organização social, que se pode registrar na história das nações.

Nesta hora, em que nos empenhamos, ao lado dos Estados Unidos, com as mãos dadas e os corações a baterem sincrônicamente, numa luta pela sobrevivência dos mais elevados postulados do respeito aos indivíduos e suas idéias, como às nações e seu direito de existir, mais do que oportuno é o lançamento desta tradução.

Que os leitores tenham sempre presente no espírito a importância de que se revestiu, no que tange ao conhecimento mais perfeito do Brasil pelos americanos do norte, o relato da excursão de Theodore Roosevelt. E atentem a que, **só conhecendo as qualidades e atributos de uma nação e seu povo, se pode querer e admirar a ambos.** E lembrem-se de que a simpatia desse amigo de nossa pátria, a brotar em todas as estâncias de sua obra, há de se ter transmitido aos que percorreram as páginas do original.

Registrar-se-á, assim, **mais um serviço que devemos nós brasileiros àquele ex-Presidente.**

Fixa-se, nas páginas deste livro, exemplar demonstração, extraordinário exemplo de cooperação entre os diversos membros de uma expedição, que, na aparência tão heterogênea, era, entretanto, forte pela existência de um ideal comum. Nem mesmo faltou, ao conjunto que ansiava por descobrir as riquezas da nossa pátria, um coração brasileiro, como o do General Rondon, sem dúvida um dos mais valiosos elementos de êxito naquele empreendimento tão difícil de se levar a bom termo.

Estou certo de que, ao cabo da leitura demorada deste livro, colherá o leitor, para si, muita coisa interessante, do ponto de vista científico, e, de um dos mais destacados membros da aristocracia moral norte-americana, muito mais preciosa messe de exemplos de intrepidez, de cooperação e de sacrifício.

Apolonio Salles

Ministro da Agricultura

ANEXO II – APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO *NAS SELVAS DO BRASIL DE 1976*¹⁸⁶

O original deste livro foi publicado em 1914 com o título: "Through the Brazilian Wilderness". Seu autor, Theodore Roosevelt, dedicou-o a Lauro Müller, "Secretário de Estado dos Negócios do Exterior e seus colegas de Governo"; "Ao Coronel Rondon, brilhante oficial, ilustre cidadão e explorador intrépido e aos seus assistentes... companheiros nos trabalhos científicos e na exploração das selvas".

Em breve prefácio Roosevelt esclarece que o livro é um relatório sobre o reconhecimento zoogeográfico do sertão brasileiro. E que a expedição que planejou nos Estados Unidos, em 1913, no "American Museum of Natural History" foi, por sugestão de Lauro Müller, ampliada, tomando o nome oficial de Expedição Roosevelt-Rondon.

A 1ª edição brasileira conta com prefácio de Apolônio Sales, então Ministro da Agricultura.

Partira Roosevelt com pequeno grupo, com a finalidade de explorar ampla região da selva amazônica e de coletar exemplares de mamíferos e aves para enriquecer o acervo do mencionado Museu.

No Rio de Janeiro, Lauro Müller convenceu-o a ampliar seus propósitos, indicando Rondon para acompanhá-lo.

Este, e vários auxiliares, engrossaram o número de expedicionários que, durante certo tempo, visitaram o Oeste brasileiro e a região amazônica.

Subiram o Paraguai cujas cabeceiras visitaram; subiram o Rio das Antas; atravessaram o "planalto selvagem do Oeste brasileiro"; estiveram na terra dos nhambiquaras; dirigiram-se ao Amazonas, para o regresso à Pátria.

O eminente homem público norte-americano, após ter dado a seu país valiosa colaboração ocupando-lhe o mais alto posto, o de Presidente da República, resolvera viajar por lugares desconhecidos, movido, de um lado, por interesse científico, e de outro, por espírito de aventura.

Para aqui veio como caçador de exemplares zoológicos, explorador da geografia de uma região desconhecida e observador da terra e do homem que nela vivia.

Do estudo dos mamíferos e aves ocuparam-se Osborn e Chapman.

Kermit, filho de Roosevelt, com ele veio se encontrar no Sul do Brasil.

¹⁸⁶ Extraído de *Nas Selvas do Brasil*, edição 1976, Ed. Itatiaia/EDUSP

O autor menciona o carinho com que aqui foi acolhido por toda a parte. Também ressalta as qualidades de diversas pessoas que conheceu e, em alguns casos, conviveu tempo mais prolongado.

De Rondon exalta as virtudes. Refere-se, também, de forma encomiástica, a Lauro Müller, Vital Brasil e Oswaldo Cruz, entre outros.

O presente livro é de leitura amena e instrutiva. Traz, ao final, dois mapas: um do itinerário da Expedição Roosevelt-Rondon; outro, com o traçado do Rio da Dúvida, mais tarde denominado, pelo Governo Brasileiro, Rio Roosevelt.

O primeiro gráfico mostra a enorme extensão percorrida pelo eminente estadista, em sua maior parte em território brasileiro.

Acreditamos que obterá prazer na leitura deste livro, onde encontrará muita informação útil, todo aquele que se dedique a estudos de nossa terra, sua história, sua geografia, sua fauna e sua flora.

Por esse motivo achamos justificado inseri-lo na Coleção Reconquista do Brasil, em boa hora imaginada pela Editora da Universidade de São Paulo, em convênio com a Livraria Itatiaia Editora, de Belo Horizonte.

São Paulo, junho de 1976.

Mário Guimarães Ferri

**ANEXO III - CRÍTICA À TRADUÇÃO DE NAS SELVAS DO BRASIL,
PUBLICADA NO DIÁRIO DE NOTÍCIAS DE 07/10/1945¹⁸⁷**

A tradução oficial de um trabalho científico *Through the Brazilian wilderness*, de Theodore Roosevelt, foi confiada ao Sr. Luiz Guimarães Junior, da Academia Brasileira de Letras. Havia, pois, motivos ponderosos para que a obra saísse perfeita, mas tal não aconteceu.

Já o título da obra fielmente traduzido seria *Através das selvas brasileiras*, de acordo com o pensamento do autor, que teria escrito *In The Brazilian Wilderness* se quisesse dizer como está na tradução: *Nas selvas do Brasil*.

Vejamos alguns dentre os vários desacertos encontrados mesmo em rápida leitura. Lê-se no original (p. 27): *This discovery showed that some of the strange representative giant South America Pleistocene fauna had lasted down to within a comparative few thousand years, down to the time when man, substantially as the Spaniard found him, flourished on the continent*". Tradução (p. 26). "A descoberta revelou que alguns estranhos representantes da gigantesca fauna sul-americana pleistocênica foram soterrados dentro de um período de poucos milhares de anos, justamente ao tempo em que os espanhóis encontraram o homem em fase florescente nesta parte do continente". Mas, de acordo com o original, deve ser "Esta descoberta revelou que alguns estranhos representantes da gigantesca fauna sul-americana do plistoceno duraram alguns milhares de anos, justamente até a época em que os espanhóis..." etc. Na mesma página: "Incidentally the discovery tended to show that this fauna had lasted much later in South America than was the case with the corresponding faunas in other parts of the world, and therefore it tended to disprove the claims advanced by Doctor Ameghino for the extreme age geologically, of this fauna, and for the extreme antiquity of man on the American continent". Segundo a tradução: "Acidentalmente a descoberta concorreu para demonstrar que esta fauna teve maior duração na América de Sul do que as suas correspondentes em outras partes do mundo, contradizendo, desse modo, as afirmativas do dr. Ameghino no tocante à idade pré-histórica das mesmas e ainda quanto à origem do homem no continente americano". Ao passo que o que o autor disse foi que a descoberta parecia refutar a opinião apresentada pelo dr. Ameghino quanto à extrema idade geológica desta fauna e à do homem no continente americano.

¹⁸⁷ Disponível em http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=093718_02&pagfis=24799

Está no original, p. 32: "The jaguar driving his fangs through the man's skull into the brain" e na tradução: "a fera enterrara-lhe as garras no couro cabeludo, indo atingir os miolos". O certo seria: "o jaguar enterrara-lhe as garras nos miolos, através do crânio", salvo se tal homem não tivesse esqueleto. Em compensação, na p. 155 diz o autor que os morcegos "esvoaçam sobre os omoplatas de um cavalo ou de um boi", como se tais animais estivessem com o esqueleto à vista. O que se lê no original é: "the vampires... clinging to or hovering against the shoulder of a horse or cow...", isto é, "os vampiros... agarravam-se aos ombros ou esvoaçavam sobre as espáduas dos cavalos e dos bois..."

P. 94: " ... grouped around a little fire beside the big, empty oxcars" está traduzido (p. 88) por: "... em torno de uma pequena fogueira acesa debaixo do carro de boi", em vez de: "agrupa- dos em torno de uma pequena fogueira ao lado de um carro de boi vazio".

Lê-se no texto inglês (p. 239): "Inside were their implements and utensils, such as wicker baskets (some of them filled with pine-apples), gourds, firesticks, wonder knives, wooden mortars, and a board for grating manioc, made of a thick slab of wood inset with sharp points of a harder wood". Na tradução (p. 220): "Dentro se encontravam seus utensílios e outros objetos, como cestos (alguns estavam cheios de ananás), cabaças, tochas, facas de pau, pilões em que pisavam mandioca e cujas mãos eram pontudas e feitas de madeira muito dura". O correto é, segundo nos parece, "Dentro se encontravam objetos e utensílios como cestos etc... pilões e uma tábua para ralar mandioca, feita de madeira grossa embutida com pontas aguçadas de outra madeira mais dura". (A propósito, nós faríamos de acordo com a regra o plural de ananás, isto é, 'ananases' como de gás se faz 'gases' e de retrós, 'retroses').

Como os dois primeiros erros apontados, há outros que alteram completamente o sentido. Assim, se no texto inglês se lê à p. 284 "On the oposite bank was an Indian village, evidently inhabited only during the dry season", aparece na tradução (p. 263): "Na outra barranca havia uma aldeia de índios que pelos vestígios se mantinha desabitada apenas na época da seca". A versão certa é evidentemente a seguinte: "Havia uma aldeia de índios que evidentemente só era habitada na estação seca".

Lê-se na p. 135 do original inglês: "the broad blade of each paddle was tipped with a long point, so that it could be thrust into the mud to keep the low dugout against the bank. E na interpretação brasileira (p. 126): "As pás dos remos são providas de pontas apropriadas para evitar as barrancas do rio". Mas é justamente o contrário. O que lá diz o inglês é o seguinte: "A pá dos remos era provida de uma comprida ponta, de modo que eles podiam ser metidos na lama, para manter a canoa junto à barranca".

Não raro a tradução torna incompreensíveis coisas de uma clareza meridiana no original. Se aqui, p. ex., se lê (p. 117) "On the other hand these fighting ants, including the soldiers even among the termites, are frantically eager for a success which generally means their annihilation", vem esta interpretação na versão (p. 110): "Por sua vez as formigas guerreiras, inclusive os soldados mesmo entre as termites, se atiram loucamente à aventura de uma sucessão (o grifo é do tradutor) que significa o seu aniquilamento..." etc. O significado de success aí é o comum, isto é, sucesso, resultado, êxito.

Falta um período inteiro na tradução (e não é o único). Veja-se na p. 201: "They were themselves to have danced when the men had finished, but were overcome with shyness at the thought of dancing with so many strangers looking on". A tradução é simples: "Elas (mulheres e meninas índias) teriam dançado depois dos homens se não ficassem envergonhadas de fazê-lo na presença de tantos estranhos".

O RIO DA DÚVIDA

Refutação incontestável de um membro da comissão Rondon

O capitão Amílcar Armando Botelho de Magalhães, chefe do escriptorio central da comissão de linhas telegraphicas estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas, e que tambem fez parte da expedição que acompanhou o Sr. Theodoro Roosevelt no interior do Brazil, dirigiu á *Noite* a seguinte carta:

"Sr. redactor — Sob o titulo "O presente de uma "descoberta", com o sub-titulo "Os portugueses reivindicam a descoberta do rio da Duvida, attribuida a Roosevelt", o vosso assés conceituado diario vespertino publicou algumas considerações que eu tenho o dever de contraditar. Sobre o mesmo assumpto, aliás, já me havia externado ha tempos pelas columnas do vosso jornal, quando tive que refutar affirmativas do engenheiro Moerbeck.

Mão grado a inclinação evidente que tem a *Noite*, por acreditar "que o famoso rio da Duvida já era muito conhecido", continuo a sustentar e a afirmar categoricamente que isto é um erro, e que, nem só um grande trecho desse rio era absolutamente desconhecido, como nenhum portuguez o assignalára antes do nosso patricio coronel Candido Mariano da Silva Rondon. O rio da Duvida foi descoberto pela comissão de linhas telegraphicas estrategicas de Matto-Grosso ao Amazonas, quando o coronel Rondon executou a 3ª parte do grande reconhecimento para a construcção da linha, isto é, da serra do Norte ao rio Madeira tendo feito, na 2ª parte, o estudo do trecho do rio Juruna-Serra do Norte, e constando a 1ª parte do trecho Cuyabá-Juruna. O pique de exploração cortou então o rio da Duvida em dois pontos proximos de suas cabeceiras e este, assim como outros rios mais, em numero de doze, ao todo, não figuravam em mappa alguma do Brazil, foram todos descobertos pelo coronel Rondon, como já foi dito, sem contestação, pelas columnas do *Paiz*, quando houve necessidade de romper com a modestia e com o pontô de vista do chefe dessa comissão, para explanar em publico os serviços executados por elle no noroeste brasileiro e esmagar, dessa maneira irrefragavelmente, a revoltante campanha, movida em 1911, contra a sua comissão.

A comissão telegraphica foi successivamente explorando esses rios, cujos levantamentos executava, e, até o momento em que vos traço estas linhas, permanecem ignorados os cursos de alguns delles. dois dos quizes o rio do Sangue e o rio Ananaz, estão agora sendo explorados por officias da comissão, o primeiro por uma turma chefiada pelo tenente Vicente de Paula Teixeira da Fonseca Vasconcellos, o segundo por uma turma chefiada pelo tenente Francisco Marques de Souza. Quando estes officias terminarem os seus trabalhos e estes forem publicados, podéis ficar certos de que varias autoridades em geographia virão immediatamente provar por a - l - b em como esses dois rios eram muito conhecidos.

O rio da Duvida continuou a ser um ponto de interrogação desde 1909 até 1914, e o melhor e mais moderno mappa do Brazil, corrigido pelos trabalhos da comissão Rondon (2ª edição do *Jornal do Brazil*, janeiro de 1913), ainda pontuava o curso do rio da Duvida, descartando as suas aguas sobre o Rio Gy-Paraná ou Machado.

Quando, em 27 de fevereiro de 1914, o Sr. Roosevelt e o coronel Rondon embarcavam em suas canoas, para explorar o rio da Duvida, partindo exactamente do ponto em que a linha telegraphica, já então construída, interceptara seu curso, tanto ainda era verosimil a hypothese de que elle se ir ao Gy-Paraná, que o coronel Rondon destacou d'ahi uma pequena turma de canoeiros habéis no fabrico dessas embarcações, para que preparassem outras no rio Ananaz, caso o Duvida fosse ao Gy-Paraná, que reduzia a

Gy-Paraná, ao Aripuanã ou ao Tapajoz, nenhuma das quizes era absurda, pois que daquellas cabeceiras então desvendadas para a nossa geographia patria, tão proximas umas das outras, são difficil de interpretar e que eram tantas, que exigiram 52 dias de estudos acurados e continuos, e explorações parciais para determinar-lhes as posições relativas, desafiando ainda assim as respeitaveis previsões do coronel Rondon, partiam realmente, como mais tarde se foi verificando, aguas do Tapajoz, aguas do Aripuanã e aguas do Gy-Paraná ou Machado.

Os rios em questão só eram conhecidos pelas tribus de indios nhamiquaras, que ahi habitavam; o Duvida era o *Catuaniari*, assim como o Ananaz era o *Uiniari*, como tambem se chamavam: *Counguará* ao Commemoração de Floriano (um dos formadores do Gy-Paraná); *Languarú* ao rio Itá (valle do Tapajoz); *Caramixari* ao Foz da Bandeira (affluente do Duvida), etc., sendo os nomes em portuguez postos pelo coronel Rondon, depois de bem verificado que nenhum delles era assimilavel aos que assignalavam todos os mapps até então conhecidos como os melhores.

Para melhor esclarecer, Sr. redactor, peço venia para transcrever os ultimos trechos da entrevista attribuida ao Sr. Vasconcellos:

"—De maneira que a viagem de Roosevelt não teve nenhum valor de descoberta ?

"—A meu ver não. O proprio nome que elle lhe poz *Princapple*, como já disse, confirmou o antigo *Abacaxis* ou *Ananaz*, por que era conhecido. Determinou-se, apenas, o curso, que é mais extenso do que vinha indicado nas referidas cartas geographicas."

"— Nós, brasileiros, não precisamos dessas lições de geographia, que, afinal, acabam por achar identidade perfeita entre o rio da Duvida e o Ananaz (Ananor), ou Abacaxis (vicio de traducção), porque isto significa apenas confundir alhos com bugalhos, pois que o Duvida e o rio que Roosevelt chamou *Pine-apple* (vide dictionario inglez-portuguez, de João Fernandes Valdez, paginas 724 e 725), são dois rios absolutamente distinctos um do outro; Duvida e Pine-apple não podiam, não podem e não poderão nunca ser dois nomes de um mesmo rio.

Eu tenho muito o habito, Sr. redactor, de respeitar as opiniões alheias e de tom-las em consideração, tanto mais quanto mais convencido de que as minhas estejam absolutamente certas; mas não ha espirito tolerante, mesmo que o seu grão de tolerancia tenha attingido a perfectibilidade maxima, que possa conservar essa linha diante de um grande amontoado de asneiras, devendo-se reservar essa attitudé apenas para os que, embora em erro, demonstrem o conhecimento das questões que pretendam discutir sem incidir no velhissimo caso do critico de Apelles...

Finalmente, Sr. redactor, se collocarmos o Sr. Vasconcellos, o Sr. Moerbeck ou qualquer cidadão nacional ou estrangeiro naquelle labyrinth de cabeceiras onde nenhum civilizado até então penetrara, desafiemos a que, de antemão, nos dissessem qual desses rios iria ao Aripuanã; qual ao Gy-Paraná (mais para oeste), qual ao Tapajoz (mais para leste); assim como nenhum pintado, posto que muito sabio em questões de geographia, seria capaz de dizer, collocado na foz do rio Castanho, onde estariam localizadas as suas cabeceiras, antes que a expedição Roosevelt as houvesse assignalado.

Ainda mais, emquanto é tempo, que nos digam esses paredros, onde são as nascentes do rio Aripuanã, cujo curso é, como era o do Castanho, apenas conhecido a alguns kilometros da confluncia de um com o outro.

Gy-Paraná, agora que foi elle locado de accordo com os trabalhos da comissão de linhas telegraphicas, fazendo-o tomar o aspecto que se evidencia do mappa do *Jornal do Brazil* (2ª edição), vê-se que a partir de suas cabeceiras corre elle quasi de sul para norte, mudando depois a direcção de leste para oeste, para então lançar-se no rio Madeira pela sua margem direita.

Bastam estes dois exemplos para justificar a affirmativa de que as nascentes do rio Abacaxis poderão ainda soffrer profunda alteração.

Pode mesmo acontecer que o rio Abacaxis seja o proprio rio Ananaz; não é impossivel, mas se o Sr. Vasconcellos descobriu isto, que nos prove com os dados naturalmente muito valiosos que deve possuir. A nossa hypothese, porém, não é essa. O Ananaz, pelos estudos do coronel Rondon, ou será o Marciano Avila, assignalado pela expedição Roosevelt, pela margem direita do Duvida ou o alto Aripuanã. Todavia, nesse espaço ainda não transposto entre o Tapajoz e o hoje rio Roosevelt, ainda poderão ser localdas cabeceiras do Marmellos, do Canuman e do Abacaxis, dos quizes o unico até agora de que se têm dados que lhe deixam o curso mais conhecido, da foz para montante, é o Canuman, já subido até proximidades de oito grãos de latitude sul.

Poderíamos, entretanto, mostrar ainda como essa maneira, pela qual foram provavelmente localdos todos os demais afluentes da margem direita do rio Madeira desde a confluncia Beni-Mamoré até sua foz no Amazonas e que são, na ordem em que se apresentam as embocaduras dos principaes: o Mutum-Paraná, o Jacy-Paraná, o Jamary, o Gy-Paraná ou Machado, o Marmellos e o Canuman, induziu o coronel Rondon á falsa apreciação da identidade dos mesmos em suas cabeceiras.

Per causa desses erros a terceira grande exploração executada pelo coronel Rondon, 1909-1910, julgou ter chegado a aguas do rio Jamary, quando estava ainda em aguas do Gy-Paraná, identificando-as de facto ás do Jacy-Paraná, para depois de percorrer os respectivos cursos chegar á convicção do quanto estava errada a carta de Pimenta Bueno e as que, anteriores a esta, lhe haviam servido de base. Aconselho a quem se interessar pela questião que observe o que era o pequeno rabisco primitivo com que se tinha a pretensão de representar o rio Gy-Paraná ou Machado e o que é esse rio após os trabalhos do coronel Rondon, evolução facil de acompanhar através dos mapps publicados. Eu, que tive a honra de tomar parte na exploração do rio Jacy-Paraná, sob a chefia do já referido capitão Pinheiro e que com elle permaneci no mesmo acampamento do alto Jacy, junto á cachoeira Campo Grande (10° 23' 56",40 lat. sul e 20° 51' 38",10 long. oeste do Rio de Janeiro, approx., conforme as coordenadas determinadas pelo capitão Pinheiro), desde ao de novembro de 1909 até 22 de janeiro de 1910, á espera de ver surgir o coronel Rondon, a cujo encontro subiamos esse curso d'agua em exploração tambem; vendo passar os dias sem que esse apparecimento se produzisse, mantendo pela caça o reduzido numero de homens que, embora doentes, ahi permaneciam estocicamente, porque tinham por obrigação levar, como até ahi levaram, recursos para a grande turma de exploração chefiada pelo coronel Rondon; que depois das sensações mais emocionantes, recebia com elle a carta com ordem de retirada, porque o erro formidavel das cartas o conduzia pelo valle do Jamary a Santo Antonio do Madeira, de onde expedira um proprio "esteio" ao nosso encontro; tudo isto, Sr. redactor, muito contrinui, certamente, para que em meu espirito avultasse a obra desse contemporaneo, cuja grandeza, estou certo, só poderá ser bem avaliada em época futura, quando se escrever a verdade historica isenta das mesquinhas paixões com que a actualidade tem procurado ás vezes macular o nome do coronel Rondon; ao mesmo tempo que diminuiu muito a veneração que eu votava aos seus antepassados para reduzir, sob este aspecto, aos seus verdadeiros termos as suas contribuições geographicas na zona em questão.

Por isso deves perdoar que vos deixasse entrever, ás vezes, um pouco de violencia na maneira de exprimir-me, certo de que attribuireis a verdadeira intenção

¹⁸⁸ O Paiz, 31.03.1915. Cap. Amílcar Armando Botelho de Magalhães, membro da equipe de Rondon, refutou veementemente as críticas recebidas de Sociedades Geográficas da época, sobre a dúvida que pairava se haviam realmente descoberto um novo rio. A tradução da palavra "Ananás" (nome de outro rio) causou animosidades, pois os estrangeiros diziam que se tratava do "Rio Abacaxis", documentado anteriormente.

parassem outras no rio Ananaz, caso o Duvida fosse ao Gy, o que reduziria a parte desconhecida a um percurso de quatro dias de descida, provavelmente, tão próximos eram ali os dois vales.

O Sr. Roosevelt preferia então subir de novo o Gy-Paraná até a estação telegraphica Barão de Melgaço, e d'ahi, pela picada da linha dirigir-se ao Ananaz, que teria sido então o nosso Rio Roosevelt. Como isso não succedesse, proseguiu o senhor Roosevelt a descida do rio que tomou o seu nome.

A entrevista, que resume as opiniões do Sr. Ernesto Vasconcellos, que foram publicadas na *Noite*, ou não exprimem aquellas opiniões, ou por ellas se faz uma triste idéa da reputação do geographo portuguez, e do que teria sido a sua conferencia na Sociedade de Geographia de Lisboa. Aliás, Sr. redactor, em contraposição com o metucioso estudo que fazemos de geographia, dos cinco continentes, todo mundo sabe como são restrictos os estudos de geographia e dos institutos de ensino de toda a Europa, onde o commun é o conhecimento do proprio paiz e dos seus limitrophes, tendo muito em consideração o exame detalhado daquelles que são habitados pelos inimigos prováveis.

Nós, brasileiros, sabemos que é muito corrente vêr-se o europen medianamente culto confundir o Rio de Janeiro com Buenos Aires! Isto em se tratando de capitães dos dois grandes paizes sul-americanos; imagine-se agora quando o assumpto geographico em sujeito referir-se ao nosso vastissimo e desconhecido interior do Brazil! Admittindo que a *Noite* transcreveu fielmente as opiniões do geographo lusitano, vamos discutindo-as, deixando, porém, de lado o grave problema da partida de dois homens de um ponto opposto, assim como a graphia errada da palavra ingleza *Pine-apple*, nunca *Pincapple* nem *Princapple*; não levando em conta aquelle *Ananor* desalinhado e que sorri dos conhecimentos geographicos de quem o escreveu. Entrando na parte mais seria da analyse, devemos em primeiro lugar assinalar que ha um rio Abacaxis, mas que na-la tem de commun com os rios em questão, nem com a zona em que se acham o Duvida e o Ananaz.

O nome de Abacaxis ali appareceu pela mesma razão apresentada por quem ouviu cantar o gallo, mas não sabe onde.

O facto já referido, de haver o Sr. Roosevelt projectado fazer a exploração do rio Ananaz, assim como a proximidade em que se encontram as cabeceiras desses dois rios, Duvida (hoje Roosevelt) e Ananaz, rios absolutamente distinctos um do outro, obrigaram, entretanto, a que a ambos se fizesse referido o ex-presidente norte-americano, em suas conferencias e escritas em inglez. Os traductores então de *Pine-apple* (com que Roosevelt pretendia referir-se ao rio Ananaz) julgaram muito legitimamente que se tratasse do rio Abacaxis, porque esses traductores não conheciam a geographia local. A competencia do Sr. Vasconcellos, que leu a coisa já traduzida, esbarrou nesse escolho e não naufragou.

Tudo isto, porém, é um nada comparado a oração com que pretendeu o Sr. Vasconcellos escrever a nossa historia, dando ao luxo de explicar no que consiste o titulo "Duvida". O trecho da explicação é, além de tudo, como nós brasileiros chamamos, um verdadeiro "angú de negra mina".

Tomando-o a serio, devemos concluir que os *affluentes* a que se refere são o Arimãni e o Duvida, e se estes são dois *affluentes* algum rio o recebe: deve ser o rio X, ali implicitamente comprehendido.

Admittindo mesmo, como se faz em mathematica com as demonstrações por abstracção, que haja possibilidade de se ter um rio perdido no sertão o coronel Rondon, ainda não foi desta vez que o rio tomou o seu nome.

Omni o chamou de Duvida foi o proprio coronel Rondon, como o Sr. Vasconcellos já deve ter lido no volume 1º do relatório do chefe da commissão de linhas telegraphicas estratergicas de Matto Grosso e Amazonas, publicado em 1909-1911, e no volume 2º "Estudos e reconhecimentos", volume que já foi remetido pela Sociedade de Geographia de Lisboa, que o tornou ao escriptorio central. Um dos rios do relatório há estáo enumerados as "descobertas geographicas" a que se refere o Sr. Rondon, in-

teresse a que se refere ao Duvida, a discussão das tres hypothèses: ir ao

de um com o outro.

Positivamente, Sr. redactor, pygmæus como eu podem, diante disso, dar tambem lições de geographia e, pois, que nos seja permitido lembrar a posição relativa das nascentes do Duvida, do Ananaz e do Abacaxis. As nascentes mais altas do Duvida e do Ananaz, a deste mais a oeste, acham-se ambas quasi sobre o mesmo paralelo, mais ou menos, aos 13 graus de latitude sul, isto é, em latitude semelhante ás proximidades da cidade de S. Salvador, da Bahia (a comparação é feita com um ponto que dê na vista); ao passo que o rio Abacaxis, *affluente* do rio Canuman pela margem direita, e que nelle desagua, perto já da foz do Canuman no Madeira, aproximadamente aos 4 graus de latitude sul, tem as suas cabeceiras aos 6 graus de latitude sul.

Este Abacaxis é o que foi locado desde o tempo dos portuguezes, e que forçosamente deve estar errado quanto á posição das cabeceiras, mas, é este assim o que nos foi legado pelos nossos antepassados. Para se fazer bem a idéa de quanto differe da dos dois outros a posição deste (Abacaxis), basta correr os dois paralelos extremos que limitam o curso assignalado, e verificar que o de 4 graus passa proximoamente á cidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, e o de 6 graus proximo a Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte.

Digo que ha probabilidade de estarem erradamente locadas as cabeceiras do rio Abacaxis, e cumpre-me justificar que não é isto uma hypothese gratuita. Na verdade, as explorações todas dos nossos antepassados percorreram o valle do rio Arinos, um dos seus formadores e desprezando o Juruaena, cuja confluencia com aquelle forma o rio Tapajoz; e o valle do rio Guaporé, cuja confluencia com o Beni ou Madre de Dios, forma o rio Madeira.

Quem quer que abra um mappa do Brazil verifica desde logo que, embora essas explorações tenham irradiado por pequenos *affluentes*, nunca ellas attingiram a chamada serra do Norte, cuja existencia real só foi constatada pelo coronel Rondon, depois que elle attingiu aquella zona com a segunda grande exploração, podendo, então, descrever o que era a serra do Norte *adivinhada*, porque os exploradores do Tapajoz viam levantar-se o terreno quando olhavam para oeste, e os do Guaporé e Madeira assignalavam para leste, terreno montanhoso, além disso ser indicado pelo desaguado de *affluentes* vindos daquella direcção. Tanto não tinham essas explorações pisado a serra do Norte, que só pelos relatorios do coronel Rondon se chegou a identificar-a, não á pretendida serra, mas á desagregação e desnivelamentos produzidos no grande chapadão dos Parecis, cujo nivel primitivo é ainda ali mantido em massios diversos, para demonstrar a sua origem, como testemunhas insophismaveis para attestar a quem cabe a primazia da descoberta, pela originalidade de sua apparencia.

Pois bem, comprehendendo-se como era possível de erro locar-se as nascentes dos rios que iam ter ao Tapajoz ou ao Madeira, providas desse grande massio interior, conhecendo-se apenas alguns kilometros de seus cursos a partir da foz. Todas as vezes que um *affluente* chegava ao rio percorrido e que a direcção desses primeiros kilometros acima de sua foz era conservada para o resto do curso, dava-se o caso do Rio Juruaena, ficava elle locado mais ou menos de accordo com a verdade. E' facil ver-se que do ponto de confluencia do rio Arinos com o Juruaena (10° 24' 55" lat. sul, e 14° 34' 24" long. oeste do Rio de Janeiro, de accordo com as coordenadas geographicas determinadas pelo capitão Manoel Theophilo da Costa Pinheiro, official da commissão que explorou o rio Juruaena em 1911-1912) quasi que o Juruaena corre ahi de sul para norte, com pequenas deflexões que lhe não mudam essa tendencia evidente.

Todas as vezes, porém, que o *affluente* chegava ao rio percorrido e depois de alguns kilometros mudava de rumo, para outro differente, lá se ia a agua abaixo toda a prescencia do explorador que lhe pretendesse locar as cabeceiras, sem percorrel-o todo. Tal é o caso do rio Gy-Paraná ou Maranhão, que, após cerca de 30 kilometros de curso, partindo de sua foz no rio Madeira para montante, muda em seguida de rumo com um angulo quasi de 90 graus! Contemplando-se o curso do

de que attribuiris a verdadeira intenção das palavras, espelho da indignação patriótica com que comento a *revisão* portugueza, de cujas *cartas geodesicas* nós brasileiros já fomos victimas.

Com a publicação destas linhas muito penhorareis ao vosso constante leitor e conecidade.

Capitão Amílcar Armando Boelho de Magalhães, chefe do escriptorio central da commissão Rondon.

A FIDALGA E A PASCHOA DOS POBRES

Sendo a cerveja Fidalga, como é sabido, fidalga em qualidade e popular em preço, não quiz esquecer o povo na grande festa da christandade. Assim distribue no dia 2 de abril (sexta-feira santa) o valor total dos premios não reclamados até amanhã, 31, á vultas pobres, por intermedio da imprensa.

Há cerca de 1:200\$000 de premios não reclamados, inclusive o de 500\$000.

Se não tirastes algum premio da FIDALGA, lembrai-vos que os premios que vos poderiam ter locado vão ter uma applicação humanitaria.

A devastação das matlas.

Recebimos do secretario da inspeccoria de matlas e jardins a seguinte carta:

"Sr. redactor — A proposito da devastação das nossas matlas, de que se occupa uma das folhas desta capital, cumpre-me dizer-vos o seguinte:

Esta inspeccoria nunca cessou de agir no sentido de obstar á devastação das matlas, que reputa uma grande calamidade, mesmo para a salubridade da nossa capital. Se mais não tem feito, é devido, não raro mesmo, á intervenção de poder judiciario, em nome do direito de propriedade garantido em toda a sua plenitude pela Constituição. Ainda assim, esta inspeccoria, com o pessoal de que dispõe, que, com effeito, não é grande, pois se compõe de oito zeladores e 20 guardas, não tem deixado, dentro dos meios que lhe faculta a lei municipal numero 1.134, de 11 de julho de 1907, de multar todo aquelle que é encontrado a derrubar matlas contra o disposto de um dos artigos da mesma lei. Todas os annos, os nossos relatorios registram o numero de autos lavrados.

Neste anno foram autoados 34 individuos e apprehendidas grandes partidas de carvão e lenha.

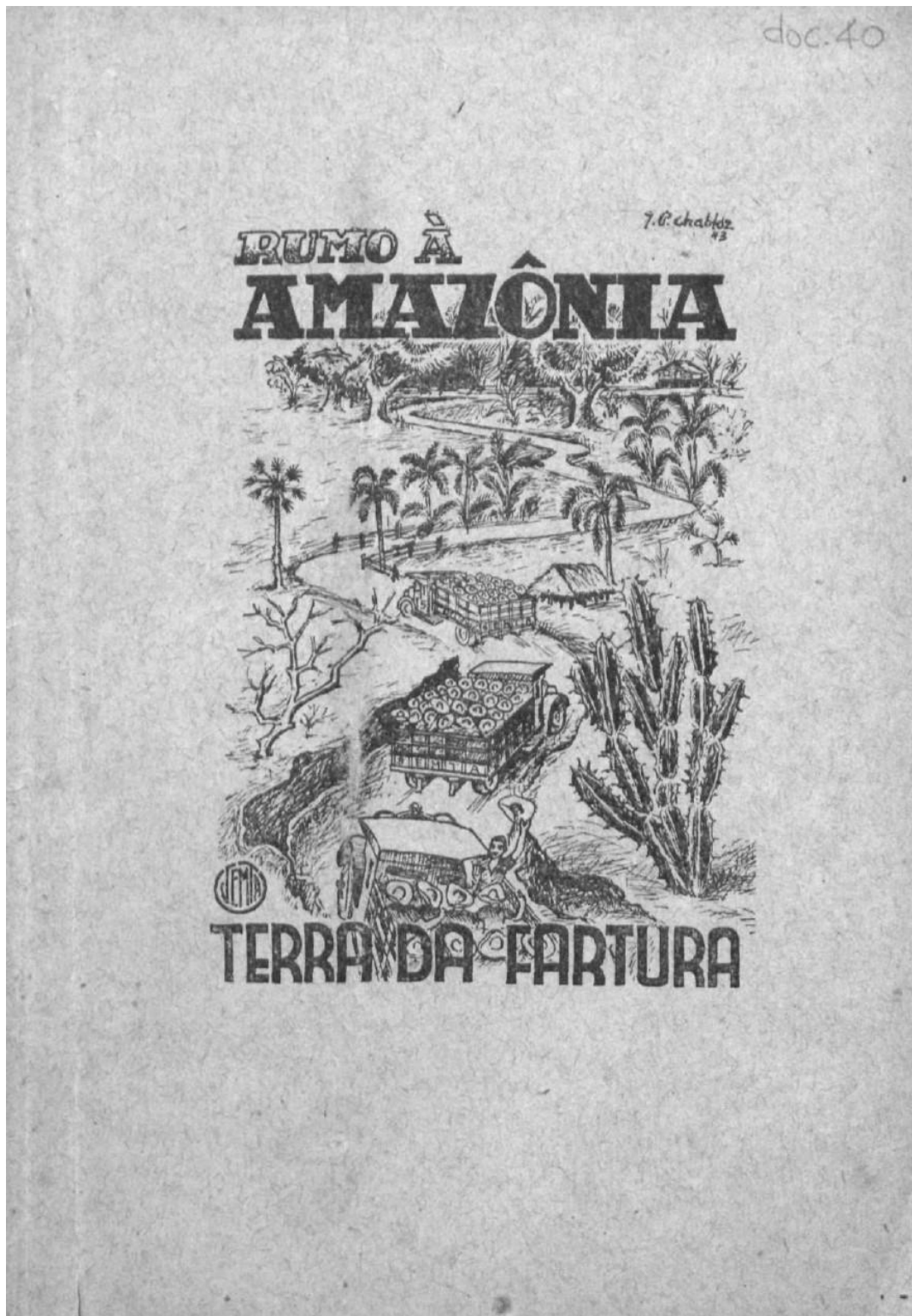
A proposito, porém, desta medida, que foi adoptada depois da devida consulta á Prefeitura, tivemos, por ordem della, de suspendel-a, provisoriamente, até ver a decisão tomada pelo poder judiciario á acção de mandado prohibitorio requerido por este motivo por uma das firmas que negociam nesse genero de mercadorias. Logo que o caso seja decidido, se for a favor da Prefeitura, como esperamos, mais energica será a fiscalização desta inspeccoria.

São estas, Sr. redactor, as considerações que venho fazer, de ordem do inspector, para restabelecimento da verdade.

Sou, com toda a consideração de V. etc. Pedro Leopoldo Larie."

Na secretaria do gabinete do prefeito foram registradas 128 guias, na importancia de 4:674\$650, oriundas das seguintes agencias da Prefeitura: Santa Rita, 97\$500 de impostos e 80\$ de multas; Candelaria, 30\$ idem e 577\$250 de impostos; Sacramento, 290\$ de multas, 14\$ de matricula de cães e 366\$600 de impostos; S. José, 205\$ idem e 210\$ de multas; Santo Antonio, 230\$ idem e 359\$ de impostos; Gloria, 250\$ de multas; Lagoa,

ANEXO V – PROPAGANDA DO SEMTA COMPLETA¹⁸⁹



¹⁸⁹ Propaganda chamando trabalhadores para os seringais da Amazônia durante o Estado Novo, através do Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA). Fonte: Arquivo Nacional, Fundo Paulo Assis Ribeiro, disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_rjanrio_s7/0/txt/cx005/br_rjanrio_s7_cx005_pt001_d000_1de0001.pdf. Outras informações também podem ser consultadas em <http://querepublicaessa.an.gov.br/uma-supresa/349-os-soldados-da-borracha.html>

S705, 712 b. 347

Lê com atenção este folheto.

Quando estiveres convencido
da sua utilidade — oferece-o
a um amigo.

57.0x5.74. p. 348

COMPROMISSOS DO BRASIL:—

O Brasil — insultado na sua honra e compreendendo o dever de lutar pela liberdade do mundo, na guerra de vida ou de morte que ora se trava — assumiu compromissos internacionais que precisa cumprir, custe o que custar.

E' a nossa propria dignidade que está em jogo.

O APÊLO DA PÁTRIA:—

E tão grande se apresenta a necessidade de respondermos ao chamado da Pátria, que todos nós, todos, sem exceção de um só, temos de oferecer a nossa quota de sacrificio, que é gloria, para a vitória final.

SOLDADO DA BORRACHA, HEROI DA AMAZÔNIA:—

MAS não só peias armas podemos e devemos concorrer para o triunfo completo da liberdade humana.

Ao Nordeste, ao nosso trabalhador do campo, cabe uma tarefa tão importante como a do manejo das metralhadoras nas frentes sangrentas de batalha: — impõe-se-lhe o dever de lutar pacificamente na retaguarda, dentro do seu proprio país, nas terras abençoadas da Amazônia, extraindo borracha, — produto indispensavel para a vitória, como a bala e o fuzil.

57,6x5,911.p.349

— 2 —

E o Brasil comprometeu-se a fornecer borra-
cha, **MUITA BORRACHA, MAIS BORRACHA**, às
Nações Aliadas.

Assim, tanto é soldado o que se alista no quar-
tel, como o que se oferece para trabalhar nos serin-
guais da Amazônia: — um é o soldado da caserna,
o aviador, o marinheiro; o outro é o **SOLDADO DA
BORRACHA**, herói da Amazônia. Ambos estão em
igualdade de condições perante a Pátria.

**CADA UM NO SEU LUGAR, PARA A
VITÓRIA:—**

PORISSO mesmo, os que se arregimentam no gran-
de "Exército da Amazônia" ficam dispensados da
convocação militar, enquanto permanecerem nos
seringuais, onde o trabalho, dada a importância bé-
lica da borracha, será tão necessário para o triunfo,
quanto o esforço dos soldados nos campos de bata-
lha. Cada um no seu lugar, para a Vitória! (Fig. 1).

ACÇÃO DO GOVERNO NACIONAL:—

CONSCIENTE, querendo amparar, em verdade, o
soldado da borracha, resolveu o Governo Nacio-
nal aparelhar um órgão que tem a finalidade de
alistar, amparar e encaminhar os trabalhadores
para a Amazônia milagrosa. Este órgão é o

S. E. M. T. A.

57.05.14. p. 350

— 3 —



SEMTA significa:—SERVIÇO ESPECIAL DE MOBILIZAÇÃO DE TRABALHADORES PARA A AMAZONIA.

Perfeitamente aparelhado, o SEMTA alista, transporta, hospeda, veste, alimenta, ampara, trata e defende, por todos os meios, o homem que se entrega aos seus cuidados, afim de prepará-lo para o trabalho, — sadio, forte, produtivo. Para conseguir tais objetivos, o SEMTA conta com a eficiente cola-

S76457M1 p. 351

- 4 -

horação do SERVIÇO ESPECIAL DE SAÚDE PÚBLICA, abreviadamente SESP, conjugada ao seu Departamento de Assistência Médica.

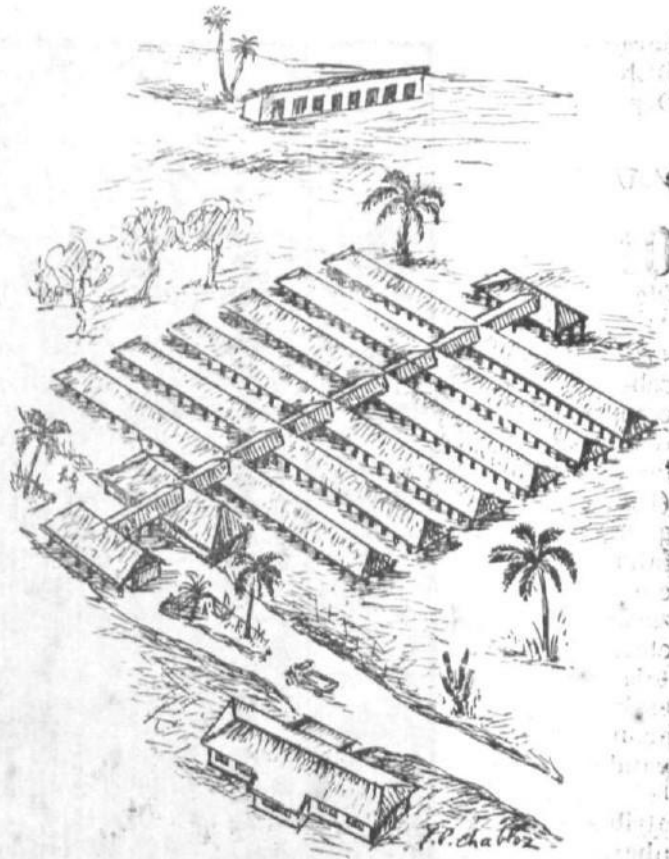
VANTAGENS AO TRABALHADOR: —

O soldado da borracha, quando sob a responsabilidade do SEMTA, desfruta de inúmeras vantagens. Ele e a sua família. Vejamo-las:

A hospedagem do trabalhador é feita em "pousos" confortáveis, higiênicos, amplos (Fig. II), recebendo, ao alistar-se, um equipamento de viagem composta de roupa, alpercata, chapéu, mochila, rede, prato fundo, caneco, garfo e colher, no valor aproximado de Cr \$200,00 (duzentos cruzeiros). (Fig. III). A sua alimentação, quer nos "pousos", quer em viagem, é farta, nutriente, sadia. Não lhe faltam o exame médico, o tratamento conveniente, em caso de necessidade e a indispensável imunização contra certas doenças, como o tifo, paratifo, etc., sem que lhe seja descontada ou cobrada, por tais benefícios, qualquer importância. A própria assistência religiosa, realizado por sacerdotes, acompanha permanentemente o trabalhador, cultivando-lhes as forças espirituais.

Alem dessas atenções, que lhe são justamente atribuídas pelo SEMTA, o soldado da borracha ganhará, depois de contratado, Cr \$6,00 (seis cruzeiros) diários, se não prestar serviços e Cr \$10,00 (dez cruzeiros) por dia de trabalho.

57.0x5.14. p. 352



Handwritten notes on the right side of the page, including the number '10' and some illegible text.

ANEXO VI – CORRESPONDÊNCIA ENTRE COMPANHIA EDITORA NACIONAL
E CHARLES SCRIBNER'S SONS¹⁹⁰

CHARLES SCRIBNER'S SONS



PUBLISHERS

597 FIFTH AVENUE NEW YORK, N. Y.

October 4, 1939

Mr. Conrado Ericksen
Curitiba
Parana, Brazil
South America

Dear Mr. Ericksen:

I find in our records that in 1937 we wrote to Mr. Galeao Coutinho of Edicoes Cultura Brasileira in Sao Paulo, Brazil, giving him permission to translate Roosevelt's THROUGH THE BRAZILIAN WILDERNESS into Portuguese. According to our records, though, this transaction never seems to have been completed and therefore unless you can find some record of it, there could be no obstacle to your going ahead. Before quoting you an actual price, however, I should be glad to know there is no conflicting edition.

Sincerely yours,

W. G. Lewis

WGL/F

X 200

¹⁹⁰ Cartas trocadas entre a editora brasileira do livro de TR (Através do sertão do Brasil, 1944) e a que publicou o original em 1914 (Charles Scribner's sons), para regularização dos direitos autorais de publicação da tradução da obra no Brasil. Reprodução autorizada pelo Centro de Memória e Pesquisa Histórica (CMPH), da Unifesp/Guarulhos.



EDIÇÕES CULTURA BRASILEIRA S/A

RUA CONSELHEIRO NEBIAS, 255 — CAIXA POSTAL, 2715

TEL. 4-6262 — SÃO PAULO — (BRASIL)

18, August 1941

Charles Scribner's Sons
597 Fifth Avenue
NEW YORK, N. Y.

Dear Sirs

We are addressing you to inform that we wish to transfer to COMPANHIA EDITORA NACIONAL, the permission you gave us in 1937, to translate Roosevelt's THROUGH THE BRAZILIAN WILDERNESS into Portuguese.

If you agree with this transference, the transaction will be completed by COMPANHIA EDITORA NACIONAL.

Without anything further, we remain

Very truly yours.

EDIÇÕES CULTURA BRASILEIRA S.A.

Galeão Coutinho

DIRECTOR-GERENTE

Galeão Coutinho

AIR-MAIL

August, 30th, 1941.

Charles Scribner's Sons
 597 Fifth Avenue
NEW YORK CITY
 United States of America

Dear Sirs

As you can learn from the letter we are enclosing, Mr. Galeão Coutinho - EDIÇÕES CULTURAS BRASILEIRA -, in this city, wishes to transfer to our firm the permission you gave him in 1937 to translate Roosevelt's THROUGH THE BRAZILIAN WILDERNESS.

We are keen interested in completing the transaction you began with Mr. Coutinho. Our offer for these rights is \$200.00, the same made by Mr. Coutinho. If you agree with it, please send us, as soon as possible, the contracts duly signed by you and a consular invoice for \$200.00. This invoice must be stamped and signed by the Brazilian consul at New York, for the Brazilian banking control does not allow remittances to foreign countries without the exhibition of a commercial invoice.

We trust to have a prompt reply, for which we thank you very much.

Sincerely yours
 for COMPANHIA EDITORA NACIONAL

 A. Neves

A. Neves
 Companhia Editora Nacional
 Rua dos Gusmões, 639
SÃO PAULO - Brazil

invoice of sept. 1941 \$203.00 is being paid by our branch office of Recife. a copy of the last edition attached.

AIR-MAIL

November 19, 1941.

Charles Scribner's Sons
 597 Fifth Avenue
 NEW YORK CITY
 United States of America

Dear Sirs:

Our branch-office in Recife (Companhia Editora Nacional - Rua da Imperatriz, 43 - Recife - Pernambuco) received your invoice of Sept. 15 (\$203.00 U. S. dollars). As that branch-office of our firm does not use to purchase directly from you, we believe that your invoice refers to the Portuguese rights of Roosevelt's THROUGH THE BRAZILIAN WILDERNESS, and that it was probably sent by error to Recife. We are obliged to think so because on August 30th. we wrote you a letter asking for the permission to publish a Portuguese translation of the above book. In that letter we made an offer of \$200.00 (same amount mentioned in you invoice) for the Portuguese rights, and asked you to send us the contracts and a consular invoice, in the event you agreeing with our offer. Until now we did not receive any reply to our letter. Please let us know, by the next air-mail, if you agree with our offer. We have already made, through Recife, the remittance of \$200.00 to cover your invoice. This remittance was made through Recife in order to avoid more delay and expenses with the drawing of another invoice, but we must point out that all your correspondence must be addressed directly to us:

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
 Rua dos Gusmões, 639
 SÃO PAULO - Brazil

AGREEMENT - If you agree with our offer, please send us two copies of the agreement: one to be signed and returned to you and another for our files.

ILLUSTRATIONS OF THE BOOK - We should be obliged if you would send us the original photographs you used in the American edition of THROUGH THE BRAZILIAN WILDERNESS. These photographs (the original ones) shall help us to get better reproductions (clichés) for the printing. Please send also a copy of the more recent edition published by you. The copy we have is too old and not suitable for the translation work.

Trusting to have a prompt reply, we remain

Very truly yours
 for COMPANHIA EDITORA NACIONAL

A. Neves
 Companhia Editora Nacional
 Rua dos Gusmões, 639
 SÃO PAULO - Brazil

AIR-MAIL

William C. Weber, Esq.
 CHARLES SCRIBNER'S SONS
 597 Fifth Avenue
NEW YORK CITY
 United States of America

Dear Mr. Weber:

We are enclosing copies of ~~our~~ letters of August 30th, and November 19th, 1941, as well as a copy of the letter Mr. Galeao Coutinho addressed you on August 18th., 1941. Up to now we received no reply to those letters and do not know if you agree with our offer for the Portuguese rights of Roodelvet's THROUGH THE BRAZILIAN WILDERNESS. We are keen interested in this book and we shall publish it as soon as we get a contract with your signature. Please let us know, by the next air mail if you agree with our offer of \$200.00 (U. S. dollars). We think it is quite acceptable, for it is the same made by Mr. Galeao Coutinho of Edicoes Cultura Brasileira in 1937.

REMITTANCE OF THE \$200.00 - In our letter of November 19 we said that our branch-office of Recife was making the remittance of \$200.00 to cover your invoice of September 15, but now we were informed that this remittance was not allowed by the Brazilian Banking Control since your invoice was not signed and stamped by the Brazilian consular authorities in New York. If you agree with our offer and wish to receive the above amount, please send us another invoice with the consul's signature.

We hope to hear soon from you about this subject.

Very truly yours
 for COMPANHIA EDITORA NACIONAL

 A. Neves

A. Neves
 Companhia Editora Nacional
 Rua dos Gusmaes, 639
SÃO PAULO - Brazil

CHARLES SCRIBNER'S SONS



PUBLISHERS

597 FIFTH AVENUE NEW YORK, N. Y.

July 30, 1942

Companhia Editora Nacional
Rua dos Gusmoes, 639
Sao Paulo, Brazil

Dear Sirs:

Attention of Artur Neves

In the first place you may take this as our authorization to translate and publish Roosevelt's THROUGH THE BRAZILIAN WILDERNESS in the Portuguese language. And I hope that the enclosed invoices will serve to straighten out a matter which has long been delayed.

I have discussed the question of illustrations with our Manufacturing Department and they feel that by using our newer edition it will be possible for you to reproduce satisfactorily directly from our illustrations. I believe that they are done by some method other than half-tone which should permit a satisfactory result. If it is absolutely necessary for you to have the originals, I am afraid that most of them are now at Roosevelt House and would almost surely be quite a difficult matter to locate them all.

If there is anything more I can do to straighten matters out I hope you will not hesitate to call upon me.

Under separate cover we are forwarding to you a copy of our newest edition.

Yours sincerely,

Wm. Gilman Low, III.

WGL/D
ENCS:

November 16th., 1942

Charles Scribner's Sons
597 Fifth Avenue
NEW YORK CITY
United States of America

Gentlemen:

On October 10th. we made, through the Chemical Bank & Trust Company, of New York, the remittance of \$203.00 (U. S. dollars) to cover your invoice of Sept 15, referring to the cost of permission to issue an edition of 2,000 copies of Roosevelt's THROUGH BRAZILIAN WILDERNESS in Portuguese. Please let us know, as soon as possible, if you have already received the money.

Thanking you in advance for a prompt reply, we remain, dear gentlemen,

Very truly yours
for COMPANHIA EDITORA NACIONAL

A. Neves

A. Neves
Companhia Editora Nacional
Rua dos Gusmões, 639
Sao Paulo - Brazil

CHARLES SCRIBNER'S SONS



PUBLISHERS

597 FIFTH AVENUE

NEW YORK, N. Y.

January 12, 1943

Mr. A. Neves
Companhia Editora Nacional
Rua dos Gusmoes, 639
Sao Paulo, Brazil

Dear Sir:

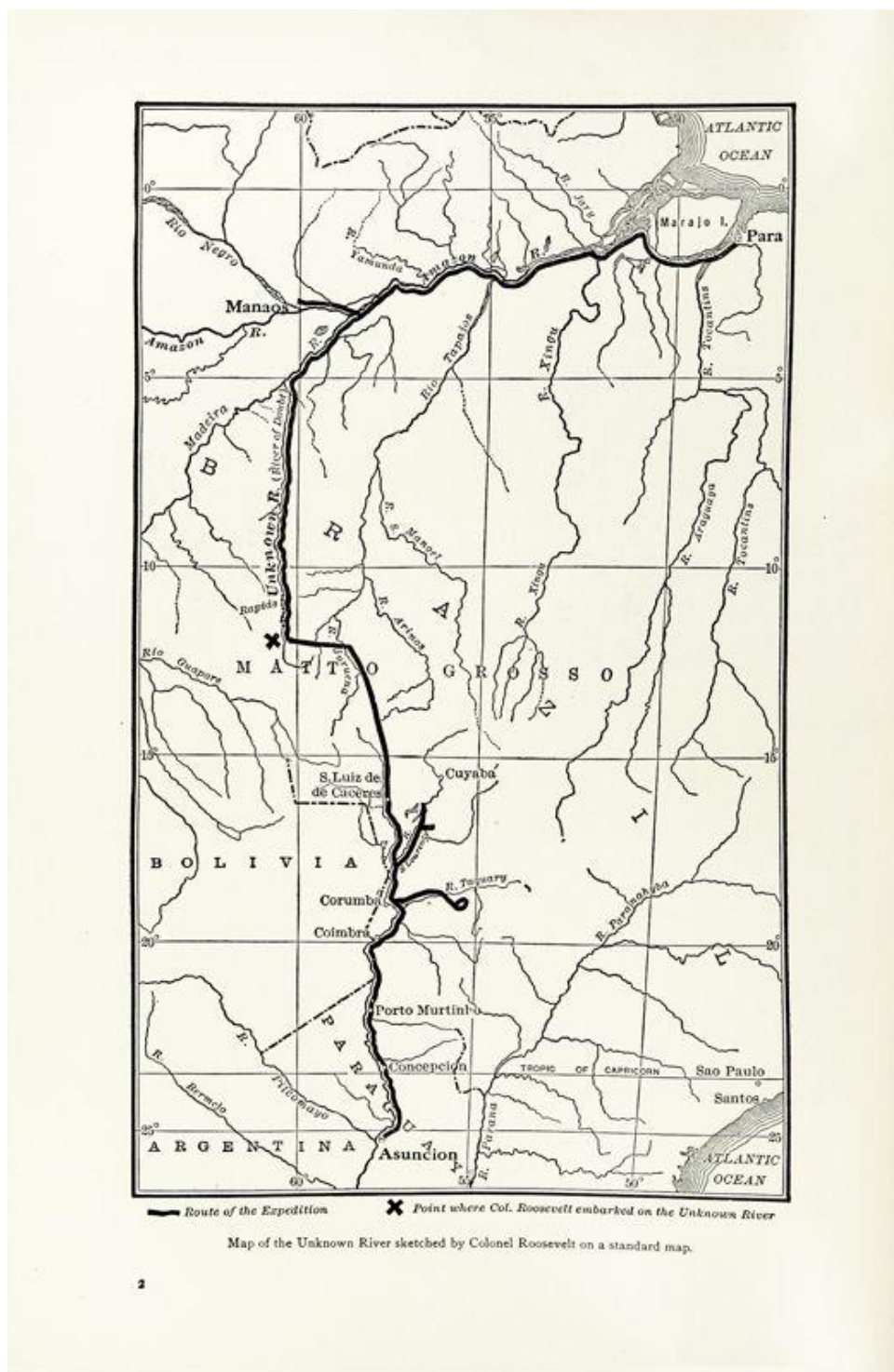
So far as I know we did acknowledge receipt of \$203.00 covering the cost of permission for an edition of 2,000 copies of Roosevelt's THROUGH THE BRAZILIAN WILDERNESS in Portuguese. In case our acknowledgment has still not been received, I am glad to send you this further word as to its receipt.

Yours sincerely,

CHARLES SCRIBNER'S SONS

WGL/D

ANEXO VII – Mapa do Rio da Dúvida na Edição da Revista SCRIBNER'S de 1914



Legenda: ---- Rota da Expedição X Ponto onde o Cel. Roosevelt embarcou no rio desconhecido

“Mapa do rio desconhecido esboçado pelo Coronel Roosevelt em um mapa padrão”

Publicado na Scribner's Magazine, Vol. 56, No. 1. New York: Charles Scribner's Sons, 1914-07-01. Disponível em: <https://modjourn.org/issue/bdr477113/>